

JENNIFER ROSSATTO

*Sem
seus
olhos*

Magnus e Amélia
AMOR ALÉM DO TEMPO - LIVRO 1



EDITORA ANGEL



JENNIFER ROSSATTO

Sem seus olhos

Magnus e Amélia
AMOR ALÉM DO TEMPO - LIVRO 1


EDITORA ANGEL

Copyright © 2020 Jennifer Rossatto

Copyright © 2020 Editora Angel

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte dessa obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma, meios eletrônico ou mecânico sem a permissão por escrito do Autor e/ou Editor.

(Lei 9.610 de 19/02/1998.)

1ª Edição

Produção Editorial: Editora Angel

Capa e projeto Gráfico: Débora Santos

Diagramação digital: Débora Santos

Revisão: Lucy Santos

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

TEXTO REVISADO SEGUNDO O NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA.

Rossatto, Jennifer	
Em seus olhos / Jennifer Rossatto: [revisão] Lucy Santos. – 1.ed.	
Campinas: Editora Angel, 2020.	Amor além do tempo – Livro. 1. Magnus e Amélia
Recurso digital	
Formato: epub	
Requisitos do sistema: adobe editions digital	
Modo de acesso: Word wide web	
1. Literatura brasileira. 2. Romance. 3. Literatura Erótica. I. Santos, Lucy. II. Título.	

Editora Angel

Campinas/ SP

Sumário:

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

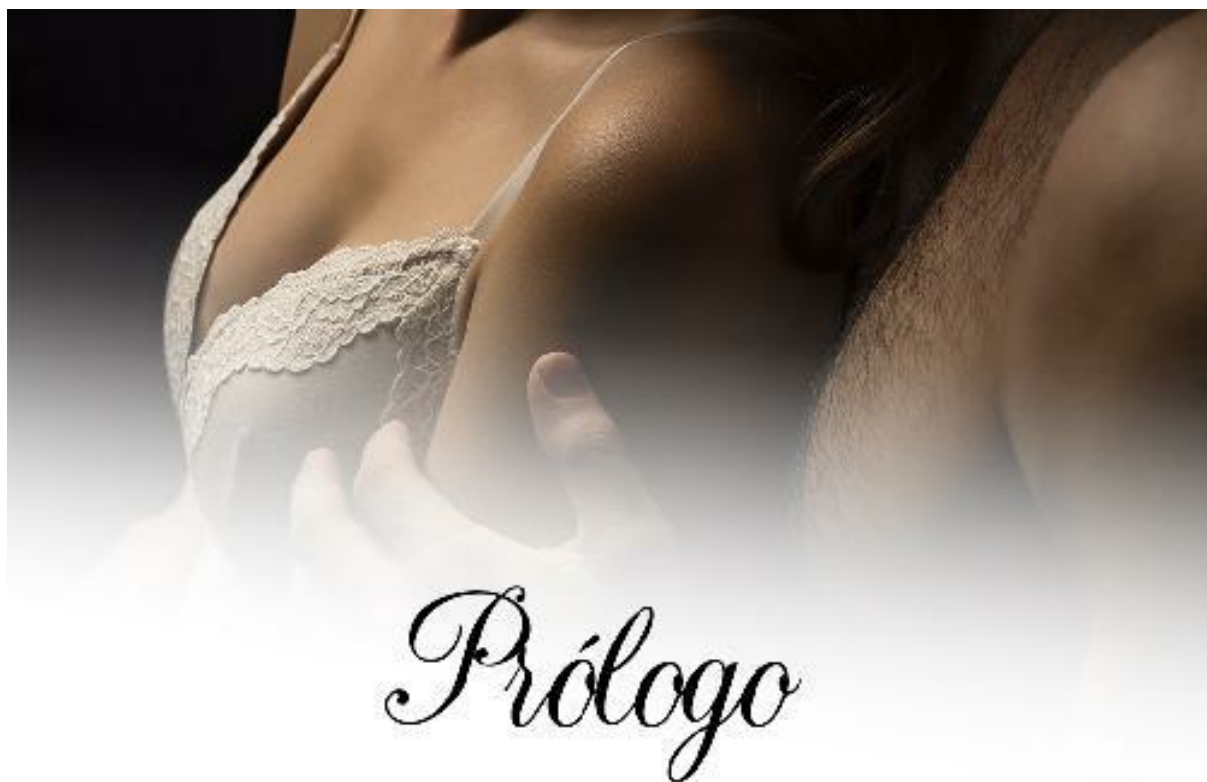
Capítulo 25

Agradecimentos

Sobre a autora

Editora Angel

Dedico a todas as mulheres e homens (sim, homem lê romance!), que não importa a idade que tenham, que de alguma forma, boa ou ruim, o primeiro amor os marcou. Aqui, nessa história, tentei passar ao máximo tudo o que sonhamos em nosso primeiro amor!



Prólogo

Amélia estava sentada no banco do píer, terminando seu desenho, quando ouviu algumas vozes alegres. Levantou a cabeça e sorriu ao ver uma família de turistas tirando algumas fotos, olhou um pouco além dela, o píer começava a encher de pessoas. Alguns cantores, já conhecidos da cidade, garantiam uma graninha a mais. Ao fundo, os comerciantes abriam restaurantes, lojas de roupas e artigos.

Pensou que há uns anos aquele píer era quase morto. Mas tudo tinha mudado quando a família mais rica da cidade fez investimentos, ajudando os vários comerciantes locais. Eles quitavam a dívida do comerciante e ficavam com uma pequena porcentagem do negócio. Ofereceram cursos de administração, aperfeiçoamento da área. Claro que nem todos viram aquilo com bons olhos, mas foram poucos que não tinham tido a ajuda da família.

Investiram pesado também na educação da cidade, transformando três prédios antigos em escola. E era ali onde Amélia havia estudado. A escola funcionava no formato integral; de manhã, as matérias tradicionais; depois do

almoço, o aluno escolhia qual segmento fazer. As opções eram as mais variadas, visando transformar os jovens em profissionais do futuro. As empresas da região davam o suporte necessário, oferecendo suas instalações para que os alunos pudessem usá-las. Tinha o jornalismo, que não funcionava dentro da escola e sim no prédio do maior jornal da região. Cada segmento, se pudesse, era realizado no prédio da área em questão. Mas alguns como mecânica, clube do livro, esportes e dança ainda eram realizados dentro da escola.

Havia também a Fundação Lacarez, eles eram envolvidos com as causas sociais da cidade. Caso uma família precisasse de ajuda, eles direcionavam o adulto escolhido pela família para um curso de especialização e garantiam um ano de contrato com a área escolhida por ele.

Amélia gostava da parte histórica da cidade, era a sua paixão. Gostava de ler sobre as antigas famílias da cidade, suas tradições. Algumas festas ainda aconteciam, e ela achava bonito manter as tradições, pois eram uma forma de ligação com os antepassados. Era tão apaixonada, que ela própria tinha um pequeno arsenal de revistas de épocas antigas, recortes de jornais, folhetins, fotografias. Tinha conseguido muita coisa com os vizinhos, amigos que sabiam do seu fascínio, e quando fazia visitas ao asilo da cidade. Era triste ver que alguns apenas tinham sido abandonados ali pelos parentes. Nunca imaginaria colocar o biso em um lugar assim. Por mais que o ele tivesse quase noventa anos, era mais lúcido que todos os bisnetos juntos. Sorriu ao lembrar-se que tinha que comprar o presente para ele.

No ano passado, dera um vinil de sua banda favorita, Iron Maiden. Seu bisavô era um roqueiro fanático, que acabou passando um pouco do gosto para ela. Claro que ela ouvia outros estilos também. Ela sentia orgulho daquele senhor com o corpo cheio de tatuagens. Amava o seu biso de paixão. Não era difícil se emocionar quando ia aos bingos de sábado no asilo — sim,

ela participava dos bingos e também dos bailes —, pois aquele era o acordo que tinha feito com os vovôs para conseguir o material que tinha.

Já disse que ela era fã incondicional de Susan Lacarez? Pois bem, toda aquela paixão começou no dia em que havia lido um artigo onde Susan contava as histórias de Monsheey e Ma Nierry. E foi com aquele artigo que Amélia descobriu duas coisas: primeira, a cidade antes tinha o seu próprio dialeto, que com o tempo fora esquecido, tanto que a tradução de Monsheey é minha eternidade e Ma Nierry, meu príncipe eterno; e a segunda era que esse casal tinha sido muito importante para a construção da cidade onde moravam. Depois de ler aquele artigo, havia ficado curiosa para saber mais sobre o dialeto e as histórias perdidas da cidade.

Amélia estava guardando seu material dentro da mochila, quando viu um jornal deixado no banco ao lado, que mostrava a foto de Magnus. Imediatamente lembrou-se do breve e emocionante encontro que tivera com ele.

Odiava quando sua mãe escolhia suas roupas, mas sabia que não adiantaria reclamar. A mãe insistia em fazer aquilo, mesmo que ela não fosse mais uma criancinha. Ao chegar à sala, olhou para seu pai como um modo de pedir ajudar, ele a olhou e riu.

— Viu — disse, sentando-se derrotada no sofá. — Até o papai sabe que estou ridícula.

— Eu não disse nada. Eu estou apenas rindo, pois, agora sim, eu sei que tenho uma filha e não um pequeno projeto de menino dentro de casa — comentou Ralf.

Ela usava um vestido verde que ia até os joelhos; uma faixa passava ao redor de sua cintura e atrás se formava um pequeno laço. Nos pés, uma sandália de salto baixo, e seus cabelos estavam preso em uma trança um

tanto exagerada. Sentou-se ao seu lado e viu a expressão de derrota estampada no rosto da filha. O que tinha dito era verdade, era muito difícil ver Amélia usando vestidos ou se preocupando com sua aparência.

— E mais uma coisa, esse vestido realçou ainda mais esses olhos lindos que você tem, minha princesa — concluiu dando um beijo de esquimó na filha, que esboçou um sorriso tímido.

Eles se levantaram e foram em direção ao carro. Ao entrarem, o pai brincou:

— Filhota, vai que você encontra na festa o seu príncipe encantado, então faz jus você estar usando um vestido assim.

Amélia olhou por um tempo para seu pai, que sorriu e logo começou a dirigir.

Ao chegarem à casa da amiga de sua mãe, ficou muito impressionada com o tamanho da casa. Assim que entraram, a primeira pessoa que Amélia viu foi um rapaz alto, cabelos negros desalinhados e com o sorriso mais lindo que já vira. Ele a olhou com os olhos azuis mais lindos que ela já tinha visto, e sorriu. Ela se sentiu sem ar, seu corpo ficou travado e sentiu seu coração bater acelerado. O rapaz apenas voltou a conversar com o amigo, enquanto Amélia se sentia perdida.

Mais tarde, descobriu que aquele rapaz de olhos azuis e sorriso lindo era filho da amiga de sua mãe. Magnus era o nome dele.

— Lucinda, parabéns — falou sua mãe, abraçando a amiga.

— Raja. Ralf — cumprimentou Lucinda e se virou para Amélia, olhando-a encantada. — Amélia, você parece uma pequena dama — observou, fazendo um carinho em seu rosto. Ela se envergonhou um pouco e olhou para o filho dela, que deu uma piscadela para ela. Amélia retribuiu o sorriso timidamente.

— Realmente. Está muito elegante para essa simples festa —

expressou ele, sorrindo para ela.

Amélia segurou um suspiro ao ver que seu sorriso era mais lindo visto de perto e que seus olhos eram mais intensos e brilhavam ainda mais ao sorrir. A garota sentiu novamente seu coração disparar e jurou que ele podia ouvi-lo pela forma que a olhava.

— Amélia, agradeça — ralhou a mãe.

— Ob... obrigada — agradeceu olhando para ele, envergonhada.

A festa era de aniversário da amiga de sua mãe. Ficaram conversando do lado de fora da casa, no jardim imenso. Depois de um tempo, Amélia se cansou de ficar perto de seus pais e resolveu andar pela festa. Avistou alguns meninos de sua classe, e foi na direção deles. Estefany e Lisandra, suas amigas, estavam com o grupo. Foi quando ouviu Estefany comentando:

— Vocês sabiam que a Amélia ainda não beijou nenhum menino? — Soou ácida, rindo alto e continuou: — Quem aqui já beijou, levanta a mão!

Amélia olhou para o grupo sem saber como reagir. Tudo aquilo só estava acontecendo porque o Rodrigo, um menino da escola, tinha confessado que gostava dela. Estefany, sempre que a via, fazia alguma brincadeira daquele tipo. Ela olhou em volta e viu todos rindo dela. Segurando as lágrimas, virou-se e saiu correndo por um caminho de flores que tinha perto.

Avistou de um banco de pedra, sentou-se e limpou a bochecha ao sentir uma lágrima escorrer. Ficou sentada ali por um tempo, até que ouviu um barulho pelo caminho que tinha feito, olhou e avistou Magnus vindo em sua direção.

— Está tudo bem com você? — perguntou ao se sentar ao lado dela.

— Sim. — Deu um sorriso triste.

Ele a olhou profundamente.

— Não parece que está tudo bem — disse tocando gentilmente seu

rosto, limpando uma lágrima que escorria. — Por que está chorando? — perguntou segurando seu queixo e erguendo sua cabeça.

Ao olhar em seus olhos, sentiu-se presa em um mar de emoções totalmente diferentes e novas.

— É que... — Pelo canto dos olhos, viu seus amigos perto do chafariz, a alguns metros deles. De vez em quando, eles a olhavam e riam. Ele a encarou um pouco mais, e percebeu que ela olhava para o lado. Seguiu o seu olhar e viu o grupo que estava observando os dois.

— O que eles fizeram? — indagou, indicando com cabeça.

— Nada... — respondeu com voz desanimada e baixa.

— Sei. Se não foi nada, então por que você estava se escondendo deles e chorando? — perguntou olhando para ela.

Ao voltar o olhar para ele, sentiu que seu coração deu uma pequena batida a mais. Os olhos dele ficavam ainda mais claros expostos à luz da lua, ficavam ainda mais lindos.

— É que... a Estefany, minha ex melhor amiga, contou meu segredo para todos. — Desviou o olhar.

— Qual segredo? — Quis saber ele.

— Eu não... beijei ainda — confessou baixinho.

— Amélia... não é isso?

— Sim — respondeu e o olhou. E se viu presa no olhar dele. — Magnus o seu, não é?

— Isso — falou sorrindo e ela segurou um suspiro, soltando-o devagar. Ele era tão lindo.

Eles ouviram algumas risadas vindas do grupo. A garota olhou para o grupo com cara de desânimo.

— Você gostaria de ganhar um beijo? — perguntou ele, sério.

— Mas... quem iria querer me beijar, sabendo que eu não sei beijar?

— ponderou franzindo as sobrancelhas e o olhando.

— Eu — respondeu sorrindo.

— Você?! — espantou-se ela, segurando-se para não ficar de boca aberta. E o viu rindo da expressão que ela fizera. — Por quê?

— Pensa, você terá uma certa vantagem sobre sua ex melhor amiga.

— Qual vantagem? — perguntou, confusa.

— Ela deve ter beijado um menino de no máximo treze anos, agora você terá beijado um rapaz de dezessete. — Ela ainda o olhava sem acreditar no que estava ouvindo. — Você quer? — insistiu ele, tombando a cabeça de lado.

— Si... sim — respondeu, por fim, envergonhada.

Ele se levantou, pegou sua mão e a ajudou a ficar em pé.

— Você me concede a honra de ser o primeiro rapaz a beijá-la? — indagou sorrindo.

— Sim...

Ele segurou seu rosto e se aproximou. Ela fechou os olhos, ouvindo um riso baixo vindo dele. Amélia sentiu a pressão de seus lábios nos dela. E soube, naquele exato momento, que tudo que já tinha lido sobre se apaixonar era o que acontecia com ela ali. Sentiu o frio na barriga, um leve arrepio por todo o seu corpo. Era como estivesse em um mundo paralelo. Quando não mais sentiu o toque de seus lábios, abriu os olhos e viu a luz da lua refletindo nos olhos de Magnus e soube que estava perdidamente apaixonada por ele.

— Obrigada — agradeceu ela em um sussurro.

— Sempre que precisar. — Sorriu.

Ele lhe ofereceu a mão e voltaram para dentro da casa juntos, iam em direção a seus pais quando o fotógrafo pediu uma foto dos dois. Ela o olhou e logo se virou sorrindo para o fotógrafo. Magnus a olhou e deu uma piscadela, afastando-se logo em seguida.

Amélia o viu abraçar uma morena muito linda. Ela trajava um vestido da cor dos olhos de Magnus, e sorriu para ele. Ele a abraçou por trás e deu um beijo em seus lábios. Amélia tocou nos próprios lábios e sabia que guardaria para sempre aquela noite, a noite que fora beijada por seu príncipe de olhos azuis.



Antes de sair da sala do professor José Carlos, abriu sua mochila e pegou a pasta contendo os artigos, recortes de jornais e algumas fotos que usaria para conseguir o estágio na fundação. Com tudo pronto, foi em direção à sala do reitor da Universidade. Sentiu um frio na barriga enquanto caminhava pelo corredor. Sabia o que tinha de fazer: teria de ser o mais firme e clara possível para conseguir aquele estágio.

Por mais que ainda estivesse no segundo semestre, queria tentar aquela vaga. Amélia se inscrevera assim que avistou o anúncio no quadro de estágios do campus. Se conseguisse ao menos conversar com Susan e mostrar o projeto que havia feito junto com os vovôs do asilo para que a festa de arrecadação de fundos, que acontecia todos os anos, fosse destinada ao asilo... Abriu a porta da secretaria, aproximou-se e parou ao lado da mesa.

— Oi.

— Oi, Amélia. Como você está? — Clara perguntou carinhosamente.

— Estou bem. — Ela sorriu. — O reitor me chamou aqui.

— Claro, vou avisar ele — falou já pegando o telefone. — Senhor, Amélia já está aqui. Tudo bem. — Clara encerrou a ligação. — Ele já vai atendê-la.

— Ah, sim, obrigada.

Amélia se sentou no banco que tinha ali e esperou, ficou repassando o quealaria para que Susan a escolhesse.

— Filha?

A jovem levantou a cabeça e sorriu ao ver sua mãe parada em sua frente. Analisou-a por um momento, ela usava uma blusa verde, uma calça jeans e um tênis. Para a idade dela, continuava linda e com um belo corpo. Amélia sabia que era a cópia mais nova de sua mãe. Uma vez, perguntaram se eram irmãs e sua mãe ficou no céu naquele dia. A única diferença entre elas era que Amélia tinha olhos verdes.

— Oi, mãe. — Levantou-se e a beijou no rosto. — O que faz por aqui?

— Eu consegui marcar uma hora com o reitor para podermos conversar sobre a visita que alguns de meus alunos irão fazer para conhecer a Universidade. — Ela sorriu e se sentaram no banco. — E você, o que faz aqui?

— Lembra que havia comentado que tinha me inscrito na vaga para tentar um estágio na fundação Lacarez? — Sua mãe acenou afirmativamente com a cabeça. — Pois então, o reitor me chamou e estou esperando.

— Ah, sim. Bom, então não vou atrapalhar. E boa sorte, meu amor, tomara que consiga, pois sei o quanto lhe fará bem! — desejou apertando a mão da filha e deu um beijo em seu rosto.

Amélia olhou com carinho para mãe e deu um leve sorriso. A senhora se levantou e foi em direção à saída, passou por dois rapazes que haviam entrado na sala e eles automaticamente olharam para bunda dela. Na hora, não soube se sentia repulsa por ver aquilo ou se chamava a atenção deles por

terem olhado para a sua mãe. Quando pensou em falar algo, a porta da sala do reitor se abriu.

— Amélia, entre, por favor. — Ele sorriu ao vê-la.

Ela se levantou e olhou mais uma vez na direção da mãe e sorriu ao vê-la dando um leve esporro nos rapazes. O reitor deu espaço para que ela entrasse e apontou a cadeira para que se acomodasse. Amélia estava um pouco nervosa, pois logo conversaria com Susan Lacarez. Apertou mais forte a pasta que estava em sua mão.

Ao olhar na direção onde havia uma pessoa sentada, seu corpo gelou, seu coração disparou, sua pulsação parecia querer explodir seus ouvidos. Quem estava sentado lhe esperando era Magnus Lacarez, o neto de Susan, o cara que a beijara quando tinha doze anos.

Ela se sentou ao lado dele, envergonhada. Ele nem fez questão de olhar em sua direção. Amélia o olhou pelo canto dos olhos, ele usava uma camisa preta, sem gravata e um terno também preto. Seu olhar percorreu cada centímetro do seu perfil até parar nas coxas que quase faziam a calça estourar. *Put a que pariu, quase babei*, pensou ela.

— Bom — começou o diretor, abrindo a pasta que estava sobre a mesa. — Vejo que está no segundo semestre e normalmente as vagas são cedidas aos alunos do terceiro semestre, mas conversei com o professor José Carlos e ele fez um belo discurso a seu favor. E como não tivemos outros interessados, parabéns pela vaga!

Ela mal podia acreditar no que tinha ouvido.

— Obrigada. — Sorriu para o reitor e viu pelo canto dos olhos quando Magnus se mexeu na cadeira.

— Aqui... — O reitor pegou a segunda pasta que estava sobre a mesa e lhe entregou. — Já está assinada sua autorização e explicando os motivos pelos quais foi a escolhida. E também contém toda a programação de seu

estágio. — Amélia abriu a pasta e leu rapidamente sobre a programação, sorriu ao ver seu nome na folha de contrato. — E mais uma coisa, a senhora Susan Lacarez iria fazer uma entrevista, mas não pôde comparecer e por isso enviou o neto. — Ele olhou para Magnus, que estava de cabeça baixa e digitava algo no celular. — Senhor Lacarez?

— Só um momento — ele pediu baixo enquanto terminava. Então ergueu os olhos.

— Essa é a aluna escolhida — informou o reitor.

Magnus se virou e a olhou. Amélia estava de cabeça baixa e olhava para as pastas sobre o seu colo, apertando-as fortemente.

— Olá! — disse Magnus. Amélia respirou fundo e o olhou, piscou algumas vezes e deu um leve sorriso, ele a encarava seriamente, franzindo as sobrancelhas. — Eu te conheço de algum lugar?

— Acho que não, senhor — mentiu ela.

Amélia engoliu em seco, sabia que ele não iria reconhecê-la, afinal, agora já estava com 23 anos, havia mudado completamente. Sentiu um arrepio percorrer o seu corpo pelo modo como ele a olhava. Era estranho ainda se sentir assim.

— Senhor Lacarez? — questionou o reitor, estranhando o comportamento do rapaz.

— Se não for problema, gostaria que ela já fosse comigo para a reserva. — Magnus olhou para o homem à sua frente e voltou a encará-la.

— Por mim, não vejo problema algum. — O reitor sorriu. — E por você, Amélia?

— Tu... tu... — Ela parou, respirou e se acalmou. — Tudo bem por mim.

— Bom, então estamos resolvidos. — O homem sorriu novamente. — E novamente, parabéns, Amélia!

Ela olhou para o homem à sua frente e acenou com a cabeça. Ao se levantar, acabou pisando em falso, segurou no braço da cadeira, mas, ainda assim, sem querer, acabou esbarrando em Magnus. Sentiu um arrepio passar por seu corpo. Levantou a cabeça, envergonhada.

— Desculpe, senhor — desculpou-se, percebendo que ele a analisava.

Ele apenas acenou com a cabeça.

Os dois saíram da sala lado a lado, caminhando em silêncio em direção à saída da Universidade. Passavam pelo corredor quando Amélia avistou um grupo conversando e rindo, sorriu ao reconhecer Lisandra, ou Lislá para os íntimos. Elas eram amigas desde o jardim da infância, e Lislá namorava seu primo mais velho, André. Eles começaram a se relacionar quando ela tinha 17, seu pai, Thales, no começo não aceitou bem a relação, afinal, Lislá era filha única e sempre a mimara. A amiga, ao vê-la, sorriu e mandou uma mensagem.

“Depois me conta tudo 😊”

Amélia sorriu ao ler a mensagem. Ela seguiu Magnus em silêncio. Ao chegarem à porta de saída, os dois pegaram juntos na maçaneta e se olharam. Ela tirou a mão rapidamente. Ele abriu a porta e tocou em suas costas, conduzindo-a até o Alfa Romeo Stelvio preto que estava estacionado ali perto.

Alguns alunos os olhavam com curiosidade. Amélia apenas tentava se controlar ao sentir o toque quente da mão dele através da blusa fina que usava. Um homem alto, de cabelos castanho-claros com alguns fios brancos e um sorriso simpático abriu a porta para que ela entrasse.

— Obrigada — agradeceu sorrindo para o homem.

Colocou a mochila aos seus pés e deixou as pastas sobre o seu colo. Ajustou o cinto de segurança enquanto Magnus entrava pela outra porta.

— Para a reserva, Tom — informou, sério.

A voz grave dele fez seu corpo tremer.

— Sim, senhor.

Quando o carro entrou em movimento, ela se encolheu em seu canto e ficou olhando pela janela. Tinha que admitir, aquele silêncio era constrangedor. Fechou um pouco os olhos e tentou de todo modo acalmar o seu corpo..

— Amélia, certo?

Ela se assustou ao ouvir o seu nome.

— Isso. Amélia Loures — confirmou olhando para ele.

Ele desviou o olhar do celular e olhou direto em seus olhos, e ali ela se viu novamente com doze anos de idade e se apaixonando por ele. Seu corpo inteiro vibrava. Magnus a analisava, centímetro por centímetro, seu olhar percorreu o corpo dela. O clima ficou um pouco denso e teve uma leve percepção que ele também sentira. Amélia abaixou a cabeça e seu cabelo tampou seu rosto vermelho de vergonha. Sabia o quanto aquilo era difícil, sua mente, de alguma forma, pedia que saísse do carro. Ela o olhou pelo canto dos olhos quando ouviu uma risada grave baixa e se encolheu ainda mais.

— Senhor? — chamou o motorista.

— Sim?

— Iremos nos atrasar um pouco, houve uma batida e não tem como eu sair desse trânsito.

Magnus colocou a cabeça de lado e olhou para os carros parados à frente e para trás, e viu o trânsito que se formava.

— Tudo bem. — Ele olhou para Amélia. — Bom, pelo que vejo, você, senhorita Amélia, terá que me entreter — concluiu sorrindo.

— Entr-eter? — Ela o olhou assustada.

Ele abriu mais o sorriso e a analisou por um momento antes de voltar a falar:

— Bom, vamos começar. O que você sabe sobre a história da cidade?
— Ele a olhou com tédio e Amélia semicerrou os olhos.

— Acho que bem mais que você. — Quando se deu conta, viu que tinha falado em voz alta, e se envergonhou.

— Será mesmo? — contestou sorrindo.

— Faça as perguntas, e você verá — desafiou ela, colocando o cabelo atrás da orelha, séria.

— Não se esqueça que sou um Lacarez e praticamente cresci ouvindo essas histórias e você é apenas uma estagiária, acho impossível saber mais do que eu — provocou, cruzando os braços sobre o peito.

— Com todo respeito, senhor, mas acho que você só sabe o que deve ter lido no papel que sua avó deve ter lhe passado — contradisse ela, imitando a sua pose.

— Uau, soltando as garras — zombou ele.

Ela o olhou por um momento, semicerrou os olhos e disse sem pensar:

— Cuidado, talvez eu arranhe essa sua cara enfadonha.

Ele gargalhou, preenchendo o espaço do carro com a risada rouca. Nunca pensou que uma gargalhada pudesse mexer tanto assim com ela.

— Sabia que você é impertinente? — disse ele, sorrindo.

— Melhor impertinente do que alguém que, pelo que vejo, não se importa e não sabe respeitar nem um pouco a história da cidade e das antigas famílias — atacou, olhando-o séria. *Estou me segurando para não falar umas poucas e boas para esse metido a besta gostoso para cacete*, pensou ela.

— E o que você sabe sobre mim, garota? — questionou com um olhar frio.

— Com todo o respeito, não quero nem saber sobre você. Se fosse sobre seus ancestrais, sim — concluiu encostando as costas no banco e olhando pela janela.

Amélia se sentiu incomodada por estar sendo observada e olhou para Magnus. Ele a analisava, sério. Ela deu de ombros, revirou os olhos, balançou a cabeça e voltou a olhar para a rua.

— Você acabou de revirar os olhos para mim?

— Sim, por quê?

— Você é filha do Ralf Loures?

— Por quê?

— Responda à pergunta — disse em tom ríspido.

— O que isso tem a ver com o assunto?

Ela o olhou e o que viu em seus belos olhos azuis a assustou um pouco. Magnus pegou o celular e discou um número.

— Ralf, é o Magnus, tudo bem com você?

— O que você está fazendo? — Amélia perguntou baixinho.

— Você sabia que sua filha se inscreveu para a vaga de estágio na fundação? No momento, ela está aqui ao meu lado... — informou olhando para ela, que fazia uma cara assustada. — Só estou ligando para avisar que ela vai chegar um pouco tarde, pois devido o interesse e entusiasmo dela no assunto, resolvi mostrar algumas coisas sobre as histórias.

— O quê? Você é louco?!

— Pode deixar, vou cuidar muito bem dela. — Lançou um olhar que fez o corpo de Amélia entrar em modo de alerta. Ele encerrou a ligação. — Você não sabe com quem está brincando, garota — sussurrou bem próximo dela. — Tom, mudanças de plano, nos leve para o antigo casarão.

— Sim, senhor.

— O quê?... Ele não existe mais, o lugar se tornou uma praça.

— O verdadeiro casarão.

— Verdadeiro cas... ele ainda existe? Eu pensei que tivesse sido destruído pelo fogo — comentou, impressionada.

— Pelo visto, até que você sabe algo — rebateu ele, sarcástico.

O silêncio se fez. Ele a olhou quando ela se mexeu e pegou as pastas, curvando-se para guardá-las dentro da mochila. A blusinha que ela usava subiu um pouco nas costas, e ele pôde ver o início de uma bela bunda. Magnus riu e olhou para o outro lado.

Amélia pegou uma pasta preta que continha várias folhas antigas de jornais e alguns papéis. Começou a revirar a pasta, até que achou um jornal muito antigo.

— Onde conseguiu essas coisas? — perguntou ele, interessado.

— Na biblioteca da cidade, outros com alguns moradores do asilo e conhecidos, e uns eu tive que ficar devendo alguns favores — explicou.

— Que tipo de favores? — Ele a olhou e ela sorriu.

— Ah, nada de mais. Só acompanhar alguns idosos no bingo ou comparecer ao baile do asilo — comentou sorrindo, e lá estava o brilho naqueles olhos verdes que estavam deixando-o fascinado.

Ela pegou o jornal que estava bem embalado dentro de um plástico, colocando-o no espaço que tinha entre eles, voltando a guardar a pasta na mochila. Magnus olhou novamente e ficou muito tentado a tocar aquela pequena faixa branca de pele aparecendo. Virou um pouco a cabeça e viu a ponta de uma calcinha rosa e aquilo mexeu com ele, a cena se formando em sua mente... *Ela ajoelhada na cama e sorrindo... Tirando a camisa que usa... Tocando em meu rosto e me beijando lentamente... Meu corpo em cima do dela*, balançou a cabeça e o pegou com cuidado para ler.

— Demorei pra caramba para conseguir esse jornal... foram vários favores até que dona Lídia me desse, junto com outros artigos.

Amélia começou a explicar e não percebeu que tinha se aproximado de Magnus. *Então o cheiro de rosas que senti vinha dela*. Aspirou mais fundo o cheiro em seus cabelos. Amélia sentiu um leve cheiro de madeira misturado

com algo caro, mas era um cheiro muito masculino. Ela levantou a cabeça e seu olhar cruzou com o dele.

— Desculpe. É que sempre me empolgo com essas histórias — justificou envergonhada e voltou a seu lugar.

Mesmo longe, Magnus ainda podia sentir o cheiro do corpo dela o atiçando. Voltou a atenção ao jornal com muita dificuldade.

— Impressionante. Posso tirar uma foto para mandar para a minha avó?

— Na verdade, eu tinha tirado uma cópia para mim e ia entregar o original para ela. Por isso coloquei no plástico — respondeu, tímida.

Magnus sorriu imaginando como a sua avó ficaria em êxtase com Amélia.

— O que acha de almoçar hoje comigo e minha vó, assim você mesma pode lhe entregar. — Torceu para que ela aceitasse.

— Almoço... com sua avó? Claro. — E quando ela deu aquele sorriso que iluminou ainda mais seus olhos, Magnus sabia que teria que fazer algo em relação a ela e não poderia perder novamente a chance.

Quando chegaram ao antigo casarão, viu que os olhos dela brilhavam de uma forma tão bonita, que teve que sorrir. Ela pegou um bloquinho de notas e guardou novamente o jornal. Desceram do carro e subiram as escadas da varanda, Magnus abriu a porta com cuidado, pois sabia que podia encontrar alguém ou mesmo algum bicho se escondendo ali.

— Fique atrás de mim.

— Claro.

— Se quiser tirar fotos, fique à vontade. — E ela o olhou sorrindo, ainda mais empolgada.

Entraram com cautela. Ela começou a analisar o local, e em vários momentos a ouviu a suspirar, mas não era por ele. Aquilo o fez sorrir.

— Quero mostrar uma coisa — falou ele.

Deram a volta pela frente do casarão e ela ficou maravilhada ao ver o jardim. A casa podia estar em péssimo estado, mas o jardim continuava perfeito.

— Está vendo a casa bem ao fundo, nessa direção? — sussurrou ao se aproximar dela por trás. Seu corpo entrou em contado com o dela, o calor e o cheiro fez com que seus pelos se arrepiassem.

— Sim, estou — ela falou baixinho, contendo um suspiro.

— É ali que mora minha vó. Na verdade, quando pegou fogo no casarão, meus antepassados resolveram construir a casa mais ao fundo e nunca saíram de perto das raízes — explicou, afastando-se com um pouco de dificuldade, parando ao seu lado.

Magnus a analisou por um instante. Ela batia na altura de seu peito. Seus cabelos iam até o meio das costas, e conforme batia a luz do sol, pareciam avermelhados. Um belo quadril largo que provavelmente sustentavam uma bela bunda e, como não era cego, um belo par de seios. Tudo nela era na medida. Ela o olhou desconfiada, mas ele reparou nos lábios pequenos em formato de coração, no nariz um pouco arrebitado e olhos verde-piscina impressionantes.

Realmente, a intensidade dos olhos era a mesma. O rosto ainda era o mesmo, e o sorriso também. Ela só estava mais linda do que ele se lembrava. Tocou em suas costas e lhe indicou o carro. Quando ela se virou e foi na frente, teve a confirmação da bunda. Coçou a nuca e respirou fundo. Voltaram para o carro, ela se sentou e começou a analisar as fotos.

— Isso é o que estou pensando? — perguntou ele, um pouco intrigado.

— O quê? — Ela o olhou.

— Isso — disse apontando para o celular dela — é um celular flip?

— Sim. E funciona perfeitamente.

Ela voltou a atenção para o celular e escreveu algo no nome das fotos

que havia tirado; pegou o bloquinho de notas e começou a fazer algumas anotações, franzindo as sobrancelhas. Magnus apenas a observava. Uma mecha de seu cabelo se soltou de sua orelha e tampou seu rosto. Por impulso, ele pegou a mecha do cabelo de Amélia e a colocou no lugar em que estava. Ela o olhou assustada. Magnus tocou em seu rosto e se aproximou dela, os lábios próximos demais, mas quando ia sentir o gosto deles, seu celular tocou..

— Na próxima não escapa — afirmou passando a ponta da língua em seus próprios lábios.

Amélia o olhava sem ter reação. Ficou pensando se aquilo realmente tinha acontecido ou se ela ia cair da cama ou da cadeira e acordaria do seu sonho. Não poderia ser um sonho, ela sentia seu rosto pegando fogo onde ele tinha tocado, seu coração estava acelerado e parecia que batia muito alto e achou que ele e seu motorista poderiam ouvir. Engoliu em seco.

Desde que tinham saído da Universidade, sentia que ele a estava analisando. No começo, ficou incomodada; mas algo bem no fundo dela gostava da sensação de ser olhada por ele. É claro que tinha percebido quando ele ficou de olho em sua bunda, mas não disse nada. Enquanto ele falava ao celular, Amélia começou a se entusiasmar com a ideia de almoçar com a avó dele, pegou seu celular e mandou uma mensagem para amiga.

“Vou almoçar com ele e com a avó 😊”

Depois de alguns segundos, a tela do seu celular acendeu e viu que era Lislá.

“Sortuda. Vai ficar perto do seu deus grego por mais um tempinho.”

Sorriu, olhou de lado e viu que ele ainda estava ao celular.

“Ele tem me analisado o tempo todo e... ficou de olho na minha bunda.”, respondeu para a amiga.

Magnus encerrou a ligação e logo começou outra. O celular dela

vibrou.

“Mas também, só um cego para não ver”

Ficou vermelha com o comentário da amiga e sorriu.

— Namorado? — Ele a olhava.

— O quê? — Ela o olhou sem entender o porquê daquela pergunta.

— Conversando com o namorado? — Ele a olhava sério e usava um tom com desgosto.

— Não namoro. — Ele sorriu. — Estou falando com minha melhor amiga, Lislá. — Não sabia muito bem o porquê estava se explicando.

— Bom mesmo — disse e a viu confusa. — E o que faz para se divertir? — Decidiu mudar de assunto.

— Ah, gosto muito de ir na biblioteca estudar os livros que falam sobre a história da cidade e das antigas famílias, ir ao cinema... Às vezes gosto de me sentar no píer para poder desenhar as pessoas ou até mesmo ficar apenas lendo. E tenho muita vontade de um dia, com mais calma, ir à reserva e poder desenhar o lago que tem lá, mas por conta da faculdade quase não tenho tido tempo — concluiu dando de ombros.

A intensidade do olhar dele fez com ela quisesse tocar em seu rosto, sentir o pinicar da leve barba em suas mãos e saber como realmente era o gosto de seu beijo.

— Não me olhe assim, Amélia — advertiu ele.

— Por que não? — Ela não conseguia tirar os olhos de sua boca.

— Pode ser que eu faça coisas que você não concorde — alertou olhando em seus olhos.

— Tenta. E aí poderei falar se concordarei ou não.

Magnus se aproximou, colocou a mão em seu rosto. Amélia fechou os olhos ao sentir o toque despertando-a e mandando sinais por todo o seu corpo. Ele a puxou para perto dele.

— Você quem pediu.

E a beijou forte e sensual. Por quantos anos sonhara quando iria poder beijá-lo novamente. Amélia se aproximou mais dele e tocou em seu rosto. Magnus a beijava com urgência. A mão dele desceu para a sua cintura, apertando-a e a puxando para mais perto dele, sentiu a mesma mão deslizar e apertar sua bunda. Ela soltou um gemido baixo e aquilo o instigou ainda mais. Ele diminui o ritmo do beijo, mas antes de se afastar, chupou seu lábio inferior e liberou seus lábios. Amélia abriu os olhos lentamente.

— Você cresceu e ficou ainda mais linda — sussurrou ele, fazendo um leve carinho em seu rosto.

Ela arregalou os olhos. *Não é possível que ele tenha me reconhecido, não é?*, pensou ela.

— Senhor, chegamos — Tom disse um pouco alto, interrompendo-os.

Ele abaixou a cabeça e sentiu o cheiro de seu cabelo. Queria poder colocar a mão entre os fios e deixá-los totalmente desalinhados. Ela queria voltar a beijá-lo sem pressa, sem se importar que houvesse mais alguém dentro do carro além deles. Magnus se afastou dela e se encostou no banco, fechou os olhos por um momento, ergueu a cabeça e respirou firme.

— Ok.

Amélia ainda estava sem acreditar no que tinha acabado de acontecer. Soltou o ar com dificuldade, quase não respirava direito. Sentia o seu corpo todo arrepiado, descargas elétricas faziam com que ele tremesse um pouco.

As outras vezes que beijara nunca tinham sido assim, e não entendia o que acontecia com seu corpo... na verdade, entendia, sim. Só que nunca tinha sentido nada tão forte assim, tão intenso, nunca desejou tanto algo como desejava que aquele beijo continuasse. Sentiu um leve bolo na boca do estômago.

A porta do seu lado foi aberta, Magnus a olhava sorrindo, estendendo-

lhe a mão para ajudá-la a sair do carro. Ela percebeu que ainda estava de cinto, soltou-se e pegou sua mochila, quando pegou na mão dele, sentiu aquela descarga elétrica ainda mais forte e um leve aperto, estavam parados em frente ao restaurante mais caro da cidade.

— O que... — balbuciou, sem entender.

— O almoço, se lembra?

— Ah, sim, desculpe. — Encolheu-se e baixou a cabeça.

Magnus tocou em suas costas novamente e a conduziu até a entrada do restaurante. Assim que ela entrou, arrependeu-se. Ela trajava tênis, calça jeans e a blusinha fina cinza com o logo da Universidade. Ele percebeu a hesitação de Amélia, o olhar envergonhado e o rosto um pouco corado.

— Não dê importância a eles — sussurrou em seu ouvido. — Você é mais linda aqui. — Viu o rosto dela ficar ainda mais corado, pegou em sua mão e a levou para a mesa que tinha sido reservada.

Quando se sentaram, Amélia olhou em volta, algumas mulheres olhavam para eles e cochichavam. Ela olhou para baixo, respirou fundo e levantou a cabeça. Magnus a olhava e sustentou seu olhar até onde conseguiu. Havia algo em seus olhos que era familiar, que ia além do beijo que deram quando ela era apenas uma adolescente boba. Amélia estava confusa com o que acontecera e sentira dentro do carro. Ouviu alguns murmúrios, e olhou de onde vinham. Susan Lacarez caminhava na direção deles. Seu corpo tensionou.

— Só seja você, ela odeia pessoas que tentam ser algo que não podem — comentou Magnus. Ela sentiu a mão dele em sua perna, que nem percebeu que tremia, fazendo com que ela sentisse um alívio. E ali estava novamente a sensação íntima. Ele sorriu, e ela se segurou para não o beijar ali mesmo.

— Magnus, meu querido neto. Espero que seja algo muito bom para me tirar de uma reunião importante — disse, sorrindo para o neto.

Magnus se levantou, abraçou-a e deu um beijo em sua bochecha, e fez as apresentações:

— Vó, essa é Amélia Loures, ela é a aluna escolhida para o estágio. Amélia, essa é a minha avó, Susan Lacarez.

Amélia ia se levantar para cumprimentá-la.

— Não precisa levantar, minha querida. — Susan se sentou, colocou a bolsa na cadeira ao lado. — Meu Deus, que calor! — Sorriu. — Uma água com gás e limão, por favor — disse para um garçom que se aproximou.

— Vó, Amélia tem uma coisa para lhe entregar — Magnus falou e olhou para Amélia.

— Hum, e o que seria? — Ela a olhou desconfiada.

— Só um momento. — Amélia pegou a pasta e a abriu.

— O que são esses papéis? — Susan perguntou, interessada.

— Ah, são artigos que consegui com alguns moradores mais antigos da cidade — explicou Amélia, sorrindo. Tirou o jornal de dentro da pasta e o entregou para Susan.

A mulher ajustou os óculos no rosto enquanto analisava o jornal que tinha em mãos.

— Onde? Como? — Susan perguntou sem entender, os olhos arregalados.

— Foi meio difícil. Mas depois de quase um ano conversando com Dona Lúcia, eu consegui.

— Espera, você conseguiu com Lúcia Lima? — questionou, espantada.

— Sim — afirmou, sorrindo ainda mais.

Susan olhou para Amélia e depois para o papel em suas mãos, que estava protegido por um plástico, admirando-o.

— Não posso aceitar — falou, devolvendo-o.

— Por favor, aceite — insistiu Amélia, tocando em sua mão que estava

sobre o papel. — Eu sei o quanto isso é importante para a fundação. Eu fiz uma cópia para mim — confessou um pouco envergonhada.

Susan a olhou por um momento. Levantou-se e deu a volta na mesa.

— Minha querida, você não sabe o quanto eu agradeço — declarou tocando em seu rosto e a abraçou.

Magnus olhou para o rosto de Amélia e viu admiração, orgulho e, principalmente, felicidade. Ela, envergonhada, retribuiu o abraço. Ele sorriu para cena à sua frente. *Minhas meninas*.

— Não sabe o quanto fico imensamente grata e feliz por ter você na fundação como estagiária. — Susan sorriu, emocionada. — O que você faz depois das aulas? — perguntou, sentando-se na cadeira ao lado de Amélia, ainda segurando em sua mão.

— Bom, faço algumas aulas extracurriculares, vou a alguns bingos e bailes do asilo, pois tenho que cumprir os acordos que fiz para conseguir os artigos — respondeu sorrindo.

— Meu Deus. Além de uma moça linda, inteligente, ainda cumpre com o que promete. Magnus, case-se com essa moça — comentou Susan. Amélia o olhou e ele a analisava de um jeito estranho.

Depois de almoçar com Susan e Magnus, Amélia voltou para casa sabendo qual seria sua função. Susan tinha alguns documentos escritos no antigo dialeto e não confiava em qualquer um para traduzi-los. Por conta disso, a fundação finalmente havia criado um departamento de tradução. O professor José Carlos era quem cuidaria daquele departamento, e ela era a primeira funcionária. Ela estava flutuando de felicidade. Quando entrou no carro de Magnus e o viu se sentar ao seu lado, sem pensar duas vezes, abraçou-o.

— Obrigada. Acho que não vai ter um dia que supere o de hoje.

Amélia percebeu o que tinha feito e ficou sem saber como agir. Sentiu a

barba por fazer em seu pescoço, e um arrepio extremamente delicioso percorreu seu corpo. Se ela virasse um pouco o rosto, poderia beijá-lo facilmente, e estava se controlando para fazer aquilo. Engoliu em seco ao sentir o cheiro de seu perfume. Era um cheiro que não sabia explicar, mas o estímulo foi diretamente em suas partes íntimas. Quando ia se afastar, Magnus a impediu segurando em sua cintura e ergueu seu rosto.

— Tom, encoste e espere lá fora — ordenou sem desviar os olhos dos dela.

— Ok, senhor.

Antes que o homem fechasse totalmente a porta, Magnus a beijou com força, soltou seu cinto de segurança e a puxou para seu colo, apertando sua bunda. Amélia correspondeu ao beijo. Gemeu quando ele enrolou a mão em seus cabelos e os puxou para deixar seu pescoço livre. Aquilo o instigou.

Ele dava pequenas lambidas em seu pescoço, alternando com beijos e mordidas. Seu corpo estava tão quente que parecia pegar fogo. As mãos dela foram parar nos cabelos dele, e se deixou levar. Puxou-o para poder beijá-lo novamente. Sentiu a mão dele, quente e grande, por baixo de sua camiseta, desvendando sua pele. Olhou quando ele colocou a mão em seu seio, abaixou a taça do sutiã e os dedos brincaram com o bico dele.

Amélia fechou os olhos e aproveitou as sensações que ele causava em seu corpo. Encostou-se no banco da frente para dar mais acesso.

— Lindo — murmurou com o bico quase perto de seus lábios.

Abriu os olhos assim que sentiu uma lambida em seu seio. Parecia que seu corpo ia explodir quando sugou a auréola e a mordeu, ela não aguentou e gemeu um pouco alto.

— Shhh, não quero que ninguém atrapalhe. — Segurou em sua nuca e a puxou para mais perto, lambeu seu lábio, sentindo o corpo dela vibrar. — Merda! — rosnou quando o celular vibrou no bolso de sua calça.

Quando Amélia saiu de seu colo, sem querer esbarrou a mão em seu pau e aquilo foi limite. Ele a prendeu por trás, mordeu seu pescoço, descendo a mão por sua barriga, abriu o botão da calça jeans e abaixou o zíper. Sua mão se esgueirou por dentro da calça jeans dela. Sentiu o elástico de sua calcinha e a afastou, deslizando a mão mais para baixo. Passou pelos leves pelos e gemeu ao senti-la úmida.

Amélia estava entregue em seus braços, as costas apoiadas no peito dele, as pernas afastadas, a respiração acelerada.

— Queria muito poder sentir seu gosto doce em minha boca — sussurrou, fazendo-a arfar.

Amélia segurou um gemido forte enquanto ele massageava seu clitóris com o polegar e colocava um dedo dentro dela, ela jogou a cabeça para trás.

— Magnus...

Ao ouvir seu nome sendo pronunciado pela voz rouca dela, ficou ainda mais excitado. Ela se remexeu, roçando a bunda em seu pau. Segurou a vontade de pedir para que ela abrisse o zíper de sua calça e o chupasse. Mas ele queria tomá-la sem pressa e sem interrupções, queria saboreá-la lentamente.

— Droga, Amélia, queria muito te foder agora, mas vou ter que parar — disse com a voz rouca, grave e sussurrava em seu ouvido

— Não! — gemeu ela e segurou em sua mão que brincava com seu seio.

— Sim. Desculpa, linda. — Ele a empurrou devagarinho.

Ela saiu de cima dele e ajeitou no banco. Magnus admirou seus cabelos emaranhados, o seio ainda por cima do sutiã. Amélia tentava se recuperar, arrumou o sutiã, fechou a calça jeans e tentou a arrumar o cabelo.

Magnus bateu na janela. Tom entrou no carro e deu a partida.

Amélia encostou a cabeça na janela e ficou de olhos fechados e viu a

situação que estava. *Por Deus, quase implorei para ele me foder aqui dentro do carro*, pensou. Respirou fundo e não levantou a cabeça para nada, tamanha vergonha que sentia, afinal, o que ele iria pensar dela depois daquela cena? Vinte minutos o carro estacionou em frente à casa de Amélia. Ela virou um pouco o rosto para ele, e viu aquele brilho de tesão em seus olhos. Soltou o cinto, pegou a mochila e colocou a mão na maçaneta da porta.

— Amélia...

Ela parou, engoliu em seco, respirou fundo e se virou para ele. Magnus tocou o rosto de Amélia e a viu fechando os olhos, encostou seus lábios aos dela, num beijo casto. A jovem se afastou e saiu do carro. Ele não se moveu.

— Para onde, senhor? — questionou Tom.

Ele ainda olhava para a casa, segurando-se para não entrar na casa e tomá-la para si. Balançou a cabeça e fechou os olhos com força.

— Apartamento da Soraia.

Amélia subiu as escadas, entrou no seu quarto e se deitou na cama. Não acreditava no que acabara de acontecer. Respirou fundo várias vezes, tentando acalmar o coração que batia descompassado. Levantou-se em um rompante e se olhou no espelho, vendo o quanto estava corada. Também, pudera, o que tinha vivenciado dentro daquele carro jamais esqueceria.

Tirou a roupa e entrou no chuveiro para tentar acalmar seu corpo, ainda sentia a sensação de ser tocada por ele. Sua mão entre as suas pernas. Fechou os olhos e sentiu como se cada gota que caía em seu corpo fosse o toque de Magnus. Mordeu o lábio, a mão descendo pelo ventre... Seu clitóris ainda pulsava por ter sido tocado por ele. Quando sua mão ia alcançar o ponto que ela necessitava, ouviu alguém na porta do banheiro.

— Filha, está tudo bem?

— Si... sim — gaguejou. — Só vou terminar o banho e já desço.

Após o banho, colocou uma roupa e ligou para Lislá, contando o que tinha acontecido.

— *ELE FEZ O QUÊ?!* — gritou Lislá do outro lado da linha.

— Lislá, para — pediu, envergonhada.

— *Lia... você é muito sortuda. Quem dera eu dar uns pegas num homem daquele* — comentou rindo.

— Deixa o André ouvir isso — disse, sentando-se na cama. — Lislá, posso perguntar uma coisa?

— *Primeiro, seu primo me ama e você sabe muito bem que falo da boca para fora* — justificou. — *E segundo, o que foi?*

— Como é?... Hummm... Você sabe...

Ouviu o suspiro da amiga. Amélia deu um sorriso triste e queria um dia talvez pudesse dar aquele mesmo suspiro.

— *Lia...* — começou a amiga, com voz carinhosa —, *devo imaginar que quando ele tocou em você, seu corpo deve ter ficado todo louco, sua respiração acelerada, seu coração batendo mais rápido e forte que uma bateria de escola de samba.* — Amélia sorriu. — *Quando a gente... bem, você sabe... você vai poder sentir o corpo dele sem roupa alguma de encontro ao seu, o suor...*

— Entendi... — interrompeu.

— *Ei, não fica assim!* — falou Lislá. — *Tudo tem o seu tempo, me ouviu?*

— Sim.

Conversaram um pouco mais, despediram-se e ela ficou olhando para o celular em sua mão. Em um pulo, levantou-se e foi até a sua mesa de estudo, abriu seu notebook e pesquisou o nome de Magnus. Era a família dele que tinha investido pesado na cidade, também era umas das mais antigas. Ficou admirando uma foto que sempre achou bonita. Era de uma festa beneficente

da fundação de sua avó, e o fotógrafo tinha conseguido registrar o momento em que ele sorria. Fechou o notebook, ainda sem acreditar no que acontecera, apagou a luz e se deitou. Ajeitou os travesseiros e sorriu, pois sabia exatamente o que sonharia.

— Nem acredito minha menina está trabalhando — Raja disse abraçando a filha com força.

— Menos, mãe! Eu já tenho 23 anos — resmungou rindo e olhou para o pai, que sorria.

— Menos nada, filha, é o seu primeiro emprego, seu dinheiro, sua liberdade — declarou sua mãe, orgulhosa, enquanto segurava as lágrimas. — Ah, meu Deus, você cresceu. — Raja puxou a filha com força e praticamente a esmagou no abraço.

— Mãe, estou sem ar — avisou ela, rindo.

— Que horas você irá sair? — indagou seu pai, sério.

— Ainda não sei, saberei hoje — respondeu empolgada.

— Ok, veja o horário e se caso você sair depois das cinco, poderá voltar comigo — disse ele, sorrindo.

Amélia passou pelos portões da fundação e sorriu ao encontrar o professor José Carlos. Ele era jovem e bonito. Sempre via suas colegas suspirando por ele, havia algumas que até mesmo tentavam algo, nunca soube se elas conseguiam ou não. Mas também, ela não era muito enturmada.

Pegou o caminho para a biblioteca que havia dentro da própria fundação, ficara surpresa quando soube que teria muitos recursos para trabalhar. Entrou, cumprimentou algumas pessoas com um simples aceno de cabeça e vasculhou as estantes. Sorriu quando achou alguns livros de dialeto que a ajudariam a traduzir alguns documentos. Abriu um deles e o folheou enquanto andava até uma mesa, sem querer, tropicou em algo no chão e

deixou o livro cair no chão.

— Droga! — resmungou baixinho.

Olhou para ver no que tinha tropeçado, e estranhou quando percebeu que haviam deixado um livro no chão. Agachou-se e viu um par de sapatos sociais tão brilhantes à sua frente que quase podia ver seu reflexo neles. Levantou a cabeça devagar e, cacete!, não queira olhar, mas era impossível não ver aquilo. Seus olhos estavam na altura do zíper da calça dele, levantou o rosto e avistou um par de olhos azuis a olhando. Ela baixou rapidamente a cabeça e ficou vermelha de vergonha, pegou os livros e se levantou.

— Ah, aí está ela. — Susan a olhava e ria.

— Oi. — Virou-se e olhou sorrindo para Susan.

— Amélia querida, deixe-me perguntar... por acaso você tem algum artigo sobre a família Lemos?

— Bom, tenho que dar uma olhada, mas sei onde conseguir, caso não tenha. — Deixou os livros sobre o carrinho de livros que estava ali perto e foi em direção à mesa onde estava sua mochila. Pegou a pasta, abriu-a em cima da mesa e começou a mexer nos papéis com cuidado. — Aqui. Só tenho esse artigo. Não sei se vai ajudar muito. — Estendeu o papel para Susan.

— Deixe-me ver.

Enquanto Susan lia o artigo, ela pegou os livros e foi colocá-los em seus devidos lugares. Quando se virou, Magnus estava encostado em umas das estantes, encarando-a. Engoliu em seco e se esticou para guardar o livro em uma parte alta da estante. Assustou-se quando sentiu sua mão na sua, ajudando-a.

— Tenho que terminar o que comecei — ele sussurrou em seu ouvido.

A mão dele pousou em sua cintura, aproximando-os ainda mais, o que fez com que ela sentisse a ereção em suas costas. Ela se virou e ele sorriu para ela, e... *Caralho, que sorriso tentador demais, gostoso demais.*

— Amélia? — Susan a chamou.

Ela se assustou e se afastou com dificuldade de Magnus.

— Sim? — perguntou ao se aproximar.

— Muito obrigada. Está tudo bem? Você está um pouco corada — questionou Susan, olhando-a atentamente.

— Sim, está tudo bem — respondeu, envergonhada.

— Ok. Não sabia que se interessava pelos animais que podemos encontrar na floresta, Magnus — comentou Susan ao ver Magnus atrás de Amélia.

— Acho interessante — Magnus disse com a voz um pouco rouca.

Susan olhou de um para o outro, desde que os vira no restaurante de mãos dadas, achou um pouco estranho. Observou-os mais um pouco e segurou um sorriso, balançou a cabeça. *Jovens!*, pensou consigo.

Amélia ainda sentia seu rosto queimar de vergonha, por quase ter sido pega. Respirou fundo, pediu licença e se afastou o mais rápido que pôde de Magnus. Ao entrar na sala em que trabalhava, sentou-se em sua mesa e soltou o ar lentamente. Fechou os olhos com força e tentou acalmar seu corpo, não poderia ficar assim sempre que o visse por ali, afinal, ele era o neto dela e iria aparecer por ali às vezes.

Voltou a atenção para os papéis em sua mesa, tentando se concentrar o máximo que podia, mas era difícil quando sua mente a levava para aquele... não poderia dizer encontro, na verdade, nem sabia como definir aquilo. Balançou a cabeça e voltou a atenção para seu serviço.

— Toc toc... — Amélia ergueu a cabeça. O homem se aproximou da mesa. — Gostaria de saber de essa bela futura tradutora gostaria de almoçar com esse velho advogado!

— Pai! — Levantou-se de sua mesa e o abraçou com carinho. — Mas ainda não deu o horário... — Olhou na direção do relógio digital que havia

na sala, assustando-se com o horário. Seu estômago se fez presente na conversa. — Tudo bem, eu aceito!

Saíram da fundação de mãos dadas e foram em direção ao restaurante, entraram e seguiram em direção a uma mesa.

— E como está sendo seu dia? Diferente ou já imaginava que seria assim! — Ralf olhava com carinho para a filha.

— Bem — começou a falar e sua mente a levou ao momento constrangedor. — Bom... — Pigarreou. — Pequenas emoções, mas nada de mais!

Ah, claro! Porque Magnus se esfregando em você na frente da vó é a coisa mais normal possível!, sua mente a advertiu.

Ralf olhou para a filha e acenou com a cabeça, estava feliz por ela, era um passo grande que estava dando em sua vida. Esticou-se, pegou a mão dela com carinho e a beijou.

— Sabia que está linda! — Viu-a envergonhada. — Fico me perguntando qual o motivo dessa beleza toda de hoje. — Ficou sério.

Amélia olhou para o homem à sua frente, engoliu em seco e pensou em algo rápido.

— Bom talvez seja o homem... — Segurou um riso ao ver a expressão assassina de seu pai. — O Marquês trocando cartas um tanto indecentes com o primo!

Ralf semicerrou os olhos para filha e viu o momento que ela segurava uma gargalhada.

— Sou apenas um pai precavido! — defendeu-se.

Depois de almoçarem, foi abraçada com o pai em direção à fundação. Despediram-se e Ralf ficou olhando a filha entrar no local de trabalho. Amélia se sentou em sua mesa e focou totalmente em seu serviço, e não percebeu a hora passar. Levantou-se para encher sua garrafa de água e deu de

encontro com Susan e Magnus. Susan olhou para o relógio em seu pulso e ficou espantada com o horário.

— Amélia, já está tarde, querida, pode ir para casa.

— Ah, sim... É que hoje os meus pais não estão em casa, por isso aproveitei para adiantar as traduções — explicou.

— Então quem vem buscar você? — Susan a olhou preocupada.

— Ah, eu vou pegar o último ônibus.

— Eu a levo — disse Magnus, sério.

— Não precisa... Logo o ônibus chega e o ponto é quase em frente à minha casa.

— Vá com ele, Amélia, por favor. Ficarei muito preocupada com você andando sozinha no ônibus a esse horário.

— Claro — concordou, sem graça.

Recolheu suas coisas e saiu atrás de Magnus, em direção ao carro. Tom sorriu para ela, abriu a porta e ela entrou. Colocou o cinto e ficou encolhida em seu canto, com os fones de ouvido. Ficou assim até chegar a casa. Assustou-se quando Magnus tirou um de seus fones, ele a olhava e sorriu para ela.

— Qual o problema? — questionou ele.

— Eerr... nenhum.

— Por que você está encolhida aí no canto? — Ele a olhava intensamente.

— Nada. Só estou escutando música — respondeu se encostando na porta.

— Você está com medo? — Ele riu.

— Na... sim. — Olhou-o um pouco assustada.

Ele se virou e ficou olhando pela janela.

— Quero pedir desculpa — disse com a voz grave.

— Por?...

— Pelo que fiz hoje mais cedo e no outro dia. Eu não deveria... — pediu sem a olhar.

— Tudo bem... já aconteceu — disse sem graça e olhou para fora novamente.

Aquilo a incomodou muito, mas sabia que ele não sentia nada por ela. Engoliu o choro. Assim que avistou sua casa, foi soltando o cinto e quando o carro parou, desceu e quase correu para a casa. Fechou a porta e deixou as lágrimas escorrerem, e ficou ali por uns cinco minutos. Sorriu quando sentiu o focinho de Rufus, seu cachorro da raça Komondor, sempre achou fofinho os dreads que ele tinha. Ele pôs a cabeça em seu colo, para que ela fizesse um carinho em sua cabeça. *Só porque demos um amasso no carro dele, ele se encantaria por você? Você não cresce mesmo, hein, Amélia? Achou que ele seria o seu príncipe encantando? Se toca!,* pensou.



Capítulo 2

Na quarta-feira, logo pela manhã, Amélia chegou à Universidade, deixou a bicicleta no lugar reservado, colocou a corrente e avistou a moto do primo e Lislá estava na garupa. Viu quando André estacionou a moto, Lislá desceu, tirou o capacete e sorriu para ele.

— Bom dia!

Amélia ouviu e se virou. Era Caique, um rapaz que morava em sua rua e fazia o mesmo curso que ela.

— Bom dia! — respondeu.

— Ei, se quiser, eu posso te dar carona. — Ele se aproximou sorrindo.
— Vi que você veio de bike.

— Sim. Eu consegui um estágio... — Ela deu um leve sorriso. — E fica mais fácil para ir para o serviço.

— Fiquei sabendo mesmo. — Caique sorriu. — Pois também consegui!
Vou trabalhar no mesmo departamento que você!

Amélia ficou impressionada com a notícia. Abraçou-o e o parabenizou

pela conquista.

— Bom dia, Amelinha do meu coração! — Lislá se aproximou e abraçou fortemente a amiga, dando um beijo em seu rosto.

— Não! — Amélia disse, rindo.

— Oxe, nem sabe o que vou falar. — Lislá cruzou os braços.

— Sempre que me chama de Amelinha... — Ela olhou para a amiga que começava a fazer um bico e carinha de cachorro abandonado. — Quer que eu resolva algum assunto para você!

— Poxa, Lia, o que custa.

Lislá era uma morena clara, com cabelos cacheados e olhos castanho-escuros. Amélia riu ao ver o beicinho exagerado que a morena fazia e balançou a cabeça.

— Está bem! — Fez uma careta ao ouvir o grito da amiga e sorriu quando foi abraçada fortemente.

— Eu te amo, Amélia Loures!

— Sei... — Ela a olhou. — Do que precisa dessa vez?

— Bom... — Lislá enganchou o braço no da amiga e começaram a andar. Caique as seguiu. — Não sei se ficou sabendo, mas tem um grupo que vai para a reserva nesse fim de semana e...

— Não estava sabendo. — Amélia a olhou.

— Eu te falei, Amélia — comentou Caique —, mas acho que você não prestou atenção!

— Desculpa. — Ela o olhou e deu um sorriso envergonhado. — Estava meio ansiosa por causa da entrevista que tinha no dia com Susan Lacarez.

— Tudo bem. — Ele segurou em sua mão com carinho e depositou um beijo. — Te perdoo dessa vez, desde que vá na excursão da reserva!

— Ela vai, sim! — Lislá se intrometeu na conversa. — Pois eu e André íamos nessa excursão, era a folga dele, até havíamos deixado tudo pago, mas

então o chefe dele, de última hora, disse que precisa que ele vá para o sul do país e disse que pode me levar!

— Tudo bem, e onde eu entro na história? — Amélia olhou para a morena.

— Você vai para a reserva! — Lislá sorriu. — Afinal eu sei o quanto é louca para desenhar aquele lago e como já deixamos tudo pago...

Amélia balançou a cabeça, rindo e os agradecendo mentalmente, afinal, poderia finalmente desenhar o lago que tanto queria. Depois de deixar tudo combinado com a amiga, seguiu para sua sala. Ao entrar, deparou-se com seu professor.

— Bom dia!

— Bom dia, Amélia! — Ele sorriu e tirou os óculos que usava. — E então, gostando do estágio?

— Muito — respondeu, indo em direção à sua mesa. Colocou a mochila em cima dela e tirou uma pasta de dentro. — Aqui estão os documentos que pedi, traduzi o mais perto possível.

— Ok. — Ele pegou a pasta, abriu-a, leu o arquivo e sorriu. — Está perfeito, mas fique com você e entregue para a Susan, por favor.

— Sim, senhor.

A aula se seguiu normal. No intervalo, conversou melhor com Caique e ficou sabendo quando seria a excursão. Teria que conversar com seus pais. Por mais que tivesse 23 anos, eles sempre a tratavam como a menininha da casa. Até mesmo seus primos e tios faziam aquilo com ela. Mas ela entendia o motivo de tanta preocupação, afinal eles ainda não haviam superado o “incidente” que tivera quando tinha quinze anos. Engoliu em seco e não queria estragar seu dia pensando e revivendo aqueles momentos.

No sábado, dia da excursão, estava até animada, pensaria em algo para

dar ao primo e à melhor amiga por terem lhe dado aquele presente. Com o tempo que teria livre, poderia tentar desenhar o lago ou quem sabe adiantar alguma tradução ou até mesmo um trabalho da faculdade. Sorriu quando o ônibus entrou no caminho que levava à reserva. O caminho até a sede era composto por árvores grandes e floridas, e se prestasse atenção, bem ao fundo das árvores, do lado esquerdo, veria o mar.

A sede da reserva era o prédio mais moderno da cidade. Totalmente sustentável, alguns vidros eram painéis solares que produziam a energia que era consumida no local. O prédio ficava em destaque na propriedade. Cada andar tinha um terraço com plantas e poltronas. Quando estivera pela primeira vez ali, tinha ficado bastante impressionada com o lugar. A reserva em si, era fechada ao público, apenas pesquisadores podiam entrar na mata mais densa da reserva.

No térreo, ficava a recepção, pois o prédio era dividido por partes. Os dez últimos andares eram reservados à empresa da Família Lacarez. A fundação ocupava os cinco primeiros, mas logo se mudaria para outro prédio que estava em reforma. No começo, achava estranho o prédio ser construído dentro de uma reserva e seu pai explicou que a reserva, na verdade, começava em um posto que havia sido instalado alguns metros mata adentro e que só pessoas autorizadas podiam entrar.

Um pouco mais afastado do prédio principal, encontrava-se o restaurante. Era um prédio também sustentável e a parte de cima era destinada à própria horta que o restaurante usava. O prédio era muito bonito, trabalhado em madeira de demolição e vidro. Algumas lojas também estavam instaladas ali e todas cumpriam regras rigorosas de preservação.

Logo mais à frente, viu os dormitórios. Eram pequenas cabanas que formava uma meia-lua. Sorriu quando avistou o futuro local da sede da fundação. Ali seriam instalados pontos de pesquisas e não precisariam agredir

ainda mais o meio ambiente daquele local. Mas o que mais impressionava no local era o fato de que em frente a toda aquela beleza construída pelo homem, havia algo ainda mais belo, construído pela natureza. Um lago gigantesco, havia até mesmo pedalinhos para se passear no local. As visitas no local eram controladas, somente pequenos grupos podiam esporadicamente utilizar as cabanas, por isso Amélia estava tão encantada por estar ali.

Havia dois pontos interessantes: de um lado do lago, se tivesse coragem o suficiente para desbravar, tinha a floresta, e seu caminho dava na Cachoeira dos amantes; também havia um segundo caminho, um pouco mais longo, e depois de uma bela e boa descida, chegaria ao mar.

Desde que estivera ali quando tinha 9 anos, apaixonou-se pelo lago e sempre quis pintá-lo. Aproveitaria o fim de semana para fazer aquilo. Resolveu procurar o dormitório que André e Lislá haviam reservado. Desceu do ônibus e viu um pequeno burburinho mais à frente. Quando se aproximou timidamente e viu quem lhes dava boas-vindas, ficou sem palavras.

— Magnus... — sussurrou.

Tentou se recompor e prestar atenção no que ele falava. Depois de uma breve apresentação, ele indicou os monitores que os acompanhariam no fim de semana. Conforme ia em direção ao seu monitor, tentava fechar o zíper de sua mochila. Uma pessoa passou ao seu lado esbarrando nela, com pressa, derrubando sua mochila, fazendo alguns desenhos caírem. Abaixou-se para recolher tudo e se esticou para pegar o último desenho, era justamente de Magnus. Um par de mãos o recolheu antes dela. Envergonhada, levantou a cabeça e se viu presa nos olhos azul-piscina, tão intensos, que queria nadar neles.

— Amélia, você está bem? — perguntou dando um sorriso tão lindo que quase a fez suspirar.

— Sim, obrigada.

— Uau, é impressionante — comentou ao olhar o desenho que tinha em mãos.

— Obrigada — agradeceu, evitando olhar nos olhos dele.

— Onde eu estava? — perguntou, colocando a cabeça de lado.

— O quê? — questionou sem entender e o olhou.

Ele a olhou e a segurou pelos ombros e antes que percebesse, foi erguida com uma facilidade impressionante.

— Perguntei onde eu estava nesse desenho.

— Eu... eu vi essa foto em uma revista e não tinha nada para fazer... — mentiu.

Eles se encararam por um momento. Quando ele ia dizer algo, uma moça loira, muito bonita por sinal, aproximou-se deles.

— Magnus, a reunião — avisou.

— Claro. Obrigado, Sara. — A mulher saiu de perto e ele se aproximou de Amélia. — Posso falar com você mais tarde? — Tocou sua mão e deu um leve aperto.

— Si... sim.

— Até mais tarde, Amélia. — Ele se aproximou ainda mais e deu um beijo em seu rosto.

Ela se encolheu um pouco e olhou para ele, que saiu acompanhado da mulher loira, que a olhava interessada. A tal Sara disse algo a ele, que riu, virou a cabeça e olhou para ela.

Amélia arrumou a alça da mochila em seu ombro e foi em direção ao seu monitor. Logo ele indicou qual dormitório ficaria. A garota o olhou por um instante ao perceber que era o mais afastado de todos e balançou a cabeça. Tratando-se de André e Lislá, poderia esperar qualquer coisa.

Assim que entrou, jogou suas coisas sobre a cama e olhou para o desenho que ainda estava em sua mão. Jamais diria a ele que fizera aquele

desenho quando o viu em um restaurante que ela e seus pais estavam. Ele havia se sentado algumas mesas mais adiante e estava junto com sua ex-professora de biologia. Lembrou-se que tinha pensado a sorte que ela tinha de estar ao lado dele. Guardou o desenho, arrumou suas roupas no armário do dormitório. Optou por trocar a camiseta que usava por uma regata, pegou o que precisava e foi desenhar o lago.

Saiu do dormitório e viu alguns garotos da sua turma seguindo em direção à praia. Chegou ao lago, procurou um bom lugar com sombra e uma boa vista. O lago refletia o céu limpo e azul e logo sua mente foi transferida a outro caminho, de mãos grandes e quentes, um pouco ásperas; lábios que sabiam como fazer uma mulher se derreter em pouco segundos. E, puta merda!, se aquilo que sentira quando o tocara fosse verdade, estava ainda mais curiosa para ver de perto. Alguém lindo daquele jeito tinha que ter algum defeito, não era possível.

Depois de algumas folhas perdidas na tentativa de retratar o lago, sentiu um arrepio. Olhou em volta, viu que tinha perdido a noção do tempo e começava a anoitecer, tentou de forma atrapalhada arrumar suas folhas. Levantou-se para seguir em direção ao dormitório, mas avistou o caminho que levava à cachoeira. Alternou o olhar em direção ao dormitório e o caminho, mas a curiosidade de saber o porquê se chamava Cachoeira dos amantes foi maior.

Quando deu por si, seus pés seguiam a direção do barulho, desbravando covardemente o caminho. Ao chegar à cachoeira... *Uau*, era a única coisa que lhe vinha à cabeça. Sob o brilho da lua, a cachoeira parecia indecifrável, misteriosa e linda.

Seguiu um pouco mais à frente para admirá-la. Pegou suas folhas, andou em direção a uma enorme pedra, ajeitou-se bem, pegou seu estojo e logo em seguida o lápis e se preparou para começar a desenhar.

Ficou olhando a paisagem e em câmera lenta Magnus saiu da água. Sua boca fez um “o” perfeito por vê-lo à luz do luar, com água escorrendo por seu peito. Desceu o olhar um pouco mais, e à sua frente tinha um galho que tampava justamente o que queria ver. Inclinou o corpo um pouco mais para a frente, e foi indo, para ter alguma visão, mas acabou desequilibrando-se e caiu de cara no chão.

— Merda! — praguejou.

Levantou-se rapidamente, arrumou suas coisas e quando se virou, não estava preparada para aquela visão dos céus. Magnus usava apenas uma cueca boxer.

— O que você está fazendo aqui? — Sua voz era grossa, baixa e muito intensa.

— Eu... é...

Perdeu a voz quando desceu o olhar por seu corpo e viu leves pelos negros cobrindo seu peitoral. Desceu os olhos seguindo a trilha de pelos e os arregalou um pouco quando viu o volume na boxer. Assustou-se quando ele estalou os dedos chamando sua atenção.

— Vai me responder ou vai continuar a me analisar? — perguntou segurando um riso para a cara envergonhada que ela fazia por ter sido pega no flagra.

— Desculpa, eu... eu vim desenhar a cachoeira, e-e... não sabia que você estava aqui...

— O que foi? Meninas de sua idade não sabem como é um corpo de um homem? — falou, rindo do seu constrangimento.

— Primeiro, que não sou menina; e segundo, não sou como elas — alertou em tom baixo e sério.

Abaixou-se para pegar suas coisas com raiva e saiu em direção à floresta, parou assim que percebeu que não sabia como voltar.

— Eu até poderia te ajudar — sussurrou em seu ouvido e ela sentiu os arrepios pelo seu corpo. — Mas enquanto não me falar onde eu estava naquele desenho, não irei ajudar.

Ela se afastou e se virou, olhou para ele sem entender.

— Eu já disse, vi a foto em uma revis...

— Não minta, Amélia — interrompeu-a, aproximando-se dela. — Você fica corada quando mente.

— Desculpa — ela murmurou baixinho.

— Não precisa se desculpar, só me diga o que quero saber.

— Por que é tão importante assim? — perguntou levantando os olhos e o olhando.

— Porque talvez, quem sabe... — Ele se aproximou mais. — Você possa fazer um desenho meu te olhando diretamente.

Amélia não esperava por aquilo. Ele a puxou para perto dele e lambeu seus lábios. Ela se assustou ao ser beijada, esquecendo-se totalmente do que tinha ido fazer ali. Queria muito empurrá-lo para longe dela, mas o toque de seus lábios era algo irresistível e retribuiu apaixonadamente. Magnus sorriu e se entregaram ao beijo. O desejo entre eles se tornou incontrolável. Ela tocou em seu rosto e enroscou a outra mão em seu cabelo úmido e delicadamente o puxou para mais perto de si.

Com uma das mãos, apertou a bunda dela, o que a fez sentir a pressão do pau dele em sua barriga. A outra mão se esgueirou por baixo de sua camiseta, e ela sentiu um arrepio quando a mão quente dele encontrou a sua pele. Subiu a mão vagorosamente até chegar em seu seio esquerdo, e por cima do sutiã deu um pequeno belisco. Ela gemeu com o toque. Magnus puxou o seio por cima do sutiã e pressionou o bico entre os dedos e depois o friccionou entre o polegar e indicador. As pernas dela bambearam.

Magnus liberou sua boca, e desceu distribuindo beijos pelo pescoço

dela enquanto a mão já expunha o seio. Ela ficou sem ar quando a boca dele abocanhou o bico intumescido. Amélia o segurava pelos cabelos e gemia sem pudor algum. Ao sentir uma pequena brisa passar por seu corpo e viu aonde aquilo poderia levar, com muito custo tentou se afastar.

— Eee... eu não posso. — Empurrou-o enquanto ia arrumando seu sutiã, olhou envergonhada para ele. — Me desculpe, eu não sou assim, eu não sei o que me deu. Por favor, me per... — O desespero tomava conta dela.

— Ei, calma — disse olhando para ela e sorrindo. — Foi coisa do momento, não precisa ficar assim.

Ele se aproximou dela, ergueu a mão para tocar em seu rosto e a viu se encolher, então pegou em sua mão e fez pequenos círculos com seu dedo para tentar a acalmá-la. Amélia apenas acenou com a cabeça. Quando abaixou a cabeça para tentar esconder o embaraço, viu-se presa por ele em uma pedra que havia atrás dela.

— Posso te perguntar uma coisa? — perguntou brincando com uma mecha do cabelo dela. Os dedos roçando em seu pescoço.

— Si... sim... — Ela fechou os olhos e aproveitou o carinho que ele fazia.

— Por que não namora? — indagou com a voz baixa.

— Ninguém chamou minha atenção. — Ela abriu os olhos. — Por que pergunta?

— Curiosidade. — Olhou intensamente para ela.

Ela ergueu sua mão direita e timidamente a colocou em sua barriga, e começou a fazer um carinho tímido. Sentiu-a sobre a ponta dos dedos, rígida, com gominhos que a fizeram salivar. Sem perceber, mordeu o lábio inferior. Ele segurou em sua nuca e a beijou novamente. Amélia se entregava a cada investida da língua dele. Antes de afastar seus lábios dos dela, deu uma leve e lenta lambida em seus lábios. Ela abriu os olhos lentamente, e ele sabia que o

momento havia chegado. Era sua única oportunidade e teria que aproveitá-la.

— Vem comigo. — Ele pegou em sua mão e recolheram tudo.

— Aonde vamos? — perguntou sem soltar sua mão.

— A um lugar especial — respondeu ele, com voz baixa.

— Como assim, um lugar espec... aii.

Ela não viu o tronco de uma árvore e pisou em falso, torcendo seu tornozelo. A sorte foi que ela caiu para o lado e Magnus a amparou antes que caísse.

— Cuidado, Amélia. Você está bem?

— Meu tornozelo direito... está doendo muito — disse ela, chorosa. Ele a pegou no colo com cuidado. — Magnus? — disse envergonhada, olhando-o de perto.

— Sim? — Ele a olhou nos olhos.

— Você não é um daqueles seriais killers que leva a moça para uma emboscada e a mata ali mesmo, não é? — perguntou ela, séria.

Ele parou por um momento, viu a expressão séria em seu rosto e começou a gargalhar.

— De onde você tirou essa ideia?

— Até parece que você não assiste os jornais... — titubeou por um segundo e olhou na direção em que estava indo — É lindo. É seu? Por que aqui?

Ele deu um sorriso que fez seu coração bater ainda mais rápido.

— Sim, é meu. É mesmo lindo, não é?! Aqui é isolado de tudo e de todos. Gosto da sensação de calma que me passa.

Era uma cabana centralizada no meio de um descampado dentro floresta, tinha dois andares, janelas grandes, atrás da cabana corria um rio que vinha da cachoeira e desaguava no lago. Ele se aproximou da porta e algumas luzes se acenderam. Olhou para a fechadura diferente que havia, colocou

apenas um dedo e a porta foi aberta.

Assim que entraram, ela ficou ainda mais boquiaberta. Ele a colocou com cuidado num sofá grande branco e macio, colocou sua mochila aos pés do sofá, pegou a camisa que estava em cima do sofá e a vestiu. Foi em direção a uma porta e a abriu, voltando em seguida com um estojo de primeiros socorros. Sentou-se ao seu lado e pediu para ver seu tornozelo, tirando delicadamente o tênis que Amélia usava.

— Bom, só está inchado, não quebrou nada — avisou, passando um creme em seu tornozelo.

— E como você sabe? — Fez uma careta de dor quando ele a tocou.

— Sendo filho de uma médica e uma criança muito agitada, quebrei alguns ossos, vi e aprendi algumas coisas com ela.

Segurou o riso por imaginá-lo criança com gesso no braço ou na perna.

— Deve ter sido incrível sua infância. E como foi crescer na família Lacarez, dona de tudo e de todos dessa cidade?

— Por que todos acham que minha família manda na cidade? — indagou sorrindo.

— Porque sua família foi uma das fundadoras da nossa cidade e a que mais investe em emprego por aqui!? — Ela o olhava intrigada.

— Estou vendo que alguém sabe muito sobre a minha família. — Olhou profundamente em seus olhos.

Envergonhada, Amélia abaixou a cabeça e seus cabelos cobriram seu rosto. Magnus pegou uma mecha de seu cabelo e a colocou atrás de sua orelha, segurou em seu queixo e o levantou.

— Estava brincando, não precisa ter com vergonha comigo.

— É que admiro a Lucélia, sua antepassada. Por tudo o que ela passou e viveu, e como foi firme nas decisões dela, sabe.

— E como tem sido trabalhar na fundação? — perguntou ele,

carinhosamente.

— Está sendo maravilhoso, por mais que faça parte da tradução, estou aprendendo tanto com a Susan, nunca imaginei que existissem tantos assuntos e histórias que ainda não sabia e... — Parou um pouco, respirou e viu que se empolgara falando de seu trabalho. — Desculpa, me empolguei novamente.

— Não tem por que pedir desculpas, é algo importante e empolgante para você, é bonito de ver. — Ele baixou a cabeça e tocou com cuidado em seu tornozelo.

Amélia começou a analisar o perfil dele, tinha o rosto quadrado, um nariz fino com um leve desvio de quem já o havia quebrado, sobrancelhas grossas, lábios cheios, a barba por fazer. Um rosto sério, de poucos amigos, mas que se transformava com o sorriso lindo que só ele tinha. Sem perceber, acabou soltando um suspiro apaixonado. Ele a olhou e seu coração parou por um breve momento. Magnus realmente olhava para ela, para dentro dela, como se com aquele olhar pudesse decifrar seus pensamentos, sonhos e desejos e aplacava o medo que sentia. Amélia levantou sua mão direita e tocou em seu rosto, e começou delicadamente a desenhar o perfil dele com a ponta do dedo.

— O que foi isso? — ele perguntou baixinho.

— Para não esquecer sua expressão e seu rosto — respondeu, envergonhada.

— E por que você esqueceria meu rosto? — Olhou-a intrigado.

— Gosto dos detalhes para desenhar, mas é impossível esquecer seu rosto. — Logo percebeu o que tinha dito e ficou com o rosto todo vermelho.

Ele a olhou por um momento, sorriu e colocou seu pé machucado sobre o sofá, com cuidado.

— Aceita um café? Chocolate quente?

— Chocolate, por favor.

Ele se levantou e foi em direção à cozinha. Conforme ele se movimentava, ela o admirava. Magnus tinha 1,90m de altura, muito bem distribuído. Como ela sabia a altura? Simples, havia saído uma entrevista dele para uma revista de fofoca. Tinha uma pele branca, cabelos fartos e castanho-escuros, meio ondulados nas pontas. Uma mecha sempre saía do lugar e aquilo dava um charme a mais a ele. Os ombros eram largos, braços enormes de quem praticava muito exercício. A barriga tanquinho a fazia delirar; coxas grossas que nenhuma calça conseguia esconder; mãos grandes e perfeitas. E uma bela bunda.

Putá merda! Lembranças daquele corpo de encontro ao seu vieram com força, lembrou-se dos beijos, gemidos e do toque se suas mãos... Balançou a cabeça, desviou o olhar e começou a analisar o interior da cabana.

A sala não era tão grande, mas era muito confortável. Além do sofá macio em que ela estava, também tinha uma lareira que estava com o fogo queimando bem devagar. O tapete tinha o desenho de uma floresta, havia alguns galhos e dois olhos verdes no meio das árvores. No lado direito, ficava a cozinha de conceito aberto; era pequena, mas muito bem equipada com eletrodomésticos de última geração. No lado oposto da sala, viu a escada que levava ao segundo andar. E um pouco mais à direita, pôde ver uma porta de vidro que dava acesso ao que parecia uma estufa ou um jardim de inverno.

Sentiu um arrepio pelo corpo todo, virou o rosto e Magnus estava encostado em um dos armários, com os braços cruzados e a encarava com uma expressão indecifrável e um olhar misterioso.

Amélia desviou o olhar, pegou sua mochila que ele deixara aos pés do sofá, retirou um de seus cadernos de desenho e seu estojo de lápis. Resolveu começar a desenhar a expressão que guardaria para o resto de sua vida: a expressão que ele fizera quando a olhou como se, num passe de mágica, a

entendesse completamente. Sabia que jamais esqueceria aquilo.

Perdeu-se em pensamentos, sonhos e novamente as lembranças do carro a atingiram tão forte que sentiu seu corpo tremer e aquilo a fez sair de seu transe. Magnus estava sentado ao seu lado no sofá, observando-a. Ele lhe ofereceu o chocolate e ela agradeceu.

— Você fica muito bonita enquanto desenha.

Ela o encarou sem saber como reagir àquele elogio. Na verdade, nunca fora boa em contato com o sexo oposto, não depois do que havia acontecido.

— Eu não mordo, Amélia, apenas quando pedem — disse rindo ao vê-la corar, tomou um gole de seu café e continuou: — Seu nome é muito bonito e combina com a dona.

Amélia não sabia onde enfiar a cara e sabia que já devia estar quase roxa devido aos comentários que ele fazia. Sabia a beleza que possuía e a dor de cabeça que às vezes lhe causava. Não gostava de ser o centro das atenções. Marcou a página com o lápis e fechou o caderno, e tomou um gole do chocolate quente.

— Por que aqui? Pensei que a reserva fosse da cidade.

— Na verdade, a reserva fazia parte do terreno da minha família. — Ele se encostou no sofá. — Minha antepassada resolveu transformar aqui em reserva para que o povo da cidade pudesse ter contato com esse local sagrado. Aqui, onde fica a cabana, ainda pertence à família, mas nunca ninguém a valorizou. Conversei com minha vó e comprei esse terreno dela.

— Ah, sim. — Ela o olhou e colocou a cabeça de lado. — Então é aqui que você mora?

— Não. — Ele bebeu um gole do café. — Na verdade, tenho usado muito pouco a cabana, moro no centro da cidade.

— Entendi. — Esticou-se e colocou sua xícara sobre a mesa de centro.

— Me fale sobre você.

— O que tem eu? Não sou tão interessante assim — disse, rindo de forma nervosa.

Ele pegou delicadamente em seus pés, colocando-os sobre seu colo. Tirou o outro tênis e começou a massageá-lo, fazendo-a relaxar.

— O que você saber de mim? — sussurrou de olhos fechados.

— Tudo.

Ela sentiu novamente aquele arrepio estranho atravessar o seu corpo. Abriu os olhos e o encarou. Sentiu sua boca ficar seca e umedeceu os lábios com a língua. Os olhos dele acompanharam o movimento. Ele tocou delicadamente sua boca com seu dedão, e a puxou para um beijo. No começo, foi um beijo delicado, mas depois de alguns instantes, tudo se resumia a respirações entrecortadas. Magnus enrolou sua mão em seu cabelo e puxou delicadamente sua cabeça, deixando exposto seu pescoço. Depositou suaves beijos, lambidas e algumas mordidas. Amélia o puxou para beijá-lo, mostrando que agora não teria mais medo. Ela tentou se encaixar melhor embaixo dele e sentiu uma pontada em seu tornozelo.

— Ai!! — gemeu.

— Eu encostei no seu pé? — perguntou preocupado.

— Não. Eu tentei me arrumar e mexi com um pouco de força — disse e sentiu uma outra pontada um pouco mais forte e piscou para afastar as lágrimas.

— Vem, vou colocá-la na cama, assim deve melhorar a dor. — Pegou-a no colo e foi em direção às escadas. Quando chegaram ao segundo andar, ela olhou com interesse. Era um quarto grande, havia uma cama *king size* no meio do quarto, onde ele a depositou com cuidado. — Vou preparar um banho quente e assim você pode relaxar na banheira — avisou enquanto seguia em direção ao banheiro.

O banheiro e o quarto eram separados apenas por um muro de vidro

fosco. Viu o reflexo dele pelo vidro e começou a admirar o quarto. Atrás da cama, ficava uma enorme parede de vidro que dava uma bela visão da floresta. Em cada lado da cama havia um criado-mudo; do lado esquerdo, viu uma mesa e uma outra porta, que devia ser o closet.

Ele voltou e perguntou se conseguia andar. Ela tentou colocar o pé no chão e sentiu novamente a pontada. Magnus a pegou no colo e a levou até o banheiro. Amélia estava deslumbrada com a visão, havia uma banheira redonda, praticamente no centro do banheiro, e de cima dela saía um enorme ducha. Ali havia outra parede de vidro, que tinha uma visão quase que perfeita do mar. Ele a colocou no chão.

— Eu te ajudo, se quiser...

— Não precisa — falou rapidamente. — Consigo me virar. Juro, pode ir — disse olhando para ele e torcendo para que ele não notasse seu embaraço.

— Ok. Mas se eu escutar um “ai” sequer, eu entro e não me importo se você estará de roupa ou não — avisou, sério.

Ele saiu e quase que ela o chamou de volta, a banheira era um pouco alta para ela. Resolveu tirar a roupa e se enrolar na toalha. Na teoria, era fácil, mas quando tentou tirar a calça jeans, viu que teria que se sentar no vaso sanitário e fazer tudo devagar. Olhou em volta para ver onde ficava o raio da privada e não a achou, sentiu o desespero chegar. Viu uma meia parede e foi pulando em um pé só. Sentou-se no vaso, fez um coque em seu cabelo, tirou a roupa e se enrolou na toalha.

— Magnus? — chamou ela. Logo ele apareceu. — Você pode me ajudar a entrar na banheira? Ela é um pouco alta para mim e não consigo apoiar meu pé. — Olhou envergonhada para ele. Ele fez que sim com cabeça e a pegou no colo, colocando-a dentro da banheira e ficou parado ao lado dela. — Obrigada — sussurrou.

Ele a encarou e saiu do banheiro. Amélia tirou a toalha e ajeitou-se na banheira com dificuldade. Logo a água começou a ter um efeito relaxante sobre ela. Depois de uns 15 minutos, ele entrou no banheiro, chamando-a:

— Amélia? — Ela não respondeu de imediato. Magnus franziu a sobrancelha e chamou novamente, um pouco mais alto. — Amélia?

Ela abriu os olhos sonolentos, virando-se para ele.

— Desculpe, acho que peguei no sono — justificou, lavando seu rosto.

Em modo automático, levantou-se com um pouco de dificuldade e se enrolou na toalha. Assim que percebeu o que fizera e morta de vergonha, olhou-o. Ele se aproximou devagar, analisando-a. Passou os braços por suas pernas molhadas e a pegou no colo. Amélia baixou os olhos e apenas aproveitou o pequeno trajeto entre o banheiro e a cama para sentir seus braços ao redor de seu corpo. Fechou os olhos e inalou seu perfume, era um cheiro amadeirado com um toque cítrico, não sabia distinguir direito.

Ele a colocou delicadamente sobre a cama e seus olhares se encontraram. Amélia passou os olhos pelo seu rosto e parou em sua boca. Iria aproveitar aquela oportunidade e o beijou, puxando-o para si. Daquela vez, não havia medo ou vergonha. Beijou-o com toda intensidade, desejo e tesão que conseguia transmitir. Ele correspondeu à altura e deitou-se delicadamente sobre ela, tomando cuidado com seu tornozelo machucado.

Ele separou seus lábios por um momento e a olhou, tocou com os nós dos dedos em seu rosto, ergueu um pouco a mão e desfez o coque de seu cabelo enquanto seus lábios brincava com os dela. Desceu dando leves beijos em seu pescoço e seguiu para o vale entre seus seios. Ela gemia a cada toque que recebia. Sentiu seu corpo em chamas quando ele se afastou e soltou delicadamente a toalha de seu corpo, expondo-o. Ele voltou a beijá-la enquanto sua mão brincava com seu seio direito, deu uma leve torção em seu bico e logo em seguida um puxão suave.

— Tenho que admitir, você é mais linda do que eu esperava e imaginava. — Ele deu uma leve beliscada no bico de seu seio, enquanto sugava o outro. — Pensei que eles fossem um mito — disse passando a ponta da língua em torno do seu bico, lambeu sem pressa alguma, mordendo-o e o chupando.

— O quê? — Ela perguntou gemendo baixo.

— Seios rosados. Realmente são lindos.

Ele se afastou um pouco e a fitou, sorrindo. Passou a mão carinhosamente pela lateral de seu corpo, passou a ponta dos dedos por sua barriga, até chegar à cintura. Ela arqueou o corpo. Ele sorriu ao ver a excitação em seu rosto, apertou levemente sua cintura, colocou a mão sobre seu rosto e a beijou, deu uma leve mordida em seu queixo.

— Tenho uma dúvida? Se seus cabelos têm cheiro de rosas...

Apoiou uma mão de cada lado de seu corpo, abaixou-se e beijou no meio de seios, desceu sobre a barriga dela, arranhando-a com a barba. A cada toque que recebia, sentia que seu corpo não pertencia mais a ela e sim a ele. Sorriu e gemeu ao sentir uma mordida em sua cintura.

— Aqui tem qual cheiro? — perguntou ao chegar no meio das pernas dela.

— Oh, meu Deus... — arfou.

— Deus, não, apenas eu mesmo.

Ela o olhava sem acreditar que aquilo estava realmente acontecendo, já tinha perdido a conta de quantas vezes tentou imaginar aquela cena. Fechou os olhos envergonhada ao sentir a respiração dele em seu sexo. Ele afastou ainda mais suas pernas, deixando-a exposta e vulnerável a ele, e deu uma leve mordida na parte interna de sua coxa. Ela gemeu e ele sorriu.

— Tenho que dizer que sempre preferi sem pelos, mas, olhando bem, a sua é encantadora assim — revelou e em seguida chupou seu sexo.

Amélia o olhava e viu o momento em que ele se afastou e passou a ponta do dedo entorno de seu clitóris, encarando-a, querendo ver as reações que causava nela. Ele rodeava o dedo e mudou o sentido, indo de um lado para o outro, aproximou a boca de seu sexo e a abocanhou sem vergonha, fazendo-a gemer alto.

— Isso... — Contorceu-se, apoiou o pé bom e levantou um pouco mais o quadril, para que ele tivesse acesso mais fácil e livre. Ele gemeu quando ela deu uma leve rebolada em sua boca, sentiu a língua dele entrando e saindo, sugou um dos lábios de sexo dela e a chupou com mais força, colocou um dedo sobre seu clitóris, massageou e levantou a cabeça e a observou gemer. — Não para... — choramingou ela.

Amélia sentia seu corpo fora de si, agarrou os lençóis e mordeu seus lábios, sentiu um dedo fazendo o contorno da entrada de seu sexo e entrando lentamente. Gemeu a cada investida lenta que recebia. Ela arregalou os olhos quando sentiu dois dedos dele invadindo sua boceta e olhou para ele.

— Tão perfeita. Seu gosto é delicioso, assim como você. — Ela engoliu em seco ao ouvir aquelas palavras e ficou sem reação ao vê-lo chupar o próprio dedo que estava molhado de seu líquido. — Prove — ordenou, aproximando o outro dedo perto de sua boca. Ela abriu os lábios, passou a língua pela ponta de seu dedo e logo o chupou, fazendo-o gemer, baixo e rouco.

Ele avançou sobre ela e a beijou. Ela puxou a camisa que ele usava. Magnus se ajoelhou na cama e tirou a camisa, voltando a beijá-la. Amélia desceu suas mãos lentamente pelo peitoral e sentiu novamente a maciez dos pelos em seu peito, queria guardar como era a sensação de tocá-lo e por isso o fazia sem pressa alguma. Ele gemeu em seus lábios e ela continuou a descer a mão até o elástico da boxer.

Ele parou o beijo, ficou sobre ela e a olhou. Ela mordida o canto do lábio

inferior, e passou apenas a ponta dos dedos por seu pau. Magnus sibilou. Amélia sentiu as bolas, subiu, até chegar à cabeça de seu pau, sentiu o líquido que molhava a cueca e o segurou.

— Puta merda! — gemeu ele, o corpo tremendo.

Ela o masturbou e Magnus fechou os olhos, aproveitando a sensação do toque da mão dela. Em um rompante, ele se levantou e tirou a boxer. Amélia ergueu a cabeça e viu que ali não havia sinal algum de pelo. Engoliu em seco quando viu o tamanho, sentindo uma enorme vontade de sugar o líquido pré-ejaculatório que escorria da ponta do pau dele. Olhou para ele, que sorria ao ver seu espanto, e lambeu os lábios.

— Toque-o — ordenou ele, pegando sua mão e a colocando novamente sobre seu pau, agora livre.

Amélia pôde sentir a rigidez e a maciez ao mesmo tempo. Sua mão não fechava ao segurá-lo, passou a ponta do dedo sobre o líquido pré-ejaculatório que escorria dele, lambeu os lábios enquanto o masturbava.

— Você fica linda corada — disse dando um beijo em seu pescoço. Ela gemeu. Ele se afastou, segurou em seu pau e o masturbou um pouco. Aproximou-se, passou-o sobre seu sexo, espalhando a lubrificação. Sorriu e o colocou na entrada de sua boceta, e investiu devagar. — Caralho! Como você é apertada — arfou.

Ela engoliu um grito, apertando com força o braço dele. Ele percebendo o rosto um pouco contraído de dor, beijou-a.

— Você é muito grande — comentou em um gemido ao sentir ele investir um pouco mais.

— Relaxa — disse apertando sua coxa esquerda. Ela respirou fundo, tentando acalmar tudo o que seu corpo sentia. — Ainda está doendo? — perguntou ele, entrando um pouco mais.

— Bem pouco — respondeu, envergonhada.

Ele a olhava enquanto entrava e saía lentamente, aumentando o ritmo aos poucos. E se entregaram um ao outro.

— Você é mais gostosa que eu pensava — comentou dando uma mordida em seu seio.

A cada investida que dava, ela o recebia ainda mais. A sensação era indescritível. Sempre tinha lido nos romances o que as mocinhas sentiam naquele momento, mas nada se comparava ao que realmente estava sentindo. No começo, foi doloroso, ainda mais com o tamanho todo dele; mas, aos poucos, a dor havia cedido e a sensação gostosa de ser preenchida por ele era demais. Desceu as mãos por suas costas, arranhando-o lentamente.

Ele afastou o rosto um pouco e a olhou, investiu com um pouco mais de força e ela gemeu um pouco alto. Aquilo o deixou louco, mas ele estava se controlando. Amélia, por outro lado, queria senti-lo mais fundo, passou as mãos pela lateral de seu corpo e quando ele investiu, puxou-o com um pouco mais de força.

— Amélia, não! — advertiu travando o maxilar.

— Ahhh... — gemeu ela.

Ele parou por um momento, estava todo dentro dela. Magnus respirava com dificuldade, saiu lentamente e voltou vagarosamente, como se quisesse ter certeza daquilo.

— Magnus... — choramingou. Aquilo o instigou. Ela gemia mais alto a cada investida e foi erguendo o quadril para o receber melhor.

Ele ergueu a perna esquerda dela e a colocou sobre seu ombro, mudando o ângulo e investindo com força.

— Caralho, que delícia! — gemeu ele.

Ele a pegou pela cintura e se virou com ela, que fez uma careta de dor, colocando-a sobre ele. Sorriu ao vê-la um pouco envergonhada. Os cabelos estavam bagunçados e suas bochechas estavam vermelhas. Ela respirava com

dificuldade, olhando-o sem saber o que fazer.

— Cavalga no meu pau — pediu, colocando a mão sobre a sua cintura, mostrando como ela devia fazer.

Ela espalmou as duas mãos sobre seu peito, olhando envergonhada, empinou a bunda, subiu lentamente e desceu e quando o sentiu dentro dela fechou os olhos enquanto subia e descia sobre ele. Ele a pegou pelos quadris e foi acompanhando seu ritmo, ele a observava com tesão.

— Abra os olhos, Amélia. Olhe para mim — pediu.

Ela abriu os olhos e viu aqueles olhos azuis que tanto amava, admirando-a. Amélia se curvou para beijá-lo e jogou seu cabelo para lado. Ele se levantou, sentando-se, agarrou sua bunda e deu um tapa e começou a investir forte, mais forte, até que ela não aguentou.

— Magnus...

— Goza.

— Eu...

— Se entrega para mim.

Quando sentiu os espasmos por seu corpo, ela se agarrou a ele e se entregou de vez.

— Ah!...

— Isso — gemeu ele, forte e gozou. Ela colocou o rosto sobre seu ombro direito, ainda tremendo, tentando acalmar a respiração. Ele deu um leve beijo em sua testa e se deitou com ela sobre seu peito, aninhando-a. Ficaram deitados um tempo, sentindo o frenesi do orgasmo que os havia atingido.

— Por que não namora? — perguntou ele, baixinho.

— Nunca tive interesse... — Ela o olhou.

— Deve receber bastante cantadas — comentou deslizando a mão e ficou fazendo um leve carinho em sua cintura.

— Algumas, mas nunca dei bola.

— Por quê?

— Sou focada em meus estudos.

Ele sorriu e saiu de dentro dela devagar, os dois gemendo baixinho. Magnus a ajeitou com a cabeça em seu peito. Amélia dedilhou os dedos sobre os pelos do peito dele, e gemeu baixinho quando ele puxou levemente sua perna sobre a dele, fazendo um carinho em sua coxa. Ela moldou melhor seu corpo ao dele, e sorriu ao ouvi-lo gemer. Tudo estava tão bom e ela estava tão exausta, que acabou dormindo. Ele a olhava dormir. Puxou-a para mais perto e deu um beijo em seus cabelos. Amélia finalmente estava em seus braços e não iria abrir mão dela com tanta facilidade.

— Você é minha — sussurrou.

Acordou um pouco suada. Afastou-se dele e ficou o olhando por um momento, sorrindo. Ao tentar se levantar, foi puxada.

— Aonde pensa que vai?

— Eu preciso ir ao banheiro — respondeu envergonhada. Sentou-se na cama e ajeitou o cabelo para prendê-lo.

— Você fica linda com ele solto — comentou pegando uma mecha entre seus dedos.

Ele se levantou e a pegou no colo com carinho, dirigindo-se ao banheiro. Ela o olhou e deu uma leve mordida em seu queixo. Magnus a colocou sentada no vaso sanitário e foi ligar a banheira. Enquanto ele fazia isso, abaixou o rosto e então viu o sangue em suas coxas. Rapidamente pegou um pedaço de papel e se limpou.

Ergueu o rosto e se surpreendeu com a tatuagem que ocupava todo o lado direito das costas dele. Era a imagem do rosto de um samurai, havia o pôr ou nascer do sol, ficou em dúvida, e ele olhava na direção de dois

túmulos. Parecia uma tatuagem um tanto significativa e triste. Desceu o olhar e riu envergonhada enquanto admirava sua bunda.

Ele virou o rosto e semicerrou os olhos ao ver que ela o analisava, indo em sua direção, admirando os seios rosados, a pele branca que era macia de se tocar. Amélia se levantou com dificuldade, e o olhar dele desceu para o meio de suas pernas. Envergonhada, ela tentou cobrir o corpo com os braços.

— Não faça isso. Você é muito linda para ter vergonha de seu corpo — disse, dando um leve beijo em seus cabelos.

Ele a ajudou a chegar até a banheira e riu quando viu como a banheira era alta para ela entrar. Colocou-a dentro da água e logo depois entrou junto, ele se acomodou e a ajudou a sentar-se, tomando cuidado com seu pé. Ela se encostou em seu peito e fechou os olhos. Era impressionante o silêncio ali, apenas se ouvia as suas respirações e os barulhos do lado de fora. Ele levantou uma perna e ela colocou a mão sobre sua coxa. Magnus deu um leve beijo em seu pescoço, enquanto erguia seu cabelo. Rindo, ela fez um coque um pouco mais alto.

— Me fale mais sobre você — sussurrou em seu ouvido.

— O que mais você quer eu fale? Já te falei tudo sobre mim — respondeu baixinho, fechando os olhos.

— Eu quero saber mais de você, Amélia. Não gosta de se enturmar? — perguntou colocando a boca próxima ao seu pescoço e ficou ali esperando ela responder.

— Não é que não goste, sempre fui na minha, sempre gostei de ver as coisas pelos bastidores e não ser o centro das atenções. Eu não consigo apresentar um trabalho em classe sem passar mal antes... Ah, sempre amei pintar, me perder nos livros que leio, meus pais sempre brigam quando faço isso, pois nunca presto atenção e às vezes me machuco.

Sentiu o hálito dele tocando em seu rosto devido ao riso que ele soltou.

— Tem irmãos? — Sentiu a mão dele em seu seio esquerdo, e gemeu quando sentiu um leve puxão.

— Não. Mas sempre quis. Infelizmente, minha mãe não pode ter mais, mas sempre tive meus primos, eles são como irmãos para mim. Tenho a Lislá também, é a minha melhor amiga. — Escorou a cabeça no ombro dele.

Magnus a afastou um pouco e se esticou para pegar o pequeno frasco de sabonete líquido. Ele o espalhou em suas mãos começou uma massagem por seu ombros e costas. Amélia fechou os olhos e se deixou levar pelo toque.

Ele a puxou, e ela engoliu em seco quando sentiu as mãos dele no meio de seus seios. Gemeu ao sentir os bicos sendo apertados firmemente entres os seus dedos. As mãos escorregaram por sua barriga. Ele abriu suas pernas e as prendeu com as deles. Amélia se remexeu e gemeu ao sentir o toque direto em seu clitóris e logo foi preenchida por um dedo dele.

— Magnus... — choramingou.

— Prontinho — sussurrou em seu ouvido —, está lavada.

A respiração dela estava descompassada. Amélia se virou devagar e o olhou, ele sorria. Viu o sabonete sobre uma pequena mesa de vidro que ficava ao lado da banheira, e fez o mesmo, pegou o sabonete e o esfregou entre as mãos. Começou por seu peito, esfregando devagar e foi descendo, quando chegou à barriga, ela involuntariamente mordeu o lábio. Mas quando chegou ao seu pau, ela o olhou e viu que ele já estava excitado. Sem pensar duas vezes, ergueu-se e o montou, ele sorriu com a iniciativa dela.

— Pensei que estivesse cansada — comentou rindo.

Doeu um pouco no início, mas gemeram quando ela o acomodou todo. Fechou os olhos ao sentir as mãos dele em sua bunda, mas o olhou assustada quando sentiu um dedo abrindo passagem.

— O que foi?

— Aí não — alertou, afastando-se dele.

— É só um dedo, Amélia — argumentou ele, dando um beijo em seus lábios.

— Já disse que não — advertiu ela, séria.

— Ok, não vou insistir.

Ele puxou seu rosto e a beijou com carinho, permitindo que ela comandasse o ritmo dos dois. Ela se agarrou aos ombros dele, enquanto ele estocava com um pouco mais de força. Beijaram-se, gemendo. Amélia queria aproveitar ao máximo aquela a noite, pois sabia que ela ficaria apenas na memória. Ele apertou com um pouco mais de força sua cintura, e não demorou muito para que eles gozassem.

— Vamos para a cama.

Ele se levantou primeiro e a ajudou sair da banheira, entregando uma toalha a ela. Amélia se secou sendo admirada por ele. Fazia uma trança em seu cabelo quando ele a pegou no colo, fazendo-a soltar um gritinho de surpresa.

— Não vamos dormir, certo? — ela perguntou.

— Só se você quiser. — Ele sorriu.

— Hum... Na verdade, eu estou com fome — confessou.

Ele riu e desceram apenas de tolha. Magnus a deixou sentada na banqueta e foi em direção à geladeira.

— Tem alergia a algo? — perguntou enquanto pegava algumas coisas.

— Não — respondeu e com um pouco de dificuldade caminhou até ele.

— Vai sentar — disse, sério.

— Não. Não está doendo tanto.

Ela cortava o pão italiano e se assustou quando ele a pegou e a colocou sobre o balcão. Magnus abriu a tolha que estava enrolada em seu corpo e abriu suas pernas para se encaixar melhor, puxando-a para um beijo. Quando

os lábios se tocaram, ela gemeu ao sentir uma mordida em seu lábio inferior. Colocou suas pernas ao redor dele e agarrou sua bunda. Ele a encostou na geladeira, ela se afastou um pouco.

— Eu ainda estou um pouco dolorida... — disse envergonhada.

— Tudo bem — ele murmurou baixinho.

Ele se afastou da geladeira e a colocou sobre o balcão. A pele dela se arrepiou ao sentir a pedra fria do balcão em contato com seu corpo quente. Continuou com as pernas enroscas em torno da cintura dele.

— Por onde você andava? — perguntou tocando em seu rosto e a beijou.

— Pela cidade — respondeu baixinho e ele riu alto.

Depois de comerem, ele a pegou no colo e a colocou sobre a cama e ia se deitar quando o celular tocou. Magnus se afastou, ela entrou embaixo das cobertas e viu o sangue, ficou um pouco incomodada com aquilo. Ele voltou e se deitou ao seu lado, puxando-a para si.

— Sono?

— Um pouco.

— Hum, pensei que vocês jovens fossem mais dispostos — comentou dando uma mordida no lábio dela.

— Como se você fosse velho... Mas sou uma jovem com alma e sono de uma velha de setenta anos — disse ela, rindo.

Ele a aconchegou mais e tocou em seu rosto.

— Sonha comigo — murmurou ele.

— Você também — disse baixinho e deu um beijo em seu peitoral.

Estava quase pegando no sono, quando o ouviu sussurrar:

— Eu sonho todos os dias.



Amélia abriu os olhos bem devagar e viu a luz do sol invadindo discretamente o quarto, fechou novamente os olhos e sentiu algo se mexer ao seu lado. Sentou-se rapidamente na cama. Magnus dormia profundamente, o lençol cobria apenas a perna direita. Engoliu em seco ao analisá-lo com mais atenção. Ele tinha uma expressão tão calma no rosto, não queria acordá-lo. *Então foi real, eu realmente transei com Magnus.* Lembrou-se da noite passada, de como ele tinha sido maravilhoso. Olhou para a mancha no lençol e se encolheu. Aquela noite estaria gravada em sua mente e coração para sempre. Seu coração se apertou e segurou firme o choro.

Respirou fundo e decidiu ir embora antes que ele acordasse e a dispensasse. Queria proteger seu coração daquela cena. Levantou-se devagar e tentou pisar com o pé machucado, doía um pouco, mas teria que aguentar até chegar ao dormitório. Foi para o banheiro e recolheu suas roupas, jogou uma água no rosto e se olhou no espelho, seus olhos brilhavam de um jeito diferente e seu rosto estava corado. Vestiu a roupa, ajeitou o cabelo em um

rabão de cavalo e saiu pisando bem devagarinho.

Doía seu coração vê-lo ali e não poder ficar, mas sabia que tinha de se proteger, pois se algo acontecesse, era ela quem sairia machucada. Quando chegou à sala, achou seu par de tênis. Sentou-se no sofá e os calçou, pegou sua mochila e saiu devagar até a porta. Olhou uma última vez para cima e fechou os olhos com força quando fechou a porta, não choraria. Olhou a vista linda que se estendia à sua frente, e um dia, quem sabe, talvez pintaria aquele lugar. Seguiu em direção à floresta e tentou achar o caminho de volta.

— Qual é... — reclamou ao pegar mais um caminho errado. Seu tornozelo doía a cada passo que ela dava. Cansada, sentou-se em um tronco.

— Amélia!? O que faz aqui?

Olhou assustada e agradecida para Caique, levantou-se com cuidado e foi em direção ao rapaz.

— Eu estava tentando chegar à cachoeira, mas me perdi no caminho.

Ele a analisou.

— O que aconteceu? Está tudo bem com você?

— Sim... Só torci meu tornozelo e ele está doendo muito e queria voltar para o meu quarto — explicou abaixando o rosto.

— Ok. Vamos, eu te ajudo.

Depois de ser examinada pela médica que estava no refeitório, Amélia se sentou na cama do dormitório e pensou um pouco, pegou o celular e ligou para Lislá.

— *Oi, Pimenta.* — Sorriu ao ouvir a voz do primo.

— Oi, a Lislá tá por aí?

— *Aconteceu alguma coisa? Você está com a voz estranha.*

— Não aconteceu nada — mentiu e melhorou a voz. — Queria conversar com a...

— *Enxerido, me dá meu celular.* — Ouviu a voz da amiga. — *Oi, Lia, o que foi?*

— Oi, pode falar no momento? — perguntou com a voz baixa.

— *Claro.* — Ouviu Lislá expulsando o primo e algo batendo. — *Aconteceu alguma coisa?*

— Ontem à noite... — Ela fechou os olhos ao se lembrar. — Eu transei com uma pessoa.

Franziu as sobrancelhas para o silêncio do outro lado da linha.

— *VOCÊ FEZ O QUÊ?!* — Assustou-se com o grito de Lislá. — *Por favor, me fala que você usou proteção?*

— Não — respondeu baixinho e fechou olhos.

Quantas vezes tinha sido alertada pela mãe para usar preservativo, que sempre andasse com um na bolsa, pois homem sempre dava desculpa esfarrapada que não tinha com ele ou tinha alergia, mas estava tão envolvida que se esquecera completamente.

— *Putá merda, Amélia.* — Ouviu a amiga respirar fundo. — *Você ainda tem o remédio que lhe dei?*

— Sim.

— *Tome ele agora* — ordenou.

— Eu não preciso estou em dia e...

— *Ainda assim, tome agora. Porra, justo você que sempre ficou falando na minha cabeça...*

— Eu sei.

— *Mas com quem foi?*

— Magnus — sussurrou.

— *O QUÊ?!* — Ela afastou o celular ao ouvir o grito que a amiga deu.

— *O que está acontecendo?* — Ouviu a voz do primo ao fundo.

— *NÃO É NADA!* — Lislá gritou e abafou o som do celular e

sussurrou: — *Espera, eu ouvi direito? Você disse Magnus? O seu Magnus? Aquele que você sempre foi apaixonada, que você deu uns pegas no carro? Aquele Magnus Lacarez?*

— Sim — afirmou, rindo da amiga.

— *Puta merda, como isso aconteceu?*

Ela contou tudo e ficaram conversando por mais um tempo, até que Amélia sentiu sono devido à medicação que tomara. Despediram-se e encerraram a ligação. A jovem se deitou e fechou os olhos, lembrou-se da noite anterior e logo pegou no sono.

Dormiu a manhã toda e começo da tarde. Quando se levantou, sentiu-se zozna por causa do remédio. Espreguiçou-se e foi jogar uma água no corpo para ajudar com o calor que sentia. No banho, ainda podia sentir os toques dele em seu corpo, fechou os olhos e suspirou, balançou a cabeça para espantar um pouco as lembranças. Vestiu um short preto, uma camisa de uma banda e um par de chinelo, foi em direção ao refeitório.

— Como você está, querida? — perguntou a médica assim que a viu.

— Estou bem, só um pouco zozna, mas acho que deve ser fome, pois ainda não comi nada.

— Isso coma um pouco, pois não faz bem ficar tanto tempo em jejum. Oi, querido — disse tocando em seu braço e virando-se em direção ao recém-chegado.

— Oi, mãe. — Sentiu um arrepio percorrer o seu corpo quando ouviu a voz. Magnus beijou o rosto de sua mãe e virou-se para ela. — Olá, tudo bem? — perguntou lhe oferecendo um sorriso, mas os olhos dizendo outra coisa.

— Sii... sim, obrigada — respondeu e abaixou o rosto.

— A pobrezinha torceu o tornozelo enquanto ia na direção da cachoeira.

— Espero que não tenha sido algo grave — falou, analisando-a.

— Por mais um pouco poderia ter quebrado o pé — explicou a médica, mãe do cara com quem ela havia passado a melhor noite de sua vida. Amélia não sabia onde enfiar em cara. — Você está bem, minha querida? Está um pouco pálida. Magnus, acompanhe ela até uma mesa, vou pedir algo para ela comer — pediu tocando em seu rosto e sendo muito gentil com ela.

Ele colocou a mão em suas costas e a acompanhou até uma mesa livre que tinha ali perto.

— Por que fugiu de mim, Amélia? — perguntou assim que se sentaram.

— Eu não fugi... — Sua voz morreu quando olhou para ele.

Ele a olhava de um jeito estranho. O celular dele tocou, e ele se levantou para atendê-lo. Enquanto ele falava ao celular, ela o observou. Estava todo de preto, terno, camisa, colete, gravata, calça e sapato. E aquilo realçava ainda mais o azul de seus olhos. A mãe dele chegou acompanhada de dois garçons e eles traziam alguns pratos de comida.

— Eu não sabia o que você... qual o seu nome, minha flor? — perguntou ela, entortando a cabeça para ao lado e sorrindo.

— Amélia.

— Amélia de quê?

— Amé...

— AMÉLIA.

E se a situação já estava ruim, imagina agora.

— Mãe?! O que faz aqui? — perguntou envergonhada e conhecendo sua mãe, sabia que ela já começaria com seus sermões.

— Caique me avisou que você tinha se machucado e eu vim aqui ver como você está... Onde você estava com a cabeça? — Raja jogou a bolsa em cima da mesa e ficou olhando para filha. — E se você tivesse quebrado a perna e ninguém te achasse, o que você faria, hein? Morreria de fome?

— MÃE!... Calma, eu só me perdi na floresta e sem querer eu torci

meu tornozelo e eu não ia morrer de fome.

— Isso é que você diz, mas, afinal, o que você estava fazendo na floresta? — perguntou com a cara fechada

— Oi, filha.

— Pai? — Levantou-se devagar e o abraçou.

— O que você aprontou dessa vez, filhota? — indagou rindo e dando um beijo no alto de sua cabeça.

— Isso que ela ia me responder, Ralf. — Raja olhava de cara feia para sua filha.

— Eu estava indo na cachoeira... — ela começou.

— E o que diabos você ia fazer lá, Amélia? Você odeia mato.

— MÃE! — Arregalou um pouco os olhos e fez sinal para ela falar mais baixo. — Eu estava indo lá para poder desenhar...

— Ah, meu Deus! — Ela fechou com força os olhos e respirou fundo. — E por causa disso quase quebra o pé. — Raja se virou para o marido. — Você é o culpado. Desde que deu aquele maldito caderno de desenho para ela... Viu no que ela se meteu?

— Raja, ela está bem, amor — ponderou Ralf, puxando a esposa para perto.

— Você sabe que me preocupo demais com a nossa menina.

— Me desculpe — Amélia disse para a mãe de Magnus e voltou-se para seus pais. — Gente, eu estou aqui, sabia? Eu estou bem, só foi uma pequena luxação no meu tornozelo, não foi nada de mais.

— Na verdade, poderia ter sido coisa pior.

— Lucinda — Raja falou, abraçando-a. — Obrigada por cuidar dessa desmiolada que se diz minha menina

— Ei! — Amélia olhou para mãe. — Vocês se conhecem? — Apontou para as duas.

— Sim. Estudamos juntas — explicou sua mãe. — Você não lembra? Fomos na festa de aniversário de Lucinda, aquela que você disse que um príncipe te beijou — ressaltou carinhosamente.

Amélia se encolheu e não sabia onde pôr a cara, fechou os olhos com força. Amava sua mãe, mas havia momentos que ela devia ficar calada. Ela não precisava lembrar aquele dia e, pior, precisava falar aquilo justo perto de Magnus? Ele escutava a conversa e quando sua mãe falou do beijo, olhou diretamente para ela. Envergonhada, a jovem se sentou. Sua mãe e a amiga engataram uma conversa.

Lucinda pediu que servissem os pratos. Amélia escolheu uma macarronada à bolonhesa e um refrigerante. Ela sorriu e agradeceu ao garçom, mas seu sorriso morreu quando viu Magnus de braços dado com a mulher do outro dia, que tinha ido atrás dele quando ele a ajudava com seus desenhos. Ela era alta, magra, pele dourada, cabelo loiro ondulado até o meio das costas, olhos azuis... Ela era linda e tinha que admitir: os dois formavam um lindo casal.

— Tudo bem, filha? — Assustou-se com a pergunta do pai. Não tinha percebido que ele estava sentado ao seu lado.

Não conseguindo desviar os olhos deles, disse:

— Si... sim, pai. Uau ela é linda, né?

— Não faz meu tipo, você é mais — afirmou.

Rindo, Amélia olhou uma última vez para eles e voltou a comer. Assim que terminou, sua mãe e Lucinda chegaram e se sentaram. Logo em seguida veio Magnus e a loira.

— Sara, quanto tempo! — Lucinda sorriu.

— Lú. Verdade, faz tanto tempo, tenho estado tão ocupada que... — Sara olhou para sua mãe e sorriu. — SORA?

— Tudo bem? — Raja sorriu e abraçou a loira, que sorria ao abraçá-la.

— Oi, Magnus.

— Oi, Sora — cumprimentou ele, sorrindo.

Amélia olhou para a mãe e viu o brilho em seus olhos quando era conhecida por um ex-aluno. Encolheu-se ainda mais e ficou de lado só observando a conversa, sentiu uma pontada forte em seu tornozelo e usou aquilo como uma desculpa para sair de perto deles, principalmente de Magnus. Ao se levantar, todos da mesa a olharam, mas ela apenas conseguia olhar para ele. Magnus estava cochichando algo no ouvido de Sara, que olhou em sua direção e cochichou algo para ele, que riu e olhou para ela também.

— Quer ajuda, filha?

— Não precisa, pai, vou apenas descansar a perna um pouco. — *E a infantilidade tá demais na mesa*, pensou.

Amélia empurrou a cadeira bruscamente, saiu com cuidado para não bater a perna, e sentiu uma mão em sua cintura.

— Vem, eu te ajudo. — Dando um pequeno susto em Amélia, Caique a ajudou.

Ela passou o braço em torno do pescoço do rapaz, mas assim que fez aquilo, sentiu algo em seu corpo e virou o rosto, e viu Magnus olhando para eles.

— Por que não me chamou para ir com você? Você sabe que gosto da sua companhia, Lia — disse um pouco chateado.

— Desculpe, Caique, mas eu saí cedo e já vii, né.

O rapaz a olhou e sorriu, assim que o casal saiu do refeitório, Raja olhou para Ralf.

— Quando ele vai criar coragem e conversar com ela?

— Bom, não sei — Ralf disse encolhendo os ombros. — Você sabe que ela é desligada para certas coisas...

— É — concordou Raja, pensativa.

— Vocês não deixam a Amélia namorar? — Lucinda perguntou rindo.
— Afinal, ela tem quantos anos? 25?

— Não, ela tem 23. — Raja sorriu. — É que a Amélia é meio diferente de nós de quando tínhamos a idade dela.

— Ela é mais reservada — completou Ralf.

Magnus ainda olhava para onde viu a garota passando pela última vez e sorriu ao ouvir aquela informação.

— Não vai fazer merda — advertiu Sara. Magnus olhou para ela, que o olhava seriamente. — Seja sincero com ela!

Amélia passou o dia com seus pais na reserva. Estava sentada na cama, conversando com o pai. Raja olhou para filha e sabia que algo havia acontecido com ela.

— Você viu como o Caique está bonito? — perguntou Raja.

— Mãe, não começa, por favor — pediu Amélia, fechando os olhos.

— O quê? — Raja fingiu tirar algum pelo imaginário da sua roupa. — Filha, só estou falando que ele está bonito. — Sorriu abertamente.

— Pai, me ajuda. — Ela o olhou em forma de súplica.

— Desculpa, filhota. Você sabe que quando sua mãe cisma com algo, é difícil tirar da cabeça dela — ressaltou ele, rindo.

Amélia suspirou e olhou derrotada para a mãe, que sorria.

— Mas eu não gosto dele desse jeito.

Ralf percebeu onde pararia aquela conversa e não gostava de pensar naquilo.

— Bom, vou sair e dar uma volta — avisou ele, já saindo do quarto.

— Amélia, por favor, não me venha de novo com aquela história de que é apaixonada por seu príncipe de quando tinha 12 anos — Raja falou arrumando as coisas da filha no armário.

Amélia olhou para ela, balançou a cabeça, olhou pela janela. Já havia

anoitecido e viu a lua linda que estava lá fora e se lembrou da noite anterior.

— Mãe, o que a senhora acha de pessoas que se relacionam de idade diferentes?

— Bom, se essas pessoas se amam e se respeitam, ninguém tem nada que se intrometer. — Raja se sentou ao lado da filha na cama.

— Mesmo se for uma mulher de vinte anos e um homem de setenta anos? — perguntou desconfiada.

— Não sou Deus para julgar os outros, Amélia. — Raja olhou para filha. — Mas, por que a pergunta?

— Eu conheci uma pessoa e...

— Uhum. — Raja segurou em sua mão com carinho. — Continue...

— Mas eu não sei se... — Ela parou de falar, abaixou a cabeça e a balançou.

— Ei! — Raja ergueu o rosto da filha e fez um leve carinho. — Não fica assim! — Amélia sorriu quando a mãe lhe abraçou. — Nem todos são o Fernando!

Amélia gemeu baixo e fechou os olhos. Fernando era um ex e todos da família achavam que ela não se relacionava devido ao término com ele. Apenas Lislá sabia o real motivo de ela não se envolver com ninguém.

— Eu sei, mãe, mas eu fico um pouco confusa quando estou perto dele — confessou baixinho.

— Bom... — Raja a afastou e a olhou com carinho. — Seja sincera com o Caique.

— Não é o Caique, mãe!

— Oh! — Amélia sorriu ao ver a cara que a mãe fazia.

— Eu o conheci no meu estágio!

— Ele é mais velho e por isso a pergunta! — Raja foi associando e sorriu. — Posso saber o nome pelo menos?

— Ma... — Ela parou e a olhou por um momento. — Márcio!

— Bom, seja sincera com o Márcio e principalmente com você, filha!

Amélia olhou para mãe e respirou fundo.

— Eu transei com ele ontem! — revelou de supetão.

— Bom, se... — Raja parou olhando para a filha e foi abrindo a boca aos poucos. — Você... não é mais...

— Não — sussurrou.

— Ai, filha, vem cá! — Raja a abraçou com força.

— Mãe, preciso respirar! — Ela tentou se afastar.

— Ai, minha virgem das meninas desvirginadas! — Raja a olhou sorrindo. — Minha filha já é uma mulher!

— Pensei que fosse quando fiz 18! — Amélia riu baixo com o tapinha que recebeu no braço.

— Você entendeu muito bem o que quis dizer, Amélia Rose. — Ela gemeu ao ouvir o nome composto e Raja riu. — Mas me fale, como foi?

Amélia começou a contar o que tinha acontecido e teve que entrar em detalhes que achava desnecessários, mas se não fizesse, sabia muito bem que ela iria vencê-la pelo cansaço. Depois de uma longa conversa, conseguiu convencer seus pais que iria ficar muito bem ali e caso precisasse de algo, ligaria para eles. Despediu-se deles, tomou um banho, colocou um antigo vestido desgastado que usava como camisola, pegou o livro que trouxera e se sentou na cama. Depois de uns 15 minutos, ouviu baterem à porta.

— Pode entrar — Amélia disse alto.

Ficou sem ar quando Magnus entrou no quarto. Ele a olhava enquanto trancava a porta. Foi em direção à mesa e pegou o porta-retratos que ela sempre levava. Era ela com o bisavô ao lago da reserva. Colocou-o no lugar e encostou o quadril na mesa que ficava em frente à cama, cruzou os braços e a olhou sério.

— Aquele sangue, era porque você está nos dias ou porque era virgem?
— perguntou com uma voz rouca e grave

— Eu... bem... O que queria que dissesse? Prazer, meu nome é Amélia e eu sou virgem — falou olhando para ele e engoliu em seco.

— Por isso nunca namorou?

— O quê?!

— Ou estava esperando um otário com dinheiro aparecer, se encantar, só porque era uma ninfeta virgem e então dar o bote?

— Do que você está falando?...

— Não se faz de sonsa, garota! — Mudou o tom de voz. — Acha que não sei que muitas do seu tipo se fazem de inocente e guardam a porra da virgindade, só para segurar um otário qualquer com dinheiro e depois aparecer falando que está grávida?

— Eu não sou esse tipo... — indignou-se.

— Ah, não? E por que aos 23 anos ainda era virgem, me fala? Escolha? Ou encontrar o amor da sua vida? — Ele a olhou e deu um sorriso de deboche.

— Vai embora! — ordenou baixo e tentando não chorar.

— Lágrimas não vão me convencer... Espero que tenha tomado a porra da pílula, pois não quero saber de você vindo atrás de mim falando que está grávida.

Ele desencostou da mesa e bateu com força a porta. Amélia tremeu, abaixou a cabeça e chorou. Ela tinha ido embora pela manhã justamente para evitar qualquer coisa que pudesse quebrá-la. No entanto, tudo tinha sido pior do que ela imaginava. Levantou-se e começou a guardar as suas coisas de qualquer jeito. Olhou para o relógio e viu que ainda dava tempo de pegar o último ônibus e voltar para casa. Pegou sua mochila e a pequena mala, olhando em volta para ver se não tinha esquecido nada e saiu mancando.

Na saída, percebeu que alguns alunos estavam mais à frente fazendo uma fogueira. Resolveu pegar um outro caminho para que ninguém a visse. Andou lentamente enquanto as lágrimas escorriam. Logo viu o ponto de ônibus. Respirou fundo e gemeu baixinho quando se sentou no banco.

— Que porra você está fazendo, garota?

Ela se assustou quando ouviu a voz de Magnus. Levantou a cabeça e o viu parado em sua frente, puxou um pouco a mala para seu peito, como um escudo.

— Não lhe interessa — respondeu baixo e virou o rosto. Bem ao fundo da estrada avistou os faróis do ônibus.

— Você está fugindo?

— Não, estou indo embora para a minha casa.

— No meio da noite? Sozinha? Com o pé machucado? Você tem problema e se eu fosse a porra um de um tarado pronto para te atacar? — disse furioso.

— Garanto que ele seria mais educado e gentil que você — atacou, e viu a expressão dele ficar ainda mais furiosa. — Afinal, o que você quer? Já não deixou claro lá dormitório que não quer contato algum comigo, agora vem atrás fingindo preocupação? — Ela se levantou furiosa e o encarou de frente. — Só pode ser Alzheimer, devido ao fato de que você é velho.

— Mas você gemia que nem louca no pau do velho — disse ele, aproximando-se.

— É porque não apareceu coisa melhor — zombou, ficando a alguns centímetros dele.

— E nem vai aparecer — declarou puxando-a pela a cintura e a beijando com força. Ele a pegou pela bunda, enroscou as pernas em torno dele e se sentou no ponto de ônibus. — Quero te propor um acordo.

— Qual? — perguntou, desconfiada.

— Quero poder te foder todos os dias depois do seu trabalho na fundação — disse mordendo seu pescoço.

— Por quê? — Ela se afastou um pouco e o olhou.

— Porque, por incrível que pareça, eu quero te conhecer melhor e poder sentir meu pau sendo engolindo por essa boceta apertada e gostosa que você tem.

Aquilo seria um sonho de princesa, mas ela não era uma. Engoliu em seco. Era melhor cortar o mal pela raiz.

— Não! — respondeu saindo de cima dele.

— O quê?! — perguntou, confuso.

— O que foi, nunca lhe disseram não? — ironizou.

— Mulher alguma me disse não.

— Rá, mas não sou mulher. Do que me chamou mesmo?... Ah, sim, ninfeta. — Ela o olhou nos olhos. — A ninfeta aqui diz não, procure as que vivem lhe agradando.

Ela se virou com raiva e olhou na direção dos portões da reserva e o ônibus se aproximava. Pegou a mala e sua mochila.

— Me desculpa — ele disse com a voz grave.

— O quê? — Ela se virou.

— Me desculpa pelo modo como a tratei. — Aproximou-se dela. — Nenhuma mulher ou ninfeta deve ouvir aquelas coisas.

— Tanto faz, você já disse — rebateu ela.

— Sim, e eu quero me redimir daquelas asneiras que lhe falei, se puder, por favor, me acompanhar até seu dormitório, explicarei melhor o acordo.

— E se eu não quiser mais te ver? — perguntou olhando em seus olhos.

Ele tocou em seu rosto, e ela sentiu um arrepio por seu corpo. Engoliu em seco quando ele se abaixou e aproximou sua boca.

— Me deixa ter uma última noite com a ninfeta que me disse não? —

Ela respirou com dificuldade, passou a língua pelos lábios que estavam secos e ouviu um gemido. — Não faz isso, porque a única coisa que não fiz foi foder essa boquinha... — Encostou os lábios nos dela e passou a ponta da língua. — Que está me tentando nesse momento.

Ele a tomou com força. Amélia deixou a mala cair junto com a mochila e se agarrou a ele, gemendo quando as duas línguas travaram uma batalha. Perdeu o fôlego quando ele se esfregou nela e pode sentir seu pau duro.

— Me deixa te foder mais uma vez — pediu com voz grave e rouca.

— Hunrum — ronronou.

— Não vai se arrepender.— Ele se abaixou e pegou a mala e sua mochila. Quando ela ia dar o primeiro passo, ele a pegou no colo. — Não abusa — disse ele, carinhoso.

Chegaram ao dormitório e ele a deixou sobre a cama, andou em direção à porta e a trancou. Virou-se para ela, tirou a bota que usava e logo depois foi a camiseta. Ela se levantou e ia fazer a mesma coisa quando ele se aproximou e a puxou para perto dele.

— Quero te perguntar uma coisa — disse dando uma mordida em seu queixo

— O quê? — Ela o olhou.

— Você já fez oral alguma vez? — Ela piscou várias vezes e tentou responder, mas parecia um peixinho dourado, apenas abria e fechava a boca. — Então hoje será sua primeira vez... — sussurrou e a beijou com força. Magnus se sentou na cama.— Se ajoelha — ordenou com os olhos cheios de luxúria.

Ela engoliu em seco, olhou-o por um momento e fez o que ele pediu. E se viu no meio das pernas dele, que sorriu e a puxou pela nuca, beijando-a forte. A mão dele se esgueirou para dentro da calça dela, fazendo-a gemer.

— Nem começou e já está molhada para mim... — Ele a olhou nos olhos. — Você vai ser a minha perdição, garota!

Ele se levantou, abriu o botão da calça jeans, desceu o zíper e abaixou a calça junto com a cueca na sua frente. Amélia segurou o ar ao ver o pau dele tão perto de seu rosto, lambeu os lábios e engoliu em seco.

— Toque-o — ordenou ao se sentar.

Ela abaixou os olhos e com cuidado tocou em seu pau e se surpreendeu ao senti-lo em suas mãos, passou a língua pelos lábios que estavam secos, e se assustou quando sentiu a mão dele sobre a sua, mostrando o que fazer. Enquanto o massageava, percebeu novamente o líquido na ponta do pau e sem pensar duas vezes, passou lentamente a ponta da língua e o lambeu.

— Caralho! — Magnus sibilou. Ela sentiu o gosto salgado, mas levemente adocicado. Segurou-o pela base enquanto o lambia por inteiro. — Abra a boca.

Ela o olhou por um momento, em dúvida, mas fez o que ele pediu. Ele segurou em seus cabelos enquanto colocava o pau em sua boca, ela arregalou os olhos.

— Não se preocupe, não tentarei muito por hoje... Apenas por hoje. — Quando sentiu que ela se engasgaria, ele o retirou e voltou a colocar novamente. — Vai ser difícil me manter afastado dessa boca gulosa — gemeu baixo.

Ela o olhou e sorriu enquanto o chupava, ele se inclinou um pouco para a frente e deu leve belisco em seu seio direito. Desceu a outra mão, e Amélia gemeu ao senti-lo colocar dois dedos dentro dela enquanto massageava seu clitóris. Assustou-se quando ele a puxou pelo cabelo e a beijou. Magnus a puxou pela cintura e a colocou sobre ele. Geceram quando ele entrou com força.

— Ai... Ah, meu Deus!...

Amélia se agarrou a ele para não cair, e gemeu ao sentir a língua dele brincando com seu mamilo. Inclinou-se um pouco para trás, para lhe dar espaço, fechou os olhos e se entregou, rebolou sem vergonha alguma nele.

— Caralho, garota... — rosnou enquanto chupava um dos seios e beliscava o outro.

— Magnus... eu vou...

— Não, não vai. — Ele a levantou pela cintura e ela choramingou quando ele saiu de dentro dela. Colocou-a sobre a cama e se deitou no meio de suas pernas. — Agora sim você vai gozar.

Ele a chupava com força enquanto estocava em seu sexo com dois dedos. Ela, não aguentando mais, gritou ao sentir o gozo vir com força, sentindo espasmos por todo corpo. Gemeu ao sentir um tapa em seu sexo. Magnus se posicionou e investiu com força.

— Porra, que delícia... Além de melada, está mais apertada. — Ele a beijou enquanto estocava cada vez mais rápido. Ela arranhou suas costas e gemeu baixo.

— Eu não aguento... Ahhhh.

Ele sorriu ao vê-la gemer novamente e logo foi sua vez.

Estavam deitados, Amélia estava com a cabeça no peito dele e fazia um carinho leve em seu peito. Ela o ouviu rir, levantou a cabeça e o olhou.

— Primeira vez que faço algo no chalé da reserva — disse ele, tocando em seu rosto.

— Sério?

— Sim, e preciso dizer que foi interessante. — Ele se virou sobre ela e mordeu seu seio. — Irá aceitar a minha proposta?

— Não.

— O que tenho que fazer para você aceitar? — perguntou ficando

totalmente por cima dela.

— As coisas que me disse... — ela começou baixinho.

— Eu sei, fui um tremendo de um filho da puta. — Ele tocou em seu rosto. — Mas aceita, por favor, você escolhe quando tudo irá acabar.

— Mas onde ire...

— Na cabana. — Ele lambeu seu lábio inferior.

— Eu não sei chegar...

— Deixarei marcações.



Já fazia uma semana que se encontrava com Magnus. Sorriu ao se lembrar quando tinha visto uma fita vermelha amarrada em uma árvore, era assim que as antigas famílias marcavam os caminhos para as novas residências, seguiu as fitas e sorriu ao chegar à cabana.

— Pimenta.

Foi tirada do devaneio. Olhou para a porta da fundação e viu um moreno alto, de olhos verdes, corpo de fazer inveja a vários homens... *Menos em um, claro*, ela sorriu ao se lembrar.

— André?! — Abraçou o primo mais velho, mas o tinha como um irmão. — O que faz aqui?

— Vim te ver — disse sorrindo —, ou não posso? — Cruzou os braços.

— Claro que pode — respondeu sorrindo para o primo.

— E então, está gostando? — perguntou tocando em seu rosto com carinho.

— Sim. Na verdade, eu estou amando.

— Imagino. Você sempre gostou dessas coisas.

— E você, o que está fazendo aqui? Pensei que estivesse trabalhando de segurança para um ricoço — apontou.

— Na verdade, estou trabalhando para um ex-companheiro militar. E ele também é um ricoço — comentou, rindo.

— Ah, sim. Vocês serviram quanto tempos juntos?

— Quase oito. Mas já o conhecia, estudamos juntos. — Ouviram o celular do primo apitando, ele o pegou. — Bem, vou indo, se cuida — avisou dando um beijo nela.

Despediu-se do primo e voltou à sua mesa, estava adiantado seu trabalho, pois iria sair mais cedo e esperava uma resposta de Magnus.

Estava terminando de catalogar os livros, quando ouviu seu celular vibrar.

“Tudo bem, a porta já estará aberta.

M.L”

Ela sorriu para o celular e não percebeu Susan parada à sua frente, observando-a.

— Amélia? — chamou Susan.

— Ah, oi. Desculpa — Amélia disse envergonhada.

— Namorado? — Susan perguntou apontando para o celular.

Até Amélia queria saber aquilo.

— Complicado. A senhora quer alguma coisa?

— Primeiro, já disse que me chame apenas de Susan. E, não. Só vim lhe dizer que já pode ir, querida — disse Susan, sorrindo para ela.

— Ah, sim. Tudo bem então.

Amélia desligou o computador, pegou sua mochila e saiu da fundação. Olhou para os lados e foi em direção à cabana. Quando estava chegando, viu Tom saindo de dentro da cabana, ele a viu e sorriu para ela.

— Pode entrar. Magnus pediu que abrisse para a senhorita.

— Ok. Obrigada — disse, retribuindo o sorriso.

Entrou, colocou a mochila no lugar de sempre, atrás da porta. Olhou para a porta que havia perto da cozinha, andou até ela, abriu-a com cuidado e ficou impressionada, havia uma academia ali. Fechou a porta, pegou o celular do bolso da calça e deixou tocando algumas músicas. Pegou seu caderno de desenho, sentou-se no sofá e tirou o tênis. Folheou o caderno e se preparou para desenhar, mas a porta foi aberta e Magnus entrou, olhou-a e sorriu. Ela imediatamente colocou o caderno de lado ao vê-lo se aproximar. Ele se deitou sobre ela e a beijou. Magnus a ajeitou no sofá, com a cabeça apoiada no peito dele. A música “Iris”, de Goo Goo Dolls, começou a tocar. Amélia se encolheu um pouco, e prestou atenção na letra.

“Eu desistira da eternidade para te tocar

Porque eu sei que você me sente de alguma forma”

Deu um leve beijo em seu peito e se ajeitou melhor perto dele, colocando a perna sobre ele.

“Você é o mais próximo do céu que eu jamais serei

E eu não quero ir para casa agora.”

Sentiu um leve aperto em sua coxa e sorriu timidamente, ele deu um beijo em seus cabelos.

— Finalmente vou poder ter um dia inteiro com você — comentou ele, sério. Ela levantou a cabeça e sorriu. Magnus tocou em seu rosto e a beijou.

— Vamos para a cama, esse sofá está me matando — resmungou.

— Para mim, ele é perfeito... é quase uma cama — comentou ela, segurando o riso.

— O bom de ser pequena é isso. Tudo fica grande — ironizou.

— Ei, eu sou compacta — retrucou ela, rindo.

Ele a beijou, rindo.

Subiram para o quarto. Ele se sentou na cama e a puxou para o seu colo. O sol que batia na janela do quarto deixava os cabelos de Amélia um pouco avermelhados. Magnus tocou em seu rosto.

— Vendo assim... Você me lembra uma ninfa. — Ela sorriu e baixou o rosto, envergonhada. — Mas é uma ninfa muito tímida, por sinal.

— Para — disse, ficando vermelha de vergonha.

— Transa gostosamente comigo... — Ele deu um leve belisco em seu seio. — E fica com vergonha por chamá-la de ninfa? Não entendo — provocou, beijando seu pescoço.

— Magnus... — gemeu ao sentir os lábios dele.

— Diga, minha Ninfa.

— Eu não sou uma ninfa — disse ela, revirando os olhos. Ficaram se encarando por um instante, e ela pôde perceber que ele a olhava de um jeito diferente. — O que foi? — perguntou envergonhada.

— Nada... — respondeu. — Pensei ter visto algo.

— O quê?

— Acho que um par de asas — disse sorrindo.

— Ninfa não tem asas. Isso é fada.

— Hmmm, então admite que é uma ninfa! — Roubou um beijo. — Está com calor, Ninfa?

— Um pouco.

Ele a tirou de seu colo e foi em direção ao banheiro, e voltou com uma toalha enrolada na cintura e lhe entregou outra. Ela o olhou sem entender.

— Se enrole. Vamos nadar no rio.

— Tudo bem. — Ela se enrolou e foi atrás dele.

Foram em direção ao rio que passava atrás da cabana. Ele tirou a toalha, entrou no rio e mergulhou. Amélia tirou a toalha e entrou devagar. A água gelada fez com que sua pele se arrepiasse. Entrou mais um pouco e

parou quando a água atingiu a altura de seus seios. Ela apenas ficou olhando-o quando ele surgiu e sorriu para ela. Ele se aproximou um pouco mais.

— Vem. — Ele esticou a mão para ela.

— Eu... não sei nadar — confessou, envergonhada.

Ele a olhou e viu novamente aquela expressão de curiosidade em seu rosto. Magnus se aproximou, abraçou sua cintura e a puxou. Ela soltou um gritinho, agarrando-se a ele, que riu baixo.

— Não vou te soltar, eu prometo — afirmou, olhando em seus olhos.

Ele pegou suas pernas e as colocou em volta de sua cintura. Ela se ajeitou melhor e ficou de frente para ele, e o beijou. Magnus sorriu e retribuiu o beijo carinhosamente.

— O que você está fazendo comigo, Ninfa?

Ela riu baixinho e entrou na brincadeira.

— Te seduzindo.

— E está conseguindo perfeitamente. — Ele riu, tocando em seu rosto.

Amélia ouviu passos e se encolheu, apoiando o rosto em seu pescoço, ele andou um pouco mais para o fundo, para esconder seu corpo.

— O que quer? — perguntou, sério.

— Você tem um compromisso, lembra?

— Desmarque tudo hoje. E não apareça mais assim.

— Tudo bem.

O segurança se afastou e ouviram uma risada abafada ao longe.

— Tudo bem, ele já foi. — Deu um beijo em seus cabelos. — Vamos sair.

Ele foi andando em direção à margem com ela, e quando deu pé, ela se soltou de Magnus e foi andando até a toalha. Enrolou-se nela, torceu o cabelo um pouco e entraram na cabana.

— Você me empresta uma camiseta?

— Claro, Ninfa. — Entregou uma regata para ela.

Ela a vestiu e a camiseta batia no meio de suas coxas. Desceram para a sala e Amélia foi ver se tinha alguma chamada perdida, estava de costas e Magnus deu um pequeno belisco em sua bunda.

— Ei! — resmungou rindo e o olhou indo em direção à cozinha.

— Está com fome?

— Muita.

Magnus preparou um lanche para os dois. Sentaram-se lado a lado para comer.

— Você malha? — perguntou ele, tomando um gole da cerveja.

— Por quê? — Ela o olhou.

— Seu físico. — Ele tocou em sua coxa. — Suas pernas são bem torneadas, você se sente corretamente.

— Ah, eu dancei até os quinze anos. — Ela deu uma mordida no sanduíche. — Mas parei, e fiquei apenas na academia mesmo.

— Por quê? Se lesionou? — perguntou se levantando, indo em direção à bancada e fazendo outro sanduíche.

— Não, eu fazia por obrigação e não por amor — justificou, encostando-se na banquetta.

— Por obrigação? Nessa idade é muito difícil de se acatar alguma ordem. — Ele se sentou novamente, pegou seu pé e o massageou.

— Não da família que venho... Entenda, eu sou a caçula de dez bisnetos, então nem sempre tive voz ativa. Por mais que eu bata de frente, sou uma voz vencida dentro da minha família e foi assim com a dança, eu fazia para poder ter direito a fazer algo de minha escolha.

— E o que dançava? — perguntou pegando o outro pé para massagear.

— Deus, isso é bom demais! — Ela gemeu baixo. — Fazia ballet desde os três anos e nunca gostei. Claro que não posso reclamar, pois me ajudou

com a postura, como você mesmo disse, com o corpo. Às vezes, quando realmente estou sem nada para fazer, faço alguns passos.

— Passa a noite aqui? — pediu com carinho e a beijou.

— Vou conversar com meus pais — avisou se levantando e pegou o celular.

— Você sabe que é maior de idade, certo? — zombou, rindo.

— Não quando se é filha única. — Olhou-o sorrindo. — Oi, mãe. Só estou ligando para avisar que vou dormir na casa... — Parou e não podia falar o nome que inventara. — Daquela pessoa. — Magnus a olhou com interesse. — Não se preocupa... — Ficou um pouco envergonhada quando ouviu sua mãe falando sobre usar preservativo. — Ok. Beijos. Também te amo, mãe. — Ela desligou o celular. — Pronto. O que ganho dormindo aqui hoje? — provocou.

— O que quer ganhar? — Ele se aproximou, tocou em sua coxa e logo subiu a mão, fazendo-a gemer baixinho.

Amélia estava deitada quando sentiu Magnus dando leves beijos em suas costas. Ela sorriu quando ele a virou de frente e a beijou com carinho.

— O que quer ganhar, Ninfa? — perguntou enquanto beijava sua barriga.

— Eu estava brincando.

— Diga.

— Chocolate? — disse ela, olhando-o com vergonha.

— Qual tipo? — Tocou em seu rosto.

— Chocolate é chocolate, não importa se é branco, meio amargo — argumentou ela e ele riu alto.

— Espera um minuto. — Ele se levantou e pegou o celular dele.

Ela pegou a camisa dele e foi em direção ao banheiro, ligou o chuveiro

e entrou embaixo d'água. Amélia estava de olhos fechados quando sentiu uma mão em sua cintura. Ela se virou e sorriu para ele. Magnus a olhava com uma intensidade que ela não entendia.

— Por que me olha assim tem horas? Tem algo no meu rosto?

— Não. É que seus olhos são impressionantes — disse tocando em seu rosto.

Após tomarem banho juntos, foram para a sala. Ela se sentou no sofá e ligou a televisão. Zapeou entre os canais e sorriu ao ver o final de “Um amor para recordar”.

— Você está chorando? — perguntou ele ao se aproximar, rindo.

— Sim, estou. E toda vez que assisto eu choro. Sou movida por filmes, livros, histórias, tudo que envolva o bom e velho clichê eu sou apaixonada.

Ele a analisou por um tempo e logo sorriu, balançando a cabeça. Ela mudou de canal e viu que começaria Star Wars, não era aquele tipo de fã que usa roupa e coisa do tipo, mas gostava bastante.

— Gosta? — perguntou ele, apontando para a TV.

— Bastante. E você?

— Não muito, mas assisto. — Ele se ajeitou melhor no sofá e a puxou para perto.

— Não gosta desse tipo de filme? — questionou ela, curiosa.

— Não de Star Wars...

— Como assim? — Ela o olhou sem acreditar. — Quem não queria ser um jovem padawan, com aquela trancinha?

— Eu! — respondeu ele, sério.

— Ok, vejo que você é como meus primos... Comandos em ação...

— Também assisto.

Ela se virou e o olhou por momento.

— Pelo modo como falou de Star Wars, poderia jurar que você é

Trekkie.

— Trekker — corrigiu-a.

Amélia sentiu a boca se abrir e o olhou sem acreditar, jamais em sua vida diria que ele seria um nerd escondido.

— Ah, meu Deus, você...

— Sim, qual o problema? — perguntou, rindo.

— Nenhum, mas jamais achei que você curtisse isso.

— Isso não, Star Trek.

— Ok, desculpa. — Ela segurou um riso e se encostou nele.

Divertiram-se bastante. Ele explicou algumas coisas sobre Star Trek que ela não sabia. Em um momento, iniciaram uma pequena guerra de pipoca, ela foi tentar correr dele, mas ele a pegou rapidamente e a beijou, rindo.

Sentiu o corpo pesado, abriu os olhos e se viu na sala das rosas, engoliu em seco, tentou falar algo, mas sentiu a mão em seu pescoço, apertando-o com força, fazendo-a quase perder o ar. Sentiu o encontro do corpo à parede, tentou gritar, mas estava sufocada, o enjoo subindo ao sentir o cheiro do perfume. Pelo canto dos olhos o viu sorrindo.

— Olá, pequena Amélia, sabe o quanto estava com saudades?

Gemeu ao sentir a dor novamente, e chorou baixo, tentou se debater, mas ele a prensava contra as rosas à sua frente. Olhou para as rosas vermelhas e sentiu os espinhos machucando seu rosto.

Acordou assustada, sentando-se na cama em um rompante. Fechou os olhos com força, respirou fundo e tentou acalmar seu coração, que batia loucamente. Levantou-se e foi em direção ao banheiro. Olhou-se no espelho e balançou a cabeça. Não entendia por que sonhar novamente com aquilo. Jogou uma água no rosto e voltou para a cama. Magnus ainda dormia e ficou

velando o seu sono. Tocou em seu rosto com a ponta dos dedos, ele franziu levemente as sobrancelhas e logo abriu os olhos. Sorriu para ela enquanto a puxava para mais perto.

A cada dia que o conhecia, mais se apaixonava, e não estava preparada para quando o acordo chegasse ao fim. Colocou aquele pensamento no fundo da mente junto com aquele maldito sonho, pois só queria aproveitar aquele momento ali nos braços dele. Gemeu quando ele puxou seu cabelo e a beijou. Amélia o abraçou, enroscou a mão nos cabelos desalinhados dele, desceu a outra mão, arranhando-o levemente. Magnus se colocou entre suas pernas e a penetrou.

No sábado, logo pela manhã, Amélia sorriu quando a amiga chegou dizendo que iria passar o dia com ela. Aproveitaram para se arrumar para a festa de André, que ia ser na casa de seus tios.

— E aí, como estão as coisas com Magnus? — Lisl perguntou se sentando na cama.

— Bem — limitou-se a dizer.

Ela pegou dois vestidos e os mostrou para a amiga. Lisl apontou para o vestido azul escuro curto, com manga meia-estação, tinha um decote que realçava seus seios e se ajustava em seus quadris.

— Eu não gostei muito desse seu “bem”. O que ele fez?

— Ele não fez nada, é que fico pensando como vou ficar quando ele se cansar desse acordo. — Ela se sentou de frente para a amiga em sua cama.

— Se apaixonou mais? — Lisl pegou em sua mão.

— Ele está impregnado no meu sistema, Lisl.

— Vamos fazer assim, não pensa nisso agora, ok? Vamos curtir a festa e quando chegar a hora, eu vou sentar aqui e deixar você me sujar toda com suas lágrimas e ranhos, porque amiga é para isso. E depois iremos nos entupir

de chocolate.

— Você não existe.

Abraçou a amiga e terminaram de se arrumar.

Quando chegaram à casa dos tios, foram direto para a parte dos fundos. Alguns primos já tinham chegado, e ela e Lislá ficaram sentadas em um banco, conversando com as namoradas deles.

— Lia, levanta a cabeça bem devagar e olha quem chegou — sussurrou Lislá em seu ouvido.

Ela fez o que amiga disse e seu corpo gelou por inteiro. Magnus ria de algo que seu primo dizia e, para foder de vez, usava roupas normais. Ele já ficava gostoso com o terno, mas usando apenas uma calça jeans e uma camiseta preta era demais para ela. Quando seus olhares se cruzaram, ele a olhou por um tempo e franziu as sobrancelhas, no mesmo instante, seu corpo se arrepiou por inteiro e ele voltou a conversar com seus primos mais velhos.

— O que ele está fazendo aqui? — Lislá a olhou.

— Eu não sei... Eu nem sabia que ele conhecia meus primos — disse baixinho.

— Pimenta. — Ela virou o rosto e engoliu em seco. André se aproximava junto com Magnus. — Magnus, essa é a minha namorada, Lisandra. — Lislá se levantou e trocaram um aperto de mão rápido. — E essa é a Pimenta que tanto falo — André disse sorrindo.

Ela se levantou, segurou em sua mão e trocaram dois beijos, um em cada lado do rosto.

— Pimenta, esse é o Magnus, é com ele que trabalho.

— Ah, sim... então ele... — ela começou a dizer.

— Sim, ele quem serviu comigo e atualmente é meu chefe.

Ela sorriu para eles, que logo se afastaram. Os dois ficaram conversando, Magnus sentou-se em uma cadeira com um copo de cerveja na

mão, e às vezes olhava para ela.

— Você sabia disso? — Amélia olhou assustada para a amiga.

— Não! — Lislá se defendeu. — Nunca perguntei para quem seu primo trabalha, você sabe muito bem que nem gosto de saber que ele tem arma dentro do apartamento.

— Eu estou fodida. — Amélia gemeu baixo.

— Sim e de todas as formas — Lislá zombou dando um gole na bebida.

— O que vai fazer?

— Nem imagino — declarou Amélia, quase sem voz, ao ver a encrenca em que estava. Tentava colocar as ideias em ordem quando ouviu:

— Pimenta, seu namorado chegou — Igor gritou, rindo.

Amélia olhou para o primo e olhou para Fernando. Seu ex.

— Agora se fodeu mais — murmurou Lislá.

— Oi, pequena — Fernando cumprimentou abraçando-a com carinho.

Deu um beijo no canto de sua boca.

Lislá olhou para Magnus, que observava a cena de modo mortal.

— Lia, vou ao banheiro e já volto — Lislá disse se levantando.

— Sei. — Ela olhou para a amiga, que apenas sorriu. Virou-se para Fernando, que a olhava. — O que foi?

— Você está diferente — disse, analisando-a por um tempo.

— Claro que estou, faz quase quatro anos que não nos vemos — comentou.

— Me dá aqui... — Fernando disse pegando seu copo. — Vou pegar mais refrigerante para você.

Ela sorriu para ele e ficou pensando o que iria fazer. Ao olhar ao redor, uma cena chamou sua atenção, Magnus havia mudado de lugar e estava sentado em um banco do lado esquerdo do pátio, e Rafaela, amiga de Alice, mulher do seu primo Fábio, estava sentada em seu colo. Ela falou algo em

seu ouvido, ele sorriu e colocou a mão sobre a coxa dela.

— Liga não... — Fernando disse ao lhe entregar o refrigerante. — Isso sempre acontece.

— O quê? — perguntou sem entender.

— Magnus sempre faz isso... Sempre transa com alguém na festa.

Viu quando o casal se levantou e entrou na casa. Lislá se aproximou com uma cara nada boa.

— O que houve? — perguntou para a amiga.

— Nada — Lislá respondeu rápido.

Amélia sabia perfeitamente que ela mentia.

— O que aconteceu? — insistiu, baixinho, puxando-a para um canto.

— Como posso dizer... — Lislá a olhou e engoliu em seco. — André descobriu que você está saindo com...

— Porra, Lislá! — Amélia a olhou seriamente.

— Ele não sabe que é o Magnus, tá legal!? — Lislá a olhou pedindo desculpas. Amélia fechou os olhos com força.

— Cadê o Magnus? — Lislá perguntou olhando em volta.

— Com a Rafaela — Amélia disse baixinho e com desgosto.

— Sinto muito!

Tudo bem que eles não eram namorados ou coisa do tipo, para falar a verdade, nem ela sabia o que eles tinham. Mesmo assim, aquilo a incomodou um pouco. Sentiu um cutucão de Lislá, a amiga fez sinal com a cabeça para que ela olhasse. Rafaela arrumava o vestido, Magnus vinha atrás conversando com seu primo Fábio. Ele olhou em sua direção e ela desviou o olhar, olhando para o copo de refrigerante que segurava.

Havia dois dias que não se encontravam por conta de uma viagem que ele tivera que fazer. Na segunda, completaria um mês que se encontravam escondido e não sabia se ele iria ou não querer assumi-la. Se bem que, depois

daquela cena, já estava ficando bem clara qual era a intenção dele. Então seria melhor decretar o fim daquele acordo.

A festa continuou, e Amélia evitava a todo custo olhar na direção de Magnus. Em um momento, foi para cozinha pegar algo para comer. Seu corpo se arrepiou ao sentir uma mão em sua coxa direita, e outra em sua cintura.

— Me encontra lá cima... — Magnus sussurrou, virando-a para olhar em seus olhos.

— Não! — disse séria, tentando se afastar, mas ele a puxou de encontro ao seu corpo.

— Eu quero conversar com você... — Ele tocou em seu rosto. — Eu não transei com ela, se é isso que está pensando. — Ela engoliu em seco. — Me encontre lá em cima, Nífa — sussurrou em seu ouvido e deu uma leve mordida em sua orelha.

Ele a puxou um pouco mais, esfregando a ereção em seu ventre e apertando a sua bunda. Amélia o olhou assustada e excitada ao mesmo tempo, ele deu um leve beijo em seus lábios, afastou-se e subiu na frente.

— Merda! — praguejou ela, baixinho.

Ela odiava não ter controle do seu corpo e muito menos do seu coração. Aquilo era ridículo... Criou coragem e iria apenas encontrá-lo para acabar logo com aquilo. Quando subiu o último degrau, foi puxada com força, bateu as costas na parede e Magnus a beijou com força. Ela não queria aquilo, mas não conseguiu resistir. Ele a pegou pela bunda, enroscou as pernas dela em sua cintura. Entrou em um quarto, fechou a porta e caíram sobre a cama.

— Magnus... não... — Ela tentou falar.

Ele parou, olhou para ela, apoiando-se no cotovelo e encostou o rosto no dela.

— Por que eu transaria com ela se estou com você? — perguntou

dando uma leve mordida em seu queixo.

— Mas ela ficou sentada no seu colo... — reclamou baixinho e gemeu quando ele mordeu seu pescoço.

— Sim, ficou... — Ele pegou em sua mão e a colocou sobre seu pau extremamente duro. — Mas foi por causa desse maldito vestido que fiquei assim...

— E quem me garante que não foi por causa de ela estar em seu colo com um vestido curto?

Ela ia se levantar quando ele a impediu colocando o corpo dele sobre o dela.

— Minha palavra não vale nada? — questionou olhando em seus olhos. Ela não respondeu. — Afinal, com quem estou deitado na cama, com o pau duro, querendo foder, em plena festa do primo explosivo?

Ela balançou a cabeça e o olhou por um momento. Magnus a beijou. E Amélia se entregou. Colocou a mão sobre a calça jeans que ele usava e apertou seu pau com força. Ele gemeu baixo, abriu o zíper e o colocou para fora, fechando os olhos. Ela empurrou seu peito e o montou. Ele sorriu com a atitude dela, e tirou um preservativo do bolso da calça, mordendo o lábio inferior.

— Faz do jeito que só você sabe — pediu baixinho.

Ela sorriu, abriu o preservativo e o desenrolou com a boca no pau dele e voltou a montá-lo. Colocou a calcinha de lado, e o ajeitou na entrada de seu sexo, desceu lentamente e gemeu ao senti-lo todo dentro dela. Magnus puxou seus cabelos e a beijou, sentando-se na ponta da cama, investindo com força.

O que eles não sabiam era que quando Amélia tinha ido para a cozinha, Fernando a seguira para falar com ela, e viu Magnus a abraçando por trás. Ali, por uma fresta, Fernando observava os dois.

— Ahh!...

— Shhh, não quero que ninguém ouça — alertou ele, beijando seu pescoço.

— Fica difícil com você fazendo desse jeito. — Ele sorriu e a beijou mais uma vez.

Quando finalmente gozaram, ele ficou deitado ao seu lado.

— Você pode dormir hoje comigo? — perguntou enquanto fazia carinho em seu rosto.

— Sim — respondeu ela, sorrindo.

Amélia se levantou e começou a se arrumar. Magnus tirou o preservativo e o jogou no lixo do banheiro que tinha quarto.

— Quando sair, me espera na frente da biblioteca, pode ser? — ele perguntou se aproximando.

— Pode.

— Você acredita em mim? — perguntou tocando em seu rosto.

— Sim — suspirou ela.

Eles se olharam por um momento e se beijaram com carinho, sorriram um para outro. Ele saiu na frente e logo ela foi atrás. Quando Amélia chegou à cozinha, Juliana, namorada de seu primo Iago, conversava com Rafaela.

— É sério, Magnus nunca foi de negar... tem algo de errado — reclamou Rafaela.

— Vai ver ele não estava a fim — Juliana ponderou, dando um gole na bebida.

— Ele estava a fim, sim... Eu senti... eu o senti duro, Ju. Mas quando ficamos sozinho aqui na cozinha, e fui tocar nele... ele simplesmente me rejeitou.

— Eu pensei que vocês tivessem...

— Não... Eu ergui o vestido para facilitar do jeito que ele gosta e... nada.

Elas ficaram em silêncio por um tempo, Amélia segurou um riso. Rafaela saiu da cozinha e Juliana a viu.

— Onde você estava, Pimenta?

— Eu estava no banheiro do quarto de hóspede, ou acha mesmo que eu usaria o mesmo que os rapazes? — justificou e saiu para o quintal.

Quando anoiteceu, todos resolveram ficar na sala. Amélia foi se sentar ao lado da amiga e Magnus estava sentado em frente a ela. Rafaela, claro, sentou-se ao lado e colocou a mão sobre a coxa dele. Magnus a olhou e retirou sua mão. A moça o olhou sem entender nada, enquanto Amélia segurava o riso.

— Gasparzinha, agora que vi que você está na festa — Rafaela disse, rindo.

Amélia nunca havia entendido como a Alice se dava com uma pessoa tipo a Rafaela. Ela era esnobe para cacete e se achava a última gostosa do mundo. Claro que tinha o fato de ela ser loira, olhos azuis, corpo de modelo da Victoria's Secret, mas ainda assim era chata para porra.

— Gasparzinha? — perguntou Magnus, confuso.

— Não viu como ela é branca? — ironizou Rafaela, rindo.

— Acho um tom de pele muito bonito. Melhor que muitos tons alaranjados por aí.

Quando ele terminou dizer aquilo, Rafaela o olhou incrédula.

— Sério, mesmo?

— O que foi, Rafaela? — Alice, mulher de Fábio, perguntou.

— Magnus disse que acha bonito o tom de pele da Gasparzinha.

— Eu também acho — Alice concordou, sorrindo para Amélia. — É um tom delicado, e isso a deixa com cara de princesa.

Amélia ficou incomodada por ser o assunto da conversa e abaixou a

cabeça.

— Pequena, já vou indo — disse Fernando, aproximando-se.

— Mas já? Ainda é cedo — falou Amélia, olhando-o com carinho.

— Qualquer hora a gente marca para se encontrar, pode ser? —

Fernando tocou em seu rosto.

— Cuidado, Fernando, ela está namorando — André o provocou. Ela engoliu em seco ao ouvir aquilo.

— Mas ainda assim tento a sorte — concluiu dando um beijo em seus lábios.

— Ué, os dois voltaram? — Alice perguntou sem entender.

— Não, ele só foi abusado demais — reclamou Amélia, olhando séria para Fernando, que sorria.

Ela sentiu o olhar de Magnus sobre eles. Nilo entrou na sala com duas garrafas nas mãos e as colocou sobre a mesa.

— Opa — gritou Alice, rindo.

— Pimenta, seguinte... — Nilo a olhou seriamente. — Sempre fazemos verdade ou cachaça. A ponta da garrafa escolhe quem faz a pergunta. A pessoa roda e vai mostrar quem irá responder. Você tem duas escolhas, responde ou bebe.

— Certo — ela disse, rindo.

— É hoje que deixamos a Pimenta bêbada — disse Júlio, mais conhecido por JN, empolgado.

Arrumaram melhor os lugares, e começou a brincadeira. Rodaram a garrafa, e o primeiro a responder foi justamente Fábio.

— Você trepou ou não com a Duda? — perguntou Alice.

— Agora fodeu. — André riu alto. — Vai, irmãozinho, responde.

— De todo jeito ele está fodido — comentou Amélia, rindo.

— Trepei — respondeu Fábio, olhando para a esposa.

— Gente, que mau gosto — comentou Alice, fazendo uma careta.

Todos riram. Alice rodou a garrafa e caiu em Juliana, namorada de Iago. Juliana rodou e caiu em Amélia, que apenas olhou para moça e sabia que iria vir merda.

— Por que não assume que ficou bêbada pra caralho em seu aniversário de quinze anos? — perguntou rindo e os primos a acompanharam.

Ela apenas olhou para a garota e sentiu a mão de Lislá na sua, acalmando-a. Se eles soubessem a verdade, jamais ficariam assim.

— Cachaça — rosnou baixo e bebeu com raiva, sentindo o olhar de Magnus sobre ela.

Juliana rodou a garrafa e caiu em Lislá. Ela se animou e rodou a garrafa, que parou apontada para Magnus. Ele olhou para a moça que o encarava.

— Trepou ou não na festa?

— Caralho, suspende a cerveja da Lislá — JN disse rindo alto.

— Direta, hein. — Igor começou a rir.

— Por que o interesse? — André a olhou desconfiado.

— Ele sai com uma amiga — Lislá se justificou. Amélia engoliu em seco. — E então, quero a minha resposta.

— Qual delas? — André olhou confuso para a namorada.

— Trepei — respondeu Magnus.

Lislá semicerrou os olhos, intercalando o olhar entre Rafaela e ele. Esticou o braço para pegar a garrafa, mas foi contida por Amélia, que fez sinal com a cabeça.

— O que está acontecendo? — André olhou seriamente para Lislá e para a prima. — Pimenta, você sabe quem é a garota?

— Conheço só de vista — disfarçou.

Amélia deu um beliscão escondido na mão da amiga, que a olhou por

um momento. Lislá se acalmou e rodou a garrafa que caiu em Magnus. Ele rodou a garrafa e logo em seguida sorriu, olhando para Lislá, que ficava sem reação ao ver a garrafa apontando para ela.

— Você parece bem mais interessada do que eu... Então, trepou na festa? — perguntou ele, rindo.

— Não! — Olhou de cara fechada para André, que bebia.

— O que foi? — perguntou André.

— Sério, irmão?! — Júlio provocou o irmão mais velho. — Já está assim, negando fogo?

Todos riram da cara que André fazia e Júlio jogou uma almofada no irmão.

— Me fala, como eu vou conseguir trepar depois de saber que nossa querida priminha está namorando escondido! — declarou André.

— Como é que é?! — os primos disseram juntos e olharam para ela.

— Pelo amor, né!? — Alice olhou para os homens. — A Amélia tem 23 anos!

— Foda-se! — disseram juntos.

— Quem é o cara? — Júlio se levantou e ficou de frente a prima.

— Trabalha com o quê? — Fábio ficou ao lado do irmão.

— É sério mesmo? — Amélia olhou para os primos. — Não sou mais criança.

— Ei, senta vocês dois! — Lislá ameaçou os cunhados e olhou para o namorado. — Fofoqueiro!

— Sou mesmo!

— Ok. Ok. Segue essa merda aí — Júlio disse sério e rodou a garrafa, que caiu em Rafaela, que se animou. Ela rodou a garrafa, que parou apontando para Amélia.

— Gasparzinha, você já trepou ou vai esperar o casamento? — Rafaela

sorriu, irônica.

— Trepas, todo mundo trepa... Agora há pouco você estava trepada na cadeira tentando pegar algo no armário na parte de cima. — Lislá se engasgou com a cerveja e riu alto. — Mas respondendo à sua pergunta, sim, já trepei.

— Como é que é? — André gritou, inclinando-se na cadeira.

— Que merda é essa? — JN olhou para a prima.

— Pimenta, você ficou louca? — esbravejou Nilo.

— Você era a melhor entre nós, não se preocupava com essas merdas, sentia orgulho de você por não ser como uma garota qualquer que só pensa em sair dando para qualquer um — argumentou Fábio, alto.

— O que seus pais vão falar? Me diga? Que a filha deles, que cuidaram com tanto carinho e zelo, se tornou isso, uma mini vadiazinha? — atacou André, olhando para a prima.

— Ei, vocês estão pegando pesado. — Lislá tentou defender a amiga.

Amélia se levantou e foi para o banheiro social. Trancou a porta e fechou os olhos, tentando segurar as lágrimas, mas foi mais forte que ela. Apenas encostou-se na pia e deixou que elas corressem livres. A vergonha que sentia que não era pelas coisas que ouvira e sim pelo fato de eles acharem que a protegiam, sendo que aquilo era uma mentira.

— Pimentinha? — Ouviu Carlos dizendo. — Abre a porta.

Depois de alguns minutos, ela lavou o rosto e o secou. Abriu a porta e viu que Carlos, Alice e Lislá a esperavam do lado de fora, e a levaram para a cozinha.

— Não fica assim, por favor. — Alice a abraçou com carinho, e tocou em seu rosto. — Eles são um bando de retardados, você sabe disso.

— Vamos, eu levo vocês duas embora — Carlos disse pegando em sua mão.

— Eu vou a pé, é melhor, quero respirar um pouco. — Ela deu um sorriso fraco. — Eu vou sair pela lateral.

— Vamos, Lia. — Lislá a abraçou e saíram dali.

Assim que dobraram a esquina, um carro parou e abriu a porta para elas.

— Entrem — ordenou Magnus.

Lislá se sentou no banco de trás, enquanto a amiga entrava no banco do carona. Amélia abaixou a cabeça, quieta. Ouviram um celular tocando.

— O que você quer, André? — Lislá perguntou entre os dentes. — Eu juro por tudo que é mais sagrado, se os seus tios souberem dessa história sem ser pela sua prima, eu te capto, SEU IDIOTA! — gritou e encerrou a ligação. — Magnus, você pode me deixar na casa dos meus pais, por favor?

Ele apenas acenou com a cabeça. Lislá estava pronta para brigar com ele, afinal, se ele fosse homem o suficiente, já teria assumido a amiga há muito tempo e ela não precisaria passar por aquela situação. Quando abriu a boca, viu Magnus esticar a mão e segurar fortemente a de Amélia, e ficaram assim até pararem em frente à casa de seus pais.

— Obrigada, e me desculpa pelo que falei na festa...

— Tudo bem, você estava defendendo sua amiga — disse Magnus, olhando-a e sorriu.

— Amiga, me manda mensagem depois, ok!? — Lislá olhou para amiga e a viu acenar com a cabeça.

Lislá desceu e Magnus saiu com carro. Ele olhou para Amélia pelo canto dos olhos e a viu de cabeça baixa e fungava às vezes, apertou com força o volante.

— Você vai passar esse fim de semana comigo — declarou ele, baixinho.

Ela apenas concordou com a cabeça e ficou olhando pela janela. Ela

deveria estar feliz, afinal, seria a primeira vez que iriam passar um fim de semana juntos. Eles se encontravam somente nos dias de semana, quando ela saía do trabalho. Contudo, estava magoada com o julgamento dos primos.

Assim que desceram do carro, ele se aproximou e a pegou no colo. Ela se encolheu, aconchegando-se nele. Ele subiu com ela para o quarto e a colocou sentada na cama, foi em direção ao banheiro e logo voltou.

Amélia ainda estava de cabeça baixa e se assustou quando ele se ajoelhou em sua frente. Ele poderia chamá-la de maluca ou coisa pior por estar daquele jeito, mas seu coração deu uma batida a mais ao vê-la assim. Magnus tirou o tênis que ela usava, tocou em seu rosto e sorriu.

— Levanta.

Ela o obedeceu. Ficou envergonhada quando ele começou a despi-la, afinal, quando tinha se arrumado para ir à casa do primo, jamais pensou que iria encontrá-lo. A vergonha maior era porque usava um conjunto de bichinhos. Tudo bem, poderia ter 23 anos, mas sempre optou por calcinhas confortáveis e nunca se importava com a estampa. Ele sorriu ao ver o que ela usava.

— Sabe, vendo assim... — Ele colocou a cabeça de lado e continuou: — Começo a admirar calcinha de bichinhos, é mais interessante.

— Por que fala isso? — ela perguntou envergonhada.

— Veja só, é mais atrativo. — Ele tirou seu sutiã. — Afinal, eu posso contar quantos bichinhos são, se tem cores repetitivas, animais idênticos — brincou e ela sorriu. — E posso também tentar adivinha qual bichinho... — Ele esticou a mão e tocou em seu clitóris por cima da calcinha. — Está aqui em cima. Ela segurou em seu braço e gemeu baixinho. — Viu como é mais atrativo. — Ele se agachou e depositou um beijo em sua barriga, colocou os dedos em cada lado do elástico de sua calcinha e a abaixou, tirando-a por completo. — E confesso, é mais excitante do que se fosse uma de renda.

Ele se levantou e a pegou no colo, indo em direção ao banheiro. Amélia sorriu ao ver a banheira quase cheia e com um pouco de espuma. Magnus a colocou na água. Quando ele ia se afastar, ela segurou em seu braço.

— Não vai entrar? — perguntou baixinho.

Ele sorriu e começou a tirar a roupa, e logo estava se sentando atrás dela, aninhando-a em si. A garota fechou os olhos, não queira mais chorar, mas era difícil não se lembrar da cena. Encolheu-se nos braços dele quando sentiu o toque de sua mão em seu rosto, fazendo um leve carinho.

— Você tem algum medo? — indagou ela, baixo.

— Hmmm... — Ele deu um beijo em seus cabelos. — Não que eu me lembre.

— Sério? — Ela virou o rosto e o olhou nos olhos. — Nenhum? Medo da barata? Rato ou cobra?

— Não, nenhum desses. — Ele sorriu. — E você, tem algum?

— Sim. Você vai rir, todos riem quando falo.

— Ei, como minha vó sabiamente me dizia, não sou todo mundo — declarou ambos sorriram.

— Coelho.

— Realmente é um bichinho estranho — concordou ele, sério.

— Magnus... — disse ela, rindo.

— Se você tem medo, iremos falar mal dele — afirmou tocando em seu rosto. — Só não quero vê-la triste novamente.

Os olhos de Amélia brilharam com lágrimas. Ele a beijou carinhosamente. Ela se entregou ao beijo. Queria esquecer aquela festa, as palavras que tinha ouvido, o modo como a olharam. Só queria se lembrar daquele beijo que estava recebendo dele. Amélia se virou, montando-o e se esfregou lentamente nele. Gemeu baixo quando sentiu a mão dele em seu clitóris, acariciando-o lentamente. Ficaram apenas assim, tocando-se,

experimentando, aticando o tesão. Cada parte do corpo dela implorava pelo dele.

Depois de algum tempo, ele se levantou, secou-se e a ajudou a sair da banheira. Pegou a toalha que tinha em suas mãos e começou a secá-la. Amélia apenas fechou os olhos, e se sentiu protegida naquele momento, mesmo que breve. Já no quarto, Magnus lhe entregou uma camiseta e uma cueca. Ficou parado, observando-a se vestir... o modo como segurou a camiseta em suas mãos, o jeito que tirou os cabelos quando ficaram presos dentro da camiseta, como se curvou e a leve empinada de bunda que deu ao vestir a cueca. Ela se virou e ele ainda a admirava.

— Começo também a admirar cueca masculina — ele disse sério e ela sorriu. — Está com fome?

— Um pouquinho.

Desceram de mãos dadas e foram em direção à cozinha. Ela se sentou e sorriu quando ele lhe entregou um lanche que parecia ter um formato de coração bem torto. Amélia desceu da banqueta, aproximou-se e o abraçou, e fez o que não queria, desabou na frente dele. Agarrou-se a ele e deixou tudo sair, choraria apenas aquela noite, e depois faria o que sempre tinha feito, enfrentaria tudo sozinha, e não se importando mais com aquelas opiniões que um dia tinha considerado importantes.

— Não fica assim, minha Ninfa — disse beijando seus cabelos.



Capítulo 5

Ele a pegou no colo e se sentou no sofá com ela em seu colo, encolhida e tremendo devido ao forte choro.

— Eles... nem sempre... me protegeram, como falaram — falou entre os soluços. — Quando eu precisei... ninguém apareceu, só a Lislá.

— Isso mostra que você é mais forte que todos eles juntos. — Ele se afastou e ergueu o rosto dela, sorriu ao ver a ponta do nariz arrebitado vermelho. Limpou as lágrimas que ainda caíam, afastou os cabelos bagunçados. — Mostra que você não precisa da permissão e muito menos das opiniões deles. Se eles não aceitam suas decisões, significa que também não merecem estar em suas conquistas. Eu sei que é difícil, Ninfa, eu mesmo já estive em seu lugar... Fiz minha escolha e minha família me virou as costas. Foi difícil, foi duro, dolorido, mas, ainda assim, não é porque eles não aceitam, que seus pais terão os mesmos pensamentos. Não sofra por antecipação, isso será pior para você.

Ele tocou em seu rosto e queria muito dizer que uma certa menininha

de olhos verde-piscina o ajudara com sua decisão, mas ainda era cedo. Ela respirou fundo, limpou o rosto e o olhou.

— Desc...

— Não peça, você não tem culpa alguma. — Ele a beijou com carinho. — Quer ver algum filme desse seu vasto conhecimento de filme clichês que eu não entendo porra alguma? — Deu um selinho estalado.

— Tudo bem. — Ela riu. Ele lhe entregou o controle e ela olhou confusa para a TV. — Não é Netflix?

— Não, é um sistema próprio que tenho — explicou sorrindo. — Ficava de saco cheio querendo ver algum filme e não o achava, então criei minha própria Netflix.

— Uau. — Ela arregalou os olhos. — Você pode ter uma parasita?

— Vou pensar no caso dela — disse ele, rindo. — O que vamos ver?

— A princesinha.

Ele semicerrou os olhos e concordou. Ela se aconchegou em seus braços e deu o play.

— Porra, que mulher filha da puta, fez a menina de escrava — disse ele, indignado.

Ela sorriu quando chegou à cena da famosa frase, e como tinha assistido milhares de vezes aquele filme, sabia de cor:

— *Eu sou uma princesa. Todas as garotas são. Mesmo que elas vivam em pequenos e velhos sótãos. Mesmo que se vistam com trapos. Mesmo que não sejam bonitas ou inteligentes ou jovens. Elas ainda são princesas. Todas nós!*

— Sim, você é — ele sussurrou em seu ouvido.

Ela ergueu o rosto e o beijou. Magnus a pegou no colo e a levou para cama. Amélia estava deitada no meio da cama, usando suas roupas e o

olhando, os cabelos esparramados. Ela mordia o lábio inferior quando estava excitada. Ele colocou o joelho no meio de suas pernas, pairando sobre ela e tocou em seu rosto, gemeu baixo ao sentir o toque de sua mão em seu peito, respirou com um pouco com dificuldade e a beijou.

— Ninfa, o que foi? — perguntou quando ela se agarrou a ele embaixo das cobertas. Ouviram mais um estrondo de trovão e ela se encolheu um pouco mais. — Você tem medo? — Abraçou-a com carinho.

— Eu tinha oito anos... tinha ido ao cinema com meus pais. Quando chegamos em casa, eu entrei na frente deles, e percebi algo errado. Estava na escada quando... — Ela se encolheu quando ouviu outro barulho. — Um homem tinha entrado em casa, e estava vindo da cozinha. Quando deu de cara com meus pais, apontou uma arma na direção deles... Foi tudo muito rápido, só me lembro de me encolher ao ouvir o disparo da arma e logo uma ardência. — Ela pegou a mão dele e a colocou sobre a cicatriz que tinha na coxa. — Então, desde esse dia eu tenho medo de alguns tipos de barulho.

— Não se preocupa, eu vou te proteger — afirmou e a abraçou mais forte.

Como ela poderia esquecer tudo aquilo que ele estava fazendo por ela? Não seria fácil e nem conseguiria. Quantas e quantas vezes ela já tinha dito *eu te amo* em pensamento? Magnus havia dito que ela escolheria quando acabar, mas sabia perfeitamente que não queria que aquela ligação que criaram acabasse ou fosse esquecida; por ele, talvez, mas por ela, jamais. Lembrou-se de quando ouviu a ligação que ele tinha feito para o André.

— *Você é retardado? Como pôde dizer aquilo à sua prima. E se ela estivesse passando por um problema grave e ao ouvir aquilo resolvesse tirar a própria vida? Afinal, perante os primos, ela não passava de uma vadia... Cala a boca! Eu não terminei, André! Te conheço desde os meus sete anos, e*

lembro perfeitamente do momento que você chegou dizendo que sua prima caçula havia nascido, ou mesmo quando ela comeu o pote de pimenta, e por isso o apelido... Agora, me fala, como ela vai confiar em você novamente? E se ela estiver se relacionando com um rapaz, que para se acalmar, adora fumar um ou coisa pior e oferecer para ela? Nisso você não pensou, não foi? Afinal, apenas vocês, os homens da família, podem trepar e ela não, pois isso é feio, é virar uma da vida...

Ela acordou sozinha na cama. Sentou-se e enrolou o lençol em seu corpo, olhou para a janela e ainda chovia.

— Bom dia! — Ela se virou e sorriu ao vê-lo chegar com uma bandeja nas mãos. Nela, havia um pequeno bolo de chocolate. Ela o olhou sem entender. Magnus se sentou de frente para ela, colocou uma pequena vela em cima do bolo e a acendeu. — Um mês. — Foi a única coisa que ele disse.

Aquilo era real? Ele realmente estava comemorando? Ele estava contando os dias que passaram juntos?

Queria entender até onde iriam com aquilo. Se ele iria assumir ou ficariam apenas ali, sem ninguém saber. Ela colocou a bandeja sobre o criado-mudo e o abraçou fortemente. Ficou ali nos braços dele, que naquele momento eram seu refúgio e segurança.

— Fernando foi seu namorado? — perguntou de repente.

— Sim, mas não durou muito, por quê?

Ele se levantou e a encarou. Puxou o lençol que cobria seu corpo, o que a fez se sentir um pouco exposta.

— Deita na cama — ordenou Magnus.

Ela se deitou e o olhou. Ele passou o dedo na cobertura do bolo e o colocou em sua boca. Amélia o chupou lentamente, ouvindo-o gemer baixo. Ele tocou em seus joelhos e abriu suas pernas.

— Magnus...

— Se toque — determinou com a voz baixa.

— Eu...

— Se toque, Amélia — exigiu. Ela engoliu em seco e começou a se tocar timidamente, quando sentiu a própria mão em seu sexo, segurou um pouco o ar. Magnus não desviava o olhar. — Mais rápido!

Ela o fez e começou a se excitar. Enquanto se masturbava, tocou em seu seio esquerdo com a mão e o olhou nos olhos, vendo o brilho já conhecido. Amélia mordeu os lábios quando viu Magnus se despir e começar a se tocar em sua frente.

— Gosta do que vê? — perguntou ele, com a voz rouca.

— Muito... — balbuciou quase salivando diante do que via.

— O que quer fazer?

— Te chupar sem pressa — disse aumentando a fricção em seu clitóris enquanto olhava para a sua ereção.

— Essa vai ser a sua punição. Hoje você não vai me chupar.

Ele passou novamente o dedo no bolo e o espalhou em seu seio direito. Magnus o lambeu sem pressa alguma, até ver que não havia sobrado chocolate algum.

— Isso não vale — gemeu enquanto ele fazia o mesmo com seu seio esquerdo e dava um tapa no direito.

Ele passou um pouco de chocolate nos lábios dela e o lambeu. Ela se assustou quando ele a beijou com força. Magnus a virou na cama, colocando-a de barriga para baixo. Amélia ouviu o barulho de algo ser rasgado, virou um pouco a cabeça e viu o papel laminado sobre a cama. Gemeu alto quando ele entrou com força. Magnus puxou seu quadril e a deixou de quatro na cama, saiu de dentro dela e a chupou lentamente. Ela arfou quando ele passou a língua por seu clitóris e o mordeu, chupou um lábio de cada vez. Amélia

apertou o lençol com força, e se abaixou ainda mais.

— Quando vou poder foder esse cuzinho que tanto me provoca? — perguntou enquanto a chupava.

Sempre que ele perguntava aquilo, Amélia sentia seu corpo travar. Mas, naquele momento, o modo como ele fazia deixou seu corpo relaxado e a fez esquecer, por alguns instantes, o que tinha vivido.

— Eu... ainda não sei. — Ela gemia a cada chupada que recebia em seu sexo. — Magnus...

— Shhh, não vou fazer nada... — disse massageando seu ânus e colocou o dedo levemente na entrada. — Ainda.

— Me fode, por favor — implorou.

Ele riu, puxou seu cabelo com força e estocou fundo em sua boceta, deitou-se sobre as suas costas e sussurrou:

— Você é minha, entendeu?

— Sim...

— Só eu posso te foder assim. — Ele estocava tão fundo, que as pernas dela bambearam.

— Aaaah... — gemeu alto.

— Goza para mim... — pediu ele. — Caralho! — gemeu.

Ela deu um único grito e caiu sobre a cama, respirando com dificuldade, e ficou com os olhos fechados. Sentiu a mão de Magnus em sua cintura, puxando-a para ele. Amélia estava com a cabeça em seu peito e brincava com os pelos.

— Não quero que veja mais o Fernando — decretou ele, sério.

— Por quê? Ele é meu amigo. — Ela o olhou.

— Porque você é minha e não gosto de dividir o que é meu.

Ela ficou sem entender o porquê ele usou aquele tom. O celular dele tocou e ele se levantou. Amélia olhou para o lado e viu o bolo com algumas

falhas na cobertura. *Se eu sou era dele, então ele é meu, certo?* Ficou pensando no que ele dissera. Resolveu comer algo e foi para cozinha. Estava fazendo um sanduíche, quando Magnus se aproximou;.

— Está tudo bem? — perguntou ele, cauteloso ao ver a cara emburrada que ela estava.

— Não! Magnus, ele é meu amigo e, com todo o respeito, eu o encontrarei quando quiser... E outra, ele fez aquilo para me provocar — disse, olhando-o nos olhos.

Ele se sentou na banquetta da ilha.

— Desculpe, não devia ter dito aquilo, mas não gostei do modo como ele agiu. Por isso reagi daquele jeito.

— Você está com ciúmes? — perguntou segurando um riso.

— Não abusa — disse sério e logo riu. — Sim, estou com ciúmes.

Ela foi em direção a ele. Tocou em seu peito com carinho e o olhava nos olhos. Ele abriu as pernas para que ela se acomodasse entre elas. Amélia mordeu o lábio inferior e tocou em sua ereção, beijando-o com carinho.

— Não quero que o beije mais — pediu ele, encarando-a.

— Primeiro, foi ele quem me beijou — explicou. — Segundo... quem é que me fode todos os dias?

Magnus a beijou.

Depois daquele fim de semana com ele, não tinha como não falar que estava totalmente fodida. O modo como ele cuidara dela, o bolo, o ciúme... Estava tão perdida naquele caos chamado Magnus. Sentiu que alguém a olhava, levantou a cabeça e viu André a observando. Ela apenas desviou os olhos. Seus primos haviam tentado contato com ela, mas não era obrigada a perdôá-los com tanta facilidade, ainda mais depois de tudo que tinha ouvido.

— Oi — André disse baixo.

— Posso ajudar em algo? — perguntou olhando-o e sendo extremamente profissional.

— Qual é, Pimenta.

— Estou trabalhando e aqui não existe nenhuma Pimenta — rebateu.

Seu celular vibrou.

“Não vou poder te encontrar hoje, mas amanhã te recompenso em dobro.

M.L”

Riu da mensagem, quando levantou os olhos, seu primo a olhava com curiosidade.

— Quem é o cara?

— Não lhe interessa. Afinal, a seu ver, não passo de uma vadia que só pensa naquilo. Com licença. — Levantou-se e foi em direção ao casal que entrava na biblioteca da fundação.

Quando deu seu horário, guardou tudo e olhou para relógio. Assim que saiu no corredor, encontrou André.

— O que quer? — perguntou séria para o primo.

— Quero conhecer seu namorado.

— Entenda uma coisa, você perdeu o direito de ter contato com a minha vida particular. Então, segue em frente e me erra. — Andou alguns passos e o olhou. — E se você falar alguma coisa que seja para os meus pais, esqueça que sou sua prima, esqueça de me chamar de Pimenta e pode ter certeza que nunca mais irei falar com você, André Loures.

Apertou o botão do elevador, com André ao seu lado. As portas foram abertas e ali dentro estava Sara, e ela ria de algo que Magnus falava. No canto, estava Thiago, um advogado que trabalhava com seu pai.

— Ei, pirralha — cumprimentou Thiago.

— Oi.

Ela sorriu e Thiago deu um beijo em seu rosto. André ainda a analisava.

— Está tudo bem? — Thiago perguntou olhando dela para André.

— Qual é, Pimenta? Eu errei, ok? Não devia ter falado aquilo para você. — Ele ficou de frente para ela, que apenas o olhava e apertou com força a alça da mochila. — Mas não é fácil,. Porra, eu cuidei de você. Perdi as contas de quantas vezes tive que assistir O Magico de Oz por sua causa, as vezes que tive que intermediar suas brigas com a Minerva, ou até mesmo quando sua mãe quase te matou por você ter saído do ballet...

— Você saiu do ballet? — Thiago a olhou confuso. — Porra, você dançava tão bem.

— Concordo com ele, porque sempre gostei de ir aos recitais...

— Parou! Sabe, tudo isso que você me falou poderia até me emocionar, se não fosse pelo fato que tudo não passa de mentira. Afinal, você descreveu seu amor pela Pimenta virgem, que, no caso, não sou eu, afinal, sou a mais nova vadia. Me faz um grande favor? Pega tudo isso que falou e enfia aonde você bem entender, e me deixa em paz. — A porta do elevador se abriu.

— Como assim, você não é mais virgem!? — Thiago a olhou assustado.

— Thiago, fica na sua, que nem parente você é — rebateu Amélia.

— Eita, casos de família — comentou Sara, rindo baixo, enquanto saíam do elevador.

— Afinal, André, qual o problema de sua prima não ser mais virgem? Não sabia que a questão intelectual estava ligada diretamente às partes íntimas dela. — Magnus parou, cruzou os braços e argumentou.

— Até que enfim alguém que me entende — Amélia disse com o semblante sério, mas em sua mente, corria e pulava em seus braços e o beijava e falava um grande eu te amo.

— Só não quero que você se machuque, ou seja feita de fantoche na

mão de um imbecil qualquer.

— André, o que o biso sempre falou? Temos que quebrar a cara para aprender.

— É fácil falar, Pimenta... — André olhou para prima e respirou fundo. — Depois que aquele cara invadiu sua casa e tudo aquilo aconteceu, você se fechou. — Ela ia falar, mas ele ergueu a mão e continuou: — E agora, voltou a estudar, começou a sair e ficamos sabendo que você irá fazer a viagem que era para ter feito aos dezoito anos. Ninguém está sabendo lidar com isso. E, do nada, eu descubro que você está namorando e ninguém sabe quem é o cara, como você quer que eu fique?

A expressão dele demonstrava tristeza, mas ela permaneceu firme. Mas, então, os olhos verdes de seu primo ficaram um pouco mais brilhantes, segurando fortemente o choro.

— Desculpa.

Ela queria sentir raiva do primo por tudo aquilo ele havia dito, queria passar por ele e pouco se importar. Mas quem iria lhe trazer o sorvete de quarta-feira da sorveteria do seu Cadu e ficaria lhe enchendo o saco por causa dos filmes que assistia? Ou quem iria sempre lhe mandar um buquê de rosas brancas no último sábado, sabendo que era o dia que ia no orfanato e as deixava para os anjinhos? Só André sabia de tudo aquilo.

— Não deveria te perdoar — sussurrou ela.

— Não, não deveria. Mas, por favor, não me afasta, Pimenta. — Ele se aproximou e a abraçou com carinho. — Irei respeitar sua privacidade e quando aquele imbecil te machucar, porque eu sei que vai, estarei do seu lado e irei te apoiar no que decidir. André fez um leve carinho em seu rosto, secando suas lágrimas, e beijou sua testa. — Onde esteve no fim de semana? Sentimos sua falta na casa do biso. — Ela apenas olhou para o primo com uma expressão séria. — Entendi, estava com ele. Afinal, há quanto tempo

estão juntos?

— Um mês.

Desviou o olhar para Magnus, que a observava com semblante sério e viu surgir um leve sorriso.

Estavam deitados, ela estava de costas para ele, arrepiando-se ao sentir os lábios em seu pescoço. Virou a cabeça para beijá-lo, quando seu celular tocou. Ela se esticou, mas ele foi mais rápido e o atendeu.

— Pronto.

— Ei, me devolve — disse ela, com medo de ser seus primos ou pior, seus pais. Desde que aceitara as desculpas de André, seus primos vinham um a um pedindo desculpas.

— Só um minuto. — Ele riu e devolveu o celular.

— Oi... Oi, tonto, não é ninguém — falou ela. Magnus semicerrou os olhos, sentou-se e prestou atenção nela. — Mas vai ficar caro? — Colocou a mão na testa. — Fazer o quê... Então, vai levar quanto tempo mais? — Fez uma cara de decepção. — Tudo bem, obrigada. — Encerrou a ligação.

— Tudo bem? — perguntou tocando em suas costas.

— Sim...

— Não parece, o que houve?

— Meu notebook, ele resolveu dar uma de belo adormecido e não ligou mais, e preciso dele para fazer os trabalhos da faculdade.

— E por que não compra um novo? — perguntou, intrigado.

— É que... estou juntando dinheiro para uma coisa e isso vai acabar me atrasando um pouco.

— Pede um novo para os seus pais.

— Nem pensar. E outra, esse notebook era o antigo do meu pai — explicou. — Pago pelo conserto, mas não peço nada para eles. — Ela se

deitou, respirou fundo e soltou um longo suspiro. Amélia percebeu que ele queria falar algo.— O que foi?

— Por que está guardando o dinheiro? Habilitação?

— Não... — respondeu simplesmente.

— O que então? — perguntou se deitando sobre ela e a beijou.

— Você vai rir — falou baixinho.

— Prometo não rir. — Tocou em seu rosto.

— Bom, quando alguém faz aniversário de dezoito anos na minha família, essa pessoa tem direito a um pedido... — Ela parou por um momento, pensando se deveria contar ou não, resolveu contar somente uma parte. — Mas eu adiei minha viagem.

— Por quê? — insistiu ele.

— Quando estava com quinze anos... — Respirou fundo e o olhou. — Eu perdi a chave de casa, e um dia um cara entrou na minha casa para assaltar e eu estava sozinha. Ele me bateu... — Amélia fechou os olhos, as lembranças aparecendo em flashes. — E só não continuou, pois meu primo Júlio, que é policial, estava fazendo ronda no meu bairro e percebeu algo errado.

“O cara fugiu. — Magnus tocou em seu rosto e ela abriu os olhos. — E desde esse dia, eu me fechei e quase não saía de casa. — Olhou-o envergonhada. — Fiquei apenas da escola para casa. Quando terminei o ensino médio, visitava apenas o asilo com meu biso, não conseguia sair sozinha. Somente no fim do ano passado resolvi criar coragem e entrei na Universidade.

— Por isso a superproteção? — Ele a olhou com carinho.

— Sim. E também porque irei fazer a viagem que não fiz quando completei 18 anos. Por isso estou juntando esse dinheiro, vou para Londres e sei como meus pais e meu biso são. Com esse dinheiro, vou mostrar que

posso me virar lá, sozinha.

— Por que Londres?

— Meus livros...

— Você quer visitar os locais, não é? — perguntou tocando em seu rosto com carinho.

— Sim. — Ela sorriu.

Ele a beijou com carinho.

Depois de tomar banho, Amélia se arrumou, pois estava dando a hora de ir para casa. Ao saírem, ele segurou em sua mão e foram em direção ao carro dele. Logo partindo.

— Passa esse fim de semana comigo?

— Não vai dar, eu tenho compromisso no sábado — explicou ela. Ele apertou o volante com força e respirou fundo, ela o olhou e viu o modo como sua expressão mudara. — Está tudo bem? — perguntou tocando em seu braço.

— Sim — respondeu ele, sério. — Onde será seu compromisso no sábado?

— No asilo da cidade. É dia de bingo. — Ela sorriu.

Ele apenas acenou e soltou o ar aos poucos.

— Puta merda — disse ela, assustada.

— O que foi?

— Meu pai está no ponto me esperando — respondeu, quase sem voz.

Ele diminuiu a velocidade, fez a volta e parou em frente ao ponto de ônibus. Ralf olhou desconfiado para o carro.

— Boa noite, Ralf — Magnus cumprimentou ao abaixar o vidro do carro.

— Boa noite, Magnus — Ralf disse sério e olhou para filha. — O que houve?

— Vi Amélia no ponto de ônibus da reserva, e ela estava junto com um amigo e ofereci carona para eles — justificou Magnus, destravando a porta.

— Ah, sim — Ralf falou com uma expressão mais leve no rosto. — Obrigado, Magnus.

— Obrigada — agradeceu ela, olhando-o nos olhos e tocou levemente em sua mão, e sentiu o aperto de volta.

— De nada. — Ela desceu do carro e ficou ao lado do pai. — Boa noite, Ralf. Boa noite, nin... Amélia.

Ela segurou um riso e foi andando ao lado do pai, que pegou sua mochila e a abraçou com carinho. Magnus ficou com o carro estacionado, observando pai e filha, até que entraram em um portão logo mais à frente. Respirou fundo e soltou o ar com força, arrancando com o carro logo em seguida. Olhou para o relógio e resolveu que estava na hora de conversar com uma mulher.

Estacionou o carro ao lado dos outros, subiu os degraus da casa e logo entrou.

— Magnus, aconteceu alguma coisa? — perguntou sua mãe, estranhando a visita.

— Não, só preciso conversar com a vovó. Falando nisso, ela está? — Ele se aproximou e beijou a mãe no rosto.

— Acho que está no quarto dela.

Subiu os degraus da escada, olhou na direção do corredor do seu antigo quarto, sorriu e se aproximou do quarto da avó, que estava lendo.

— Oi, vizinha. — Ele se aproximou e se deitou ao lado dela.

— Oi, meu amor, está tudo bem? — perguntou tirando os óculos.

— Preciso de um favor... — Olhou-a seriamente. — Está livre no sábado?

— Sim, do que precisa?

— A senhora e suas amigas vivem fazendo encontros beneficentes, queria saber se podem ir no bingo que irá ter no asilo — pediu um tanto sem graça.

Susan analisou o neto deitado ao seu lado, a cara que fazia, parecia um menino de dez anos, todo pidão.

— E nesse caso, você também iria? — perguntou, séria.

— Sim.

— Me pergunto se você está pela causa beneficente ou por causa de uma moça de olhos verde-piscina que estará lá no bingo — argumentou ela, sorrindo.

Ele a olhou por um momento, sorriu e desviou o olhar para o teto.

— Sim, vó, é por causa da Ninfa — confessou dando um sorriso bobo.

— Já temos apelido — brincou, rindo.

— Lembra da menina da floresta? Daquela festa? — perguntou ele, baixinho.

— Sim, o que tem? — Ela o olhava, confusa.

— É a Amélia — revelou.

— Espera... — Ela se levantou e ficou olhando-o, encantada. — Então você achou sua menina?

— Sim... que de menina não tem mais nada — ele murmurou.

— Eu ouvi, hein! — Ela riu.

No sábado à tarde, Magnus estava parado em frente ao asilo e olhava para a fachada até interessante. Era um prédio antigo, possivelmente dos anos vinte. Estava bem conservado. Viu os carros se aproximando e sorriu ao ver sua vó descer de um, e logo atrás algumas de suas amigas.

— Porra, Magnus, um asilo? — Luanda tirou um cigarro de uma

carteira de ouro. — Susan, eu não deixava.

— Vai à merda, Luanda — Susan disse, rindo.

— Olha, a moça tem que ser muito gostosa, Magnus, para me fazer vir aqui num asilo, em pleno sábado e para jogar bingo. Caralho, você está me achando com cara de velha? — Cassandra resmungou.

— Ah, ela é gostosa, sim — defendeu Susan, sorrindo. — Gostosa, bonita, inteligente...

— Susan, tem certeza que não virou para o outro time? — zombou Luanda, soltando a fumaça do cigarro. — Porque do jeito que você fala dessa garota...

— Me respeita, Luanda, sabe muito bem gosto de chupar um...

— PAROU! — Magnus gritou. — Não quero ouviu essa merda aí não. — Fez cara de nojo. — Vocês são senhoras, não devem ficar falando essas merdas aí.

As mulheres olharam entre si por um momento, e gargalharam.

— E como acha que foi feito? — Luanda o olhou. — Sementinha de repolho é que não foi.

— Ah, não mesmo — concordou Susan, olhando para a amiga. — Os pais dele são piores que coelho. — Magnus fez uma careta.

— Moleque, quando você descobriu o sexo... — Cassandra o olhou e sorriu. — Eu já trepava e chupava há muito anos, então, fica na sua.

— Puta que pariu! Eu mereço — resmungou ele, baixinho. — Vamos entrar, vai.

— Pai, estamos atrasados — Amélia gritou.

— Estou aqui, deixei gravando o documentário do History sobre castelos — justificou, sorrindo.

Olhou para o relógio e viu que chegariam uns dez minutos atrasados.

Seu pai estacionou o carro em frente ao asilo, e foram em direção à sala de recreação. Amélia estancou no lugar, assustada e sem saber o que falar, ao ver Magnus sentado em uma mesa, rindo com dona Julieta.

— Olha quem chegou — Dona Julieta disse e se levantou. — Oi, meu anjo.

— Oi, Dona Juju. — Amélia a abraçou.

— Amélia, minha flor, quero te apresentar um rapaz muito simpático e não preciso falar do charme — sussurrou a senhora.

Ela o olhava sem entender nada.

— Porra, é gostosa mesmo! — Amélia se virou e viu Susan acompanhada de mais duas mulheres. — A bolacha é gostosa, deveria experimentar, Magnus — disse a mulher de vestido roxo.

— Oi, minha querida — cumprimentou Susan, aproximando-se e beijando o rosto de Amélia.

— Oi, como soube do bingo? — Amélia perguntou confusa.

— Como podemos dizer... — A senhora de vestido preto a olhava e sorria. — Caralho, mas que olhos são esses? — Ela se aproximou e segurou o rosto de Amélia com as duas mãos. — Deus é injusto com algumas pessoas, umas nascem com dinheiro, mas sem beleza, que é meu caso. Mas em outros casos, Ele exagera. Para que tudo isso em uma pessoa só? É peito, é bunda, é olho, você não quer dividir, não, querida?

— Meu Deus, Cassandra, você vai assustar a menina — Susan disse rindo.

— Susan, acho que você precisa de óculos... — Cassandra disse se virando para a amiga. — Onde isso é uma menina? É a porra de um mulherão.

— E se eu fosse uns quarentas anos mais novo, chegava fácil — comentou um senhor negro, alto, ao se aproximar. Amélia sorriu para ele o

abraçou.

— Oi, Antônio.

— Oi, minha princesa — disse sorrindo e se virou para Magnus. — Posso saber quem é esse fulano que está ciscando no meu galinheiro? — indagou, sério.

— Galinha é sua mãe, Antônio — gritou Dona Lara.

— Mas que muvuca... meu Deus, eu morri e fui para o céu. — Dona Carolina se aproximou de Magnus e segurou sua mão. — Meu anjo, quando vamos para o mot... o céu, quero dizer.

— Se eu soubesse que é com esse bando de tarados que você anda, filha, jamais deixaria você ter vindo aqui tantas vezes — Ralf disse segurando um riso.

— Ralf, apenas cale a boca, vai. Cansei de limpar essa sua bunda cagada — zombou Dona Carolina.

— Afinal vamos jogar ou vamos ficar dando em cima dos mais novos? — perguntou Dona Lara. — Meu Deus, que vergonha, não podem ver um rapaz novo... Puta que pariu, que homem é esse? — A senhora se aproximou, deu a volta em Magnus e parou em frente a Amélia. — Meu anjo, não desperdice essa oportunidade.

— Ei, minha filha é muito nova — advertiu Ralf, sério.

— E eu, com a idade dela, já tinha três filhos e trepava que nem louca — declarou Dona Lara, olhando para Ralf.

— Os dois trepam. — Amélia arregalou os olhos, engoliu em seco e olhou para Dona Catarina, que se aproximava e apontava para ela e Magnus. — Com certeza esses dois trepam, aposto minha janta da semana inteira.

— Minha filha é virgem — afirmou Ralf.

Todos as senhoras do asilo, Susan e as amigas, e Antônio olharam para Ralf e depois para o casal, que tentava disfarçar, olharam entre si e

gargalharam.

— Pior cego é aquele que não quer ver — caçou Cassandra e foi se sentar. — Magnus, senta com Amélia.

— E, Ralf, você vem comigo — avisou Dona Lara, puxando Ralf pelo braço. — Deixe a menina conversar, isso não vai matá-la.

— E eles têm que se sentar no fundo. — Antônio riu.

— Posso saber o porquê? — Ralf perguntou olhando para o senhor que ria e se sentava.

— Ué, porque se tiver que passar mão, ninguém vê.

Amélia apenas ria, envergonhada. Dona Juju acompanhou Magnus e Amélia até a mesa e se sentou com eles.

— Puta que pariu, Julieta, deixe o casal passar a mão em paz — gritou Dona Lara de uma das mesas à frente.

— Lara, vai procurar um canavial para ti, vai.

— Não pergunta — Amélia disse para Magnus, mas já era tarde.

— Canavial? — Ele olhou confuso para a senhora ao lado dele.

— É canavial de rola — explicou Dona Julieta e segurou em sua mão. — Sabe qual o problema de vocês jovens, acham que nós da terceira idade não trepamos e não falamos palavrões, afinal, como você acha que seu pai foi feito?

— Em um Impala coupé — gritou Susan. — Como amava aquele carro.

— VÓ! — Magnus resmungou alto, olhando contrariado para a avó, que sorria, e em seguida olhou para Amélia, que segurava uma risada.

— Mas é a verdade, seu pai foi feito no Impala, me lembro bem daquele dia. — Susan deu um belo sorriso e suspirou.

Magnus balançou a cabeça, rindo, esticou o braço e tocou na perna de Amélia. Ela virou o rosto para ele, tocou em sua mão e sorriu.

— Ai ai, o amor é tão bonito — Dona Julieta disse sorrindo e olhando

para os dois. — Não se preocupem, não irei falar, mas caso queiram fazer algo, vão para o último banheiro, o deixamos reservado para isso. — Riu e se levantou.

— Nunca pensei que fosse ficar tão constrangido em um bingo no asilo — comentou ele, rindo. — Você vai no retiro?

— Retiro? — Ela o olhou confusa.

— Sim, o retiro que tem todos os anos no hotel fazenda Milo Coragem. — Ele marcou um número em sua cartela de bingo. — Todo ano tem esse retiro para os funcionários e suas famílias, seus pais não vão?

— Sim, eles vão. Mas eu sempre fico na casa do meu biso. Por quê? — indagou ela, marcando sua cartela.

— Pensei que se você for, poderemos aproveitar mais o dia juntos sem ninguém desconfiar. — Ele a olhou e sorriu.

— Mas será quando? — Desviou os olhos para o pai, que conversava e ria com dona Juju, dona Lara e Antônio. — Não posso perder aula e nem serviço! — Voltou a atenção para ele.

— Não se preocupa. — Ele marcou mais um número em sua cartela. — Será na semana do saco cheio de sua faculdade e o retiro também abrange os funcionários da fundação.

Ela não entendia muito bem aquilo, afinal, em outras universidades, esse dia era comemorado em outubro e sua universidade comemorava na semana da páscoa.

— Bom, posso falar com meus pais e dizer que vou esse ano. Mas como vamos fazer?

— Não se preocupe, eu já cuidei de tudo. Quando chegar no hotel, uma funcionária irá lhe entregar a chave do meu quarto. — Ele deu um aperto em sua mão.

— Hmmm, mas para isso acontecer eu terei que ficar em um quarto

sozinha ou dividir com alguém — argumentou ela.

— Bom, o Thales confirmou que ele e a família vão, posso colocar você e Lisandra juntas.

Ela acenou com a cabeça sorrindo, olhou para a cartela dele e apontou, ele abaixou os olhos e sorriu.

— Bingo! — ele disse baixinho e roubando um beijo.



Capítulo 6

No dia da viagem para o hotel fazenda, ela acordou cedo e ficou em dúvida qual roupa usar. Estava olhando as possibilidades quando sua mãe entrou no quarto e ficou olhando-a.

— O que foi? — Raja olhava para filha parada em frente ao armário.

— Não sei o que usar — respondeu sem olhar.

— Espera, quem é você e o que fez com a minha filha? — Raja se aproximou e a segurou pelos ombros.

— Para, mãe, só estou querendo me arrumar melhor — justificou pegando um short jeans, um cinto e ficou olhando qual blusa usar.

— Humm, o Márcio estará lá? — Raja escolheu uma blusa de manga comprida e transparente. — Usa essa.

— Sim.

Ela começou a se vestir, enquanto a mãe se sentava na cama e olhava para mala.

— E quando poderei conhecê-lo?

— Ainda não sei. — Ela parou por um momento, virando-se para a mãe. — Na verdade, eu nem sei como definir nossa relação.

— Por que diz isso?

— Mãe, estamos há quase dois meses juntos. — Amélia se sentou ao lado dela. — E até agora ele não demonstrou reação alguma sobre assumir nossa relação. — Abaixou a cabeça. — Mas acho que tem um porquê...

— Como assim? — Raja a olhou confusa e preocupada.

— Bem... Ele é mais velho e tem dinheiro. — Ela se levantou e se olhou no espelho. — E se a senhora visse as mulheres com quem ele já saiu, eu nem chego perto...

— Pode parar! — Raja se levantou e a olhou séria. — Primeiro, você é linda e sabe muito bem disso! Segundo, conversa com ele e fale o que está sentindo. Filha, ele é homem, e eles tendem a ser um tanto lerdos em alguns assuntos. E outra, ele também não é adivinho para saber que você quer algo sério e não ficar apenas se encontrando escondido!

Depois da conversa, Amélia terminou de arrumar sua mala, poderia ser um exagero para apenas 5 dias.

Seu pai, ao vê-la sair pela porta da casa, ficou parado em frente ao carro, cruzou os braços e a olhou de cara fechada.

— É sério? — Apontou o dedo de cima a baixo para sua roupa. — Você não acha que está faltando roupa na parte de cima, não?

— Meu Deus, Ralf, é apenas uma blusa — defendeu Raja. — E ela está linda. Vamos logo, quero aproveitar o dia de hoje ao chegarmos ao hotel.

Seu pai balançou a cabeça de forma negativa e entraram no carro. Amélia pegou o celular na mochila.

“Estamos saindo daqui agora.

Ninfa.”

Riu quando seu pai ligou o rádio e colocou sua playlist favorita. E ela

sabia que ia ser difícil a viagem, pois as músicas que seu pai escutava eram todas românticas, desde as mais antigas até as mais novas. A parte romântica que corria em suas veias vinha de seu pai. Começou a tocar “Still Loving You”, da banda Scorpions. Amélia amava seu pai de paixão, mas ele não era um bom cantor e ele sempre se empolgava com aquela música. Seu celular tocou e ela atendeu.

— Oi.

— *Oi... tem algum cachorro morrendo ao seu lado?*

— Não, é apenas meu pai cantando.

Ele ficou mudo por um minuto quando chegou o refrão da música e seu pai soltou a voz de vez. Ela olhou rindo para o pai e ouviu Magnus dizer:

— *Pelo menos tem bom gosto musical, já não digo a voz. Bom, só liguei para avisar que a moça já estará te esperando com o cartão.*

— Ok.

Ela desligou e riu com as performances de seu pai cantando ao volante. A viagem durou umas três horas. Assim que chegaram, Amélia ficou encantada. O lugar era lindo, passaram por uma ponte de madeira sobre um lago, pegaram uma estrada de cascalhos. Do lado esquerdo, ela viu um cercado de madeira e algumas crianças andando a cavalo com instrutores.

— Só pode andar ali com os cavalos? — perguntou sorrindo o ver uma menina de três anos que dava alguns gritinhos montada sobre um lindo cavalo negro.

— Não, aqui tem uma extensa área para ser explorada com os cavalos — Ralf disse sorrindo. — Eu e sua mãe temos nosso local favorito.

— Pai, por favor — resmungou fazendo uma careta.

— Desculpa, filha, esqueço que você ainda é uma moça pura — disse olhando-a pelo retrovisor e sorriu para ela.

— É... — sua mãe falou e segurou um riso.

Chegaram à entrada do hotel e ficou impressionada com o tamanho e sofisticação do local. Amélia desceu do carro e ficou olhando ao redor, entrou no saguão e deu um assovio.

— Cacete! — murmurou.

— Eu sei, eu também fico assim quando venho aqui — concordou Raja, sorrindo.

— Mas por que esse hotel? — perguntou para seu pai, que ofereceu um braço para cada.

— Ele faz parte do conglomerado de hotéis que a empresa Lacarez é sócia e administra.

— Ao todo são quantos hotéis? — Olhou para seu pai, que trabalhava na parte jurídica da empresa da família de Magnus.

— No país ou ao redor do mundo?

Ela ia responder quando alguém a abraçou por trás, virou-se e sorriu ao ver Lislá.

— Finalmente você veio, sempre te falei para vir para cá, é lindo esse lugar.

— Pude ver só pela entrada. — Ela sorriu para amiga.

Acompanhou seus pais até a recepção, um homem de terno os recebeu sorrindo, e uma moça loira baixinha sorria.

— Olá, bom dia! Bem-vindos ao hotel fazenda Milo Coragem, qual o nome da família, por favor? — perguntou o homem.

— Família Loures — respondeu Ralf. O homem verificou no sistema e lhe entregou três cartões chave. — Filha, aqui o cartão do seu quarto. — Seu pai lhe entregou e ela sorriu.

Uma moça se aproximou e sorriu para Amélia assim que seu pai falou o nome da família.

— Uau, seu perfume é de rosas? — A moça loira a olhou e perguntou

sorrindo.

— Sim, é. — Ela sorriu educadamente.

E aquele era o código. A moça lhe entregou discretamente um outro cartão. Lislá olhou e não entendeu aquilo.

— Lia, não entendi, seu pai já te entregou o cartão de nosso quarto.

— Magnus — segredou.

Lislá arregalou os olhos, puxando-a para um canto.

— Você está louca? E se seus pais pegarem? Você está se arriscando demais e se der a louca no seu primo e ele resolve aparecer aqui?!

— Primeiro, por que você acha que estamos no mesmo quarto? Ele quem fez a alteração — informou. A amiga apenas balançava a cabeça, inconformada. — E segundo, ele me disse que ia dar um certo serviço para André ficar bem longe daqui.

— Agora tá explicado por que ele estava puto — Lislá disse, rindo.

Elas se viraram e Amélia segurou o ar. Magnus entrava no hotel. Ele usava uma calça jeans escura, uma camiseta branca e uma jaqueta preta de couro. Falava ao celular enquanto tirava os óculos escuros, encerrou a ligação, ergueu os olhos e a viu. Analisou-se por um momento e fez uma expressão séria. Magnus se aproximou de seus pais e os cumprimentou.

— Ralf. — Apertou a mão de seu pai e se virou para sua mãe. — Raja. — Cumprimentou-a dando um beijo em seu rosto.

— Oi, Magnus, tudo bem? Você se lembra da minha filha?

Ela se aproximou e deu um sorriso um tímido.

— Olá.

— Oi.

— Bom dia, senhor Magnus, aqui o cartão de seu quarto — disse o homem da recepção, sorrindo.

— Obrigado.

Andaram em direção ao elevador. Amélia ficou ao lado da amiga, que olhava emburrada para o celular.

— Está tudo bem, Lislá? — Raja olhou para a moça.

— Não. — Ela levantou a cabeça e olhou para Magnus. — André está puto com você. Afinal, ele achou que ia vir para cá.

— Eu tinha avisado que ele tinha compromisso — explicou Magnus.

— Humm... — Ela cruzou os braços. — É aquela, né, enquanto alguns trabalham... — Ela sorriu maliciosamente. — Outros fodem.

Ralf olhou para Lislá e riu alto, Raja apenas balançou a cabeça. O elevador parou no andar do quarto de Amélia e Lislá. As duas saíram do elevador, Raja saiu junto e se despediu do marido. Amélia olhou para Magnus enquanto as portas se fechavam.

— Que cartão a mais é esse que você pegou, posso saber? — Raja cruzou os braços, olhando para a filha.

— Podemos conversar no quarto? — Amélia perguntou para a mãe, que apenas acenou com a cabeça.

Ao entrarem na suíte, ficaram sem palavras. Havia duas camas de casal, de frente para um painel com uma TV; ao fundo, uma mesa com duas cadeiras; do lado esquerdo tinha o banheiro e um pequeno closet. Lislá correu e se jogou na cama. Amélia riu da amiga.

— E a minha explicação? — Raja se sentou em uma das camas.

— Ele está aqui... — Ela olhou para a mãe, que sorriu abertamente.

— Espera... — Lislá se levantou e ficou ao lado da amiga. — Ela sabe sobre o Ma...

— Márcio? Sim, eu sei. — Raja sorriu.

— Quem é Márcio?! — Lislá olhou confusa para a amiga.

— Amélia, você mentiu para mim? — Raja se levantou e se aproximou da filha. — Posso saber o porquê?

— Primeiro, me desculpa, mãe. A senhora conhece ele, mas, por favor, me deixa conversar com ele primeiro...

— Ele é um medroso, isso sim. — Lislá andou em direção à cama e se sentou. — Já deveria ter te assumido quando deram o amasso dentro do carro.

— Do que ela está falando!? — Raja apontou para Lislá e olhou seriamente para filha.

— Muito obrigada! — Amélia olhou para a amiga, que deu apenas de ombros. — Mãe, por favor, confia em mim.

Amélia ouviu seu celular apitar e leu a mensagem, ficou envergonhada e ouviu uma risada baixa vindo da amiga. Digitou rapidamente uma resposta e ergueu a cabeça. Sua mãe a olhava e soltou um suspiro dramático.

— Olha... — Ela se aproximou e segurou em sua mão. — Prometo não surtar, mas caso veja que não vai dar em nada e ele estiver lhe enrolando, dê o pé na bunda dele, me entendeu?

— Tudo bem, mãe.

— Qual o número do quarto dele?

— 2010.

— Uau, último andar. Vai lá poderosa, aproveita, não quer a pomada? — Lislá a olhou sorrindo.

— Pomada? — Raja perguntou confusa.

— Tenho, Lislá — respondeu Amélia, envergonhada.

— Assadura, né, tia.

Amélia saiu do quarto e pegou o cartão do quarto dele, andou até o elevador e apertou o botão um pouco ansiosa, pois a qualquer momento poderia se encontrar com seus pais. Entrou no elevador, olhou-se no espelho e arrumou o cabelo. Assim que as portas se abriram, saiu do elevador e parou ao ver Magnus na porta do seu quarto aos beijos com uma morena. Ela se afastou um pouco, limpou o canto da boca dele e tocou em seu rosto.

— Sabe, delícia, sempre é bom revivermos isso.

Quando a mulher virou um pouco rosto, viu que era sua ex-professora de Biologia, Melina Barros. Tentou voltar para o elevador, mas os dois olharam na direção dela. Fechou os olhos por um momento e travou a porta do elevador com a mão quando chamaram seu nome.

— Amélia? — Era a voz de sua professora.

— Merda! — praguejou baixinho, o coração quase saindo pela boca. — Ah! Oi, professora Melina, quanto tempo. — Deu um leve sorriso. — Senhor Lacarez! — Olhou em volta e deu um sorriso. — Acho que estou no lugar errado. Com licença.

Entrou no elevador novamente, e assim que as portas se fecharam, soltou um longo suspiro. Não acreditava no que tinha acabado de ver. *Mas foi real, ele estava beijando minha ex-professora.* Fechou os olhos, balançou a cabeça. Decidiu não voltar para o quarto. Sentiu seu celular vibrar. Era Magnus. Não o atendeu.

Saiu pela porta da frente do hotel e andou por um caminho de pedrinhas brancas, sentou-se num banco que havia embaixo de uma árvore mais distante da movimentação.

Não queria chorar, mas doeu ver ele aos beijos com outra, sentiu um aperto forte no peito, deu uma risada de desgosto ao lembrar de André falando que ele iria pisar na bola, fechou os olhos e tentou se acalmar. Mas ao fazer isso, a imagem se fez em sua mente e sentiu as lágrimas escorrendo. Queria muito poder ser se levantar e o enfrentar, dizendo que tudo estava acabado. Mas era burra e o principal, trouxe. Ela só precisava superá-lo, mesmo que levasse anos. Já havia sofrido sozinha algo doloroso, aquilo ia tirar de letra.

— Amélia, está tudo bem? — Ouviu a voz de Caique.

— Sim — respondeu sem o olhar, limpando as lágrimas.

— O que houve? — Ele se sentou ao seu lado e segurou em sua mão.

— Eu estou bem é só que... — Ela ergueu a cabeça e parou de falar quando avistou Magnus na entrada do hotel e Melina ao lado dele. Eles conversavam com um homem. Amélia desviou os olhos e respirou fundo.

— Você está saindo com o Magnus, não é? — Caique perguntou baixo.

Ela olhou para o rapaz ao seu lado e acenou com a cabeça. Ele olhou para o Magnus, que os olhava de volta. Caique segurou a mão de Amélia e a apertou gentilmente.

— Olha, eu consegui ingressos para um show. — Ele sorriu. — Já conversei com Lisl e ela topou, e está sobrando um, se quiser...

— Tudo bem, eu aceito.

Raja ria da piada contada por Thales, pai de Lisandra. Estavam em dez pessoas na mesa. O celular de Raja vibrou, ela o olhou e sorriu.

— O que foi, querida? — Ralf perguntou.

— Amélia está avisando que está indo em um show com os amigos.

— É bom, ela precisa se distrair, anda muito focada nos estudos e no serviço — comentou Ralf.

Magnus, que estava na mesa ao lado, ouviu tudo em silêncio, bebeu todo o líquido de seu copo, pediu licença e saiu.

— Que tal? — Amélia perguntou para a amiga, que respondia alguém no celular. Lisl levantou a cabeça e deu um assovio.

— Gostosa pra caralho.

Amélia usava um vestido preto simples de veludo, com tiras nas costas, que ia até o meio de suas coxas e era justo. Ela sorriu, pegou a bolsa emprestada de Lisl e saíram do quarto. Encontraram os amigos no saguão do hotel.

— Porra, Amélia, está gata pra caralho — declarou Caique ao se

aproximar e dar um beijo em seu rosto.

— Obrigada. — Ela sorriu para o amigo.

Andaram em direção ao carro do rapaz, que abriu a porta para que Amélia se sentasse na frente. Lislá se sentou atrás da amiga e estava toda animada.

— Beleza, mas o show é do quê? — Amélia o olhou.

— Pagode — respondeu pegando em sua mão e ficou assim o trajeto todo até o show.

— Opa — Lislá gritou.

Assim que chegaram, Caique avisou que eles ficariam na pista. Entraram e o pagode já rolava solto, estava um pouco cheio, mas conseguiram achar um bom lugar para aproveitar o show.

— Aqui sua bebida, Amélia — disse Caique lhe entregando o refrigerante.

— Obrigada — agradeceu sorrindo e deu um gole.

— Posso te perguntar uma coisa?

— Claro, diga.

Ele segurou em sua mão e a puxou para um canto um pouco mais afastado dos amigos.

— Queria saber se tenho alguma chance com você — falou com sinceridade.

— Eu... bem... é complicado.

— Você gosta dele? — perguntou cruzando os braços na frente do peitoral.

Ela o observou por um momento. Conhecia Caique desde a quinta série e tinha visto toda a transformação dele. Ele tinha se tornado um rapaz muito bonito. Várias meninas da universidade viviam dando em cima dele. Era um moreno de olhos castanho-escuros e dono de um belo sorriso, sem contar o

porte físico.

Mas ele não era o homem de pele branca, mãos grandes e ágeis que a fazia delirar com apenas um toque. Não tinha os olhos azuis que a prendia quando se encaravam no momento da transa. Não tinha a voz que a fazia gemer dizendo coisas indecentes na hora do orgasmo. Deu um suspiro baixo, decretando a derrota.

— Sim, gosto.

— E por que ele não está aqui com você? — insistiu.

Quando ia responder, Caique se aproximou, segurou em sua cintura, tocou em seu rosto e a beijou... um beijo morno. Ela se assustou com a atitude do amigo.

— Amélia, só me dá uma chance — pediu, sussurrando em seu ouvido.

— Já disse que gosto de outra pessoa, Caique.

Ela se afastou e saiu de perto dele. Assustou-se quando alguém pegou em seu braço.

— Lia, está tudo bem? — Lislá perguntou a olhando preocupada.

— O Caique...

— O que tem?

— Ele acabou de me beijar.

— Agora fodeu de vez — comentou, séria.

— Por quê?

— Olha para a área VIP. — Ela apontou com a cabeça.

Amélia virou o rosto e engoliu em seco. Magnus olhava diretamente para ela. Ele usava apenas uma camisa preta e calça jeans preta. E estava gostoso para cacete. Mas logo a cena de mais cedo se mostrou em sua mente.

— Dane-se, eu não sou nada dele — falou entredentes para a amiga.

Amélia estava perto dos amigos, mas estava com o pensamento longe.

Como tudo parecia estar tão errado? Ergueu os olhos na direção da área VIP. Magnus estava conversando com um homem, mas logo Melina apareceu. Ela se aproximou e tocou em Magnus, que sorria para ela.

As primeiras notas da música “Essa Tal Liberdade”, do grupo Só Pra Contrariar, soaram pelo lugar. Lislá se aproximou e puxou a amiga para cantarem.

Amélia se olhou no espelho do banheiro, lavou as mãos e ajeitou os cabelos. Assim que passou pela porta, trombou em uma parede de músculos, levantou os olhos e se viu presa naqueles belos e frios olhos azuis.

— Vamos embora — disse ele, pegando em sua mão.

— Não mesmo! Se quiser, você pode ir, eu vou aproveitar o show.

Soltou sua mão da dele e tentou passar por ele, mas foi impedida por seu braço forte em sua cintura. Ela o olhou com raiva e tirou sua mão de sua cintura.

— Não faça cena, Amélia. Vamos embora.

— Ou o quê? — Ela se virou de frente para ele. — Vai me levar à força? — enfrentou-o.

— Se precisar, sim.

— Você não teria corage... — Não conseguiu terminar. Magnus a jogou sobre seu ombro esquerdo. — MAGNUS, ME SOLTA! — gritou ela.

— Você quem pediu isso — disse, dando um tapa em sua bunda.

— Me põe no chão! — exigiu ela, dando um tapa em suas costas, que nem fez efeito.

Enquanto passavam pelas pessoas, olhou para os amigos que a assistiam a cena sem entender. Caique a olhou de cara fechada e Lislá ria da cena. Quando estavam do lado de fora da casa de show, ele puxou seu corpo e a fez deslizar pelo seu, dando um gemido de frustração.

— Grosso — xingou ela.

— Isso eu sei que sou, e você também. E que porra de roupa é essa que você está usando?

— Não lhe diz respeito, *delícia* — enfatizou, com sarcasmo.

Ele segurou um riso. Quando ia retrucar, o manobrista chegou com seu carro. Magnus abriu a porta para ela entrar. Amélia se sentou, colocou o cinto e ficou encolhida em seu canto. Ele deu a partida e ficaram em silêncio por um tempo. No caminho para o hotel, ele parou no acostamento da estrada.

— Precisamos conversar. — Ele soltou o cinto que usava.

— Não, não precisamos.

Ele se aproximou, soltou seu cinto e a puxou para seu colo. Ela gemeu ao senti-lo duro contra sua bunda.

— Eu não esperava por ela...

— Mas também não precisava ter correspondido o beijo. — O tom da voz tinha um quê de dor.

— Ei, olha para mim — pediu baixinho. Ele virou com delicadeza o rosto dela e observou seus traços. Ela tentava pensar em algo para falar, mas estava difícil sentindo-o duro contra sua bunda. Amélia se mexeu um pouco e o ouviu gemer. — Porra, Ninfa.

Ele segurou em sua nuca e a beijou com força. Ela tentou resistir, mas era muito difícil e, acabou correspondendo ao beijo. Virou seu corpo e colocou uma perna de cada lado. Abraçou-o forte e gemeu em sua boca ao sentir sua mão em seu sexo. E então a imagem dele beijando sua professora veio à sua mente. Imediatamente, Amélia abriu a porta do carro, saiu de cima dele e começou a andar.

— Amélia, volta aqui — chamou, indo atrás dela.

— Não, eu vou andando. — Aumentou o passo.

— Você vai andar dez quilômetros? — perguntou com voz de riso.

— Ando até cem se for preciso, mas não vou com você. — Ela quase corria.

— Então vai pedir carona para o amiguinho beijoqueiro? — afrontou ele. Ela se virou com raiva. E ele estancou no lugar.

— Pode até ser, pelo menos ele sabe o que quer — declarou e voltou a andar com pressa.

— Entra na porra do carro e para de graça — Magnus aumentou o tom de voz.

Sentiu-se ser puxada e trombou contra o corpo dele.

— Por que deveria entrar no carro se não somos nada um do outro?

Eles se olharam por um momento. Ela respirou fundo, empurrou-o e voltou a andar, segurando as lágrimas. Ouviu o barulho da porta batendo e se assustou quando o carro passou por ela, sumindo na curva. Olhou em volta e engoliu em seco, estava sozinha em uma estrada deserta, não sabia onde estava e, para ajudar, seu celular estava sem bateria.

Encostou-se numa árvore próxima e deixou as lágrimas caírem. *Realmente achou que ele iria querer algo sério com você? Ele só queria diversão e você, a idiota, se entregou à toa para alguém que nunca quis nada além de sexo.* Limpou o rosto com raiva e quando ia voltar a caminhar, assustou-se com o carro parando na sua frente, a porta foi aberta.

— Entra! — ordenou ele.

Ela respirou fundo e entrou no carro, colocou o cinto e ficou encolhida no banco até o hotel.

Quando chegaram, ela desceu o mais rápido que pôde, entrou no saguão do hotel e foi em direção ao elevador. Sem esperar por Magnus, apertou o número do andar do quarto que dividia com a Lislá.

Entrou na suíte e fechou a porta com um pouco de força. Sentou-se na cama e ficou de olhos fechados. A pressão em seu peito a estava sufocando.

Ela tirou o salto, que matava seu pé e suspirou. A porta foi aberta de repente e Magnus passou por ela. Amélia não disse nada, levantou-se e foi em direção ao banheiro. Mas quando ia passar por ele, Magnus a agarrou e a jogou no meio da cama, deitando-se sobre ela. Ele segurou seus dois pulsos e os colocou acima de sua cabeça. Ele aproximou o seu rosto do dela, cheirou seu pescoço e o mordeu lentamente. Ela fechou os olhos e gemeu.

— O que você quer, Ninfa? — perguntou, mordendo sua orelha.

— Eu... eu... — ela gemeu quando ele abriu suas pernas com a dele e pressionou o pau contra seu sexo e começou a se mover.

— Você quer que eu te assuma? É isso? — indagou, mordendo seu seio por cima do vestido.

— Sim — suspirou.

— Era só ter falado.... — disse olhando-a nos olhos e a beijou. — Eu não disse nada, pois achei que você ainda queria ficar com o nosso trato.

— Eu estava..., mas quando o vi com a Rafa e hoje com a Melina... — confessou, olhando-o nos olhos.

Ele a beijou, soltou seus pulsos, enroscou uma mão em seus cabelos enquanto com a outra subia seu vestido. Amélia gemeu e colocou a mão sobre o cinto de sua calça jeans.

— Alguém pode nos pegar — alertou ela, enquanto se ajeitava melhor em seus braços.

— Não me importo. E, pelo que eu saiba, agora eu sou seu namorado — apontou ele, e beijou seus lábios com carinho.

— Não me lembro do pedido — brincou ela, soltando um gritinho de surpresa quando ele se virou e ficou por cima dela.

— Você... — Ele mordeu sua orelha. — Quer... — Mordeu seu queixo. — Namorar... — Lambeu seu lábio inferior, sugou-o e a beijou com carinho. A língua brincando lentamente. Magnus deu um leve aperto na coxa

esquerda dela. Amélia gemeu ao senti ele esfregando seu pau em seu sexo já totalmente molhado. — Comigo? — Ela apenas sorriu e o beijou. — Faço todo esse esforço de um belo e romântico pedido de namoro e não recebo nem a minha resposta? — resmungou fazendo um beicinho.

— Sempre... sim! — declarou ela, empurrando-o e ficando sobre ele, que ria.

Ele se sentou na cama e a ajudou a tirar o vestido que usava, logo foi a vez da camiseta que ele usava. Amélia abaixou as mãos um tanto apressada e abriu a calça jeans dele. Gemeu ao ser beijada. Ele se virou e a deixou deitada, tirou a bota que usava, e baixou a calça com a cueca.

— Porra, gente, colocasse uma meia na porta, né? — reclamou Lislá ao entrar no quarto.

— E desde quando você usa meia, Lislá? — Amélia rebateu, rindo da amiga.

— Sei lá, colocasse a do Magnus, algo assim — Lislá disse indo em direção ao banheiro.

— Desculpa... — disse Amélia para ele. Ele tocou em seu rosto e a beijou com carinho, fazendo-a gemer baixinho.

— Puta que pariu! É sério mesmo? Vou ter que ouvir também? — resmungou Lislá olhando para os dois enquanto escovava os dentes, voltou para o banheiro e deu um gemido de frustração.

Magnus riu da reação da moça. Esticou-se, pegou a calça e a vestiu. Levantou-se e jogou a camisa em direção a Amélia.

— Vamos para o meu quarto, assim sua amiga consegue se liberar das frustrações.

— Obrigada, Magnus, pelo menos alguém aqui pensou em mim — Lislá disse se sentando em sua cama.

— E você vai sair assim? Sem camisa? — Amélia indagou, séria.

— Você não vai vestir aquela porra de vestido de novo — respondeu calçando a bota.

— Posso saber por que não? — Ela o olhava sem acreditar e cruzou os braços.

— Aquele vestido é curto demais, Amélia. E não quero o que é meu exposto daquele jeito. — Ele se levantou e foi em direção ao banheiro.

— Pode até ser curto, mas você não reclamou na hora.

— Sério que vai discutir isso na frente da sua amiga? — Ele se virou e a olhou.

— Podem continuar, ligo não — falou Lislá.

Magnus olhou para a moça que estava sentada com as pernas cruzadas e apoiava os cotovelos sobre os joelhos, encarando-os como se fossem algum tipo de filme empolgante. Ele voltou a olhar para Amélia e segurou um riso, ela estava com sua camisa, que ia até o meio de suas coxas, o cabelo estava um pouco bagunçado e seus olhos estavam um tom mais escuro, já percebera que aquilo acontecia quando ela ficava nervosa ou brava. Ele se aproximou dela, puxou-a pela cintura e a prendeu contra seu corpo.

— Sério que você vai querer ter nossa primeira briga de casal na frente da sua amiga? — brincou tocando em seu rosto.

— Opa, espera, o que foi que eu perdi aqui? Você disse casal? — Lislá perguntou olhando de um para outro. — Você assumiu ela?

— Sim! — afirmou olhando para moça. Lislá logo deu um grito que por pouco não o deixou surdo.

— Porra! Finalmente! — Lislá disse puxando Amélia para um abraço.

Raja bebia um café totalmente sem açúcar para ver se aquilo ajudaria a aliviar sua dor de cabeça. Ela e Ralf tinham se empolgado demais no jantar e no quarto. Viu Amélia se aproximando conversando com a amiga. Sorriu e

deu um suspiro. Sua menininha agora era uma mulher feita. Quando ela lhe contara que não era mais virgem, num primeiro momento ficou um pouco em choque, afinal, uma mãe nunca está preparada para ouvir aquilo. A sua única preocupação agora era saber quem era o homem.

— Bom dia, meninas! Dormiram bem?

— Bom dia, tia! Dormi sim.

— Bom dia, mãe.

Analizou a filha por um momento, viu que estava um pouco cansada e riu baixo.

— O que foi? — Amélia a olhou.

— Presumo... — Raja pegou a xicara e deu um gole. — Que esteja cansada demais para cavalgar. — Lislá olhou para a mulher à sua frente e riu alto. — Mente poluída, estou falando sobre cavalos! — justificou-se.

— Eu aceito, mãe.

Depois do café, foram conversando juntas até o estábulo. Olharam os belos animais que tinha ali, e ela se encantou por uma égua malhada, marrom e branca. Aproximou-se, deixou que ela sentisse seu cheiro e ficou fazendo carinho no focinho. Quando ouviu vozes, virou a cabeça e viu que Magnus conversava com um senhor e eles riam de algo. Deu um leve suspiro e percebeu alguém ao seu lado.

— Tudo bem, filha? — Raja perguntou, olhando-a desconfiada.

— Sim, mãe. Acho que vou escolher essa menina aqui — informou sorrindo, entregando-lhe uma maçã que pegara de uma cesta que estava em cima de um monte de feno. A égua comeu e logo relinchou.

— Eu não vou com vocês — avisou Lislá, dando um pulo quando um dos cavalos relinchou perto dela.

— Meu Deus, Lislá. — Amélia riu da amiga. — Já falei que eles são

dóceis.

— Nem a pau, Lia — Lislá falou se afastando.

— Não vai mesmo, Lisandra? — Raja perguntou segurando uma risada para a moça que demonstrava um pouco de medo.

— Não, tia, fico bem aqui — afirmou, séria. — Vou pra piscina encontrar a turma. — Virou-se e quase deu um pulo de um metro quando um cavalo apareceu na sua frente. Amélia não conseguiu se segurar e gargalhou. Encostou-se na porta da baia para não cair de tanto que ria da amiga. — Cala a boca, Lia! — Lislá disse se recuperando e saiu do estábulo.

— Amélia, ela é sua amiga. — Raja tentou ficar séria, mas não conseguiu.

— Por isso mesmo que posso rir. — Virou-se para a égua e voltou a fazer carinho.

— Bom dia, Raja, Amélia — cumprimentou Magnus, ao se aproximar.

— Bom dia, Magnus. Aproveitando para escolher um para passear? — Raja sorriu.

— Na verdade, vim escolher qual égua comprarei para cruzar com meu garanhão.

Por que na mente dela aquilo soava errado? Resolveu ficar quieta e não participar da conversa.

— Magnus, essa é a Aurora, a égua que lhe falei — informou o senhor, sorrindo e fazendo um carinho na égua. — É a menina dos meus olhos, dentre todas as éguas, é a mais dócil. Claro que às vezes tem um temperamento um pouco difícil quando quer.

— Muito bonita. Ficarei com ela.

— Ótima escolha. — O senhor viu Amélia olhando para égua. — Desculpa, minha jovem, mas ela não poderá ser escolhida.

— Ah, tudo bem. — Afastou-se.

— Apenas ela poderá montar Aurora — ordenou Magnus, olhando-a.

Amélia o olhou e seu coração bateu descompassado. Raja estranhou o modo como a filha estava, ela ia dizer algo quando viu a troca de olhares entre os dois e semicerrou os olhos.

— Tudo bem, então a selarei para você.

— Obrigada.

O senhor tirou a égua da baia e a levou para o lado de fora. Amélia ficou olhando para o animal e sorriu.

— Não sabia que montava — disse ele, ficando de frente para ela.

— Gosto muito na verdade, mas não faço com tanta frequência.

Os dois não desviavam o olhar um do outro. Amélia viu um brilho naqueles olhos azuis e entendeu que ele brincava com ela. Raja ficou olhando para o casal e fechou os olhos com força, aquela conversa já entregava tudo.

— Nos acompanha? — Raja perguntou a Magnus.

— Numa próxima oportunidade.

Saíram do estabulo lado a lado. Raja tinha escolhido uma égua toda marrom, e Amélia riu quando sua mãe pediu um banco.

— Precisa de ajuda? — Magnus perguntou olhando para Raja.

— Eu aceito. — Raja sorriu e logo montou.

— Isso se chama idade — Amélia provocou a mãe.

— Garota, fica na sua — Raja disse séria. Olhou para a filha, mas ela não tirava os olhos de Magnus, e nem ele dela.

Amélia riu e montou com facilidade, ajeitou-se e ficou olhando para Magnus. Ele se despediu e as duas saíram para o passeio. Ela ainda olhou para trás, e ele ainda a olhava. Virou-se e tentou prestar atenção no que a mãe dizia.

— Deus! — Raja disse fechando os olhos e gemeu.

— O que foi, mãe? — Olhou confusa para a mãe, que fazia uma careta.

— É difícil olhar para você fazendo esse movimento... — zombou Raja, apontando para ela.

— Credo, mãe.

Pararam em frente ao lago, deixaram os cavalos amarrados e se sentaram em um banco que ficava embaixo de algumas árvores.

— Bom dia, Raja. — Amélia se virou e olhou para Melina, que se aproximava e sorria. A morena abraçou sua mãe e a olhou. — Bom dia, Amélia.



Capítulo 7

Amélia não gostou muito do tom que a mulher usou, apenas acenou com a cabeça e viu Melina se sentar ao lado de sua mãe.

— Aproveitando o dia? — Melina perguntou sorrindo.

— Sim e matando a saudade de ficar um tempo com minha filha. — Raja sorriu e pegou na mão de Amélia. — Afinal, agora ela está universidade e conseguiu um estágio, então, já viu, né!

— Hum... — Melina deu um sorriso forçado. — Está fazendo qual curso?

— Dialeto antigo — Amélia respondeu baixinho.

— Interessante. — Melina sorriu. — Deve ser corrido conciliar os trabalhos da universidade, junto com os trabalhos do estágio e namorando o Magnus.

— Magnus!? — Raja se virou e olhou para Amélia.

— Ops! — Melina olhou sorrindo para Amélia e mudou a expressão quando Raja a olhou sem entender. — Eu pensei que soubesse, Raja, por isso

comentei. — Ela desviou os olhos e olhou para Amélia. — Me desculpa, querida. — Amélia olhou para a mulher à sua frente e sentiu medo, não pelo fato de ela ter falado sobre Magnus e sim pelo que via nos olhos dela. Já havia sentindo aquele medo uma vez. — Bom, tenho que ir. — Ela se levantou. — Novamente me desculpe, Amélia, não queria estragar seu segredinho sujo.

Melina sorriu e deu um tchauzinho, virou-se e começou a andar. Amélia abaixou os olhos e se preparou para o surto de sua mãe, viu o momento em que ela se levantou e começou a andar de um lado para o outro.

— Nunca na minha vida imaginei você, uma menina tão doce, meiga, impulsiva às vezes, com um homem como Magnus.

— Por que diz isso? — Amélia olhou para mãe.

— Olha para ele, Amélia... Ele não é do tipo que pede, ele vai e toma. Todos fazem o que ele deseja, manda e desmanda, como bem entender. Todos fazem de tudo para o agradá-lo. Você já se perguntou por que toda a mulher que dormiu com ele o deseja com fervor? Me responda!

— Eu não penso nisso — respondeu em um tom baixo.

— Pois deveria! A hora que ele quiser, é só de te dar um belo pé na bunda e seguir em frente. Tenho conhecidas minhas que já dormiram com ele, e me falaram o quão bruto ele poder ser, que ele é excelente na cama, mas, ainda assim, as tratou como uma qualquer, que foram apenas usadas...

— Ele nunca foi assim comigo...

— Ah, não? Então me diga, senhora guru do sexo, como ele é na cama com você?

Raja se sentou e esperou a filha falar.

— Em todo momento ele é carinhoso comigo, pergunta o que quero e como quero... Se tem a parte bruta é porque eu peço e nunca chega a me machucar.

— Meu Deus, eu não estou ouvindo isso da minha filha — Raja disse fechando os olhos.

— Afinal, mãe, por ser inexperiente, significa que eu não posso agradá-lo na cama? Pois, sim, eu posso! Claro que a maioria eu aprendi com ele, mas, ainda assim, eu sei perfeitamente o que gosto na cama. E se suas conhecidas não aguentaram, eu não tenho culpa se elas não tiveram a capacidade de acompanhá-lo ou não sabem o que querem na hora.

— Me fala pelo menos que você está usando anticoncepcional. — Sua mãe apenas a olhava.

— Porra, mãe, eu quero sexo e não filho.

Mãe e filha se encararam. Amélia abaixou os olhos e sentiu que iria chorar, respirou fundo e a mãe lhe abraçou com carinho.

— Desculpa, filha. — Raja olhou para a filha e fez um carinho em seu rosto. — Mas é que ainda é difícil associar que você está namorando, ainda mais agora que sei quem é o rapaz e sei da fama dele...

— Eu também sei, mãe. Por isso fiquei com medo... — Ela parou e sentiu a lágrima escorrendo. — Ele é o rapaz que me beijou quando eu tinha doze anos.

— Espera... — Raja se afastou um pouco. — Magnus é o...

— Sim — afirmou baixinho.

— Oh, minha filha! — Abraçou-a fortemente. — Vamos. — Raja se levantou. — Quero conversar com ele.

— Mãe, por favor.

— Prometo não fazer barraco. — Raja cruzou os braços. — Prefere eu ou seu pai?

Amélia gemeu baixo e se levantou, não teria escolha. Montaram nos cavalos e voltaram para o hotel.

Ela sorriu quando sentiu sua mãe pegando em sua mão e a apertando com carinho, ao saírem do elevador. Elas se aproximaram da porta, Amélia abriu e avistou Magnus falando ao celular, um pouco bravo.

— Afinal, que porra que esses caras querem? Abrem a droga da licitação e depois vêm com essa de que não era bem assim... Driane, enquanto eles ficarem nessa, vá para a rival deles e faça a mesma proposta que fizemos. Vamos ver se eles continuarão com essa palhaçada toda. E para ferrar um pouco mais, garanta exclusividade com a próxima geração que irá sair no mercado e mais alguns agrados, marque a reunião no lugar de sempre.

Ele desligou e ficou olhando pela janela. Amélia se aproximou e tocou em suas costas, ele virou o rosto em sua direção e sorriu, puxando-a para um beijo.

— Sem demonstração excessiva, por favor — Raja disse ao ver Magnus apertando a bunda de sua filha.

Magnus olhou para Raja e olhou de novo para Amélia, sem entender.

— Melina contou para a minha mãe — explicou ela.

— Magnus, eu vou ser rápida... — Raja o olhou e por um momento viu novamente o rapaz de dezessete anos que aprontava na escola e as histórias que ouvia sobre ele e sexo. Respirou fundo e continuou: — Não posso ficar brava, afinal, minha filha já uma mulher feita. — Ele acenou com a cabeça. — Mas ainda assim, tanto eu quanto minha família nos preocupamos com ela e quero que saiba que se fizer minha filha sofrer... — Deu alguns passos na direção dele. — Não terá que acertar contas apenas com os homens da minha família, eu vou te caçar até o inferno, me entendeu bem?

— Mãe! — resmungou Amélia.

— Tudo bem. — Magnus deu um sorriso. — Acho justo.

— Muito bem, você irá na festa que terá em nossa família no próximo sábado e seguirá todas as regras que meu marido impor.

— O QUÊ? Mãe, a família...

— Sim, a família toda estará presente. E ali ele irá ver que você não é uma dessas meninas que a família pouco se importa com o que acontece na vida delas. — Raja respirou fundo e massageou a testa. — Você sabe que seu pai vai surtar ao saber que está com ele.

— Eu sei, mãe — Amélia disse baixo.

— Bom... — Raja soltou um suspiro. — A única que posso fazer é ficar feliz e torcer para que Ralf não descubra antes do tempo. — Aproximou-se e abraçou a filha com carinho, deu um beijo em seus cabelos, e olhou para Magnus. — Já sabe, Magnus...

— Sim, eu sei — ele disse, sério.

Amélia acompanhou a mãe até o elevador, voltou para o quarto e se sentou na cama. Sentiu a mão de Magnus em seu joelho, olhou-o com carinho e encostou a cabeça em seu ombro.

— Ninfa, fala comigo, por favor.

— Eu...

— Merda! — disse quando seu celular tocou. — Magnus. Estarei aí em meia hora. — Ele desligou e voltou a atenção para ela.

— Pode ir, eu vou ficar bem... — disse fungando e limpando o rosto.

— Tem certeza? — Ele a olhou desconfiado.

— Sim, pelo menos assim eu me acalmo e penso melhor nas coisas.

Ela deu um leve sorriso e tocou em seu rosto. Ele a puxou e a beijou com força.

— Peça o que quiser, mesmo que isso inclua todos os chocolates do hotel, entendeu?

— Tudo bem. — Ela sorriu e o beijou.

— Prometo não demorar, minha Ninfa.

Quando ele fechou a porta, ela caiu de costas no colchão e ficou

olhando para o teto. Decidiu tomar um banho. Levantou-se, tirou a roupa e foi para o banheiro. Entrou embaixo da água e ficou pensando em como seu pai reagiria a tudo. Talvez sua mãe só estivesse exagerando nas coisas, seu pai não faria nada de louco, talvez só gritar e xingar muito.

Ao sair do banho, entrou no quarto e surpreendeu-se ao ver o jantar sobre a mesa. Aproximou-se e sorriu ao ver que ele tinha pedido fritas com bife. A sua barriga roncou. Ela se sentou e comeu.

Estava sentada na varanda, quando ouviu o barulho da porta.

— Ninfá?

— Aqui.

Ele se aproximou e sorriu ao vê-la, puxou uma cadeira e ficou sentado de frente para ela.

— Como você está? — perguntou tocando em seu rosto.

— Melhor. — Ela deu um leve sorriso.

— Jantou?

— Sim.

— Vou jogar uma água no corpo e já volto.

Ele a beijou e entrou no quarto. Ela o olhou ir em direção ao banheiro, mordeu o lábio inferior e foi atrás dele. Observou-o tirar a camiseta, admirou a tatuagem que ele tinha, que cobria toda a parte esquerda de suas costas. Desceu o olhar e viu a ponta da cueca boxer que ele usava. Magnus a tirou junto com a calça. Amélia já tinha visto algumas bundas masculinas, mas nenhuma se comparava a dele.

— Vai ficar olhando ou vai me acompanhar? — perguntou. Amélia viu que ele a olhava pelo espelho e sorriu ao ver que havia sido pega no flagra.

Estavam deitados e ele assistia TV, enquanto ela apenas estava pensando longe, em como ficaria tudo quando ele a assumisse perante todos.

O que mudaria de fato em sua vida, porque, querendo ou não, ele era uma figura pública e ela uma total desconhecida.

— O que sua mãe quis dizer com seu pai irá surtar? — perguntou tocando em sua perna.

— É uma história longa.

— Temos tempo. — Ele colocou uma mecha de seu cabelo atrás de sua orelha e a beijou.

— Bom, meu pai é o mais velho de três irmãos... E ele sempre me disse que não importa quão boa a pessoa é, se ela colocar uma farda, se transforma... Era o caso do meu avô, ele nunca saía da farda, tanto dentro de casa e fora. Ele era daqueles tipos bem rígidos e tinha a questão da bebida, muitas vezes minha avó apanhou para defender os filhos pequenos, até que uma noite... — titubeou.

— O que houve?

— Magnus, entenda, muitos da minha família não sabem disso... Eu descobri sem querer. O que vou falar, por favor, não pode sair daqui.

— Claro.

Ela se sentou na cama, e se lembrou bem da cena de como o pai ficara ao falar a verdade.

Ralf estava sério e olhava para a televisão à sua frente, mas não escutava nada. Foi tirado do devaneio quando seus irmãos chegaram. Ele olhou para os homens à sua frente e a única coisa que via era seus irmãozinhos que tivera de cuidar por um tempo sozinho.

— Precisamos conversar — Lauro disse, sério.

— Queremos a verdade — Júlio exigiu, olhando-o nos olhos.

— Vamos para o quintal.

Ele se levantou, passou pelo corredor, pela cozinha e abriu a porta dos

fundos, indo em direção a umas cadeiras que havia ali no pátio e se sentou.

— Por que nunca nos contou a verdade, Ralf? — Júlio olhava com raiva para o irmão. — Por que preferiu mentir para nós, seus irmãos? Você não precisava carregar isso sozinho.

— Vocês não entenderiam...

— Então nos fale, caralho, eu quero entender a verdade sobre a morte da minha mãe — Lauro gritou de raiva.

— Querem a verdade? — Ralf esbravejou, raivoso, e olhou para a farda que o irmão usava e balançou a cabeça com nojo. — Mamãe sempre pedia para distrair vocês dois com a TV alta, rádio, brincadeiras com gritos nos quartos para nunca ouvirem... — Respirou fundo. — Aquele maldito sempre chegava bêbado, se impunha dizendo que era ele quem mandava na casa e a mulher dele não precisava trabalhar... Mal sabia que a mamãe fazia alguns trabalhos para fora, ela estava juntando dinheiro para irmos embora, fugir daquele inferno que vivíamos dentro de casa... — Ele balançou a cabeça e limpou as lágrimas.

“Ainda me lembro quando ela chegou toda feliz aquele dia, dizendo que tinha o dinheiro suficiente para fugirmos... — Ele se sentou novamente, chorando. — Deus, como ela estava feliz, pois iríamos morar com nossos avós maternos. Ela levou vocês dois para a escola, e mentiu para a diretora dizendo que eu estava doente. Quando voltou, ela pediu que eu fosse arrumando as malas e deixasse escondidas nas plantas dos fundos, para aquele verme não achar... — Ele balançou a cabeça. — Guardei a última mala e entrei em casa, há anos que não via aquele brilho nos olhos dela.

“Eu não sei o que houve, mas alguém a dedurou. Quando a porta de casa foi aberta, ele entrou, tirou o boné que usava e foi andando em direção a ela. — Engoliu em seco. — Ele e a segurou pelo pescoço e deu o primeiro murro. Mamãe caiu e bateu com força a cabeça no chão. Eu corri na direção

dela, e pedi para que ele não fizesse aquilo. — Levantou os olhos para os irmãos que o olhavam.

“Era sempre eu quem cuidava dela depois de todas as surras que ela tomava, era eu quem limpava o sangue do rosto de nossa mãe enquanto aquele maldito ia para o quarto se passar de bom pai para vocês. Sabe por que nunca ia com vocês tomar sorvete ou mesmo visitar o nosso avô? Porque estava cuidando dos ferimentos de nossa mãe. — Ele se levantou e andou em direção aos irmãos, que se encolheram um pouco.

“Aquele desgraçado, ao ouvir meu pedido, apenas me olhou, me pegou pelo pescoço e me deu uma surra com a cinta que usava e saiu da casa. Fui em direção à nossa mãe, que me olhava e disse onde havia escondido o dinheiro para irmos embora. Ele voltou segurando uma corda, me pegou e me amarrou na cadeira da cozinha, colocou um pano em minha boca...”

— Ralf, para — pediu Lauro, baixo.

— Não, vocês não queriam a verdade? — esbravejou. — Agora a terão... — Olhou com raiva para o irmão. — Ele socou a nossa mãe até ela quase morrer na minha frente... EU VI NOSSA MÃE SER MORTA! — Ele andava de um lado para outro, as mãos na cabeça, desesperado. — Ela não morreu de cirrose, nossa mãe nunca bebeu. Ele, sim. Eu vi a farda toda suja de sangue da nossa mãe... — soluçou. — E sabe o que ele fez depois? Tirou e me mandou lavar. Depois de lavar aquela maldita roupa, quando entrei, tive que limpar a casa, para vocês não desconfiarem de nada. Depois eu fui vê-la, ele a tinha colocado na cama de hóspedes, fiquei ali o tempo todo ao lado dela... eu tive que ouvir o último suspiro dela.

— Quantos anos ele tinha? — Magnus perguntou baixo, dando um aperto em sua coxa.

— Dez anos.

— Eu não sou como ele, Amélia.

Ela levantou a cabeça e o olhou nos olhos, tocou em seu rosto e sorriu.

— Eu sei que não, mas para o meu pai todos são, tenho medo de como meu pai vai lidar com tudo isso.

— Não vamos nos precipitar, vamos viver um dia por vez.

No café da manhã do dia seguinte, estava sentada em sua mesa e terminava de tomar seu café, quando avistou seu pai conversando com Melina. Sentiu um aperto em sua garganta. Seu pai virou o rosto e a olhou seriamente por um momento. Ela engoliu em seco. Ralf se virou e veio em sua direção e atrás de seu pai viu Melina a olhando e sorrindo.

— Podemos conversar? — Ele se sentou na cadeira ao seu lado. Ela acenou com a cabeça, seu pai a olhou e pegou em sua mão com carinho e sorriu. — O que está me escondendo?

— Pai...

— A verdade, filha, por mais que me doa, sempre a verdade — Ralf disse sério.

— Eu... eu estou namorando — confessou baixo e o olhou.

— Bom, isso eu sei. — Ele sorriu. — Só estava esperando você me falar.

— Como?

— Filha, eu te conheço. E ultimamente você tem estado mais alegre, sorrindo à toa, mais bonita do que já é, então foi fácil deduzir que você está amando.

— Pai, ele vai sábado no churrasco do biso falar com o senhor.

— Tudo bem, até lá eu treino minha mira, não que ela seja ruim, apenas prevenção...

— Pai! — Riu e o abraçou com carinho.

Despediu-se de seu pai sentindo-se um pouco mais aliviada, mas ainda assim não mudava o fato de ele iria surtar ao saber sobre Magnus. Apertou o botão do elevador e ficou esperando. Ouviu uma risada e virou o rosto, Melina se aproximava, usava um top e uma calça de ginástica. A porta do elevador se abriu e entraram, Amélia apertou o botão e se encostou em uma parede. Melina mastigava um chiclete e a olhou assim que a porta fechou.

— Sabe, conheço o Magnus desde os meus quinze anos e como pode imaginar, já trepamos muito. — Ela estourou outra bola de chiclete. — E fico pensando como uma menininha como você pode satisfazer um homem como ele?

—Você mesmo respondeu sua pergunta. — Amélia sorriu irônica. — Mas vamos lá, já que vejo que está tão entretida em me provocar. — Deu dois passos para a frente e a encarou. — Primeiro, eu sei que ele já trepou com várias, não sou tão inocente assim. Segundo, como você mesmo disse, homens como ele sentem tesão em *menininhas* como eu e não em vacas como você!

Melina a olhou de cima a baixo.

— Vou adorar ver você sofrer por causa dele, e vou amar quando ele vier atrás de mim querendo realmente se satisfazer com uma mulher de verdade!

— Eu entendi o seu jogo, Melina. Não tenho medo de você e mais uma coisa... — O elevador parou e as portas se abriram, Melina saiu e a olhou. — Até uma puta de esquina sabe satisfazer como você! — Amélia respirou fundo quando as portas se fecharam. Nunca pensou que teria de ficar enfrentando ex louca em pleno elevador.

— Magnus? — chamou assim que entrou no quarto. Estranhou o fato de ele não estar ali, até que viu um cartão sobre a mesa.

“Demorarei um pouco, talvez chegue de madrugada, não precisa me esperar, beijos. M.”

Pensou em mandar mensagem para Lislá, mas ela tinha avisado que iria se encontrar com André. Queria conversar com a mãe sobre as dúvidas que tinha, pegou o celular e o olhou por um momento. Teria que aprender a andar com as próprias pernas, já havia se escondido demais, e não seria uma mulher como Melina que iria a intimidá-la. Foi em direção ao closet e ficou olhando para as roupas dele, tocou uma por uma. Quem a visse ali, poderia achar que ela era uma daquelas perseguidoras, mas foram tantos anos sonhando com aquilo, com um momento como aquele, que às vezes chegava a pensar que tudo era um sonho, e tinha medo que ele acabasse.

Suspirou, foi em direção às suas coisas, pegou uma camiseta antiga e foi para o banho, deixando a água relaxar seu corpo. Quando saiu, sentiu-se um pouco melhor. Deitou-se na cama e ficou vendo televisão até pegar no sono. Acordou no meio de algum filme de ação, desligou a televisão, olhou o relógio que marcava 00h30min, e ainda estava sozinha. Levantou-se e foi em direção à varanda, ao abrir a janela, sentiu um vento gelado. Pegou uma manta, seu celular e se sentou numa poltrona grande o suficiente para duas pessoas. Abriu o aplicativo de mensagens e enviou uma para Jonas.

“Qual a playlist de hoje?”

Amélia.”

Jonas era o responsável pela rádio da escola na madrugada, e sempre tocava as melhores músicas, logo teve a resposta.

“Românticas de todos as épocas.

Dj Jonas.”

Logo sintonizou na rádio. Por estarem no último andar, tinha a vista mais linda, voltada para o campo, onde se podia andar com os cavalos. Havia um caminho formado por pequenos lampiões para ninguém se perder. Sorriu

ao ouvir a voz de Whitney Houston cantando “Run To You”. Amélia amava o filme de paixão, mas, porra!, a música fodia com seu psicológico no momento. Ouviu um barulho e levantou a cabeça, Magnus a olhava.

— Chega para lá — disse ele, sentando-se ao seu lado na poltrona.

— Ei, você é muito grande... — comentou ela, rindo.

Ele a puxou para seu colo, tocou em seu rosto e a beijou.

— Falei para não me esperar. — Deu uma mordida em seu pescoço.

— Eu acordei e vim para cá ouvir música. — Ela sorriu e tocou em seu rosto — Conseguiu resolver o que queria?

— Uma parte sim. Mas não vamos falar sobre isso agora.

— Ok.

Acomodou-se melhor em seus braços. Começou a tocar “Sexual Healing”, ela riu baixo.

— Sério? — perguntou ele, rindo.

— Culpe o Jonas. Ele é o responsável pela programação da rádio da escola na madrugada.

— Hummm... ou ele está trepando ou está querendo conquistar alguém, por que Marvin Gaye a essas horas é para isso.

— Então você já fez isso?

Ele tocou em seu rosto e a beijou com carinho, o momento foi quebrado quando o celular dele vibrou, era uma notificação de mensagem. Ele olhou sério, sorriu e respondeu. Uma fina garoa começou a cair.

— Vamos. Preciso de um banho.

Os dois entraram, ele deixou o celular em cima da mesa e foi para o banheiro. O celular dele vibrou. Amélia o pegou para levar para ele e parou no caminho ao ler a mensagem.

“Temos que marcar mais vezes esses encontros... E mais uma coisa, caso ela não te satisfaça, pensa em mim 😊”

Mel.”

Deixou o celular no mesmo lugar e respirou fundo. Foi em direção à cama, deitou-se e ficou encolhida em seu canto. Ouviu quando Magnus saiu do banheiro. Ele se deitou e a puxou para ele.

— Seu celular vibrou — avisou baixinho.

— Não era ninguém importante, apenas a Mel me perturbando — disse dando um beijo em seu ombro.

— Vocês são bastante amigos? — Ela se encostou nele e o esperou responder.

— Desde a adolescência, estudamos juntos também.

— Hmmm.

— O que foi, está com ciúmes? — perguntou levantando seu rosto.

— Não sei dizer ao certo. — Não admitiria aquilo para ele, não agora.

— Vai querer que eu pare de falar com ela?

— Eu não disse isso — defendeu-se.

— Mas deu a entender. Amélia, ela é apenas uma amiga, ok.

Ele se levantou e foi em direção à cozinha, ela se sentou e o olhou.

— O Fernando também é apenas meu amigo.

— Casos diferentes, Amélia.

— Não, são casos idênticos, Magnus.

— Você quem começou quando me respondeu “não sei ao certo”, era mais fácil admitir. E vou falar a mesma coisa que você me disse, com todo respeito, mas não vou parar de falar com uma amiga de anos por causa do seu ciúme.

— Ok. Morreu o assunto.

Ela se deitou puxando a coberta até o pescoço e ficou na dela, até o sono chegar.

Na manhã seguinte, acordou, tomou café no quarto, colocou um biquíni e foi atrás da amiga. Entrou na suíte que supostamente dividiam e Lislá estava sentada olhando para o celular. Sua cara não estava muito boa. Amélia se aproximou e se jogou de costas colchão.

— Quando foi que tudo ficou complicado? — Amélia perguntou se virando para ela.

— Nem me fale, era tão mais fácil quando éramos apenas nós duas e as preocupações da escola — concordou Lislá, deitando-se e ficaram olhando para o teto. — O que houve?

— Ontem, sem querer, eu vi uma mensagem da Melina para o Magnus. — Fechou os olhos com força.

— O que estava escrito?

— Que tinham que marcar mais vezes o encontro e... caso eu não o satisfizesse, era para ele pensar nela.

— Puta do caralho, hein!

— E acabamos brigando. E você?

— Uma ex do André está rodando ele de novo. E eu juro para você, Lia, se eu encontrar com ela, arranco aquele aplique fajuto no tapa.

Ficaram quietas por um momento e resolveram ir para a piscina. Quando escolheram onde ficar, Lislá já estava apenas de biquíni.

— Droga! Esqueci meu boné — resmungou Amélia.

— Toma, usa o meu.

— Obrigada.

Lislá fez uma cara estranha e se sentou de frente para a amiga.

— O que foi Lislá?

— Bom, se não quiser passar raiva, apenas não olhe para trás.

— Os dois estão juntos, não é? — perguntou fechando os olhos.

— Sim, e vão se sentar na nossa frente.

Lisandra os olhava com curiosidade. Amélia queria virar o rosto, mas não iria dar o braço a torcer.

— Ainda bem que você é bonita, Lislá, e posso te admirar.

— Puta merda, ela é bonita pra caralho, que corpo — comentou Lislá e completou assoviando.

Melina era uma mulher morena clara, com cabelos lisos que iam até a bunda. E falando em bunda, a dela chegava a ser exagerada demais, cintura fina, e silicone nos seios, o que chamava atenção realmente nela era a cor dos olhos, uma cor âmbar.

— Sério, Lislá?

— O quê? Você sabe que é verdade.

— É, eu sei — admitiu, gemendo baixinho.

— Puta que pariu! — Lislá disse erguendo os óculos de sol.

— O que foi?

— Eles estão olhando para nós.

— Deve ser porque estou espantando o sol.

Ela riu quando a amiga jogou uma bolsinha nela. Levantou-se para se esticar e percebeu que a amiga olhava para alguém nas suas costas. Quando ia se virar, foi jogada dentro da piscina.



Capítulo 8

— E se aqui fosse fundo seu imbecil? — reclamou, tossindo. — Engoli água pra porra.

— Por isso eu pulei junto.

— Imbecil. — Jogou água no homem à sua frente. Andou até a borda da piscina e saiu. Tirou o celular dentro do bolso e o mostrou para ele.

— Você me deve um celular — avisou ela, séria.

— Sem problema, afinal, isso daí que você chama de celular deveria estar em um museu.

— Concordo com o meu cunhado — pronunciou-se Lislá.

Amélia pegou uma toalha com Lislá, enrolou-se nela e se sentou na espreguiçadeira.

— Põe o boné — disse o homem, aproximando-se e colocando o boné em sua cabeça.

Amélia olhou para o primo e riu. Viu que algumas pessoas o olhavam assustadas. Afinal, um homem de 1,80m com o corpo todo tatuado realmente

chamava a atenção.

— O que está fazendo aqui?

— Tenho um compromisso. Seguinte, me esperem as duas, daqui meia hora no saguão e não comam nada, ok?

— Beleza.

Ele se abaixou e deu um beijo em seu rosto. Virou-se, vestiu uma bermuda, calçou os chinelos, jogou a toalha em seu ombro e saiu andando. Amélia riu com os olhares furtivos que o primo recebia. Olhou desanimada para seu celular que pingava, deixou-o ao seu lado e olhou para amiga.

— Bom, avisa o Bicio que não poderei ir — avisou Lislá.

— O que foi?

— Alice me avisou que Camila está na casa de nossa sogra e André está lá.

Amélia balançou a cabeça sorrindo.

Depois que se trocaram, desceu com a amiga e se despediram. Viu quando a amiga saiu cantando pneu com o carro e balançou a cabeça, rindo. Amava Lislá, mas ela chegava a ser mais ciumenta que seu primo. Virou-se e se olhou no espelho que havia no saguão. Tinha escolhido um vestido florido com tiras nas costas e uma rasteirinha. Pelo espelho, viu seus pais conversando com Magnus e Melina, pensou em ir até eles... Melina disse algo que todos riram, ela segurou no braço de Magnus enquanto falava.

— E aí, gostosa? — Ouviu um grito. Algumas pessoas os olharam com interesse, até seus pais, Melina e Magnus. Bicio se aproximou e a abraçou com carinho.

— Idiota, aonde vamos? — perguntou ela, rindo.

— Primeiro vou cumprimentar meus tios, pois tenho educação, garota — avisou ele. Amélia o acompanhou. — Oi, tio!

— Meu Deus, Fabrício, você está pior que seu bisavô — Ralf disse o olhando e logo o abraçou.

— Oi, tia linda! — Ele deu um beijo no rosto de Raja, que sorria.

— Meu amor, quanto tempo. Meu Deus, até onde vai continuar com essas tatuagens? — Raja perguntou.

— Nem queira saber, tia. Bom, vou sequestrar a Pimenta por algumas horas, pois preciso conversar com ela.

— Hã? — Amélia olhou para o primo. — O que foi que eu fiz?

— Assuntos, garota, assuntos. Bem, vamos indo, até mais — disse ele, puxando-a pela mão.

— Aonde vamos? — perguntou curiosa.

— Primeiro, comprar um celular novo para você. E depois, almoçar.

A primeira parada foi em uma loja para comprar o celular. Ela queria um mais simples, mas seu primo, como todos os outros homens da família, não a escutou e comprou um de última geração. A sorte que ela tinha pegado seu chip. Ligou o celular e instalou tudo o que precisava. Abriu o aplicativo e mandou uma mensagem para Magnus, aproveitou para mudar o nome do contato dele.

“Oi.

Ninfa.”

Saíram da loja e foram direto para uma hamburgueria artesanal, escolheram uma mesa, sentaram-se e fizeram os pedidos. O celular de seu primo tocou e ele atendeu. Amélia aproveitou para ver se havia alguma mensagem de Magnus.

“Oi, estou ocupado.

Prince.”

Pensou em responder, mas apenas desligou o celular e olhou para o primo, que a analisava.

— Fiquei sabendo o que aconteceu na festa — começou sério, pegou em sua mão e a apertou. — Sinto muito por ter ouvido aquelas merdas, eu avisei o biso, e ele convocou todos no fim de semana que você não foi e esculachou com todo mundo.

— Já foi... — ela disse baixinho, com o coração apertado.

— Não, não foi, Pimenta. Nenhum deles tinha o direito de dizer aquilo, a vergonha que estou dos meus irmãos... você nem imagina. — Ele ficou sério por um momento e olhou para a prima. — Ninguém tem nada a ver se você é ou não virgem, até mesmo seus pais, isso é escolha sua. O que podemos fazer é aceitar e ficarmos ao seu lado, caso algo de errado, mas, fora isso, você tem que viver, experimentar o que o mundo oferece.

O atendente trouxe os pedidos, colocou-os na mesa e saiu. Fabrício pegou o dele e começou a comer.

— Bicio, posso te perguntar uma coisa?

— Manda, Pimenta.

— Quando você transa, você imaginava outra pessoa?

Fabrício, que bebia um refrigerante, quase se engasgou. Engoliu o que pôde, tossiu, limpou-se e olhou para ela.

— Primeiro, que porra de pergunta é essa?

— Só responde, Bicio — pediu ela.

— Pimenta, você está namorando? — perguntou, sério.

— Sim. Porra, esse negócio é complicado demais — declarou ela, abaixando a cabeça. — É tudo muito intenso, nunca tem um meio-termo e eu estou confusa com tudo.

— Pimenta, calma, respira. — Ele se levantou e se sentou ao seu lado, abraçando-a. — Conta desde o começo, para ver no que posso te ajudar.

Amélia contou tudo, desde o acordo entre eles, dos encontros até a mensagem que tinha lido.

— Ele fala que é amiga dele, mas, sei lá, a forma como vi os dois juntos, eles não me pareciam apenas amigos.

— Eles devem ter transado mais de uma vez — opinou ele.

— Ou ainda se encontram, pela forma como ela falou na mensagem.

— Pimenta, entenda, amigos que já transaram, a privacidade é uma coisa que não existe — ponderou.

— Você não entende, é como se ainda existisse algo... Eu não queria ficar assim, Bicio, mas tem a questão de sentimentos... E isso é foda, bate uma insegurança, ainda mais ele sendo experiente e coisa do tipo — confessou ela, desanimada.

— Insegurança bate em todos, Pimenta, não importa quão experiente seja, isso acontece, então não fica assim. Mas me fala quem é o cara, pois tenho que tirar o chapéu para ele, pois você sempre foi a mais centrada de todos nós.

Ela se afastou do primo e ficou olhando pela janela, um casal passou sorrindo um para o outro. Amélia soltou um suspiro longo e deu um gole em seu refrigerante.

— Magnus — disse baixinho.

O primo começou a arregalar os olhos aos poucos.

— Puta merda, você disse Magnus? Caralho, Pimenta, agora entendo o porquê de você estar assim, realmente sua situação é complicada.

— Muito obrigada pelo ânimo.

— Pimenta, é só que... vocês são o oposto um do outro. Você é tímida, já o Magnus... não tem pudor. Cacete! Já fui em uma festa dele que acontecia orgias de todo tipo...

— O quê?! — Ela o olhou assustada.

— Pimenta, Magnus é o tipo de cara que não sabe o que é limites, ele só trabalha ao extremo... Então eu estou tentando entender como vocês...

- Podemos mudar de assunto?
- Pimenta, eu sei que é difícil...
- Bicio, por favor, vamos falar de outra coisa.

Ele a olhou por um momento e concordou com ela. Ficaram conversando por um bom tempo e depois resolveram ir ao cinema. Fabrício escolheu o filme, comprou a pipoca, mas quando começou o filme, ela se desligou, pois sua mente a levou para outro lugar.

- Gostou do filme?
- Sim.
- Pimenta, não mente para mim, no meio do filme te vi chorando e o filme que vimos era de comédia.
- Desculpa, é só que...

Ele sorriu e a puxou para um abraço.

Já era noite quando chegaram ao hotel, antes de descerem do carro, Fabrício se virou para ela e pegou em sua mão.

— Eu vou me arrepender, mas é o seguinte, Magnus é o tipo de cara que gosta de atitude. Você deve saber o que o deixa louco, então use isso e tenha atitude, Pimenta. Não fique com medo, se quiser transar, chega nele e o beije e fale o que quer.

Ela concordou com a cabeça. Desceram do carro e foram direto para o elevador.

- Vai ficar até quando?
- Não sei ao certo. Se precisar, meu quarto é o 505.
- Tudo bem.

Abraçaram-se e seu primo saiu primeiro. As portas se fecharam e ela ficou pensando no que seu primo dissera. Amélia saiu do elevador e entrou no quarto. Estava tudo escuro. Ela estranhou, até que viu a porta da varanda

com uma fresta aberta. Andou até lá, abriu e o viu sentado na poltrona. Ele apoiava os cotovelos nos joelhos e deu um gole na cerveja que estava em sua mão. Magnus usava apenas uma boxer, ele virou a cabeça, olhou-a e não disse nada.

— Oi — disse ela, baixinho.

— Oi. — O tom dele foi seco.

— Eu...

— Se divertiu com seu primo?

— Sim, fazia tempo que não o via. — Ela sorriu. Ele balançou a cabeça, concordando e voltou a olhar para a frente, deu outro gole na cerveja e se encostou na poltrona. — Está tudo bem?

— Só quero ficar sozinho.

— Magnus...

— Amélia, eu não vou repetir.

Olhou-o sem entender o porquê daquela secura toda. Amélia apenas se virou e entrou no quarto, andou até a cama e se sentou. Balançou a cabeça e respirou fundo algumas vezes, lembrando-se do que seu primo dissera. Mas Magnus simplesmente entrou no quarto em direção ao closet, trocou-se, passou por ela e saiu do quarto. Amélia seguiu para a varanda e se sentou na poltrona, tentando entender o que estava acontecendo.

Depois de algumas horas, Amélia acordou com o barulho da porta e ouviu risadas. Ela se levantou e ficou espiando pela porta da varanda.

— Qual é, delícia, vamos lá, é só um banho — disse Melina, sorrindo. Ela usava um short jeans extremamente curto, um salto alto e um body branco.

— Mel, você está bêbada.

Ela sorriu e começou a tirar peça por peça, até ficar nua na frente de

Magnus. Ele se aproximou, tocou em seu rosto, mordeu seu queixo.

— Sim, e sempre que bebemos, nos soltamos e fazemos algumas loucuras... se lembra da festa de aniversário da sua irmã? — Ela se aproximou e o beijou.

Ele riu e a segurou quando ela quase caiu.

— Vem, vou dar um banho em você — disse, pegando-a no colo.

Esperou os dois entrarem no banho. Amélia engoliu em seco, segurando as lágrimas. Não podia acreditar no que tinha visto. Ela foi em direção ao banheiro e entrou.

— Amélia...

— Deixa-a ir, delícia, e volta para o nosso banho — Melina disse, rindo.

Amélia apenas deu uma última olhada nos dois e saiu.

Ela bateu na porta e esperou. Fabrício a olhou sem entender.

— Pimenta, está tudo bem?

— Está sozinho?

— Sim, por quê?

Ela entrou, sentou-se na cama do primo e chorou.

Na manhã seguinte, quando acordou, Fabrício estava olhando-a. Amélia não tinha dito uma palavra, apenas tinha chorado até pegar no sono. Tomou o café sem dizer palavra alguma, levantou-se e se deitou na poltrona da varanda.

— Filha, está tudo bem? — Raja perguntou se aproximando.

— Bom, a senhora tinha razão sobre ele...

— Filha, eu sinto muito. — Raja tocou no ombro da filha.

— Não, não sente. — Ela se sentou e a olhou. — Está feliz? Tudo que me disse aconteceu, vai lá comemorar e me deixa quieta com as minhas

feridas, por favor.

— Amélia...

— Mãe, sai... por favor.

Sua mãe saiu e ela voltou a se deitar na poltrona, encolheu-se ainda mais e fechou os olhos. Desde o começo sabia que aquele momento chegaria. Queria poder esquecer tudo o que tinham vivido, queria poder conseguir seguir em frente sem ficar se lembrando dele a cada maldito instante. Se ela se concentrasse um pouco, conseguiria sentir o cheiro dele em seu corpo. Fechou os olhos com mais força, pois ainda podia sentir seu toque, seus beijos, seus carinhos. Ele estava enraizado tão profundamente nela, que chegava a pensar que não saberia como seria dali para a frente caso tentasse se relacionar com outro homem. Ouviu o barulho da porta sendo aberta, respirou fundo e continuou de olhos fechados, a pessoa demorou para falar.

— Eu estou bem — disse sem abrir os olhos.

— Não parece. — Amélia gemeu de frustração ao ouvir a voz de Magnus.— Precisamos conversar.

— Só vai embora, por favor.

— Só vou depois de falar com você. — Ela abriu os olhos e o olhou pelo canto dos olhos. Ele se aproximou e se sentou na mesa de centro. — Olha para mim, por favor. — Ela engoliu em seco, soltou um longo suspiro e se virou. Olhou-o nos olhos e pensou que quanto mais rápido aquilo acontecesse, mais tempo teria para se recuperar. — Quando tinha quinze anos, eu tive minha primeira namorada — começou ele, inclinou-se um pouco e pegou o pé direito de Amélia e começou a massageá-lo. Ela tentou puxá-lo, mas ele segurou firme. — Namorei com ela durante três anos e foi difícil quando fui aprovado na prova para cadete e a deixei aqui.

“Quando voltei para a minha primeira férias, assim que desembarquei, a primeira coisa que fiz foi ir em uma joalheria e comprar um anel de

noivado... — Ela engoliu em seco e prestou mais atenção. — Escolhi o anel que combinasse com ela, comprei o buquê de flores que ela amava e fui direto para a casa dos pais dela. Quando cheguei, pedi à mãe dela que não contasse que a estaria esperando em seu quarto. — Ele pegou o outro pé e ela suspirou.

“Fiquei andando de um lado para o outro, pensando o que iria dizer para ela. Quando tinha me decidido, ouvi a risada dela no andar de baixo, me preparei para fazer a surpresa e quando a porta se abriu, não estava preparado para cena que veria, ela estava aos beijos com meu primo Lucius.”

— O que aconteceu? — ela perguntou baixinho.

— Quando me viram, ela ficou sem jeito e tentou falar comigo. Meu primo apenas me olhava e então abaixou a cabeça. Deixei o buquê em cima da cama, passei por eles e fui direto para o primeiro bar que vi. Fiquei ali até ser expulso pelo dono. No dia seguinte, comprei o apartamento onde eu moro com o dinheiro que ganhei do meu pai ao fazer dezoito anos e então resolvi extravasar e comecei a dar vários tipos de festas...

— Meu primo me falou... — Suspirou.

— E o que ele disse é verdade. Perdi a conta de quantas vezes transava por dia. Quando chegou o fim das férias, ela veio atrás de mim, me pedindo perdão, dizendo que meu primo a encurralou e não teve como recusar. Inventou mil e uma desculpas. O que ela não sabia é que antes de começar a namorar com ela, eu e meu primo sempre ficávamos com a mesma menina. Então dele eu já esperava aquilo, mas achei que ela iria recusar. Fiquei com tanta raiva dela, que me fechei para tudo. Por um tempo, andei com o anel de noivado pendurado em uma corrente, para sempre que o visse me lembrasse de nunca mais me abrir para ninguém. Quando soube qual seria a minha próxima missão, eu me agarrei à raiva, ao desprezo. E quando voltei...

— Eu não estou entendendo... — disse, olhando-o confusa.

— Eu ainda não terminei, Amélia.

— Me desculpa — disse baixinho e se encolheu.

— Por isso, quando estava com alguma mulher, fazia questão de dar o melhor sexo para ela nunca mais esquecer, mas depois a tratava como um lixo. Para mim, era uma forma de retribuição à forma como fui tratado. — Ele parou por um momento e a olhou nos olhos. — Então você apareceu com seus filmes clichês e até agora eu não entendo o porquê caralhos o autor matou a menina depois de tudo o que eles passaram... — Ela não queria rir, mas não conseguiu.

“Ainda não entendo o porquê aquele cara vira um tigre branco durante o dia, e acho ridículo vampiro brilhar como purpurina quando sai no sol. Ainda não entendi a graça dos romances de época, o povo morria de caganeira, tinha doença para um cacete, mas ainda assim as autoras vão e romantizam tudo... — Ele ficou sério. — Mas são esses clichês que dão o encanto em você, seu vício por chocolate, suas mãos sujas por causa dos seus desenhos, o modo como você trata todos ao seu redor, o jeito que sorri quando assisti ou lê essas drogas que eu disse, o jeito que fica quando chora por causa deles...”

“Tudo isso me fascina de um jeito que não sei explicar — confessou tocando em seus cabelos e os colocando atrás de sua orelha. — O modo como fica envergonhada quando falo alguma sacanagem, o jeito que sorri quando não entendo algum de seus livros favoritos e me explica com atenção e carinho... — Ele a puxou da poltrona e a colocou sobre seu colo. — O seu cheiro que me excita a qualquer momento. Então, sim, eu também estou confuso como tudo aconteceu muito rápido entre nós... E, sim, também sinto insegurança em relação a você...”

— Magnus... — Ela o olhou nos olhos, tentando não chorar.

— Amélia, só me dá mais uma chance... E eu juro, não aconteceu nada

entre mim e a Melina. Depois que você saiu do quarto, deixei ela tomando banho sozinha e expliquei que daqui em diante ela terá limites em minha vida, pois ela inclui você e sei o quanto ela te incomoda. Conversei com seu pai e marquei um jantar para hoje, contarei sobre nós e pouco me importo se ele irá surtar ou não. Pois sei que quero você ao meu lado, quero ser acordado por seu cabelo bagunçado fazendo cócegas no meu nariz, pois você novamente dormiu agarrada a mim. Quero acordar e ficar te olhando e rir do barulhinho que você faz enquanto dorme. É isso que quero, eu quero você.

Ela o olhava sem acreditar em tudo o que ouvia. Agarrou-se a ele e sorriu quando ele retribuiu o abraço na mesma intensidade.

— Magnus...

— Shhh, não diz nada, me deixa apenas te abraçar, sentir o modo como seu corpo encaixa no meu, senti o cheiro que tanto me excita, sentir minha pele queimar com seu toque...

Ela virou o rosto e o beijou. Se ele pedisse mil chances, ela daria mil e uma. Amélia sabia que não conseguiria mais viver sem ele. Colocou as pernas ao redor do corpo dele e gemeu quando o sentiu duro contra seu sexo.

— Ok, foi bonita a declaração, mas é o seguinte, não quero saber dos dois transando na varanda do meu quarto — Fabrício disse saindo do quarto e parando atrás dele. Ela sorriu olhando para Magnus e olhou para o primo, que piscou para ela.

Amélia saiu do colo de Magnus que assim que ficou de pé, colocou-a na sua frente para esconder a sua ereção. Entraram no quarto atrás do seu primo e sua mãe estava sentada na cama limpando uma lágrima que escorria. Raja se levantou e ficou de frente para os dois.

— Bom, deixa eu ir e me preparar para o jantar, pois já sei o que nos aguarda. Mas vai ser interessante.

Amélia colocou uma calça jeans preta que realçava suas curvas, um cropped branco de zíper na frente e de alcinha, e optou por um tênis. Enquanto fazia um rabo de cavalo, pensava o que poderia acontecer no jantar. Sentiu um frio no estômago. Olhou-se por um breve momento no espelho e saiu do banheiro. Magnus falava ao celular e ao vê-la, semicerrou os olhos e a ficou encarando.

— Ok, Driane, mande todos os relatórios para meu e-mail e logo os mandarei assinados. — Ele desligou, andou em sua direção e parou na sua frente.

— O que foi? — perguntou segurando um riso pela expressão que ele fazia.

— Nada. Vamos? — Ele pegou em sua mão e saíram do quarto. Quando entraram no elevador, sentiu-a um pouco tensa. — Ei, não fica assim.

— É difícil, já imaginei várias reações do meu pai e nenhuma termina bem.

Ela o abraçou e sentiu um beijo em seus cabelos. Magnus levantou o rosto dela e a beijou. A porta do elevador foi aberta, ela virou o rosto e então viu Rodrigo os olhando. Saíram do elevador de mãos dadas. Assim que entraram no restaurante do hotel, algumas pessoas os olhavam sem entender; outras, de forma curiosa. Sentaram-se à mesa. Amélia sentiu a mão dele em sua perna, que balançava de nervosismo. Assustaram-se quando a cadeira foi puxada e Bicio se sentou.

— Desculpa, mas não podia perder isso. — Ele a olhou sorrindo.

— Sério mesmo?

— Não é todo dia que temos um corajoso sem noção. — Ele olhou para Magnus e sorriu. — Ainda mais um que enfrenta seu pai. — Amélia cruzou os braços. — Até o biso tem medo dele e você sabe disso.

— Bicio, você não está ajudando — ponderou, olhando seriamente para o primo.

— Pensa comigo, Pimenta. — Ele se debruçou sobre a mesa. — Caso seu pai o mate... — Ele olhou para Magnus, que apenas ergueu a sobrancelha. — Eu garanto a parte mais importante dele para você, o que acha?!

— Fabrício Loures! — Amélia arregalou os olhos para o primo, que começou a rir.

— Não sei se você lembra, ou os esteroides afetaram seu cérebro... — Magnus olhou para o homem à sua frente, analisando-o com cuidado, as tatuagens espalhadas em seu peito que a regata que usava mostrava. Se bem que nem poderia considerar o que usava uma regata. — Ou foi a tinta em excesso das tatuagens, mas, caso não se lembre, eu era o superior de André e se bem me lembro, você sabe de tudo o que seu irmão é capaz, certo?

— Pouco me importo, Magnus. — Fabrício sorriu. — Bato no meu irmão do mesmo jeito, então quem dirá em você que é nesse momento apenas o cara que está esperando a aprovação do meu tio.

— Deu! Vocês dois! — Amélia olhou entre os homens.

Ela virou o rosto e viu o momento que seus pais entravam no salão, engoliu seco. Seu pai ria de algo que sua mãe falava. Amélia sentiu a mão da Magnus na sua. Seu pai olhou em sua direção ainda sorrindo, mas logo ficou sério.

— Boa noite, Magnus. Boa noite, Fabrício — cumprimentou Ralf, sentando-se. Ele olhou por um momento para a filha, colocando a cabeça de lado. — Filha, não está faltando parte nessa blusinha que você está usando? — perguntou cruzando os braços.

— Concordo, tio.

Ela olhou brava para o primo.

— Não, pai, não está.

— Raja, como você deixa sua filha sair usando esse tipo de roupa? — perguntou Ralf para a esposa, ainda de braços cruzados.

— Agora ela é apenas minha filha por causa da roupa que usa, é isso mesmo? — Raja se virou para o marido.

Amélia os olhava e tampou o rosto, pois sabia que agora ia começar a sessão vergonha alheia de seus pais e bem na frente de Magnus.

— Sim, pois você a incentiva a usar esses trapos que ela insistir em chamar de roupa — comentou, bufando. — E outra, é você quem ajuda na escolha das roupas dela.

— A mãe não escolhe minhas roupas há pelo menos dez anos, pai — avisou segurando a vontade de rir da cara de criança birrenta do seu pai.

— Pois deveria, assim, talvez, quem sabe, você saberia o que é roupa completa — resmungou.

— Por Deus, homem, olha vergonha que você está passando — Raja disse apontando para Magnus, que estava sério, mas os olhavam com interesse.

— Ele deve concordar comigo — Ralf disse olhando para esposa e logo olhou para Magnus.

— Em partes, sim, concordo com a parte em que falta pano. — Amélia apenas o olhava. — Mas, ainda assim, ficou muito bonita.

— Sim, concordo. — Ralf sorriu, por fim, pegou na mão da filha e deu um beijo.

O garçom se aproximou e fizeram os pedidos. Então sentiu a mão de Magnus em sua perna, e sabia que aquele era o momento.

— Ralf, gostaria de conversar um assunto com você.

— Claro, Magnus.

— Agora eu quero ver — Bicio murmurou e sentiu um chute na canela,

e olhou para a prima.

— O que quer dizer? — Ralf olhou para o sobrinho.

— É, Fabrício, o que quer dizer? — Amélia o olhou.

— Fabrício... — Raja olhou para o sobrinho. — Não tem mais o que fazer, não? — Ela cruzou os braços.

— Não, tia, estou aqui para a segurança... — Ele parou e olhou para Magnus, que o encarava, e sorriu. — Dos interesses da Pimenta.

— Como assim, Fabrício? — Ralf olhou para o sobrinho e depois para a filha. — Do que ele está falando?

— Pai...

— Estou namorando a Amélia. — Magnus decidiu acabar logo com tudo aquilo.

Ralf virou o rosto lentamente para Magnus, limpou a garganta, semicerrou os olhos e olhou de um para o outro. Colocou o cotovelo sobre a mesa e apoiou o queixo na mão. Amélia segurou o ar, pois o pai acabara de entrar no modo advogado, ele olhou novamente de um para o outro.

— Há quanto tempo você sabia? — perguntou, virando-se para a esposa.

— O que tem eu!? — Raja o olhava assustada.

— Raja, não mente.

— Bom, há um tempo. Mas que era o Magnus, há alguns dias — confessou baixo, olhando-o.

Ele balançou a cabeça, então se virou para a filha. Ela sempre tinha medo quando ele estava naquele modo. Ela se encolheu um pouco, pois sabia que a qualquer momento ele explodiria.

— Há quanto tempo? — perguntou, olhando-a nos olhos.

— Um mês e meio — Magnus respondeu sério, cruzando os braços.

Ralf o olhou por um tempo, acenou com a cabeça e respirou fundo.

— Uau, já chegou a esse ponto de ele ter que responder por você, Amélia Loures? — Olhou para a filha.

Ela engoliu em seco, pois seu pai só a chamava pelo nome quando fazia uma merda colossal.

— Eita — Fabrício murmurou.

— Cala a boca, Fabrício Loures. — Ralf olhou para o sobrinho, que apenas assentiu rapidamente com a cabeça.

— Pai...

— Uau, pensei que tivesse perdido a voz.

— Ralf... — Raja tentou socorrer a filha.

Ele apenas ergueu um dedo, Raja ficou calada.

— Pelo que me consta... — Magnus olhou para o homem à sua frente.

— Amélia é maior de idade e não tem que ficar se justificando!

— E morreu! — Fabrício disse baixo e pegou um pouco do vinho.

— Estou falando com a minha filha... — Ralf disse com raiva.

— Que, no caso, é minha namorada! — Magnus encarou o homem.

Amélia olhou para Magnus sem reação. Raja não sabia se ria de nervoso por Magnus ter enfrentando o marido ou pelo fato de o marido ter ficado pela primeira vez sem palavras. Fabrício apenas olhava para o tio.

— O que eu sempre te ensinei, Amélia? — Ralf perguntou em um tom um pouco mais baixo

— A verdade, por mais que doa — respondeu baixinho e o olhou nos olhos.

— Muito bem.

Ele colocou o guardanapo sobre a mesa, afastou a cadeira e saiu do restaurante. Amélia soltou o ar que segurava e olhou para sua mãe, que franzia as sobrancelhas.

— Ele está muito putó — Amélia disse colocando a cabeça entre as

mãos.

— Sim. — Raja pensou um pouco e completou: — E dessa vez vai sobrar para mim, acho que vou dividir o quarto com a Lislá hoje à noite.

— Puta que pariu! — Fabrício disse, recostando-se na cadeira. — Você sabe que que está muito fodida, né?

Ela apenas balançou a cabeça e fechou os olhos. Queria muito que seu pai tivesse feito uma cena ali, pois o modo educado era o nível usado quando seu pai estava extremamente puto e poderia cometer uma loucura.

— Tudo vai se acertar. — Magnus pegou em sua mão com carinho. — Confia em mim!

— Não quero ser o estraga prazer — intrometeu-se Fabrício —, mas você não conhece meu tio!

— Pouco me importo quem seja seu tio. — Amélia olhou para o homem ao seu lado. — Não vou deixar que nada aconteça a ela!

Fabrício apenas acenou com a cabeça e se virou para a prima.

— Você sabe que ainda tem que enfrentar a ira do biso, né? — Pegou na mão de Amélia.

— Nem me lembre — gemeu baixo.

Quando voltaram para o quarto, Amélia decidiu tomar um banho, para ver se conseguia relaxar um pouco a tensão que sentia em seus ombros. Assim que saiu, pegou sua camisola de unicórnios e a vestiu. Pegou o celular, escolheu uma playlist e saiu na varanda. Magnus fechou o notebook ao vê-la se aproximar e deixar o celular sobre a mesa onde estava o notebook. “Ready For Love”, de Bad Company, começou a tocar.

Ela se sentou em seu colo e o beijou, e gemeu em seus lábios quando sentiu a mão dele subindo lentamente por sua coxa. Magnus a puxou pelo cabelo, expondo seu pescoço, distribuindo beijos molhados descendo em

direção aos seios. Ele se afastou o suficiente para que ela tirasse a camiseta que ele usava. Amélia arranhou de leve o peitoral dele e gemeu quando sentiu a mão dele apertar seus seios por cima da camisola e logo os mordeu. Assustou-se quando ele forçou o tecido e rasgou sua camisola e se dedicou a seus seios, fazendo-a arfar de tesão.

— Alguém pode nos ver — avisou ele, lambendo um seio e outro.

— É essa a intenção.

Ele parou, olhou-a nos olhos e a puxou pela nuca, beijando-a firme. Magnus a colocou na poltrona e ficou em pé. Ela sorriu ao vê-lo abrir o zíper de sua calça e a abaixando junto com a cueca, mordeu o lábio ao ver seu pau livre e pronto para ser chupado. Masturbou-o lentamente. Encarou-o e viu em seus olhos a luxúria. Sem desviar os olhos, passou a língua pela cabeça rosada e o engoliu, fazendo-o sibilar. Ele segurou em seus cabelos, puxou sua cabeça para trás e empurrou para frente com um pouco mais de força, enquanto ela massageava as bolas dele. Magnus grunhiu. Ele puxou sua cabeça para trás e a beijou.

— Deita na poltrona — ordenou. Ela fez o que ele pediu. Magnus pegou em seus pés e os colocou um em cada ponta da poltrona, deixando-a totalmente aberta para ele. Amélia mordeu o lábio ao ser ver assim, ele se aproximou e cheirou seu sexo. — Amo esse seu cheiro... — Ele a olhou e passou a língua lentamente por sua boceta.

Ela arfou quando sentiu uma leve mordida em seu clitóris. A língua dele passava por todo seu sexo, sem pressa alguma. Amélia fechou os olhos e levou as mãos aos seus seios, apertando-os à medida que ele intensificava as chupadas. Magnus afastou seus lábios e começou a tortura que ele fazia com os dedos. Ela amava aquilo. Ele deu um leve sorriso ao vê-la gemer ao sentir o belisco em seu clitóris.

— Aahhh...

— Se continuar a gemer assim, você irá acordar os vizinhos e talvez o hotel.

Quando ia dizer algo, gemeu mais alto ao senti-lo entrar com força. Ele veio sobre ela e estocou mais forte. Ela puxou seu rosto e o beijou.

— Eu...

— Não tão rápido, Ninfa.

Ele parou de se mexer, olhou-a e sorriu.

— Droga, Magnus — choramingou.

— Me fale, o que quer, Ninfa? — perguntou e mordeu o bico do seu seio.

— Quero que me foda — disse arranhando suas costas.

— Tem certeza? Irei te foder com força e fazer você gritar ainda mais alto.

— Por favor.

Ela gritou ao senti-lo entrando com força, não conseguia se controlar a cada estocada que recebia. Quando sentiu que iria gozar, abraçou-o e deu um grito abafado, mordendo o ombro dele. Seu corpo tremeu com violência e respirava com dificuldade.

— Porra! — gemeu ele, saiu de dentro dela e gozou na barriga dela.

Ela fechou os olhos e foi aos poucos controlando sua respiração. Gemeu ao sentir um aperto em sua cintura, ele ainda a segurava em seus braços.

— Ei.

— Só... um... minuto — arfou ela.

— Enrosca sua perna na minha cintura...

— Eu estou sem forças — sussurrou.

— Faz o que eu falei, Ninfa. — Ele deu um beijo em seus cabelos.

Fez o que ele o pediu. Magnus a levantou da poltrona. Ela se agarrou a

ele, de olhos fechados, com a cabeça apoiada em seu ombro. Somente abriu os olhos quando sentiu algo frio embaixo de sua bunda. Tinha sido colocada sobre o balcão da pia do banheiro. Ela o olhou e ele sorria, puxou seu rosto e a beijou com carinho.

Quando ele se afastou e foi em direção à banheira, Amélia observou a tatuagem por um momento. O samurai estava com a cabeça abaixada, alguns fios do cabelo soltos ao vento; ele olhava para dois túmulos que estavam tatuados no lado direito. Magnus se virou, pegou a toalha de rosto, molhou-a e então limpou sua barriga e a dele. Enquanto a banheira enchia, encaixou-se no meio das pernas dela e a beijou.

— O que significa? — perguntou descendo a mão pelas costas dele, sempre ficava incomodada com a cicatriz que sentia, mas nunca tinha tido a coragem de perguntar.

— Eu era o líder da missão, tínhamos planejado o ataque por quase um mês. Estava acontecendo tudo como combinado, mas de alguma forma, algo saiu errado e fomos atacados. — Ele pegou em sua mão esquerda e a colocou sobre a outra tatuagem de túmulos. Amélia apenas assentiu, e fez um leve carinho na cicatriz. — Poderia ter morrido, se não fosse por Andreas e Domênico.

Ela tocou em seu rosto e abaixou os olhos, vendo as cicatrizes espalhadas por seu peito, cobertas por seus pelos, tocou em uma que ficava no começo do v de sua barriga.

— Você não vai mais voltar certo? — perguntou baixinho.

— Não. — Ele tocou em seu rosto e o levantou. — E mesmo que me pedissem, não deixaria você. — Sorriu e a beijou com carinho.

Ela o abraçou com força e se lembrou da história que ele tinha contado, e jurou que se encontrasse a imbecil que o fizera sofrer, faria alguma coisa a ela, mas também agradeceria pela burrada. Gemeu ao sentir o aperto em sua

coxa. Magnus a puxou para a frente, e tocou em seu sexo levemente. Ela inclinou o corpo para trás e se encostou no espelho, admirando-o deliciar-se em seu sexo. Sua respiração começou a falhar ao sentir os dedos hábeis dele lhe fodendo.

— Não... — choramingou quando ele parou e a levou para a banheira.

Sentou-se de frente para ele. Pensou em seu pai e que teriam de tomar cuidado, pois tinha um medo terrível do que seu pai pudesse fazer. Seu peito se apertou ao se lembrar de que sábado levaria Magnus para a família “conhecê-lo”.

— O que foi? — perguntou tocando em sua perna.

— Meu pai.

— Não fica assim, ele não seria louco de fazer algo — ponderou ele.

Ela ergueu uma sobrancelha.

— Magnus, meu pai jogou um vidro inteiro de pimenta na carne do meu tio Lauro. O coitado quase morreu e ainda por cima teve que pedir desculpas para meu pai. Dentre todos os Loures, o meu pai é o que mais dá medo quando está puto, então, sim, eu tenho meus motivos para me preocupar.

Ele sorriu.

— Garanto que ele não irá fazer nada.

— Ah, meu Deus! — Ela colocou as mãos na boca. — Você vai chantagear meu pai?

— Não! — ele disse sério. — Mas tenho algo que ele quer muito.

— Se isso não é chantagem, eu não sei mais o que é — comentou ela, mexendo as mãos na água.

— Vamos mudar de assunto, vem cá.

Ela mudou de lado e se encostou nele, não demorou muito e logo sentiu a mão dele deslizando por seu corpo. Gemeu e abriu as pernas para

facilitar. Amélia apertou a coxa de Magnus ao sentir um dedo dentro dela.

— Se apoia na beirada da banheira — sussurrou em seu ouvido. Ela se levantou e fez o que ele pediu, gemeu ao sentir ele chupando seu sexo, mas encolheu-se quando ele subiu um pouco mais. — Medo? — perguntou enquanto colocava um dedo dentro dela.

— Receio — disse baixinho.

— Só vou fazer o que você quiser que eu faça.

Sentiu um puxão em seu cabelo e logo ele estava estocando com força. Ela apertou forte a borda enquanto gemia alto a cada investida dele. Em um momento, seu braço fraquejou e ele agarrou sua cintura, amparando-a enquanto a fodia.



Capítulo 9

A semana tinha sido difícil. Seu pai não falava com ela e muito menos olhava em seu rosto. Amélia se sentia incomodada com aquela situação. Sua mãe a tinha alertado que o deixasse quieto em seu canto, mas era difícil, afinal, ela e o pai sempre assistiam aos mesmos programas e ficavam comentando e rindo juntos. Magnus tinha avisado que não poderiam se encontrar. Então, depois do serviço, pensou em esperar seu pai, para ter com quem voltar. Estava indo em direção ao carro quando o avistou, ele conversava seriamente com Suzyane, aproximou-se um pouco e pôde ouvir a conversa.

— Ralf, você está sendo irracional. — Ela o olhou e tocou em seu braço. — Amélia não é mais uma criança...

— De que lado você está? — Ele tirou a mão dela. — Quer saber, precisamos de um tempo.

Amélia viu seu pai sair do carro. Escondeu-se e sentiu as lágrimas em seu rosto.

— Amélia?

— Oi — ela disse baixinho e olhou para a mulher à sua frente.

— Quer uma carona?

Amélia ficou em silêncio o trajeto todo, sabia que ele poderia ficar puto, mas não achou que ele fosse deixá-la isolada, ergueu a cabeça quando o carro parou, tirou o cinto e sentiu uma mão em seu braço.

— Olha, só tenha paciência, ok? — Suzy a olhou.

Abriu o portão de sua casa e sorriu ao ver Rufus vindo em sua direção, subiu a escada e ao abrir a porta, ouviu o barulho da televisão. Aproximou-se e viu seu pai sentado na poltrona, tomando cerveja. Ele a olhou e desviou os olhos.

— Pai...

— Filha, é melhor não. — Raja se aproximou.

Ela o olhou e sentiu as lágrimas em seu rosto. Passou pela sala e parou de repente, virando-se de frente para o pai.

— Se não quer falar comigo, tudo bem. Mas não o compare com o seu pai! — declarou Amélia. Ralf a olhou com desdém e bebeu um pouco da cerveja. — O senhor nem deu uma oportunidade para ele...

— Magnus é o tipo de homem que só se envolve com putas e mulheres casadas...

— Então é isso que pensa de mim? — Ela sufocou um soluço.

Ralf desviou os olhos. Amélia subiu correndo para o quarto, trancou-se em seu quarto e chorou. Logo ouviu alguém batendo à porta e ouviu a voz de sua mãe:

— Filha...

— Eu quero ficar sozinha, por favor.

Depois disso, decidiu que era melhor não se aproximar de seu pai. Sentia sim falta dele, mas tinha doído demais ouvir seu próprio pai lhe

chamando de puta.

Na quinta, saiu no horário normal de seu serviço e foi direto para a cabana, ao se aproximar, colocou seu dedo na fechadura. Magnus havia deixado Amélia como umas das autorizadas a entrar ali quando quisesse. Estava parada no meio cozinha e olhava para a xícara de chocolate quente que fizera, virou um pouco o rosto ao ouvir barulho de passos. Respirou fundo e tentou mudar a expressão de seu rosto assim que encarou o homem à sua frente.

— O que houve? — Fechou os olhos ao sentir o abraço carinhoso. — Há dias que está assim. — Sentiu a mão dele em seu rosto. — O que está acontecendo?

— Meu pai... — Tentou segurar o choro. — Ele me... me chamou de puta! — terminou escondendo o rosto em seu peito.

Na sexta pela manhã, Magnus analisava calmamente o homem que estava sentado algumas cadeiras longe dele, estavam na sala de reunião. Ralf coçava os olhos enquanto Camilo falava sobre a proposta que haviam recebido de uma hoteleira grega que queria abrir a primeira filial no país.

— Está tudo bem? — o senhor perguntou a Ralf.

— Sim, mas achou que estou pegando resfriado — explicou o sogro amigavelmente.

Magnus sabia que era mentira e que o homem estava entediado com aquela reunião. Amélia sempre fazia aquilo quando um assunto a entediava demais e não queria ser mal-educada com a pessoa e dava a desculpa que estava pegando um resfriado. Magnus coçou o queixo e deixou que Camilo continuasse a falar, pegou o celular e mandou uma mensagem a Amélia.

“Dorme hoje comigo?

M.”

Ergueu os olhos ao ouvir a voz de seu pai, que falava sobre as vantagens que teriam com a proposta, sentiu o celular a vibrar e deu um leve sorriso.

“Sim.

Ninfa.”

Esperou pacientemente o fim da reunião. Levantou-se com calma, mas ainda prestava atenção nos movimentos do sogro, pegou a parte de cima do terno, vestiu-o e se aproximou de Ralf.

— Uma coisa, Ralf — disse em um tom autoritário e chamando a atenção para ambos. — Na próxima vez em que pensar humilhar a Amélia, nem vai saber o que lhe atingiu!

Ralf deu alguns passos para trás, assustado com a atitude, encarou o homem à sua frente e reconheceu o olhar de ira no rosto de Magnus.

No sábado de manhã, Magnus estacionou o carro e desceram do carro. Ele se aproximou e pegou em sua mão.

— Vai ficar tudo bem — disse ele, tocando em seu rosto.

Abriram o pequeno portão, subiram os degraus da varanda e entraram na casa. Ouviram vozes no quintal, onde aconteciam todas as festas da família. Assim que passaram pela porta dos fundos, ela teve que engolir em seco, pois todos os olharam. Sentiu a mão de Magnus em sua cintura, segurou em sua mão em forma de proteção. Foram na direção do bisavô de Amélia.

— Biso, parabéns. — Ela o abraçou e recebeu um abraço apertado. — Depois trago seu presente, pois ele ainda não chegou.

— Espero ansioso, pois os seus presentes são sempre os melhores — Américo disse sorrindo e se virou para Magnus. — Então é você o responsável pela ira do meu neto mais velho?

— Não estou irado, vô — resmungou Ralf, sério.

Amélia olhou na direção do pai, que a fitava de um jeito que ela se arrepiou inteira de medo. Seus tios os olhavam interessados.

— Não, vô, ele está sendo dramático mesmo, esqueceu que a filha ia crescer e trepar como todos aqui fazemos — disse seu tio Lauro, levantando-se. — Prazer em revê-lo, Magnus. — Ele estendeu a mão para Magnus, que sorriu e a apertou. — Sabe, Ralf, ainda me lembro quando você me sacaneou em relação a Minerva, está sendo tão bom ver a volta — alfinetou indo em direção à geladeira e pegando uma cerveja.

— Quem diria, o chefe do meu filho e ex superior dele com a minha sobrinha. — Júlio sorriu. — Não liga, meu irmão mais velho só tem cara de bravo, mas é inofensivo.

— Porque não foi você quem comeu a carne apimentada — Lauro disse sério.

— Mas, nesse caso, você mereceu, querido irmãozinho. — Júlio se aproximou e a beijou no rosto. — Parabéns, minha pimentinha.

— Obrigada, tio. — Ela olhou para o pai e depois para Magnus. — Vamos nos sentar. — Sorriu.

— Claro.

Américo percebeu a tensão e olhou para o neto mais velho, cruzando os braços.

— O que foi que esse animal fez, Raja? — perguntou olhando diretamente para o neto.

— Bom... — Raja olhou para Américo e olhou para Ralf, que estava de cabeça baixa. — Ele chamou nossa filha de puta!

— E posso saber o porquê!? — Américo a olhou furioso.

— Porque eu estou com Magnus — contou Amélia e olhou para o pai.

— Amélia... — Ele ergueu um dedo. — Eu ainda não superei o fato de você...

— Ter crescido, se tornado uma bela mulher e que trepa como todo mundo? — Américo perguntou num tom raivoso. — Para de viadagem, Ralf. Pelo menos você conhece o rapaz. E pelo que lembro, você era bem mais rodado que Magnus na idade dele, só não ficou pior porque a Raja o colocou nos trilhos.

— Como assim, biso? — Amélia perguntou sem entender.

— Querida, se juntar seus primos, eu, seus tios e Magnus, não chegamos perto da putaria que seu pai já aprontou. — Ralf olhou para o avô sem acreditar no que ele estava falando. Amélia estava boquiaberta. — Ele está assim porque sabe do passado do Magnus e sabe da lei do retorno por ter uma filha. Então aceite, Ralf.

— Não sou obrigado — murmurou Ralf e deu um gole na cerveja.

Américo bufou olhando na direção do neto mais velho, aproximou-se e parou de frente para ele, que se assustou com a atitude do avô.

— Olha aqui, seu moleque, não me obrigue a lhe dar um esculacho com cinquenta e cinco anos nas costas. Ele não é o seu pai! Ninguém aqui é como aquele verme. Só Deus sabe o arrependimento que tive com aquela cria do demônio que chamava de filho — confessou. — Entenda, sua filha cresceu. E dentre todos nós, você sabe muito bem, graças ao bom Deus, ela é a única com juízo. Aproveita que ela ainda quer conversar com você e pedir desculpas, que aliás, nem deveria, afinal o que ela faz ou deixa de fazer com o corpo dela só diz respeito a ela própria — concluiu puxando Ralf pela orelha.

— Porra, vô! Solta essa merda — resmungou Ralf, passando a mão na orelha.

Todos tentavam seguraram o riso, mas os irmãos de Ralf não perdoaram e começaram a rir da cena. Ralf olhou na direção da filha, que o olhava um pouco receosa, e deu um rosnado baixo ao ver a mão de Magnus

em sua coxa.

— Puta que pariu, essa porra é difícil... — Ralf começou dizendo.

— Eu avisei — zombou Lauro, rindo.

— Vai tomar no cu, Lauro. — Ele se aproximou de Amélia e a puxou para um abraço. — Ainda não me acostumei com o fato de você, minha filha única, estar se relacionando com o Magnus. É foda... Caralho...

— Ralf... — Magnus começou a dizer.

— Magnus, cala a boca, ou faço você ir conversar com seu avô antes do tempo.

— Pai! — Amélia se afastou.

— Amélia, fica quietinha aqui, por favor. — Ralf abraçou a filha ainda mais forte. — Pois aqui você ainda é minha menininha, que brigava com os primos, que não gostava de se arrumar e botava para correr os meninos da rua. Afinal, por que caralhos você teve que crescer?

Ela sorriu. Estava tão angustiada por não poder mais abraçá-lo quando tinha tido um dia de merda ou conversar sobre os programas que gostavam.

— Pai...

— Não — ele a interrompeu. — É como seu biso disse, seu corpo, suas escolhas, apenas tenho que aceitar. — Segurou em seu rosto. — E, por favor, filha, me perdoe. — Ela sorriu com os olhos cheios de lágrimas e o abraçou com força. — E a faça feliz ou eu vou atrás de você até no inferno. — Apontou para Magnus.

Ele olhou em volta e viu todos os homens da família o encarando. Olhou para o sogro e assentiu. Amélia se soltou dos braços do pai, abraçou Magnus e ele a beijou.

— Puta que pariu, preciso de outra cerveja — Ralf disse indo em direção à geladeira.

Um pouco mais tarde, André chegou junto com Lisandra. O primo deu

de cara com Amélia sentada no colo de Magnus. André olhou para o amigo e estreitou os olhos.

— Que porra é essa? — gritou. — Posso saber o porquê a Pimenta está no seu... — Arregalou os olhos. — Filho da puta, então é você o namorado secreto?!

— Sim, André.

— Deveria te esmurrar, Magnus. Minha Pimenta era inocente — esbravejou André. Américo respirou fundo e deu um pescotapa nele, que o olhou assustado. — Porra, biso.

— Afinal, o que faz vocês acharem que são donos da Amélia? — Américo perguntou olhando na direção dos homens da família.

— Bisos...

— Cala a boca! — Américo gritou. — Por Deus, como posso ter criado um bando de machistas dentro da minha própria casa? Só vou dizer uma única vez, ela quem decide o que faz e não vocês. A única coisa que podem fazer é esmurrar o Magnus quando ele pisar na bola, simples assim.

— Desculpa por tudo isso — pediu Amélia, baixinho.

— Tudo bem. — Magnus deu um beijo em sua testa.

— Mas, afinal, como tudo aconteceu? — Ralf perguntou sério e se sentou ao lado da esposa, que olhava para a filha. Amélia ficou um pouco envergonhada.

— Lembra a entrevista para o estágio...

— O que tem? — Ralf olhou confuso para a filha.

— Bom, ele foi no lugar de Susan... — ela disse sorrindo.

— O importante... — Américo começou a falar, ganhando a atenção de todos e andou em direção à geladeira. — É que a minha menina agora namora. — Pegou uma cerveja e se sentou. — E espero muito ser tataravô logo!

— BISO! — Amélia gritou.

— PORRA, VÔ. — Ralf grunhiu e fechou os olhos.

A fundação estava de mudança, José Carlos e Susan avisaram Amélia que ela poderia trabalhar em casa, assim também poderia estudar para a semana de provas. Ela voltava da universidade lendo um papel com uma tradução rápida que fizera e tentava decifrar a própria letra. Ao se aproximar do portão de sua casa, ergueu os olhos e viu um carro preto parado em frente. Olhou para o carro e viu um homem dentro dele, mas não conseguiu ver o rosto. Entrou em casa e quando estava fechando a porta, ouviu vozes vindo da sala.

— O que você quer? — perguntou sua mãe, séria.

Achou estranho a mãe usando aquele tom, quando entrou na sala, avistou um homem alto.

— Mãe? Pai? Está tudo bem?

Ao dizer aquilo, chamou a atenção do grupo que estava na sala. O homem a olhou e sua expressão se suavizou. Ele sorriu para ela. Tinha que admitir, o homem era muito bonito quando sorria. Ele era bem alto, vestia um terno cinza escuro sob medida, tinha cabelos grisalhos, uma barba bem-cuidada e branca, olhos de um tom impressionante de verde.

— Olá, Amélia — cumprimentou-a e ela ficou encantada com a voz daquele estranho.

— Não ouse dirigir palavra alguma à minha filha — gritou Raja.

Amélia se assustou com a atitude da mãe e olhou para seu pai, que estava sério.

— Raja! — disse Ralf, contendo a esposa.

— Alguém pode me dizer o que está acontecendo? — Amélia perguntou, confusa.

— Prazer, sou Heitor D'Ávila. — Heitor se aproximou e tocou em sua mão. Ela sentiu como se o conhecesse há muito tempo.

Amélia deu alguns passos para trás, devido ao choque de suas mãos, e o analisou por um momento.

— Amélia, por favor, suba — pediu sua mãe, com o olhar vidrado em Heitor.

— Sim, senhora. Ah, Magnus irá me pegar às 19:30, para jantarmos — avisou.

— Magnus Lacarez? — perguntou Heitor, olhando-a.

— Sim, senhor. Você o conhece?

— De vista — disse sorrindo e Amélia tinha que dar o braço a torcer, o homem era mesmo bonito.

— Suba, Amélia! — ordenou Ralf, sério.

Amélia fez o que os pais pediram, quando chegou ao topo da escada, parou e ficou ouvindo a conversa.

— Você não tinha esse direito, Heitor — disse Raja, nervosa.

— Não tinha o direito? É sério? Entenda uma coisa, Raja, eu estou voltando para a cidade e pode ter certeza que vou fazer valer meus direitos. Vim apenas fazer a cortesia de lhe avisar. Mas como não funcionou, vai ser cada um por si — Heitor declarou com uma voz grave.

— Você não pode, Heitor...

— Não posso? Eu posso e vou. É guerra que você quer, então é isso que terá. E garanto que dessa vez não será eu quem irá perder!

Antes de sair da sala, Heitor olhou para cima e a viu. Ele sorriu para ela e deu uma piscada. Amélia sorriu de volta. Heitor abriu a porta e saiu, deixando-a aberta. Seu pai foi em direção à porta e a fechou com força. Amélia se assustou.

— Eu disse para ir para seu quarto, Amélia — disse seu pai,

entredentes.

— Mas, pai, a mãe... — Analisou o rosto de seu pai, e viu a mesma expressão que usou ao descobrir sobre Magnus. — Quem é ele? — perguntou baixo.

— Alguém que se depender de mim, nunca irá se aproximar de sua mãe e de você novamente!

Amélia olhou para o relógio e viu que precisava começar a se arrumar. Fechou o caderno, e entrou correndo no banheiro. Entrou no banho e aproveitou para lavar os cabelos. Quando saiu, foi para o seu armário ver o que colocaria. Escolheu um vestido azul-marinho, que realçava seus seios, ajustava-se à sua cintura e ficava solto na parte de baixo. Sentou-se na cama e colocou uma sandália de salto alto.

Ficou indecisa sobre o que fazer com o cabelo. Optou por fazer uma trança de lado e quando estava finalizando, ouviu a voz de seus pais e logo depois a de Magnus. Olhou-se no espelho e gostou do resultado. Claro que poderia ficar mais bonita se soubesse como se maquiar direito, mas era uma negação. Por isso apenas passou um rímel, um lápis nos olhos e um batom. Pegou sua bolsa e colocou o celular dentro.

Quando estava na ponta da escada, respirou fundo. Seria a primeira vez que iriam sair juntos depois que tinham assumido o relacionamento. Criou coragem e desceu os degraus.

A primeira pessoa que a viu foi Magnus. Ele vestia um terno azul-escuro, e não sabia o porquê, mas o traje o deixava mais perigoso. Sentiu um arrepio quando os olhos dele percorreram seu corpo, demorando-se no decote do vestido. Ele se levantou e foi em sua direção, pegou sua mão e deu um beijo. Despediram-se dos pais dela e caminharam até o carro. Magnus abriu a porta para que ela pudesse entrar.

— Você está linda hoje. — Ouviu-o dizer.

Quando se sentou, olhou-o e encontrou um olhar sensual em seus olhos, que fez seu corpo se arrepiar. Magnus fechou a porta, deu a volta por trás do carro, entrou e ligou o carro.

— Obrigada. Você também está bonito.

Ele a olhou e lhe ofereceu um sorriso tão terno que quase fez seu coração quase parar. Quando o carro entrou em movimento, uma música suave começou a tocar. Olhou de relance para o interior do carro, e tinha que admitir: era lindo por dentro e parecia que completava o dono. Reconheceu a marca, mas não o modelo.

— Que modelo é esse?

— Essa é a Giulia — disse sorrindo.

— Giulia? — Olhou-o com cara de espanto. — Você deu nome para o carro?!

— Alfa Romeo Giulia é o nome do carro, mas é mais conhecido como Giulia — explicou, rindo.

— Ah! Desculpe, entendo pouco de carro — justificou, envergonhada.

— Você dirige?

— Eu? A última vez que tentei, meu pai jurou que nunca mais me daria um carro para dirigir.

— Foi tão mal assim? — perguntou, curioso.

— Podemos dizer que... como posso falar?... Quase entrei na casa do vizinho. — Escutou a gargalhada de Magnus e riu com ele. — O quê? É muito complicado dirigir, pelo menos eu acho — disse, tentando se defender.

— Com o tempo, podemos mudar isso.

Na entrada do restaurante, um rapaz abriu a porta para ela, que agradeceu. Magnus pegou sua mão e entraram no salão. O maître os

cumprimentou e os direcionou para o local reservado. Passaram por quase todo o salão. Amélia sentia os olhares sobre eles, algumas mulheres olhavam para Magnus. Ela ficou um pouco incomodada e um pouco mais tensa do que já estava.

Chegaram a uma parte privada do restaurante, o homem a ajudou com a cadeira e logo entregou um menu de vinhos para Magnus. Ele escolheu e devolveu o menu para o homem. O casal trocava olhares de desejo e sorrisos. Logo o garçom chegou com as taças e a garrafa de vinho. Serviu para Magnus primeiro e depois a serviu. Assim que viu o garçom se afastar, Amélia tomou um pequeno gole e fez uma careta.

— Não bebe?

— Primeira vez que bebo vinho — confessou, envergonhada.

— Hum, então já experimentou outras bebidas?

— Não. — Ela sorriu.

Viu quando surgiu um sorriso em seus lábios, e aquele sorriso foi fatal. Amélia desviou os olhos e olhou pelo salão do restaurante, reconheceu um homem e percebeu que era Heitor que se aproximava. Ele estava todo de preto e aquilo realçava os olhos verdes dele.

— Olá, Amélia — cumprimentou-a.

— Olá. — Ela sorriu para ele.

— Vocês se conhecem? — Magnus perguntou surpreso.

— Na verdade, eu conheço os pais de Amélia.

Magnus se levantou e abraçou Heitor com carinho. Amélia ficou curiosa, pois Heitor havia dito que o conhecia apenas de vista, mas o abraço que eles trocaram mostrava que eram bastante íntimos.

— Janta conosco? — Magnus perguntou sorrindo.

— Se não for incômodo. — Heitor sorriu e Amélia se sentiu novamente atraída pelo sorriso do homem.

Heitor se sentou ao lado de Amélia, e ela pode sentir o cheiro da colônia que ele usava. E o cheiro a lembrava de algo da sua infância.

— Então, há quanto tempos estão juntos? — perguntou.

— Há exatos dois meses — respondeu Magnus e olhou para a namorada, sorrindo.

— E só agora criou vergonha na cara de conversar com os pais de Amélia? — Heitor olhava muito sério para Magnus.

Magnus o olhou por um tempo e abaixou os olhos. Amélia percebeu o quanto ele estava envergonhado.

— Sim, mas tive meus motivos — Magnus falou um pouco baixo.

— Sei... E por isso Amélia teve que passar a vergonha de ser intimada e você se escondendo? — Heitor apenas olhava para Magnus.

Amélia olhou de um para o outro e não entendia muito bem o que estava acontecendo. Magnus estava sendo tratado como um moleque que foi pego fazendo uma merda muito grande.

— Ok! Mas eu já conversei com eles, Heitor. Afinal qual seu interesse nisso? — Magnus indagou.

— Como disse, eu conheço os pais de Amélia, e a vejo como uma filha também. — Um silêncio estranho se instalou entre eles. Heitor analisava Magnus com um olhar muito duro. — Você não é muito nova para beber? — perguntou semicerrando os olhos enquanto olhava para Amélia.

— Sério, Heitor? — ironizou Magnus.

— Qual o problema? Afinal, nem todas as moças de vinte e três anos bebem por aí — comentou Heitor, entredentes.

— Como sabe a minha idade? — perguntou Amélia, curiosa.

— Você tem a mesma idade da minha filha — respondeu baixo.

Magnus olhou para o homem e ficou em silêncio por um momento.

— Conseguiu falar com ela? — inquiriu Magnus.

— Algumas palavras apenas. A mãe e o padrasto não me deixaram sozinho com ela.

Amélia olhava para o homem à sua frente e viu muito rápido em seus olhos verdes um olhar de tristeza, e ficou tocada com aquilo.

— Você não viu sua filha crescer? — Amélia perguntou baixinho.

— Não pude. A mãe dela não me deixou ter contato. — Ele deu um sorriso fraco.

— Sinto muito. — Amélia sorriu para ele.

— Não se preocupe. Como estou voltando a morar na cidade, terei tempo para me aproximar dela. Mas fico meio receoso, pois, pelo que pude ver, acho que ela nem sabe a verdade toda — concluiu olhando para suas próprias mãos.

Ao ouvir aquilo, algo tocou bem fundo em Amélia que sem pensar, tocou em sua mão.

— Se você for sincero e não mentir em momento algum, sua filha entenderá.

Heitor olhou para ela e sorriu, apertando sua mão. Ouviram um rosnado baixo e Amélia olhou para Magnus, que olhava para as mãos dadas deles.

— Magnus, tenho idade para ser o pai dela — declarou. — Na verdade, tenho idade para ser o pai de vocês dois. — Viram Magnus relaxar.

Eles riram de algumas histórias que Heitor contava sobre o passado de Magnus. Logo ela virou o assunto da conversa.

— Soube que está na universidade. — Heitor bebeu um pouco e a olhou. — Qual curso?

— Línguas e dialeto antigo. — Ela sorriu. — Na verdade, eu só escolhi esse curso pois sabia um pouco sobre o dialeto que havia na cidade, as outras línguas estou aprendendo agora.

— Soube que é curso puxado. — Magnus a olhou.

— Não muito. — Ela deu de ombros. — A minha vantagem é que já sabia as gírias do dialeto e isso me ajudou.

— Conseguiu algum estágio? — Heitor quis saber.

— Sim. — Magnus a olhou todo orgulhoso. — Ela conseguiu estágio na fundação estando ainda no segundo semestre, e a fundação só aceita partir do terceiro.

— Mas tive ajuda do professor José Carlos. — Amélia o olhou e sorriu. — Senão, acho que não teria conseguido.

— Mas com quem aprendeu o dialeto? — Heitor a olhou com curiosidade.

— Na verdade... — Ela sorriu e se animou. — Meu biso é bem conhecido na parte baixa da cidade e ali se usa muitas gírias que surgiram do dialeto, alguns amigos dele me ensinaram e eu sempre gostei das histórias das antigas famílias...

— Acho que em minha casa tem alguns livros sobre esse assunto — informou Heitor. — Se quiser para você, ficarei feliz em vê-los sendo usados para algo em vez de acumular poeira — ofereceu.

— Eu aceito, sim! — Ela sorriu. — Isso pode me ajudar com algumas matérias, dependendo do livro.

Heitor e Magnus engataram uma conversa sobre negócios. Amélia ficou prestando a atenção na conversa deles e descobriu que o namorado comandava uma segunda empresa onde Heitor era seu sócio. Como não queria ficar bisbilhotando, pediu licença e foi ao banheiro.

Depois de lavar as mãos, olhou-se no espelho e sorriu. Ao abrir a porta, deu passagem a duas mulheres que entraram. Ao sair, sem querer esbarrou em alguém, foi se desculpar e seu corpo simplesmente congelou. Engoliu em seco. A primeira coisa que viu foi a tatuagem de mandala no pescoço, ergueu os olhos e se viu presa nos olhos azuis claros que a olhavam.

— Pequena Amélia, quanto tempo não a vejo — Gustavo disse sorrindo e então tocou em seu rosto. — Ainda mais linda.

— Não encosta um dedo em mim — disse raivosa, batendo em sua mão.

— Esqueci como é agressiva — comentou, rindo.

Conseguiu escapar dele quando uma senhora pediu licença e foi o mais rápido para mesa. Magnus a olhava um pouco preocupado.

— Está tudo bem? — perguntou ele.

— Sim, apenas me lembrei que tenho um trabalho para terminar e essa é última semana de prazo — respondeu sem o olhar.

Ele pegou em sua mão e percebeu que tremia. Ela o olhou e deu um sorriso forçado.

— Magnus Lacarez.

Ficou surpresa com a mudança brusca na expressão de Magnus, nada amigável.

— Augusto Buarque.

Amélia respirou fundo e olhou para o homem à sua frente. Sentiu seu estômago se contorcer. Encolheu-se um pouco na cadeira e olhou para o rapaz ao lado do prefeito.

— Lembra do meu filho Gustavo? — Augusto disse sorrindo.

— Claro. — Magnus acenou. Olhou para Amélia e apertou sua mão. — Augusto, essa é a minha namorada, Amélia Loures.

— Prazer em conhecê-la. — O senhor a olhou sorrindo e acenou com a cabeça.

— Amélia, há quanto tempo, tudo bem? — Gustavo se aproximou e deu um beijo em seu rosto.

— Oi. — Foi a única coisa que conseguiu dizer.

— Se conhecem? — Magnus perguntou, incomodado.

— Fui monitor da Amélia quando estudava. Está ainda mais bonita, Amélia.

Ela não disse nada.

Eles se afastaram, então pôde respirar um pouco mais calma. Magnus a olhava um pouco intrigado, ela percebeu que ele ia perguntar algo e foi mais rápida.

— Heitor foi embora? — Forçou um sorriso.

— Sim, ele tinha um compromisso. — Magnus se recostou na cadeira e a analisou por um instante. — Você não gosta do Gustavo, não é?

— Não — limitou-se a dizer.

— O que houve?

— Ele era um pouco folgado e muitas vezes não me ajudou quando foi meu tutor, quase reprovei por causa dele — mentiu.

— Então foi onde aprendeu a se virar sozinha com as matérias?

— Sim.

Magnus sorriu para ela. Nem em seus melhores sonhos poderia imaginar um sorriso mais bonito que aquele que ele lhe dava. Sabia que estava numa grande encrenca, pois a cada palavra, gesto ou toque se apaixonava ainda mais por ele.

— Se continuar a me olhar assim, terei que te levar a algum lugar, Amélia. — Ela sentiu seu rosto ficar um pouco mais quente, sorriu ao imaginar o que ele poderia fazer com ela. — Você o terminou?

— Terminei o quê?

— Meu desenho — disse, rindo.

— Ah, sim. Eu estava terminando ele antes de você chegar.

— Vou poder ver?

Quando ia responder, o celular dele tocou. Ele o atendeu olhando diretamente para ela, e em nenhum momento desviou o olhar. Viu que ele a

analisava e ficou incomodada. Amélia disfarçou e tomou mais um gole do vinho. O jantar correu bem e Amélia viu que estava um pouquinho alegre por causa do vinho, e ficou pensando o que diria aos seus pais.



Capítulo 10

— O que foi? — Magnus perguntou assim que entraram no carro.

— Estou pensando no que vou falar a meus pais quando eles me virem alegre desse jeito — disse rindo e encostou a cabeça no banco. — Uau. Seu rosto no escuro fica ainda mais ameaçador, e sexy ao mesmo tempo. — Tentou tampar a boca, mas já era tarde demais.

— Você só tomou duas taças de vinho, Amélia — comentou sorrindo.

— Como lhe disse, essa foi a primeira vez que bebi vinho. — Ela olhou pela janela e franziu a testa. — Aonde estamos indo?

Magnus apenas sorriu.

Chegaram ao destino e viu que estavam no observatório de estrelas da cidade. Ele estacionou e desligou o carro, mas deixou o rádio ligado. Solto o cinto e se virou para ela. Amélia fez o mesmo e o olhou, analisando cada traço do rosto já tão conhecido em seus sonhos.

Magnus tocou em seu rosto e a puxou de leve para beijar seus lábios.

Amélia se sentou em seu colo e as mãos dele passearam por seu corpo e pararam em suas coxas. Ela se afastou um pouco e o olhou, soltou um suspiro e tocou em seu rosto. Magnus fechou os olhos e encostou a cabeça no banco. Depois de alguns segundos abriu os olhos e a olhou intensamente.

— Como em tão pouco tempo me tornei tão dependente de você? — sussurrou ele.

Ela o beijou. “Ruin My Life”, de Zara Larsson, começou a tocar.

— Eu digo o mesmo — disse ela.

Ele se abaixou um pouco e afastou o banco do carro, assustando-a. Magnus levantou uma de suas mãos e desfez a trança de Amélia, enrolou a mão em seu cabelo e o puxou, dando uma leve mordida em seu pescoço. Ela fechou os olhos e gemeu a cada toque que recebia.

— Magnus... — gemeu ao sentir sua mão em seu sexo. Ele afastou a calcinha e introduziu um dedo dentro dela, sorriu ao vê-la arfar. Outro dedo foi introduzido. — Porra... — gemeu baixo.

Amélia apoiou uma mão na porta e outra sobre o braço do banco. Ela fechou os olhos e se deixou levar, começando a rebolar nas mãos de Magnus.

— Isso! Rebola, Ninfa...

Magnus colocou a mão livre sobre o seio por cima do vestido e o apertou.

— Magnus, eu...

— Você o quê? — perguntou aumentando o ritmo dos dedos em seu sexo.

— Eu... AAHHH... — Gozou em seus dedos.

Ele riu baixinho quando sentiu o corpo dela convulsionar. Ela puxou o rosto de Magnus e o beijou. Amélia o olhou, deslizando sua mão por seu peito, chegando ao cinto de sua calça.

— Amélia, se começar, eu não vou parar — alertou ele.

— Mas não quero que você pare. — Continuou a desabotoar sua calça. Magnus enrolou a mão em sua calcinha e a arrebentou, pegou-a pela cintura e encaixou-se nela. Segurou em seu quadril e comandou o ritmo.

— Rebola no meu pau agora, Ninfa — disse antes de beijá-la.

Ela começou a rebolar lentamente e foi aumentado a cada investida que recebia. Agarrou-se a ele, e não demorou muito para que os dois gozassem. Estava com a cabeça apoiada em seu ombro e ele fazia um carinho leve em sua coxa. Magnus pediu para que ela fosse para o banco de trás. Ela fez o que ele pediu e logo ele a seguiu. Empurrou o banco para a frente e a puxou para cima dele. Despiu-a. Primeiro o vestido. Logo foi a vez do seu sutiã. Amélia abriu os botões da camisa de Magnus, expondo o peitoral definido.

— O que minha calcinha fez a você? — perguntou sorrindo enquanto ele mordia seu seio direito.

Ele se curvou e pegou a calcinha que estava sobre o banco do passageiro, olhando-a por um momento.

— Isso não pode nem ser considerado uma calcinha... — disse sério. Ela riu do comentário dele. Lembrou-se de quando pegou o primeiro pagamento e resolveu melhorar suas roupas íntimas, não que fossem feias, Lislá a tinha incentivado a comprar algumas lingerie mais ousadas. — Mal tampa a parte da frente — resmungou baixo.

— Vou fingir que você que não gosta. — Ela sorriu.

Ele lambeu levemente seu lábio inferior e o mordeu. Ela se arrepiou ao sentir a mão dele deslizar vagarosamente por suas costas e gemeu ao sentir o tapa em sua bunda.

— Por que você faz isso? — perguntou ela, encarando-o.

— Faço o quê? — perguntou desferindo um tapa no outro lado.

— Ai! Isso dói — gemeu baixinho.

— Isso é por me provocar com essas calcinhas. — Ela soltou um

gritinho quando ele a deitou no banco, colocou-se no meio de suas pernas e a chupou sem pressa. — Já disse que você é muito doce? — perguntou enquanto a mordida levemente.

A única resposta que conseguiu foi um gemido baixo. Ela colocou as mãos sobre os cabelos dele e começou a rebolar.

Quando Magnus estacionou o carro na frente da casa de seus pais, Amélia soltou o cinto e quando ia abrir a porta, sentiu uma mão na sua perna. Ela se virou para ele e deu um leve beijo em seus lábios. Quando fez isso, Magnus não precisou investir muito e ela abriu os lábios para o receber melhor.

— Não faça isso, Ninfa — advertiu quando sentiu a mão dela em seu pau. — Não quero que seu pai nos pegue em um momento íntimo.

— Ok! — Ela riu ao imaginar a cena.

Ele colocou a cabeça um pouco para o lado e ficou olhando para algo além dela. Amélia virou o rosto e viu que seu pai estava na porta. Lembrou-se da cena de mais cedo e ficou pensativa.

— Está tudo bem? — perguntou ele, tocando em seu rosto.

— Não muito... Antes de você chegar, meus pais estavam brigando — disse meio sem graça.

— Não fica assim, pais são assim mesmo. Os meus viviam em pé de guerra em casa.

Despediram-se com mais um beijo e Amélia desceu do carro. Ao se aproximar de seu pai, ele a abraçou.

Estava saindo da universidade e lia a prova que fora entregue, sem entender o porquê de ter tirado aquela nota. Quase caiu de bunda no chão quando trombou com alguém, sentiu que a pessoa a segurava e levantou a

cabeça assustada. Sorriu ao ver Magnus.

— Tem que começar a olhar para a frente — disse sério.

— Estava entretida. — E mostrou a folha que lia.

— Uau, parabéns! — comentou, orgulhoso.

— Não fui tão bem assim, errei duas questões...

— Amélia, você tirou 9,5 e está achando ruim?! — questionou, incrédulo.

Ela riu da cara que ele fazia, arrumou a mochila nos ombros e percebeu que os alunos e alguns professores olhavam com interesse para aquela cena. Depois do jantar que tivera com Magnus, os sites de fofocas e até mesmo alguns blogs repostaram uma foto tirada deles em que Magnus a beijava e fazia um carinho em seu rosto. Ficou um pouco incomodada no começo, afinal, quando chegou à universidade no dia seguinte, todos a olhavam e ficavam cochichando. Ele, percebendo o quanto ela estava envergonhada, tocou em seu rosto e a beijou praticamente na frente da universidade inteira.

— Queria perguntar uma coisa — disse fazendo um carinho em seu rosto.

— O quê?

— Tem algum compromisso hoje?

— Não — mentiu. É claro que ela tinha, precisava terminar um monólogo sobre uma antiga língua da qual derivava o dialeto. Por mais que estivesse adiantada, faltavam duas semanas para a entrega e ela não gostava de deixar nada para a última hora.

— Ok, minha vó resolveu dar um jantar hoje à noite na casa dela e te pego às 20 na sua casa. Tudo bem?

— Claro. — Ela sorriu.

Ele perguntou se queria carona para casa. Amélia mentiu dizendo que tinha que fazer uma parada na biblioteca da cidade. Despediram-se com mais

uma cena de beijo na frente de todos. Quando ele foi embora, olhou em volta e viu que alguns alunos e professores a observavam. Viu Lislá vindo em sua direção.

— Preciso de ajuda!

— O que foi? — Lislá a olhou.

— Magnus me avisou que iremos a um jantar na casa da avó dele hoje.

— Ela parou de falar e olhou para amiga, desesperada. — Que roupa eu uso?

— Sua sorte é que meu chefe está viajando e hoje é meu dia de folga.

— Ela segurou em braço e foram em direção ao carro da amiga. — Vamos às compras!

Passaram o restante do dia no shopping. Rodaram por quase todas as lojas. Ela até havia gostado de um vestido, mas Lisandra foi firme dizendo que não era o certo para a ocasião. Amélia já estava quase desistindo quando se aproximaram de uma loja e entraram. Enquanto olhavam os modelos dispostos nas araras, Lisandra explicava como queria o vestido. Até que um chamou a atenção de Amélia.

— Lislá, o que acha desse?

Pegou o cabide e colocou o vestido em frente ao seu corpo.

— Vai e experimenta — respondeu ao analisar a peça.

Amélia se olhou no espelho e até estava gostando do que via, mas havia um pequeno detalhe. Saiu do provador e olhou para a amiga que estava ao celular.

— Não acha muito curto?

Lisandra ergueu a cabeça, olhou-a e sorriu.

— É esse!

Amélia terminou de ajeitar o cabelo. Sentou-se na cama e ergueu os olhos quando a porta foi aberta.

— Você está linda, filha — comentou Raja, sorrindo e olhando com carinho para a filha.

Amélia sorriu e terminou de calçar a sandália em seus pés. Ficou em pé e deu uma voltinha para que a mãe visse o *look*.

— Só acho que esse vestido está curto — resmungou seu pai ao parar na porta do quarto.

— Está perfeito, Ralf — retrucou Raja.

Amélia parou em frente ao espelho e se olhou. O vestido era na cor azul-escuro, as alças do vestido eram de renda e desciam até o meio das costas, deixando a pele totalmente à mostra. O decote se ajustava perfeitamente em seus seios, a cintura era marcada por um cinto, e a saia ia até o meio de suas coxas. Estava orgulhosa por ter conseguido fazer aquela maquiagem sozinha, Lislá praticamente tinha deixado um passo a passo de tudo o que teria que fazer. O cabelo estava preso em um rabo de cavalo um pouco mais alto, e alguns fios soltos. Ouviu a campainha e seu pai foi atender. Olhou-se mais uma vez no espelho e estava se sentindo maravilhosa e esperava que Magnus também achasse. Desceu a escada e se aproximou da porta, sorriu ao ver o primo conversando com seu pai.

— Uau, Pimenta — declarou André ao vê-la.

— Gostou? — Ela sorria para o primo.

— Curto demais — falou colocando a cabeça de lado.

— Viu só — concordou Ralf, olhando para a esposa.

Amélia riu e acompanhou o primo até o carro. André abriu a porta do carro para ela, que se sentou e colocou o cinto.

— Pensei que Magnus viesse me buscar — comentou ela.

— Ele até ia. — André a olhou rapidamente pelo retrovisor. — Mas então surgiu um imprevisto, parece que aconteceu alguma coisa na cabana ou algo assim, não me aprofundei no assunto, então ele pediu que viesse te

buscar.

Ela acenou com a cabeça e respirou fundo. A última vez que tinha estado na casa de Susan foi quando Magnus a havia beijado há mais de dez anos.

Olhou para o portão quando o carro parou, viu os seguranças e logo o carro voltou a andar, subindo por uma alameda. Sentiu algumas borboletas em seu estômago. Logo que avistou a frente da casa, viu Magnus olhando para o carro.

— O que foi, Pimenta? — André perguntou baixinho.

— Nada... apenas ansiosa. — Ela sorriu para o primo.

Magnus se aproximou do carro e abriu a porta, estendendo-lhe a mão para ajudá-la a descer do carro. Ele a olhou por um momento.

— Oi — ele disse e sorriu. — Desculpa por não ter ido te buscar.

— Tudo bem. — Ela sorriu, tímida.

Ele tocou em seu rosto e a beijou com carinho. Deram as mãos e subiram a escadaria da casa. A porta foi aberta e Susan apareceu toda elegante em um macacão preto com mangas compridas transparentes.

— Meu Deus, Amélia, você está linda! — exclamou ela.

— Obrigada. — Susan deu um beijo em seu rosto e logo a abraçou. — Só não mais que você.

— Isso? — Susan perguntou apontando para a própria roupa. — Não é nada, é apenas uma roupa comum para mim.

Amélia engoliu em seco quando disse aquilo e entraram. Sentiu a mão de Magnus em sua cintura e foram em direção a uma sala enorme, com vários sofás e poltronas.

— Oi, minha querida — Lucinda cumprimentou indo na direção de Amélia, dando um beijo em seu rosto.

— Oi. — Ela sorriu.

— Agora entendo por que meu filho perdeu o juízo.

Amélia se virou e ficou surpresa. O homem que se aproximava era a versão mais velha de Magnus e ficou impressionada com a semelhança entre eles.

— Eu avisei — comentou Susan, rindo.

— Muito prazer em conhecê-la, Amélia. — Ele apertou sua mão e deu um beijo em seu rosto. — Tenho que dizer que fiquei curioso, pois o que ouvi seu nome aqui dentro de casa...

— Não foram tantas vezes assim, Raul — Susan disse, na defensiva.

— Foram sim, vó.

Amélia virou o rosto e uma moça loira, de olhos azuis idênticos ao de Magnus, olhava e sorria para ela. A moça era a cópia de Lucinda, a única diferença é que era loira como Susan. Usava um vestido todo preto, marcando perfeitamente seu corpo. Ela entrou na sala e veio na direção de Amélia, parando em sua frente.

— Prazer, sou Liliana, mas pode me chamar de Lili. — Ela beijou seu rosto. — Uau, seus olhos são realmente impressionantes — comentou espantada.

— Concordo com você, filha, nunca tinha visto um tom desse — concordou Raul.

Não sabia o que fazer e piscou algumas vezes. Sempre ficava assim quando alguém elogiava seus olhos, sorriu envergonhada para Lili.

— Obrigada.

— Precisa ficar envergonhada não, somos quase família — Lili comentou sorrindo e abraçando Amélia, que retribuiu. — Sabe, no começo fiquei com um pouco de ciúmes, minha vó só falava de você e depois veio o Magu, então já viu, né.

Lili a puxou e se sentaram no sofá. Magnus se sentou ao seu lado.

— Nenhuma notícia de Julian? — Magnus perguntou para a mãe, que sempre passava a mão na cabeça do irmão.

— Ele disse que viria, mas você conhece seu irmão, Magnus.

— Sim, irresponsável como sempre.

No mesmo instante, a porta se abriu e um homem entrou na sala. *Putá merda, esse povo não sabia brincar, não?! O homem usava uma jaqueta preta de couro, uma camiseta preta por baixo, uma calça jeans rasgada nos joelhos. No rosto, ostentava uma barba rala. Tinha olhos verdes, idênticos aos de Lucinda. Ele olhou para Amélia e deu uma piscada.*

— Uau, dessa vez você se superou, Pamp. — Ele se aproximou, pegou a mão dela e deu um leve beijo. — Julian, ao seu dispor. — Sorriu para ela.

— Pamp? Nunca ouvi esse — comentou Lili. — Deve ser novo.

— Ele sabe o que significa — Julian disse rindo e indo em direção ao carrinho de bebida no canto da sala.

Magnus olhou para o irmão por um tempo e logo riu baixo.

— Cala a boca! Você vai ficar dessa vez na cidade ou já vai sumir por causa de mulher? — Magnus perguntou olhando para o irmão, que se sentava ao lado da avó.

— Dessa vez vou ficar um tempo aqui matando a saudades dessa bela e exemplar mulher de família — declarou dando um beijo no rosto da avó.

— Não vou livrar sua cara dessa vez, Julian — falou Susan, dando um tapinha no rosto do neto.

— Assim a senhora me magoa, vó.

— Esqueceu que o favorito é o Magu? — perguntou Lili, rindo.

— Começou... — murmurou Magnus.

— Os quatro são meus favoritos — Susan disse séria e logo sorriu.

— Quatro? — Amélia perguntou olhando para Magnus.

— Meu sobrinho Lucius, filho do meu falecido irmão — explicou Raul.

— Gostaria de beber alguma coisa?

— Não, obrigada. — Amélia olhou para Susan. — Não sabia que tinha outro filho, sinto muito.

— Lucius tem o mesmo nome do pai — explicou Susan, dando leve sorriso triste. — Infelizmente não chegou a conhecê-lo. E a mãe morreu quando ele tinha 3 anos. — Raul apertou a mão da mãe, que o olhou com carinho. — Então Raul e Lucinda o criaram como um filho.

Amélia olhou para Raul e Susan, que trocavam um olhar carinhoso. Desviou os olhos para Lucinda, que os olhava sorrindo.

— Falando em Lucius, por onde ele anda? — Lili perguntou, curiosa.

— Ele está na Argentina analisando alguns investimentos — Magnus disse sorrindo e olhou para Julian, que segurava um riso.

— Sem conversar da empresa no jantar, Magnus. — Susan chamou sua atenção. — Afinal, você trouxe a Amélia para conhecer a família.

A empregada anunciou que o jantar seria servido e logo todos foram em direção à sala de jantar. Acomodaram-se à mesa, e Amélia se sentou entre sua sogra e Lili.

— Amélia, tenho uma amiga que disse que você conhece o neto dela — Susan disse sorrindo.

— Deve ser da universidade...

— Não. Na verdade, ela disse que ele foi o seu príncipe na sua festa de quinze anos.

Ao ouvir aquilo, sentiu seu corpo travar, a boca ficar seca e tentava respirar lentamente. Levantou os olhos e Magnus a analisava. Desviou o olhar para Susan.

— Ah, sim! O... — Odiava falar nome daquele desgraçado.

— Gustavo Buarque foi seu príncipe? — perguntou Lili, olhando-a com curiosidade.

— Sim.

— Sempre achei ele um gato na época de escola — Lili disse, rindo. — Mas como conseguiu?

— Ele... foi meu monitor de matemática.

Ela sorriu para a cunhada e quando olhou para Magnus, ele estava com o maxilar travado.

— Sabe, tenho que começar a prestar mais atenção nessa cidade — comentou Julian, sorrindo para Amélia.

— Fica na sua, Julian — cortou Magnus, sério.

— Uau, você com ciúmes? — Julian deu um gole no vinho e então sorriu para Amélia. — Ganhou pontos comigo, afinal, ele só tem ciúmes das coleções dele.

— Isso eu concordo com o Ju — concordou Lili, rindo. — Até hoje lembro quando cheguei perto da coleção de bonecos deles, pensei que fosse ficar sem uma das mãos.

— Sem contar aquela nave horrível que ele tinha, lembra? — Julian gargalhou.

— Mereço... — resmungou Magnus.

Amélia olhou entre eles e riu baixinho. O jantar foi interessante e pôde perceber que não era só a sua família que gostava de fazer os outros passarem vergonha com seu passado. Depois do jantar, Lili se levantou e puxou Amélia junto. Magnus olhou as duas saírem, conversou mais um pouco com irmão e decidiu ir atrás da namorada. Quando chegou à sala, encontrou Amélia sentada ao lado de sua irmã no sofá e ria de algo. As duas estavam vendo o álbum de fotos da família.

— Pode não parecer, mas, sim, ele ia fantasiado nas convenções — Lili disse sorrindo e mostrando as fotos.

Amélia olhava com atenção as fotos. Nunca poderia imaginar Magnus

em convenções de Star Trek e vestido a caráter. Em uma das fotos, ele estava vestido de Capitão Kirk e havia mais três rapazes com ele.

— Esses são Sebastian, Roberto e William, os fiéis companheiros do Magu.

— Magu?

— Sim. Magu. Ela não sabia falar meu nome — explicou Magnus, sentando-se ao seu lado.

Ela o olhou com carinho e sorriu para ele.

— Então, cunhada, tem irmãs? — Julian perguntou se sentando numa das poltronas à sua frente.

— Não, sou filha única — respondeu sorrindo.

— Sortudo pra cacete. — Julian sorriu para o irmão. — Nem primas?

— Ela é prima do André — Magnus disse olhando para o irmão.

— Espera, você é uma Loures? Caramba, você não se aparece nada com eles — comentou o cunhado, surpreso.

— Como meu biso gosta de dizer, meus primos roubaram a minha cor.

— Vem, cunhada, vou te mostrar a casa. — Lili se levantou e ela a acompanhou.

— Uau, não mudou nada — Amélia disse baixinho.

— Já esteve aqui? — Lili perguntou, curiosa.

— Sim, uma única vez, era aniversário de sua mãe.

Subiram as escadas e viu que estava no meio de quatro corredores.

— Bom, aqui na nossa frente, era a área das crianças — começou Lili.

— Na última porta à esquerda, era o quarto do Magnus; a porta em frente, do Lucius; essa à esquerda, é o meu quarto...

— E então a da direita era o do Julian? — deduziu Amélia.

— Isso!

— Vocês moravam todos juntos? — perguntou surpresa.

— Sim! — respondeu Magnus, colocando a mão na cintura da namorada. — Esse corredor à esquerda era destinado ao meu tio. A ala dos adultos tem uma cozinha própria, uma sala de jantar, sala e um quarto com suíte.

— Uau.

— Vem, vou te mostrar meu quarto, às vezes durmo aqui na casa da minha avó.

— Como não gostou de ficar de vela... — Lili se virou rindo. — Só não façam barulho.

Amélia ficou envergonhada. Magnus segurou em sua mão e a levou em direção ao seu quarto e abriu a porta. Quando entraram, a primeira coisa que viu foi uma estante preta integrada a uma mesa de estudos. Sorriu ao ver alguns livros, troféus, uma foto usando a roupa tradicional da escola. Lembrou-se de como odiava aquele uniforme com todas as suas forças.

Do lado esquerdo, ficava uma porta de vidro do armário embutido; do lado oposto, viu a cama de casal e uma porta de correr que dava para uma varanda. Ele se sentou na cama e ficou admirando-a. Amélia se aproximou e Magnus abriu um pouco as pernas para que ela se encaixasse. Ele deu um beijo em seu pescoço e apertou sua bunda.

— Não se preocupe, não vou fazer nada aqui na casa da minha vó, ainda mais com a minha família toda lá embaixo — disse ao ver que ela tinha ficado um pouco envergonhada.

Depois de se despedirem, entraram no carro em silêncio. Tom seguiu em direção ao centro da cidade. Amélia viu que estavam em um local diferente, um prédio. O motorista estacionou o carro e Magnus desceu primeiro, dando a volta e abrindo a porta para ela.

Assim que entraram no elevador, ele digitou um código. Não demorou

muito para as portas se abrirem e revelar um apartamento caro à sua frente. Ele saiu e a puxou pela mão, passaram por uma sala que não pôde admirar muito. Subiram uma escadaria, indo direto para uma porta dupla que se via no fim do corredor. Ao entrar, viu uma cama maior do que tinha na cabana e ouviu a porta se fechar.

Virou-se e Magnus a olhava. Ela ficou parada no meio do quarto e ele deu um passo à frente, tirou a parte de cima do terno. Mais um passo e o colete foi ao no chão. Ele parou na frente dela, que levantou a cabeça. Amélia viu que olhos dele estavam mais escuros que antes. Magnus segurou seu rosto, deu um beijo em sua testa e demorou alguns minutos ali.

— Magnus... — suspirou e foi surpreendida com um beijo feroz e exigente.

A mão dele entrou por baixo do vestido, apertando sua bunda e depois a sentiu arder devido ao tapa que acabara de receber. Gemeu entre os lábios dele. Os cabelos de Amélia foram puxados para trás, deixando seu pescoço à mostra, que logo recebeu uma leve mordida.

Sentiu a mão dele no zíper de seu vestido. Magnus afastou as alças do vestido e ela se arrepiou ao sentir o vestido deslizar por seu corpo. Saiu de dentro do vestido dando um pequeno passo em direção a Magnus, e começou a desabotoar sua camisa. Os olhos dele brilharam intensamente. Ele estava se divertindo com aquela pequena brincadeira. Mas ela estava em desvantagem, estava apenas de calcinha e salto, e ele ainda usava a calça do terno.

Quando colocou a mão no cinto da calça dele, foi impedida. Ela o olhou sem entender, mas Magnus apenas a suspendeu pela bunda e a fez passar as pernas em volta da cintura dele. Ficaram cara a cara.

Magnus a colocou na cama e começou a beijá-la com sofreguidão. A boca desceu quente por seu pescoço em direção aos seios. Deu-lhes uma atenção especial, chupava o bico de um seio e apertava o outro entre seus

dedos. Amélia arqueava o corpo a cada toque dele. Gemeu alto ao sentir uma mordida.

Ele desceu mais, dando mordidas e lambidas em sua barriga. Ela levantou a cabeça ao senti-lo no meio de suas pernas, e o viu se levantar e tirar o restante da roupa. Amélia mordeu o lábio quando ele colocou o joelho esquerdo sobre a cama, mas o parou com o pé em seu peito. Magnus sorriu com o atrevimento dela. Beijou seus pés enquanto tirava um sapato e depois o outro.

— O que quer eu faça? — perguntou ele enquanto se masturbava.

— Apenas olhe... — Ela desceu sua mão direita, colocou-a dentro da calcinha e começou a se tocar.

O olhar de Magnus era de puro desejo. Ele se abaixou no meio de suas pernas e a ajudou a tirar a calcinha.

— Adoro o cheiro da sua boceta... — disse passando o nariz de leve sobre seu sexo. Ela arfou quando o sentiu puxar com a boca os pelos de sua boceta. — E sou louco por esses pelinhos. — Ele deu uma lambida generosa em sua fenda. Amélia fechou os olhos e se deixou levar, colocou as mãos nos cabelos dele e gemeu quando ele enfiou dois dedos dentro dela. — Porra, como você está molhada...

Amélia rebolava na mão dele.

— Magnus... por favor, não para — pediu gemendo.

— Desculpa, Ninfa, mas tenho que te foder agora.

Ele se esticou um pouco e pegou um preservativo que estava em cima do criado-mudo. Colocou-o sob o olhar de desejo dela, e entrou com força, ditando o ritmo. A cada investida ela se perdia ainda mais. Assustou-se quando ele a pegou pela cintura e a virou de bruços sobre a cama, e a penetrou novamente.

— Você nunca mais vai usar esse vestido. — Deu uma estocada.

— Por quê? — arfou.

— Não gosto que olhem para sua bunda. — Saiu de dentro dela e voltou mais forte.

— Mas ninguém olhou para a minha bunda.

— Sim, meu irmão olhou.

Riu e gemeu ao mesmo tempo. Colou suas costas ao peito de Magnus, e ao sentir os pelos de seu peito, excitou-se ainda mais.

— Magnus... — gemeu baixo.

— Peça! — exigiu e começou a massagear seu clitóris com força.

— Por favor... — choramingou.

— Peça! — ordenou.

— Me faça gozar! — Quase gritou. Ele investiu com força maior ainda, em um ritmo quase descoordenado e não demorou para que gozassem. — AAHHH, MAGNUS! — gritou.

— PORRA! — Logo depois foi a vez dele, que gemeu alto em seu ouvido.

Amélia ainda estava deitada de costas quando o sentiu sair de dentro dela. Ela se sentou na cama e se enrolou no lençol. Viu que o quarto era enorme, a cama ficava no meio dele; aos pés dela, tinha um banco almofadado e atrás da cama ficavam as janelas que iam do teto ao chão. De um lado, tinha a porta que deduziu ser do closet; e ao lado ficava o banheiro, de onde Magnus saía.

— Tive que me segurar para não te agarrar no meio da casa da minha avó e te foder ali mesmo — declarou ao se sentar ao lado dela.

— Você não gostou do vestido? — Ela o olhou preocupada.

— Até gostei. Mas vi o olhar que meu irmão lançou para você e por isso não quero que volte a usá-lo nunca mais — disse sorrindo, deitando-se ao seu lado e a puxando para ele.

— Mesmo se for para te seduzir? — perguntou, rindo.

— Vejo que alguém está perdendo o medo. — Ele a puxou e a beijou, deu uma lambida em seu lábio, depois desceu e lambeu seu pescoço. Amélia colocou a cabeça um pouco mais para o lado e deixou o pescoço livre para receber o carinho. Passeou a mão pela barriga dele e quando ia chegar onde queria, seu estômago deu um ronco um pouco alto demais. Magnus a olhou rindo, levantou-se e jogou a sua camisa para ela usar.

Amélia procurou por sua calcinha e viu que estava nas mãos dele. Foi em direção a ele, que levantou o braço e a olhava, rindo. Ela tentou pular para resgatar a peça, mas foi em vão, o namorado era muito mais alto que ela. Ele ria ainda mais. Amélia semicerrou os olhos e viu o desafio. Colocou a mão em seu peito e se aninhou nele, depositou um pequeno beijo ali, e o olhou.

— Magnus...

— Sim?

— Pode, por favor, devolver minha calcinha?

— Não. Ela é minha agora. — Saiu rindo do quarto colocando a calcinha no bolso da bermuda que usava e foi em direção à escada. Amélia parou na porta do quarto para admirá-lo. Antes de descer os degraus, ele se virou e estendeu a mão para ela. Ela abriu um sorriso e correu de encontro a ele. Desceram a escada abraçados e com um sorriso bobo nos lábios. Assim que pisou no último degrau, teve uma visão do apartamento.

— Nossa! É lindo aqui! — surpreendeu-se ao se aproximar da janela.

Logo em seguida sentiu seu braço ao redor de sua cintura.

— Não mais que você. Ainda mais usando uma camisa minha — disse dando um beijo em seus cabelos, sentindo o coque se desfazer. — Gosto dele solto.

Magnus se afastou e se encostou na parte de trás do sofá. Ela se aproximou dele e se aninhou em seus braços. Sentiu a mão de dele em suas

costas e fechou os olhos.

— Minha bunda ainda dói...

— Então tenho que fazer algo para aplacar a dor — disse rindo.

— Hmm, me pergunto como você fará? — provocou ela, levantando a cabeça para o olhar. Tocou em seu peito e foi descendo a mão bem devagarinho. Magnus apenas a olhava, e quando ia conseguir, sentiu a mão em seu braço.

— Já falei que ela é minha. — Rindo, deu um beijo estalado na testa de Amélia.

— Ei, eu preciso dela... ou você quer que saia usando o vestido sem ela? — argumentou.

— E quem disse que você vai sair daqui? Hoje você é só minha — avisou tocando em seu rosto.

— Como assim? Amanhã tenho aula, tenho que ir para a fundação, e estou sem minha mochila, meus livros e cadernos e eu estou sem roupa... Ou eu vou usar o vestido nos dois? — disse colocando a cabeça para o lado e viu quando surgiu um brilho em seus olhos.

— Pedi para André comprar algumas roupas para você. E em relação à mochila, eu pedi para sua mãe entregar para ele.

— Você pensou em tudo...

— Sim. Eu preciso de uma noite inteira novamente com você. Fiquei mal-acostumado depois do retiro — informou ele, puxando-a para um beijo. Ela correspondeu prontamente, colocando os braços em seu pescoço, uma mão em seus cabelos e a outra tocou em seu rosto.

— Amélia...

— Magnus...

Os dois se olharam por um tempo, queriam muito falar o quanto se amavam e como estavam felizes naquele momento, mas sabiam que ainda era

muito cedo. Então apenas o beijo poderia traduzir tudo aquilo que sentiam, mas foram interrompidos pelo ronco alto do estômago de Amélia. Ele gargalhou.

— Ok. Já vou alimentá-la. — Pegou em sua mão e foram para a cozinha. Ela se sentou no banco da bancada, e ele foi olhar na geladeira.

Ela ficou admirando Magnus e estava impressionada com os detalhes da tatuagem, sorriu ao se lembrar das tatuagens do biso.

— Quer ajuda? — perguntou ela.

— Sim.

Estava picando a alface e se assustou quando ele a pegou e a colocou em cima da ilha da cozinha. Ele não disse nada, apenas tomou os lábios dela para si. Ela abriu as pernas para que ele se encaixasse.

— Você não estava com fome? — Magnus perguntou rindo quando ela o puxou para mais perto.

— Ainda estou — respondeu sorrindo para ele.

Ele se afastou e pegou algumas coisas da geladeira. Ela ainda ficou sentada na ilha e cruzou as pernas sobre o mármore.

— O que foi? — Olhou-o sem entender quando escutou sua risada.

— Nada.

— Fala. Sou curiosa. — Fez cara de brava.

Ele largou o que estava fazendo, limpou as mãos e a olhou nos olhos.

— Vendo você sentada assim, dá uma vontade enorme de te chupar.

Ela suspirou. Ele se aproximou, colocou a mão no meio de suas pernas e começou a massageá-la, fazendo com ela fechasse os olhos, gemendo baixinho. Amélia jogou a cabeça para trás, apoiou as mãos na bancada e abriu as pernas para ele. Magnus afastou os lábios do sexo dela com os dedos, deixando o clitóris à mostra, e passou a língua por ele, deu uma leve mordida e o chupou bem devagar. Amélia gemeu enlouquecida.

— Magnus... eu... — arfou ao sentir a língua dele na entrada de seu sexo. Ele massageou seu clitóris com a outra mão. Ela não se aguentava, gemia cada vez mais alto.

Amélia abriu os olhos e o olhou. Ele se levantou e colocou dois dedos dentro dela e começou a movimentá-los com movimentos curtos e precisos, enquanto a beijava, levando-a a um orgasmo devastador. Agarrou os ombros de Magnus e o olhou sem conseguir respirar direito. Ele a olhava sorrindo e deu um beijo em seus cabelos.

— Eu... ah... — Amélia tentava colocar os pensamentos em ordem.

Ele a pegou no colo, ela se aninhou e agradeceu por isso, pois depois daquilo nem lembrava como andar direito de tão bambas que estavam suas pernas. Magnus a colocou sobre o sofá, tirou a camisa que ela usava. Despiu-se, mas antes pegou o preservativo do bolso da bermuda. Amélia abriu as pernas para poder recebê-lo melhor.

— Aahhh... — gemeu ao senti-lo dentro dela.

Ele se ajoelhou com ela sobre ele, mexendo-se devagar, sentindo entrar e sair de dentro dela.

— A cada dia, parece que você está mais apertada.

Ele agarrou sua bunda e começou a investir ainda mais forte e logo gozaram. Ele se deitou no sofá, e a puxou para seu peito, ficaram em silêncio, acalmando a respiração.

— Por que seu irmão te chamou de Pamp? — Ela o olhou.

— Fraldas Pampers.

Ela o olhou por um momento e riu alto. Comeram o lanche inacabado que ficara sobre o balcão da cozinha, conversaram um pouco mais sobre a família dele. Tinha sido interessante ver os irmãos entregando o passado dele. Ela se levantou da banqueta e subiram de mãos dadas para o quarto. Amélia foi em direção ao banheiro, fazendo um coque em seu cabelo. Tirou a camisa

e fazia tudo com tanta naturalidade que ele a olhava enfeitiçado. Ela entrou no box e ele foi atrás.

Após o banho, deitaram-se. Magnus ligou a televisão, ela se encostou nele e ficou pensando.

— Você já trouxe outras aqui? — ela perguntou baixinho.

— Não, apenas você.

— Mas e as festas?

— Eram em outro lugar. Por que a pergunta? — Arqueou uma sobrancelha.

— Curiosidade — respondeu dando de ombros e o olhou. — Então quer dizer que você ia em convenções...

— Sim. — Ele riu.

— Não vou julgar, acho bonitinho quem faz isso. Mostra o quanto aquilo é importante em sua vida. — Ele tocou em seu rosto, virou-se e ficou por cima dela. — Estava pensando... — começou a dizer e colocou a mão nos cabelos dele.

— O quê? — perguntou enquanto dava leves beijos em sua barriga.

— Em colocar um piercing no seio...

Ele parou por um momento, levantou a cabeça e a olhou nos olhos, ela segurou um riso ao ver a expressão que ele fazia.

— Nos dois? — perguntou baixo.

— Acho que sim... o que acha?

— Nem a pau, Amélia — respondeu ele, bravo.

— Por quê?

— Ninguém vai pôr a mão nos seus seios que não seja eu — disse ele, travando o maxilar. — Pode esquecer isso.

Ela começou a rir da cara de bravo que ele fazia, tocou em seu rosto e o beijou.

— Eu estou brincando. Eu não teria coragem.

Viu quando a expressão dele suavizou. Balançou a cabeça e sorriu. Magnus se levantou da cama, foi em direção ao closet e voltou segurando algo na mão.

— Feche os olhos — pediu, sentando-se ao seu lado. Ela fez o que ele pediu, sentiu-o juntando seu cabelo e o colocando de lado, depois algo frio tocou sua pele. — Pode abrir — disse dando um beijo em seu ombro. Ela abaixou a cabeça e viu um pingente de asas. — Agora minha ninfa tem asas — disse sorrindo.

Ela sorriu, jogou-se contra ele e o beijou. O casal se abraçou com carinho.

— É lindo! — declarou olhando para a peça em seu pescoço.

— Quando vi, tive que comprar — disse dando um beijo em seus cabelos. — Posso te perguntar uma coisa?

— O quê?

— O que houve entre você e o Gustavo? — Magnus sentiu o corpo de Amélia retesar. Ela fechou os olhos e respirou fundo. — Não precisa responder agora, Ninfa. — Abraçou-a.

— Obrigada — disse baixinho, aninhando-se nele.

— Está na hora de levantar, minha Ninfa — Magnus sussurrou em seu ouvido.

— Que horas são? — perguntou com voz sonolenta.

— 5:30.

— Cedo demais — resmungou, aninhando-se nele.

— Eu sei. Mas moro longe da universidade e pode ser que peguemos trânsito — explicou ele, rindo da preguiça dela.

Ela se levantou com dificuldade e ficou sentada na beirada da cama.

Ele se levantou, pegou em sua mão e a levou para o banho. Amélia jogou uma água fria no rosto. Assim que entraram no banho, ele a pegou pela bunda e a encostou na parede, sussurrando em seu ouvido:

— Vou dar algo para se lembrar o dia todo.

Ela foi em direção ao closet e ficou impressionada com a quantidade de roupas que tinha ali. Sorriu ao ver um pequeno espaço reservado para ela. Pegou as roupas que André comprara. Ia matar o primo, pois ele tinha comprado uma calcinha do Batman. Vestiu-a. Escolheu uma calça jeans e uma camiseta. Riu quando viu um par tênis novos, idêntico ao seu velho par. Calçou-o e foi se arrumar no banheiro. Ao olhar-se no espelho, viu o pingente sobre a camiseta e sorriu.

Desceu as escadas e Magnus já estava todo arrumado. Ele olhava algo sério no celular, mas, assim que a viu, seu semblante mudou. Tomaram o café e saíram. Amélia pegou um caderno e foi adiantando o monólogo durante o trajeto.

— Pimenta, chegamos. — Ouviu André dizer.

Ela guardou o caderno, soltou o sintótipo e olhou para Magnus.

— Boa aula, Ninfa. — Deu um beijo nos lábios da namorada.

— Obrigada. Bom trabalho.

Ela sorriu para ele e saiu do carro.



Capítulo 11

Amélia estava terminando de traduzir uma carta que tinha sido enviada de um antigo marquês ao primo que morava na cidade. Ficou pensativa ao se lembrar da conversa com seu professor sobre o tema de seu TCC. Por mais que faltasse quase um ano meio para se formar, queria ao menos ter uma base sobre o assunto. Terminado de digitar o último parágrafo da revisão da tradução, leu pela última vez e o enviou para seu professor.

Ficou olhando para a tela do notebook e digitou o nome de Magnus na barra de busca. Várias fotos apareceram e uma chamou sua atenção. Era uma foto deles. Os dois sentados no restaurante, ele sorria para ela, enquanto ela bebia vinho. Rolou o mouse e mais fotos apareceram, clicou em uma e a salvou. Nela, Magnus estava com aquela expressão de pouco amigos que ele sempre usava. Enviou-a para o seu celular e a deixou como fundo de tela. Desligou o notebook, deitou-se na cama, e resolveu escutar música “No Air”, Jordin Sparks.

Era estranho pensar que iriam completar 3 meses juntos, era tudo ainda

muito novo, mas em sua mente e em seu coração já parecia anos de convivência, e era tudo muito louco sentir aquilo. Foi tirada do devaneio ao sentir o celular vibrar.

“O que está fazendo agora?

Prince.”

Ela leu a mensagem e sorriu.

“Ouvindo música...

E pensando em você.

Ninfa.”

Sabia que a qualquer momento ele ligaria e sorriu quando o celular vibrou.

“Você não tem aula amanhã?

Então vá dormir.

Prince.”

Ela riu da mensagem.

“O bom de ser boa aluna, é que tenho certas vantagens nas matérias.



Mas, respondendo sua pergunta, não tenho aula amanhã e nem depois de amanhã, alguns professores estão em greve.

Ninfa.”

Ajeitou-se melhor na cama e ficou olhando para o celular, vendo os pontinhos que indicavam que ele digitava algo. Estava gostando daquela troca de mensagens.

“Como odiava os primeiros alunos da minha sala quando estudava.

Prince.”

Riu ainda mais e resolveu zoar.

“Espera...

Então quer dizer que você era o tipo atleta bonitão e NERD...

Tinha que pagar para os outros fazerem os trabalhos?

Ninfa.”

Olhou pela janela e viu que começava a chover. Amava o inverno por isso, frio, menos a chuva por conta de seu medo de trovões. Antes a via como uma ótima combinação para se estudar ou ler um livro, mas agora, estando com Magnus, já pensava em outras coisas.

“Quem disse que precisava pagar com dinheiro?

Prince.”

Ela leu a mensagem e não entendeu. Quando a leu pela quinta vez, entendeu e riu.

”Nem vou comentar sobre isso...

Ninfa.”

“Kkkkk

Prince.”

“Estava vendo aqui... não tenho foto alguma com você.

Ninfa.”

“Quer passar os dias sem aula comigo? Afinal, a fundação ainda está de mudança.

Prince.”

Sorriu e não precisou pensar duas vezes.

“Quero.

Ninfa.”

Fechou os olhos e ficou pensando no que exatamente ele fazia agora.

“O que está fazendo? Além de conversar comigo.

Ninfa.”

Trocou de música e viu a tela acender.

“Estou em reunião.

Prince.”

Ela olhou a hora e viu que já era 10 da noite.

“Não vou mais te perturbar.

Boa reunião.

Ninfa.”

Tinha se levantado para pegar o fone de ouvido e viu quando a tela acendeu.

“Pode falar, Ninfa.

Não me atrapalha em nada.

Me ajuda a ficar acordado até.

Prince.”

Quando ia responder, viu outra mensagem.

“Seu pai está aqui na reunião também

E acho que ele sabe que estou falando com você.

Prince.”

Riu alto e mandou:

“Está com medo do sogro?

Ninfa.”

Sentou-se na cama e ficou esperando a resposta.

“Vai dormir. Quero você disposta amanhã.

Prince.”

Amélia pensou um pouco e um sorriso travesso despontou em seus lábios. Ela se levantou e andou até a porta do quarto, trancando-a. Sentou-se novamente na cama, tirou a camiseta de alcinha que usava, apertou um pouco os seios com a mão, tirou uma foto e mandou com a legenda.

“Sempre estou disposta para você.

Ninfa.”

Riu, pois sabia que ele não faria nada por telefone.

“Não provoca.

Prince.”

Pensou um pouco e mandou:

“Não vou... prefiro pessoalmente.

Ninfa.”

Logo viu a resposta.

“Boa noite, minha Ninfa.

Prince.”

Sorrindo, escreveu:

“Boa noite, Sátiro.

Ninfa.”

Seu celular vibrou embaixo dela. Olhou para o relógio e viu que marcava 00h27min. Era uma mensagem de Magnus.

“Está acordada?

Prince.”

“Sim.

Ninfa.”

Seu celular vibrou novamente e ela não acreditou no que via. Era uma foto da calça de Magnus e podia ver a ereção. Sorriu ao ver seu celular tocando.

— Oi...

— *Feche a porta do seu quarto* — ordenou ele com a voz grave.

— Já está fechada, na verdade — ela disse sorrindo e mordeu o lábio.

— *Coloca o fone de ouvido.*

— Já estou com ele.

— *Deita no chão.*

— Por quê?

— *Porque quero que você se masturbe ouvindo minha voz... enquanto*

eu faço o mesmo.

— Magnus...

— *Apenas se deite no chão, Amélia* — exigiu. Ela se deitou, tentando controlar a respiração. — *Prometo que irá gozar, mas tem que fazer tudo o que eu mandar, me entendeu?*

— Sim... — sussurrou.

— *Relaxa o corpo...* — Achou estranho o pedido, mas fez o que ele pediu. — *Agora, quero que fique com as pernas fechadas e esticadas.* — Mesmo sem entender, ela obedeceu. — *Ergue sua mão direita e a olha bem, e imagina que é a minha mão, feche os olhos e passe a ponta dos dedos em seu pescoço.* — Ela fechou os olhos, virou um pouco a cabeça de lado e começou a passar lentamente a ponta do dedo indicador em seu pescoço. Amélia soltou o ar com força. — *Desça seus dedos...* — Ouviu a voz rouca pelo fone.

— *Passe por cima de um de seus seios...* — Ela gemeu baixinho. — *Por sua barriga...* — Ouviu o gemido baixo dele e mordeu os lábios. — *Por seu quadril e chegue até sua coxa, e a aperte levemente. Dobre os joelhos e deixe suas pernas abertas...* — Engoliu em seco e fez o que ele pedia, sentia seu corpo acordado e pedindo por ele. Soltou um gemido abafado. — *Sua boceta tá pedindo por mim, não é?*

— Sim — gemeu baixinho.

— *Erga sua mão e passeie pelo seu corpo.* — Ela respirou fundo. — *Sinta o que sinto toda vez que minha mão toca em seu corpo.* — Mordeu o lábio, contornou o bico de seu seio com o dedo e imaginou a língua dele. Sentiu um arrepio e ergueu um pouco o corpo, apertando o bico de seu seio. — *Tire a roupa que está usando e fique apenas de calcinha.* — Ela fez o ordenado. — *Com as duas mãos, brinque com os meninos.*

Ela sorriu ao ouvi-lo dizer aquilo. Amélia os apertava lentamente e

puxava suavemente o bico de seus seios. Voltou a se deitar, juntou os seios e os apertou fortemente, sentiu novamente o arrepio por seu corpo, mas também sentia o melado em sua calcinha.

— *Agora, solte um e desça sua mão por sua barriga, lentamente.* — Ela gemeu baixo. — *Com a ponta do dedo do meio massageie esse grelinho que tanto amo chupar...*

— Hummm...

— *Está gostoso?*

— Sim — suspirou —, mas queria você aqui — disse um pouco ofegante enquanto ainda massageava seu clitóris.

— *Como está sua calcinha?*

— Molhada.

— *Tire!* — Amélia ergueu o quadril e tirou rapidamente a calcinha e viu o estrago. — *Continue a apertar seu seio, mas não toque no bico. Com a outra mão, explore essa bocetinha.* — Ela gemeu baixo. — *Coloque o dedão sobre seu clitóris e ponha o dedo do meio dentro dela e não faça mais nada.*

Amélia nunca tinha feito nada parecido, e estava excitada ao extremo. Mordeu o lábio inferior ao sentir o dedo na entrada de sua boceta, estava sendo uma tortura gostosa tudo aquilo.

— *Coloque levemente o dedo e o tire...* — Ela respirou fortemente ao sentir o dedo entrar. — *Agora chupe seu dedo e entenda o porquê sou viciado nela* — Magnus pediu em meio a um gemido rouco.

Ergueu a mão e viu o líquido na ponta do dedo, aproximou-o de seus lábios e o colocou dentro da boca. Puxou o dedo lentamente para fora e fechou os olhos, gemendo baixinho.

— *Feche os olhos e chupe dois dedos, agora, coloque eles dentro da sua boceta e foda lentamente.* — Ele gemeu baixo. — *Faça do jeito que sempre faço com você.*

— Magnus... — arfou.

— *Caralho! Como queria estar aí te chupando* — confessou ele, com a voz rouca de tesão. — *Quero que chupe quatro dedos...*

— Magnus, eu...

— *Você aguenta...* — afirmou com a voz entrecortada. — *Se consegue me aguentar todo dentro de você, isso será fácil.*

Ela respirou fundo, chupou os dedos e sentiu o gosto melado de sua excitação em sua boca. Gemeu ao colocar os dedos dentro de si, teve um pouco de dificuldade, mas tinha conseguido.

— *Está gostoso, não é?* — Ouviu a voz de Magnus e gemeu. — *Curve um pouco os dedos e meta com força e com a outra mão massageie seu grelinho...*

— Magnus...

— *Faça mais rápido e goze para mim!* — Ela aumentou o ritmo dos dedos. — *Não segure o gemido, Amélia, quero que goze gritando meu nome, me entendeu?*

Ouviu a respiração acelerada dele e entendeu que ele também se masturbava. Ela fechou os olhos e aumentou o ritmo. Imaginou-o ali com ela, que não eram seus dedos, mas sim o pau dele que a fodia com força. O corpo dele sobre ela... O toque de suas mãos lhe apertando enquanto a penetrava... O gosto da pele dele em seus lábios quando o mordia prestes a gozar. Sentiu o corpo ficar teso. Aquele orgasmo era diferente, mas tão bom quanto qualquer outro. Respirou fundo e abriu os olhos.

— *Hoje passa batido, mas na próxima, não segure o grito.*

— Você?...

— *Já gozei duas vezes, uma vendo aquela foto dos seus seios e agora ouvindo você gozar para mim.* — Ela riu baixo e pensou que jamais tinha se imaginado fazendo algo como aquilo. — *Boa noite, minha Ninfa.*

No dia seguinte, acordou lembrando-se da noite passada e sorriu. Levantou-se e tomou um banho demorado. Como ia passar uns dias com Magnus, foi para o armário decidir o que levaria.

“Bom dia... que horas vai passar aqui?”

Ninfa.”

Já tinha separado algumas coisas quando seu celular vibrou.

“15 minutos.

Prince.”

Ela tinha de se apressar. Sorrindo, colocou uma calça jeans preta que realçava bem suas curvas; uma camiseta branca de alcinha, toda trabalha em renda, e uma jaqueta por cima. Calçou um tênis de salto com algumas fivelas. Ajeitou o cabelo em um rabo de cavalo. Passou um rímel, lápis nos olhos e passou um batom.

Tirou os livros de dentro da mochila e deixou apenas o caderno de desenho. Colocou sua nécessaire de emergência — que continha remédio para caso tivesse alguma dor ou resfriado, absorventes, e sorriu ao ver alguns preservativos. Pegou um par de sapatilhas, uma outra camiseta de manga comprida, um vestido florido estilo cigana, que ficava um pouco acima dos joelhos, uma camisola, cinco calcinhas extras, só por garantia e enfiou tudo dentro da mochila. Foi difícil fechar o zíper.

Desceu a escada, aproximou-se da cozinha e sorriu ao ver a sua mãe.

— Bom dia. — Beijou o rosto de sua mãe, sentou-se e pegou uma xicara de café.

— Vai sair? — Ela o olhou com carinho.

— Na verdade, vou aproveitar esses dois dias a mais com Magnus. — Sorriu e tomou um gole.

Sua mãe fez uma careta de nojo e logo sorriu.

— Preservativo?

— Sim, dentro da minha nécessaire de emergência.

— Só por garantia, filha... — Sua mãe pegou em sua mão. — Compre uma pílula do dia seguinte.

— Não precisa, mãe. Estou em dia.

Sua mãe se encostou na cadeira e cruzou os braços.

— Eu estava em dia e ainda assim você nasceu!

— Está bem!

Voltaram a tomar o café, mas percebeu que sua mãe a olhava de modo estranho. Amélia a olhou com expressão interrogativa.

— Olha, eu sei que tenho uma certa idade... — Raja colocou a xícara sobre a mesa e a olhou. — Mas ontem à noite, eu acho que ouvi algo do seu quarto.

Amélia sentiu o rosto ficar vermelho e fechou os olhos com força.

— Mãe...

— Não precisa entrar em detalhes... — Ela riu do embaraço da filha. — Mas deve ter sido realmente bom ou Magnus é um espírito muito potente! — Amélia a olhou confusa. — O quê? Eu ouvi os gemidos.

Amélia fechou os olhos ao ouvir a risada da mãe. Ela ouviu a buzina e suspirou de alívio. Saber que a mãe tinha ouvido sua aventura com o namorado a deixava desconfortável. Levantou-se e sua mãe a acompanhou até o portão da casa. Raja olhou para o carro e olhou para Magnus, que estava ao lado da porta e olhava para Amélia com carinho. Ele usava uma camiseta branca e dava para ver os pelos de seu peito.

— Bom dia. — Ele sorriu ao ver Amélia e Raja.

— Bom dia! — Raja disse sorrindo e olhou para a filha. — Bem, faça bom proveito, filha, e quando der, ligue. — Puxou-a para um abraço e sussurrou: — Agora entendo o porquê do gemido de ontem...

— Mãe! — Amélia ralhou baixo, e a olhou.

Raja riu da reação da filha, beijou-a no rosto e ficou olhando a interação do casal à sua frente. Magnus se aproximou de Amélia, tocou em seu rosto e a beijou. Raja sorriu ao ver modo apaixonado deles e deu um suspiro.

Entraram dentro do carro, ela se sentou e colocava o cinto de segurança.

— Gostei da blusa.

— Obrigada. — Ela o olhou. — Onde vamos?

— Surpresa.

Ela sorria para ele quando ouviu um pequeno resmungo de André.

— O que foi? — ela perguntou para o primo.

— Aquela louca da sua amiga. — Amélia riu e sabia que a amiga havia feito algo — Acredita que está de greve!?

— Bom, ela deve ter motivos...

— Só porque me pegou conversando com a Camila — resmungou André. Amélia parou de rir, mirou a nuca do primo que estava sentado à sua frente, e deu peteleco em sua orelha.

— Ai! — ele gemeu. — O que foi agora? — reclamou olhando para a prima.

Magnus e Tom riram da reação exagerada de André.

— É sério mesmo, André? — Amélia cruzou os braços. — Vai ficar agora de conversinha fiada com ex?!

— Mas ela é minha amiga. — Ele tentou se defender.

— Amiga? — Amélia colocou cabeça de lado. — A mesma amiga que se dizia minha *babá*... — Ela fez sinal de aspas com os dedos. — E que ficava se esfregando e trepando com você quando iam na minha casa? É essa amiga?

— Bom...

— Xiu! — O primo se calou. — Você conhece a Lislá e sabe o quanto ela é ciumenta. E ela ainda tá bolada com você!

— Por quê? — André a olhou sem entender.

— André... — Amélia o olhou e respirou fundo. — Vocês estão juntos há seis anos e todos da família, e principalmente a Lislá — enfatizou bem o nome da amiga —, acharam que fosse fazer o pedido no aniversário de namoro!

— Mas eu ainda não tô pronto! — argumentou, sério.

— Eu não ouvi isso — Amélia gemeu baixo.

— Deu mancada, André — concordou Tom.

— Você está com ela há seis anos e não fez o pedido ainda? — perguntou Magnus, confuso.

— Mas eu disse que não estou pron...

— Ah, claro! — interrompeu Amélia, jogando os braços para cima. — Tem coragem de conversar com a ex, mas não tem coragem de fazer o pedido para Lisandra, é sério, André?!

André a olhou por momento, abaixou os olhos e se virou no banco. Amélia balançou a cabeça e sorriu, olhou para Magnus, que a analisava.

— O que foi? — perguntou baixo.

Ele tocou em seu rosto, soltou seu cinto e a puxou para seu colo. Amélia tocou o rosto de Magnus e o beijou. Sentiu quando ele a apertou um pouco mais com força.

— Estava com saudades. — Deu um beijo no pescoço dele.

— Eu também estava, Ninfa.

Encostou a cabeça na dele e ficaram se olhando, reconheceu o modo como ele a olhava quando queria algo. Tocou com carinho em seu rosto e o viu fechar os olhos. Magnus abriu os olhos assim que ela tracejou os lábios dele com o dedo. Amélia lambeu os próprios lábios e o beijou novamente. A

mão dele subiu por baixo da camiseta que ela, e apertou o seio direito, que fez com ela soltasse um gemido baixo.

— Cara, vou querer aumento por ter que ficar ouvindo minha prima gemer — André resmungou olhando para fora.

— Fica na sua, André — Magnus disse sério, mas sorria para Amélia. Ouviram o rádio do carro ser ligado. — Queria muito poder te foder agora — sussurrou em seu ouvido.

— Eu também queria. — Rebolou lentamente em seu colo e gemeu ao sentir ele apertar com mais força seu seio.

— Prometo lhe dar uma foda digna por ontem — ele murmurou.

— Eu vou cobrar — ela gemeu baixo.

— Pode cobrar.

— Eu não sei você, Tom — André começou —, mas acho que os dois ali atrás acham que não podemos ouvir o que eles falam.

Tom apenas balançou a cabeça rindo. Amélia gemeu e se sentou ao lado de Magnus, encostou a cabeça em seu ombro. Sorriu ao ver que estavam na autoestrada que ligava a cidade a outros municípios, e ficou olhando a paisagem. Sempre gostou de sua cidade, por mais que fosse litorânea, a infraestrutura era incrível, pois não havia apenas as praias, mas também parques, a própria reserva, o píer — que era muito procurado para pedidos de casamentos.

Passaram por dentro de uma reserva florestal que a autoestrada cortava e por uma ponte que ficava sobre a represa que abastecia a cidade. Ficou tentando adivinhar para onde estavam indo quando reconheceu a entrada da cidade vizinha.

Assim que o carro diminuiu a velocidade, Amélia viu que estavam em frente a uma portaria. Ao passarem, pôde ouvir o barulho alto de motores de carro. Tom andou um pouco mais e entrou por um túnel. Logo ela avistou a

pista de corrida. Ela tampou o ouvido por causa do barulho feito pelos carros que passavam na frente deles. Tom estacionou o carro. André desceu e abriu a porta para ela.

— O que estamos fazendo aqui? — Ela teve que gritar a pergunta.

Magnus se aproximou sorrindo e pegou em sua mão, andaram em direção a uma escadaria e subiram. Ela ficou surpresa ao ver várias equipes trabalhando. Entraram em um local que, ao ver dela, parecia uma oficina, onde havia dois carros estacionados e várias pessoas em volta mexendo neles. Passaram por ali de mãos dadas. Mais à frente, havia um carro preto estacionado, e ao lado dele um homem todo sorridente, que ao avistar Magnus veio em sua direção.

— Magnus, quanto tempo!

— Verdade, Ricardo. É esse? — perguntou apontando para o carro.

— Sim. McLaren P1. Fique à vontade.

O homem entregou a chave e se afastou, deixando-os sozinhos. Magnus analisava o carro com os olhos de uma criança que vê um brinquedo novo.

— Vai trocar de carro? — perguntou Amélia.

— Não. Apenas adquirindo mais um. — Sorriu para ela.

— Ah, sim. — Ela ficou olhando para o automóvel.

Ele apertou o botão do alarme e as portas subiram. Ela olhou admirada. Magnus fez um sinal com a cabeça, indicando a pista atrás dele.

— Nem pensar — declarou ela.

— Para de ser medrosa e entra. — Ele riu, desafiando-a.

Ela o olhou seriamente, andou em direção ao carro e se assustou com o quanto ele era baixo. Entrou e ficou muito receosa, colocou o cinto e ficou olhando para o namorado, que parecia muito à vontade.

— Você sabe o que está fazendo?

— Não confia em mim?

— Confio. Mas tenho um certo pé atrás com carros desse tipo.

Ele sorriu e ligou o carro. Ela se assustou com o barulho alto do motor. Magnus acelerou um pouco e chamou a atenção de algumas pessoas ao sair da garagem. Muitas pessoas se viraram para olhar o carro. Ele foi aumentando aos poucos a velocidade e ao entrarem na pista, pisou fundo. Amélia foi jogada contra o banco, mas tinha que admitir, era excitante.

— Meu Deus, você é louco! — disse, rindo.

— Medo? — Ele a olhou.

— Olha para a frente — gritou ela, rindo ainda mais.

Ela o observou e ali, ao lado dela, via apenas um cara que estava se divertindo bastante, nem lembrava o homem sério que às vezes presenciava quando entrava na fundação. Ele a olhou sorrindo e pisou um pouco mais, ela tampou os ouvidos e gargalhou. O carro perdeu velocidade, Magnus pegou uma saída e voltaram para a frente das garagens. Ele estacionou o carro e o desligou, virou-se para ela e a beijou.

— Quer tentar? — ofereceu ao se afastar.

— Melhor não. Ainda não me recuperei de quando tentei com meu pai.

Ao saírem do carro, olhou para as pessoas que os olhavam com interesse. Ele se aproximou, abraçou-a e deu um beijo em seus lábios.

— Gostou? — Ele perguntou apontando para o carro.

— Muito! — respondeu empolgada.

Voltaram para dentro da garagem, e viu muitos homens vestidos com macacões trabalhando, mexendo nos carros que ali estavam.

— Magnus, quer uma corrida?

Amélia virou o rosto e reconheceu a loira que vinha na direção deles. Era Sara, a moça que tinha visto na reserva e trabalhava com Magnus. Ela estava diferente. Usava uma calça jeans e uma regata preta, e se aproximava sorrindo.

— Pode ser — Magnus aceitou, rindo.

— Oi, Amélia. — Ela se aproximou e a beijou no rosto. — Tudo bem com você?

— Oi. — Ela sorriu, surpresa. — Tudo sim e com você?

— Estou ótima e muito feliz. — Ela sorriu ainda mais. — Até que enfim esse idiota... — Deu alguns passos e socou o braço de Magnus. — Criou vergonha na cara e assumiu o namoro de vocês! — Ela se aproximou mais de Amélia e segurou em seu braço. — Olha — abaixou um pouco a voz —, ele é bastante possessivo e odeia quando cochichamos perto dele... — Sara olhou para Magnus, que as olhava, sério. — E ficamos de risinhos!

Amélia franziu a sobrancelha e olhou para Magnus, que semicerrou os olhos e se aproximou. Ela segurou o riso e balançou a cabeça.

— Do que estão falando? — Cruzou os braços.

— O que disse? — Sara o provocou. — Bom, vamos nos trocar e cair na pista!

— Prometo não demorar! — Ele beijou a namorada com carinho e seguiu o mesmo caminho de Sara.

Ela olhou em volta sem saber para onde ir e avistou o primo. Foi até ele sem tocar em nada. André estava no fundo da garagem e conversava com o homem que havia entregado a chave para Magnus, ficou ao lado do primo e os dois pararam de falar.

— Que lugar é esse? — ela perguntou confusa.

— Esqueço que você não entende dessas coisas — André disse rindo. — Bom, estamos um box de corrida.

— Ah, sim... — comentou, ainda sem entender. — Mas por que estamos aqui?

— Magnus, Lucius e os amigos estão investindo em uma equipe de Stock Car — explicou André.

— Espera, esse não é campeonato que acontece aqui no Brasil?

— Sim, esse mesmo.

Ela olhou ao redor e viu Magnus se aproximando vestido em um macacão de corrida.

— Beijo de boa sorte — ele disse sorrindo e a beijou. Colocou os fones de ouvido e foi para o carro.

Tinha de admitir que ver ele usando aquilo mexeu com ela. Viu quando cada um entrou em um carro. A equipe empurrou os carros para fora da garagem, e os motores foram ligados, fazendo o peito de Amélia estremecer. Ela tampou os ouvidos na mesma hora.

— Uau, isso é muito barulhento — gritou olhando para o primo, que olhava para uma televisão.

André entregou um grande fone para ela. Amélia o colocou e sorriu ao ouvir a voz do primo nos fones. Ele apontou para que ela olhasse na televisão. Sabia que os homens da sua família assistiam àquele tipo de esporte, menos o seu pai não era fã. Amélia pôde ver quando eles pararam na largada. O barulho dos motores aumentaram e quando uma luz verde acendeu, os carros saíram com tudo.

— Por que ele está dirigindo?

— Porque seu namorado tem horas que não bate bem da cabeça — disse o senhor que tinha entregado a chave do carro para Magnus. — Prazer, Ricardo Nunes.

— Amélia Loures.

— Espera, você é prima do André? — ele perguntou sorrindo.

— Sim, Ricardo, ela quem é a Pimenta.

— Ah, então finalmente conheço a famosa Pimenta.

Amélia sorria e se assustou quando um dos carros derrapou na pista, logo voltando a correr.

— Magnus, seu filho da puta! — Ouviram Sara xingar.

Ouviram apenas a risada dele. Era interessante aquilo, mas, ainda assim, ficava apreensiva vendo-os correrem daquele jeito.

— Vamos fazer inveja para a família, vem cá — André disse, rindo.

Ele tirou uma foto dos dois e postou no grupo da família.

“Olha onde estamos.

André.”

“PUTA QUE PARIU!

Fábio.”

“Caralho, como assim?! A Pimenta nem entende dessa merda.

JN.”

“E isso que é o mais legal.

Pimenta.”

“Não era para você estar estudando?

Pai.”

“Agora quero ver, kkkkk

Iago.”

”Esqueceu da greve?

Mamis.”

“Minha menina, só não tente dirigir, por favor.

Biso.”

“Credo, biso.

Não sou tão ruim assim.

Pimenta.”

“É, sim.

Pai.”

Amélia revirou os olhos ao ler a mensagem do pai, guardou o celular no bolso, e ficou olhando para a televisão. Viu quando os carros voltaram.

Magnus saiu do carro e tirou o capacete. Então viu Sara ir em sua direção e dar um soco em seu braço, e ele gargalhou. Os dois começaram a conversar animadamente. Amélia sentiu seu celular vibrar e ao pegá-lo, viu um número desconhecido.

— Alô?

— *Oi, pequena Amélia.*

Sentiu seu sangue congelar. Pensou que aquilo tudo tinha acabado. Respirou fundo e olhou para André, que conversava com Ricardo. Magnus ainda conversava com Sara. Ela procurou um canto.

— O que você quer? — ela sussurrou.

— *Fico me perguntando o que Magnus faria ao saber de nossas brincadeiras...*

Ela desligou. Não queria mais ouvir nada. Respirou fundo e se sentou na cadeira que tinha em sua frente. Fechou os olhos, sentindo o corpo tremer por inteiro. Uma ânsia de vomito subiu fortemente, e pensou o que poderia fazer, mas assustou-se quando alguém se abaixou em sua frente.

— Está tudo bem? — Magnus perguntou sério e tocando em seu rosto.

— Sim — ela disse sorrindo e tentando esconder o que sentia.

— Vem comigo.

Ele se levantou, segurou em sua mão e a puxou. Foram em direção a um corredor, passaram por algumas portas e entraram em uma. Quando pensou em falar, foi surpreendida. Magnus a beijou. Amélia se agarrou a ele quando foi erguida, ele andou alguns passos e a colocou sobre o que parecia ser uma mesa de vidro.

— Não pense que não vi o modo como me olhou — ele disse tirando a camiseta dela, e logo foi a vez de seu sutiã.

Quase suspirou aliviada ao ver que conseguira esconder o que sentia no momento e resolveu entrar na brincadeira.

— E como te olhei, posso saber? — Ela colocou a mão no zíper do macacão e o desceu.

— Me olhou como se eu fosse a sua última barra de chocolate. — Ele mordeu seu seio, segurou o bico com os dentes e os puxou levemente.

— Sinto lhe informar, mas não foi desse jeito que te olhei. — Ela tirou a camisa de manga comprida que ele usava e arranhou seu peitoral, desceu a mão e agarrou seu pau com força.

— Então me fala, como foi que me olhou? — Ele puxou o cabelo dela para trás, mordeu seu pescoço e o lambeu até chegar em sua boca.

Ela o puxou para mais perto e gemeu quando ele esfregou o pau duro contra seu sexo, já estava mais que molhada àquela altura. Amélia o empurrou, desceu da mesa, apontando para que ele se encostasse na mesa. Ela abaixou o macacão junto com a cueca, lambeu os lábios ao ver o quão duro ele estava; ergueu os olhos e passou a ponta da língua na cabeça rosada e o chupou lentamente.

— Puta que pariu... — ele gemeu alto.

— Te olhei querendo fazer isso — declarou e o colocou todo dentro da boca.

— Caralho, Ninfa! — Ele olhava a namorada chupando seu pau e apertou com força a borda da mesa.

Ele segurou seus cabelos e empurrou sua cabeça com um pouco mais de força. Amélia segurou o ar, tentando não se engasgar. Magnus tirou o pau de dentro da boca dela, curvou-se e a beijou. Ela riu quando ele a colocou novamente sobre a mesa. Magnus olhou para seu tênis e para ela.

— Zíper na lateral — avisou ela, rindo.

Ele tirou seu tênis, então abriu o zíper de sua calça jeans, e a puxou junto com a calcinha que usava. Amélia agarrou os ombros dele ao sentir sua língua na entrada de seu sexo, fechou os olhos e se deixou levar pelas

sensações que ele provocava em seu corpo. Mas, em um piscar de olhos, sua mente traidora a levou para a conversa que queria esquecer. Ela abriu os olhos e olhou diretamente para Magnus, precisava esquecer aquilo. Ele puxou seu quadril, posicionou-se na entrada de sua boceta e a penetrou com uma única estocada, fazendo-a gritar. Beijou-a desesperadamente, enquanto retrocedia e entrava nela com força.

— Sonhei a noite toda fazendo isso com você — ele disse a olhando nos olhos.

— Magnus...

— Geme, Ninfa — pediu, fodendo-a mais rápido.

— O pessoal...

— Dane-se, quero ouvir você gemendo para mim.

Ela se agarrou a ele quando a tirou de cima da mesa, e andou até o sofá sem sair de dentro dela. Magnus se sentou e a deixou por cima dele, agarrou os dois seios e os juntou, chupando os dois juntos. Amélia ergueu um pouco o corpo e o cavalgou rápido. Ao sentir que gozaria, agarrou seus ombros e então gritou:

— AH!...

— Porra, Ninfa — ele gemeu e mordeu seu pescoço.

Ainda respirando fortemente, ela levantou a cabeça e o olhou, sorrindo. Arfou quando sentiu ele deslizar a ponta dos dedos por sua coluna, em uma leve carícia.

— Magnus, precisa... — A porta foi aberta de supetão e Amélia se encolheu. Ele se esticou, pegou a camiseta dele e lhe entregou. — Eita, porra! Me desculpa, gente!

— Espera lá fora, e bata na próxima vez — ele disse sério. Ouviram a porta ser fechada. — Ei, está tudo bem — disse tocando em seu rosto.

— É estranho isso — ela disse baixinho.

— Vamos tomar um banho.

Ela estava fechando seu tênis quando escutou batidas à porta. Amélia disse um “entra” e a porta foi aberta. Sara entrou, aproximou-se dela e segurou em sua mão.

— Amélia, por favor, me desculpa. Eu realmente esqueci que Magnus estava acompanhado.

— Por que diz isso?

— Bom... — Sara sorriu amplamente. — Você é a única que ele trouxe aqui! — Amélia a olhou surpresa. — Entenda, Magnus sempre prezou pela privacidade dele. — Ela parou e fez uma careta. — Claro que em relação ao sexo você já deve saber. — Amélia apenas confirmou com a cabeça. — Mas aqui, a família dele e os amigos... bem, ele nunca apresentou ninguém. — Sara apertou sua mão. — Você é a única!

— Eu sou a única... — disse mais para si que para a loira que ainda falava.

— Se bem que daqui irá conhecer... — Sara tampou a boca rapidamente, Amélia a olhou surpresa. — Esquece o que te falei, ok?! Porque se ele descobrir que você já sabe o que vai acontecer, periga eu nem chegar aos vinte e oito!

— Tudo bem — Amélia disse sorrindo.

Estava sentada no sofá conversando com Sara quando Magnus apareceu. Ela o beijou e saiu da sala, deixando que os dois conversassem, além de não entender nada do assunto, também não queria ficar bisbilhotando. Voltou para onde estava antes e viu o primo rindo e conversando com alguns homens. Passou por eles e ficou do lado fora.

Aproximou-se do alambrado que separava os boxes da pista, ficou olhando para algum ponto e para nada ao mesmo tempo. Tudo veio de

repente: o reencontro no restaurante, depois Susan falando de sua festa de aniversário e agora aquele telefonema. Inspirou e expirou lentamente. Não tinha saída. Teria de contar a Magnus o que estava acontecendo, mas tinha medo de sua reação. Ele já não tinha reagido bem ao Fernando, se soubesse a verdade, ele a deixaria. Pegou o celular e fez uma ligação.

— *Oi, Lia...*

— Ele voltou — sussurrou.

— *Puta que pariu!* — Lislá gemeu baixo. — *Não fica assim, eu estou do seu lado.* — Amélia fechou os olhos. — *Você não está sozinha, me entendeu?*

— Sim... — disse baixo e fungou. — Só tenho medo de Magnus descobrir e...

— *Quando isso acontecer, ele vai entender* — afirmou Lislá.

— Lisandra...

— *Você foi uma vítima, Amélia, e não a responsável, me entendeu?*

— Sim... — Limpou as lágrimas que escorriam.

— *Agora, ergue a cabeça, limpa esse rosto lindo e se diverte com o homem que ama. Não deixa aquele verme te afetar! Lia, você já se escondeu demais, por favor, vive o momento que está acontecendo em sua vida!*

— Eu tô com medo.

— *Eu sei, eu também estou. Mas, por favor, não desiste!*

— Ok.

— *Agora, vai em algum banheiro, joga uma água em seu rosto e se acalma e, como disse antes, quando for o momento, eu vou estar do seu lado.*

Despediu-se da amiga, guardou o celular em seu bolso e respirou fundo, tentando acalmar seu corpo. Faria como a amiga tinha sugerido. Já havia se escondido demais. Amélia queria, sim, ser feliz e iria aproveitar o dia com o homem que amava. Ao se virar, Magnus vinha em sua direção, ele

sorria e logo ficou sério.

— O que houve? — Tocou no rosto da namorada. — Está tudo bem?

— Não é nada... Meu biso hoje vai dar entrada no hospital, pois tem alguns exames para serem feitos e sempre fico preocupada com ele, afinal, ele tem uma certa idade — disfarçou.

— Eu entendo. — Ele a olhou com carinho. — Por mais que minha vó seja toda ativa, me preocupo com ela.

— E então, vamos para onde agora? — Mudou de assunto, querendo espantar todas as sensações que comprimiam seu peito.

— Antes de irmos, você realmente não quer tentar dirigir? — ofereceu, tocando em seu rosto.

— Está bem. Eu tento, mas te aviso que sou uma negação.

Ele ensinou os comandos básicos para ela e riu muito quando viu que ela não tinha noção alguma de direção, sem contar as diversas vezes que o deixou morrer. Tentou mais algumas vezes e viu que melhorou um pouco com a ajuda dele. Vibrou quando conseguiu dar uma volta inteira na pista, ainda que fosse a menos de 30km/h. Parou o carro em um tranco e sorriu envergonhada para Magnus. Desceram do carro e Ricardo se aproximava, rindo.

— Uau! Nunca em minha vida pensei que fosse ver um carro desse morrer, por falta de combustível, sim, mas por não saber dirigir... Com certeza essa deve ter sido a volta mais lenta que vi na vida.

— Muito obrigada! — Amélia disse, rindo.

— E então, aprovado? — Ricardo perguntou olhando para Magnus. — Tirando a... — Ele parou e olhou para Amélia. — Nem sei se posso dizer bela direção dessa moça. — Ele coçou o queixo.

— Sim. Vou ficar com ele.

Magnus acertou mais alguns detalhes com Ricardo e os dois foram em

direção a Tom e André. Entraram no carro e ele a puxou para o seu colo.

— Gostou de dirigir?

— Olha, não foi tão ruim assim... — Passou a mão pelos cabelos dele.

— Mas acho que o instrutor ajudou bastante — disse sorrindo e deu um beijo estalado em sua boca. — Acabou?

— Não, nem começou o dia ainda.



Capítulo 12

Saindo do autódromo, seguiram para uma parte residencial da cidade. Ela olhava de boca aberta para as casas que via, era uma mais extravagante que a outra, até que Tom estacionou o carro em frente a uma delas. Amélia a analisou, era uma casa no estilo germânico, com toques atuais. Era realmente muito linda. Ao descer, Magnus se aproximou dela e pegou em sua mão. Subiram os degraus e pararam em frente à porta. Uma senhora a abriu e sorriu ao ver Magnus.

— ¿Hijo mío, cuánto tempo no lo he visto? Dios mío, ¿qué has estado comiendo? — A senhora olhava abismada para ele. Depois, olhou para Amélia, arregalou os olhos e quase encostou seu rosto ao seu. Amélia não estava entendendo nada. — ¿Mi Santísima virgen, qué ojos son estos? ¿Son reales?

— O que ela está falando? — Amélia perguntou sem graça.

— Magda, quanto tempo. — Magnus abraçou a senhora. — Sim, são de verdade. — Ele se virou para Amélia. — Ela está perguntando se seus olhos

são reais.

— Ah, sim — disse, envergonhada.

Entraram na casa e Amélia se encantou com a decoração, passaram pelo hall, e foram em direção a uma sala de estar. Ao se aproximarem, viu três homens sentados no sofá, conversando e rindo entre si. Um deles olhou na direção de Magnus e sorriu, já se levantando.

— Cacete, pensei que tivesse morrido, nunca mais nos falamos.

— Para de drama, William — Magnus disse, rindo.

Então ela os reconheceu, eram os amigos de Magnus que iam com ele às convenções. Analisou-os um por um. William era um pouco mais baixo que Magnus, tinha cabelos castanho-escuros, usava uma barba rala e cabelos compridos presos num coque samurai.

— William, essa é a Amélia.

— Ah, então finalmente vamos conhecer a famosa Amélia. Prazer, William Maltes. — Ele se aproximou dela e deu um leve beijo em seu rosto.

— Prazer, William. — Ela deu um sorriso tímido.

— Roberto Alves. — Um moreno de olhos azuis se aproximou. Ela ficou intimidada pela altura. Ele tinha um rosto sério, queixo quadrado e por incrível que possa parecer, era um pouco maior que Magnus. — Realmente, já estava ficando em dúvida de sua existência — comentou sorrindo e parou, aproximando o rosto do dela. — Caralho, que olhos são esses?

— Porra! Realmente... — William parou ao lado de Roberto e ficaram encarando-a.

— Magnus, tira a moça daí ou esses dois vão atacá-la.

Ela se virou e viu um homem loiro se aproximar. Tinha a mesma altura de Magnus, mas dentre todos, era o que tinha um corpo normal, sem exageros. Ele sorriu, pegou em sua mão e deu um beijo.

— Sebastian Van Marques, muito encantado em conhecê-la. Agora

entendo o porquê a demora dele de nos apresentar, muito bonita por sinal, e realmente, seus olhos são encantadores.

— Obrigada. — Ela deu um sorriso tímido.

Andaram em direção ao sofá, ela se sentou ao lado de Magnus e Sebastian, que estava sentado em frente, olhou-os com interesse.

— Então, Amélia, nos conte, como é aturar esse ser chato que se diz seu namorado? — perguntou apoiando o cotovelo no joelho e a olhava diretamente.

— Não o acho chato...

— Tadinha, tão nova e já bateu fortemente a cabeça — comentou sério e logo sorriu.

— Nos fale... — William apoiou o cotovelo sobre os joelhos. — O que faz de bom?

— Bom, estudo...

— O quê? — Roberto, que estava ao lado de William, interrompeu.

— Línguas e dialeto antigo.

— Caralho! — William a olhou surpreso. — Porra, finalmente achou uma mulher com cultura, hein! — zombou olhando para o amigo, que apenas lhe mostrou o dedo do meio.

— Aquí mis muchachos, los quiero fuertes y saludables. — Magda entrou na sala e colocou uma bandeja servida com algumas comidas que nunca vira na vida. Olhou para Amélia, aproximou-se e segurou seu rosto com as duas mãos. — Cómo puede, ni siquiera parece que esta chica sea real, mira qué cosa tan hermosa, parece una pintura de esos pintores famosos que le gusta a tu padre, chico Sebastián...

Amélia olhou para Magnus em modo de pedir ajudar e o viu rindo, voltou a olhar para a mulher à sua frente e fechou os olhos ao sentir um aperto em suas bochechas.

— Magda, creo que es mejor que la dejes ir o Magnus estará celoso — Sebastian disse rindo e olhou para o amigo.

— Magnus, ¿dónde encontraste a esta chica? — A mulher o olhou seriamente.

— Esa chica de la que siempre estuve enamorado, ¿recuerdas? — Magnus olhou sorrindo para a mulher, que arregalava os olhos.

Amélia se sentiu perdida ali, afinal, não entendia nada do que eles falavam. Ela até estava se esforçando para entender algo, mas quando Magnus começou a falar, sua mente e seu corpo entraram em pane.

— ¿No puede ser? ¿Esa es la chica? Pensé que estaba en tu mente... ¡pero ahora entiendo completamente tu fascinación y tu pasión! — A mulher olhou para Amélia e deu um suspiro apaixonado. Ela ficou ainda mais confusa quando a senhora pegou em sua mão e a juntou com a de Magnus. — Deseo desde el fondo de mi corazón que seas un hombre feliz y prometas nunca hacer sufrir a esta chica. — Amélia olhou para mulher e para Magnus, que acenava com a cabeça. Voltou o olhar para a senhora, que limpava uma lágrima, e se assustou quando ela a puxou para um abraço. — Puede ser un poco duro, pero es un niño con un corazón de oro, por favor cuídalo.

— Si. — Amélia arriscou e ouviu as risadas. A mulher se afastou e Amélia olhou para Magnus, que a olhava com carinho. — Eu não entendi nada — disse, envergonhada. — Bom, entendi apenas a parte do coração de ouro... — Ela parou. — E enamorado, não significava apaixonado?

Ele tocou com carinho em seu rosto.

— Sim.

Ela não sabia como agir. Engoliu em seco e abaixou os olhos, ouvindo as risadas baixas que vinham dos amigos de Magnus. Ao erguer os olhos, os homens sorriam para ela. Sebastian quem quebrou o clima um pouco estranho e começou o pequeno interrogatório. Ela respondeu, rindo dos

comentários que eles faziam. Magnus estava sentado ao seu lado e ficou segurando sua mão, às vezes fazia um carinho ou brincava com seus dedos.

— Vão ficar para o almoço? — Sebastian perguntou.

— Não, só vim apresentá-la a vocês, tenho reunião com a Soraia. — Ele olhou no relógio. — E, por sinal, já estou atrasado.

— Se prepara para ouvir, você sabe que ela odeia atrasos — comentou Roberto.

— Vocês vão ao show? — Magnus perguntou.

— Sim, mas estou mais interessado no pós-show — respondeu William com um olhar matador.

— Perverso! — Sebastian disse, rindo. — Nos encontramos lá então.

Amélia se despediu dos rapazes e acompanhou Magnus até o carro, ele abriu a porta para ela. Quando o carro se movimentou, sentiu a mão de Magnus em sua perna e o olhou com carinho.

— Você vai em um show?

— Sim, nós iremos.

— De qual banda? — Ela estava curiosa.

— Surpresa.

Ela o olhou contrariada e sabia que não obteria mais nenhuma informação dele. Ele sorriu e a puxou para perto, abraçando-a. A conversa estranha que tinha ouvido na casa do amigo dele ainda rondava sua mente. Ficou de cabeça baixa e olhou para sua mão, que estava sobre a perna dele, mordeu o lábio. Não queria criar expectativas, mas ainda assim sentiu seu coração um pouco mais acelerado quando ele disse aquele *sim*.

Ergueu o rosto quando o carro parou, Magnus desceu e a ajudou.

— Deixe o carro na garagem do prédio — ordenou olhando para Tom, que assentiu com a cabeça e entrou no carro. — E você, já sabe! — Olhou para André, que fez um leve aceno.

Entraram no restaurante e sentiu os olhares sobre eles. Foram direcionados a uma mesa mais ao fundo, ela sorriu, pois entendia que ele nunca gostou de ficar muito em evidência.

— Não sorria assim, Amélia — avisou com voz baixa.

Quando ia perguntar o porquê, alguém parou ao lado da mesa. Ela ergueu os olhos e viu uma mulher de cabelos negros até a cintura, quadril estreito, olhos azuis e com seios um tanto exagerados, mas, ainda assim, chamava bastante atenção. Ela tirou os óculos escuros e olhou para Magnus.

— Magnus Lacarez — disse de forma provocante.

— Soraia Assunção — Magnus disse rindo.

A mulher ia dizer algo e percebeu Amélia a olhava.

— Cacete! — A mulher se sentou, aproximou-se de Amélia e ficou olhando-a. — Porra, é ainda mais linda de perto. — Aproximou-se um pouco mais. — Uau, seus olhos são lindos! — Amélia apenas sorriu e percebeu que teria de se acostumar com aquele tipo de apresentação. — Mag, onde você a encontrou? Além de belos olhos, tem um belo corpo, por sinal. Não pensa em ser modelo? Se precisar de advogada...

— Soraia! — Magnus riu.

— Me desculpa, mas me empolguei. Sabe, é difícil ver olhos desse tipo, quem dera eu ter um par desses.

— Mas os seus também são bonitos...

— São comuns, minha querida. Agora, se tivesse os seus... ia dar merda, certeza — comentou fazendo uma cara engraçada.

— Amélia, essa é a Soraia. Somos quase irmãos, não há um momento que me lembre que ela não esteve presente em minha vida.

— Aviso, ele é chato, prepotente, controlador, exigente e o pior de todos, tem um ciúme exagerado, que Deus me livre. Já está avisada. — Amélia apenas sorriu. Tinha que admitir, nunca pensou que fosse conhecer

uma advogada tão desbocada. — Mag, aqui está o contrato, mas já adianto, não aconselho a fazer negócios com ele — falou entregando uma pasta preta para Magnus, que a abriu, leu o contrato e sorriu.

— É preciso, Soraia.

— É preciso de uma rola na minha bunda, isso sim. Isso que você está fazendo é pirraça que eu sei. Eu te conheço bem, Mag.

Ele a olhou por um momento e sorriu de um jeito travesso. Um garçom se aproximou, anotou os pedidos e saiu. Amélia olhava curiosa a forma como Soraia olhava para Magnus, quando sentiu seu celular vibrar e era sua mãe.

Amélia o atendeu. No começo, assustou-se ao saber que seu bisavô teria que ficar mais alguns dias internado, o médico queria fazer um check-up completo. Depois ficou menos preocupada, já que seria bom saber como andava a saúde do biso. Conversou um pouco mais com sua mãe e desligou. Ergueu os olhos e avistou o primo sentado em uma mesa afastada e Tom entrava no local, virou o rosto e Magnus a analisava. Ele tocou em seu rosto com carinho e sorriu, abaixou um pouco mais a cabeça e encostou os lábios nos dela, colocou a mão sobre a coxa dele e a apertou levemente.

— Porra, dá até inveja! — Soraia disse mordendo um pão que tinha em cima da mesa dentro de uma pequena cesta.

Amélia sorriu envergonhada. O garçom se aproximou com os pedidos. Ela respirou fundo e fez uma oração de agradecimento e pediu pelo biso. Sorriu ao pensar nele. Ele era o tipo de senhor que odiava quando alguém parava de fazer algo por conta dele. Amélia foi tirada do devaneio quando Soraia começou a contar as histórias de infância de Magnus.

— Sabe, temos que marcar um encontro só nós duas, e assim poderei contar os podres desse que você chama de namorado.

— Eu aceito! — Riu da cara que Magnus fez.

— Não dá ideia para a Soraia, Ninfa. Ela pode ser mais louca que o

André — disse dando um gole no vinho que pedira.

— Espera um momento, se ela é a ninfa... — Soraia apontou para Amélia e olhou para o amigo. — Então você é quem? Pã? O deus dos sátiros.

Amélia, que bebia um refrigerante, quase se engasgou. Engoliu com dificuldade e então começou a rir.

— Já não está na hora de você de ir? — Magnus alfinetou Soraia.

Soraia soltou uma gargalhada. Levantou-se, pegou a bolsa e a pasta de couro, deu um beijo no rosto dele e disse algo em seu ouvido que o fez sorrir. Aproximou-se de Amélia e deu um beijo em seu rosto. Amélia olhava para Soraia, que saía rebolando, viu alguns homens torcendo o pescoço para acompanhá-la. Sentiu uma mão em sua coxa e se virou para Magnus.

— Vem, eu quero te levar a um lugar.

— Ok.

Ele pagou a conta, segurou em sua mão e saíram do restaurante.

— O carro...

— O apartamento que iremos ficar é perto. — Ele a olhou. — Podemos ir andando.

Ela acenou com a cabeça, e se encolheu um pouco quando sentiu o vento gelado. Magnus a puxou e a abraçou com carinho. Um pouco atrás deles estavam Tom e André. De repente, começou a chover forte. Eles se olharam. Magnus a beijou enquanto a chuva os molhava, e começaram a correr.

Assim que pararam na entrada de um prédio, Amélia olhou para a roupa que o porteiro usava e percebeu que era um prédio de luxo só pela vestimenta do homem que os olhava com interesse. Sentiu um leve tremor e olhou para Magnus, que se aproximou e a puxou para um beijo.

— Mudanças de plano — avisou ele, sorrindo.

Entraram no local, Amélia ficou envergonhada porque além de

ensopada, tentava fechar sua jaqueta por causa da blusa branca que usava. Ele percebeu e deu sua jaqueta para ela. Ela virou um pouco o rosto para analisar o hall do prédio e olhou para o primo todo molhado, e segurou o riso ao ver a carranca que ele fazia.

— Magnus, aqui está a chave! — Tom se aproximou e lhe entregou uma chave.

Os quatro foram em direção ao elevador. Assim que entraram, Amélia viu o semblante preocupado de André.

— Ele vai ficar bem. Afinal, é o biso — disse tocando no braço do primo.

— Eu sei. Mas sei lá, Pimenta, ele já está bem velho — comentou André, triste.

— Quem vai cuidar da casa?

— Tia Rosa. — Ele a olhou, rindo.

— Credo, agora que não... Atchim. — Espirrou forte.

— Saúde! — Magnus disse. — Tom, preciso que compre essas coisas. — Entregou um papel para ele.

— Sim, senhor

Ela tremeu um pouco devido ao frio e ter tomado a chuva. As portas se abriram e foram em direção ao apartamento. Ficou impressionada com o tamanho da sala, avistou uma porta de cada lado com alguns degraus e seguiu Magnus para a porta da esquerda. Era um quarto grande. Ele a puxou, passaram pelo closet e já estavam no banheiro. Amélia tirou a jaqueta de Magnus e o restante da roupa, entrou no chuveiro, sentindo a água quente acalmar um pouco a tremedeira em seu corpo. Fechou os olhos. Sorriu ao sentir a mão de Magnus em sua cintura, virou-se e o beijou. Ela o olhou quando ouviu um barulho vindo do quarto.

— Mandei que pegassem nossas roupas para lavar e secar — informou

ele, dando um beijo em seus cabelos.

— Ah, sim!

Soltou um gritinho quando ele a virou de repente. Mordeu o lábio, esfregando-se nele e gemeu baixo ao sentir a mão dele em seu seio direito.

Amélia acordou e ouviu a chuva que ainda caía fortemente. Levantou-se devagar e foi em direção ao banheiro. Viu sua mochila e pegou sua nécessaire. Escovou os dentes, pegou a camisola de bichinhos e a vestiu.

Ao chegar à sala, André conversava com alguém ao celular. Magnus estava sentado no sofá, sem camiseta, com o pé apoiado na mesa de centro e olhava atentamente para a televisão. Ele virou a cabeça e sorriu quando viu a camisola que ela usava. Quando se aproximou, ele a puxou para seu colo.

— Cadê o seu celular? — perguntou ele.

— Está no quarto, por quê?

— Pega ele.

— Ok.

Ao pegá-lo, viu que tinha algumas mensagens da Lislá.

“Me conta como foi seu dia.

Pois aqui está osso essa papelada.”

“Ei, responda.”

“Olha só, não é por que está com seu bonitão, que vai esquecer da sua melhor amiga.”

Ela ria enquanto lia as mensagens, então sentiu a mão de Magnus em sua cintura.

— Está aqui. — Entregou o celular para ele. Magnus olhou para a foto de fundo de tela e olhou para ela. — Eu não disse que não tinha fotos sua — disse envergonhada.

Ele sorriu e deu um beijo em seus lábios.

— Vem cá.

Tiraram várias fotos, de todos os tipos, mas teve uma que Amélia mais gostou: eles se olhavam de forma desejosa. Colocou-a de fundo de tela, substituindo a outra. Sentiu um pouco de frio e foi em direção ao quarto, entrou no closet e achou um moletom de Magnus e o vestiu por cima da camisola. Aproximou-se da janela e ficou olhando para o temporal que caía lá fora. Olhou para baixo, vendo a avenida onde ficava o hotel, viu algumas pessoas correndo e enfrentando a chuva; outras se abrigavam embaixo de alguns toldos. Olhou para o horizonte e viu bem ao longe um raio, contou os segundos e logo veio o barulho. Quando ia se virar, sentiu uma mão em sua cintura, puxando-a. Encostou-se nele e fechou os olhos.

— Ainda com frio? — perguntou dando um beijo em seus cabelos.

— Um pouco. — Virou-se e o olhou com carinho.

— Fique embaixo das cobertas. Vou pegar minhas coisas e fico aqui com você.

— Ok — concordou sorrindo e entrando embaixo das cobertas.

Estava pegando o controle da televisão quando Magnus entrou, colocou o notebook sobre a cama, puxou as cobertas e ficou sentado ao seu lado. Ele olhava sério para tela do notebook e digitava com rapidez. Ficou com a televisão com o volume baixo, vendo um filme que amava, O mágico de Oz. Estava encolhida quando André entrou no quarto.

— Sério? — André a olhou contrariado quando viu que filme passava.

— Que foi? Você sabe que amo esse filme desde a primeira vez que vi — defendeu-se.

— Eu sei. Me fez ver ele 5 vezes num dia só. — André fez careta de dor.

— Besta. Ei, pega a nécessaire que está dentro da minha mochila.

— Pimenta, não sou seu empregado — resmungou ele, pegando a

mochila e a colocando no chão ao lado da cama. Sentou-se na poltrona e a olhou sorrindo.

Amélia mostrou a língua para ele, levantou-se e pegou a nécessaire, procurou o remédio e foi buscar um copo de água. Voltou para o quarto e deixou a nécessaire em cima do criado-mudo. Riu quando André saiu cantando baixinho a música do filme.

— Que remédio tomou? — Magnus perguntou a olhando sério.

— Antialérgico — respondeu, olhando para a televisão.

— Qual anticoncepcional você toma?

— Hã? — Ela se virou para ele.

— Qual pílula você toma?

— Ah, eu não tomo pílula, eu...

— O quê?! — interrompeu. — Como assim, você não toma nada, Amélia? — indagou, incrédulo. — Caralho, Amélia! — disse muito bravo, não deixando espaço para que ela se explicasse. — Como você pode ser tão burra a esse ponto? — Ele a olhou por um momento e então olhou para sua barriga. — Puta que pariu!

Ele se levantou, jogando com força a coberta sobre a cama, andou em direção à porta do quarto e a abriu.

— Eu posso falar? Eu uso...

— O quê? A porra da tabelinha? — Aumentou o tom de voz. — Por Deus, Amélia, eu pensei que você fosse mais consciente e por isso às vezes não me preocupava em usar a camisinha, mas agora... — Ele a olhou de modo frio e saiu do quarto.

— Eu posso, por favor, tentar falar? — Foi atrás dele.

— Nada que você falar agora vai mudar a situação, Amélia.

— Ah, não? — perguntou sarcasticamente.

— André...

— Diga.

Amélia olhou seriamente para Magnus que andava em direção a André, Tom também estava na sala e os olhava com interesse.

— Preciso que vá na farmácia e compre...

— Aviso que irá gastar dinheiro à toa. — Amélia olhou para Magnus e cruzou os braços. — Eu não vou tomar!

André olhou para Magnus e então olhou para a prima, e entendeu a situação.

— Pimenta, não quero me intrometer...

— Mas já está — ela o cortou secamente —, pode mandá-lo comprar, se quiser... — Ela se virou e andou em direção ao quarto, subiu os degraus, virou-se e olhou seriamente para Magnus. — Mas eu não vou tomar! — E bateu com força a porta.

Sentou-se na cama, respirou fundo e tentou se acalmar. Olhou pela janela e ao longe alguns raios riscaram o céu. Amélia tremeu um pouco, pegou o celular e ligou para Lislá.

— Oi. Pode falar?

— *Claro, Lia. O que aconteceu?*

— Magnus perguntou qual pílula que tomava e disse que não tomava, ele ficou possesso...

— *Putá que pariu! Como assim você não toma pílula? Você é lou...*

— Posso terminar?

— *Lia...*

— Eu uso a injeção, Lislá — Amélia disse séria e depois riu.

— *Oh, é melhor?*

— Para mim, é, pois vivia esquecendo de tomar a droga da pílula, então optei pela injeção.

— *Que droga...*

— Nem me fale. Agora estou aqui presa no quarto, pois não conheço muito bem a cidade e está chovendo para ajudar.

— *Se precisar, fico conversando com você. Mas assim, vocês não usam proteção?*

— Sim e não. Às vezes não usamos.

— *Você já fez o teste?*

— Já. Deu negativo. — Deu um sorriso fraco.

— *Não se preocupa* — Lislá começou —, *à noite estou chegando aí.*

— Como assim?

— *André me convidou para um show e disse que fiquei encarregada de ir com você fazer compras.*

— Tudo bem então.

Desligou o celular e o colocou para carregar, afundou-se ainda mais nas cobertas e ficou olhando para a televisão. A porta se abriu e Magnus entrou, indo direto para o closet. Não demorou muito para que ele saísse. Aproximou-se da cama, levantou as cobertas, apagou a luz do seu lado e ficou deitado olhando para o filme que começaria. Amélia estava estranhando todo aquele clima. Decidiu se levantar e foi em direção à cozinha, passou por André, que a olhou um pouco sério.

— Pimenta...

— Cala a boca, André! Isso é problema meu!

Abriu a geladeira e pegou o sorvete. Sorriu quando André avisou que a geladeira estava abastecida com suas guloseimas. Pegou duas colheres, afinal, Magnus sempre atacava seus doces. Ela voltou para o quarto e se sentou na cama, entregando-lhe uma colher. Ele a pegou e jogou no criado-mudo. Amélia olhou para a TV e ficou na dela.

Depois de um tempo, sentiu a mão dele em sua bunda, fazendo um carinho leve. Quando o olhou, ele dormia com o braço esticado e fazia

carinho nela sem perceber. Ela quase tocou em seu rosto, mas lembrou da cena de antes e ficou séria. Assim que o filme acabou, pegou o pote de sorvete e seguiu para a cozinha. Viu algumas louças dentro da pia e resolveu lavá-las.

Assim que terminou, secou as mãos e foi sentar-se no sofá. Não queria ficar pensando na briga e muito menos naquela maldita ligação. Deus, quando iria se ver livre daquele desgraçado? Não estava pronta para enfrentar tudo outra vez, por mais que tivesse Lislá ao seu lado, ainda se sentia fraca perto dele. Respirou fundo, balançou a cabeça, colocou aqueles pensamentos no fundo de sua mente e focou na reunião que iria participar na fundação.

Assustou-se quando Magnus passou por ela e foi em direção à cozinha. Ele abriu a geladeira, pegou o suco e se encostou no balcão da cozinha, olhando para ela. Amélia abaixou os olhos e ficou olhando para o tapete.

— Vamos para a cama — disse ele sério.

Ela apenas o encarou e voltou a olhar para a chuva, que continuava forte.

— Não.

— Posso saber por que não?

Amélia o encarou. Sempre que ouvia Lislá reclamando de suas brigas com André, dizendo que ele nunca a deixava terminar de falar, pensava que fosse exagero dela. Agora, vendo aquele belo homem à sua frente, começava a achar que dona Juju estivesse certa, quanto mais bonito mais burro.

— Estou com falando você! — disse ele um pouco alto.

— E eu não sou surda — rebateu. — Talvez burra, mas não surda. — Fingiu pensar. — Se bem que talvez, pelo seu modo de pensar, seja mais uma burra surda, quem sabe!

Ele bufou e voltou para o quarto. Amélia olhava para a porta do quarto, sabia que não iria conseguir se deitar ao lado dele, porque talvez a vontade de

fazê-lo engolir todos os travesseiros da cama falasse mais alto. Respirou fundo e decidiu desenhar. Foi para o quarto, abriu a mochila, pegou o caderno, estojo e os fones de ouvido. Saiu sem nem olhar para o namorado. Na sala, sentou-se no tapete e apoiou o caderno na mesa de centro, abriu o estojo, colocou os fones de ouvido e procurou uma música suave para inspirá-la. Fez alguns traços, apagou-os e recomeçou. Um raio clareou totalmente a sala e ela olhou assustada para janela.

— Puta que pariu! — xingou baixinho.

Quando olhou para a escada, Magnus estava encostado na porta, observando-a. Ela desviou os olhos dos dele e voltou a desenhar. Percebeu quando Magnus se sentou de frente para ela com o notebook na mão. Ela aumentou o volume da música, sem levantar os olhos para o olhar. Depois de algum tempo, André se sentou numa cadeira perto dela.

Amélia olhou para o desenho, viu que faltava alguns retoques e transcrever o projeto. Espreguiçou-se, levantou os olhos e os dois a olhavam, e retirou um dos fones.

— Você vai ficar surda — comentou Magnus, sério.

— E talvez assim eu realmente me torne a burra surda! — murmurou sem olhá-lo, mas sabia que ele a encarava.

— Sério, Pimenta, consegui ouvir perfeitamente as músicas — completou André.

— Que bom, pois mostra que sua audição está em dia! — Olhou para o primo, que a encarava.

— Olha, não quero me envolver — André disse em tom apaziguador — mas assim, o que Magnus...

— Uau! — Ela cruzou os braços. — Vai passar pano para ele agora e eu sou errada?!

— Não estou dizendo que você é a errada, mas...

— Mas nada! — Olhou firmemente para o primo. — Se caso acontecesse alguma gravidez... — Encarou Magnus. — Não teria feito com o dedo!

— Mas eu também tenho escolha! — retrucou Magnus, com o tom de voz elevado.

— Sim, de aceitar a minha decisão e ficar quieto! Não se esqueça que eu irei passar tudo sozinha. — Ele semicerrou os olhos. — Olha, com todo respeito, você pode dizer o que for... — Apertou as mãos com força. — Mas isso cabe apenas a mim! Eu que sentiria todas as dores, eu que iria sofrer as mudanças e não você! — Parou por um momento e respirou fundo. — Nem sei o porquê estou me justificando. Mas não se preocupe, pode acalmar seu coração, pois não estou grávida! E quando isso acontecer, que pelo visto, talvez nem aconteça, eu te mando um cartão com os parabéns: papai, nasci, mas estou bem, mamãe sabe se virar!

Colocou novamente o fone e ergueu mais um pouco o som, voltando a olhar para o desenho. Magnus fechou o notebook e se retirou.

“Já estou chegando e vamos causar.

Lisla.”

Sorriu ao ler a mensagem e teve uma ideia. Escreveu uma pequena lista e foi na direção ao Tom, que acabava de entrar. Entrego-lhe a lista e pediu descrição. Pegou suas coisas de cima da mesa e foi em direção ao quarto, Magnus e André conversavam sobre algo quando passou por eles direto para o banheiro.

Quando saiu enrolada na toalha, Magnus estava se arrumando no closet e olhou para ela.

— Vamos jantar em um restaurante aqui perto.

— Pode ir, eu não vou.

— Como assim, não vai? — Ele a olhou seriamente e cruzou os braços.

— Não indo. — Ela viu a expressão azeda que ele fazia quando dava aquele tipo de resposta. — E outra, daqui a pouco Lislá está chegando e ela me fará companhia, mas não se prenda por minha causa. — Pegou a roupa e voltou para dentro do banheiro. — Pode ir sozinho. — E fechou a porta.

Colocou as roupas, fez uma trança no cabelo e saiu do banheiro. Magnus estava sentado no sofá, de cara fechada. A porta foi aberta de repente.

— Cheguei! — Lislá entrou toda animada.

— Grande coisa — Magnus murmurou baixo e Amélia o olhou, repreendendo-o.

— Amelinha do meu coração... — Lislá se aproximou e abraçou fortemente. — Liga não, isso aí é macho alfa abatido — sussurrou em seu ouvido.

Amélia tentou segurar a risada mais foi mais forte e riu baixo, segurou no braço da amiga e pediu:

— Me ajuda na cozinha.

— Porra, Lia... — Lislá parou e colocou as mãos na cintura. — Tá me achando com cara de quê? Tia Anastácia?!

— Se cozinhasse bem como ela, talvez sim — Amélia provocou a amiga.

— Não fala mal das minhas comidas. — A morena virou o rosto e olhou para o namorado. — André, me ajuda!

— Concordo com a Pimenta. — Riu.

— Seu ingrato! — Lislá jogou a bolsa no namorado e apontou o dedo em sua direção. — Greve!

André olhou para a morena à sua frente e balançou a cabeça, rindo. Ela até podia dizer aquilo, mas era só chegar e dar um beijo leve atrás

de sua orelha que ela se desmanchava fácil. Aproveitou para seguir as duas.

— O que você vai fazer de bom? — André perguntou tirando as compras das sacolas.

— Ué, vocês não iam jantar no restaurante do hotel? — Amélia olhou para o primo e viu Magnus se sentando na banquetta.

— Magnus vai, eu, não. Afinal não sou louco de perder de comer sua comida — André disse sorrindo e ficou olhando para os ingredientes, tentando adivinhar o que iria ser feito.

— Não vou mais — Magnus disse sério. — Convidei uma pessoa para jantar aqui conosco, se não se importar.

— Já convidou, não é mesmo? — Amélia deu de ombros.

— Eita! — Lislá riu e olhou para Magnus. — Olha, ganhou pontos só pelo fato de conseguir fazê-la ficar irritada.

André olhou para prima e olhou para Magnus e puxou a faca que estava em cima da ilha para perto dele. Amélia o olhou por um momento, olhou para faca e fez careta.

— Qual foi a última vez que fizemos isso? — Lislá perguntou animada.

— Sabe que nem lembro. Você corta as cebolas.

Ela riu da cara que amiga fazia. Amélia cortou cortar alguns tomates e os colocou para cozinhar. Pegou o alho, sal, salsinha e cebolinha e os colocou dentro do processador.

— Cheguei, afinal, por que não... — Amélia virou o rosto e viu Soraia parada. — Que merda é essa?

— Fodeu! — André gemeu baixo.

Soraia cruzou os braços e olhou para os amigos.

— Posso saber o porquê tem duas meninas cozinhando e os príncipes aqui sentados, só olhando?!

— Elas não pediram ajuda! — André se defendeu.

— E eu fui obrigada! — Lislá disse chorando. — Essa mulher aqui não tem coração! — Amélia a olhou e riu. — Porra, odeio cortar cebola!

— Chorar ajuda na retenção de líquido — Amélia zombou rindo e desligou o processador.

— Olha aqui... — Lislá apontou a faca na direção da amiga e fungou. — Eu só não te mato aqui, porque te amo! Sua vaca!

Soraia riu alto e se sentou ao lado do amigo, e o viu com uma expressão séria. Ele fitava Amélia, que parecia evitá-lo.

— Está tudo bem?

— Não — ele disse baixo e a olhou. — Fiz merda.

— Qual a da vez? — perguntou baixinho.

— Eu a vi tomando um remédio e perguntei qual pílula que ela tomava, e ela me disse que não toma nada...

— Como assim, você não usa pílula? — Soraia olhou abismada para Amélia.

— Ai! — Lislá chupou o dedo e olhou para amiga, que ficou ainda mais séria. — Agora você se fodeu de vez — disse para Magnus.

— Realmente, Soraia. — Amélia a olhou com a cara fechada. — Eu não uso pílula... — E olhou para Magnus. — Porque uso injeção!

— E é até melhor! — Soraia olhou para o amigo e bateu em seu braço. — Se fodeu.

Amélia tirou os tomates da panela, tirou as cascas e começou a amassar os tomates, colocou tudo em uma vasilha. Pegou a cebola que Lislá tinha picado e colocou na panela. Dourou-as junto com o tempero que havia feito. Juntou os tomates amassados e colocou um pouco mais de extrato de tomate. Com uma espátula, pegou um pouquinho do caldo e o experimentou. Pegou um pouco de açúcar e colocou no molho para cortar a acidez, tampou e o deixou engrossar.

— Aprendeu com sua mãe? — Soraia puxou assunto.

— Não, minha mãe é uma negação na cozinha. Eu aprendi com meu pai, que aprendeu com o biso, e que por sinal é o melhor cozinheiro da família — respondeu sorrindo, e começou a fazer o arroz.

— Nem vem, Pimenta. Você cozinha melhor que o biso e até ele já admitiu isso. — Ela sorriu para o primo. — Ei, é o que estou pensando? — André perguntou, salivando.

— Sim.

Assim que o molho chegou ao ponto, pegou o restante dos ingredientes e começou a montar a lasanha. Colocou-a no forno, ajustou a temperatura e ativou o alarme do celular. Olhou para a pia e pegou a esponja.

— Nem pensar — Soraia disse alto. — Vocês cozinham e agora eles que lavem e sequem!

— Justo! — concordou Lislá.

Amélia largou tudo ali e foi para o outro quarto com Lislá. Assim que entraram, ela se sentou na cama e logo caiu de costas, fechando os olhos.

— Não fica assim vai — Lislá disse se sentando na cama.

— Ele nem me deixou falar, foi apenas me acusando...

A porta foi aberta e Soraia entrou.

— Olha... — Ela a olhou e se sentou na beirada da cama. — Eu poderia passar pano para ele, mas ele me falou o que houve e estou do seu lado. Sabe de uma coisa, acho muito justo sairmos para nos divertir e beber algo e deixar ele no limbo do arrependimento.

— Melhor vingança — Lislá concordou, rindo.

— Sabe que não gosto disso — Amélia olhou para a amiga, que fez uma careta. — E outra, a chuva aumentou.

— E o que iremos fazer? — Soraia cruzou os braços.

— Bom, eu tenho que terminar de transcrever o projeto que criei com

os vovôs do asilo. — As duas arquearam a sobancelha. — Eu sei, mas eu prometi que caso conseguisse estágio na fundação, tentaria mostrar o projeto para Susan!

— Faz assim então... — Soraia começou. — Filho da puta! — xingou ao assustar-se com o barulho de um trovão, e ouviu as risadas das meninas. — Como estava dizendo, nós jantamos e você mostra o projeto, afinal eu e Magnus crescemos dentro desse baile!

Amélia acenou com a cabeça. Conversaram mais um pouco e logo o celular de Lislá despertou, avisando que o jantar estava pronto. Saíram e foram em direção à cozinha. Ficaram surpresas ao verem a mesa posta. André tirava a lasanha do forno e Magnus colocava o arroz na travessa de vidro.

— O bom de se relacionar com o homem que serviu é isso, sabem se virar — comentou Soraia, rindo. — Ela foi a primeira a se servir e experimentar.— Puta que pariu! Que delícia! Mag, você vai ficar gordo se ficar com ela. — E voltou a comer.

Ele cortou um pedaço e comeu, parou por um momento e olhou para ela.

— Se não tivesse visto você preparando, ia dizer que tinha mandado comprar em algum restaurante — elogiou, sorrindo. — Está perfeito.

Ela sorriu e acenou com a cabeça.

Depois do jantar, que tivera um clima descontraído, fizeram um pequeno mutirão para arrumar o restante da louça. Após tudo lavado, secado e guardado, foram em direção à sala e se sentaram. Amélia pegou o desenho e mostrou para Soraia, que logo o mostrou para Magnus.

— O que é isso? — perguntou ele.

— Bom, essa semana sua avó disse que irei participar da reunião sobre o tema da festa de arrecadação de fundos, e ela disse que todos podem apresentar um projeto, então eu pensei nisso.

— Ok. Mas a arrecadação iria para onde? — perguntou sério, pois sabia que o baile da fundação era a menina dos olhos de sua avó.

— O asilo da cidade. Na escola, e até mesmo na festa de aniversário da cidade, todos falam dos jovens que ajudaram com a reconstrução da cidade depois da ressaca de 50. Mas o que esquecem é que muitos daqueles jovens ainda estão vivos e esquecidos no asilo, alguns por escolha própria, mas há outros abandonados pela própria família. Poxa, se querem realmente saber o que houve naquele dia, seria mais fácil conversar com quem esteve presente — declarou um pouco triste.

— E qual seria o tema? — Soraia a olhou interessada.

— Na verdade, o tema foi ideia dos vovôs. Eles falaram “por que não recordar a década de 50”? Eles até montaram uma playlist para a festa — comentou sorrindo e mostrou para eles.

— E onde seria a festa? Pois não reconheço esse salão — Magnus perguntou olhando para o desenho.

— Nem eu! — Soraia olhou para o desenho.

— Esse é um salão praticamente inutilizado no asilo. — Ela se sentou na mesa de centro. — Quando o asilo foi reformado, fizeram um salão próprio para os bailes, mas todos da cidade acabam não comparecendo ao baile mensal. — Ela olhou com carinho para o desenho. — Como vai pouca gente, ele acaba acontecendo na sala de recreação. E esse salão é tão lindo.

— Então esse é o seu projeto? — Magnus a olhou seriamente.

— Sim e não. Eu e o pessoal do asilo que tivemos a ideia, e eles ainda falaram que gostaria que a festa fosse à fantasia.

— Uma festa à fantasia? — questionou ele. — Interessante, a última assim foi há...

— Vinte anos atrás — ela completou, envergonhada.

— Sim! Bom, eu particularmente gostei do seu projeto. No dia da

reunião, apresente e veja qual será a reação da minha avó, já que é ela quem dá o veredito.

— Esse é o problema, eu passo mal ao falar em público, só eu sei o sacrifício que é quando tenho apresentação de trabalho.

— Não se preocupa, tudo vai dar certo — disse ele com carinho e sorriu.

Amélia retribuiu o sorriso.

Resolveram assistir a um filme. André se sentou na poltrona e Lisandra se sentou em seu colo. Soraia estava entre Magnus e Amélia, que tentava evitá-lo. Durante o filme, ouviram um gemido e olharam para o casal que se agarrava.

— São sempre assim? — Soraia a olhou.

— Sim. — Ela riu. — Por isso quando eles me convidam para ver algum filme, já sei vou assistir sozinha. Isso quando eles... — André se levantou segurando Lisandra, que colocava as pernas em torno de sua cintura. — Isso aí.

— Seus primos são todos assim? — Soraia perguntou interessada.

— Alguns chegam a ser piores que eles — ela disse rindo.

— Me apresenta, por favor!

Soraia a olhou sorrindo e ouviram um gemido baixo vindo de Magnus. As duas viram quando ele passou por elas, subiu para o quarto e fechou a porta com força. Amélia se encolheu, engoliu em seco e se segurou para não chorar.

— Não fica assim. — Soraia tocou em seu braço — Acostume-se. Homens só fazem merda e esse aí é o pior!

— Por que diz isso? — Amélia a olhou confusa e um pouco receosa.

— Bom, você é a primeira que ele apresenta a todos! E tem o fato de que você o intimida.

— Mas...

— Amélia — interrompeu —, ele sempre foi acostumado a tudo do jeito dele! Apenas as vontades dele eram satisfeitas e agora, com você, o negócio muda e ele não sabe o que fazer.

— Era só pedir desculpa.

— Eu sei. — Soraia fez um muxoxo. — Mas ele é homem!



Capítulo 13

Amélia deu um gemido baixo ao ouvir algo vibrando. Esticou a mão e pegou seu celular, olhou-o confusa e percebeu que não era ele o responsável pelo barulho chato. Estranhou estar na cama, já que depois de conversar com Soraia e ela ter ido embora, tinha ficado na sala assistindo TV. Não se lembrava de ter ido para a cama. Assustou-se quando ouviu novamente o barulho, e viu que era o celular de Magnus. Ajoelhou-se na cama e viu o nome de Melina na tela. Pensou seriamente em não falar nada, mas não era esse tipo de pessoa.

O celular parou de vibrar e viu algo que chamou sua atenção, o fundo de tela de bloqueio dele era uma foto que ela havia postado em sua rede social. Pegou seu celular e procurou o perfil de Magnus. Olhou as fotos dele e viu algumas engraçadas dele com os irmãos e uma que chamou sua atenção. Era da cabana, pois reconheceu o tapete da sala.

Na foto, o tênis dela estava ao lado de seu sapato social, com a legenda “Novos rumos”. Leu alguns comentários engraçados e um ela estranhou “que

mulher em si usa esse tipo de tênis?”, e sorriu ao ver a resposta dele “uma diferente de todas que já conheci”. Clicou no perfil e fez uma careta de nojo ao ver a foto de Melina. Entrou na sua rede social e ficou pensando que foto tirar, olhou para a coberta que estava bagunçada, tirou uma foto e postou “Será que tá ruim?”. Depois de alguns minutos, o celular dele vibrou insistentemente. Amélia bufou, pegou o celular, abriu a porta e o viu olhando pela janela da sala.

— Seu celular estava tocando. — Entregou-o ao se aproximar.

— Obrigado.

Ela voltou para o quarto, tomou um banho, escovou os dentes e ficou embaixo das cobertas. Estava sem fome. Seu celular vibrou, pegou-o e viu um comentário de Magnus na foto que havia postado, “espero que esteja bom”. Sorriu e o respondeu, “só estará melhor quando não estiver sozinha”. Ficou um tanto apreensiva. Não demorou muito e a porta foi aberta. Ele entrou no quarto, deixou o celular carregando, entrou embaixo das cobertas e ficou encostado na cabeceira. Amélia se mexeu um pouco na cama. A verdade era que não sabia o que fazer e nem o que falar. A única coisa que fez foi chegar um pouco mais perto dele, sentiu a mão dele em seu braço, fazendo um leve carinho. Olhou-o de canto de olho.

— Me desculpa... — ele disse baixo. — Deveria ter deixado você falar. — Ela se virou para ele. — Prometo tentar não fazer isso novamente! — Ele tocou em seu rosto. — Só não fica mais longe de mim, ok?! Eu posso lidar com seu silêncio, mas não com sua ausência!

Ela acenou com a cabeça. Fechou os olhos ao senti-lo passando os dedos bem devagar em seu pescoço. Ele a puxou contra ele e se beijaram. Amélia gemeu baixo ao senti-lo apertando sua bunda.

— Gostei da foto do tênis e do sapato.

— Quando vi, tive que tirar. — Sentiu o beijo em seus cabelos. —

Tentei te marcar, mas não te achei.

— Ah, mas não uso meu nome, uso Pimenta Loures — disse sorrindo e deu um beijo em seu peito.

Magnus se esticou, pegou seu celular e ficou mexendo nele. O celular de Amélia vibrou e ela o pegou, apoiou-se no cotovelo, era uma mensagem de sua mãe. Ela respondeu e se encostou nele, ligando a TV. Ouviu seu celular vibrar, abriu a notificação e sorriu ao ver as fotos que ele a havia marcado. Algumas eles tinham tirado recentemente.

A primeira foto pegava um pouco do rosto de Magnus, ela estava com a cabeça em seu peito e a mão em sua barriga. A segunda foto era ela de costas, apoiada no cotovelo, o cabelo solto. Ela se encostou nele, sorrindo. Pegou seu celular e sem ele perceber, tirou uma foto dos dois. Mostrava apenas o ombro e o peitoral dele, e ela piscava com um dos olhos. Postou a foto e o marcou. Assim que o celular dele vibrou, ele o olhou e riu.

— Vingança? — perguntou dando uma mordida em seu pescoço.

— Sim. — Ela riu.

— Vem cá.

Ele a beijou com carinho, lentamente. Era um beijo que, sinceramente, ela não sabia como descrever, apenas se deixou levar. A cada toque da língua dele na sua, ela se entregava mais. Gemeu baixinho quando ele se afastou. Olharam-se por momento e sorriram um para outro. Então percebeu que ele tinha gravado o beijo e postou na rede social.

— Isso não vai dar problema?

— O máximo que pode acontecer... — Ele a olhou seriamente. — É os fofoqueiros de plantão fazerem um alarde para saber quem é você. — Ela sorriu quando ele tocou em seu rosto. — Por isso demorei a assumir nosso relacionamento, queria te manter o mais segura possível dessas pessoas...

— Agora vai ser difícil — comentou ela, rindo.

— Sim. — Ele sorriu. — Mas é bom que agora eles sabem que eu tenho uma dona.

Ela olhou para ele sem reação. E o puxou para mais um beijo. Encostou-se novamente nele e ficaram assistindo ao filme Star Trek.

— Olha o Thor — ela disse sorrindo.

— Sim, o Thor, o coitado vai viver com isso nas costas. — Ele riu. — Como é o nome do ator que fez Luke Skywalker? Ou o nome do ator que interpretou Obi Wan?

— Do Obi Wan eu sei, é Ewan McGregor — informou, séria.

— Sabe porque ele fez Moulin Rouge, mas fora isso, nem isso você saberia.

— Chaaato! — Mostrou a língua para ele, que riu. — Você gosta dessa versão?

— Há quem não goste, eu vejo como uma forma de apresentação a novas gerações.

Ouviram batidas à porta e ela foi logo aberta, Lislá entrou disparando:

— Vocês acabam de virar o casal sensação do momento.

— Vocês viram o que fizeram? — André entrou logo atrás.

— Como assim? — Amélia os olhava sem entender.

André pegou o controle e colocou num canal de fofocas de famosos.

— *E o que dizer desse beijo?* — disse uma das moças, abanando-se.

— *Olha, Amélia querida, se não quiser mais, pode jogar aqui no quintal de casa* — comentou um rapaz moreno, rindo.

Amélia arregalou os olhos.

— *É sério. Que beijo é esse?*

E o vídeo foi reproduzido e tinha que admitir, o beijo era sensacional, e sinceramente, não parecia ela ali com ele. Amélia se encolheu e se assustou com o modo como o seu celular vibrava. Pegou-o e ficou abismada com a

quantidade de curtidas, comentários e seguidores.

— Desculpa — ele disse baixo e beijou seu ombro.

— *Ih. Será que eles pararam ou estão fazendo outras coisas?* — brincou um dos apresentadores.

— *Mas temos que falar...* — O homem olhou para o telão. — *Ela realmente é linda!*

— *Ele sempre teve bom gosto* — comentou uma morena, sorrindo —, *mas agora se superou...*

O telão passou a exibir uma foto dela. Amélia abaixou a cabeça, envergonhada. Seu celular não parava de vibrar. Magnus desligou a televisão, e André e Lislá saíram, deixando os dois a sós. Amélia se deitou e se virou na direção dele, que a olhava com carinho.

— O que foi?

— É que... nunca fiquei em destaque desse jeito.

— Eu sei. Vai ser difícil para você agora no começo. Mas depois você tira de letra — concluiu, dando um beijo em sua testa.

— Minha mãe vai me matar por causa daquele vídeo. — Ela riu baixinho.

— Pode excluir se quiser.

— Não. Eu gostei — confessou envergonhada.

— Do beijo ou do vídeo? — questionou arqueando a sobrancelha.

— Dos dois. — Deu uma mordida leve no lábio inferior.

— Sabe, tenho a memória um pouco fraca, me ajuda a lembrar. — Ele tocou em seu rosto. — O beijo do vídeo foi esse? — Beijou-a com carinho e lentamente. — Ou foi esse? — E então a puxou com um pouco mais de força e a beijou, sua língua invadia sua boca e buscava pela dela.

— Definitivamente o segundo — disse séria e depois riu.

Ele riu e se encaixou no meio de suas pernas, tocou com carinho em

sua coxa e a apertou. Sorriu quando ele deu um beijo em sua barriga e foi subindo. Amélia gemeu e fechou os olhos quando ele lambeu o bico de seu seio direito. Abriu os olhos quando sentiu o pau dele na entrada de sua boceta.

— Sempre molhada para me receber... — disse ao penetrá-la vagarosamente. Ele saiu lentamente e voltou com força. Amélia colocou suas mãos nas costas de Magnus e o arranhou bem devagar. Ouviram batidas na porta.

— Magnus?

Era André. Amélia se encolheu, com medo de que o primo abrisse a porta e os visse.

— Sim? — Magnus se movimentou e Amélia segurou um gemido.

— Soraia quer falar com você. Ela está aqui na sala — avisou André.

— Já vou — disse com uma voz um pouco brava.

— Desculpa, Ninfa. — Ele a olhou com carinho.

— Tudo bem. — Deu um beijo em seu pescoço. Ele riu, levantou-se e vestiu a calça jeans. — Coloca uma camiseta, está frio.

— Não fico resfriado com facilidade. — Olhou-a com carinho.

Amélia saiu da cama, passou por ele, deu um beijo em seu rosto e entrou no banheiro. Assim que saiu do banheiro, resolveu pegar seu celular e ficar ouvindo música, mas ouviu Magnus um pouco alterado.

— Você sabe o quanto tudo está maluco por causa dessas fotos e daquele maldito vídeo? — Ouvia Soraia dizer.

— O que tem?

— Magnus, isso ganhou uma proporção gigantesca. E fico preocupada com a exposição que ela irá ter de agora em diante, afinal a foto dela foi mostrada em rede nacional. — Viu pela fresta da porta quando Soraia se sentou no sofá e olhava com uma cara muito brava para Magnus, que estava

em pé, olhando para janela.

— As fotos e o vídeo vão continuar onde estão — determinou ele.

— Quantos anos ela tem? Dezenove? Vinte?

— Vinte e três — informou André, sério.

— Espera, ela é maior de idade? — Olhou-o surpresa. — É que ela tem carinha de menina...

— Você é paga para isso. Se vire e nunca mais me atrapalhe — enfatizou Magnus, sério.

Amélia se assustou com o tom que ele usou, foi em direção ao banheiro e fechou a porta. Tirou a roupa e se olhou no espelho, não imaginava que aquelas fotos e o vídeo dariam tanta dor de cabeça assim para ele. Entrou no box e ligou o chuveiro. Assustou-se ao sentir a mão de Magnus em sua cintura. Ela se virou e sorriu para ele, que a puxou e a beijou com força. Gemeu quando ele a pegou pela bunda e ela cruzou as pernas em sua cintura.

— Onde estávamos? — perguntou com a voz baixa e rouca. Ela ia dizer algo, mas gemeu alto quando o sentiu dentro dela. — Ah, sim! — Deu uma mordidinha em sua orelha e estocou com mais força. — Era aqui que estávamos.

Ela gemeu e ele a beijou, apertando-a com um pouco mais de força.

— Magnus...

— Sim, Ninf...

— Eu estou sem ar.

— Desculpe.

— Acho melhor excluir o vídeo — comentou ela, baixinho.

— Não! Ele fica onde está.

Ele saiu de dentro dela e a colocou no chão. Ela engoliu em seco e se assustou quando ele bateu a porta do box ao sair. Sentiu que as lágrimas

queriam vir à tona, entrou embaixo do chuveiro e ficou ali se acalmando. Assim que saiu do banheiro, ouviu o barulho da porta.

— Lia?

— Aqui — disse baixo. Terminou de colocar a roupa e olhou para a amiga.

— Sinto muito por toda essa confusão — Lislá disse com carinho. — André me disse que isso vai ficar assim por alguns dias e logo tudo volta ao normal.

— Espero... — Deu um sorriso triste. — Não quero que isso nos atrapalhe de alguma forma.

— Ei, não vai, ok? — Lislá sorriu. — Agora se anima, pois iremos às compras! — Amélia a olhou confusa. — Lembra que disse que iríamos fazer algumas compras para o show de amanhã?!

— Ah, sim! E quem vai pagar?

— Magnus. — Lislá sorriu amplamente e Amélia não gostou daquele sorriso. — Ok, eu prometo não fazer nenhuma extravagância!

Saíram do quarto, e encontraram André conversando com Tom.

— Estão prontas? — André perguntou.

— Claro! — Lislá disse sorrindo, segurou no braço da amiga e saíram na frente dos homens. Ao entrarem no elevador, Amélia olhou para o primo.

— Magnus?

— Ele tinha uma reunião com alguns investidores para Lz — respondeu André.

— O que é Lz? — Lislá a olhou curiosa.

— A empresa armamentista de Magnus.

— Peraí... — Lislá arregalou os olhos. — Magnus além de playboy, CEO da empresa da família, ele ainda fabrica armas?! — Amélia apenas assentiu com a cabeça. — Ele sim é o verdadeiro mil e uma utilidades...

Amélia riu do jeito da amiga e a abraçou. Depois de uns 20 minutos, Tom estacionou o carro. André pegou um guarda-chuva, abriu a porta para elas e entraram na loja.

— Amélia Loures? — uma mulher elegante perguntou.

— Sim, sou eu — respondeu desconfiada.

— Por aqui, por favor.

Amélia seguiu a mulher e olhou para a amiga, que sorria toda animada e empolgada. A loja estava fechada e todas as vendedoras estavam à sua disposição. Ela não podia acreditar que Magnus tinha feito aquilo tudo para ela. Entraram em um salão e olharam impressionada para o local. Do lado esquerdo havia um salão de cabelereiro, e do lado oposto havia várias araras com algumas dezenas de vestidos. Amélia se assustou quando uma das moças se aproximou.

— Qual seu tamanho?

— 40 — Lislá respondeu por Amélia.

— Vestido curto ou um pouco abaixo da coxa?

Olhou para amiga, que a incentivava com o olhar.

— Curto. — Amélia sorriu envergonhada.

— Ok. Qual cor?

— Preto.

— Pode ser decotado?

— Tem que ser — Lislá disse sorrindo.

— Cuidado, Pimenta, você não conhece Magnus — André disse sério.

— No quesito de agradá-lo na cama, pode ter certeza que sei muito bem o que estou fazendo, André. — Ela o olhou séria.

— Não precisava escutar essa. — Ele riu.

— Vamos ficar aqui até quando?

— Até segunda de manhã.

— Bom, como hoje é sexta... Você vai comprar pelo menos dois vestidos — informou Lislá.

— Ele disse que o mínimo deve ser três.

— Melhor ainda — Lislá se animou e olhou para o namorado. — Bom, agora pode ir, pois daqui pra frente é assunto de mulher.

— Toma. — André entregou o cartão para Lislá, que o olhou confusa.
— Um agrado e quero você linda!

— Sabia que eu te amo?

Amélia olhou para o casal e balançou a cabeça, rindo. André saiu do local e Lislá ainda olhava toda apaixonada para a porta.

— Vamos começar pelo cabelo. — Lislá se virou para Amélia.

— Não quero nada chamativo.

Amélia seguiu a amiga e se sentou, uma mulher se aproximou e analisou seu cabelo.

— Irei tirar apenas um dedo. Questão de pontas duplas e ressecamento.
— Ela sorriu para Amélia. — Que tal clarear um tom da sua cor natural? Não vai mudar muito, mas ficará ainda mais bonita.

— Tudo bem.

Amélia sorriu e olhou para amiga, que estava na cadeira ao lado. Cabelo finalizado e unhas feitas, foram escolher as lingerie.

— Precisa mesmo? — Amélia a olhou.

— Eu vou fingir que não ouvi isso — reclamou Lisandra.

Amélia achou um exagero uma lingerie para cada dia e olhou para Lisandra, que escolhia as dela.

— Lislá, não é demais isso tudo?

— Pensa comigo, amiga. — Lislá se virou para ela. — Ele vai ver você toda linda em vestidos novos e com a mesma lingerie? — A morena cruzou os braços. — É como se ele ganhasse o mesmo presente embrulhado no

mesmo papel e a mesma caixa todo ano!

— Concordo com ela! — uma vendedora disse, rindo. — Vamos para os vestidos?

— Opa!

Lisandra já havia escolhido os dela e esperou a vez da amiga, sorriu quando ela apareceu com o primeiro. Ele tinha uma manga meia-estação, detalhes de tiras que marcavam bem seus seios e na ponta do vestido tinha uma franja. Nos pés, usava uma sandália com pequenos strass nas tiras que envolviam o tornozelo. Amélia a olhou sorrindo e balançou o quadril.

— Esse fica melhor para o show de amanhã. — Lisl a observou melhor. — E Magnus vai ficar louco com esse balanço.

— Acha mesmo? — indagou um pouco receosa.

Lisandra olhou seriamente para a amiga, sabia que ela estava vivendo um sonho de adolescente. Afinal, quem nunca sonhou em poder viver aquilo com o seu primeiro amor? No entanto, sabia que era difícil para Amélia, ainda mais depois do trauma que vivera.

— Lia... — Lisl pegou o celular e colocou o vídeo que estava na rede social de Magnus. — Está vendo isso? — Apontou para o celular. — Se isso aqui não é a confirmação do que ele sente por você, nem imagino outra forma.

— Tenho que dizer. — A vendedora a olhou. — Eu o sigo nas redes sociais... — Ela deu um sorriso tímido. — E nunca o vi postar algo assim e fiquei com uma baita inveja de você, admito!

Amélia olhou para a amiga, que fazia sinal positivo. Lisl se levantou, aproximou-se e segurou em sua mão.

— Eu sei que é difícil... — Amélia apertou sua mão. — Mas realmente acha que você não superou? Olha tudo o que está vivendo, amiga!

Amélia sorriu para a amiga, respirou fundo e foi experimentar o

segundo vestido.

— E esse?

Lisla ergueu a cabeça. O vestido era justo, mas não tão decotado, tinha uma manga que se alargava do cotovelo para baixo, e ficava bem no meio de suas coxas. E tinha escolhido calçar um ankle boot.

— Humm... — Lisla a observou. — Bom, domingo vocês terão um jantar, eu sei porque é o mesmo dia que eu e André teremos o nosso. — Amélia sorriu. — E esse está perfeito!

— Ainda está brava com ele?

— Nem vou falar sobre isso! — Lisla respondeu um pouco triste.

— Tudo bem. Bom, acho que é só isso então.

— Claro que não! Daqui iremos para uma boate! Então ponha essa bela bunda branquinha para mexer e escolha o vestido para usar, agora!

Amélia sorriu e foi experimentar o último vestido. Ficou em dúvida entre dois, mas acabou optando pelo qual mais chamou sua atenção. Saiu do provador e ouviu a risada contagiante da amiga.

— Prontinho! Vou com esse!

— Uau! — Lisla disse, espantada.

O vestido lembrava uma camiseta de banda de rock, era bem justo e tinha um belo decote no meio dos seios; a manga dele era vazada, e no meio das coxas também tinha um detalhe vazado. Amélia tinha optado por uma bota de cano longo e salto fino. Ao saírem da loja, Tom as esperava e sorriu ao ver Amélia.

Assim que o carro estacionou em frente à boate, a porta foi aberta por um segurança. Amélia desceu primeiro. Lisla desceu atrás e olhou para o tamanho da fila.

— Uau.

André apareceu e olhou pasmo para a namorada. Lisandra usava uma calça de couro e bota de salto fino; na parte de cima, um sutiã preto por baixo de uma camisa de manga comprida toda transparente.

— O que fez com seu cabelo? — André olhou para o cabelo liso.

— Mudei um pouco hoje. Foi apenas escova, é só molhar que meus cachos voltam, não se preocupe!

— Bom mesmo. — Ele a abraçou com carinho. — Sabe que sou louco por eles!

— Eu sei. — Ela riu e o beijou.

— Eu sei que sou branca que nem vela — começou Amélia —, mas, assim, meu namorado está lá dentro!

André sorriu e olhou para a prima, e logo o sorriu morreu.

— O que você fez com a Pimenta, Lisandra?

— A deixei ainda mais linda! — Lislá sorriu e pegou no braço da amiga. — Agora podemos entrar?

André soltou um suspiro forçado, virou-se, cumprimentou um dos seguranças e entraram. Amélia olhou o local, que estava cheio. A pista ficava na parte de baixo, algumas pessoas dançavam, outras se agarravam. Sentiu Lisandra segurar em sua mão e a seguiu. André andou evitando a multidão e logo chegaram a uma escada, o segurança colocou uma pulseira no braço de cada uma e puderam subir. Ao chegar no topo da escada, Amélia olhou para o local, havia mesas espalhadas, alguns sofás, e havia algumas pessoas por ali. Mas não achou Magnus.

— Ele deve ter ido ao banheiro — André disse antes que ela precisasse perguntar. — Querem beber algo?

— Eu quero! — Lislá disse, rindo.

André sorriu e foi pegar as bebidas. Amélia se aproximou da grade de proteção e ficou olhando para as pessoas que dançavam, e seus olhos pararam

em um casal.

— O que foi, Lia? — Lislá se aproximou e olhou para onde a amiga olhava. — Só pode ser brincadeira, né?

— Acho que agora eu te entendo quando fica puta com o André quando conversa com a Camila.

— Pode até ser... — Lislá ficou ao lado da amiga. — Mas André faz para me provocar, mas agora ali... — Apontou com a cabeça. — Eu não sei, Lia, eu não confio nela!

— Ela tentou me intimidar no retiro — confessou para a amiga, que a olhava de boca aberta. — E eu avisei que não tenho medo dela! — Olhou de novo para a pista. — Mas a forma como conversam...

— Cheguei! — Soraia se aproximou das garotas e olhou para Amélia. — O que foi?

— Olha! — Lislá a olhou. — Eu sempre desconfiei que homem muito bonito é burro... — Fez sinal com a cabeça e Soraia acompanhou. — Mas acho que Magnus é pior que burro!

— Puta que pariu! — Soraia trincou os dentes e as duas amigas olharam para ela. — Nem mesmo eu que sou amiga dele gosto da Melina! Essa mulher é falsa demais e eu ainda não sei o porquê Magnus ainda conversa com ela!

— Ela intimidou a Lia! — Lisandra disse baixo.

— Como é que é?! — Soraia olhou para morena e depois para Amélia. — E ele não fez nada?!

— Eu não falei para ele!

— Ah, mas ele vai saber! — Soraia ia se afastar e Amélia segurou seu braço.

— Não, nem perde tempo. — Amélia o olhou. — É isso que ela quer! Que eu fique bancando a indefesa e que não sei me defender!

— Você é mais esperta do que eu achava! — Soraia sorriu.

— Já tive minha cota de pessoas desse tipo. — Amélia olhou diretamente para Magnus. — Não vou me abalar!

— Porra, agora eu gostei! — Soraia riu. — Mulher de atitude!

— Já que somos mulheres de atitude... — Lislá abriu um sorriso matreiro. — Que tal irmos dançar?

Amélia sorriu e acenou com a cabeça, desceram até a pista de dança. Lisandra sorriu e começou a dançar, Soraia a acompanhou. Amélia cantou a música baixinho e começou dançar.

Magnus, ao chegar à boate, foi em direção ao bar. Havia tido uma droga de reunião que foi a maior perda de tempo. Estava tomando uma cerveja quando avistou André subindo a escadaria e olhou para Amélia, parou a garrafa no ar e lambeu os lábios. Ela estava de costas, o vestido marcava perfeitamente sua bunda, subiu os olhos e sorriu ao ver que ela tinha feito uma mudança em seu cabelo. Afastou-se do bar e estava indo em direção ao grupo quando sentiu alguém segurando seu braço.

— Oi — Melina disse sorrindo.

— Oi, Mel. — Achou estranho ela estar ali.

Melina sorriu, aproximou-se e tocou em seu peito. Ele franziu a sobrancelha, sabia que ela nunca tinha sido esse tipo de mulher, nunca gostou de demonstrações públicas e logo entendeu o que ela fazia.

— É sério? Está apelando para isso agora, Melina?

— Do que está falando? — Ela o olhou sorrindo e tocou em seu rosto.

— Eu sei qual o seu joguinho. — Ele afastou a mão dela. — E não pensa que não sei sobre ter intimidado Amélia no elevador do hotel fazenda, eu avisei para ficar longe dela!

— Magnus, ela é uma criança. — Melina se afastou e pegou sua

cerveja. — Nem deve saber trepar direito, aposto que teve que ensinar tudo para ela!

— Ela é tão criança e inocente... — Magnus sorriu. — Que te incomoda a ponto de você ficar fazendo joguinho para provocar ciúmes! — Melina mudou a expressão. — Agora sim estou falando com a verdadeira Melina e não com a menina de quinze anos que fica fazendo teatrinho. Último aviso, se afasta!

— Ou o que, Magnus? — Melina sorriu, irônica. — Não se esqueça que sei tudo sobre você e talvez aquela criança se assuste ao conhecê-lo de verdade!

— Talvez sim, talvez não. — Magnus deu de ombros. — Mas não é a criança que está aqui se esfregando em mim como uma puta desesperada!

Magnus virou o rosto e viu Amélia dançando e apenas largou Melina ali, sozinha. Passou entre as pessoas e se aproximou da namorada. Parou por um momento e ficou vendo-a dançar. Ela rebolava conforme o ritmo da música. Deu alguns passos, mas foi impedido por Soraia, que o puxou para um canto.

— Porra, Mag! Eu já te falei, não dá liberdade pra Melina. Você sabe muito bem que ela, além de ser estranha, é obsessiva em relação a você. Amélia já sabe o que ela já fez?

— Ainda não, com o tempo eu conto.

— Magnus, me escuta, crescemos juntos, e eu te conheço bem, nem quando você estava com aquela infeliz eu te vi desse jeito. — Ela o olhou séria. — Não deixa a Melina atrapalhar o que você tem com a Amélia. Só de olhar para essa menina, eu vi o quanto ela está apaixonada por você. E se caso você a fizer sofrer, eu juro por tudo que é mais sagrado, Magnus, eu corto nossa amizade de anos e ainda bato em você.

— Lia! — Lislá se aproximou e tocou no braço da amiga. — Eu vou pegar algo para beber, você quer algo?

— Água, por favor! — Lislá acenou com a cabeça. — Eu vou ficar aqui, tudo bem?

— Tudo bem, eu não demoro.

Lisandra se afastou da amiga e olhou para Magnus e Soraia. Sorriu ao ver a expressão séria no rosto da mulher e tinha quase certeza de que ela dava um esporro em Magnus. Amélia ficou dançando sozinha e se assustou quando sentiu alguém tocando em seu ombro. Olhou para o rapaz que havia se aproximado e deu um passo para trás.

— Oi — ele disse sorrindo. — Está sozinha?

— Não — ela disse apontando para o bar. — Estou com minha amiga e meu namorado. — Fez questão de enfatizar o namorado.

— Ok, mas ainda tinha que dizer que fiquei hipnotizado por você. — Amélia engoliu em seco. O rapaz sorriu ao perceber sua vergonha. — Dança comigo? — Ele se aproximou.

— Melhor não. — Ela tentou se afastar, mas a pista estava cheia e não conseguiu se mexer tanto.

— Por que, linda? — Ele a tocou. — É só uma dança, não quero confusão.

Ela olhou na direção da área VIP e André conversava com alguns homens. O rapaz colocou a mão em sua cintura.

— Não! — Amélia disse tirando a mão dele e tentou, sem sucesso algum, afastar-se.

— Qual é, linda? — Ele a puxou com força pela cintura.

— Me solta! — Amélia se assustou.

— Vem cá. — E a beijou.

Ela o empurrou com toda a sua força e saiu o mais rápido que pôde da

boate.

— Filho da puta! Bate nele, Magnus! — Soraia gritou ao ver tudo o que tinha acontecido.

André já descia as escadas ao ver o tumulto que se formava. Magnus se aproximou do homem e deu um único murro.

— Vai atrás dela, eu cuido de tudo — Soraia disse olhando mortalmente para o cara que beijara Amélia à força.

Ele foi na mesma direção que a viu ir. Lislá o acompanhou, saíram da boate e olharam para todos os lados.

— Ali. — Lislá apontou. Ele virou o rosto e a viu. Amélia estava encostada na parede um pouco mais à frente.

— Fica aqui! — exigiu ele, sério.

— Onde eles estão? — Soraia perguntou ao se aproximar.

— Ali. — Ela apontou e segurou André. — Deixa, ele vai conseguir acalmá-la.

Lisandra olhou para a amiga e sabia o quanto aquilo deveria estar sendo difícil.

Amélia tentava normalizar a respiração. Não conseguia acreditar no que tinha acontecido. Assustou-se quando alguém tocou em sua cintura.

— Ei, calma.

Ouviu a voz de Magnus e o abraçou com força. Segurou as lágrimas que queriam sair, sentindo o corpo tremer.

— Quer ir embora? — sussurrou ele.

— Não. Só preciso me acalmar. Me desculpa — disse ela, envergonhada.

— Amélia, você não tem culpa alguma — afirmou, erguendo o rosto dela.

Ela o olhou e Magnus viu medo em seus olhos. Ele a puxou pela cintura e a beijou com carinho. Sentiu-a um pouco receosa no começo, passou a língua em seus lábios. Amélia abriu os lábios e o recebeu.

— Não fica assim, amor. Você não fez nada errado. Era só ter olhado para a frente e teria me visto. Eu fiquei de olho em você o tempo todo. Por isso digo você não fez nada errado, e mesmo que não estivesse olhando, eu saberia.

Ela o abraçou como se procurasse abrigo.

— Eu vi você conversando com a Melina... — confessou baixinho.

Ele a afastou um pouco e a olhou.

— Sim, mas estava falando para se afastar de você e que também sei que ela te intimidou dentro do elevador. — Ela o olhou surpresa. — Prometo que ela não irá mais nos atrapalhar!

— Mas ela é sua amiga...

— Não. — Ele tocou em seu rosto. — A relação que tínhamos era complicada. A Soraia sim é minha amiga! E por isso prometo não ficar mais sozinho ou falar com Melina. Na verdade, eu já deveria ter banido ela da minha vida há muito tempo, mas nunca encontrava um real motivo e fiquei acostumado com isso. — Ele sorriu e deu um selinho em seu lábios. — Mas agora eu tenho você e não quero ficar brigando com você por causa de outra mulher!

Amélia piscou algumas vezes e o abraçou novamente.

— É horrível se sentir assim — declarou baixinho.

— Imagino, amor — disse ele, fazendo carinho em sua cintura.

— Devia ter vindo com uma roupa um pouco mais comprida.

— Ei! — Ele fez com que ela o olhasse. — Não importa a roupa que use, ele não tem o direito de fazer aquilo. Roupa não define nada, Amélia. Vamos voltar para o apartamento...

— Não. Eu estava gostando — falou um pouco envergonhada.

— Ok. Mas assim que se sentir desconfortável, me fale e vamos embora, está bem?

Ela balançou a cabeça, concordando. Ele a abraçou com carinho e andaram em direção à boate.

— Quer beber algo? — sussurrou em seu ouvido assim que entraram.
— Ela fez que sim. Magnus percebeu que ela ficou um pouco assustada achando que ficaria sozinha, pegou em sua mão a puxou em direção ao bar.
— Duas cervejas — pediu. Entregou uma para ela, que experimentou e fez uma careta. Ele riu e ela deu mais um gole.

— Na segunda vez é melhor? — ele perguntou sorrindo.

— Sim. Não. Quer dizer... para bebida, sim. — Ficou envergonhada.

Ele riu e deu um beijo em seus lábios.

— Seus lábios com gosto de cerveja é algo muito tentador.

Ela ficou na ponta dos pés e o beijou, passando a língua sobre os lábios dele. Ele a puxou para a pista de dança, colocou-a de costas para ele e os guiou no ritmo da música. Amélia olhou para trás e riu, pois sentia sua ereção.

— Vamos lá para cima — sussurrou em seu ouvido.

Ela assentiu e o acompanhou. Quando chegaram à área VIP, Soraia conversava com um homem. Amélia se aproximou da grade de proteção e sorriu ao ver André e Lislá dançando no andar de baixo. Magnus pegou sua cerveja e sorriu ao perceber a garrafa vazia, afastou-se e deixou as garrafas sobre a mesa. Ele sorriu ao vê-la mexendo levemente o corpo. Aproximou-se lentamente, colocou uma mão de cada lado na grade e a prendeu.

— Continue a dançar, Ninfa — sussurrou em seu ouvido e mordeu o lóbulo de sua orelha.

Ela se arrepiou e fez o que ele mandou. Provocou-o ao colocar a mão

para trás e tocar em seu pau. Magnus respirou forte e se esfregou nela, no ritmo da música. Amélia se virou, colando seu corpo ao dele, escondendo ainda mais a sua mão que o massageava por cima da calça. Magnus a puxou para o sofá, sentou-se e a colocou em seu colo, depositando um beijo em seu pescoço.

— Você me paga — disse a olhando e sorriu para ela.

O restante da noite foi tranquilo, dançaram, beberam, divertiram-se. Saíram dali e foram direto para o apartamento. Quando chegaram, Amélia foi direto para o banheiro. Estava relaxando no banho quando Magnus a pegou por trás e deu uma mordida em seu pescoço, e apertou o bico do seio esquerdo. Ela se encostou nele.

— Esse é o meu troco? — perguntou ela, gemendo baixo.

Quando ela colocou a mão para trás para tocá-lo, ele a segurou.

— Não! — disse em seu ouvido e deu uma leve mordida.

Ele desceu a mão lentamente por sua barriga, indo até o meio das pernas dela. Gemeu quando ele começou a massageá-la, abriu os lábios de seu sexo e deu um belisco em cada, e fez a mesma coisa em seu clitóris.

— Puta merda... Magnus... — Ele foi aumentando a pressão aos poucos, não demorou muito para que ela gozasse apoiando a mão livre na parede e com a outra segurava com força no braço dele. — Magnus... caralho... — gemeu alto, respirou fundo e se encostou nele.

— Minha dívida ainda não está paga. Isso foi só por me provocar.

Virou-a de frente, suspendeu-a pela bunda, encostou-a na parede e entrou com força.

— Magnus, por favor...

— O que quer? — perguntou enquanto mordida seu pescoço.

— Com força.

Ele a olhou e sorriu. Ela se agarrou a ele quando o sentiu entrando com

mais força. Como ainda estava sensível, sentiu um orgasmo se construir com rapidez e mordeu o ombro dele. Não demorou muito para que fosse a vez dele. Ela sentia o corpo tremer um pouco, respirava com dificuldade e viu a marca de seus dentes no ombro dele.

— Isso, foi pela roupa que usava — informou ele, sorrindo com um olhar perigoso. — Ainda não terminamos de acertar as contas.



Capítulo 14

Quando acordou no dia seguinte, olhou pela janela e o tempo continuava fechado e carregado. Virou-se devagar, e Magnus ainda dormia. Lembrou-se de ele a ter chamado de amor. Queria muito dizer que o amava, só não estava pronta ainda e não sabia como ele reagiria ao ouvir. Começou a observá-lo e percebeu que ele estava maior, seus braços tinham aumentando um pouco, sua barriga estava mais definida *e, por Deus, se aquilo aumentar ou engrossar, não sei se o aguentaria*. Sorriu do pensamento, levantou-se e foi ao banheiro.

Ao lavar as mãos, olhou-se no espelho e uma cena veio à sua mente, *uma mão segurando fortemente seu pescoço, tentava de todo jeito respirar... quase perdendo a consciência... um murro na boca de seu estômago*. Fechou os olhos com força e respirou fundo, colocou a imagem no fundo da mente. Voltou para a cama e olhou o horário, achou muito cedo e tentou voltar a dormir.

Ela abriu os olhos e ergueu a cabeça em direção ao relógio. Solto um

suspiro ao ver que não havia passado nem cinco minutos. Balançou a cabeça e respirou fundo, virou-se na cama e ficou admirando o homem deitado ao seu lado. Amélia aninhou-se mais a ele, colocando a cabeça em seu peito. Fechou os olhos e inspirou o cheiro de sua pele. Ergueu os olhos e admirou o rosto dele. Sentiu que iria chorar.

O medo que se instalara em seu peito parecia esmagar seu coração, afinal, não sabia como ele realmente iria reagir a tudo... Na pior das hipóteses, ele a mandaria embora. Balançou a cabeça, afastou aqueles pensamentos, inspirou novamente o cheiro do corpo dele e tentou novamente dormir.

Magnus acordou e sentiu um pequeno braço agarrando sua cintura. Virou o rosto e a olhou por um momento. Tirou seu braço com cuidado para não a acordar, levantou-se e andou em direção ao banheiro. Antes de sair do quarto, cobriu a namorada, fechou mais as cortinas e aumentou um pouco mais a temperatura.

— Bom dia! — cumprimentou baixo o casal que conversava na sala.

— Bom dia! — Lislá o olhou. — E a Lia?

— Ainda dormindo — respondeu ao se servir de uma xícara de café.

A porta foi aberta e Soraia entrou, deixou a bolsa sobre o sofá e se sentou na cadeira ao lado de Magnus.

— Acredita que aquele filho da puta já tinha passagem por assédio? — Soraia o olhou seriamente. — Vou conversar com Amélia e explicar tudo o que ela irá precisar fazer.

— Não sei se ela... — Lislá começou e Soraia a olhou. — A Lia é um pouco complicada.

— Humm... — Soraia se recostou na cadeira. — Mas não posso deixar um filho da puta como aquele à solta por aí!

— Converse com o Sousa e mande fazer uma varredura na vida dele.
— Magnus bebeu um pouco de café. — Descubra tudo sobre ele. — Lislá olhou séria para Magnus. — E no fim... — Ele olhou para Soraia. — Ferre com ele!

— Pode deixar! — Soraia sorriu.

Lislá abaixou os olhos e fez uma rápida oração de agradecimento.

— Eu preciso da ajuda de vocês! — Magnus disse olhando para o grupo e olhou para o quarto. — Tom, fique de olho para caso Amélia acorde, por favor. — Magnus se levantou. — Vamos para o outro quarto.

Ao entrarem, ele fechou a porta e olhou para o grupo. Lislá o olhava curiosa, Soraia e André o olhavam seriamente.

— Lisandra... — Ele a olhou. — Eu preciso saber de tudo em relação a Amélia!

— Por que ela? — reclamou André.

— Porque ela é a melhor amiga?

Soraia olhou para o moreno ao seu lado e balançou a cabeça.

— Qual a coisa que a Amélia mais ama? — Ele cruzou os braços.

— Primeiro especifique o que quer fazer e te digo como fazê-lo — argumentou Lislá.

— Eu já havia conversado com meus pais e minha vó... — Ele a olhou e pensou por um instante. — E ia fazer o pedido no banco onde beijei a Amélia quando ela tinha doze anos...

— Puta merda! — Lislá o olhou assustada. — Você se lembra disso?!

— Acho melhor contar a história desde o começo! — sugeriu Soraia.

— Do que ela está falando? — perguntou Lislá.

— Seguinte, quando tinha quinze anos...

Magnus fez um breve resumo da história. Lislá o olhava com uma expressão entre assustada e encantada.

— Espera, quer dizer que... — Lislá o olhou e começou rir. — Meu Deus! A Amélia vai surtar com isso!

— E o que você quer dizer com *o pedido*? — André perguntou confuso.

— Meu Deus, André! — Lisandra o olhou e balançou a cabeça. — Você realmente não entendeu?!

— Não! — Ele a olhou sem graça.

— Ele vai fazer o que você deveria ter feito no meu aniversário! — Lisandra cruzou os braços, emburrada.

Soraia riu alto e se aproximou de Magnus.

— Fico feliz por você, Mag. Mas então, Lisandra... — Soraia olhou para a morena. — Como iremos fazer?

— Bom, me lembro de uma vez que a Amélia me contou um sonho que tinha tido com Magnus...

— Como assim, sonho comigo? — Ele a olhou confuso.

— Então... — Lislá sorriu. — Ela é apaixonada por você desde o primeiro beijo! A verdade é, nenhum cara tinha chance com ela por sua causa! Então você vai fazer exatamente o que eu falar! E não me julgue, foi sonho dela e não meu!

Amélia acordou e se sentou na cama. Olhou para a cortina fechada. Aproximou-se, abriu uma pequena fresta e olhou para o tempo ainda fechado, a chuva havia diminuído. Assim que saiu do quarto, viu Magnus em frente à janela e olhava para a chuva. Ele usava uma calça preta, própria para treino, uma camisa preta e um tênis. Era a primeira vez que o via usando tênis.

— Oi.

Ele virou a cabeça e a olhou por um momento, sorriu e andou em sua direção, tocou em seu rosto e a beijou.

— Bom dia, dormiu bem? — perguntou com carinho.

— Sim. — Ela sorriu e tocou em seu peito. — Onde está tudo mundo?

— Bom, Soraia convidou Lislá para a acompanhar em algumas compras, e estou esperando André, pois teremos treino.

Ele segurou em sua mão e a levou em direção à cozinha, deixou-a sentada na banquetta e começou a preparar seu café da manhã.

— Bom dia, Pimenta! — André se aproximou e a beijou no rosto.

— Bom dia! — Ela o olhou e sorriu. — Foi abandonado pelas compras?

— Pra você ver! — Ele riu e olhou para o amigo. — Estou pronto.

— Posso ir junto? — Ela olhou para os homens.

— É demorado. — Magnus sorriu.

— Não tem problema, eu troco de roupa rapidinho.

Tomou o restante do café e foi em direção ao quarto. Colocou a calça jeans, calçou a sapatilha e olhou para as roupas de Magnus. Pegou uma camiseta dele e a vestiu, viu que ficou grande e deu um nó nas costas, deixando-a mais justa. Saiu do quarto e foi em direção a eles enquanto finalizava a trança lateral.

— Estou pronta.

— Conheço essa camiseta — Magnus disse, rindo.

— Se importa? — Ela foi na direção dele e o beijou. Viu que ele levava uma bolsa grande e André também.

Entraram no elevador, que fez uma parada e uma família entrou com um bebê. Amélia estava na frente de Magnus e viu quando caiu o pano de cheirinho do menino. Ela o pegou e entregou para o menino, que riu. Ficou brincando com o bebê até que a família desceu no térreo. Eles desceram mais dois andares, indo para a garagem.

Amélia ficou olhando pela janela do carro, sentiu que Magnus a olhava, virou-se para ele e sorriu. Ele retribuiu o sorriso e a puxou para se encostar

nele. Tom entrou em uma rua estreita e estacionou o carro. Ao descerem, ela viu um prédio antigo. Magnus segurou em sua mão e entraram no local.

Sorriu ao ver várias salas com atividades, passaram pela sala do ballet e ficou olhando, sentiu um puxão leve de Magnus em sua mão e o acompanhou. Ficou impressionada com o lugar, lembrava a quadra de sua antiga escola. Tinha até um tipo de arquibancada. Viu algumas moças com collant de ballet ali conversando e quando viram Magnus de mão dada com ela, começaram a cochichar.

— Vou me trocar — avisou ele e deu um beijo leve em seus lábios.

— Ok.

Ela se sentou na arquibancada e viu quando Magnus voltou usando uma roupa branca e uma faixa preta. Nunca entendeu muito bem aquele esporte. O treino começou e ficou impressionada com a habilidade dele. Depois de um golpe, a parte de cima do traje se abriu e revelou o abdômen dele. Foi quando ouviu as moças suspirarem.

— Meu Deus. Se pudesse pelo menos ter uma noite com ele.

— Nem me fale.

Amélia riu daquilo e se lembrou de quando era ela no lugar daquelas moças, imaginando como seria estar com ele. E tinha que dizer, a imaginação não chegava nem perto do que estava vivendo. Magnus lutava com destreza e ela apenas o admirava.

Um pouco mais afastado, André também treinava e riu da cara de dor do primo e ficou pensando quando ele iria criar coragem e pedir Lisandra em casamento. Não fora uma total surpresa quando em vez de ele dar o anel, deu um carro novo para ela. Depois que o treino acabou, Magnus e o primo ficaram conversando com o homem que os treinava.

Uma porta foi aberta e ela pôde ver algumas meninas pequenas que faziam ballet. Sorriu e lembrou-se de quando fazia aulas e a tortura que era,

as exigências, cobranças. E ainda se lembrava da reação da mãe quando disse que sairia do ballet. A sorte foi que seu bisavô e a família estavam no dia e a ajudaram, mas claro que para aquilo acontecer ela tivera que aceitar a maldita festa de quinze anos.

Mudou o pensamento e olhou na direção das meninas, algumas treinavam pirueta *an de or*; outras faziam alongamento e uma em especial chamou sua atenção, pois ela tinha a mesma dificuldade que ela quando nova. A menina se sentou no primeiro degrau da arquibancada, os ombros caídos denunciavam que ela estava chateada. Amélia se levantou e foi em direção a ela.

— Oi — disse ao se aproximar.

— Oi — respondeu a menina, timidamente.

— Percebi que tem dificuldade com o compasso.

— Sim. Nunca consigo acertar o tempo.

— Se quiser, posso lhe mostrar um truque que aprendi quando fazia aula.

A menina a olhou por um breve momento e acenou com cabeça. Amélia se levantou, tirou a sapatilha que usava, afastou-se e fez o passo, explicando-o detalhadamente para a menina, que a olhava empolgada. Depois de alguns minutos, a menina respirou fundo e fez o que Amélia tinha ensinado.

— Eu consegui. — A menina a olhou sorrindo.

— Você já fez ballet?

Amélia se virou e olhou para a mulher que se aproximava.

— Sim — respondeu sorrindo. — Mas parei há oito anos.

— Olha... — A menina chamou a atenção da mulher e fez novamente o passo. — Ela me ensinou um truque.

— Uau! Parabéns, Laurinha! — a mulher elogiou sorrindo e olhou para

Amélia. — Eu desconfiei pelo truque que você ensinou Laurinha fazer. É um truque bem difícil na verdade. Com quem tinha aula?

— Madame Suzane.

— Uau, sempre tive vontade de fazer aulas com ela — comentou a mulher.

— E ela era a melhor aluna de Madame Suzane.

Amélia virou o rosto e sorriu ao reconhecer a voz. Olhou para o rapaz que se aproximava, usava uma roupa preta e estava com um corpo um pouco mais definido do que a última vez que o vira.

— Thomas, oi. — Ela sorriu e abraçou o rapaz.

Magnus e André foram em direção à arquibancada e olhavam para Amélia, que conversava com a professora e mais um cara, que segurava em sua cintura e riam.

— Amélia vai dançar? — Magnus perguntou sem tirar os olhos de Amélia.

— Acho que sim. Cara, eu lembro a pressão que ela sofria — André disse, rindo.

— Por quê? — perguntou sem desviar os olhos dela.

— Por causa das minhas tias e minha mãe — disse olhando para a prima.

— Como assim?

— Minha mãe e minhas tias sempre fizeram ballet, e quando viram que Minerva não tinha habilidade alguma, investiram fortemente na Pimenta. E ela sempre odiou isso.

— Ei, por que não mostramos o que os alunos de Madame Suzane podem fazer? — perguntou Thomas.

— Acho melhor não, faz tempo que parei e nem treino mais.

— Para de ser chata, vai — Thomas disse rindo e balançando seus

ombros.

— Só um momento. — Foi em direção a Magnus. — Então... vocês estão com pressa?

— Não, por quê? — Magnus a segurou pela cintura.

— É que vamos mostrar para essas pessoas como realmente se dança.

Magnus olhou para o rapaz. Era alto, magro, mas ainda assim com um corpo atlético, cabelos castanhos e olhos negros.

— Prazer, Thomas, ex-companheiro de dança da Amélia — apresentou-se ao se aproximar.

— Magnus, namorado da Amélia.

Ele encarou o rapaz ao lado dela e não gostou de nem um pouco do fulano.

— Aqui, Amélia. — A professora veio em sua direção e lhe entregou um collant com uma saia. — Vamos ver qual sapatilha vai te servir.

— Obrigada. — Olhou para o namorado. — Vai ser rápido, eu prometo.

Magnus pegou uma garrafa de água de dentro da bolsa e ficou imaginando tudo o que teria de fazer, sorriu e deu um gole na água. Olhou para o lado e viu alguns homens e mulheres se sentando na arquibancada, as crianças estavam sentadas logo nos primeiros degraus. Logo ouviu um burburinho, e olhou na direção que eles olhavam. Amélia tinha desmanchado a trança e feito um coque. *Putá que pariu! É um atentado ao pudor ela usar aquele tipo de roupa.*

— Cara, disfarça. — André ria. — Está cheio de criança aqui.

— Cala a boca! — disse rindo.

Ela se sentou num canto, vestiu as sapatilhas que foram entregues por Thomas e começou a se alongar. Magnus ficou encantado com os movimentos que ela fazia, viu que algumas meninas mais novas também a

olhavam. Ela se levantou e Thomas disse algo que a fez rir alto. As meninas se aproximaram deles, empolgadas.

— Atenção! — a professora disse alto. — Iremos ver uma apresentação do professor Thomas com sua ex-companheira de palco.

Magnus ficou sério olhando para Amélia, olhou para lado e fechou a cara ao ver os marmanjos do treino a secando com os olhos. Ela repassava algo com Thomas, riram e foram em direção ao centro da quadra. Amélia arrumou a saia, andou em direção a Thomas, olhando-os nos olhos. Ele segurou em sua cintura e ela deixou o corpo cair para trás assim que começou a tocar uma música.

— Puta merda, eu lembro dessa apresentação — André disse animado. Thomas a soltou e a puxou pela perna que ela erguia, encostando o pé dela em seu ombro e a arrastou. — Cara, é a apresentação mais foda.

Ela se soltou de Thomas e foi dançando na direção oposta. Thomas se aproximava fazendo passos idênticos aos dela. Pegou-a pela cintura, ergueu sua perna e a girou.

— Puta que pariu! — disse um dos homens que assistia. — Se eu fizesse isso, nunca mais andava. — Os homens ao lado riram. — Mas temos que dizer, a garota mexe com a imaginação, ainda mais usando essa roupa.

Magnus virou a cabeça e olhou para o ruivo que quase babava, André também o olhou. Os dois voltaram a atenção para a apresentação. Amélia se soltou dos braços de Thomas e caiu fazendo um *grand ecart*. Ele a puxou e ela o agarrou com as pernas em volta de sua cintura.

— Ele precisa apertar ela daquele jeito? — resmungou Magnus.

— Eu acho que sim, senão ela cai de cara — respondeu André sem tirar os olhos da prima.

Os bailarinos se afastaram. Ela correu e se jogou contra ele, que a ergueu. Segurou-a pelo pulso e tornozelo e a deixou rolar.

— Cacete! — um dos caras disse olhando assustado.

Ele a ergueu sobre o ombro e a abaixou deslizando por seu corpo, e finalizaram com ele quase a beijando. As meninas vibraram, batendo palmas e gritando. Amélia e Thomas fizeram a reverência. Ela sorria e respirava rápido. Sentou-se no chão fazendo careta de dor, e sorria para as meninas que iam em sua direção.

— Você engordou — comentou Thomas.

— Eu avisei — ela disse rindo, esticando as mãos para ele, que a puxou. — Meu Deus, há tempo que não fazia isso, esqueci como cansava — falou ofegante.

— Por que não volta? — Thomas a olhou. — Afinal, agora pode fazer do jeito que sempre gostou.

— Não é uma má ideia, senti falta disso. Você está dando aula aqui?

— Sim, e também estou com Suzane. — Ele tocou em seu ombro e sorriu. — Apareça um dia lá para refazermos isso.

— Pode deixar, eu te aviso ou quem sabe apareço de surpresa.

— Foi bom te rever. — Eles se abraçaram e ele sussurrou algo em seu ouvido, ela se afastou e deu um soco em seu braço. — Ai! Cacete! Estava brincando — resmungou Thomas, rindo.

— Falou merda, né? — André se aproximou.

— Fica na sua, Thomas — ela disse apontando para o amigo que ria.

Thomas se afastou rindo. Magnus a olhava e estava se segurando para não a beijar. Ela sorriu para algo que André disse, e ele lhe entregou uma toalha. Amélia a pegou e foi em direção ao banheiro. Magnus ficou olhando para todos ali.

— Tenho que conversar com Amélia — avisou para André e saiu.

— Sério? Aqui? — André o olhava sem acreditar.

Magnus entrou no banheiro e Amélia já estava no chuveiro. Tirou a

roupa enquanto a olhava. Ela estava de costas molhando o cabelo. Observou a forma como se movia, como se tocava, a água deslizando por seu corpo.

— O que... — Amélia se assustou ao ser puxada pela cintura.

— Não vira o rosto — ele pediu baixo.

— Magnus, alguém pode entrar...

— Tranquei a porta — sussurrou e mordeu seu pescoço. Empurrou-a contra a parede, deu um tapa em sua bunda e fez um leve carinho. Sorriu ao ouvi-la gemer baixo. — Fique na ponta dos pés — ordenou. Ele se ajoelhou atrás dela. — Quanto tempo aguenta nessa posição?

— Depende — ela arfou.

Ele olhou para a bunda à sua frente, deu uma leve mordida e em seguida um tapa forte, e sorriu ao ver a leve marca. Fez o mesmo com o outro lado. Amélia gemeu quando o sentiu abrindo sua bunda e a chupar sem pressa.

— Vira!

Ela se virou e o olhou. Ele se levantou um pouco, deu um beijo em cada lado de seu quadril e beijou sua barriga, desceu e ela fechou os olhos. Gemeu ao sentir a mão dele em seu clitóris, segurou com força nos ombros dele ao sentir ele erguer sua perna esquerda e colocá-la sobre o próprio ombro.

— Não para... — suspirou ao sentir dois dedos dentro dela.

Em um momento, pensou ter ouvido algo, mas a pressão da língua dele em seu sexo a fez fechar os olhos e se entregar. Ele a pegou pela cintura, encostou-a na parede e a penetrou com força. Ela segurou um gemido. Magnus a beijou e disse em seu ouvido:

— Não segura o gemido. — Desferiu um tapa forte em sua bunda.

Amélia se agarrou a ele, e a cada estocada que recebia, ficava sem fôlego. Quando sentiu que ia gemer alto, beijou-o e gemeu em sua boca e

logo foi a vez dele.

— Você é louco — disse com a respiração entrecortada.

— Sim! Por você!

Amélia olhava para amiga, que estava toda animada com o show. Lisandra tinha praticamente expulsado Magnus do quarto. Amélia colocava a lingerie que havia escolhido.

— Tenho até dó do coração do Magnus quando vir você usando isso!

Ela sorriu. O sutiã não tinha fecho e sim um laço que ficava no meio dos seios; a calcinha também tinha laços de ambos os lados. Olhou-se no espelho e gostou do que viu. Colocou o vestido e pediu que Lislá subisse o zíper. Amélia foi em direção ao banheiro e sorriu ao ver a amiga usando um vestido rosa que realçava seus cachos. Amélia até tinha tentado fazer alguns cachos em seu cabelo, mas era uma negação em usar aqueles aparelhos que pareciam não ir com a cara dela.

— Que tal? — perguntou ao se virar para Lislá.

— Linda!

Pegou a bolsa com alça de corrente, colocou as maquiagens dentro dela e saíram do quarto. Magnus olhava pela janela e estava todo de preto, desde a jaqueta de couro até a bota.

— Uau, Pimenta. — André assoviou.

— Eu não disse! — Lislá sorriu.

Magnus a olhou, levantou uma sobrancelha e foi em sua direção. Ele se aproximou, segurou em seu queixo e a beijou.

— Você está linda — disse olhando em seus olhos.

— Obrigada. Mas, e aí, qual show vamos ver? — perguntou curiosa.

— Já você descobre.

Ele deixou que ela passasse e deu um beliscão em sua bunda, riu

quando ela deu um pequeno pulo de susto.

— Ai!, doeu — disse rindo e passando a mão onde doía.

Ela ia na frente dele e aquela franja do vestido em suas coxas estavam mexendo com ele, ainda mais quando rebolava. Foram em direção ao elevador, Tom apertou o botão e esperaram.

— Droga! — ela disse olhando em sua bolsa.

— O que foi? — Lisl perguntou.

— Esqueci meu celular no quarto...

— Eu pego para a senhorita — ofereceu Tom.

— Não precisa, Tom, me dá a chave e eu vou rapidinho.

— Aonde vai? — Magnus a olhou.

— Só vou pegar meu celular, não demoro.

Pegou a chave e foi em direção ao quarto, Magnus a olhava e sorriu quando ela entrou no apartamento.

— E então? — Ele olhou para Lisl.

— Tudo certo. — Ela olhou para a direção que a amiga tinha ido. — É só seguir o que te falei e nada vai dar errado. — Sorriu e o olhou. — E o anel?

— Esse é o problema. — Ele coçou a nuca.

— Espera, você quer fazer o pedido sem o anel?! — Lisl o olhou abismada.

— Na hora me viro... Eu tento distraí-la...

— Ou você quem ficará distraído. — Lisl riu.

— O que quer dizer?

— Só digo uma coisa... — Lisl sorriu abertamente. — Prepara o coração!

— Ela vem vindo! — André resmungou.

Eles se viraram e a viram. Ela olhava algo no celular. Quando levantou

a cabeça e sorriu para eles, dois homens saíram de um dos quartos e pararam no meio do corredor.

— Meu Deus, que franja! — falou um deles e outro assoviou.

— Gostosa pra caralho.

Ela ficou incomodada, mas fingiu que não ouvia e andou um pouco rápido. Os homens olharam entre si, sorriam e foram atrás dela. Quando chegou perto de Magnus, olhou-o nos olhos e ele percebeu que estava um pouco tímida e incomodada. Levantou a cabeça e olhou para os homens.

— Bando de nojento. — Lislá olhou com raiva para os homens.

— Algum problema? — Magnus perguntou olhando-os com raiva.

— Não, amigo. Só aproveita a franja bem — comentou um deles, rindo.

— Depois me passa o telefone para saber quanto custa. — Riu com o outro amigo.

Ele deu um passo e Amélia entrou na sua frente.

— Magnus, não! — disse colocando a mão em seu peito. — Deixa quieto.

— Não vou deixar quieto, Amélia. — Ele estava bravo.

— Acaba com eles, Magnus!

— Lisandra! — Amélia olhou para a amiga.

Magnus desviou dela e André o acompanhou, Tom ficou na frente das garotas.

— Tom, você não pode fazer nada? — perguntou nervosa.

— No momento, minha obrigação é proteger vocês duas — declarou Tom.

Amélia olhou assustada quando Magnus pegou o homem que tinha comentado que queria o telefone e lhe deu um murro. André socou o outro. Ela fechou os olhos, segurou as lágrimas e abaixou a cabeça.

— Está tudo bem, Lia?

— Eu não gosto dessas coisas.

— Não se preocupa. — Lislá apertou a mão da amiga. — Eles já estão voltando!

Levantou a cabeça. Magnus se aproximava e arrumava a jaqueta e ela foi em sua direção e o abraçou com força.

— Magnus, você não...

— Sim, devia. — Ele tocou em seu rosto. — Você não é obrigada a ser tratada assim, não enquanto estiver comigo e nem sozinha. Nenhum homem tem direito de lhe negar a vontade de usar a roupa que quer — disse sério.

Ela se agarrou a ele, e ficaram ali por um tempo, entraram no elevador e viu a mão dele com sangue, ela se assustou.

— Magnus, sua mão — disse o olhando e vendo se estava tudo bem com ele.

— Não é meu. — Ele sorriu.

Ela fechou os olhos e se encostou nele.

— Eu estou bem, sabia? — André disse rindo, para descontraír.

Amélia levantou a cabeça e abraçou o primo, deu um beijo em seu rosto e se voltou para Magnus.

— Obrigada! — agradeceu e segurava as lágrimas.

— Sempre, amor. — Ele a olhava com carinho. — Não fica assim, quero que se divirta hoje.

Ela fez que sim com a cabeça e sorriu para ele.

Assim que entraram no carro, ela se sentou no meio e ficou encostada nele a viagem toda. Ele ficou com a mão entre seus dois joelhos, e a olhou quando sentiu o corpo dela tremer.

— Quer minha jaqueta?

— Não precisa. Fico assim quando vejo briga ou algo parecido — explicou.

Amélia avistou a fila imensa em frente ao local onde seria o show. Tom parou o carro e eles desceram. Magnus segurou em sua mão e entraram depois que um segurança colocou a pulseira neles. Ela olhou o nome da banda Goo Goo Dolls e não acreditou no que lia. Amélia parou e o olhou por um momento e sorriu, jogou-se em seus braços e o beijou.

— Obrigado, mas como...

— É a banda que você mais escuta — disse dando de ombros —, e talvez tenho tido ajuda de algumas pessoas. — Ela o olhava encantada. — É um presente.

— Por que presente? — Ela estava confusa.

— Três meses — sussurrou.

Ela abriu levemente os lábios, surpresa. Ele a puxou pela cintura, segurou-a fortemente pela nuca e a beijou, sentindo as pequenas mãos em seu peito. Amélia soltou um gemido baixo. Magnus respirou fundo e se afastou um pouco, olhou para o rosto dela e sorriu ao vê-la de olhos fechados. Segurou em sua mão e a puxou levemente, seguiram um caminho diferente da multidão, entraram em um local quase em frente ao palco, com algumas poltronas, garçons. Ficou impressionada com tudo aquilo, estava ao lado de Magnus e iam em direção ao vidro, sorriu e sentiu a mão da amiga.

— Você sabia, não é?! — Amélia a olhou sorrindo.

— Talvez! — Riu. — Na verdade, eu quem deu a ideia!

— Obrigada!

— Só aceito se você aproveitar o show!

Amélia concordou com a cabeça e ficou conversando com a amiga, pegaram a bebida com o garçom. Logo as luzes se apagaram, as duas se levantaram e ouviram quando a primeira música começou a tocar e começaram a cantar *Notbroken*.

Magnus se aproximou e a abraçou por trás, a banda começou a tocar *Without You Here*, um pouca mais lenta e ela cantou baixinho, ele prestou atenção na letra.

“Minha cabeça engana o meu coração
E meu coração nisso ainda acredita
Parece que aqueles que amamos são os
Que decepçcionamos
Mas você está mudando tudo
Você está mudando tudo em mim
E agora, agora que você está perto
Não há nada mais sem você
Sem você aqui...”

— Uau, não é que ela realmente é fã — Sebastian disse rindo e se aproximando.

— Sim, bastante. — Ela sorriu para ele.

Abraçou e beijou os homens que acabavam de chegar, os amigos se aproximaram e ficaram conversando. Lislá olhava de boca aberta para eles e então olhou para amiga, que ria da cara que ela fazia. Lislá se recompôs quando Roberto a olhou interessado.

— Prazer. Roberto. Você é...

— Lisandra.

— Bonito nome, está sozinha?

— Não — André disse sério e a puxou pela cintura.

Todos riram da reação dele. Magnus puxou a namorada pela mão e se afastaram do grupo.

— Quando vai ser? — William perguntou baixinho.

— Amanhã à noite! — Lislá disse sorrindo.

— Uau, nunca pensei em vê-lo de quatro por alguém novamente — William falou olhando para os dois.

— Fico feliz que seja por uma moça totalmente diferente daquela vagaba — comentou Sebastian, sério, e sorriu ao ver o amigo realmente apaixonado.

— Só espero que ele nunca a machuque — Lislá disse séria. — Pois sei que ela se quebraria muito.

— Garanto que ele não vai, como disse, só o vimos assim uma vez, mas a pessoa o quebrou, e ele não vai querer que isso aconteça com ela — Sebastian afirmou olhando para Lisandra.

Os amigos concordaram com a cabeça e olharam para o casal. Os dois estavam no parapeito, olhando para o palco, e Amélia sorriu quando começou a introdução de *Iris*.

“E eu desistiria da eternidade para te tocar
Pois eu sei que você me sente de alguma maneira
Você é a mais próxima do paraíso que sempre estarei
E eu não quero ir para casa agora”

Ele a puxou pelo quadril, tocou em seu rosto e a beijou com carinho.

“E tudo que posso sentir é este momento
E tudo que posso respirar é a sua vida
E mais cedo ou mais tarde se acaba
Eu só não quero ficar sem você essa noite”

Sentiu-a colocando a mão em seu pescoço, a outra embrenhando-se em seus cabelos. Ele a apertou mais forte em seus braços.

“E eu não quero que o mundo me veja
Porque eu não acho que eles entenderiam
Quando tudo é feito para ser quebrado

Eu só quero que você saiba quem sou eu”

Encostou a testa na dela e ficaram assim por um tempo. Ela engoliu em seco, seu coração estava disparado de uma forma que nem ela sabia como explicar. A sensação de estar nos braços dele e ele a olhando daquele jeito... Os dois estavam perdidos em um mundo apenas deles, totalmente alheios ao que acontecia ao redor. Amélia suspirou e fez um leve carinho em seu rosto. Magnus virou um pouco o rosto e beijou sua mão.

— *I just want to you know who I am* — disse ele, olhando-a nos olhos.

— Magnus, eu preciso dizer uma coisa. — Ele a olhou interessado. O brilho nos olhos deles era o mesmo da primeira vez em que tinham se beijado, ainda na adolescência. Amélia sentia seu coração tão disparado, que parecia um martelo em seus ouvidos. Magnus sentiu um arrepio em seu corpo e a apertou mais em seus braços. — Eu te...

— Ei, casal, vamos?

Foram interrompidos e olharam na direção de Sebastian, que os olhava sorrindo. Amélia respirou fundo e acenou com a cabeça.

— O que houve? — Lislá puxou a amiga de canto.

— Eu sou uma covarde — murmurou e olhou para amiga. — Eu tive a oportunidade perfeita para falar que o amo e fiquei com medo.



Capítulo 15

Amélia andava ao lado da amiga quando sentiu uma mão segurando em seu braço, olhou para Magnus, que a puxou para perto.

— Podem ir — ele disse olhando para o grupo. — Nós vamos voltar para o apartamento.

Lisla beijou a amiga no rosto, virou-se e olhou para os quatros homens que a olhavam.

— Uau, meu sonho de PP!

Amélia segurou o riso e encostou o rosto no peito de Magnus.

— Lisandra! — André chamou sua atenção.

— O que foi? — Ela o olhou e cruzou os braços. — Você sabe muito bem que meu sonho PP é uma suruba!

— PP? — Os homens a olharam sem entender.

— Sim! — Ela olhou para cada homem à sua frente e sorriu maliciosamente. — Princesa Puta. — Magnus riu baixo e olhou para André, que fechava os olhos e respirava lentamente. — E outra, André Luiz... — Ela

se aproximou e colocou o dedo no peito do namorado. — Você já fez isso e esse relacionamento é baseado em direitos iguais!

— Acho justo! — Roberto disse sorrindo e se aproximou da morena.

Amélia olhou para amiga e balançou a cabeça. Lislá era o tipo de mulher decidida e quando queria algo, nem Deus segurava. Riu ao ver a melhor amiga aceitar o braço que Roberto estendia.

— Vamos? — perguntou Magnus.

Tom os esperava do lado de fora e segurava um guarda-chuva, aproximou-se e ajudou Amélia a entrar no carro. Durante o trajeto, ela abaixou os olhos e ficou olhando para a mão de Magnus que estava em sua coxa, tocou-a com carinho e encostou a cabeça em seu ombro. Ao chegarem ao apartamento, apenas eles subiram.

Assim que entraram, ela deixou a bolsa sobre a mesa, olhou para a chuva que caía e sorriu quando sentiu Magnus a puxando e dando um beijo em seu pescoço. Ele a virou em seu abraço.

— Queria te perguntar algo... — disse baixo e ela apenas acenou com a cabeça. — Você confia em mim?

— Sim.

— Eu queria fazer algo diferente hoje... — começou e viu que ela estava com um pouco de receio. — Não é muito diferente do que já fazemos, são só alguns brinquedos.

Amélia sentiu seu corpo travar, um tremor atravessou seu corpo.

— *Ajoelha.*

Amélia o olhou e fez o que ele pediu. Ele se aproximou, segurou com força em seu queixo e cuspiu em seu rosto. Ela fechou os olhos.

— *Abra a boca!*

Gemeu ao senti-lo puxar seu cabelo, abriu a boca e sentiu uma lágrima escorrendo em seu rosto com o modo brusco que ele colocava a mordaca em

sua boca e puxava com força a fivela dela.

— *Não sabe o quanto está linda!*

Ele se afastou e voltou segurando uma corrente, abaixou-se e colocou a coleira em seu pescoço e a puxou com força, fazendo-a cair no chão.

— Ei. — Amélia foi tirada do devaneio. — Se não quiser, eu vou entender!

— Não é isso. — Ela o olhou e forçou um sorriso. — Só fico um pouco com o pé atrás, sabe. E...

— E? — Fez um leve carinho em seu rosto.

— Eu sou medrosa em alguns pontos.

— Quais?

— A questão de ficar imobilizada e não poder me mexer.

Ele sorriu e encostou seus lábios aos dela, num beijo singelo.

— Serão apenas algemas.

— Só isso? — Ela arqueou a sobrancelha.

— Se eu contar o resto, perde a graça — provocou —, mas garanto que poderá se mexer normalmente.

— Promete?

Analizou-o. Ela tinha receio que ele pudesse estar mentindo e tudo aquilo ser mais do que ele estava dizendo. Engoliu em seco, sentiu novamente o tremor por seu corpo, suas mãos começavam a suar...

— Prometo! — Ele tocou em seu rosto. — Jamais vou fazer algo que você não queira. Eu dou a minha palavra!

Apenas acenou com a cabeça. Magnus segurou em sua mão e a levou para o quarto. Ele a deixou no meio do quarto e se afastou. Amélia se virou e o viu trancando a porta, ouviu um leve zunido em seus ouvidos, tentou acalmar o corpo e controlar a respiração. Magnus se aproximou lentamente.

— Não sabe o quanto essa franja... — Ele puxou um fio do vestido e

ela sorriu. — Ficou me tentando!

— É porque não viu o que tem por baixo — instigou.

— Impossível ser mais tentador que isso.

Ela ficou de costas para ele e virou o rosto.

— Me ajuda com o zíper — pediu ela.

Ele afastou seu cabelo e deu um beijo em sua nuca. Ela ouviu o barulho do zíper e sentiu o vestido folgado em seu corpo. Amélia se virou e o olhou, tirou com cuidado a manga do vestido e fez o mesmo com a outro lado, soltou o vestido, que caiu a seus pés. Magnus abriu um pouco mais os olhos e lambeu os lábios. Ele a admirou da cabeça aos pés, demoradamente. Tirou a jaqueta que usava e logo foi a vez da camiseta. Amélia mordeu o lábio ao vê-lo se despir e esfregou a perna uma na outra.

— Nunca pensei que fosse gostar tanto assim de laços — murmurou ao se aproximar dela, completamente nu. Magnus a empurrou levemente até a encostar na cama. — Senta.

Ele se ajoelhou em sua frente e deu um beijo em cada coxa, abaixou a cabeça e tirou as sandálias que ela usava. Ao erguer os olhos, Amélia o fitava. E lá estava novamente a mesma sensação que sentiu quando estava dentro do carro e a voz de sua mente surtava e dizia para que ela fugisse. Ela calou fortemente a voz. Ergueu a mão e tocou em seu rosto, sentindo a barbar pinicar. Respirou fundo e piscou algumas vezes para controlar a vontade de chorar ao entender que não o amava simplesmente, mas também confiava seu corpo a ele.

— Está tudo bem?

— Sim — disse baixinho e limpou a garganta.

— Eu vou entender se não quiser. Amélia. — Tocou em seu rosto. — Como disse, quero que se sinta confortável e não forçada!

— Tudo bem... — Ela esboçou um sorriso. — Eu quero.

Ele sorriu e foi até o closet e voltou segurando uma caixa preta. Deixou-a sobre o criado-mudo e tirou a tampa, ela viu uma venda e as algemas.

— Fica em pé — pediu ele.

Ela se levantou e ele colocou a venda sobre seus cabelos e sorriu, abaixou os olhos e ficou olhando para seus seios e desfez o laço, revelando os seios já excitados. Colocou os dedos em cada alça e o tirou com cuidado, deslizou os dedos por seus braços e segurou o sutiã em suas mãos.

— Meu favorito a partir de agora. — Magnus pegou em seu pulso esquerdo e colocou a algaema. — Viu — disse baixo —, é apenas para passar a impressão que está presa. — Ela acenou com a cabeça e ergueu o outro pulso, ele ajustou a algaema e a deixou folgada como estava no outro braço. — Apenas confie em mim — sussurrou.

Ela respirou fundo e sentiu a venda sobre seus olhos. Logo sentiu a língua dele passar sobre seus lábios. Amélia colocou as mãos na barriga dele e o arranhou de leve.

— Magnus... — assustou-se quando ele a pegou no colo.

Ele riu baixo e a colocou deitada no meio da cama. Gemeu ao senti-lo beijar cada lado de seu quadril e uma leve mordida em sua barriga, lambeu os lábios ao sentir a mão dele no laço da calcinha.

— Se usar calcinha desse tipo... — Ele desfez o outro laço e tirou a peça. — Não terei por que rasgá-las. — Ela sorriu e se assustou ao sentir a mordida em seu seio esquerdo, ela arqueou o corpo e gemeu baixo. — Erga as mãos.

Fez o que ele pediu e o sentiu se afastar. Ela respirava um pouco alterado, estava ansiosa e excitada ao mesmo tempo, lambeu os lábios que estavam um pouco ressecados. Sentiu o toque dele novamente. Ele brincou com seu seio direito até que sentiu algo apertar o bico, não era a mão dele,

isso ela sabia. Sentiu algo frio de encontro à sua pele, e sentiu a pressão no outro bico.

— O que...

— Shhh... — Ele deu algumas mordidas em sua barriga, afastou suas pernas e brincou com seu clitóris. Amélia arfou ao sentir a mesma pressão em seu clitóris e não conseguiu segurar um gemido. — Gostando da sensação? — perguntou dando um beijo em seus lábios.

— Sim — ela disse com a voz baixa. — É... diferente.

Ela se mexeu e sentiu a pressão em seus seios e seu clitóris sendo excitado.

— Agora eu preciso que fique de joelhos e se vire para a direita. — Ela se ajeitou devagar, o clitóris sendo estimulado a cada movimento, fazendo com soltasse alguns gemidos. — Fique de quatro agora — pediu.

— Magnus...

— De quatro, Amélia! — ordenou. Ela se abaixou e empinou bem a bunda para o provocar. Ouviu-o gemer baixinho. Ele pegou em seu rosto, segurou seu queixo e a beijou com carinho. — Abra a boca... Isso... Agora chupe como se fosse meu pau. — Sentiu algo frio em sua língua e fez o que ele pediu, era algo pontiagudo e um pouco roliço, exagerou bem na chupada e o ouviu respirar forte. — Boa garota!

Sentiu a cama se mexer e gemeu alto ao senti-lo chupar seu clitóris, com a ponta do dedo, ele circulou a entrada de seu sexo, colocou um dedo e mais um. Magnus tirou os dedos e ela sentiu algo dentro dela.

— Magnus, o que é isso?

— É apenas um plug anal. — Ouviu a voz rouca.

Ele colocava e tirava com força e logo começou a chupar a bunda da namorada. Ela gemeu baixo, não poder ver tornava tudo mais intenso. Ele tirou o plug de dentro dela e colocou no meio de sua bunda e, pela primeira

vez, ela não sentiu medo ou receio. A verdade é que queria muito aquilo.

— Posso? Não vou fazer nada que você não queira, Ninfa.

— Pode... — autorizou com a voz falha.

— Não irá se arrepender. — Ele empurrou o plug lentamente em sua bunda enquanto chupava seu clitóris. Sem querer, ela se contraiu um pouco. — Não faz isso, você pode se machucar. — Ele mordeu sua bunda. — Relaxa o corpo e faça como se o estivesse empurrando.

Fez o que ele ordenou e sentiu-o forçar o plug para dentro dela. Era uma sensação totalmente nova e diferente, sentiu seu corpo ficar tenso, devido às chupadas que ele dava em seu sexo e clitóris.

— Magnus... eu... Aahhh.

— Que delícia, Ninfa! — Ele passou a língua por todo seu sexo e rodeou a entrada com a língua e a enfiou. — Ainda mais doce... — Empurrou o plug ainda mais para dentro dela, ela se retraiu um pouco. — Quer que eu pare?

— Não... — respondeu rápido e ofegante.

Ouviu a risada baixa dele. Engoliu em seco ao senti-lo colocar o objeto todo dentro dela.

— Puta que pariu! Que visão linda! — Ele gemeu e mordeu sua bunda. — Deita na cama.

Quando se deitou, ele veio sobre ela e a beijou com força. Magnus deu um leve puxão na corrente e Amélia gemeu. Ele retirou a venda dos olhos de Amélia, que piscou algumas vezes e o olhou. Ergueu a perna direita dela e a colocou sobre seu ombro, e a penetrou lentamente, olhando em seus olhos. As sensações estavam no limite. O plug deixava tudo mais apertado.

— Magnus... — arfou alto.

Ele parou. Amélia respirava fundo. Ele tocou com carinho em seu rosto e entrou um pouco mais, causando uma sensação totalmente diferente.

— Vou devagar até se acostumar — avisou e ela balançou a cabeça, concordando.

Magnus começou a se movimentar lentamente, permitindo que ela se acostumasse com a sensação. Percebendo que a namorada mordeu os lábios e arqueou o corpo para trás, ele segurou com força em seus cabelos, saiu lentamente e estocou com força. Amélia o arranhou, gemendo de tesão, respirou fundo e puxou o lábio inferior de Magnus entre os dentes. Ela o empurrou até que ele caísse ao seu lado e o montou.

— Perdendo o medo? — Ele sorriu.

— Não preciso ter medo com você.

Como estava com as mãos algemadas, teria que ir devagar e iria torturá-lo um pouco. Ajoelhou-se na cama, abaixou a cabeça e viu em seus seios uma espécie de grampo em cada, de cada um saía uma corrente fina com algumas joias. Viu um círculo e mais uma corrente que ia até o meio de suas pernas.

— Você pode tirar... — pediu envergonhada.

— Claro. — Ela fechou os olhos ao sentir a mão tirando um grampo por vez.

Amélia abriu os olhos e o analisou por um momento,, respirou fundo e criou coragem, jogou o cabelo para o lado e o beijou. Foi descendo dando leves beijos em seu queixo, uma leve lambida em seu pescoço, arranhou lentamente seu peito, sua barriga até chegar onde queria. Ele riu baixo quando a viu lambe os lábios olhando para o pau dele. Magnus gemeu quando ela o chupou com vontade e sem pressa. Ele colocou a mão em sua cabeça e a empurrou um pouco mais.

— Caralho, que delícia... isso, continua desse jeito. — Ele gemia baixo, abriu os olhos quando a sentiu se afastar para pegar o preservativo. — Hoje não, Ninfá — impediu-a.

Ela sorriu e o colocou em sua entrada, e foi sentado lentamente. Quando o sentiu todo dentro dela, rebolou e o plug em seu ânus amplificou todas as sensações que estava sentindo. Magnus ia se levantar, mas ela colocou as mãos em seu peito.

— Não — disse firme. Ele a olhou e deixou que ela comandasse. Amélia apoiou as mãos no peito de Magnus e começou a rebolar. Ele engoliu em seco e fechou os olhos. — Olha para mim — ordenou ela, baixinho. Fez o que ela pediu e admirou os seios dela balançando enquanto o cavalgava. Ele travou o maxilar.

— Gostosa pra caralho. — Ela sorriu e saiu de cima dele. — O que está fazendo... — Ele ficou mudo quando a viu se sentar de costas para ele e descer sobre seu pau novamente. — Puta que pariu! É a melhor visão que estou tendo agora. — Ele a empurrou para a frente e se sentou, segurou com seu cabelo enquanto estocava com força. — Goza de novo para mim.

Ela segurou com força no lençol, mas logo estava de quatro com ele a fodendo rápido. Gemeu alto ao sentir a mão dele em seu clitóris, massageando-o com força, por ter tirado o grampo, ele estava ainda mais sensível. Amélia ergueu um pouco o corpo e sentiu os pelos do peitoral dele em suas costas. Magnus apertou mais forte sua cintura, aumentando o ritmo. Ela agarrou o lençol e gemeu alto, e logo foi a vez dele.

Tinha que admitir, aquela foi uma das melhores fодas que tinham tido. Gritou ao sentir o tapa que recebeu em sua bunda. Levantou a cabeça e o olhou, ele respirava com dificuldades e sorria para ela.

— Vamos para o banho.

Ele se levantou e a ajudou a ficar em pé, retirou as algemas e a puxou para o banheiro. Ela se olhou no espelho e viu os bicos de seus seios um pouco avermelhados por conta do grampo, ele parou atrás dela e a olhou.

— Você está linda desse jeito. — Ele a virou, e abriu um pouco sua

bunda. — Olha. — Ela virou o rosto e viu o que parecia uma pedra rosa em formato de coração, ficou um pouco corada. — Olha como combina com você, que é toda rosinha.

— Magnus...

Ele a beijou com força, empurrando-a para o box. Ela se molhou primeiro e olhou a água que escorria entre eles. Magnus puxou levemente o bico do seio direito e ela gemeu baixinho. Ainda o sentia um pouco sensível. Ele se ajoelhou e a chupou demoradamente.

Amélia se encostou na parede quando o sentiu colocar dois dedos dentro dela. Magnus a virou, afastou as nádegas de Amélia e tirou lentamente o plug anal de dentro dela.

— Eu posso?

Ela sentiu a cabeça do pau dele no meio de sua bunda, ergueu os olhos e o olhou.

— Sim.

— Fica na ponta dos pés.

Fez o que ele pediu, e o viu abrir um pouco as pernas. Fechou os olhos ao senti-lo entrar lentamente, virou o rosto e mordeu o lábio com força. Magnus começou um vai e vem lento, para que ela se acostumasse. Ela abriu os olhos quando ele parou e a virou de frente para ele. Suspendendo-a pela cintura, fez com que ela enlaçasse as pernas em volta dele. Magnus a ajustou para que pudesse penetrá-la de novo. Amélia não conseguiu segurar um grito ao senti-lo empurrar o pau para dentro dela. Magnus respirava com dificuldade, gemendo entre as investidas.

Ela abriu os olhos devagar e viu que estava sozinha na cama. Olhou para o lado e viu sobre o criado-mudo as algemas. Levantou-se sorrindo, lembrando-se da noite passada. Jogou uma água no corpo e foi em direção à

sala. Estava tomando café quando a porta foi aberta. Lisandra entrou sorrindo e foi seguida por André, que estava com uma expressão séria no rosto.

— Bom dia, Amelinha do meu coração.

Lisandra se aproximou e deu um beijo demorado em sua bochecha. Amélia ficou olhando para a amiga que se sentava e enchia uma xicara de café. Olhou para o primo que estava com uma cara nada boa.

— Eu tenho medo de perguntar, mas o que aconteceu?

— Meu sonho de PP foi realizado!

— Você transou com os amigos do Magnus?! — Amélia a olhou surpresa e olhou para o primo, que agora estava parecendo que ia explodir.

— Aqueles homens... — Lisandra se abanou e mordeu os lábios. — Sabe, eu recomendo!

— Não, muito obrigada! — Amélia disse rapidamente. — Me contento com número par!

— Pode até ser. — Lisandra pegou um pão doce e o cortou.

— Mas alguns adicionais são bem-vindos! — Amélia disfarçou e bebeu um gole do café.

— Safada! — Lislá disse, rindo. — Vocês usaram o quê?

— Me recuso a ouvir isso. — André se levantou. — A noite foi boa e não quero estragá-la com informações desnecessárias! — Saiu em direção ao quarto.

Amélia balançou a cabeça rindo e olhou para amiga.

As duas estavam conversando quando Magnus entrou no apartamento. Amélia o olhou e teve que se segurar ao vê-lo todo suado daquele jeito, aquilo mexia com ela. Ele se aproximou sorrindo, deu um beijo leve em seus lábios e foi em direção ao quarto.

— Ei, terra chamando — Lislá disse rindo.

— O... Oi.

— Você está bem?

— Sim.

Lisla a chamou para verem TV no quarto. Deitaram-se na cama e colocaram em um canal qualquer. André saiu com a toalha enrolada na cintura e olhou para a prima, que estava um pouco séria, pegou as roupas que queria, vestiu-as no banheiro e saiu do quarto. Amélia pensou em Magnus e na noite passada, fechou os olhos e gemeu baixo.

— Lia, o que você tem?

— Eu quase falei que o amava — disse baixinho olhando para a amiga.

— E por que não disse? — Lisla perguntou com carinho.

Magnus estava procurando Amélia e foi em direção ao quarto onde Lisandra e André estavam. Ao se aproximar, escutou a conversa das duas.

— Eu tenho medo — confessou.

— Qual é, Lia? Ele só tem olhos para você — argumentou Lisla.

— Lisla, você não entende. — Amélia se sentou.

— Então me explica. — Lisla se sentou e olhou para amiga.

— Ele mexe tão intensamente dentro de mim. Lembra quando te falei da Melina junto dele?

— Sim, lembro.

— Aquilo meu deu um nó por dentro, eu tenho medo de falar e ele descobrir a verdade e cair fora... — Ele se aproximou um pouco mais e a viu sentada na cama. — Lisla, ontem foi perfeito em tudo. Pela primeira vez não tive medo, eu era apenas uma garota normal de vinte e três anos sem um passado fodido.

Magnus, ao ouvir aquilo, afastou-se e foi em direção ao quarto. Sentou-se na cama, pensativo. Sabia que algo havia acontecido com ela, às vezes ela tinha certas reações na hora do sexo. Não queria forçá-la a nada e ia esperar

que ela contasse o que havia acontecido. Mas ouvir o modo como ela falou mexeu com ele, percebeu que era algo difícil para ela. Ouviu a voz das duas no corredor. Esperou um instante e saiu do quarto logo em seguida, encontrou-as sentadas no sofá. Ele se aproximou e se sentou na mesa de centro.

— O que querem fazer hoje? — perguntou olhando para as duas.

— Nem imagino — Amélia respondeu e sorriu.

— Ir no cinema? — sugeriu Lislá. — É a única coisa que dá para fazer com esse tempo.

— Pode ser. Faz tempo que não vou. Então vamos nos arrumar.

Depois de uns 20 minutos, já estavam dentro do carro. Amélia encostou a cabeça no ombro de Magnus e ficaram de mãos dadas.

Olharam os filmes em cartaz e ficaram em dúvida entre dois.

— É sério? É filme de guerra — comentou Amélia.

— E qual o problema? — rebateu Magnus.

Lislá e André só observavam, sem se meter.

— Odeio esse tipo de filme — ela disse baixo, olhando para ele. Amélia olhou em volta e viu que algumas pessoas olhavam para eles. Tentou não se incomodar com aquilo.

— E você quer ver o outro que é um musical? — retrucou ele, olhando-a com cara de tédio.

— Sim. — Ela sorriu.

— Esses filmes me dão sono — comentou Magnus.

Ela olhou para os três e viu que tinha sido voto vencido, e disse sem ânimo algum:

— Está bom, mas não me culpem se eu dormir.

Magnus e André foram comprar os ingressos, e ela ficou ao lado da

amiga. Amélia observou Magnus, a postura relaxada que ele estava, o modo como passava a mão nos cabelos, o jeito de franzir as sobrancelhas, o jeito que a boca ficava quando dava um leve sorriso. Sim, ela parecia uma psicopata, mas ele estava infiltrado nela de um jeito que não sabia o que fazer. Eles voltaram com os ingressos, pipocas e refrigerantes.

Assim que encontraram os lugares marcados na sala do cinema, Amélia e Lislá se sentaram no meio dos dois. O filme começou e ela alternava entre comer a pipoca, tomar um gole do refrigerante e tentar prestar atenção na tela. Em um determinado ponto, aconteceu uma cena que ela não entendeu.

— O que foi? — Magnus perguntou baixo, tocando em sua coxa.

— Não entendi a cena — respondeu ela.

Ele riu e explicou, mas conforme ia explicando, ela se distraía com a voz dele naquele tom e a mão dele em sua coxa.

— Ainda não entendeu? — Ele riu baixinho ao ver a cara que ela fazia.

— Não.

— Assiste, que depois explico melhor.

Ela balançou a cabeça e tentou muito prestar atenção no filme, mas ainda pensava na voz dele, o toque da mão, a cena dele todo suado, a transa deles, o modo como ficaram abraçados na música do show... Tudo ainda estava fresco em sua memória. Por Deus, como queria poder se aproximar dele e sussurrar que o amava, ficou com a cabeça baixa por um momento.

— Tenho que ir ao banheiro — disse ela e saiu.

Entrou no banheiro e respirou fundo várias vezes para se acalmar, mas não adiantou. Abriu a porta de uma das cabines, abaixou a tampa do vaso, sentou-se e deixou que as lágrimas rolassem. Queria poder ter a certeza de que seria correspondida quando contasse sobre tudo o que tinha acontecido em seu passado. Ficou ali sentada, tentando colocar a mente em ordem. Estava vivendo um sonho e tinha medo que ele fosse destruído por algo que

odiava lembrar. Assim que se acalmou, saiu e se olhou no espelho, lavou o rosto e o secou. Ao sair do banheiro, Magnus a esperava e se assustou quando ele veio em sua direção.

— O que aconteceu?

— Nada. Só vim fazer xixi.

— Você demorou. O filme acabou e você ainda não tinha voltado, tem certeza que está tudo bem?

— Sim. — Ela o olhou. — Como disse, nunca gostei muito de filme assim.

Ele a abraçou e deu um beijo em seus cabelos, e foram encontrar-se com André e Lislá.

— E o que vamos fazer agora? — Lislá olhou para o casal.

— Tem uma hamburgueria de um amigo aqui perto, se quiserem ir — sugeriu Magnus.

Concordaram. Ele a puxou para perto e deixou o braço sobre seu ombro, enquanto segurava sua mão. Saíram do cinema e Magnus indicou a direção. Andavam conversando descontraídos, até que Amélia avistou ao longe uma floricultura e sorriu ao ver um rapaz saindo com um vaso de rosas. Ao se aproximarem, ela parou e tocou com carinho na pétala de uma rosa. Lislá olhou para Magnus e deu um sorriso.

— Gosta? — Magnus perguntou.

— Sim, sempre gostei. — Ela o olhou sorrindo. — Mas tenho uma queda enorme pela branca.

— Vamos, Pimenta. Porque toda vez que você vê alguma rosa, você esquece da hora — André disse rindo.

— Verdade, Lia. — Lislá sorriu para a amiga, pegou em seu braço e foram assim até chegar à hamburgueria.

André abriu a porta para as duas entrarem, assim que passaram por ele,

analisaram o local, tinha um estilo rústico, mas bem familiar.

— Magnus.

— Vítor.

Abraçaram-se. Vítor era o dono, e os levou para um canto e se sentou com eles.

— Verdade a história que você está namorando? — indagou Vítor.

— Sim! — Magnus disse para o amigo. — Essa é Amélia, minha namorada.

— Oi. — Ela olhou para o homem à sua frente e sorriu.

— Muito prazer em conhecê-la, sempre achei que ele fosse morrer solteiro — zombou Vítor, rindo.

Amélia sorriu ao ouvir aquilo. Eles começaram a conversar e ela olhou pelo salão. Viu um casal mais à frente, no outro lado do salão estava uma família, sorriu ao ver as crianças brincando. Viu Soraia entrar no local, ela usava uma calça jeans, salto agulha e um cropped de renda com duas tiras que realçavam seus seios.

— Cheguei! — disse ela colocando a bolsa em umas das cadeiras livres ao lado.

— Pensei que não viesse mais — comentou Vítor, sorrindo e dando um beijo no rosto de Soraia.

— Vítor, você sabe muito bem que não deixo meus clientes na mão — disse e olhou para Magnus. — Mag, preciso conversar sobre o assunto da sua emp... Oi, Amélia, como está? Eu juro para você que o chute que dei naquele imbecil foi o mais forte que consegui.

— Oi. André me disse e eu agradeço — Amélia disse dando um sorriso.

— Garotas sempre unidas. — Soraia se sentou de frente para Amélia e pegou um cardápio. — Já pediram?

— Acabamos de fazer o pedido. — Lislá sorriu e olhou para amiga. — Lia, ficou sabendo? A casa das rosas está à venda.

— Sério? Sempre achei linda a história. Nunca tive a oportunidade de visitá-la.

— Temos uma romântica entre nós — comentou Soraia.

— Um pouc... — Amélia a olhou envergonhada.

— Um pouco nada, Pimenta, você é romance puro, como diz o biso — falou André, rindo.

— Não lembro da história dessa casa — disse Vítor, pensativo.

— Ah, não... — resmungou André.

— Que foi? — Vítor perguntou.

— A Pimenta sabe de cor e salteado essa história — André disse olhando para a prima, que o olhava e sorria.

— Eu também não lembro... — revelou Soraia. — Pode nos contar, Amélia?

— Se não for incomodar.

— Nem um pouco. — Soraia sorriu.

— Bom, não me recordo muito bem o ano da história, mas sei que foi logo após a chegada das primeiras famílias em nossa cidade. — Ela parou por um instante, o olhar buscando se lembrar de tudo e continuou: — Um viajante, durante sua jornada, foi assaltado e acabou se ferindo. Ele estava sobre o cavalo, quando se aproximou de uma roseiral, o cavalo se assustou com uma moça que colhia algumas rosas. O homem foi jogado ao chão e a moça ao vê-lo ferido, foi na direção dele para o socorrer. Ao se aproximar, percebeu o quão sério eram os ferimentos, e foi correndo pedir ajuda aos funcionários. Os homens o pegaram e o levaram para a casa da moça.

— Mas quem era essa moça? — Vítor perguntou interessado.

— Ela era a filha caçula do dono do roseiral, que quando chegou em

casa e soube do ocorrido, foi direto ao quarto e viu a moça cuidando dos ferimentos do homem. A filha explicou como tudo tinha acontecido e o pai resolveu ajudá-la ao ver o estado do pobre homem. Quando o homem conseguiu recobrar a consciência, agradeceu ao dono da casa e foi avisado que só estava vivo porque a filha dele o havia salvado. Ele perguntou se podia conhecer a moça. Ao vê-la pela primeira vez, o homem se apaixonou por ela.

— E a pediu em casame... — André começou a falar.

— Não! — interrompeu Amélia, rindo.

— Como assim, não? — O primo a olhou.

— Vai deixar eu terminar? — perguntou dando um gole no refrigerante que acabara de ser entregue.

— Para de ser chato — Soraia disse séria e se virou sorrindo para Amélia. — Por favor, continua.

— Bom, continuando... Como os ferimentos ainda não estavam totalmente recuperados, o homem ficou ainda algum tempo com a família. Nesse meio tempo, resolveu se aproximar da moça. Aos poucos, a amizade foi crescendo até que em um determinado dia, durante as caminhadas que eles faziam, o homem se declarou para a moça, que o correspondeu. O que ela não sabia era que o pai a havia prometido para o filho do homem mais rico da região. A moça, ao saber daquela união, fez uma escolha, uma noite antes de ir embora, foi ao quarto do homem...

— Entendemos, Pimenta, ela deu para o cara.

— Cara, você realmente sabe cortar o barato, hein! — Soraia disse o olhando e rindo.

— Nem me fale — concordou Lislá e sugou o canudo que estava no refrigerante.

Todos a olharam e olharam para André, que olhava de cara fechada

para a morena.

— Amélia, continue, por favor. — Vítor resolveu desfazer o clima.

— Depois, como o próprio André disse, que ela deu para o cara... — Todos da mesa riram. — Fizeram um plano para fugir, ele a encontraria embaixo da árvore que eles sempre se encontravam escondido. Quando estavam partindo, o pai dela apareceu e disse que se ela fosse embora, ele e as irmãs dela não teriam onde morar, pois ele tinha dado a plantação como garantia do acordo de casamento. Com o coração apertado, ela resolveu ficar e se casar.

— E o cara não fez nada? Deixou barato assim, não lutou por ela? — Vítor perguntou indignado.

— Eu acho que não é só Amélia a romântica aqui — zombou Magnus, rindo.

— Cala a boca, Magnus! Por favor, continua, Amélia.

— Como a moça tinha tomado a decisão dela, o homem foi embora. Depois de algum tempo, o pai da moça foi atrás dele e contou o que houve: assim que a filha casou, o sogro dela tomou as terras para si e os expulsou da casa. O homem queria muito sentir raiva deles, mas não conseguia e os abrigou. Um dia, lendo o folhetim, o pai da moça viu que o sogro dela estava vendendo a terra, alegando que ali era infértil. Ele mostrou o jornal ao homem que ao ler, foi atrás e comprou a terra para si, e fez um trato com o pai da moça: ele ficaria morando na casa, mas trabalharia para ele, e juntos fariam as rosas reviverem. Onde ficava a árvore que ele se encontrava com a moça, ele a destruiu e construiu a nova casa sede do roseiral.

— Espera, agora não entendi, ele não construiu a casa para a mulher amada, no caso, a moça? — André perguntou a olhando.

— Sim, por isso ele derrubou a árvore. Ali era onde os dois haviam se declarado. Depois de dez anos, a moça retornou para a casa do pai, pois o

marido havido morrido e o sogro a tinha expulsado da casa junto com o filho do casal. Assim que viu a nova casa, ela chorou, pois a única lembrança do amor verdadeiro que ela havia sentindo não existia mais. Quando entrou na casa do pai, ela tirou satisfação, mas quando soube quem era o homem, correu de encontro a ele. Quando o homem a viu, não soube o que fazer a não ser correr de encontro ao amor da vida dele. Depois de alguns anos, o sogro da moça morreu e com isso todo o dinheiro da família dele ficou para o filho dela.

— Moça de sorte, ficou com o homem que amava e com o dinheiro — Soraia disse sorrindo.

— Na verdade, o filho dela era do homem que ela amava e não do marido — informou Amélia, sorrindo.

— Espera, você quer me dizer que o menino era do homem?

— Sim, dizem que o marido não podia ter filhos e como a criança nasceu depois que ela se casou, ninguém questionou. Mas o marido a ajudou dizendo que o filho era dele.

— Uau! Gostei da história — Vítor disse.

— Nunca entendi por que você sempre gostou dessa história, Lia. — Lislá a olhou.

— Simples, Lislá, mesmo a amando, ele aceitou o destino e esperou por ela e depois de anos eles puderam ficar juntos. Significa que quando você realmente ama, você pode esperar o tempo que for, um dia irão ficar juntos — concluiu sorrindo para a amiga.

Sentiu a mão de Magnus em sua perna, virou o rosto e o olhou, engoliu seco. Ele a olhava com uma intensidade diferente, tocou em seu rosto e a beijou carinhosamente.

Depois de saírem da hamburgueria, Amélia iria com Lislá para se arrumarem para o jantar romântico de casais. Lislá deixou a amiga no quarto,

foi em direção a Magnus e lhe entregou um papel.

— Segue tudo que está no papel. — Ele o pegou e acenou com a cabeça. — Uma coisa, Magnus... — Lisandra o olhou, séria, e colocou o dedo no peito de Magnus. — Não me importo com quem você seja, o nome que carrega ou a porra que for, mas se em algum momento você fizer a Amélia sofrer, eu juro para você, eu te mato! — Virou as costas e saiu.

André acompanhou Soraia até o quarto, ao abrir a porta, ficou impressionado com o local. Aproximou-se da mulher que olhava para um desenho.

— O que é isso? — ele perguntou curioso.

— Lisandra teve que furtar a Amélia. — Ela sorriu. — Ela havia me dito que um dia a viu desenhando esse sonho. — Entregou o papel para ele. — Então nada mais justo que deixar realmente idêntico ao sonho de menina!

André acenou com a cabeça e sorriu, ajudou Soraia com os últimos detalhes, pegou o celular e tirou algumas fotos.

— O que vai fazer?

— Mostrar para a família, não tenho apelido de fofoqueiro à toa! — Ele riu.

Criou um grupo para a prima não saber, postou as fotos no grupo com a seguinte pergunta:

“Será que rola um sim?

André.”

“AAAAAAAAAAAAAAHHHHH.

Raja.”

“Putá que pariu! Fala que é mentira.

Ralf.”

“AI, CARALHO. SE FUDEU, IRMÃO kkkkkkk

Pai.”

“Que porra é essa, André?

Ralf.”

“O pedido de casamento da sua filha, retardado.

Tio Lauro.”

“Uau.

Espera, a Pimenta vai casar?

Como assim?

Fabricio.”

“André, eu te amo, mas larga a mão de ser fofoqueiro.

Biso.”

“Quem vai casar?

Minerva.”

“A Pimenta com o Magnus.

Porra, não estou acreditando nisso!

Igor.”

“Meu Deus, André

Lisla.”

“Ah, meu Deus! Minha menina vai se casar. <3<3<3

Espera, ela está grávida?

Raja.”

“TIA!

Lisla.”

“PORRA, TIA. Claro que não.

André.”

“Raja, não esperava isso de você.

Biso.”

“André, avisa quando ela disser sim.

Ah, não acredito, a Pimentinha vai casar <3<3<3.

Carlos.”

“Quem diria, o Ralf vai virar avô.

Pai.”

“Eu mereço, eu criei um bando de retardados.

Biso.”

Amélia estava enrolada no roupão do spa em que estava com Lislá, arrumou o sutiã em seus seios. Colocou a cinta liga de cintura alta, a calcinha... estava colocando a meia quando a porta foi aberta e Lislá entrou.

— O que foi? — Amélia a olhou.

— Puta merda! — Fungou um pouco e limpou uma lágrima. — Você está linda!

— Lisandra... — Ela sorriu. — Eu estou apenas de calcinha e sutiã.

— E cinta liga! — Lislá completou sorrindo. — Me fala, quando eu imaginei que veria isso acontecer? — Aproximou-se e segurou em sua mão. — Na verdade, eu sempre sonhei que esse dia ia chegar, mas não achei que fosse tão cedo!

— Lislá, você está bem? — Amélia tocou com carinho o rosto da amiga. — Está parecendo minha mãe!

— Ah, Lia! Eu tenho todo o direito no mundo de ficar feliz e emocionada por você! — Lislá apertou a mão da amiga. — Eu vi o quanto você sofreu e deixou de viver, e olha agora... está feliz, linda e o principal, apaixonada!

Amélia sorriu e abraçou a amiga. Ela teria que ter uma conversa séria com seu primo, afinal, ali em sua frente estava a pessoa mais importante de sua vida, a pessoa que lhe dera forças quando achou que não teria mais saída e estava no fundo do poço.

— Não chora, Lia! Por favor, quero apenas que você seja feliz e

aproveita o jantar de hoje!

Amélia sorriu e acenou com a cabeça, respirou fundo e se recompôs. Terminou de se arrumar e se olhou no espelho, sorriu ao colocar o colar que havia ganhado de Magnus. Pegou o celular e mandou uma mensagem para ele.

“Estou pronta, onde terei que te encontrar?

Ninfa.”

“Tom irá lhe pegar.

Prince.”



Capítulo 16

Amélia achou estranho quando percebeu que estavam de volta ao prédio. Tom estacionou o carro e ela o olhou sem entender nada.

— Não íamos jantar?

— Bom... — Tom abriu a porta do carro e desceu, deu a volta e abriu a porta ao seu lado. — Magnus é pior que mulher na TPM. — Amélia sorriu e desceu do carro. — Ah, sim, já ia esquecendo. — Ele abriu o terno e pegou uma venda. — Você tem que usar isso!

Amélia olhou para a venda em sua mão e o olhou novamente. Tom apenas deu de ombros e sorriu. Ela pegou a venda e foram em direção ao elevador, ao entrarem, ele apertou o botão.

— Coloque a venda.

Amélia respirou fundo e cobriu os olhos com a venda. Sentiu seu corpo ficar em alerta. Se o elevador parasse e outras pessoas entrassem e a vissem daquele jeito, iriam achar que estava louca. Começou a apertar suas mãos e estava quase tirando a venda quando ouviu o barulho do elevador e sentiu

uma mão em seu braço.

— Quem é? Tom? — A mão a segurava gentilmente, mas ainda assim era estranho. — O que está acontecendo?

Foi conduzida a dar alguns passos. Ouviu barulho de uma porta se abrindo e a mão a puxou. Sentiu um cheiro doce no local e se arrepiou ao sentir um vento gelado em suas pernas, a mão novamente a parou e ficou ali, sozinha. Seu corpo tremia, não pela brisa, mas pelo fato de não saber o que estava acontecendo. Ouviu um barulho atrás de si e sentiu uma mão em sua cintura, sorriu ao sentir um beijo em seu pescoço.

— Pensei que fôssemos jantar...

— E vamos — sussurrou ele e tirou a venda dos olhos de Amélia.

Ela piscou algumas vezes e o olhou. Ele usava um terno azul escuro, com colete e uma gravata um pouco mais clara. Olhou em volta e viu que estavam em um apartamento diferente.

— Por que colete?

— Fui acostumado assim. — Ele deu de ombros. — E sempre preferi o estilo inglês, se ajusta melhor ao meu corpo.

— Pensei que terno fosse tudo igual. — Ela sorriu. Ele semicerrou os olhos e ela colocou ambas as mãos em seu peito. — Por que a formalidade?

— Queria estar apresentável para você — disse tocando em seu rosto.

— Humm. — Ela sorriu e se afastou um pouco para vê-lo melhor. — Não sei se já sabe, mas, caso não, ficará sabendo agora, mas o prefiro sem roupa!

Ele fechou os olhos, balançou a cabeça e começou a rir, tirou a mão do bolso e deu uma leve coçada na testa. Magnus a puxou pela cintura.

— Eu também a prefiro sem roupa! — soprou em seus lábios e a beijou.

Ela gemeu baixinho ao senti-lo deslizar as mãos por suas costas e

apertar levemente sua bunda. Ele segurou em sua mão e a conduziu até a mesa que estava no terraço. Amélia sorriu ao vê-lo puxando a cadeira para que se sentasse. Um garçom se aproximou, serviu um vinho tinto e saiu. Amélia olhou para a vista maravilhosa que tinham dali e voltou seu olhar para Magnus. Ele a encarava com os olhos brilhando.

— O que foi?

— Nada. — Ele sorriu. — Apenas lhe admirando.

Ela sorriu envergonhada, mordeu o lábio e bebeu um pouco do vinho. Percebeu que ele estava impaciente.

— Está tudo bem?

— Sim — limitou-se a responder. Ela acenou com a cabeça e sabia que não estava tudo bem. — Na verdade, um pouco ansioso.

— Por quê?

— Nunca fui do estilo romântico. Nunca fiz isso aqui. — Ele apontou para o local. — Nunca me imaginei fazendo esse tipo de jantar ou coisa do gênero, então, por favor, me perdoe se algo der errado!

— Você não é do tipo que faz as coisas e não saem do seu jeito, Magnus! — Ele sorriu. — Desculpa, mas falei a verdade e você sabe!

— Sim, pode até ser. — Ele tomou um pouco de vinho. — Mas ainda assim, não tira o fato de ser a primeira vez que realmente faço isso!

Ela o analisou por um momento e sorriu.

— Então todas as suas primeira vez tendem a ter algo estranho?

— De certo modo, sim!

Ela achou estranho aquilo, afinal, ele era Magnus Lacarez e todos sabiam que tudo que envolvia o nome dele era perfeito. Realmente não entendia o porquê ele dizia estar ansioso daquele modo. Magnus segurava a taça de vinho e batia levemente o dedo na haste da taça.

Ia falar algo, mas o jantar começou a ser servido. Preparou-se para algo

diferente, afinal, sempre que saíam, ele a levava a algum restaurante caro com pratos um pouco exóticos ao paladar simples dela. O garçom colocou o prato em sua frente e de Magnus, e então tiraram a tampa da bandeja. Ela ficou olhando um pouco confusa para o prato e o olhou, voltou a olhar para o prato e deu um sorriso.

— Macarronada?

— Soube que gosta — ele disse sorrindo.

— Sim, mas estamos em um jantar romântico, então não faz sentido a macarronada — ponderou e ele apenas deu de ombros.

Ela balançou a cabeça sorrindo, deu a primeira garfada e se assustou. Tentou não demonstrar, mas o gosto era idêntico ao que seu biso fazia. Ergueu os olhos e ele comia tranquilamente. Amélia limpou a boca no guardanapo, olhou pelo local e franziu a sobrancelha. Aquilo tudo lhe parecia familiar, deu mais uma garfada e se lembrou de algo. Ergueu os olhos e Magnus a analisava. Amélia sentiu um bolo na boca de seu estômago, bebeu um pouco de vinho para tentar amenizar o que sentia.

Quando tinha treze para catorze anos, tivera um sonho onde ela e Magnus jantavam no terraço da casa do biso; a comida era a macarronada do biso. No sonho, Magnus a pedia em casamento. Tentou seriamente não criar expectativas, afinal, quantas vezes já tinha vivido momentos com ele que se lembrava de um sonho que tinha tido.

— Está tudo bem?

Ouviu a voz de Magnus, ergueu os olhos e piscou algumas vezes, tentando acalmar a menina interior que estava eufórica sem motivo algum. Estavam juntos há apenas três meses, havia muito para se conhecerem ainda, não que achasse que casais que mal se conheciam e logo se casavam não dessem certos, seus pais eram a prova viva disso. Ela só não estava preparada para ver a reação dele quando contasse a verdade sobre seu passado.

— Amélia, está tudo bem? — Sentiu a mão dele sobre a sua e o olhou.

— Sim. — Respirou fundo e calou sua menina interior que estava aos gritos de “sim, eu aceito!”. — Me desculpa. — Ele ainda a olhava seriamente. — É só que... — Ela não podia dizer que aquilo lembrava um sonho de amor de uma menina de treze anos que tinha sonhado com ele e era assim que ele a pedia em casamento. — Me lembrei de alguns trabalhos da faculdade que tenho que adiantar essa semana.

— Entendo. — Ele fez um carinho em sua mão. — Essa semana para mim também será corrida. — Sentiu um aperto em sua mão. — Por isso pedi que passasse esses dias comigo, terei que viajar por alguns dias e acho que estarei livre mesmo daqui duas semanas.

— Tudo bem. — Ela apertou sua mão e sorriu. — Como disse, tenho esses trabalhos da faculdade, sem contar que José Carlos e sua vó querem fazer uma reunião sobre alguns papéis importante que querem tradução o mais rápido possível, então, já viu.

— Você dá conta! — afirmou ele, sorrindo.

Aos poucos, acalmou seu corpo, porém, sua mente ainda fervilhava tentando achar pontos em comum. Aquele era um ponto fraco que tinha em relação a Magnus, quando estavam sozinhos, sua mente infantil e apaixonada sempre tentava achar algum ponto de relação em comum com sonhos ou imaginações que tivera, e ela nunca gostava de ir por aquele caminho.

Depois do jantar, sua mente novamente surtou e dessa vez até ela se sentiu um pouco tentada a achar que o sonho era um pouco real, a começar pelo fato de que a sobremesa nada mais era que o sorvete de seu Cadu. Quem morasse na cidade, pelo menos uma vez na vida já tinha ido à sorveteria de seu Cadu. O sorvete era uma lenda, afinal, era de produção caseira e dava um banho em muitas marcas conhecidas e famosas. Ergueu os olhos e Magnus a

olhava.

— Uma pergunta... — Deu uma colherada em seu sorvete de chocolate com calda caseira de avelã. — Você está tentando subornar meu lado infantil?

— Por que acha isso? — Ele segurou um riso.

— Bom, começa pelo jantar. — Olhou-o seriamente. — Eu posso jurar de pés juntos que a macarrona que comemos é do meu biso. — Magnus se levantou. — E agora tem o sorvete do seu Cadu. — Ele se aproximou. — E nem venha com essa de que se parece, pois nenhum sorvete tem o mesmo gosto que o dele. — Ele tirou a colher de sua mão e a puxou. — O que está fazendo?!

— Fecha os olhos, Amélia — ele pediu baixo.

— Por quê? — Olhou-o sem entender.

— Faça o que estou pedindo, por favor.

— Magnus, o que... — Parou de falar quando ele a virou de costas para ele e colocou novamente a venda em seu rosto. — Por que isso?

— Confia em mim.

— Tu-tudo bem.

Sentiu a mão de Magnus em seu braço e começaram a andar. Ouviu barulho de porta se abrir e sentiu o leve puxão em sua mão. Sentiu um cheiro doce de algo que não soube identificar. Ouviu o zunido em seu ouvido e respirou fundo, sua menina novamente gritava aos berros. Estava muito nervosa com aquilo tudo, tinha que admitir.

— Fique aqui e não tire a venda, por favor.

— Tudo bem — concordou baixinho.

Respirou fundo e tentou decifrar o cheiro que sentia, conhecia-o de algum lugar, mas realmente não se lembrava de onde. Achou estranho a demora dele, pensou ter ouvido algo caindo.

— Magnus? — perguntou baixinho.

— Sim.

— O que está acontecendo? Posso tirar a venda?

— Não.

Sentiu-o atrás dela e tentou tocá-lo.

— Sem tocar.

— Isso não vale — resmungou ela.

— Por quê?

Ele ergueu o cabelo da namorada e deu um beijo em sua nuca, ela gemeu baixo.

— Você está em vantagem.

Ela o ouviu rir e como amava aquele som, o modo como seu rosto ficava relaxado e ainda mais lindo.

— Isso te incomoda?

Sentiu-o tocar em seu tornozelo e seu sapato ficar folgado.

— Um pouco.

— Erga a perna.

Ela fez o que ele pediu, ele tirou um sapato e depois tirou o outro.

— Por que fez tudo isso?

Sentiu o vestido folgado. Ele o tirou vagarosamente, e deu um beijo em suas costas e aquilo a arrepiou inteira.

— Puta que pariu! — ele gemeu baixo e ela riu quando ele deu um beijo em cada lado de sua bunda.

— Magnus... isso está sendo tortura — disse ela, rindo baixinho.

— Não mais que a visão que estou tendo — murmurou.

— Por que está fazendo isso?

— Surpresa... — Ele deu um beijo em suas costas. — E por que está sendo tortura? — Ele abriu o fecho de seu sutiã.

— Porque sim.

— Isso não é uma resposta aceitável de uma primeira aluna.

— Você sabe.

— O que eu sei, Amélia?

— Que preciso sempre te tocar — gemeu ao senti-lo tirando seus brincos e dar uma leve mordida em sua orelha. — Te ver... — Ele tirou o colar e mordeu levemente seu pescoço. — Te beijar. — Ele tirou a pulseira e deu um beijo leve em seu pulso. Arfou quando ele chupou seu seio e sentiu o cheiro de seus cabelos. — Magnus, por favor. — Sentiu o corpo tremer um pouco quando ele abaixou sua calcinha.

— A visão que tenho agora, devo admitir, é linda demais. — Tocou em seu sexo e ela gemeu baixinho.

— Magnus...

— Sim?

— Por favor.

Sentiu-o muito próximo, o calor que emanava dele e que mexia com seu corpo. Sentiu o cheiro de sua colônia e sabia o quanto aquele cheiro mexia com ela.

— Vou tirar a venda, mas fique com os olhos fechados.

— Ok.

Ele tirou a venda, tocou em seu rosto e a beijou.

— Pode abrir os olhos, Monsheey — disse baixo.

Quando Amélia abriu os olhos, piscou algumas vezes. Magnus estava em sua frente, ela engoliu em seco. Ele deu alguns passos para trás e também estava nu, na penumbra do quarto, iluminado apenas por velas. Olhou em volta e foi ali que sua menina interior desmaiou de emoção. O quarto estava cheio de rosas, vários buquês estavam espalhados, e tinha várias pétalas espalhadas pelo chão. Estava idêntico ao sonho.

— Magnus, o que... — Ela perdeu o ar quando o viu ajoelhado em sua frente, com uma pequena caixa branca em sua mão.

— Amélia, aceita se casar comigo? — Ele sorriu para ela, mas a voz tinha saído trêmula.

Segurou as lágrimas que vinham com força e fechou os olhos, mas não impediu que elas se derramassem. Sorriu ao perceber tantas semelhanças com o seu sonho, claro que no sonho Magnus não estava pelado como agora. Ela só tinha mostrado o desenho daquele sonho para Lislá. Ela mataria Lisandra. Respirou fundo e abriu os olhos.

— Sim — respondeu firme e balançando a cabeça.

Ele sorriu ainda mais, levantou-se e a beijou com carinho, limpou as lágrimas que corriam em seu rosto.

— Por que nu? — perguntou ela, rindo.

— Porque é assim que me sinto quando estou em sua frente. — Ele tocou em seu rosto. — Você não se importa com que uso ou possuo. — Colocou uma mecha de cabelo atrás de sua orelha. — Não preciso ser alguém diferente com você. — Encostou a testa na dela. — Sabe há quanto tempo que não ria à toa? — Ele segurou seu rosto com ambas as mãos. — Só você me fez sentir assim.

— Magnus...

— E tem mais uma coisa. — Ele se afastou um pouco e a olhou seriamente.

— O quê? — Ela o olhou confusa.

— Eu te amo, Amélia.

Ela o olhou por um tempo, encostou a cabeça em seu peito e disse baixinho:

— Eu te amo, Magnus.

Eles se olharam e Magnus a beijou com carinho e paixão, ouvindo-a

gemer em seus lábios. Pegou-a pela bunda e ela se agarrou a ele, prendendo as pernas em sua cintura. Ela o olhava e ainda não acreditava no que estava acontecendo. Magnus se deitou com ela na cama, e Amélia riu quando ele jogou a caixinha para trás. O casal se beijou com um desejo desenfreado. Ele distribuiu beijos sobre a sua barriga, beirando a cinta liga que ela ainda usava.

— Magnus... — arfou quando ele beijou entre os seus seios.

— Essa é sem pressa, Monsheey. — Ele riu ao ver o quanto ela estava excitada. — Excitada, Ninfa?

— Muito... — suspirou.

Com a ponta do dedo indicador, contornou levemente o bico do seio e o beliscou, e ficou olhando qual seria a reação dela. Ela mordeu os lábios e gemeu baixo.

— Isso te excita?

— Sim.

— Bom saber, mas e seu fazer isso aqui? — Ele chupou seu seio sem pressa alguma, deu várias mordidas leve, lambeu-o. Amélia gemeu um pouco alto. — Você fica linda desse jeito — disse sorrindo.

— Magnus, por favor.

— Já disse, essa é sem pressa. Por você ser muito apressada, vou te torturar mais um pouco.

Ele se ajoelhou no meio de suas pernas, ergueu sua perna esquerda, soltou as presilhas da cinta liga, tirou lentamente a meia e dedicou um tempo a ela com beijos e lambidas, foi se aproximando de sua coxa e a mordeu bem de leve. Fez exatamente igual na perna direita, ela se mexeu e tentou tocá-lo.

— Amélia, para de ser afobada.

Como castigo, massageou seu clitóris com a língua, mordeu e o chupou com força.

— Droga, Magnus — gritou ao gozar, agarrando o lençol.

Amélia abriu os olhos, respirando descompassado. Ele sorriu e a penetrou com força, fazendo-a arquear as costas. Ele gemeu ao sentir quão molhada ela estava para o receber, estocou com força e saiu devagar. Amélia se agarrou a ele e o puxava, erguendo o quadril para o recebê-lo melhor, e deu um gritinho quando ele a puxou e se sentou com ela por cima.

Ela o beijou com força e gemia. Magnus segurou firme em seu quadril e comandou o ritmo deles, e não demorou muito para ver e ouvir Amélia gemendo novamente com lágrimas nos olhos. Ele parou e a abraçou com carinho.

— O que foi, minha Monsheey? — perguntou com carinho ao escutar seu choro.

— Você sabe o que isso significa? — Ela o olhou limpando as lágrimas.

— Sim — sussurrou olhando em seus olhos. — Minha eternidade.

— Eu sonhei tantas vezes com isso, eu jamais achei que fosse acontecer. — Ela fungou e sorriu. — Eu te amo, Magnus. Há tanto tempo que quero dizer isso, que me consumia — declarou chorando.

Ele limpou seu rosto e a beijou com carinho.

— Quando você quase falou no show, aquilo me consumiu, fiquei a noite toda com aquilo na minha cabeça. Eu queria que você tivesse dito, mas agora vejo que aqui foi o melhor momento. — Deu um beijo em sua testa, — Amélia, você me fez ver coisas que nunca tinha reparado. Você, aos poucos, foi me tirando das sombras, ainda tem uma parte minha lá e quero muito poder lhe mostrar quem realmente sou, mas eu preciso que você tenha calma, Monsheey, pois isso tudo é novo para mim.

Deitaram-se e ela se aconchegou melhor em seus braços. Ela pegou no sono primeiro e ele ficou ali velando seu sono. Há muito tempo que ele não se sentia assim, aquela paz que sentia quando ela estava em seus braços...

Não, a verdade era, e ele sabia, que nunca tinha se sentindo assim.

Amélia acordou ainda abraçada a Magnus, e sorriu ao lembrar-se da noite anterior. Aconchegou-se mais nele ao perceber que realmente vivia um sonho de adolescência, puxou um pouco mais a coberta e ficou ali com os olhos fechados. Sorriu quando sentiu um beijo em seus cabelos.

— Bom dia, minha Monsheey — sussurrou em seu ouvido com a voz rouca.

— Bom dia, Prince.

— Do que me chamou? — perguntou virando-a de frente para ele.

— Prince.

Ele apertou sua bunda, virou-se com ela e mordeu seu pescoço.

— Por que Prince?

— Como o príncipe dos contos de fadas — disse baixinho e envergonhada.

— Então é verdade... — Ele tocou com carinho em seu rosto.

— O quê?

— Você ser apaixonada por mim desde os seus doze anos.

— Como você soube? — perguntou sem acreditar que ele sabia daquilo.

— Faz diferença?

— Não, é só que...

— Ei, não fica assim. — Ele sorriu. — Nunca me senti tão completo.

— Eu te amo! — Ela abriu um sorriso enorme.

— Eu te amo, Monsheey. — Ele retribuiu.

Ela se sentou na cama e ficou olhando para o quarto cheio de rosas, sorriu e o olhou. Magnus ainda estava deitado e fazia carinho em suas costas.

— Você jogou meu anel fora, sabia? — disse apontando para a

caixinha no chão.

— É só a caixa, seu anel ainda não ficou pronto.

— Espera... — Ela o olhou. — Você fez o pedido sem um anel? —
Riu.

— Bom... — Ele se sentou na cama e coçou a nuca. — O anel estaria pronto uma semana antes do pedido original.

— Como assim, pedido original? — Olhava para ele sem entender.

— Eu ia fazer o pedido quando voltasse da viagem que lhe disse, mas então tivemos a briga e ali vi que estou fodido... — Ela ergueu uma sobrancelha. — Pois não consigo ficar mais sem você em minha vida! Por isso resolvi fazer logo o pedido e pedi a ajuda de Lislá e...

Ela o interrompeu com um beijo.

— Queria ficar mais aqui, mas nem tudo é possível, e volto para a minha simples vida de universitária e estagiária — comentou rindo e se encostando nele.

— Eu também queria ficar mais, Monsheey. Fica comigo nos fins de semanas?

— Sim! — Olharam-se e sorriram.

Amélia se levantou e foi e ia em direção ao banheiro e ficou olhando para as duas portas à sua frente.

— Qual é o banheiro?

— Aquele. — Ele apontou rindo.

Ela entrou e foi direto para o chuveiro, deixou a água correr por seu corpo e relaxou ao sentir a mão de Magnus em sua cintura.

— Adoro quando estamos no banheiro — sussurrou ele.

— Nem tinha percebido. — Ela disse rindo e se virando.

Quando saiu do banho, sorriu ao ver suas coisas sobre a cama. Arrumou-se e foi para a sala. Magnus estava tomando café.

— Posso perguntar uma coisa antes de irmos? — Ela o olhou um pouco tímida.

— Claro, Monsheey.

— O que vai acontecer com as rosas que foram usadas?

— Acho que vão para o lixo, não sei bem, por que pergunta?

— Queria saber se pode mandá-las para as senhoras do asilo e se sobrar algumas, para as irmãs do Socorro.

— Irmãs do Socorro? Elas não são responsáveis pelo orfanato da cidade?

— Sim — confirmou. — Eu sempre visito o orfanato.

— Seu desejo é uma ordem. — Ele piscou para ela e andou em direção ao telefone. — Marcio, é Magnus, quero que mandem as rosas para as senhoras do asilo de minha cidade e as que sobrarem para as Irmãs do Socorro. — Ele se aproximou e a beijou. — Pronto.

Assim que entraram no carro, Tom ligou o rádio e tocava uma música gostosa. Amélia cantarolou baixinho e sentiu quando Magnus apertou sua coxa.

— Feliz?

— Muito. — Deu um beijo estalado na bochecha dele.

— Não sou seu primo para receber beijo assim. — E a beijou rindo.

A música acabou.

— *Ainda está dando o que falar o vídeo do beijo de Magnus Todo Gostoso Lacarez com sua mais nova conquista.*

— *Mas aí me pergunto, quanto tempo irá durar, afinal ele nunca foi de assumir ninguém publicamente...*

— *Houve apenas uma mulher, não sei se lembram...*

— *Sim, verdade, uma socialite. Qual era o nome mesmo?...*

— *Ah, sim, era Mirella...*

— Desligue, Tom — ordenou sério, respirou fundo e a olhou. — Se quiser, pode conectar seu celular e ficar ouvindo suas músicas.

— Ok.

Ela até ia fazer aquilo, mas percebeu o quão sério ele estava e desistiu. André trocou de estação e deixou numa que só tocava rock. Ela ouviu o celular tocar, soltou o cinto e ficou no canto. Respondeu a mensagem de Caique e ficou olhando para fora.

— Vem cá. — Sentiu a mão de Magnus em sua perna. — Por que se afastou? — Ele a puxou para seu colo.

— Você ficou sério de repente — justificou olhando em seus olhos.

— Foi por causa dos comentários, eu ainda não quero expor você a esses caras.

— Desculpa se estou dando dor de cabeça — pediu, envergonhada.

— Você não causou dor de cabeça alguma, Monsheey. — Ele a olhava com carinho. — Você sabe que me diverti, então não fica assim. — Ele mordeu seu queixo e ela sorriu. — Afinal quem gravou o vídeo fui eu, lembra? — disse sorrindo para ela.

Quando viu o sorriso que tanta amava, segurou um suspiro e o beijou. Ele a abraçou com um pouco de força.

— Magnus, estou sem ar.

— Tenho que tomar cuidado, você é frágil — brincou ele.

— Não sou frágil, Magnus — disse séria.

— Perto do meu tamanho e da minha força, sim, você é frágil — retrucou.

Ela se encostou em seu peito e ficou ali, recebendo carinho em seus

cabelos. Entraram na cidade e foram direto para o hospital, o biso ainda estava internado devido à recém-descoberta de um problema cardíaco, arteriosclerose. Ao saber da notícia, ela pesquisou na internet sobre aquela condição, e ficou assustada ao ler que era associada ao envelhecimento. Reconheceu vários fatores que já havia presenciado com o bisavô, ainda pelo fato de ele ter problema de colesterol e não se controlar em relação à comida gordurosa. Ao descer do carro, Amélia seguiu André e entraram no quarto, encontrando o bisavô sentado, rindo e conversando com Júlio e Fábio.

— Aí está a noiva do ano — disse todo sorridente.

— Como o senhor sabe? — Ela o olhou assustada e parou na entrada.

Ele cruzou os braços e sorriu, inclinando a cabeça de lado. Ela fechou os olhos com força e se virou para André.

— Fofoqueiro! — Deu um soco no braço do primo.

— Sou mesmo e você sabe — disse indo em direção ao biso e o abraçou.

— Como o senhor está? — Ela o abraçou com força.

— Bem, estou esperando essa palhaçada toda acabar e poder voltar para minha casa e minha rotina. — Deu ombros. — Por que não está na universidade?

— Estou com Magnus desde quinta na cidade vizinha, estava tendo greve dos professores e resolvi aproveitar! — explicou Amélia.

— Sei... — Virou-se para Magnus. — Magnus, posso conversar com você?

— Claro!

— Todos para fora, até você, minha menina — pediu, tocando com carinho no rosto de Amélia.

Assim que saíram, Amélia se virou para o primo.

— Seu fofoqueiro, eu queria ter contado primeiro para os meus pais —

Amélia disse dando um soco no braço de André, que apenas ria.

— E como foi o pedido? — perguntou Júlio, curioso.

— Foi... — Ela parou e se lembrou do momento do pedido, e abriu um sorriso apaixonado. — Simplesmente perfeito.

— Sabemos — comentou Fábio.

— Como? — perguntou confusa.

— Eu criei um grupo e postei as fotos que tirei — André disse olhando para a prima.

— Meu Deus, como você pode ser tão fofoqueiro assim! — Amélia riu.

— Fico feliz por você, Pimenta. — Júlio se aproximou e a abraçou. — Mas e como fica seu príncipe azul?

— É o Magnus — disse sorrindo e explicou o que realmente tinha acontecido no dia, apenas André sabia.

— Caramba, então você realizou seu sonho do primeiro amor. — Fábio a abraçou com carinho — Mas é foda saber que você vai se casar.

— Rapazes, minha menina — Américo os chamou. Ela entrou sorrindo e se aproximou do biso, que estava um pouco sério. — Minha menina, você sabe que ele terá que fazer o pedido para seu pai, certo?

— Sim, biso, eu sei.

— Agora me explica uma coisa, que porra foi aquele vídeo? — perguntou horrorizado.

— Bom, biso... Então...

— Essa eu quero ver — provocou Júlio, rindo.

— Foi ideia minha, Américo, eu gravei sem ela saber e postei na rede social dela — Magnus disse.

Américo olhou para Magnus, que estava encostado na parede.

— Magnus, meu querido futuro bisneto, não se intrometa.

Ouviram risadas pelo quarto e até Amélia riu e o olhou com carinho,

mas se lembrou de ele a chamando de frágil e fechou a cara.

— O que foi, minha menina?

— Nada, biso, é só uma coisa que lembrei, apenas isso — disse e tocou no rosto do bisavô, não estava pronta para lhe dizer adeus.

— Amélia, me fale o que foi? — insistiu ele.

— É que... me chamaram de frágil — cochichou.

— Bate em que te chamou assim! — indignou-se.

— A pessoa é um pouco grande para mim, biso — explicou, rindo. — Se fosse os meninos, era tranquilo, pois sei o ponto fraco.

— Só porque é maior que você, não significa que você não possa bater, minha menina — disse e apertou a bochecha dela.

Despediram-se de Américo e foram direto para a garagem. Entraram no carro e ficaram esperando André, que ficou conversando com o bisavô.

— Vai bater em mim? — Ele a olhou e sorriu. Ela riu alto e balançou a cabeça.

— Você é bem maior que eu, Magnus. Um pequeno aperto e quase fiquei sem ar. Imagina se me bater, me desmonta — disse gargalhando.

— Eu jamais encostaria um dedo em você, amor! — Viu que ele ficou com uma expressão séria por causa do comentário. Ela subiu em seu colo e o beijou. Sentiu a mão de Magnus por baixo da blusa dela. — Não faz isso — advertiu ao sentir a namorada rebolar.

— Por quê? — Ela o olhou de forma provocadora e rebolou novamente.

— Pode, por favor, soltar minha prima, Magnus — André disse se sentando no banco da frente.

— Juro, André, às vezes acho que fica ouvindo minhas conversas, sempre foi assim. Intrumetido — resmungou e desceu do colo de Magnus.

— Ei, Pimenta, senta no meio, vamos dar carona para o Júlio.

— Não! — Amélia gemeu baixo e pegou a mochila.

A porta foi aberta. Júlio olhou seriamente para a prima e se sentou. Júlio era um moreno alto, com algumas tatuagens. Todos os seus primos eram bonitos, não só pela questão do corpo em dia, mas porque eram bonitos mesmo. Mas Júlio era diferente. Ele a socorrera quando havia sido espancada por Gustavo.

— Você, garota... — Júlio apontou para ela.

Magnus olhou para o policial e viu que ele estava a ponto de estourar. Por mais que tivesse contato com André desde os seus seis ou sete anos, não tivera tanto contato com seus irmãos ou primos. Magnus ergueu o braço e abraçou Amélia, trazendo-a para si.

— Ei, ei, ei, segura a onda aí, Lacarez. Isso é uma conversa de família — disse tirando o braço dele de cima de Amélia.

— Júlio, não enche! — Amélia se virou para o primo.

— Não terminamos, ainda... Você é louca? — Ele cruzou os braços. — Eu deveria ter te seguido naquele dia que a vi na rua. Onde você estava com a cabeça de ficar nessa de encontros às escondidas? — disse muito sério.

— É sério?

— E se fosse não fosse ele? — Júlio apontou para Magnus. — E se fosse a droga de um estuprador que te levasse para o meio da floresta e te matasse ali mesmo?

Amélia se encolheu. Quando ia falar com o primo, viu a arma em sua cintura e arregalou os olhos.

— Desculpa. — Percebeu o medo da prima e cobriu a arma. — Só fiquei preocupado contigo, Pimenta, você sabe como é meu trabalho.

— Desculpa — pediu ela baixinho.

— Vem cá. — Ele a abraçou com carinho, deu um beijo em seus cabelos. — E tem mais, não está sendo fácil aceitar que você ficou noiva —

disse rindo. — Justo você.

— Não começa. — Ela riu.

— Por que justo ela? — Magnus perguntou curioso.

— Ah, ele não sabe? — Júlio sorriu estranho para a prima.

— Não, irmão — André disse rindo.

— Você sabe que está noivo de uma ogra, né? Ela só tem cara e corpo de princesa. Mas briga que nem homem quando é preciso. Sabia que ela quase foi expulsa da pré-escola?

— Da pré-escola? — Magnus olhou curioso para o policial.

— Júlio! — Ela olhava sem acreditar para o primo.

— Sim! Um dos meninos estava batendo nela e ela o mordeu com tanta força, que quase rasgou o braço do menino.

— Não foi assim. — Ela tentou se justificar. — Ele me empurrou e...

— E foi para cima dele e o mordeu feio — André disse. — Eu lembro. Encolheu-se ao ouvir a gargalhada de Magnus e cruzou os braços.

— Tom, tem alguma acusação contra mim também? Aproveita o momento — Amélia disse séria.

— Não, senhorita. Vai que você me morde — respondeu Tom, rindo.

Segurou o riso enquanto os quatro riam, sentiu a mão de Magnus em sua cintura.

— Vem cá.

— Nem vem, você também está rindo, pode tirar a mão — resmungou tirando a mão dele e rindo.

Ele riu e a puxou para um beijo.

— Argh, como consegue irmão? — Júlio perguntou virando a cara.

— Nem olho mais — André riu.

Chegaram em frente à delegacia e despediram-se de Júlio.

— Cara, como eu admiro a tia Nina, não sei como ela aguenta. —

Amélia olhou para o primo. — O marido e filho policial, um filho militar.

— Sem contar que o Nilo está no mesmo caminho — André comentou.

— Faz tempo que não vejo o Nilo.

— Está na selva. — André riu.

Magnus a puxou para seu colo.

— Só vamos poder nos ver agora daqui duas semanas, mas pode mandar mensagens e me ligar.

— Ok, vou aproveitar para me preparar para a reunião que irei participar, adiantar alguns trabalhos da faculdade e me preparar para a semana de provas que começara em breve. — Abraçou-o com carinho

— Só de ouvir fiquei cansado — ele a provocou.

— Nem me fale. — Encostou a cabeça em seu peito. — E como você estará longe, não terei como me desestressar, então, já viu!

— Não se preocupa. — Ele ergueu o rosto da amada. — Quando voltar, prometo lhe recompensar muito bem. — E a beijou.



Na terça-feira, logo na primeira aula, sentiu os olhares sobre ela, afinal sua foto com Magnus havia caído nos sites de fofocas e depois daquele vídeo parecia que tudo havia piorado. Estava fazendo um trabalho em grupo com Caique e mais algumas pessoas quando ergueu a cabeça e uma menina a encarava.

— Me fala — a menina começou a dizer —, deu para ele em forma de agradecimento pelo estágio? — Sorriu.

Todos do grupo ergueram a cabeça e olharam para ela. Amélia respirou fundo e a ignorou, era a melhor forma de evitar dor de cabeça. Pegou o questionário, levantou-se e andou em direção à mesa do professor, entregando-o a José Carlos.

— Podemos conversar depois da aula? — perguntou o professor.

— Sim, senhor.

Voltou a se sentar em sua mesa, olhou para a menina que ria e conversava com as amigas, semicerrou os olhos ao vê-la menina mexendo os

lábios e dizendo *puta*. Amélia virou o rosto e ficou olhando para a janela, sabia que seria difícil, mas não achou que fosse ter problemas na faculdade por conta disso. Depois da aula, foi em direção à sala do professor José Carlos.

— O que o senhor deseja?

— Amélia, não sou tão velho assim — disse sorrindo e indicou uma cadeira à sua frente. — Sente-se.

— Aconteceu algo? — Ela se sentou e deixou a mochila no chão. — Eu fiz alguma tradução errada e atrapalhou a sua apresentação?!

— Não! — Ele sorriu e ergueu a mão. — As traduções estavam perfeitas, como sempre. — Olhou-a por um momento e respirou fundo. Levantou-se da cadeira, deu a volta pela mesa, ficou ao lado de Amélia e encostou o quadril na mesa. — Eu preciso saber de uma coisa... — começou sério. — Quando começou a se relacionar com Magnus...

— Eu só tive contato com ele na entrevista que ele veio no lugar de Susan — adiantou-se ela, entendendo o motivo da conversa. — Já fazia uma semana que estava no estágio e só o reencontrei quando fomos na reserva!

— Tudo bem! — Ele tocou em seu ombro. — Sabe que tenho que perguntar, pois sou o orientador do estágio na fundação e se souberem que...

— Eu entendi... — Ela o olhou. — Mas eu juro, tudo aconteceu como eu lhe falei!

— Eu acredito! — Ele sorriu.

Saiu da sala do professor e respirou fundo, indo em direção à lanchonete. Olhou pelo local e avistou Lisandra, que conversava e ria com as amigas do curso, pensou em ir até ela, mas achou melhor não. Procurou por uma mesa vazia e se sentou, deixou a mochila no chão e ficou de olhos fechados por um momento. Assustou-se quando seu celular começou a tocar e sorriu ao ver quem era.

— Oi, Prince.

— *Oi.* — Ouviu a voz dele e sentiu um pouco de conforto. — *O que houve? Sua voz está triste.*

— Eu acabei de sair da sala do meu professor...

— *E?*

— Ele fez umas perguntas relacionadas a você e... — Parou de falar ao ouvir um barulho forte. — Está tudo bem?

— *Sim.* — A voz dele estava séria. Amélia engoliu em seco. — *Que tipo de perguntas?*

— Na verdade, ele queria apenas ter certeza que não me envolvi com você por causa do meu estágio.

— *Ele fez alguma ameaça ou chantagem?*

— O quê?! Não, ele apenas queria saber, pois como ele é orientador e me indicou ao estágio, acho que queria saber para não ficar feio para o lado dele!

— *Tudo bem, preparada para a reunião?*

— Não sei se consigo — disse baixo e desanimada. — Eu ouvi sobre os outros projetos e...

— *Ei, primeiro, não pensa assim.* — Ela sorriu. — *Segundo, seu projeto além de ser para uma causa nobre, tem o ponto importante que é sua ligação com os moradores do asilo.*

— Não tinha pensado por esse lado.

— Um truque, quando for falar, mexa os dedos dos pés!

— Por quê?

— *Porque nunca ninguém olha para os pés de uma pessoa quando ela está discursando.* — Amélia sorriu e balançou a cabeça. — *Tenho que ir, mais à noite eu te ligo para saber sobre a reunião, tudo bem?*

Assim que entrou na fundação, seguiu para a sala onde seu professor estaria e acabou encontrando Susan no corredor.

— Amélia, precisamos conversar — disse Susan assim que a viu. — Aline, deixe tudo pronto para a reunião.

— Sim, senhora — a mulher disse sorrindo e se afastou.

— Vamos até a minha sala. — Assim que entraram na sala, Susan se virou para ela, analisou-a por um instante, mas, então, sorriu abertamente e abraçou. — Me deixe ver o anel!! — pediu, pegando a mão de Amélia.

— Bem...

— Como assim, Magnus fez o pedido sem o anel!? — perguntou com os olhos arregalados.

— Ele me disse que o anel ia ficar pronto uma semana antes do pedido original de casamento e por isso...

— Humm, mas ainda não muda o fato de que ele não tinha o anel! — Susan andou em direção à mesa e a olhou. — Posso ver seu projeto?

— Não é melhor eu entregar na reunião? — Amélia a olhou em dúvida. — Não quero que pensem que estou tirando vantagem.

— Esses aqui... — Apontou para uma pequena pilha de pastas. — São todos os projetos, falta apenas o seu. — Esticou a mão à espera do projeto. — Você agora é noiva de Magnus, então, de todo o modo...

— Não muda nada, Susan! — Amélia ressaltou e lhe entregou o projeto. — Não é porque aceitei me casar com ele que tenho que ter regalias!

— Você fala isso até usar a “regalia” pela primeira vez e se acostumar! — Ela sorriu. — Entenda, eu já fui como você. — A mulher se levantou e pegou na mão de Amélia. — Queria minha independência, mesmo sendo casada com Arthur e só foi pior, afinal, sempre quebrava a cara. Mas se você é do tipo de pessoa que quer aprender errando em vez de ouvir a voz experiência, saiba que sou o tipo de pessoa que ama dizer um “eu avisei!”. —

Amélia sorriu e balançou a cabeça. — E mais uma coisa, temos que marcar uma reunião com sua mãe, suas tias e suas melhores amigas. Irei marcar um horário com Laura, ela é a organizadora em quem mais confio, ela cuidará da festa do noivado e do casamento...

— Espera... — Amélia a olhou sem entender. — Festa de noivado?

— Sim. — Susan abriu ainda mais o sorriso. — Sem contar também a entrevista para a revista que fará o anúncio do noivado, tem preferência por alguma?

— Não é melhor esperar escolher a data e então mandar o convite para os convidados? — Amélia se encolheu na cadeira com o olhar que recebeu.

— Amélia, entenda, Magnus é o meu primeiro neto. — Susan ficou séria. — E será o primeiro que realmente irá casar e todos sabem que sigo à risca todas as tradições!

— Desculpa — Amélia murmurou.

— Te perdoo apenas dessa vez, pois ainda não está acostumada. — Susan sorriu. — Quando marcar com Laura, lhe aviso e você avisa as mulheres que quer presente no dia, tudo bem?

— Sim.

— Agora pode ir trabalhar, pois sei que tem está com as cartas do Marquês.

Amélia apenas acenou com a cabeça e saiu do escritório, desceu as escadas e foi em direção à sala. Ao entrar, já havia outros estagiários por ali. Foi em direção a José Carlos, que lhe entregou a pasta com o que teria de trabalhar. Amélia se sentou e se concentrou em seu trabalho.

Ela respirava fortemente e tentava acalmar a ansiedade que se instalara em seu corpo assim que José Carlos anunciou que estava na hora da reunião. Olhava abismada e assustada para os projetos apresentados.

Tinha que fazer slides?!

Olhou para sua pequena pasta, que continha o desenho que ela própria tinha feito, mostrando como seria o baile, duas páginas contendo explicações sobre o evento solidário e algumas fotos dos vovôs do asilo que estavam em seu celular. Olhou para uma das diretoras que fazia uma belíssima apresentação sobre a preservação do ecossistema da cidade.

“Eu não vou conseguir!

Ninfa.”

“Vai sim!

Se lembre o porquê de os vovôs terem confiado essa responsabilidade a você!

E o principal, fale com o seu coração e não se esqueça de mexer os dedos dos pés!

Prince.”

— Amélia, sua vez! — Susan falou calmamente.

Ergueu a cabeça e acenou, andou em direção à mesa, abriu a pasta que continha sua apresentação, olhou para as pessoas à sua frente e sentiu seu corpo suar. Odiava falar em público. Passeou os olhos pelas pessoas que a olhavam, algumas cochichavam e davam risadinhas, mas seu olhar parou em Susan, que fez um leve aceno com a cabeça em forma de incentivo.

— Avós — começou timidamente. — Ao ouvirem essa simples palavra, o que muitos se lembram? Um local? Um objeto? Um cheiro talvez? — Mexeu os dedos dos pés e continuou: — Muitos aqui devem ter alguma lembrança com essas pessoas que de certa forma são importantes em nossas vidas! — Respirou fundo e deixou que seu coração comandasse. Fez um aceno com a cabeça e o rapaz que controlava as apresentações colocou a foto no telão.

“Acho que muitos conhecem esses jovens, não preciso lembrar quem são, mas e essas pessoas? — A foto atrás de si foi mudada. — Esses senhores

e senhoras são os jovens que ajudaram a salvar nossa cidade na grande ressaca! Mas o que realmente sabem sobre eles? O que fizeram de sua vida? Tiveram filhos? Tiveram alguma pessoa com quem se importassem? — Parou por um momento, virou um pouco o rosto e admirou a foto que ela própria havia tirado.

“Essa é Julieta Bragança, mais conhecida carinhosamente como dona Juju. Sabiam que ela foi deserdada pelo pai apenas pelo fato de que depois de ter ajudado a cidade seguiu fiel seu coração e se tornou uma enfermeira, renegando o dinheiro e o nome de sua família? — Mudou a foto e sorriu amplamente. — Lara Costa, ex miss São Paulo 55, se tornou uma fiel ativista dos direitos dos animais! Vegana em todo sentido possível! Mas não resiste a uma paçoca, ainda mais se for caseira! — Ouviu risadas pela sala.

“E esse... — Apontou sorrindo para o senhor que aparecia. — Antônio de Luca, ele é neto de um dos homens que foram mortos na Revolta da Chibata e por isso se alistou na Marinha, para honrar o avô! Poderia ficar aqui contando as várias história que sei... — Respirou fundo, tentando controlar a emoção. — O que muitos não sabem é que a maioria dessas pessoas foi abandonada pela família no asilo. Alguns nem tiveram a oportunidade de conhecer os netos, outros se mudaram apenas para não se sentirem mais sozinhos! A única coisa que querem é que apenas um dia as pessoas se lembrem novamente deles! E queiram saber o que aconteceu com eles! — Virou-se e olhou para a foto, sentiu em sua garganta o nó que se formava. Olhou para os homens e mulheres que nem sabiam o quanto significam em sua vida quando se viu sozinha. — Eles só precisam de carinho e atenção!”

Na sexta feira, Amélia desceu de sua bicicleta, e a deixou no bicicletário. Ao entrar na fundação, ouviu algumas risadinhas e não entendeu

muito bem o que estava acontecendo, algumas pessoas a olhavam e riam. Ao abrir a porta de sua sala, algumas meninas a olhavam e riam descaradamente.

— Ei, me fala... — Noélia a interceptou. — Como é ser a mais nova chifruda na cidade?

Noélia era uma ruiva um tanto extravagante, estava no fim do curso e por ser o braço direito de José Carlos, sempre se achava a dona do local.

Amélia pegou o celular e o olhou, era um vídeo e Magnus estava aos beijos com Melina.

— Quando foi isso? — perguntou baixo.

— Ontem à noite — Noelia disse rindo e pegando o celular de sua mão. — Eles estavam no O Clube.

Amélia acenou com a cabeça, andou em direção à sua mesa e se sentou, tirou a pasta de dentro da mochila e a abriu sobre a mesa.

— Sinto muito, Amélia — Caique disse baixo.

— Não precisa... — Ela o olhou e sorriu. — Isso é vídeo antigo.

— Claro que não. — Noelia riu. — Ele estava no O Clube ontem.

— Humm... — Amélia a encarou por um momento. — A não ser que tenha sido inventado um teletransporte e Magnus tenha um e eu não saiba.

— Então é do tipo que gosta de passar pano para homens.

— Não estou passando pano — rebateu Amélia. — Como disse, o vídeo é antigo, começa pelo fato de que Magnus nem no país está! Pensei que fosse mais inteligente e não do tipo que acredita em tudo que é postado na internet!

Noelia a olhou séria e se afastou. Estava abrindo o estojo quando seu celular começou a tocar.

— Oi.

— *Você já viu o vídeo, não é?* — ele perguntou baixo.

— Sim. — Ela ergueu os olhos e as meninas a olharam dando

risadinhas. — Não se preocupa, vindo da Melina, posso esperar qualquer coisa.

— *Desculpa por isso.*

— Tudo bem, já estou acostumada com gente grande se portando pior que criança de cinco anos. — Ouviu a risada dele e sorriu. — E como foi? Conseguiu o que queria?

— *No momento estou no aguardo* — ele suspirou.

— Hum. — Ela se recostou na cadeira. — Visita algum lugar.

— *Não vejo graça sozinho. O que está fazendo no momento?*

— Fiquei responsável pelas traduções das trocas de cartas entre o Marquês e o primo. — Ela ergueu os olhos e viu o professor José Carlos entrar e se aproximar. — Eu tenho que ir. Beijo. — Ela desligou o celular. — Aqui estão todas as traduções. — Entregou-lhe uma pasta. — E essas aqui são traduções que fiz e deixei o vocabulário em melhor entendimento, caso precise usá-las em alguma apresentação.

— Uau! — Ele começou a ler e sorriu. — Excelente trabalho! — Quero que fique responsável pelas traduções de apresentação...

— Mas Noélia... — Amélia olhou para a ruiva que se aproximava.

— José? — Ela parou ao lado do homem e tocou em seu braço. — Eu sou a responsável, lembra?

— Sim, mas prefiro o modo como Amélia faz. — Ele a olhou seriamente. — E seu contrato está para acabar e não irei renovar, afinal, esse é seu último ano!

— Mas você me garantiu uma vaga na equipe principal. — A ruiva o olhou e fez um beicinho.

— Hum. — Ele tirou a mão da ruiva de seu braço. — Me desculpe, mas quem escolhe é Susan e não eu!

Ouviram barulho na porta que foi aberta por Aline, que os olhou com

interesse.

— José Carlos, a reunião! — avisou Aline, sorrindo.

Ele apenas acenou com a cabeça, pegou uma pasta e a entregou para Amélia, que ao pegar o olhou um pouco tímida.

— Mas...

— Minha escolha está feita! — afirmou. — Gosto do modo como traduz e como as deixa para apresentação! — Ela acenou com a cabeça. — Podem ir todos. Depois da reunião, não irei voltar e essa semana começam as provas, quero que estudem um pouco mais!

Amélia guardou a pasta dentro de sua mochila, pegou a jaqueta e saiu da sala. Estava descendo a escadaria quando ouviu seu celular tocar, quando ia atendê-lo, bateu de frente em alguém.

— Opa, está tudo bem?

— Sim. — Ela ergueu o rosto e sorriu. — Heitor, oi!

— Olá. — Ele sorriu e a abraçou forte. — Sabe, vim atrás de você!

— Heitor, eu...

Uma mulher entrou e segurava alguns livros na mão. Ela ficou encarando Amélia, piscou algumas vezes e sorriu.

— Prazer... — Estendeu a mão para Amélia. — Cristina D'Ávilla.

— Prazer. Amélia.

A mulher a analisava e sorria. Amélia ficou um pouco incomodada, afinal o modo como a mulher a olhava e tocava em sua mão era um pouco estranho.

— Sabe, que tal almoçarmos juntos? — Heitor propôs.

— Sim — Cristina disse animada e a olhou. — Desculpa, é só que minha mãe sempre foi uma fã das histórias da cidade e quando Heitor me disse sobre você... — Ela abraçou os livros. — Fiquei feliz em saber que os livros que minha mãe tanto amava poderiam ajudar alguém!

Amélia sorriu, acenou com a cabeça e saíram da fundação. Ela foi andando entre o casal e parou.

— Minha bicicleta...

— Não dirige? — questionou Heitor.

— Na verdade, eu... — titubeou, envergonhada. — Tenho medo!

— Te entendo — Cristina disse. — Fui conseguir tirar a minha quase aos trinta!

— Rafael... — Heitor disse sério para um homem que se aproximava.

— Mande que peguem a bicicleta da minha fi... — Ele parou rapidamente.

— De Amélia e entreguem em sua casa!

— Sim, senhor.

— Você tinha que ver... — Cristina disse rindo e olhando para o irmão.

— Acho que nunca o vi gritar tão alto quanto aquele dia!

— Acabou a palhaçada? — perguntou Heitor, com cara fechada e os braços cruzados.

— Me desculpa. — Amélia limpava as lágrimas que escorriam. — Eu entendo seu medo. — Ela respirou fundo e o olhou. — Mas foi engraçado! Afinal, é difícil imaginar você com medo de lagartixa. — O homem a olhou mortalmente. Amélia mordeu a bochecha e não conseguiu controlar o riso que veio. — Me desculpa. Mas se servir de consolo, eu tenho medo de coelho!

— Sério? — Cristina a olhou surpresa.

— Sim. — Ela a olhou. — Isso tudo começou depois que meio que sacaneei meus primos e os fiz ficar de castigo. Em forma de retaliação, me fizeram assistir A Noite dos Coelhos. — Ela bebeu um pouco do suco que pedira. — Então, sempre que vejo um, me tremo toda!

Heitor riu, tomou um gole do vinho e se recostou na cadeira, ficou

olhando para Amélia, que sorria e conversava com Cristina. Já era o momento de ela saber a verdade. Não importava a quem fosse doer, mas não iria ficar mais escondido. Limpou a garganta e quando pensou em falar, seus olhos foram atraídos para a entrada do restaurante, respirou fundo e ficou admirando a mulher que entrava. Raja sorria e conversava com as irmãs. Então ela o viu junto com Amélia. Ela parou abruptamente e o encarou, e pôde ver a dor em seus olhos. Doeu em si? Sim, muito. Nunca gostou de fazê-la infeliz, mas já havia ficado longe o suficiente de sua filha.

— Filha...

— Mãe? — Amélia a olhou sorrindo e se levantou, abraçando-a com carinho. Abraçou e beijou as tias que estavam juntas. — O que fazem aqui!?

— Eu vim almoçar com suas tias, faz tempo que não temos um almoço só nosso. — Raja tentou a todo custo não olhar para o homem sentado à mesa. — Mas o que você faz aqui? Pensei que estivesse no serviço?

— E estava. Mas fui dispensada mais cedo e acabei esbarrando em Heitor e na irmã dela, que estavam atrás de mim, para me dar os livros que pertenciam à mãe deles. — Ela virou o rosto para Heitor, que ainda olhava para Raja. — Ah, sabia que Heitor foi ex-comandante do Magnus?

Amélia falava toda animada. Heitor não desviava o olhar de Raja. Não importava quantos anos haviam se passado, ela ainda seria sua menina, a mesma menina que o encantara quando a viu pela primeira vez, de sorriso fácil e jeito meigo. Engoliu em seco ao perceber que ainda a desejava da mesma forma de quando eram jovens. Raja o olhou e logo desviou o olhar.

— Sente-se conosco — convidou Heitor, baixo.

— Sim. — Amélia a olhou e segurou em sua mão. — Por favor.

Raja olhou para o homem à sua frente. De certo modo seu coração ainda batia acelerado por ele, mas a raiva pela humilhação que sofrera ainda falava mais alto.

— Melhor não. — Raja deu um sorriso forçado. — Preciso conversar algo com suas tias. — Amélia apenas acenou com a cabeça. — Como vai, Cristina?

— Olá, Raja.

— Espera. — Amélia olhou para a mãe. — Vocês se conhecem?

— Sim — sua tia Rosa respondeu. — Nossos pais eram amigos!

— E desde quando a vovó tinha amigos? — Amélia olhou para a tia e gemeu baixo. — Ai! — Esfregou as costas da mão e olhou para a mãe. — Mas eu disse a verdade e a senhora sabe!

— Concordo com ela. — Nina sorriu e olhou para a sobrinha. — Bom, iremos deixá-los falando sobre os livros. — Pensou por um momento. — Afinal, do que se trata esses livros?

— Ah, sobre o dialeto antigo. — Amélia sorriu. — Disseram que a mãe deles era apaixonada pelas histórias e ficavam com dó em vê-los pegando poeira na prateleira! Irão me ajudar bastante com algumas provas. Falando em prova... — gemeu baixo. — Susan mandou avisar que irá marcar um encontro com a cerimonialista e quer vocês lá! — Olhou para a mãe e as tias que se sentavam à mesa ao lado.

— Cerimonialista? — Cristina a olhou com carinho.

— Sim. Magnus me pediu em casamento e Susan quer seguir tudo à risca! — concluiu com uma careta.

— E pelo visto você não gosta dessas tradições! — observou Cristina.

— Olha, sinceramente? — Amélia a olhou. — Magnus estando presente e um padre, para mim, está tudo ótimo! Para que complicar as coisas?

Amélia gemeu baixo e não percebeu que todos os presentes a olhavam; Cristina e Heitor sorriam, Nina e Rosa olhavam para a irmã caçula, que olhou para a filha, esticou-se um pouco e tocou em sua mão.

— É assim que funciona, filha — disse Raja, com carinho.

— Não! O povo complica mesmo, mãe! — retrucou.

Cristina segurou uma gargalhada e olhou para o irmão, que olhava para a filha e sorria. Olhou para a sobrinha e percebeu que não herdara apenas o nome, mas também a forma de pensar de sua mãe. Voltou o olhar para o irmão novamente e viu o modo como olhava para Raja, sabia que ele nunca havia superado a separação, e por isso tinha se fechado. Por mais que ele tivesse Pérola, sabia perfeitamente que ele ainda amava Raja. Então desviou os olhos e olhou para a única responsável por aquela separação. Rosa a encarou e sustentou seu olhar. Claro que não iria causar uma cena ali na frente da sobrinha, que nem sabia a real verdade, desviou os olhos e bebeu um pouco do vinho.

— Você vai, não é? — Amélia olhou para Heitor.

— Sim. — Ele sorriu. — Não perco por nada.

— Filha... — Ela virou o rosto e olhou para mãe que se levantava. — Já estamos indo...

— Por quê? — indagou, confusa. — Acabaram de chegar!

— Sua tia Rosa se lembrou que tem uma consulta — Raja disse rapidamente e olhou para a irmã.

— Sim, tenho mesmo. — Ela sorriu.

— Do quê?

— Geriatria. — Raja olhou para a irmã, que a fuzilava com os olhos. — Quando chegar em casa, conversamos melhor, tudo bem?

— Sim, senhora...

— Pode deixar que a levo para a casa. — Heitor se levantou, deu alguns passos e a beijou no rosto. — Até mais, Raja.

Ela o olhou, engoliu em seco e piscou algumas vezes. Raja beijou Amélia no rosto e se afastou, mas antes de sair o olhou mais uma vez.

Na segunda-feira quase no fim do expediente, Amélia sorriu ao ver a mensagem de Magnus, avisando que chegaria à noite e em poucas horas estaria em sua casa. Pediu que arrumasse uma mala com suas roupas para deixar no apartamento.

Estava escolhendo quais roupas deixaria na casa de seus pais quando a porta de seu quarto foi aberta e seu pai entrou.

— O que está acontecendo? — perguntou ele apontando para a mala.

— Magnus avisou que está chegando — respondeu enquanto dobrava algumas camisetas. — E pediu para fazer uma mala para deixar algumas roupas lá.

— Ok. E por quê?

Amélia ergueu o rosto e olhou para seu pai. Ele estava de braços cruzados e a olhava com a testa franzida. Sabia que seu pai ainda não aceitava muito bem seu relacionamento com Magnus. Ela parou em frente a ele e tocou em seu braço com carinho.

— Pai, não sou mais criança. — E o abraçou. — E eu vou deixar algumas roupas aqui.

— Você sempre será minha menininha. — Ela sorriu ao sentir o beijo em seus cabelos e o olhou. — Mas ele ainda não me fez o pedido.

Amélia o olhou seriamente e cruzou os braços, sua mãe entrou no em seu quarto e os olhou com interesse.

— O que está acontecendo?

— Sua filha está nos abandonando! — resmungou ao olhar para a esposa.

— Como assim?!

— Olha a mala que ela está fazendo. — Ele apontou e se sentou na cama. — Ela está nos deixando... — murmurou baixo.

— Pai... — Amélia se aproximou e se sentou ao seu lado. — Como posso deixar o senhor se trabalhar quase no mesmo prédio? Almoçamos no mesmo refeitório e quase sempre nos vemos?

— Mas não vai estar aqui — ele fungou baixo. — Quando eu chegar, não terei com quem conversar sobre nossos programas!

— Podemos conversar por mensagem...

— Não é a mesma coisa! — reclamou.

Ele se levantou e saiu do quarto, Amélia ficou olhando para porta e olhou para sua mãe, que mordida o lábio com os olhos cheios de lágrimas.

— Mãe...

— Eu estou é rindo! — Ela começou a gargalhar e se abanou.

— EU OUVI SUA RISADA DE BRUXA, RAJA! — Ralf gritou do andar de baixo.

— CHORÃO! — rebateu ela e se virou para a filha, que balançava a cabeça e ria. — Vou sentir saudades, mas ficou feliz por você, filha!

Amélia a abraçou com carinho e Raja a ajudou a arrumar sua mala. Pegou sua mochila e desceu a mala com ajuda de sua mãe, deixando-a na sala.

— Por que não jantam conosco? — Raja convidou sorrindo. — Vou pedir pizza!

— Tudo bem.

Ouviram a campainha e seu pai foi atender. Ralf mediu Magnus da cabeça aos pés, virou-se e gritou:

— DORIAN GRAY CHEGOU!

Amélia se aproximou e ficou olhando para o pai.

— É sério?

— Ele nem deve saber quem é...

— Um romance filosófico de Oscar Wilde, que sofreu duras críticas de alguns críticos, pois havia ofendido a sensibilidade moral deles. — Magnus olhou seriamente para o sogro. — Gosto da história. — Ele se aproximou e beijou Amélia, e olhou para Ralf. — Só não tenho meu retrato ainda! — provocou.

— Dorian... — Raja parou e sorriu. — Quero dizer... Magnus! — Amélia balançou a cabeça e riu baixo. — Falei para Amélia que irei pedir pizza e quero que fiquem!

— Por mim tudo bem. — Ele sorriu.

— Aumenta as pizzas. — Ralf apontou para Raja. — Todos da família estão chegando!



Capítulo 18

Magnus pediu para que Tom guardasse no carro as coisas de Amélia. Estavam sentados na sala. Amélia ficou ao lado de Magnus, que segurava com carinho em sua mão e a beijou. Ouviram um pigarro baixo e olharam para Ralf, que fingia assistir à televisão.

— Quer xarope para tosse? — Raja perguntou olhando para o marido.
— A garganta está arranhando, né?!

— É sério vocês dois? — Amélia olhou para os pais. — Pai, já deu, por favor!

— Eu digo quando deu! — Ele a olhou de cara amarrada.

— Olha, Magnus — Raja começou —, se tiver quarto sobrando no seu apartamento, posso pagar aluguel, afinal, ninguém aguenta velho ranzinza!

— Ranzinza é a puta que pariu, Raja! — Ralf disse indignado.

— Não, essa era chata mesmo, pai! — Amélia disse e foi atingida por uma almofada.

— Respeita minha mãe! — Raja a olhou e sorriu. — Se bem que chata

não chega nem perto!

— TIIIOOOO!

Amélia gemeu ao ouvir o coro dos primos e olhou para Magnus, que tocou em seu rosto e a beijou com carinho.

— Estava com saudades — ele disse baixinho.

— Eu também! — ela murmurou e tocou em seu rosto.

— Eu não estava nem um pouco. — Ralf bebeu um pouco da cerveja e olhou sorrindo para o casal que o encarava.

Amélia virou o rosto e sorriu ao ver biso entrando por último e fechando a porta. Ela se levantou e o abraçou com carinho. Américo olhou para todos e andou em direção ao neto mais velho.

— Levanta, sou mais velho e minhas costas doem! — Ralf se levantou. Américo se sentou e pegou a cerveja da mão do neto e a tomou. — Credo! — Entregou de volta a garrafa para ele. — Esqueço que tem gostos estranhos!

— Ei! — Raja olhou para Américo.

— Você foi a única coisa certa que ele fez na vida! — Américo sorriu e olhou para Magnus. — E então?

— O quê? — Magnus o olhou sem entender.

— Minha menina... — O bisavô a olhou seriamente. — Ele tem problema?

— Ele é chefe do André, então... — Lisandra disse olhando para o homem e gemeu. — Ai!

— Fica quieta, vai! — André reclamou. — Magnus, e o pedido? Você deveria ter falado antes com meu tio e depois...

— É sério? — interrompeu Amélia. — E minha vontade não conta? Não vivemos mais na década passada onde filhas eram vistas apenas como uma moeda de troca!

— Pode até ser, Pimenta. — Nilo a olhou. — Mas que irá abrir portas

para nós, reles mortais pobres, quando se casar com ele, isso vai! — Todos os primos concordaram.

— Se eu quiser, né! — retrucou Amélia, brava.

— Família, cheguei! — Minerva abriu a porta e entrou sorrindo.

— Que chupão é esse em seu pescoço, Minerva? — JN perguntou olhando para a irmã.

— Não é nada! — ela disse tentando esconder a marca.

— Soube que Lucius voltou para a cidade — comentou Américo olhando para a bisneta, que ficou vermelha e tentou disfarçar. Todos riram.
— A carne é fraca!

— Biso! — resmungou Minerva.

— O pau que é grande mesmo! — Rosa disse rindo e olhando para a filha.

— Se quiser, eu posso ligar para o Lucius. — Magnus pegou o celular.

— Vai se foder, Magnus! — Minerva disse brava e se sentou ao lado do pai. — Não vai me defender? Sou sua única filha!

— Hum... — Lauro a olhou e sorriu. — Fica difícil, já que não resiste ao pau do Lucius!

— Pai!

Amélia balançou a cabeça rindo e olhou para Magnus, que sorria. Ele a olhou com carinho e a beijou.

— Ow... — Eles pararam de se beijar e olharam para a família. — Respeito, por favor!

— Vocês estavam falando do pau do Lucius e agora pedem respeito?! — argumentou Amélia para os primos. — Mereço. — Revirou os olhos.

— E o pedido? — André olhou para Magnus.

— Ele já fez — Júlio começou e olhou para o filho —, mas quem tem que criar vergonha na cara é você, André!

— Já falei que considero você como um segundo pai? — Lisandra olhou para o sogro.

Todos riram da cara que André fazia. Ele olhou sério para Lisandra.

— Nem vem, ainda não superei! — defendeu-se André.

— Acho que ninguém superou — Américo disse seriamente, bebeu um pouco da cerveja que Ralf lhe havia trazido e olhou para Magnus. — O pedido?

— Tudo bem... — Magnus respirou fundo e olhou para os sogros. Raja estava sentada ao lado de Amélia e o olhava sorrindo. Ralf estava em pé ao lado de Américo e parecia que a qualquer momento iria lhe matar. — Raja, Ralf, eu gostaria de saber se tenho a bênção de vocês para me casar com a Amélia?

— Uma pergunta antes. — Ralf cruzou os braços e o olhou. — Por que tão rápido?

— Porque não consigo mais ficar longe dela e não quero apenas que ela more comigo como minha noiva e sim como minha esposa. Não vejo a hora de ela assinar meu sobrenome, ter direito ao que é meu, quero que todos saibam que ela é minha esposa, que finalmente encontrei a mulher certa para mim... Apenas não posso mais ficar longe de sua filha, Ralf.

Todos olhavam para Magnus e olharam para Amélia, que o admirava e sorria timidamente. Ralf olhou para o homem à sua frente e depois para a filha, há muito tempo que não via aquele sorriso que estampava o rosto dela. Suspirou resignado.

— Você tem a minha bênção — ele disse baixo. — Mas um único aviso — elevou a voz. — Se souber que minha filha sofreu uma grama que for...

— Eu sei... — Magnus olhou para todos da família. — André tem a senha do meu arsenal e ele estará à disposição de todos! — Viu todos os

homens acenando com a cabeça e se virou e Amélia. — Eu te amo!

— Eu te amo! — ela murmurou e o beijou com carinho.

Depois de comerem a pizza e ficarem rindo de algumas histórias, todos da família estavam indo embora e Magnus segurou a mão de Amélia.

— Vamos? — Magnus apertou sua mão.

Ela acenou com a cabeça e se aproximou dos pais, que ainda estavam na cozinha.

— Eu já vou indo — avisou.

Ralf engoliu em seco, piscou algumas vezes, ergueu a cabeça e logo atrás de sua filha estava Magnus, que o encarava. Desviou os olhos e voltou a atenção para a filha que abraçava Raja.

— Admito que é difícil... — Raja tocou com carinho no rosto da filha.
— Mas você não é mais uma criança, e...

Raja parou e segurou um forte choro.

— Mãe... — Amélia a abraçou forte. — Eu sempre vou estar por aqui!

— Eu sei. — Raja limpou os olhos. — Mas agora que realmente caiu a ficha que...

Amélia limpou as lágrimas do rosto da mãe e a abraçou novamente, virou o rosto na direção do homem que estava mais afastado e a evitava olhar nos olhos. Soltou-se de sua mãe e andou em sua direção.

— Pai...

— Só vai, filha! — Ele deu um sorriso forçado. — É melhor ir logo! — Ela acenou com a cabeça e o abraçou. Ralf fechou os olhos e segurou a enorme vontade de chorar. Afastou-a com carinho e tocou em seu rosto. — Já sabe, se precisar, me liga a qualquer hora! — Ela acenou com a cabeça.

Ralf e Raja acompanharam a filha até o carro de Magnus, olharam para o homem que abria a porta para que ela entrasse. Logo a porta se fechou, e

não demorou para que o carro saísse. Os dois entraram na casa e ficaram olhando em volta de modo um pouco estranho, afinal sempre tinha sido os três e agora a casa parecia grande demais, vazia demais.

Ralf estava sentado na cama, olhava para a documentação e riscava alguns pontos para serem conversados, ergueu os olhos e olhou para Raja, que se aproximava e se sentava ao seu lado. Havia dias que ela andava um pouco séria. Ele colocou toda a documentação sobre o criado-mudo.

— O que foi?

— Ainda não superei aquele almoço — ela disse baixo e fechou os olhos.

— Se quiser, podemos contar para ela antes dele! — Ralf apertou sua mão.

— Eu fiquei com medo, Ralf. — Ela o olhou e piscou algumas vezes, mas foi inútil e as lágrimas desceram. — Ele me machucou tanto e agora se acha no direito de roubar minha filha!

— Ei! — Ele limpou as lágrimas do rosto da esposa. — Ele não vai fazer isso! Eu não vou deixar!

— Obrigado por tudo! — Ela o olhou com carinho e o abraçou. — Mas eu sei que você quer fazer uma vida com Suzyane, e eu e minha filha o atrapalhamos...

— Primeiro... — Ele a olhou sério. — Nossa filha! Fui eu quem cuidei, dei comida, estudo e caráter a ela! Segundo, Suzyane entende, eu conversei com ela e resolvemos nos assumir assim que eu e você contarmos a verdade para Amélia!

Raja acenou com a cabeça, respirou fundo e limpou a última lágrima que caía e olhou para Ralf que fechava a cara e cruzava os braços.

— Por que o Magnus?! Ela poderia namorar qualquer um, mas tinha

que ser justo ele?

— Por isso mesmo. — Raja sorriu. — Por sabermos como ela é tímida e reservada. — Ela parou e pensou um pouco. — Magnus estava acostumado com mulheres que pouco se importam com o que pensem delas, estava acostumado com mulheres firmes em suas decisões e sem inibições na cama, agora nossa filha... — Raja parou por um momento. — Sabemos que algo aconteceu com ela, Ralf, e isso a afetou muito!

— Sim! — concordou e suspirou. — Júlio e Lauro ainda investigam sobre aquele homem!

— Nossa filha havia se fechado e Magnus foi o único capaz de fazê-la feliz e aproveitar tudo ao seu redor!

Na terça de manhã, Amélia foi pega por um teste surpresa. Todos ficaram incomodados, inclusive ela. Mas sabia que os livros que havia ganhado de Heitor e Cristina a ajudariam muito. Depois do teste, foi de encontro à amiga que conversava e ria com algumas amigas.

— Oi — cumprimentou ao se aproximar.

— Oi, Lia. — Lisl tirou a bolsa que estava na cadeira e a deixou no chão. — Senta aqui! Estava conversando com as meninas e estávamos pensando em ir no O Clube, que ir junto?

— Não dá. — Ela olhou para amiga e sorriu. — Magnus voltou ontem e vou ficar com ele no apartamento!

— Nossa, vocês não saem? — Uma das amigas de Lisandra a olhou com desdém. — Nunca os vi na praia ou em qualquer lugar da cidade!

— Temos nosso local de diversão — Amélia disse e ouviu Lisl se engasgando. — Larga a mão de ser chata e ficar pensando besteira! Magnus é mais reservado!

— Não é, não! — comentou outra moça. — Ele sempre apareceu nas

capas de revistas aprontando todas!

— Hum, pode ser, mas agora ele não faz mais isso! — retrucou Amélia.

— Também, uma chata como você que acha graça em ficar trancada em casa, quer o quê?!

Amélia olhou para a moça à sua frente e viu as outras concordando com ela, abaixou os olhos e sentiu a mão de Lislá na sua e se levantou.

— Vou indo!

— Lia, espera! — Lislá se levantou e viu a amiga se afastar rapidamente, virou-se e para as mulheres que riam. — Vocês não sabem nada sobre ela, se soubessem a verdade, nunca seriam tão filhas da puta assim!

Lisandra pegou a bolsa e foi atrás da amiga, que havia entrado no banheiro feminino.

— Ei... — Lislá se aproximou da amiga.

— Não se preocupa. — Amélia a olhou com um sorriso amarelo. — Eu estou bem! Já fiquei acostumada com esse tipo de comentários!

— Mas eu não, Amélia! — Lisandra a abraçou fortemente, afastou-se e a olhou. — Quando irá contar?

— Estou esperando o momento certo...

— Lia... — Lislá pegou em sua mão. — Não enrola, por favor! Eu sei que é difícil para você, mas não é certo vocês terem segredos entre si!

Amélia apenas acenou com a cabeça. Estava um pouco ansiosa, afinal a qualquer momento sairia a entrevista que ela e Magnus haviam dado à revista de fofoca da cidade. E falava exclusivamente sobre o seu noivado. Haviam escolhido a data do casamento para duas semanas depois de seu aniversário e a festa de noivado iria acontecer em duas semanas. Ela tinha achado muito em cima da hora, mas não iria ficar brigando com Susan por conta daqueles detalhes.

Voltou para a sala de aula, ouviu o barulho dos celulares e sentiu os

olhares sobre ela. Pegou seu celular e entendeu o motivo: a entrevista estava na internet. No fim da aula, Lislá estava ao seu lado, saíam do prédio e avistaram Tom a esperando, olhou-o sem entender.

— Vamos? — Ele abriu a porta para ela.

— Minha bici...

— Já foi entregue na casa de seus pais! — avisou. Ela apenas suspirou, entrou no carro e colocou o cinto.

Ao chegarem à fundação, desceu do carro e Tom se aproximou.

— Se não for eu a buscá-la, será Sousa ou Henrique, eles sempre irão lhe esperar onde eu estava lhe esperando hoje, tudo bem?

— Sim, e obrigada.

Ele apenas acenou com a cabeça. Ela se virou, entrou no local e foi direto para a sua sala. Pegou os trabalhos que José Carlos havia pedido que fizesse tradução, deixou os livros sobre a mesa, colocou os fones de ouvido e se perdeu no mundo que amava. Ela estava seriamente a tentada a fazer seu TCC sobre o casal fundador da cidade. Amélia gostava de se aprofundar nas histórias antigas da cidade.

Passou a tradução para o computador. José Carlos era o tipo de chefe metódico, ela sempre tinha que fazer duas cópias de cada tradução, uma escrita e outra no computador. Releu para ver se não havia escrito nada errado, sorriu e salvou o arquivo. Mandou para o e-mail dele, recostou-se na cadeira e gemeu baixo. Suas mãos doíam, sua bunda também. Levantou-se e se alongou, olhou para os lados e viu que estava sozinha. Sentou-se no chão e fez o alongamento que sempre fazia quando dançava.

— Me desculpa. — Levantou-se rapidamente ao ver que José Carlos a olhava com curiosidade.

— Tudo bem, só achei interessante essa forma de alongamento. — Ele se encostou em sua mesa e a olhou sorrindo.

Na primeira vez que o viu, ficou impressionada com a beleza dele. Era um homem alto, cabelos escuros, usava uma barba um pouco cheia, mas muito bem-aparada, tinha olhos castanho-escuros e um sorriso fácil. Mas a forma como se vestia não se parecia com a de um professor, usava apenas uma camiseta cinza clara, óculos escuros pendurados na gola da camiseta, calça jeans escura, pulseiras e alguns cordões. Lisandra, quando o viu pela primeira vez, tinha ficado babando. Bom, todas as meninas de sua sala ficaram quando ele entrou sorrindo e anunciando que era o professor.

— Dancei por alguns anos e mantive a mania de me alongar — justificou um pouco tímida.

— Soube da notícia. — Ele sorriu. — Parabéns pelo noivado!

— Obrigada.

Ele ia se afastar, mas avistou os livros em cima da mesa de Amélia.

— Onde conseguiu?

— Ah, sim. — Ela se aproximou. — Heitor D'Ávilla quem me deu! Disse que a mãe dele era uma grande fã da história e do dialeto e tinha vários livros sobre esse tema!

— Isso lhe ajudará bastante com os estudos! Meu avô tinha essa coleção e me ajudou muito! — Ele devolveu os livros e a olhou. — Vamos? Deu o horário!

Ela acenou com a cabeça, guardou os livros em sua mochila, pegou a blusa que havia levado e a colocou sobre o antebraço. Saiu acompanhada de José Carlos, conversando e rindo. Ao saírem do prédio da fundação, parou ao ver o olhar sério de seu professor. Magnus estava encostado em um carro preto conversível, e os olhava com curiosidade. Ele se afastou do carro e andou em sua direção. Amélia ouvia a voz de José Carlos, mas sempre que Magnus estava no local, não conseguia prestar atenção em outras pessoas. Ele parou em sua frente.

— Oi, estava lhe esperando. — Beijou-a com carinho.

— Oi. — Ela tocou em seu braço e sorriu quando ele pegou sua mochila. — Prince, esse é o meu professor...

— Oi, José Carlos — cumprimentou Magnus, sério.

— Oi, Magnus. — Ele o olhou e virou o rosto na direção de Amélia. — Até segunda-feira, Amélia! — Ele se aproximou e a beijou no rosto.

— Até. — Ela sorriu. — Ah, as traduções já estão em seu e-mail.

— Obrigado.

Magnus segurou em sua mão e a conduziu para o carro.

— Solta o cabelo — pediu ele, sorrindo.

— Por quê? — Ela o olhou confusa.

— Quero ver como ele vai ficar com o vento.

Ela virou o rosto e olhou para as árvores, e apontou na direção de uma

— Está vendo aquele ninho? — Ele olhou na direção que ela apontava.

— Então, meu cabelo vai ficar igualzinho a ele!

Magnus riu alto e a beijou. Antes de irem para o apartamento, pararam em restaurante japonês, fizeram o pedido e estavam sentados à mesa. Ela gostou do local, as mesas eram baixas e tinham que se sentar no chão. O casal estava em uma mesa privativa, com biombos em volta. Amélia olhou para o namorado e viu o vinco de preocupação em sua testa.

— O que foi?

— Melina veio novamente atrás de mim.

— E o que ela queria? — Bebeu um pouco do chá gelado que havia pedido.

— Não sei. Deixei meus seguranças em alerta e avisei que está proibida a entrada dela em qualquer empresa minha.

— Sinto muito por isso. Afinal, vocês se conhecem desde o colegial, e querendo ou não têm uma certa ligação!

— Sim — disse baixo, recostou-se no biombo e a olhou. — Ela nunca foi esse tipo de mulher, mas não sei, de uns tempos para cá, ela às vezes tem surtado por algumas coisas!

Amélia acenou com a cabeça, virou o rosto na direção da janela e olhou para o movimento da rua.

— As amigas da Lislá me convidaram para ir ao O Clube — ela disse baixo e o olhou. Ele parou de comer. — Mas não aceitei.

— Se quiser, podemos ir. — Bebeu um pouco do chá gelado.

— Não acho muito graça. — Ela deu de ombros. — E não sei muito bem o porquê, mas não consigo me sentir muito bem lá. — Ele a olhou por um momento e franziu a sobrancelha. — Tudo bem, é legal e tudo mais, mas dizem que tem uma parte dele que é exclusivo para membros e que custa o olho da cara para ser sócio. — Ele apenas acenou com a cabeça. — E ouvi algumas histórias um pouco... estranhas.

— Tipo?

— Dizem que é um clube de sexo! — Magnus arqueou a sobrancelha. — Teve uma amiga da Lislá que foi nessa parte privada e disse que é bem...

— Diferente? — arriscou.

— Estranho. — Ela deu de ombros. — Dizem que o dono é gay! — Ele se engasgou com o chá.

— Como é?!

— Sim, falam que ele aparece poucas vezes e nunca está acompanhado de mulher alguma, mas de homens vive rodeado!

— Talvez ele seja apenas reservado nesse ponto. — Magnus comeu um pouco mais e a olhou.

— Hum, pode ser — concordou e voltou a comer.

Amélia saiu do banho e se jogou na cama, quando a porta foi aberta e

Magnus entrou.

— Que tal vermos algum filme?

— Ok, e...

— Eu escolho dessa vez — ele disse sorrindo e entrou no banheiro.

— Eu faço a pipoca — ela gritou e foi correndo em direção à cozinha.

Ela subiu trazendo um balde de pipoca, duas garrafas de cerveja para ele, duas garrafas de refrigerante para ela e, claro, algumas barras de chocolate. Ele já estava na cama quando ela voltou.

— Qual o filme? — ela perguntou pegando um punhado de pipoca.

— Assiste.

— Chaaato.

A primeira cena mostrava uma mão fazendo alguma dobradura no papel, ela achou interessante, sempre teve vontade de aprender origami. Então a cena foi cortada para o quarto de dois irmãos, o mais velho fazia um pequeno barco de papel.

— Tadinho, olha o medo do menino — comentou ela ao ver a cena do pequeno caçula indo em direção ao porão. Pensou ter visto demais, mas parecia que o garoto dois olhos amarelos.

— Irmão sempre gosta de sacanear irmão. — Ele riu.

— É sério? — Ela apontou para a TV. — Cadê os pais desse menino? Brincar sozinho na chuva?

— Assiste — resmungou ele, bebendo um pouco da cerveja.

— Por que o palhaço está dentro do bueiro? — perguntou confusa. — AH! — gritou Amélia ao se assustar com a cena. — Droga, Magnus, isso é terror! — disse segurando o choro e ficou encostada nele com um travesseiro na frente do rosto o restante do filme.

No meio da noite, Amélia acordou com vontade de comer uma barra de

chocolate que havia deixado na geladeira, criou coragem e foi andando devagar e olhando por todos os lados, teria que contar para ele que sempre passava mal em filmes daquele gênero. Quando chegou ao topo da escada, praticamente desceu correndo, respirou fundo quando chegou à cozinha. Pensou ter ouvido algo e se virou assustada.

— Magnus? — murmurou tremendo de medo.

Foi até a geladeira, abriu-a e ficou com a porta aberta, pegou apenas uma fileira do chocolate e deixou o restante para mais tarde, terminou de comer, bebeu um pouco de água e fechou a porta.

— BUU!

— AH!!!! — Agachou-se e começou a tremer e chorar. Odiava quando ficava assim.

— Amélia?

— Po-por que vo-você fez isso? — perguntou chorando.

Ele se abaixou, tocou em seu braço e a puxou para um abraço.

— Monsheey, me perdoa, não sabia que você ficaria assim — falou baixinho e tocando em seu rosto.

— Só nã-não faz ma-mais isso, po-por favor.

Ela se agarrou a ele, que a pegou no colo.

— Ninfa, me perdoa, por favor — pediu ao colocá-la na cama, abraçando-a com carinho. — Prometo nunca mais fazer isso.

Amélia acordou já era quase meio-dia. Odiava ter aquelas crises de pânico, tinha conseguido dormir já estava amanhecendo. Tomou um banho, colocou um short curto e uma regata roxa, e seguiu para a cozinha.

— Pimenta, está tudo bem? — André perguntou indo em direção à geladeira.

— Não dormi direito — respondeu ela, baixinho.

André olhou para a prima e a achou estranha. Magnus entrou na cozinha e a olhou com um olhar de culpa. André olhou novamente para a prima, que agora estava com a cabeça baixa.

— Você fez ela assistir filme de terror? — André perguntou sério.

— Ela não me falou sobre a crise.

— Imbecil! — André rosnou baixo, deu a volta na ilha e então abraçou a prima. — Ei, não fica assim, o que eu tenho que fazer para você melhorar? — perguntou se abaixando e tocando em seu rosto.

— Não briga com ele, eu não falei sobre a crise.

— Vem, vamos para a casa do biso.

Ela desceu da banqueta e foi abraçada ao primo, que apenas fez um sinal para Magnus dizendo que ligava mais tarde. Eles entraram no elevador, ela o olhou e se encolheu um pouco.

— Porra! — Magnus se sentou no sofá, passou as mãos pelos cabelos e respirou fundo. Como iria saber que ela passava mal com aquilo? Ela nunca tinha dito nada a respeito. Pensou que apenas ia dar um susto na namorada, nada de mais. Tudo bem que ele nunca a tinha visto assistir aquele tipo de filme.

O silêncio que estava novamente em seu apartamento o incomodou. Decidiu trabalhar um pouco e se concentrou nos acordos que tinha de analisar. Levantou os olhos e ficou olhando para a porta, sem conseguir se concentrar direito.

— Magnus. — Ele atendeu o celular que tocava.

— *Seguinte, nunca mais na sua vida faça a Pimenta assistir um filme de terror* — André disse sério. — *Quando ela tinha nove anos, nós a fizemos assistir A noite dos coelhos e desde aquele dia ela tem essas crises, nós nos sentimos culpados por isso. Dessa vez passa, Magnus.* — E desligou.

Ele olhou por um tempo para o celular, olhou para o notebook e

pesquisou sobre o filme, e viu o quão filha da puta eles tinham sido com ela. *Porra, isso é filme para uma criança de nove anos?* Respirou fundo e resolveu ir malhar na academia do prédio, era a única forma para tentar esquecer aquela merda toda. Subiu as escadas e foi direto para o closet. Estava trocando de roupa e sorriu ao se lembrar de quando estava colocando uma calça de moletom e Amélia disse que não gostava muito que ele usasse, pois aquilo era um atentando à sanidade de qualquer mulher.

Chegou à academia e não havia ninguém, colocou os fones de ouvido, e sorriu quando começou a tocar Jeito moleque. Havia esquecido que ela tinha salvado uma playlist que ouvia no celular dele, e deixou rolar a playlist. Estava terminando uma série de barra fixa, quando se virou e viu duas mulheres entrando rindo e conversando. Ele tomou um pouco de água e uma das moças, uma ruiva, olhou e sorriu para ele. Magnus apenas a olhou e começou a analisá-la, tinha olhos verdes sem graça, cabelo liso demais, seios muito pequenos, sem contar que nem bunda tinha direito. Fechou os olhos e respirou fundo, balançou a cabeça e voltou ao treino.

— Oi, vi que ficou me olhando — a ruiva disse sorrindo ao se aproximar enquanto ele corria na esteira.

— Desculpa, não ouvi o que você falou. — Ele parou de correr e tirou os fones.

Ela sorriu ao ouvir a música que ele escutava.

— Gosta desse grupo também? — ela perguntou sorrindo.

— Não, apenas escuto por causa da minha noiva — respondeu sério e voltou a correr.

— Eu disse que você ficou me olhando, mas agora que soube que é noivo, entendo. — Deu um sorriso sacana e tocou em seu braço.

— Apenas a olhava pois estava pensando minha noiva, desculpa se passei a intenção errada — explicou sério e aumentou o ritmo da esteira.

— Ah, sim! Entendo, mas se quiser comparar de outro jeito, estou disponível. — Sorriu para ele.

Ele parou novamente de correr.

— Seria uma puta sacanagem com você, afinal você nem se compara com a minha noiva — declarou sério e logo sorriu.

— Idiota.

Estavam no quarto e ela riu ao ver o urso que ganhara de Magnus quando foram ao parque de diversões junto com seus primos. Tinha sido no dia seguinte ao susto que tomara e ele o dera como uma forma de pedido de desculpas. Ela o chamou de Noal, as letras iniciais dos nomes dos personagens do filme Diário de uma paixão. Tomou um banho relaxante e colocou uma camisola de ursinho. Magnus estava sentado na cama, e a puxou para o seu colo quando ela se aproximou. Amélia se ajeitou melhor e gemeu baixo ao senti-lo duro. Esfregou-se nele e mordeu o lábio inferior quando ele tirou sua camisola.

— Ninfa, olha como ele preenche minha mão perfeitamente — disse e deu um leve aperto no seio dela. Puxou o bico levemente entre os dentes e o chupou sem pressa. — Ergue um pouco o quadril — pediu e ela o fez, gemeu ao sentir o pau dele de encontro ao seu sexo. Amélia se sentou lentamente, sem tirar os olhos dele. — Amo sentir ela pulsando em torno do meu pau. — Ele a segurou pelo quadril e a levantou lentamente. — Isso... desliza, Ninfa.

— Prince...

— Olha como nosso corpo se encaixa perfeitamente. — Ele mordeu seu pescoço e segurou em sua bunda, comandando o ritmo. — Rebola... Isso, minha Ninfa. — Ele a beijou lentamente e gemeu. — Faz de novo — pediu baixinho. — Contrai... Porra, já falei como amo sentir sua boceta desse jeito no meu pau?

Ele se virou com ela e ficou por cima, deu uma mordida em seu pescoço e a olhou.

— O que foi? — perguntou ela.

— Não vou mais usar preservativo.

— Magnus...

— Não dá, Ninfa. — Ele então estocou com força. — Você é perfeita demais para usar aquela merda.

— E se eu ficar grávida? — perguntou receosa.

— Bom, estamos treinando, certo? — Sorriu e estocou com mais força.

Havia avisado a José Carlos que chegaria mais tarde no serviço. Saiu da universidade e foi direto para o consultório, tinha marcado uma consulta com seu ginecologista. No caminho, parou para comprar um salgado e refrigerante. Foi andando tranquilamente pela calçada até chegar ao prédio do consultório. Abriu a porta da sala do consultório e sorriu ao ver algumas gestantes no local, aproximou-se e sorriu para a secretária.

— Oi, Amélia.

— Oi, Ruth.

Até que estava cheio o consultório. Sorriu ao ver uma grávida entrar, ela se sentou com um pouco de dificuldade e ficou alisando a enorme barriga. Amélia entrou no banheiro, estava apertada desde que saíra da faculdade. Ao sair do banheiro, não acreditava no que via.

— O que está fazendo aqui? — perguntou para Magnus, que estava sentado em uma das cadeiras.

— Vim te acompanhar — disse sério.

— Você não tinha reunião hoje? — Ela se sentou ao seu lado.

— Adiantei — explicou.

Ela o encarou por um breve momento e balançou a cabeça, ajeitou-se

melhor na cadeira e percebeu os olhares em direção ao noivo.

— Eu acho que hoje você irá receber muitas homenagens — comentou ela, rindo.

— O quê? — Ele a olhou confuso. Ela apontou com a cabeça e viu algumas grávidas o encarando, algumas deram um sorriso. — Devo me preocupar? — ele cochichou.

— São inofensivas, claro que algumas não conseguem se controlar... Nessa fase tudo fica aflorado, algumas querem quase vinte e quatro horas.

Quando ele ia comentar algo, a secretária pediu para que Amélia entrasse.

— Boa tarde, Amélia.

O médico era um homem alto, cabelos castanho-escuros, olhos verdes e um sorriso muito simpático. Aquele cara parecia um ator de novela.

— Boa tarde, Juliano.

— Namorado? — perguntou ao se sentar em sua cadeira e apontando as cadeiras à sua frente para que eles se acomodassem.

— Noivo — Magnus disse sério.

— Parabéns, Amélia! — Juliano disse sorrindo, e então começou a olhar o resultado dos exames que ela tinha feito. — Bom, está tudo perfeito. — Ele levantou a cabeça e a olhou. — Usam preservativo?

— Não — Magnus respondeu sério e tirou algo do bolso do terno. — Aqui estão os resultados dos meus exames.

— Certo. — Juliano analisou e sorriu para Amélia. — Bom, Amélia, pode ficar em pé — pediu e começou a preparar a injeção. — Pode abaixar um pouco a calça. — Aproximou-se dela.

— Por quê? — Magnus perguntou.

— Vou aplicar o anticoncepcional injetável — Juliano explicou o olhando seriamente. — Prontinho.

Ela se sentou ao seu lado e por pouco não caiu da mesma.

— E se ela quiser engravidar? — Ela apenas o olhou sem acreditar naquilo.

— Bom, ela teria que parar com as injeções, mas levaria um certo tempo para engravidar, afinal, ela já usa esse método há...

— Nove anos — completou ela, com uma cara nada agradável.

— O retorno da fertilidade ocorre vagarosamente, cerca de nove meses após a última injeção trimestral e como ela usa há muito tempo, isso pode demorar ainda mais.

O médico passou mais algumas recomendações a Amélia, e o casal deixou o consultório.

— Que porra de pergunta foi aquela? — perguntou virando-se para ele assim que entraram no carro.

— Foi uma curiosidade — justificou e ligou o carro.

— Você sabe que a escolha é minha, certo?

— Amélia, foi apenas uma curiosidade.



Capítulo 19

No sábado de manhã, Amélia acordou com uma fome um pouco exagerada. Estava procurando algo na geladeira, e quando a fechou deu de cara com uma moça e quase deixou cair as vasilhas que segurava. Ela tinha cabelo curto, o corpo um pouco mignon, mas um belo sorriso no rosto.

— Oi — a moça disse sorrindo.

— Oi. — Amélia colocou as vasilhas em cima da ilha, a moça a olhou e estendeu a mão direita.

— Prazer. Lisa.

— Prazer. Amélia.

— Ah, você é a noiva de Magnus.

— Isso. — Ela sorriu.

— Prazer em conhecê-la. Você quer alguma coisa?

— Estava meio que assaltando a geladeira, ia fazer um lanche — Amélia disse sorrindo.

— Se quiser eu faço dois para você, pode se sentar, que eu cuido agora

— ela disse simpática e começou a mexer nas vasilhas.

— Você é cozinheira? — Ela se sentou na banquetta.

— Sim e às vezes faço papel de governanta. — André entrou e se sentou ao lado da prima.

— Oi, André.

— Oi, Lisa. Vejo que conheceu a Pimenta.

— Espera, ela é a Pimenta? — Lisa perguntou sorrindo.

— Sim, a própria — respondeu André, rindo.

— Oi, Ninfa. — Magnus se aproximou e a beijou com carinho.

— Oi, Prince. — Ela sorriu. — Você está muito ocupado?

— Não, por quê? — perguntou indo em direção à cafeteira e pegou uma xícara de café.

— Eu vou precisar de ajuda.

— Com o quê?

— Então... — Ela sorriu envergonhada. — Eu meio que estava andando pelo apartamento e encontrei um quarto no andar aqui de baixo e ele tem uma vista para o parque da cidade... e... bem... pensei se podia colocar meu material de pintura e desenho ali.

Ele se aproximou, ela abriu as pernas e ele ficou entre elas, colocou uma mão em sua coxa e a apertou.

— Claro que pode, Monsheey — disse sorrindo. — Estava pensando, você trabalha com nu artístico? — perguntou baixinho.

— Olha a putaria! — André disse rindo. — Mereço viu!

— Se arruma e iremos comprar o que precisa.

— Na verdade, eu vou pegar as minhas coisas...

— Amélia, eu quero que você tenha tudo novo — disse sério. — Pensa que é um novo começo.

Ela franziu as sobrancelhas e o olhou por um momento, e balançou a

cabeça.

— Mas tem coisas que queria trazer da casa dos meus pais — informou.

— Tudo bem. Vou pedir para o Tom pegar algumas caixas e então vamos lá, pode ser?

— Ok.

Magnus saiu da cozinha. Ela ficou o olhando por um tempo e se virou para o primo.

— Você vai brigar, não vai? — ele perguntou rindo.

— Não é do jeito que ele quer — respondeu séria.

Ela estava procurando um short jeans para usar quando se assustou ao sentir uma mão em sua cintura.

— Está tudo bem?

— Não muito. — Ela se virou e o olhou. — Quando disse que quero pegar minhas coisas, é porque tem coisas ali que eu comprei com meu dinheiro. Não é porque aceitei me casar com você que significa que tenho que desfazer das minhas coisas para te agradar e ter coisas novas e bonitas. Tenho uma mesa de desenho que ganhei de meu ex-professor, que já faleceu. A maioria das coisas que irei trazer tem valor sentimental.

— Desculpa, não quis impor isso. — Ele traçou os lábios dela com a ponta do dedo. — Provavelmente há coisas que você ainda não comprou porque está guardando o dinheiro para a viagem, certo?

— Sim — ela respondeu um tanto envergonhada.

— Vamos fazer um trato então, eu compro o que você precisa, tipo, tinta, pincel, essas coisas e assim você não mexe no seu dinheiro da viagem, mas com uma condição.

— Qual? — Arqueou a sobrancelha.

— Eu tenho que ir junto na viagem, não vou deixar você zanzando sozinha por Londres nem a pau — ele disse sério e ela sorriu. — E como sei que é uma moça independente, cada um paga o que for usar lá. E mais uma coisa, iremos dividir a conta da estadia no hotel.

— Já aviso que não é nenhum cinco estrelas — avisou sorrindo.

— Por mim tudo bem, mas sozinha você não vai.

Ela o abraçou e beijou seu peito.

Ao descerem, Amélia se assustou quando viu uma caminhonete parada os esperando.

— Ué...

— Mais fácil para transportar as caixas — justificou ele, dando de ombros.

Assim que ele estacionou o carro na frente à casa dos pais de Amélia, ela desceu, pegou sua chave e abriu o portão. Sorriu ao ver Rufus vir correndo abanando o rabo.

— Oi, meu amor, desculpa, mas hoje não tenho nada. — Ela fez um carinho no cachorro que a lambia.

— Que porra é isso?! — Magnus perguntou olhando estranho para o cachorro à sua frente, com a pelagem que mais parecia com dreads.

— Ei, não fala mal do Rufus — repreendeu sorrindo e entraram na casa. — MÃE?

— AQUI NO SEU QUARTO!

Subiram e Amélia riu ao ver a mãe abraçada com uma antiga boneca de pano que havia ganhado quando fez três anos.

— Você achou a Lucy.

Ela se sentou ao lado da mãe, que a abraçou com a força e começou a chorar.

— Por quê? — fungou. — Por que você tinha que crescer? — fungou um pouco mais. — Eu não estou preparada para isso. — Limpou o nariz em um lenço que Magnus ofereceu. — Eu juro por Deus, Magnus, se você fizer minha filha sofrer, eu te capto com faca de pão. — Apontou o dedo para o genro, que riu.

— Para de drama, mãe. Vou deixar algumas coisas aqui ainda, hoje só vim pegar minhas coisas de pintura e desenho.

— Então — ela disse levantando as mãos —, já está me abandonando.

Raja se agarrou a Lucy e voltou a chorar. Amélia olhava para sua mãe, que chorava sem vergonha alguma e segurou um riso. Magnus se sentou ao lado da sogra.

— Prometo que terá uma cópia da chave da nossa casa e terá o código de acesso do apartamento para ir a hora que quiser — Magnus disse a olhando e segurando a sua mão.

— Você jura? — Raja olhou para Magnus como se fosse seu salvador.

— Não faz isso — Amélia disse gemendo baixo.

— Sua ingrata! — Raja se virou para a filha. — Seu noivo é mais cuidadoso comigo que você que é sangue do meu sangue.

— Não sou eu quem está agarrada à Lucy, mãe.

Amélia sorriu e foi pega de surpresa quando Lucy voou em sua cara e caiu deitada em sua cama.

— Não tenha filhos, Magnus, são todos um bando de ingratos.

Raja saiu batendo o pé e Amélia ria da reação da mãe. Ela se sentou na cama e abraçou a Lucy, olhando para Magnus.

— Quando eu saí de casa, minha mãe fez pior, ficou um mês sem falar comigo. — Ele se levantou rindo e pegou a Lucy. — Ela vai?

— Sim, vou deixá-la como enfeite perto dos meus livros.

— Então, o que mais vamos levar?

— Bom, vou pegar meu material de pintura, alguns livros e acho que só.

— E onde fica seu material de pintura? — Ela o puxou pela mão e andaram em direção a um pequeno quarto que havia no segundo andar.

— É sério? — Ele apontou para o cavalete com o pé quebrado, que estava apoiado em um tijolo.

— O que foi? Ainda dá para usar. — Ela o olhou e viu a cara que ele fazia.

— Novo — disse sério.

Magnus andou pelo pequeno quarto, e então viu a mesa de desenho. Era uma mesa antiga com um enorme tampo preto, olhou para os pés da mesa, e viu que eram todos trabalhados.

— Meu professor me deu assim que ficou doente. — Ela se aproximou e ficou olhando-a com carinho.

— Bom, posso pedir para os rapazes virem aqui depois pegá-la. — Ele se aproximou e a tocou. — Se quiser podemos mandar restaurá-la.

— Sempre quis isso, ela é tão bonita.

— É, sim.

— Até hoje me lembro quando seu pai teve a ideia de fazer aqui seu pequeno estúdio. — Raja entrou no quarto e olhou para a filha.

— Eu nunca saí desse quarto mãe, mesmo quando era o quarto de coisas velhas. — Ela andou em direção à janela e olhou para fora, sorrindo. — Aqui sempre teve a melhor luz.

— Desculpa, filha. — Raja se aproximou e abraçou a filha com carinho. — Mas ainda não me acostumei com o fato de que você irá se casar.

— Mãe, eu não vou mudar de cidade, estou apenas a meia hora daqui de carro. Mas em relação à chave da minha casa...

— Não sou tão louca assim, Amélia — Raja disse rindo.

— E o que faço com isso? — Magnus perguntou mostrando um papel para elas. — Esse é o código de acesso...

— Mas sou uma mãe muito carinhosa e preocupada. — Raja pegou o papel da mão do genro. — E gosto de visitar quem eu amo.

— Controladora — Amélia disse baixinho e riu. Raja saiu rindo.

Amélia andou em direção a um quadro de fotografias, e sorriu ao ver uma foto em questão.

— Onde foi isso? — Magnus perguntou parando ao lado dela e apontou para a foto.

— Sempre tiramos um fim de semana e passamos com o biso e essa foi a última vez, sempre que fazemos isso, todos dormimos na sala, sempre foi uma bagunça — disse sorrindo e tirou as fotos de seu quadro. — Bom, acho que é só isso. — Ela olhou pelo quarto e sorriu, afinal, tinha sido ali que viveu os sonhos acordados com ele.

Depois de saírem da casa do pais de Amélia, Magnus resolveu passar em uma loja para comprar os materiais que faltava. A loja era um sonho, e ela ficou encantada. Ela achou um pouco ruim, mas se lembrou do trato deles e teve quase um infarto quando ele comprou quase a loja inteira. Estavam dentro do carro e sentiu a mão dele em sua perna.

— O que foi?

— Você não precisava ter feito aquilo. — Ela o olhou e tocou em sua mão.

Ele estacionou o carro na garagem e se virou para ela.

— Monsheey, entenda, sempre irei respeitar sua independência, mas o que fiz lá na loja não foi para te impressionar ou coisa do tipo, quis apenas que você tivesse o melhor. Eu vi o brilho em seus olhos assim que entramos na loja, mas ficou receosa por gastar demais e mexer no dinheiro da viagem,

por isso eu comprei tudo aquilo. — Ele tocou em seu rosto. — Eu sei o quanto a viagem é importante para você, e eu queria muito poder te levar para conhecer o Reino Unido inteiro, queria te levar para conhecer todos esses países na semana do seu aniversário, mas, como disse, respeito sua independência. E se no momento ela permite apenas Londres, irei respeitar, mesmo não gostando. Me responda com sinceridade, se pudesse, você teria comprado tudo isso que comprei caso não afetasse sua viagem?

— Sim — ela disse envergonhada.

— Amélia, entenda uma coisa, eu posso comprar tudo o que você quiser, mas só irei comprar se você me pedir. Quando nos casarmos, meu dinheiro será seu dinheiro, eu sei que no momento é difícil aceitar tudo isso, sei que acha que está tirando proveito, mas não vejo assim. Não vejo a hora de chegar em nossa casa e ver ela toda revirada porque você resolveu mudar a cara dela, pois está muito desgastada — ele disse rindo.

— Prince, você sabe que não sou assim — retrucou ela, sorrindo.

— Agora. Me fale isso daqui dez anos.

Ele deu um beijo estalado no nariz da noiva.

— Não irei pedir desculpas por ser assim — ela disse séria.

— Quem disse que quero?

Ela sorriu quando viu que o antigo quarto de hóspedes havia se tornado um grande ateliê. Estava do jeito que sempre havia sonhado. Tinha que admitir, Magnus estava certo, ela sempre quis entrar na loja e falar que iria comprar tudo sem arrependimento algum, mas ainda assim, quando o viu fazer aquilo, assustou-se para caralho. Ainda estava se acostumando ao fato de ele ter dinheiro suficiente para comprar o que quisesse sem precisar ficar fazendo contas para ver se não afetaria em nada no fim do mês.

Sentou-se em frente à tela e então começou a fazer uma pintura que há

muito tempo não fazia. Sorriu quando se lembrou de seu professor Milo. Todo o ensinamento que aprendera, as técnicas que ele havia ensinado. Ela gostava de desenhar no caderno, mas pintar tela era bem raro. A pintura era mais um trabalho de relaxamento para sua mente.

— Uau, é lindo. — Ele se aproximou e ficou olhando para o quadro. — Por que um beija-flor?

— Obrigada. Na verdade, é uma homenagem ao meu professor de pintura. — Ela deu um sorriso triste. — Praticamente fui a última aluna dele.

— Quer jantar fora? — sugeriu fazendo um carinho nos cabelos de Amélia.

— Pode ser.

Amélia estava descendo as escadas e viu Magnus conversando com André. Ele a olhou e sorriu.

— O que foi? — perguntou ela, rindo.

— Nada, só ia dizer que está linda. — Ele deu um beijo leve em seus lábios. — Iremos ao novo restaurante de William.

— O que é em frente ao cais?

— Sim, ele tem enchido meu saco para te levar lá.

Por mais que a cidade tivesse belas praias, ela nunca foi tão chegada assim. Ela era muito branca e ficava vermelha como um pimentão com muita facilidade.

Quando se aproximaram do local, Amélia sorriu ao ver bem mais ao fundo alguns navios ancorados. O restaurante era um antigo galpão usado como depósito de carga do porto. Assim que entraram, foram direcionados para o segundo andar do restaurante. O local era incrível. William tivera a ideia de usar algumas peças de navios na decoração. Sorriram ao vê-lo usando roupa de chef. Ele se aproximou, pegou na mão de Amélia e deu um

beijo.

— Uau, não me acostumei a ver você usando roupa assim — ela disse sorrindo.

— Já te avisei, larga ele e como pode ver, eu sei cozinhar — zombou ele, rindo.

— Eu também sei — ela cochichou.

— Falando nisso, fiquei curioso para experimentar a famosa lasanha que Soraia tanto fala.

— Temos que marcar um dia então. — Amélia sorriu para ele.

Conversaram um pouco mais com William, mas logo ele foi requisitado em outra mesa. O vinho foi servido e Amélia olhava para a vista que tinham da mesa onde estavam. Magnus a olhava seriamente.

— O que foi?

— Queria conversar sobre um assunto um pouco delicado e preciso de sua opinião — ele disse sério.

— Claro, o que houve?

Ele colocou a mão dentro do bolso interno do terno que usava e colocou sobre a mesa uma pequena caixa preta.

— Abra! — disse baixinho.

Amélia pegou a pequena caixa de veludo e a abriu, perdendo o fôlego ao ver o que havia ali dentro. Um anel dourado repousava entre o veludo. Em torno dele havia pequenos desenhos com alguns pequenos diamantes. Olhava para o solitário e não sabia descrever o que sentia no momento. Levantou os olhos e Magnus ainda a olhava.

— Muito pequeno? — ele perguntou colocando a cabeça de lado.

— O quê?! — Ela o olhou confusa e olhou para o diamante, que para ela parecia ser gigantesco. — Tem maior que isso? — sussurrou assustada.

— Se quiser.

— Não! Quero dizer... Magnus... Ah, meu Deus!...

Estava confusa, feliz, emocionada, tudo ao mesmo tempo. Assustou-se quando Magnus pegou a caixa, tirou o anel de dentro, levantou-se e se ajoelhou à sua frente, chamando a atenção de todos que estavam ali ao redor deles.

— O que você está fazendo? — perguntou rindo.

— Apenas tendo a certeza que você irá dizer sim agora que estou com o anel em mãos. — Ele sorriu e aquilo bastou para ela sentir as lágrimas nos olhos. — Sei que foi tudo rápido, intenso e louco, mas era isso tudo isso que faltava na minha vida, era você que faltava, ainda aceita se casar comigo?

— Claro que sim.

Magnus colocou o anel no dedo de Amélia, que sorriu ao ver como ele era lindo, um pouco exagerado, mas lindo. Mas Magnus era assim e era isso que amava nele. Eles se beijaram apaixonadamente enquanto ouviam os aplausos.

— Você é louco.

— Sim, só por você.

Entraram rindo no apartamento e Magnus a levou para o quarto. Ele a beijou com carinho, pegou-a pela bunda e se sentou na cama com ela por cima.

— O que foi? — ele perguntou dando uma mordida em seu pescoço.

— Apenas pensando em tudo o que já vivemos.

— Você é linda.

Ela sempre ficava envergonhada quando alguém dizia aquilo e agradecia por educação. Mas quando Magnus dizia era diferente, a sensação que ele causava com aquelas palavras era intensa. Ele a olhou por um tempo e tocou em seu rosto.

— Nem sempre me sinto assim — ela sussurrou e o abraçou com carinho. — Há momentos que queria que meu corpo fosse diferente.

Fechou os olhos e segurou o choro, aquele seria o melhor momento para dizer a verdade sobre o que realmente a impedia de se abrir totalmente no sexo.

— Deixa eu te mostrar uma coisa. — Ele se levantou com ela e foi em direção ao closet, parou em frente ao espelho e a colocou no chão. — Tira o vestido e fica apenas de calcinha. — Olhou-a pelo espelho.

— Magnus...

— Faz o que estou falando, Monsheey, por favor. — Ela suspirou e tirou o vestido. — Fecha os olhos e me fala o que sempre vê na frente do espelho.

— Bom — começou —, vejo uma menina muito baixa, com um quadril muito grande para o tamanho dela. Uma bunda grande demais, que sempre atrapalha quando compra calça jeans, porque fica justa no quadril e na bunda e sobra na cintura. Aliás, é uma cintura muito fina. Seios muitos exagerados, que pena para achar o tamanho certo do sutiã. Lábios exagerados, um cabelo que tem vida própria e muito branca por sinal — disse baixinho.

— Abra os olhos. — Ela o olhou. — É isso que sempre vê? — Ele a olhava sério.

— Sim — confirmou baixinho.

— Ok. Fecha os olhos. Vou te dizer o que sempre vejo. — Ela fez o que ele pediu. — Apaga tudo o que você falou e se concentra no que eu vou falar. Ok?

— Ok.

— Vejo uma pele perfeita, como se fosse uma pétala de rosa branca. — Ele tocou em seu rosto e continuou: — Um quadril que faz jus a qualquer vestido que use. — Desceu a mão fazendo o contorno do seu quadril. — E

conforme você sobe do quadril, faz o encaixe perfeito com a cintura afinada. — Ele a apertou com delicadeza. — Os seios lindos se encaixam perfeitamente em minhas mãos. — Ele os tocou. — Lábios muito bem desenhados e na medida. — Ele passou o dedo levemente em seus lábios. — E cabelos que dão o molde perfeito para essa pintura que sempre vejo. E em relação à altura, é perfeita para mim, porque cabe exatamente em meu colo. Abra os olhos, minha Monsheey.

Ela abriu e se olhou no espelho, e pela primeira vez conseguiu se sentir bem com o corpo e a aparência que tinha. Amélia segurou as lágrimas.

— É isso que sempre vejo, meu amor. Você consegue ver agora?

Ela balançou a cabeça em afirmativo olhando nos olhos. Ele abaixou a cabeça e mordeu seu pescoço, fitando-a pelo espelho. Tirou a calcinha que ela usava, beliscou seu seio e sentiu ela respirar um pouco mais ofegante. Brincou um pouco com os seios, desceu a mão lentamente por sua barriga e quando chegou em seu sexo, ela se encostou nele e fechou os olhos.

— Olhe para mim.

Ele a massageava lentamente, fazendo-a gemer baixo, segurou em seu braço e em sua perna. Magnus aumentou a massagem e apertou com um pouco mais de força o bico de seu seio esquerdo. Ela ofegava cada vez mais, gemendo.

— Prince...

— Olha como você fica linda excitada.

Ele colocou dois dedos dentro dela e estocou com força, ela gemeu alto. Ele a olhava e sorria. Tirou os dedos de dentro dela e puxou um dos bancos que tinha ali em frente ao espelho.

— Fique de joelhos em cima do banco e se apoia no espelho, Monsheey.

— Magnus, o que...

— Faça o que eu falei.

Ela fez o que ele pediu e o olhava pelo espelho. Amélia engoliu em seco ao vê-lo se despir e se masturbar. Magnus abriu mais as pernas dela, abaixou-se e a chupou, fazendo com que ela fechasse os olhos, aproveitando a sensação da língua descobrindo seu sexo. Não importava quantas vezes ele fizesse aquilo, sempre seria diferente e mais gostoso. Gemeu alto quando ele a preencheu estocando com força. Ela abaixou a cabeça, mas ele enrolou a mão em seus cabelos e os puxou um pouco mais forte.

— Olha para mim, Amélia — ordenou.

Ela o olhou e viu o desejo em seus olhos, apoiou as mãos sobre o espelho e não desviou o olhar do dele. Ele segurou forte em sua cintura e estocava com mais força. Magnus apertou com força seu seio direito e mordeu seu ombro. O corpo dela estremeceu de tesão. Sentiu a mão dele largar seu seio, deslizar por sua barriga em direção ao seu clitóris, e começou a masturbá-la. Magnus sorriu, aumentou o ritmo e não demorou muito para que ela gozasse.

— Ah!! — ela gritou e logo mordeu o lábio inferior.

Sentiu o corpo tremer violentamente e respirava com dificuldade, olhou para ele pelo espelho e o viu rindo dela.

— Agora minha dívida está paga.

Ele se afastou e ela o viu pelo espelho se masturbando e sentiu o líquido quente em sua bunda. Magnus sorriu lascivo e deu tapa em sua bunda. Ela fechou os olhos e gemeu baixo. Ele saiu do closet e ela se sentou sobre os calcanhares, e ficou com a cabeça apoiada no espelho, ainda tentando acalmar a respiração. Depois de alguns minutos, Magnus voltou, tocou em seu pescoço e a pegou com carinho no colo, levando-a para o banheiro. Deixou-a no chão e limpou o esperma de sua bunda. Ao entrarem na banheira, sentiu o corpo de Amélia tremer um pouco e deu um beijo em seus

cabelos. Ela ficou encostada em Magnus com os olhos fechados, e sentiu a mão dele em sua barriga e foi descendo, ela segurou seu braço e gemeu baixinho.

— Magnus, não.

— Eu estou brincando — disse ele, rindo baixinho.

— Não foi justo.

— E quem disse que precisava ser justo? — Ele riu. — Relaxa o corpo, você ainda está tensa.

Ela foi relaxando o corpo aos poucos e se ajeitou melhor em Magnus.

— Está com sono?

— Hum...

— Quer sair?

— Hum...

Ele riu baixo. Saiu da banheira, secou-se e a ajudou a sair. Percebeu que ela ainda estava um pouco lerda e a secou, pegou-a no colo e a levou para cama, puxando as cobertas sobre eles. Ela se aconchegou em seus braços.

— Eu te amo, Amélia — sussurrou.

— Hum... — Ele riu e não demorou para pegar no sono.

Amélia abriu os olhos e ficou olhando para o teto, teria um dia cheio, seria a festa de noivado. Sua mãe e sua futura sogra queriam que ela passasse o dia em um spa, mas ela bateu o pé e falou que passaria aquele dia normal, como sempre fazia aos sábados. Levantou-se e olhou o antigo quarto. Tinha resolvido dormir na casa dos pais para matar a saudade, estava quase morando com Magnus e seus pais achavam um pouco ruim aquilo tudo. Tomou um banho relaxante. Depois de trocada, foi colocar o seu anel e se lembrou que André o levava para Magnus no dia anterior. Saiu do quarto feliz e quando estava chegando à cozinha, viu os pais conversando com Magnus.

— Bom dia — disse tocando com carinho seu rosto.

— Bom dia, achei que estaria ocupado hoje.

— E estou, vou passar o dia com você.

Ela sorriu para ele e foi pegar o cereal para comer. O celular dele tocou e foi para o lado de fora atender. Amélia comeu o cereal e bebeu um pouco de suco. Passou pela sala foi em direção à porta da frente.

— Não esqueça que você tem que estar aqui antes das 18 horas.

— Está bem, mãe.

Abriu a porta e viu Magnus na calçada. Ele estava usando calça jeans, camiseta azul escuro e sorriu ao ver a bota. Ele a olhou e abriu a porta do carro para ela, que sorriu e entrou no carro. Ele entrou, desligou o celular e a olhou.

— Por que bota? — perguntou inclinando a cabeça.

— Tempo de militar... mais fácil e são bem mais confortáveis que qualquer sapato ou tênis — explicou sorrindo.

— Eu gosto, combina bem com você — comentou colocando o cinto.

— Para onde vamos?

— Orfanato da cidade, por favor — disse sorrindo.

Vinte minutos depois já estavam no orfanato, chegou assoviando como sempre fazia, e as crianças vieram em sua direção. Solto a mochila e as abraçou. Sentou-se com elas no chão e começou a brincar com as mais novas.

— Quem é ele, Amélia? — perguntou uma das crianças olhando para Magnus que sorria.

— Ele é meu noivo.

— Você é um gigante? — outra menina perguntou parando de frente para ele.

Ele riu e se abaixou, e ficaram conversando com as crianças. Amélia as apresentou uma por uma. Depois de algum tempo, foram ajudar as irmãs com

os recém-nascidos. Ao chegarem ao quarto destinado aos recém-nascidos, havia um novo morador. Ela o pegou no colo e viu que precisava trocar a fralda.

— É isso que faz aos sábados?

— Nem todos os sábados, pelo menos uma vez ao mês — explicou entrando no quarto ao lado onde ficava o banheiro. Viu que uma banheira já estava cheia, colocou a mão dentro e a água havia esfriado. Virou-se para Magnus. — Você pode pegar um pouco de água morna para o banho?

Ele a olhou e fez o que pediu. Amélia colocou o pequeno na bancada e foi tirando a roupa com cuidado. Magnus ficou encostado na parede, olhando para ela. Ela tirou a fralda do menino e a colocou no cesto de lixo.

— Por que o orfanato?

— Para que elas saibam que por mais que tenham sido abandonadas, elas podem ainda encontrar o amor de alguém.

Limpou o pequeno, pegou-o no colo e colocou a mão na banheira, testando a água. Pediu para que Magnus pegasse o sabonete, fez uma espuma em sua mão e foi passando pelo corpinho do menino.

— Há quanto tempo você faz isso? Pois pelo que vejo, você tem até alguma prática com bebê. — Uma imagem se formou em sua mente e a olhou com carinho e sorriu.

— Venho aqui desde os 8 anos com meus pais, mas sozinha mesmos faz oito anos. Tive que aprender para poder ajudar as irmãs, você pode pegar a toalha por favor? — pediu sorrindo para ele.

Magnus a pegou e lhe entregou. Amélia enrolou o menino e o levou para o quarto ao lado que estavam antes. Colocou-o sobre a bancada e começou a enxugá-lo com carinho.

— Odeio quando isso acontece — resmungou baixinho.

— O quê?

— Olha para ele, vai crescer e achar que nunca merece ser amado. E isso é errado. Que culpa essa criança tem de ter vindo ao mundo? — Começou a chorar.

Amélia o pegou no colo e o embalou. Quando o bebê parou de chorar, ela terminou de vesti-lo e foi se sentar na cadeira, para poder dar a mamadeira. Magnus se sentou ao seu lado e estendeu os braços, pedindo para segurá-lo.

— Não se preocupa. Ajudei minha mãe quando Lili nasceu — disse sorrindo.

Amélia entregou o garotinho e ficou admirando o noivo alimentá-lo. Aquele homem todo sério e imponente tinha dado lugar a um cara sensível e carinhoso com o menino no colo. Quando terminou a mamadeira, fez o pequeno arrotar e o embalou até que ele dormisse. Colocou-o no berço novamente e ficou olhando para o menino. Amélia ficou ao seu lado, também velando o sono do pequeno.

— Era com a Melina que eu namorava no colegial. — Ela o olhou sem entender, sentindo o corpo tenso pela revelação. — Ela ficou grávida quando tínhamos dezesseis anos, mas a criança nasceu morta. Por isso surtei com você no hotel.

Ele se virou de frente para ela e a enlaçou pela cintura.

— Amé... Ah, me desculpe — disse a irmã, envergonhada com a cena.

— Tudo bem, irmã Sueli — Amélia disse rindo.

— Ah, vocês conseguiram fazê-lo dormir — comentou ao se aproximar.

— Na verdade, foi Magnus quem o fez dormir. — Sorriu carinhosamente para ele.

— Como dizia mamãe, homem que sabe fazer criança dormir é homem de verdade — disse sorrindo para Magnus. Amélia viu quando a irmã ficou

vermelha de vergonha do sorriso que Magnus lhe ofereceu.

— Bom, por aqui já terminei. Agora vou para Bagdá.

— Bagdá?

Assim que chegaram à sala, ele entendeu o porquê de Bagdá. As crianças corriam de um lado para outro, tacavam os brinquedos nas outras crianças. Ele teve que abaixar a cabeça pois quase foi acertado por uma joaninha de pelúcia voadora. Magnus olhou para as crianças.

— Em fila — ordenou alto e forte. As crianças se assustaram e olharam para Magnus. Logo fizeram fila e o olharam com medo. — Vocês têm cinco minutos... — Amélia olhou para a irmã Sueli e sabia que ele iria falhar, mas deixaria que ele tentasse. — Para guardar todos os brinquedos no lugar, ou o meliante que não fizer terá que se resolver comigo!

Amélia olhou assustada quando as crianças fizeram o que ele tinha ordenado. Encostou-se no batente da porta e ficou olhando-o comandar as crianças na arrumação do quarto de brinquedos. Em menos de 5 minutos, o quarto estava todo arrumado. Irmã Lúcia apareceu e ficou olhando de boca aberta.

— Como ele conseguiu? — ela perguntou baixinho.

— Vou deixar claro. — Ele olhou para as crianças. Sua postura era ativa, os braços para trás, andando de um lado a outro. — Caso vocês voltem a fazer essa baderna, eu voltarei aqui e resolverei com o meliante que desfizer o acordo — Magnus falou sério para as crianças e quando deu as costas para elas, riu para Amélia.

Na hora do almoço, Amélia e Magnus estavam na cozinha e ele viu que a despensa, por mais que estivesse cheia, não iria durar para a semana.

— Vocês vivem de doações, madre?

— Sim, e às vezes nem sempre temos comida para todos — disse olhando para as crianças que brincavam do lado de fora.

— Vocês por acaso têm algum patrono? — Magnus pegou o seu celular e mandou uma mensagem.

— Não, mas caso queira — comentou uma das irmãs, rindo.

— Agradeço. — Magnus sorriu. — Mas vou deixar isso para Amélia. Ela sabe do que vocês precisam.

Conversaram mais sobre o orfanato e as necessidades que tinham.

— Senhoras, se eu fosse vocês, nem começaria a descascar essas batatas. — Elas olharam para Magnus, que sorria. — Hoje o almoço é por minha conta. — Aproximou-se de Amélia e cochichou: — Presente de noivado.

Alguns momentos depois, um caminhão estacionou em frente ao orfanato, e logo várias pessoas desceram e viram bandejas de comida chegando.

— Prince, o que você fez? — Amélia se aproximou e olhava para as bandejas na cozinha e viu quando chegou o chefe dos garçons pediu que as irmãs saíssem.

Quando chegaram ao refeitório, várias pessoas arrumavam as mesas com toalhas, copos, pratos. Bandejas de doces foram colocadas sobre uma bancada velha que tinha ali. As crianças olhavam curiosas. Amélia o olhou com os olhos brilhando, aproximou-se dele e o abraçou.

— Obrigada — agradeceu com os olhos cheios de lágrimas.

— Vou fazer o que for o possível para ter de ver feliz — garantiu olhando em seus olhos e dando um beijo em sua testa.

Depois de comerem, as crianças estavam tão cheias que foram tirar um cochilo, e pela primeira vez Amélia via o orfanato em silêncio.

— Vou fazer uma visita para os anjos — avisou e esboçou um sorriso. Ele a olhou sem entender, mas a seguiu. Contornaram o prédio do orfanato, aproximaram-se de um portão. Ela o abriu e entraram. — Muitas morreram

esperando uma chance de encontrar uma família — explicou baixo.

Eles se sentaram no banco e ficaram olhando. Magnus respirou fundo ao ler a pequena lápide.

— Ele tinha apenas cinco meses — comentou ele.

— Foi vindo aqui que aprendi a não dar valor a coisas materiais, então sempre que posso venho à missa e agradeço pela família que tenho.

— Foi para cá que vieram as rosas? — ele perguntou baixo.

— Sim.

Ficaram sentados em silêncio. Ele segurou em sua mão e deu um aperto firme. Quando estavam saindo dali, uma das meninas correu e abraçou Magnus, que retribuiu o abraço. Olhou para as crianças e ao longe avistou um menino que os olhava com interesse. Amélia olhou para Magnus e o viu olhando para Guilherme, e o puxou em direção ao menino.

— Oi, Gui — Amélia o cumprimentou na linguagem de sinais.

— Oi. — Ele olhou para Magnus seriamente. — Quem é esse?

— Meu noivo, Magnus.

Guilherme o olhou por um momento. Amélia olhou para os dois e viu a semelhança gritante entre eles, sem contar o modo de franzir a sobrancelha, os olhos azuis intensos, a expressão séria.

— Como faço para me apresentar para ele? — Magnus perguntou.

Ela sorriu e o ensinou o modo certo de se apresentar a Guilherme. O menino apenas os olhava e sorriu ao vê-lo aprendendo a se comunicar com ele. Amélia ficou séria por um momento, Guilherme tinha o mesmo sorriso de Magnus, até mesmo a covinha, respirou fundo e ficou olhando a interação deles.

— Ele não fala? — Magnus perguntou olhando para Amélia, que estava um pouco pensativa.

— Não temos o recurso adequado para ele — Madre Lurdes disse ao se

aproximar deles. — Ele aprendeu pouca coisa e também não sabemos qual a gravidade da surdez dele.

— Mas se ele puder ter acesso ao tratamento...

— Sim, ele poderá falar normalmente, pelo menos é o que esperamos, mas ainda assim irá usar a língua primária dele, que é a LIBRAS.

— Consigo um pouco — Guilherme balbuciou com dificuldade.

Magnus o olhou e sorriu.

— Prazer, Guilherme. — Ele estendeu a mão para o menino, que olhou para e Amélia. — É feio não cumprimentar as pessoas — Magnus disse lentamente e Guilherme sorriu ao ver que ele falava naquele modo para que pudesse fazer a leitura labial.

— Obrigado. — O menino apertou sua mão.

Magnus olhou para o menino à sua frente e sentiu um aperto em seu coração. Ficaram um pouco mais conversando com o menino, que sorria a todo momento. Magnus o olhava com carinho, e se despediram com um abraço.

— Está tudo bem? — Ele segurou em sua mão assim que pararam em frente à casa dos sogros.

— Sim, sempre fico assim depois que saio do orfanato.

— Até a noite, amor — disse dando um beijo em seus lábios e Amélia desceu do carro.



Capítulo 20

Ao entrar na casa, Amélia se assustou com algumas que pessoas que estavam ali. Havia um pequeno salão de beleza montado na sala, olhou para as mulheres que conversavam e riam, e se aproximou de sua mãe.

— Mãe — disse baixo —, quem são essas pessoas?

— Filha, essa é a Liz. — Raja sorriu e olhou para a mulher. — Ela é praticamente a cabelereira exclusiva das mulheres Lacarez!

— Não se preocupe, Amélia. — A mulher sorriu. — Magnus deixou algumas regras a seguir.

— E seu vestido está ali naquela capa! — Raja apontou sorrindo. — Eu tentei ver, mas Susan disse que era uma surpresa.

Ela andou em direção à capa e a abriu. Amélia arregalou os olhos e olhou para sua mãe, que sorria. O vestido era em cetim preto, a parte de cima era composta por um corpete detalhado nos seios com pequenos cristais; na cintura tinha um pequeno laço e conforme ia descendo ficava solto na parte de baixo.

— E mais uma coisa, Susan falou que você terá que usar!

Raja segurava uma caixa de veludo negro em suas mãos. Ao abri-la, Amélia perdeu o ar. Era uma gargantilha composta por diamantes, e dela descia algumas pequenas contas com pequenos rubis nas pontas.

— Mãe, isso é demais — declarou, constrangida e assustada.

— Ordens da Susan. — Raja deu de ombros.

Uma das moças viu a peça e assoviou. Amélia riu de nervoso e foi tomar banho. Lembrou-se da interação de Guilherme e Magnus, a semelhança era indiscutível. A única pergunta que se passava em sua mente era se ele não sabia da existência do garoto.

Ao sair do banho, encontrou uma maca montada no meio do seu quarto, olhou assustada para aquilo. Viu que uma moça preparava algo em uma pequena panela.

— Olá.

— Quem é você? — perguntou apertando a toalha em volta do corpo.

— Prazer. Júlia. Sou a depiladora.

— Ah... eu...

— Filha. Essa é a Júlia, ela é a minha depiladora e pedi para vir aqui cuidar de você — Raja disse sorrindo ao entrar no quarto.

— Mãe, eu não sei...

— Não se preocupa. Dói só no começo.

Amélia olhou desconfiada e se deitou na maca. Depois daqueles tapas que tinha recebido de Magnus, aquilo não era nada. Quando pensou naquilo, ficou vermelha de vergonha e sua mãe percebeu e riu.

— O que foi? Está com vergonha de mim? — perguntou Júlia.

— Não é isso... é só que lembrei de algo...

— Hum, imagino que deve ter sido muito bom, né? — Júlia riu.

Quando terminou, resolveu jogar novamente uma água no corpo,

passou um hidratante nas pernas e colocou um robe fino. Desceu as escadas e a sala tinha se tornado um salão de beleza completo. Sentou-se na cadeira e deixou que as moças do salão da Liz fizessem sua mágica.

— Como ele é? — começou uma das meninas. — Sabe, sempre tive curiosidade sobre ele. E como agora tem uma pessoa que pode matar a minha curiosidade e de todas aqui presentes... — disse olhando para Amélia.

Ela apenas sorriu e respondeu às perguntas que eram feitas. Claro que sabia que a principal seria relacionada com o tamanho, mas não esperava a pergunta que sua mãe lhe fez.

— E como é fazer amor com ele? — sua mãe perguntou e sorriu.

— Ele... — Amélia pensou um pouco e mordeu o canto do lábio. — É intenso quando precisa, mas é romântico com a mesma intensidade — falou e fechou os olhos, pensando nele. O modo carinhoso, protetor, gentil... mesmo quando estavam em um sexo um pouco mais intenso, não deixava de sentir o modo cuidadoso que ele mantinha com ela. Soltou um suspiro. — É complicado falar, não sei se conseguiria me expressar bem. — Deu de ombros.

Ao abrir os olhos, viu que as mulheres a olhavam, algumas curiosas, outras com uma pontada de inveja, mas, ainda assim, viu nos olhos de cada uma que estavam imaginando como seria estar com ele. Olhou-se no espelho e viu como era sortuda por pode sentir tudo aquilo e não precisar mais imaginar, e tudo que imaginara nem chegava perto daquilo que estava vivendo.

Magnus estava sentado no sofá, no escritório de seu falecido avô. Havia crescido naquele cômodo, imaginando quando estivesse no lugar dele. Um tempo em que chegou a se imaginar casado com Melina e com filhos, mas

depois de tudo o que tinha acontecido, sempre que entrava ali queria apenas ser um homem honrado como seu avô tinha sido.

Porém, jamais imaginaria que estaria nervoso no dia da festa do seu noivado. Logo ele, Magnus Lacarez, que tinha sido ensinado a nunca demonstrar medo, agora sentia um aperto na boca do estômago. Ele estava olhando a caixa do anel que estava em sua mão, deu um gole na bebida que estava no copo em sua mão, ergueu os olhos e ficou olhando para o retrato de sua família. Olhou para seu avô e sua mente foi direto para menino que havia conhecido no orfanato.

— Nervoso?

Magnus ergueu a cabeça e olhou para seu pai.

— Nunca me imaginei assim. — Bebeu o restante do líquido âmbar de seu copo. — Como foi no do senhor?

— Eu estava bêbado no dia. — Seu pai o olhou e se sentou no sofá da frente. — Seu tio quem me ajudou.

— Fez despedida de solteiro? — Olhou rindo para o pai.

— Sim. Com sua mãe.

— Então não vale — provocou.

— Irá fazer despedida de solteiro sabendo o quanto poderá machucar a Amélia quando ela descobrir? — rebateu e sorveu um gole da bebida.

Olhou para o pai e ficou pensativo.

— Os homens que mais amo na vida. — Lucinda entrou sorrindo e se sentou ao lado do filho. — Cadê o anel? — perguntou. Magnus sorriu, tirou a pequena caixa de dentro do bolso e a entregou. Sua mãe a abriu. — Ah, meu Deus! É lindo! É bem o jeito dela. — Lucinda sorriu e mostrou para o marido, que concordou com a cabeça.

— Estava falando com ele sobre a despedida de solteiro — Raul disse baixo.

— Puta que pariu, nem me lembra dessa merda! — Lucinda gemeu baixo. — Fiquei com uma ressaca desgraçada no casamento — disse rindo e olhou para o filho, que os olhava um pouco confuso. — O que foi? Acha que despedida de solteiro só serve para ir em um puteiro qualquer e pegar a última puta de sua vida, sendo que pode brincar e interpretar com seu parceiro ou no seu caso parceira? — Magnus balançou a cabeça, rindo. — Esse é o problema dos filhos, esquecem que os pais já tiveram a idade deles e talvez fossem piores que os próprios filhos.

Magnus semicerrou os olhos e balançou a cabeça.

— Ainda me deixam aterrorizado com aquele dia — ele disse baixo e os pais riram alto.

Sua avó entrou no cômodo e se sentou ao seu lado, segurou com carinho sua mão, colocou um saquinho vermelho no meio de sua palma e a fechou junto com a dela.

— Eu sei que ele lhe trará a sorte que trouxe a Lucélia — ela disse sorrindo.

— Obrigado, vó. — Deu um beijo no rosto da avó, olhou para saquinho e tirou o anel de dentro. Assim que o viu em sua mão, imaginou-o em Amélia. A peça era delicada, tinha o formato de uma pequena rosa, as pétalas eram em rubi, as folhas em esmeraldas; e em volta tinha alguns diamantes. Sorriu imaginando qual seria a reação de Amélia ao reconhecer a peça.

Assim que desceu do carro, Amélia sentiu o estômago pesar e as pernas ficarem bambas. Seu pai lhe deu o braço e a ajudou a entrar na casa.

— Você está muito linda. Quando apareceu na sala, achei que fosse ficar emburrada e ficar reclamando do vestido por um momento. — Ralf olhou para a filha, rindo.

— Ah, meus Deus! Como odiava quando a mamãe escolhia minhas

roupas — confessou Amélia.

— Ei, você sempre estava linda. — Raja tentou se defender e apontou para o futuro genro. — Olha quem vem vindo.

Amélia virou o rosto. Magnus vinha em sua direção, realmente estava perfeito, todo de negro, sem gravata. Sentiu seus olhos percorrerem o seu corpo e analisar o seu vestido, ele levantou uma sobrancelha quando viu a gargantilha.

— Oi.

— Oi.

Magnus pegou sua mão e a beijou. Puxou-a vagarosamente para perto de seu corpo, segurou seu rosto e depositou um beijo em seus lábios. Ele a levou para o salão e começou a dançar com ela.

— Você está perfeita — afirmou passando o olhar minuciosamente sobre a feição de Amélia.

— Não tanto quanto você — retribuiu sorrindo para ele.

— Quero que acabe logo essa festa. — Ele sorriu, sexy.

— Eu te amo, Magnus — sussurrou, sentindo seus pelos se eriçarem.

— Eu também te amo, Amélia. Mas não pense que irá se livrar por me provocar com essa roupa — garantiu.

Ela riu da expressão do rosto dele. Quando a música terminou, foram em direção ao grupo onde estavam seus pais. Encontrou com Lislá e sorriu ao ver a amiga usando um vestido longo rosa-claro, que marcava lindamente seu corpo.

— Você está linda — Lislá disse enquanto a abraçava.

— Obrigada. Mas você também está. Sabe, eu queria te perguntar uma coisa. — Amélia pegou a mão da amiga.

— O quê?

— Você quer se minha madrinha?

— Claro que sim, Lia. Eu te mataria se não me convidasse. Aliás, eu mesma me convidaria. — As duas riram.

Três homens se aproximaram e Lisandra sorriu ao vê-los.

— Finalmente conseguiu físgar o Magnus — Roberto alfinetou e a beijou no rosto. — Parabéns, Amélia, fico feliz por ele ter encontrado alguém que realmente o mereça.

— Faça minhas as palavras do Roberto — William concordou e a beijou.

— Ele não merecia tanto, mas fazer o que, né? Estamos falando do Magnus. — zombou Sebastian, sorrindo. — Olá, Lisandra — disse pegando a mão de Lisl e deu um beijo.

— Obrigada, rapazes — Amélia disse sorrindo. — É sério, ainda não dá para acreditar que vocês... — Ela parou de falar e ouviu as risadas.

Magnus se aproximou, deu um beijo nos cabelos de Amélia e a abraçou.

— Boa noite a todos — Susan disse alto e sorriu quando todos a olharam. — Assim como vocês, eu também fiquei surpresa ao saber que meu neto mais velho finalmente foi físgado. — Ela riu e todos a acompanharam. Amélia segurou o riso e sentiu Magnus apertar sua cintura levemente. — Quando ele nasceu, foi a alegria de Arthur, que estava em um momento sombrio com a perda de nosso filho Lucius.

“Uma parte de meu marido tinha sido enterrada junto, ele havia perdido o brilho do olhar. E só revi esse brilho quando ele pegou Magnus pela primeira vez nos braços. Logo depois veio Lucius, nosso segundo neto. E então novamente a casa estava alegre, só eu sei o que Arthur aprontava com esses meninos. — Susan parou por um momento e se virou para o neto.

“Eu sei o quanto o seu avô amaria estar nessa festa, um dos maiores medos dele era que os netos sofressem por amor, acho que de alguma forma

ele já sabia que algo assim iria acontecer. — Susan sorriu e olhou para Amélia. — Mas o que ele não previu era que você seria consertado pela moça mais gentil que já conheci... meiga, simpática, que se doa pelas causas mais nobres.

“Muitos não sabem, mas a fundação só existe por causa de Arthur e não por mim, apenas continuei com o legado dele. E para minha surpresa, essa moça... — Susan apontou para Amélia. — Na reunião que tivemos para a escolha da festa da fundação, nos apresentou com um projeto que fez todos do conselho refletirem sobre muitas coisas. — Amélia a olhou sem entender. — E por isso, querida neta, como presente de casamento adiantado, seu projeto foi escolhido para a festa da fundação desse ano.”

Todos a olharam e começaram a aplaudir. Amélia estava boquiaberta, não sabia o realmente falar. Magnus a virou de frente para ele e a beijou.

— Me encontre no jardim — avisou e saiu.

Algumas pessoas se aproximaram para parabenizá-la. Susan se aproximou e a abraçou carinho.

— Seu projeto nem deu chance aos outros. — Susan a olhou sorrindo.

— Como assim?

— Digamos que eu meio que já sabia qual era o tema dele. — Ela sorriu com cumplicidade. — Mas então houve aquela bela apresentação... — Deu de ombros.

Amélia a abraçou, pediu licença e foi em direção a uma das janelas abertas que davam para o jardim. Passou pelo pátio e sorriu ao ver a pequena entrada. Seguiu pelo mesmo caminho que fizera quando tinha doze anos. Seu coração palpitava forte quando chegou ao mesmo lugar onde Magnus a havia beijado quando ela ainda não entendia nada sobre o amor, quando ela ainda sonhava em ser beijada por um príncipe.

Parou e olhou ao redor, quando ia chamar por ele, sentiu uma mão em

sua cintura. Virou-se e seu corpo colou ao dele. A boca dele procurou pela sua em um beijo urgente. Amélia aconchegou sua mão entre os cabelos do noivo e o puxou mais para si.

— Promete não tirar essa gargantilha em momento algum? — pediu olhando profundamente para Amélia.

— Prometo!

— Obrigado. — Ele sorriu.

— Você esquece que sempre farei de tudo para te ver feliz. — Usou as palavras dele. Sorriu e tocou em seu rosto.

— Eu queria te entregar algo.

— O quê?

Ele fez um sinal com cabeça. Ela abaixou os olhos e viu uma caixinha preta na mão de Magnus. Ele a abriu e colocou o anel em seu dedo. Magnus havia diminuído a pedra do anel que dera para ela, e desse jeito ficou ainda mais delicado. Ela olhou para a mão que sustentava o anel e sorriu. Beijaram-se com carinho, deram as mãos voltaram para o salão.

Assim que entraram, viram algumas pessoas conversando, e ele a levou para onde estavam seus pais e amigos íntimos. As mulheres, principalmente, queriam ver o anel e viu a cara de espanto de algumas.

— Meu Deus! Ele é lindo!

— Ele é delicado como você, Amélia.

— Meu Deus, Amélia! Você está perfeita... Puta merda, olha essa gargantilha! — Soraia disse dando um assovio.

Amélia riu da cara que Soraia fazia. Assustou-se quando alguém tocou em seu braço.

— Me concede uma dança?

— Heitor! — Amélia disse sorrindo e abraçando o homem mais velho.

— Uau, você está linda, Amélia.

— Obrigada. Mas você também está muito bonito.

Amélia dançava e sorria para Heitor. Magnus os olhava quando ouviu sua sogra dizer com raiva:

— Eu não quero esse homem perto da minha filha.

Magnus olhou para a sogra sem entender o porquê daquele comentário.

— Você o conhece? — Ralf perguntou sério.

— Sim, ele é meu ex-comandante, e o tenho como um segundo pai — Magnus afirmou olhando para o homem que dançava com Amélia, e se lembrou de quando Heitor o salvara de fazer a maior burrada da vida. — Ele disse que vocês são amigos — falou ao sogro.

— Éramos. Estudávamos juntos. — Ralf não tirava os olhos de Heitor.

— Não quero ele perto de Amélia — reforçou Raja.

— Por quê?

— Porque sim, Magnus — Raja disse entre os dentes. — Você não conhece esse homem.

Magnus olhou para a sogra e viu raiva nos olhos dela, e não gostou muito daquele olhar. Heitor levou Amélia até a amiga, afastou-se e ficou conversando com os outros convidados, mas percebia o olhar de Raja em sua direção. Ele a encarou e sorriu. Raja apenas desviou o olhar e foi em direção ao braços de Ralf. Heitor bebeu o champanhe e saiu da festa.

— Heitor! — Ele parou e respirou fundo, virou-se e Magnus vinha em sua direção. — O que está acontecendo?

— Magnus, é melhor não se envolver! — advertiu baixo.

— Se a Amélia pode se ferir, com toda certeza irei me envolver. — Heitor o olhou e deu um leve sorriso. — Me fala a verdade.

— É ela. — Magnus o olhou sem entender. — Amélia é ela!

— Uau, Lia, quem é ele? — Lislá perguntou ao ver Heitor.

— Ex-comandante do Magnus e do André.

— Nunca fui de reparar em coroa, mas olha... — Lislá assoviou.

— Futura nora. — Raul se aproximou e a pegou pela mão, foram em direção à pista e começaram a dançar. — Sabe, esperei muito para ver esse momento.

— Por que diz isso?

— Magnus se quebrou em três momentos da vida: a primeira foi quando meu pai morreu; a segunda quando eu, Lucinda e minha mãe não aceitamos bem a carreira dele e então ele teve que se virar sozinho; e, bem, a terceira você já deve saber.

— Sim.

— Amélia, um conselho, nunca acredite em nada que Melina disser, desde que meu filho terminou com ela, aquela mulher tem feito um inferno na vida dele sem ele perceber...

— Eu não gosto dela perto dele, eu o sinto diferente.

— Sim e ele fica, parece que ele volta a ter dezessete anos outra vez. — Raul a olhava nos olhos. — Eu já o alertei uma vez, na verdade, todos já o alertamos sobre isso, mas parece que ela tem algo que usa contra ele.

Amélia acenou com a cabeça e acabaram a dança. Viu quando André puxou Lislá para uma dança. Amélia viu Magnus e Soraia na pista de dança. Ela riu quando teve que dançar com todos os primos, e logo depois veio o bisavô, todo elegante e sorrindo para ela.

— Não sabe o quanto está linda, minha menina — afirmou o bisavô ao entregá-la ao pai.

— Pensei que fosse demorar esse dia — Ralf comentou quando começaram a dança.

— Por quê? Só porque vivia brigando com os meninos e batendo no peito dizendo que não me casaria? — argumentou sorrindo para o pai.

— Tem esse detalhe também. Mas porque ainda não queria dividir minha menininha com ninguém. — Ralf deu um beijo nos cabelos de Amélia.

— Pai, para. — Segurou as lágrimas.

— Mas é verdade, filha. Olhe ao redor e veja todos os homens da família. — Ela viu que os primos, os tios e o bisavô a olhavam com carinho e voltou a olhar para o pai. — Você é a nossa Pimenta. Sabe o quanto nós nos preocupamos com você, e por isso não importa que ele seja o cara mais influente, se ele te machucar, você sabe que pode contar conosco e comigo principalmente — garantiu Ralf, olhando-a nos olhos. Amélia colocou a cabeça no peito do pai e ficou olhando para os homens de sua vida e sorriu para cada um.

Quando a música terminou, ela olhou para o pai que se afastava e Magnus veio em sua direção.

— O que seu pai lhe disse? — perguntou enquanto a puxava para si, e começaram a dançar.

— Resumindo, que se você me machucar, vai apanhar de todos eles. — Apontou com cabeça para o grupo dos Loures e riu.

— Acho justo — disse sorrindo para ela. — Está feliz? — perguntou fazendo um carinho em seu rosto.

— Muito!

Ele a beijou com ternura. Encostou a testa na dela e ficaram assim até o fim da música. Quando se afastaram, ouviram algumas palmas e barulhos de assovios que vinham de sua família e sorriram.

Ela olhava pela janela do apartamento, apreciando a vista e pensando no que Magnus tinha feito.

— O que foi? — perguntou baixinho ao passar o braço pela cintura dela.

— Você não precisava ter feito aquilo — disse virando o rosto e sorrindo para ele.

— Sim, precisava. Eu vi o quanto você estava animada com o projeto quando me explicou. E também é uma forma de retribuição. — Ela o olhou sem entender. — Por me fazer feliz.

Ela sorriu e tocou em seu rosto, Magnus fechou os olhos e depois de alguns segundos os abriu, e Amélia viu o desejo estampado em seu olhar. Ele a puxou mais para si.

— Eu... queria ir deitar. — Magnus assentiu com a cabeça, e a levou até o quarto. Assim que ouviu a porta se fechando, sentiu-o atrás de si, e disse com a voz mais segura que conseguiu: — Pode me ajudar com o vestido?

Sentiu os dedos de Magnus passarem por sua pele exposta, causando-lhe um arrepio. Gemeu baixinho quando sentiu os lábios dele em seu ombro enquanto sentia o vestido ficar frouxo em seu corpo. Amélia se virou e viu Magnus tirar o paletó e os sapatos, e se sentar na beirada da cama usando apenas a camisa e a calça do terno. Amélia sustentou seu olhar e se aproximou. Ele soltou as abotoaduras da camisa, e ela deixou que o vestido caísse a seus pés.

— Linda! — afirmou com voz grave.

Magnus desceu os olhos por seu corpo, lambeu os lábios e voltou a olhar em seus olhos. Ela ergueu as mãos e começou a desfazer o penteado do cabelo, tirando grampo por grampo. Ele se inclinou um pouco e apoiou as mãos sobre os joelhos, abrindo aquele sorriso sacana que apenas ele sabia dar.

— Você está tentando me seduzir? — perguntou baixinho quando Amélia ajeitou os cabelos sobre os ombros.

Ela deu um pequeno passo em sua direção e Magnus se colocou em pé. Amélia mordeu o lábio inferior, colocou a mão sobre o peito dele e começou

a desabotoar sua camisa. Magnus aproximou sua boca da dela, mas foi empurrado sobre a cama. Ele riu grave e se ajeitou. Ela subiu engatinhando sobre ele, a boca raspando sobre a ereção, soprando sobre o abdômen e o beijou.

— Ninfa, você está brincando com fogo... — advertiu.

Ela rebolou sobre o pau duro dele e se excitou ainda mais quando ouviu Magnus gemer. Amélia pegou as mãos do noivo e as levou à parte de trás do espartilho que usava e ele entendeu o que ela queria. Ele se recostou na cabeceira com ela em seu colo, e começou a soltar fecho por fecho, enquanto ela se esfregava lentamente em seu pau extremamente duro. Quando Magnus soltou o último fecho, jogou longe o espartilho, puxou seu cabelo com carinho, cheirou seu pescoço e preencheu sua mão com um dos seios da amada.

— Tive que me segurar na festa, estava louco para te ver assim — confessou.

— Então faz o que quer fazer comigo — sussurrou ela.

Amélia jogou a cabeça para trás assim que sentiu o toque dele, gemeu ainda mais quando sentiu sua boca sobre seu seio esquerdo. Ele deu uma leve mordida e o chupou com força. As mãos dela deslizaram em direção ao cinto da calça dele. Magnus a pegou pela bunda e a deixou sentada na cama, ficou em pé e colocou a mão sobre o cinto, mas Amélia se ajoelhou e mordeu o lábio inferior. Ele sorriu sacana e se aproximou. Ela abriu lentamente a calça dele, abaixou-a até os joelhos, expondo a ereção latejante.

Amélia olhou para cima e viu os olhos dele brilhando de luxúria e desejo. Ela segurou o pau dele e passou a língua por toda a extensão e o colocou na boca.

— Caralho, Amélia! Desse jeito eu gozo rápido — rosnou. Ele se retirou da boca dela e a jogou na cama. Posicionou-se entre as suas pernas e

forçou a lateral da calcinha, rasgando-a. — Você tirou? — perguntou sorrindo.

— O quê? — Percebeu que ele se referia aos pelos. — Sim — disse envergonhada.

— Não me importava, mas ela está linda do mesmo jeito.

Magnus sorriu e deu leves beijos em seu sexo, chupou-a sem pressa alguma. Sentiu-o mordendo o lábio de sua boceta e massageou com força seu clitóris.

— Magnus... por favor... — arfou.

Amélia sentia que seu corpo já não pertencia mais a ela a cada toque dele. Quando ele mordeu seu clitóris, ergueu o quadril para ele e gemeu ainda mais quando sentiu dois dedos dentro dela. Ela já estava pronta para gozar, ele sabia disso. Então se ajeitou em sua entrada. Estava tão molhada e ansiava por ele dentro dela, que gemeu alto.

— Prince...

Ele começou a investir forte, ritmado, elevando o tesão entre eles. Amélia ergueu um pouco o quadril para o sentir mais fundo e acabou gozando rápido. Ele saiu de dentro dela, puxou-a para ponta da cama e falou com a voz grave e rouca:

— Fica de quatro.

Ele voltou a preenchê-la, e ela sentiu que gozaria novamente e mais forte ainda. Magnus se inclinou sobre ela e massageou seu clitóris enquanto estocava com toda força. Os dois gozaram quase juntos. Amélia caiu sobre o colchão, sem fôlego e o sentiu sobre suas costas. Fecharam os olhos por um instante, e tudo o que se podia ouvir era a respiração irregular deles.

— Se for assim que sempre serei recompensado por fazer algo que você tanto queira, vou viver te mimando. — Deu uma leve mordida em sua bunda e a puxou para um banho.

Amélia tirou a gargantilha e a deixou em cima do balcão da pia. Magnus parou atrás dela, e ela engoliu em seco. Às vezes era difícil associar que ela conseguia satisfazer um homem como ele. Gemeu quando ele deu uma mordida em seu pescoço e se arrepiou ao sentir as mãos dele explorando seu corpo. Ele se abaixou distribuindo beijos sobre o corpo de Amélia, abriu sua bunda e começou a beijá-la lentamente.

— Quando vou poder novamente? — perguntou ele.

— E-eu não sei — gemeu.

Ele se levantou, puxou-a levemente pelo cabelo e se encaixou nela. Amélia se abriu um pouco mais e o sentiu entrando com força. O corpo dela foi para a frente e ela segurou forte no balcão, ficando na ponta dos pés para recebê-lo mais fundo. Magnus ergueu a perna dela e a colocou sobre a pia, segurou com força em seu quadril e estocava alucinadamente. Ela abriu os olhos e o viu a olhando pelo espelho. Amélia gemeu e logo foi a vez dele.

Depois de saírem do banho, Amélia colocou uma camisola e foi em direção à cozinha. Estava sentada na banquetta da ilha da cozinha, tomando sorvete quando Magnus veio em sua direção. Ele se aproximou, beijou-se com carinho e se sentou ao seu lado.

— Queria conversar com você. — Ele a olhou seriamente.

— Claro. — Virou-se de frente para ele.

Ele sorriu e tocou em seu rosto com carinho.

— Eu queria adiantar o casamento civil. Eu sei que seus pais queriam que ele acontecesse um dia antes do religioso, mas eu quero você logo como minha esposa.

— Eu aceito. — Olhou-se com carinho e sorriu.

— Que tal daqui três semanas? — sugeriu. — O que acha?

— Por mim, tudo bem. Poderia até ser amanhã mesmo — ela disse rindo e Magnus a beijou, rindo em seus lábios.

— Eu também, mas se fizermos isso, teremos que enfrentar a ira da senhora Susan Lacarez. — Os dois riram, cúmplices. — Quero te mostrar uma coisa. — Puxou-a pela mão em direção ao corredor que dava no escritório dele. Ela nunca tinha entrado ali. — Por isso nunca trouxe nenhuma mulher aqui.

Ele abriu a porta e ela entrou atrás dele. Avistou a bela paisagem que o escritório tinha, mas ao virar a cabeça, sorriu, impressionada com a coleção de objetos ao Star Treck, que ia desde pequenos bonecos até uma gigantesca nave. Ela olhou por um momento para ele, e o abraçou com carinho, sorriu ao sentir o beijo em seus cabelos. Afastou-se dele e foi em direção à estante.

— Vai me explicar algo? — Ela se virou e o olhou.

— Apenas se você quiser. — Ele sorriu.



Capítulo 21

Depois de uma grande aula sobre Star Trek, voltaram para a cama. Ela até tentou resistir aos carinhos de Magnus, mas foi em vão. Sabia que jamais iria conseguir resistir quando ele beijava seu pescoço e apertava sua bunda, ou até mesmo quando ele passava a ponta língua em seu pescoço e mordida levemente o lóbulo de sua orelha. Odiava um tiquinho o fato de não conseguir ser forte e resistir a ele. Ela respirou fundo, sentou-se na cama e o olhou.

— Eu não entendo uma coisa... — titubeou. Não queria entrar no assunto, mas precisava. Ele apenas acenou com a cabeça. — Por que ainda fala com a Melina depois de tudo o que aconteceu entre vocês? O modo como falou dela, dava para sentir a raiva em suas palavras, por isso eu não entendo.

Ele se sentou na cama, o corpo tenso. Respirou fundo e a olhou.

— Eu não soube da gravidez, fiquei sabendo por terceiros, e fui tirar tudo a limpo com ela. — Ele parou por um momento, lembrando-se da cena.

— Quando cheguei na casa dos pais dela, a mãe dela me disse que Melina estava trancada há dias no quarto. Subi, bati na porta e quando ela ouviu minha voz, abriu e me abraçou chorando, dizendo que nosso filho havido nascido morto. Eu a afastei e perguntei como ela tinha certeza que era meu, se ela também transava com Lucius e com outros homens. Por um momento ela ficou sem fala. Ela se afastou de mim, andou em direção à cama dela e pegou o porta-retratos com a nossa foto que ficava sobre o criado-mudo. Ele o quebrou, pegou o vidro e cortou os pulsos na minha frente.

— Espera, ela tentou se matar na sua frente? — Ela o olhava de boca aberta

— Ela ficou um tempo internada e começou a passar no terapeuta, a mãe dela me disse que ela estava no início de depressão pós-parto. — Ele ficou em silêncio por um tempo e então voltou a falar: — Eu me sinto um pouco responsável pela atitude dela, se não tivesse ido atrás dela, nada daquilo teria acontecido.

— Magnus, para! Você não é responsável coisa alguma — disse tocando em seu braço. — Ela começou errando em esconder a gravidez de você, ela tomou aquela atitude sozinha, em momento algum você a forçou. Se ela fez aquilo, foi por duas coisas, ela estava totalmente desequilibrada emocionalmente e tentou de algum jeito te prender a ela pela sua bondade e lealdade. Mas você não tem culpa de nada. Algumas pessoas simplesmente não sabem como reagir a um não e acabam fazendo coisas estúpidas. O que os pais dela falaram?

— Em momento algum me culparam, me disseram que ela já havia tentando isso antes.

Ela viu o pesar nos olhos dele, sabia que não importava o que dissesse, ele ainda iria se sentir responsável por ela. Abraçou-o com força, sentiu a mão dele em sua cintura a puxando para mais perto, ergueu o rosto e ele a

beijou. E entendeu que toda vez que olhasse para Melina, veria apenas uma menina desequilibrada emocionalmente, e não teria mais o porquê se sentir intimidada.

Depois que a festa de noivado tinha saído em todas as revistas e sites de fofocas, sentiu que algumas pessoas começaram a mudar perto dela e sabia perfeitamente o porquê daquilo. Amélia, no entanto, continuava do mesmo jeito, falava apenas com Lislá e Caique, e com os estagiários com quem trabalhava. Estava analisando um documento que fora entregue à fundação, tentando seriamente entender o que estava escrito. Levantou-se e foi até José Carlos, que digitava freneticamente no computador. Ele ergueu a cabeça quando ela se aproximou da mesa.

— Consegue entender?

Mostrou o documento a ele, que o analisou minuciosamente. Amélia o viu colocar a cabeça um pouco de lado e sabia que até mesmo ele não entendia a letra da pessoa.

— Quando isso acontecer... — Ele se levantou e andou em direção a uma mesa que ficava atrás da dele e mostrou a caixa de arquivos. — Coloque o documento aqui, pois peço para Susan mandar os arquivos para um grafotécnico que é amigo dela.

— Tudo bem. Então terei que separar vários arquivos, pois temos vários documentos com essa mesma caligrafia...

— Tudo bem, separe o que consegue ler e o restante coloque aqui.

Ela acenou com a cabeça e voltou para a sua mesa, começando a separar documento por documento. Ouviu baterem na porta da sala, mas continuou a trabalhar. Percebeu que alguém havia parado em frente à sua mesa, ergueu o rosto e sorriu.

— Vamos? — Magnus sorriu.

— Só me dá um minutinho, por favor. — Ela baixou os olhos e terminou de separar os arquivos. Fez uma segunda verificação e estava tudo certo. Levantou-se, pegou sua mochila e os arquivos, andou em direção à pasta indicada por José Carlos e os colocou ali dentro. Virou-se e olhou para Magnus. — Agora podemos ir.

Saíram da sala de mãos dadas. Desceram as escadas sentindo os olhares sobre eles. Andaram em direção à sede da empresa e entraram no elevador. Ele a puxou para seus braços.

— Boa tarde, Magnus — Suzy cumprimentou-o sem olhar para Amélia.

— Boa tarde, Suzy — ele respondeu e sentiu seu celular vibrar. — Vou ter que ir na minha sala, me espere e conversamos com ele, tudo bem?

— Tudo bem — Amélia disse sorrindo.

O elevador parou no andar onde seu pai trabalhava. Suzy saiu na frente. Amélia beijou Magnus e então saiu. Viu Thiago em sua mesa e resolveu perturbá-lo.

— Ei!

— Ei — ele disse sorrindo, levantou-se e deu um beijo em seu rosto. — Então é verdade que você está com Magnus?

— Sim, estamos noivos, na verdade.

— Uau! Rápido, não acha? Afinal você nem o conhece direito...

Amélia apenas o olhou e balançou a cabeça.

— Bom, vou indo. Tenho que conversar com meu pai. Até mais, Thiago.

Saiu e nem esperou a resposta dele, andou em direção à sala de seu pai. Não viu Talita em sua mesa e entrou, mas não esperava ver a cena à sua frente. Ralf estava encostado em sua mesa, as pernas abertas e Suzy no meio delas. Eles se beijavam, e ele apertou a bunda dela. Ela se afastou e limpou a boca dele que estava suja de batom. E Amélia se lembrou daquele fatídico

dia.

Amélia estava sentada no ponto de ônibus e olhava para o livro em suas mãos, entrou no ônibus e sorriu ao imaginar como seu pai ficaria quando desse aquele livro para ele. Ela tinha demorado para juntar o dinheiro, afinal havia decidido que tinha de guardar dinheiro para sua viagem de dezoito anos. Ela chegou empolgada à reserva, sempre achou aquele lugar lindo, mas ao se virar, segurou o ar ao ver Magnus.

Ele falava ao celular e tinha uma expressão séria no rosto. Amélia andou um pouco mais e parou perto de um carro e ficou admirando-o, memorizando cada gesto que ele fazia, cada expressão. Suspirou quando ele sorriu e viu a covinha aparecer. Se pudesse ao menos ter uma chance, apenas uma... Suspirou derrotada, jamais ele olharia para ela. Via pelas capas de revistas as mulheres com quem ele saía. Foi se aproximando aos poucos para mais perto dele, quando ele ia se virar e a vir, uma mulher se aproximou e deu um soco em seu braço.

— Eu deveria te bater, Mag — ela disse apontando o dedo para ele. — Sabe o quão difícil foi fazer aquela porra de contrato? E você cheio de não me toques, desmancha o contrato na minha frente.

— Eu te avisei que não iria mais aceitar o contrato, Soraia — ele disse rindo. — Porra, meu braço está doendo!

— Para de reclamar, você vive usando esse braço...

Ele gargalhou. Amélia sentiu seu corpo vibrar com aquela risada.

— Você sabe muito bem que não preciso disso — provocou ele.

— Ah, é? — A mulher sorriu irônica. — E como vai a sua menina?

Amélia se assustou com a mudança brusca de expressão de Magnus.

— Vai à merda, Soraia — disse extremamente sério.

— Ué, você acabou de dizer que não faz isso, então deve ter

encontrado ela — zombou e viu o amigo um tanto incomodado. — Mag, você deveria esquecer essa menina.

— Eu tento, mas é mais forte que eu — disse baixo, e levantou a cabeça ao ver um carro parando. Eles desceram a escadaria na sua direção e Amélia se escondeu.

Ficou de olhos fechados e respirava forte. Ele quase a tinha visto. Abriu os olhos e viu as juntas dos dedos brancos devido a força que apertava o livro. Olhou o carro ir embora, acalmou-se e entrou no prédio. Apertou o botão do andar de seu pai ao entrar no elevador. Assim que saiu, a primeira pessoa que viu foi Thiago, ele estava sozinho, usava fones e olhava concentrado para o computador à sua frente.

Amélia passou por ele em direção à sala de seu pai. Achou estranho não ver Talita em sua mesa. Abriu a porta com cuidado e parou no mesmo instante, seu pai estava sentado no sofá, com as calças abaixadas, apertando a bunda da mulata que o cavalgava. Ele puxou com força os cabelos lisos dela e ela gemia baixo enquanto rebojava.

— Pai...

Deixou o livro cair. O barulho assustou os dois e a viram parada na porta. Engoliu em seco e entendeu que tinha acabado de pegar seu pai traindo sua mãe.

— Amélia...

Ela correu em direção ao elevador e apertou várias vezes o botão.

— Amélia, espera! — Ouviu a voz de seu pai.

Tentou se soltar das mãos dele quando ele a virou.

— Me solta — ela disse baixo e segurava o choro.

— Filha, me escuta...

— Você é pior que seu pai.

Ralf soltou os ombros da filha, deu alguns passos para trás, e ela

entrou chorando no elevador. Como ele pôde fazer aquilo com sua mãe? Não iria mentir para ela. Saiu do elevador e parou por um momento e não soube o que fazer. Sabia que o outro ônibus iria demorar, respirou fundo e começou a caminhar em direção à saída da reserva. Já havia passado a guarita quando se assustou com o carro de seu pai, que parou alguns metros à frente. Ralf desceu e veio em sua direção.

— Antes de fazer qualquer acusação, me escute apenas — implorou ele. — Iremos para casa e conversaremos com sua mãe.

Ele se virou e ela o seguiu em silêncio. A mulher que estava com seu pai segurava algo nas mãos e reconheceu o livro. Ela se sentou no banco da frente e Amélia ficou encolhida no banco de trás. Quando chegaram a casa, Amélia desceu primeiro, sua mãe já os esperava na sala.

— Senta, Amélia — ela disse séria. Raja olhou para Ralf e a mulher. — Oi, Suzyane, tudo bem? — Aproximou-se e a beijou no rosto.

— Mãe... ela... — Olhou espantada para sua mãe.

— Ela é a mulher com quem seu pai sai no momento. Amélia, eu e seu pai temos um casamento aberto... — confessou de repente.

— Espera, vocês o quê?! — Deu alguns passos para trás e se sentou na poltrona.

— Entenda uma coisa, filha... — Sua mãe se aproximou e segurou em sua mão. — Eu sei que deve ser difícil para associar tudo no momento, mas, entenda, somos uma mulher e um homem e cada um tem um desejo diferente, mas nem por isso deixaremos de ser seus pais.

— Não é certo isso, o casamento... ele não deve ser assim — ela disse baixinho.

— Amélia, apenas o casal decide se é ou não certo — repreendeu Raja. — A única coisa que você tem que fazer nesse momento, é respeitar o modo como eu e seu pai vivemos nosso casamento.

Ela os olhou por um momento e pigarreou. Suzy se virou e a olhou. Seu pai deu um beijo no pescoço da mulher, que se afastou e se sentou no sofá.

— Oi, filha — Ralf disse tranquilamente.

— Oi, pai.

— Oi, Amélia, como vai? — Suzy perguntou sorrindo. Suzyane nunca fora ruim, mas Amélia também nunca tinha dado abertura para ela. Amélia não respondeu. — Bom, deixarei vocês conversarem — disse um pouco envergonhada.

— Não precisa, Magnus pediu que você participasse da reunião, lembra? — seu pai disse indo em direção a uma mesinha com algumas bebidas e se serviu. — Afinal, o que iremos discutir? — perguntou para a filha.

— Ah, sim... — Ela sorriu, abaixou a cabeça e viu uma sujeira em sua camiseta, e passou a mão.

— Puta que pariu! — Ralf disse baixo e se encostou em sua mesa. — Eu sou muito novo para essa merda.

— Do que o senhor está falando? — ela questionou confusa com a reação de seu pai.

— Como? — Ele fez uma careta e alternou o olhar entre o rosto da filha e a barriga dela, diversas vezes. — Como pôde ser tão descuidada?

— Ralf, isso é jeito de falar com sua filha?! — ralhou Suzy.

— Pai, eu não estou grávida — ela disse séria.

— Graças a Deus. — Ele respirou forte.

— Seria tão ruim assim? — ela perguntou ofendida.

— O que está acontecendo? — Magnus perguntou olhando a cena à sua frente.

— Meu pai achou que estivesse grávida e quase surtou — explicou ela, apontando para o pai, ressentida.

— Filha... — Ralf se levantou e se aproximou. — Eu só acho que ainda é cedo, ainda falta um ano e meio para terminar seu curso e você está estagiando. E uma criança agora iria atrasar muito sua vida.

— Então... — Ela o olhou brava. — Se eu ficar grávida, meu filho será um atraso em minha vida?

— Eu não disse isso, Amélia...

— Tanto faz. — Ela se virou e olhou para Magnus. — Conversa com ele, vou esperar no carro.

Ralf respirou fundo, fechou os olhos e apertou o meio dos olhos com força. Suzy se aproximou e tocou em seu braço, murmurou algo e Magnus olhava com interesse para o casal.

— Há quanto tempo? — Magnus perguntou apontando de um para o outro.

— Há algum tempo, Magnus. Bom, vou indo, Ralf, mais tarde nos falamos. — Suzy o beijou e saiu da sala.

— Quando falei para ela sobre conversar com você sobre adiantar o casamento, estava apenas pensando no bem-estar dela. — Magnus andou em direção à mesinha, pegou uma bebida se sentou na cadeira de frente à mesa do sogro. — Quero que você cuide do contrato pré-nupcial...

— Minha filha não é interesseira, Magnus. — Ralf o olhou contrariado.

— Estou falando do contrato pré-nupcial da Amélia e não o meu, quando me casar, ela terá direito a tudo que é meu. — O sogro o olhava um pouco confuso. — Eu sei a verdade, Ralf, por isso o contrato pré-nupcial, afinal, ela é a única herdeira.

Ralf o olhava sem entender, até que aos poucos viu que Magnus apenas o analisava.

— Ele não tinha esse direito — rosnou Ralf.

— Na verdade, tem. E um aviso, não irei mentir para Amélia, assim que passar a festa da fundação, irei contar a verdade a ela.

Na terça-feira, logo pela manhã, Amélia foi avisada que teriam encontro com Laura, a cerimonialista e iriam escolher o salão de festa. Saiu da universidade e foi direto para a casa dos pais, queria pegar sua antiga pasta de desenho que havia deixado lá. Queria mostrar os desenhos que tinha feito com algumas descrições que conseguira ao traduzir algumas cartas para José Carlos. Tom estacionou o carro, ela desceu e olhou para o homem em frente à sua casa.

— Deseja algo?

— Tenho uma entrega... — Ele olhou para o nome. — Ralf Junior Loures.

— Ah, claro.

Assinou o tablet, pegou a pasta e entrou na casa. Olhou para a pasta em sua mão e por curiosidade a abriu, e não soube o que falar ao ver o conteúdo dela. Sentou-se no sofá e sentiu as lágrimas em seu rosto. Respirou fundo e pensou o que poderia fazer. Subiu correndo para seu quarto e guardou a pasta junto com os outros envelopes que haviam chegado. Sem saber o que fazer, sentou-se e chorou baixo. Respirou fundo e as colocou dentro da mochila, teria de contar a verdade para ele. Saiu da casa e foi em direção ao encontro que teria.

Entrou no carro e ficou em silêncio, sabia que aquele momento chegaria, mas teria de criar coragem. Ficou olhando para o caminho que Tom fazia e ficou impressionada com o local. Desceu do carro e olhou para a fonte que havia em frente ao salão, assustou-se com o arensar de alguns cisnes.

Olhou ao redor e os viu nadando no lago que estavam bem ao fundo. Suspirou e andou em direção ao salão. Ao abrir a porta, olhou para o local e tinha de admitir, era lindo. Entrou e sorriu ao ver Susan conversando com sua mãe, seu pai e Magnus. Susan sorriu ao vê-la e foi de encontro a ela.

— Oi, minha querida. — Susan a abraçou com carinho e olhou para seu rosto. — Está tudo bem?

— Sim. — Ela sorriu e olhou pelo local. — Aqui é lindo.

— Eu sei! — Susan suspirou. — Minha festa e de Raul foi aqui!

— Hum, mais uma tradição a seguir?

Susan a olhou seriamente por momento e elas riram. Aproximaram-se do grupo e Susan a apresentou a Laura, a organizadora do casamento. Logo sua tia Rosa e tia Nina chegaram. Amélia olhou para o tamanho do salão e tinha até medo de perguntar quantas pessoas seriam convidadas. Andou em direção a três mesas decoradas, cada uma estava com arranjo de flores, taças e talheres, louças e toalhas de cores diferentes, e ficou olhando-as um pouco confusa. Sorriu quando sentiu uma mão em sua cintura e um beijo em seus cabelos, virou-se e ficou de frente para ele.

— Está tudo bem? — ele perguntou tocando em seu rosto. — Você andou chorando? — Ergueu uma sobrancelha.

— Eu estou bem. — Ela sorriu.

Magnus a observou, mas quando ia dizer algo, Laura se aproximou.

— Algo lhe agradou?

— Pergunta. Eu entendo de paleta de cores, mas para mim os tecidos são os mesmos — comentou ela.

— Você tem tanto a aprender, Amélia — Susan disse sorrindo.

Amélia olhou na direção da entrada do salão e sorriu ao ver Lucinda e Lili se aproximando e logo atrás Lucius e Julian. Não ficaria surpresa se seus primos também aparecessem por ali. Susan, Laura, sua mãe e suas tias a

ajudaram com as escolhas.

— Bom — Susan começou —, temos que conversar sobre um assunto que fiquei sabendo agora. — Amélia e Magnus a olharam. — Que história é essa de adiantar o casamento civil?

— Bem... — Amélia ia começar a falar e Magnus tomou a vez da situação.

— Simples, fui no cartório e mudei o dia. — Sorriu.

— Magnus... — Susan se aproximou do neto. — Você sabe que todos nós nos casamos um dia antes no civil e no dia seguinte...

— Mas como a senhora mesmo me ensinou... — Ele colocou as mãos dentro do bolso da calça social. — Eu não sou todo mundo!

Susan semicerrou os olhos para o neto, que sorria, e virou o rosto para Lucinda, que olhava séria para o filho.

— Eu vou bater nele!

— Fique à vontade! — Lucinda deu de ombros.

— Vó... — Magnus segurou em suas mãos. — O civil será apenas família e alguns amigos próximos. — Susan arregalou os olhos. — E por isso quero fazer um trato!

— Qual? — Olhou-o desconfiada.

— O civil será no máximo cinquenta pessoas. — Ela o olhou resignada. — Agora o religioso, fica tudo por conta da senhora! Claro que Amélia terá direitos de escolhas, mas ainda assim...

— Não ligo para quem convida, só não quero nada extravagante — impôs Amélia.

Susan olhou para o casal, fechou os olhos e respirou fundo.

— Aceito, mas o casamento civil será em minha casa!

Eles concordaram com a cabeça.

— Bom, então serão duas festas separadas? — Laura olhou para

Amélia que acenou com a cabeça. — Já escolhemos a decoração, só terei que entrar em contato com os fornecedores. Quando será o casamento?

— Daqui duas semanas, no sábado! — informou Magnus.

— Tudo bem! Em cima da hora! Os fornecedores irão me matar, mas tudo bem! — A mulher sorriu e começou a digitar freneticamente no notebook e no celular. Amélia segurou um riso e olhou para Susan, que a olhava séria. — Amélia, e como é o casamento dos seus sonhos? — Laura perguntou carinhosamente.

— Ah, bem...

Ficou ainda mais envergonhada quando todos a olharam. Na verdade, o casamento dos seus sonhos nunca tinha mudado, sempre fora o mesmo desde os seus doze anos. Seria totalmente à luz de velas, como se fosse os antigos salões de bailes de Londres. Teria candelabros espalhados pelo salão. Pequenos arranjos de rosas brancas ou de outras cores, menos vermelha. E quando dançasse com Magnus, só os dois iriam ser iluminados no salão inteiro. A igreja seria decorada por rosas brancas e queria muito o coral infantil do orfanato cantando, eles eram incríveis.

— Se quiser, pode escrever, mas preciso que descreva com bastante detalhes.

— Tudo bem.

Ela se sentou e começou a escrever, sorriu ao imaginar como ficaria. Se Laura conseguisse fazer cinco por cento do que queria, já ficaria feliz. Quando terminou de escrever, revisou e entregou a folha para Laura.

— Bom, vamos ver.

Ela começou a ler e sorria o tempo todo, fez algumas anotações e andou em direção ao notebook que estava em cima de uma mesa. Magnus se afastou para atender o celular, ele havia tirado o terno e o deixou pendurado sobre uma cadeira. Amélia se sentou e tentou acalmar a respiração, depois de

saírem dali, iria contar a verdade para Magnus. E então ouviu um barulho que arrepiou a alma até da sua última geração.

— Amélia Loures.

Pensou que nunca mais iria ouvir aquela voz rouca de fumante na sua vida. Ergueu a cabeça e se levantou, olhou para a dona da voz. Era uma mulher na mesma altura de Susan, magra, ruiva, uma cara de buldogue velha e usava uma bengala como apoio. Lembrou-se das vezes que quase tivera vontade de quebrar aquela maldita bengala.

— Você engordou — comentou ela dando alguns passos em sua direção.

— Graças ao bom Deus. — Amélia se aproximou da velha senhora, que a analisava.

— Insolente.

— Muito obrigada. — Amélia tirou o pé rapidamente e olhou para mulher, que sorria. — Já foi o tempo disso, madame.

Ouviram passos, Magnus se aproximava com Susan.

— Suzane, vejo que conhece a noiva de Magnus — Susan disse sorrindo.

— Magnus, meu querido, poderia ter encontrado uma moça mais educada — a mulher disse tocando no rosto dele, que ria.

— Oi, Suzane, quanto tempo que não a vejo.

Magnus beijou o rosto da mulher, que sorria. Amélia semicerrou os olhos para ver se não estava delirando. Tinha convivido com aquela mulher desde os 3 anos de idade e ela nunca sorriu na vida.

— Para com essa merda, não sou mais sua aluna — reclamou Amélia, tirando o pé para que a mulher não a acertasse com a ponta da bengala.

— Thomas me disse que dançaram juntos novamente. — Ela se apoiou na bengala.

— Sim.

— E me disse também que você vai voltar a dançar.

— Por que não admite que sente minha falta? — provocou Amélia.

— Não se ache, garota.

— Afinal, o que faz aqui? — Amélia perguntou cruzando os braços.

— Vim a pedido de Susan, para orientar na dança do casal e na sua dança com seu pai.

Ainda não estava falando com seu pai desde a discussão sobre a questão da gravidez. Balançou a cabeça e pelo canto dos olhos viu seu pai e sua mãe conversando.

— Ralf, se aproxime, por favor — pediu Suzane. — Ainda continua muito bonito.

— Oi, Suzane, quanto tempo. — Ele se aproximou e beijou o rosto da velha senhora.

— AMÉLIA! — Suzane gritou a plenos pulmões.

— Não precisa gritar, estou aqui do lado.

— Ralf, pegue sua filha. — Ela se aproximou e colocou a mão sobre o ombro do pai. — Coluna. — Suzane bateu a bengala nas costas de Amélia. — Postura.

— Ainda quebro essa bengala — Amélia murmurou e seu pai riu alto.

Magnus estava sentado na mesa do restaurante, teria um jantar de negócios. Havia deixado Amélia no apartamento e ela avisou que iria fazer uma surpresa. Olhou para o relógio e suspirou resignado. Heitor conversava com os outros convidados. Passeou os olhos pelo restaurante e ficou sério ao ver Melina sentada em uma mesa, encarando-o. Desviou o olhar e prestou atenção na conversa que acontecia em sua mesa. Depois de assinar o contrato, cumprimentou os mais novos compradores e alguns novos sócios

que se interessaram em investir em sua empresa, e saiu do restaurante. Estava parado e esperava Tom.

— Oi, Magnus...

Ele fechou os olhos e gemeu baixo, virou-se e olhou para a morena que estava parada à sua frente. Melina era uma mulher muito bonita, mas as atitudes lunáticas acabavam com sua beleza.

— O que quer?

— Vou ser rápida. Sabe, eu posso ter meus defeitos e você sabe que são muitos. — Sorriu fraco. — Mas se tem algo que não sou é mentirosa! Me fala, o que realmente sabe sobre a Amélia?

— O que quer dizer? — Cruzou os braços.

— Bom, antes de se casar com ela... — Ela abriu a bolsa e pegou o celular. — Talvez fosse melhor ver isso que tenho para lhe mostrar.

— E como posso acreditar?

— Olhe você mesmo e veja que não estou mentindo.

Ela colocou o celular em sua mão. Ele respirou fundo, balançou a cabeça e olhou para o aparelho.

Amélia sorriu ao se lembrar que faltava apenas uma semana para seu casamento. Se estava ansiosa? Muito. Ela não cabia em tanta felicidade. Olhou para o celular e viu a foto dos dois juntos. Ela tinha feito uma pequena surpresa para Magnus com a ajuda de Lisa.

Estava sentada no meio da cama e sorriu ao ver a porta ser aberta. Mas seu sorriso morreu ao ver os olhos dele vermelhos. Ele a olhava com raiva, com as mãos dentro dos bolsos da calça. Ela se levantou, aproximou-se dele e tocou em seu peito, assustou-se com o tapa que recebeu em sua mão e se afastou.

— Por quê? — ele perguntou baixo.

— Prince, o que foi?

— Não me chama assim! — Ele andou até o meio do quarto e a olhou.
— Eu confiei em você! — Apontou o dedo para ela. — Eu acreditei em você, Amélia! Por quê? Por que fez isso?! — Ela o olhou sem entender e sentiu um aperto em seu peito ao ver as lágrimas que começaram a escorrer dos olhos dele.

— Magnus, o que está acontecendo? — Ela tentou se aproximar.

— Se afasta de mim! — esbravejou. — Quero que saia daqui e principalmente de minha vida!

— Magnus... — Ela não podia acreditar naquelas palavras.

— Você é pior que a Melina! — disse friamente e Amélia se encolheu.
— Você só foi mais uma interesseira...

— Magnus, não! — Ela se aproximou com raiva. — O que está acontecendo? Por favor, me fala — implorou.

Ele colocou a mão dentro do bolso da calça, pegou o celular e o entregou a ela.

— Me fala, como pôde ser uma puta tão mentirosa desse jeito?

Ela pegou o celular e abaixou os olhos, sentiu um aperto em sua garganta. Deu alguns passos para trás e se sentou na cama, não precisava rodar o vídeo, já sabia o que significava. Fechou os olhos e sentiu as lágrimas em seu rosto.

— Eu não te traí, Magnus...

— Ah, não? — disse furioso. Aproximou-se e segurou com força o rosto dela. — E o que significa essa porra de vídeo? — Ele sentiu as lágrimas escorrendo. — ME FALA! — gritou.



Capítulo 22

Ela viu a raiva em seus olhos, tentou falar, mas não conseguia. Fechou os olhos e gemeu baixo quando ele soltou seu rosto com força. Sentiu o medo por todo o seu corpo. Sabia que aquele momento chegaria, mas não queria que tivesse sido daquela forma. Queria ter sido ela a contar a verdade, de poder mostrar todos os vídeos e fotos.

— Quem mandou a você? — perguntou em um miado de voz.

— E faz diferença? — disse com raiva, ela se encolheu. — Pega suas coisas, sai daqui e suma da minha vida!

— Magnus, por favor, me ouve...

— O quê? Vai me dizer que não é isso? Que ele te chantageou e por isso teve que dormir com ele?! — Ele riu baixo. — Você é patética.

Ela tremeu ao ouvir a portar se fechar com força. Não sabia o que fazer, estava perdida, sem chão. Levantou-se e andou em direção ao closet, parou em frente aonde as roupas dela ficavam. Abriu o cofre e pegou o pen drive e a pasta, respirou fundo e saiu do quarto. Desceu a escada. Magnus estava

parado em frente à janela, ele havia tirado o terno, usava apenas o colete e camisa e segurava um copo em sua mão.

— Você prometeu que iria — ela começou e parou quando ele se virou e a olhou com ódio e mágoa. Ela engoliu em seco e continuou: — Me escutar! — murmurou.

— Você tem apenas uma única chance. E espero que fale a verdade! — Sentou-se no sofá.

Ela não iria perdê-lo. Não depois de tudo o que tinham vivido, todos os risos e beijos trocados. Amélia já havia se escondido e deixado de viver e não iria fazer mais aquilo. Talvez ele não acreditasse, mas iria falar a verdade, toda a verdade para ele. Engoliu em seco e sentiu medo com o que via nos olhos dele, mas as lembranças de Magnus dizendo que a amava falavam mais alto em sua mente. Respirou fundo e começou.

Olhava desnorteada para a prova à sua frente, sabia que se continuasse assim, seria reprovada e sua mãe a mataria. Aproximou-se do professor para entregar a prova.

— Irei conversar com o professor responsável pelos monitores, não se preocupe, não deixarei você reprovar, Pimentinha. — Carlos a olhou e sorriu carinhosamente.

Sempre gostou de Carlos, ele era amigo de Bicio. Bom, na verdade, era bem mais que amigo, os dois eram um casal, mas Bicio tinha medo de se assumir e a família o rejeitar. Amélia olhou para Carlos e sorriu para ele. No fim da aula, foi chamada na sala dos monitores. O seu professor de história sorriu e pediu que entrasse. Encolheu-se ao ver sua mãe sentada e a cara que fazia não era uma das melhores.

— Amélia, o professor Carlos nos explicou a sua situação, e já escolhi quem será seu monitor — avisou professor Rodrigues. — Pode entrar, por

favor.

— *Com licença.*

Ela se virou e não botava fé em quem entrava. Gustavo Buarque era o popular da escola inteira, todos o conheciam, e ele sempre gostava de chamar a atenção para si. Ali, teve certeza de que repetiria de ano.

No dia seguinte, estava sentada lendo um livro para a matéria de geografia quando ouviu vozes. Ela levantou a cabeça e viu que Liliana Lacarez entrava conversando com Gustavo. A única coisa que ela tinha parecido com Magnus era os olhos, fora isso, não tinha nada dele. Eles se aproximaram de Amélia.

— *Boa sorte e aproveita bastante, se seguir tudo que ele disser, você não repete* — *Liliana disse sorrindo.*

— *Obrigada.*

Gustavo sorriu e se sentou em sua frente. A aula começou. Amélia prestava atenção nas explicações, olhou para seu caderno e respirou fundo.

— *Pode parecer difícil no começo, mas irá ver que não é um bicho de sete cabeça* — *Gustavo disse sorrindo.*

— *Era mais fácil enfrentar a Hidra que essa droga de matéria* — *ela resmungou.*

Ele a olhou e riu alto.

Aos poucos, foi entendendo aquela matéria. Matemática era apenas algo mais elaborado e já não achava Gustavo tão chato assim. Gustavo era alto e cheio de tatuagens, sorriu ao se lembrar de Bicio, que estava a ponto de virar um gibi humano.

— *Oi, pequena Amélia* — *Gustavo disse se aproximando e dando um beijo em seu rosto.*

— *Oi.*

Estavam na biblioteca. Percebeu que Gustavo a olhava um jeito um

tanto diferente de uns dias para cá, e ela não gostava daquilo.

— O que foi?

— Já te disseram que você é bonita? — perguntou colocando a cabeça de lado.

— E o que isso tem a ver com matemática?

— Calma, pequena Amélia. — Ele sorriu.

— Já falei para não me chamar assim.

Ele se sentou ao seu lado, e ficou olhando para seu caderno. Ela sentiu seu corpo travar e se afastou dele.

— O que foi? Meu perfume é ruim? — Ele a olhou nos olhos.

— Não — ela disse séria e empurrou seu caderno para mais perto dele, e assim ele poderia se afastar.

— Você já beijou? — Ele riu.

— Com todo respeito, Gustavo, mas não somos amigos, você é apenas meu monitor. E o que caralhos eu ter ou não beijado vai me ajudar com a matéria? Por favor, se afasta — disse firmemente, mas seu corpo tremia.

Ela sentiu a mão dele em sua coxa, bateu com força em sua mão e se assustou quando ele puxou com força sua cadeira e segurou em sua cintura.

— Agora ficou interessante. — Ele se aproximou e a beijou à força. — Ai, sua cadela!

Amélia o havia mordido com força. Gustavo lambeu o sangue dos lábios e a jogou contra o chão. Ela sentiu seu rosto arder com o tapa que levou. Amélia se levantou e tentou correr, mas ele foi mais rápido e a puxou pelos cabelos.

— Não pense que vai escapar tão fácil assim — disse olhando-a nos olhos.

Foi salva pelo barulho da porta da biblioteca.

Dois dias depois, estava ajudando a professora de educação física a guardar o material usado e ficou por último para tomar banho. Estava enrolada na toalha e colocava a calcinha quando ouviu um barulho. Ela se virou repentinamente e se assustou quando viu Gustavo parado, olhando para ela e sorrindo. Ele se aproximou e ela não tinha para onde correr. Amélia apertou com força a toalha. Gustavo segurou em seu rosto e a beijou brutaemente, virou-a contra o armário e arrancou a toalha. Amélia tentou se debater quando sentiu a mão dele em seu seio.

— Você é minha, pequena Amélia — sussurrou e saiu do banheiro.

O medo tomou conta dela. Ela tinha que contar para alguém, mas quem acreditaria nela? Seria a palavra dela contra a do popular da escola. Todos sabiam que as meninas morriam para poder ficar com ele. Trocou de roupa o mais rápido que pôde e saiu dali.

No dia seguinte, estava um pouco assustada e com medo. Seu corpo ficou em estado de alerta quando ele entrou e se sentou em sua frente. Ele tirou um envelope de dentro da mochila e lhe entregou.

— Presente — ele disse.

— O que... — Ela abriu o envelope e segurou o ar ao ver uma foto dos dois no banheiro. Quem a visse, diria que os dois estavam fazendo algo. Sentiu as lágrimas em seus olhos e o encarou. — O que você quer? — perguntou baixinho e Gustavo abriu um sorriso largo.

— Você — afirmou. — Irá me encontrar todos os dias depois da aula. E não se preocupe... — Ele se levantou e se sentou ao seu lado, apertou sua coxa, ela gemeu baixo e se encolheu. — Não irá repetir de ano — sussurrou e virou com força o rosto dela. — E eu poderei fazer o que quiser com você e caso não coopere, seus pais irão receber essa foto.

— Quantos anos tinha? — Ouviu a voz de Magnus.

— Havia acabado de fazer catorze anos — respondeu sem o olhar.

Amélia se sentou na cama com dificuldade, respirou fundo, olhou para sua perna e ficou encarando a faixa enrolada em sua coxa. Tirou-a com cuidado e gemeu ao ver os pontos. Assustou-se quando a porta foi aberta e Lislá entrou.

— *Lia, o que houve?* — *Ela se aproximou.*

Amélia olhou para ela e começou a chorar. Abraçou-se fortemente e contou tudo para Lislá, que a olhava assustada.

— *Por favor, não conta para meus pais!* — *implorou.*

— *Mas...*

— *Por favor, Lislá.* — *Ajoelhou-se na frente da amiga.* — *Não conta, por favor!*

— *A cicatriz na sua perna.* — *Ele a olhou.* — *Eu pensei que...*

— *Gustavo tinha fetiches por facas — fungou baixo —, e várias outras coisas estranhas.* — *Parou por um momento.* — *Depois que contei para Lislá... Bom, foi ela quem me ajudou a enfrentar o Gustavo.* — *Deu um sorriso fraco.*

“Daqui a pouco estarei aí, pequena Amélia, estou apenas esperando seus pais saírem.

Gustavo.”

Havia seis meses que Amélia aguentava aquilo tudo. Olhou para o celular novamente, respirou fundo e fez o que Lislá havia falado. Levantou-se, andou em direção ao notebook que seu pai lhe dera, respirou fundo e ligou o programa de vídeo, seguiu as instruções que a amiga havia passado e começou a gravar. Pegou o celular e mandou uma mensagem.

“Pode vir aqui em casa?”

Pimenta.”

“Aconteceu alguma coisa?

Júlio.”

Conhecia bem o primo e como não o respondeu e nem o atendeu, sabia que ele iria aparecer ali. Amélia respirou fundo quando ouviu:

— Pequena Amélia, ainda mais bonita.

Gustavo estava parado na porta de seu quarto. Ele havia pegado a chave de sua casa e feito uma cópia para si. Ele se aproximou e a beijou com força, teve que retribuir para ele não desconfiar de nada.

— E então?

Sempre que ele fazia aquela pergunta, ela tinha que tirar a roupa.

— Não vou mais fazer isso — disse com toda a coragem que conseguiu.

— Não ouvi direito. O que você disse? — Gustavo grudou sua mão direita com força no pescoço de Amélia e a empurrou contra a parede. Ela gemeu com o impacto. — Você não tem escolha, pequena Amélia, ou irei mandar as fotos para seus pais...

— Eu não tenho medo de você. — Ela segurou o braço dele quando sentiu faltar o ar.

— Entenda, Amélia, você me pertence! Ninguém irá ter você e isso eu lhe garanto.

Ele a soltou e deu um soco em seu rosto. Amélia ficou tonta. Gustavo a segurou pelos cabelos e bateu sua cabeça contra a parede. Ao cair no chão, sentiu o chute em suas costelas. Puxou-a pelos cabelos, empurrou-a para a cama e rasgou as roupas que ela usava.

— Sempre te respeitei. — Ele segurou seu rosto com força. — Por isso não tirei sua virgindade. — Cuspiu em seu rosto. — Mas agora você passou dos limites — disse abrindo o zíper de sua calça. — Vou te foder do jeito que

merece.

— Pimenta? — Júlio gritou ao entrar na casa dos tios.

Gustavo a olhou com ódio, acertou novamente um soco em seu estômago.

— Júlio, corre aqui, por favor — Gustavo gritou, fechou o zíper da calça e fez cara de assustado.

— O que... — Júlio parou na porta do quarto da prima e a viu na cama. — Amélia, o que houve?! — perguntou apavorado ao ver o rosto e o corpo da prima todo machucado.

— Quando cheguei aqui, achei estranho o portão aberto e vi um cara sair correndo pela porta dos fundos da cozinha. Subi correndo e a encontrei assim — Gustavo disse, fingindo estar desesperado.

— Pega uma roupa para ela. Amélia precisa ir para o hospital.

Júlio se aproximou e fechou a cara ao ver o roxo nas costelas da prima, o sangue escorrendo de sua testa, o olhou inchando, o pior de tudo foi vê-la exposta. Pegou a prima no colo, que gemeu baixo. Seu colega de viatura o viu saindo da casa e abriu a porta para que ele entrasse com ela.

— O que houve depois? O que disse a eles?

— Inventei uma história.

— Ele não te perturbou mais? — Ele se levantou e se sentou ao seu lado.

— Eu mandei um e-mail com o vídeo e disse que se aproximasse de mim novamente, eu iria na polícia. Ele não me perturbou mais — sussurrou e se encolheu. — Mas então...

— O que houve? — perguntou abraçando-a com carinho.

— O que eu tenho que fazer para te convencer? — Raja perguntou

olhando séria para filha.

Amélia olhou para mãe e deu um suspiro frustrado. Havia meses que Raja a pressionava para que fizessem uma festa de quinze anos. Ela não tinha como lutar contra a mãe, e sabia que de um jeito ou de outro a festa aconteceria. Olhou para a mãe e viu um brilho em seus olhos, e não queria decepcioná-la.

— Já escolheu o príncipe? — Amélia perguntou.

— Não, você quem escolhe.

Amélia pensou por um momento e deu um sorrisinho, Lislá a olhou e balançou a cabeça rindo.

— Ok. Se a senhora conseguir que Magnus Lacarez seja meu príncipe, eu até participo de toda a preparação — propôs. — Mas caso não consiga, irei sair do ballet e a senhora poderá escolher o príncipe que quiser — disse dando de ombros.

— Tudo bem — concordou Raja.

— Como assim, tudo bem? — Ela franziu a testa.

— Entenda, Amélia, mães quando querem algo, elas sempre conseguem.

Faltando um mês para a festa, Amélia estava sentada na biblioteca quando sua mãe chegou e lhe entregou um pacote. Ela a olhou sem entender.

— O que é isso?

— Seus convites. — Amélia ficou olhando para os convites com cara de desgosto, afinal, tinha dado liberdade total para sua mãe. — E falei com Magnus, ele aceitou.

— O QUÊ?! — Ela teve que se segurar para não cair da cadeira. — Co-cómo assim, ele aceitou?

— Eu conversei com ele, e expliquei a situação, e ele aceitou e pediu

para dizer que ficou lisonjeado.

— Mãe... a senhora... puta merda, ele aceitou! — disse baixinho.

Seu coração começou a disparar e ia começar a ficar sem ar. Ela não sabia o que pensar. Olhou para a mãe e a abraçou gritando.

— Amélia, estamos na biblioteca, se acalma — comentou, rindo.

— Mãe, eu te amo.

— Eu também te amo, filha. E vendo essa empolgação toda, poderia perguntar se você tem uma queda por ele? — Raja sacudiu as sobrancelhas.

— Ah, bom... ele é muito bonito, vai. E quando pedi que fosse ele, eu pensei numa forma que talvez não precisasse acontecer a festa...

— Sim, ele realmente é muito bonito...

Ela apenas balançava a cabeça, pois ainda estava em choque ao saber que seu Magnus — sim, ele era dela, mesmo ele não sabendo — seria seu príncipe.

— Bom, agora só falta você entregar os convites.

— Eu posso pedir uma coisa?

— O quê?

— Eu sei que é de última hora, mas queria saber se posso escolher o vestido que dançarei a valsa com o príncipe... Eu tenho guardado um dinheiro se precisar.

— Claro que pode, filha, você já sabe qual o modelo?

Um dia antes da festa Amélia foi com seus pais ver como estava o salão e sorriu quando seu pai mostrou a surpresa que havia pedido para ser feita. Uma pequena sala das rosas. Amélia olha encantada, havia alguns vasos no chão, outros pendurados no teto, havia um arranjo que as rosas cobriam toda a parede. Sorriu ao se virar e ver a janela que dava para o salão.

— Obrigada. — Abraçou o pai.

Ela estava em frente ao espelho admirando o vestido. Ele era na cor rosa bebê, manga cigana; na parte do espartilho tinha pequenas flores bordadas. Estava ficando nervosa, quando a porta da sala foi aberta e sua mãe entrou na sala.

— Amélia... — Raja a olhou, andou em direção ao sofá e chorou.

— Mãe...

— Ra... Ah, meu Deus! — Tia Rosa entrou na sala junto com tia Nina.

— Você está linda. — Tia Nina se aproximou, tocou com carinho em seu rosto e a beijou.

Sua mãe se levantou e segurava um presente até que grande em suas mãos.

— Magnus, não pode vir — disse séria. Amélia engoliu em seco. — Ele pediu mil desculpas e pediu para entregar isso a você.

Ela respirou fundo, um pouco triste, mas seus pais e sua família tinham se empenhado tanto para aquela festa, então deixaria para sofrer depois dela. Pegou o presente, andou em direção à mesa e colocou a caixa em cima. Tirou o laço e segurou o ar com força, dentro da caixa havia uma rosa de vidro deitada em uma almofada negra.

— Como... — Ela olhou para a mãe.

— Eu disse a ele o quanto é apaixonada por rosas. — Ela se aproximou e sorriu ao ver o presente. — Foi muito bonito da parte dele.

— Sim — concordou sorrindo e então viu um bilhete.

“Para a mais bela jovem rosa da sociedade. Espero que me perdoe por não comparecer e lhe apresentar a todos em sua festa, espero que brevemente possamos ter um momento para compensar a minha falta de educação.

Seu príncipe, Magnus”

Amélia segurou as lágrimas e tocou com cuidado na rosa.

— Sinto muito por isso, filha.

— Tudo bem, mãe, eu sei que a senhora deve ter dado um jeito. — Deu um sorriso fraco. — A senhora... — Pegou o presente com cuidado. — Pode guardar para mim?

— Ah, com certeza deu, e tenho que dizer, é muito bonito esse novo príncipe — comentou tia Rosa, rindo. — E pode deixar que eu cuido com todo carinho desse presente.

Amélia esperou anunciarem seu nome e desceu as escadas sorrindo. Seu pai a esperava. Ele estava todo elegante. Andaram em direção ao centro da pista e começaram a dançar. Ao findar a dança, seu pai se afastou. Amélia ouviu alguns murmúrios e se virou, ficando sem reação. Gustavo estava todo trajado de negro. Ele sorria e vinha em sua direção. Quem o visse de longe, ficaria encantada com seus olhos azuis bem claro. Ele tinha um estilo bad boy, usava um piercing no nariz, e a tatuagem colorida que tinha no pescoço fazia um contraste bonito com a roupa toda preta que usava. Mas nada daquilo apagaria o terror que Amélia tinha vivido em suas mãos.

— Olá, pequena Amélia. — Ele sorriu e a puxou com um pouco de força. Amélia ainda sentia enjoo e ânsia de vomito com o cheiro de seu perfume, sentiu seu corpo travar e engoliu em seco. — Sorria, não quer fazer uma cena feia aqui na frente de todos, não é?

Ele olhou em seus olhos e apertou com força sua mão e começaram a valsar. Amélia engoliu o medo e ergueu a cabeça.

— Não tenho mais medo de você — ela disse sorrindo.

— Será mesmo, pequena Amélia? — provocou-a. — Penso em como seus pais e familiares ficariam ao ver aquelas fotos que tirei... A mais interessante é a que você estava com uma coleira como uma cadelinha e

brinca com meu pau. — Ela respirou firme. Quando a música acabou, ele a beijou. — Você é minha — ele rosnou quando afastou seus lábios. — Você vem comigo, agora! E sorria!

Amélia forçou o sorriso e o seguiu. Gustavo a segurava pela mão, quase quebrando os dedos dela. Uma nova música começou a tocar e os convidados encheram a pista. Ele a levou para a sala das rosas. Alguém entregou um copo para Gustavo antes de entrarem na sala.

— Beba ou eu forço você a isso. — Amélia pegou o copo com as mãos tremendo, mas Gustavo a segurou e a forçou a beber todo o líquido, que desceu queimando por sua garganta. — Não deixe ninguém entrar — ordenou a alguém antes de fechar a porta.

Ela tentou se afastar dele, mas sentiu seu corpo um pouco pesado e lento. Ele sorriu e se aproximou.

— Gustavo, não.

Ela foi empurrada contra a parede de rosas, e gemeu ao sentir o impacto do seu corpo e rosto contra os espinhos. Seu corpo entrou em estado de alerta quando Gustavo enfiou a mão por baixo de seu vestido.

— Prometo não demorar — sussurrou em ouvido. — Queria me deliciar com você, mas como foi uma menina levada, essa será sua punição.

— Gustavo, para! Por favor, eu não quero — implorou.

— Sempre fui louco por essa bundinha branca e arredondada.

— Gusta... NÃO!

Tentou se debater quando sentiu ele colocar a calcinha dela de lado. Uma lágrima escorreu ao sentir uma dor alucinante. Ela tentou gritar, mas ele agarrou seu pescoço e a fez ficar sem ar por alguns segundos. Amélia gemia de dor a cada investida. Só queria que alguém entrasse ali e a salvasse.

— Que delícia de bunda — sussurrou em seu ouvido. — Agora quero

essa bocetinha rosada.

Virou-a de frente e a beijou com força. Ela se debatia e tentava gritar, mas estava sem forças.

— Solta ela, seu filho da puta.

Gustavo gemeu e caiu no chão. Amélia tentou ficar em pé, mas não conseguiu.

— Lia! — Ouviu a voz de Lisandra. — Vem, eu te ajudo. — Gemeu e ficou em pé com a ajuda da amiga. Lisandra arrumou como pôde seu vestido. — Vem, se escora em mim!

— Lislá...

— Shhh... — Lislá a abraçou forte. — Eu tô aqui!

Saíram da sala e foram direto para a sala de troca de roupa. Lislá a colocou sentada no sofá que havia na sala. Amélia se levantou com dificuldade, olhou-se no espelho e viu uma mancha de sangue. Com nojo dele e de si mesma, tirou o vestido e começou a rasgá-lo com todas as forças que conseguiu juntar.

— Lia... — Lislá tentou contê-la.

A porta foi aberta. Sua mãe, tia Rosa, tia Nina e Minerva entraram e não entenderam a cena que viam.

— Ela bebeu demais, tia. — Lislá olhou para as mulheres à sua frente. — Ela não aceitou muito bem o fato de Magnus ter furado com ela.

— Mas o vestido... — Raja tentou falar.

— Ah, bem... — Lislá se virou e olhou para a amiga, que a olhava suplicante. — Ela se cortou na sala das rosas, eu a encontrei lá, sabe, e acho que na mente bêbada dela está limpando a mancha de sangue...

— Sangue? — Raja a olhou assustada.

— Ela se cortou com as rosas!

— Eu quero ir embora — Amélia disse baixinho.

— *Filha, ainda não acabou...*

— *EU QUERO IR EMBORA* — *gritou e se trancou no banheiro. Depois de alguns minutos, seu pai bateu à porta. — Me leva embora, pai, por favor — implorou chorando ao abrir a porta.*

— *Filha, se acalma, tudo bem? — Ele a abraçou um pouco mais forte.*
— *Minha menina, vamos.*

Ela fechou os olhos com força, respirou fundo e se levantou.

— Amélia...

— Não! — Ela se afastou dele. — Você tinha razão em certa parte...
— Ergueu os olhos e o olhou. — Fui patética em aceitar tudo isso sem lutar.
— Sentiu as lágrimas escorrendo. — Mas o medo de decepcionar minha família... — Parou de falar e fechou os olhos.

— Eu sinto muito...

— Não se preocupa, eu já estou indo.

— Amélia, para!

— Não! — Ela se soltou da mão dele. — Vou fazer o que você pediu!

Olhou para os balões de coração que havia enchido com a ajuda de Lisa. Aproximou-se do elevador e apertou o botão. Gemeu baixo ao sentir a mão dele em sua cintura. Ele a puxou para seus braços. Ela tentou empurrá-lo, mas ele a apertou em seu abraço. A cada tentativa de se soltar dele, sentia que ele aumentava a pressão. Amélia desistiu. Encostou a cabeça no peito de Magnus e chorou. Agarrou-se a ele quando ele a pegou no colo e subiu para o quarto. Ele a colocou sobre a cama e ficou abraçado a ela.

— Seus pais...

— Ninguém sabe — disse baixo. — Apenas Lislá e agora você!

— Melina — ele disse baixo e a olhou. — Foi ela quem me mostrou o vídeo.

Ela se afastou dele e se sentou na cama sem o olhar.

— Como ela conseguiu o vídeo?

Magnus se sentou na cama e a fez olhar para ele.

— Gustavo — ele começou baixo. — Eu sempre soube que Melina tinha casos com alguns alunos, talvez ele e ela...

Amélia fechou os olhos e se encolheu. Ela se deitou novamente e se virou de costas. Magnus ficou ali sem realmente saber o que fazer. Ainda digeriria tudo o que ela havia contado. Aproximou-se um pouco dela e viu que havia pegado no sono. Ele se levantou, pegou uma manta e colocou sobre ela. Inclinou-se e deu um beijo em sua testa. Saiu do quarto, olhou para os balões e deu um leve sorriso.

Ao descer, foi em direção à sala e pegou a pasta e o pen drive que ela havia deixado sobre a mesa de centro. Ia em direção ao escritório, mas parou, andou em direção a uma sala específica que havia no apartamento, digitou o código e entrou. Tom estava sentado ao lado de Lisa.

— Quero que investigue tudo sobre Gustavo — ordenou. Tom acenou com a cabeça. — Deixei o elevador travado, ninguém entra ou sai!

Saiu da sala e foi em direção ao escritório. Sentou-se, respirou fundo e abriu a pasta com cuidado. Olhou para as várias fotos, uma pior que a outra. A forma como a ridicularizavam... Engoliu em seco e se recostou na cadeira. Pegou o pen drive e colocou na entrada USB do notebook. Abriu o vídeo, colocou no início e pausou na cena que mostrava Amélia olhando para a câmera. Ela não havia mudado muito, apenas sua feição tinha ficado ainda mais feminina.

Agora entendia às vezes que ficava assustada em alguns momentos quando estavam juntos, ou seu medo de não poder se mexer. Já havia desconfiado que poderia ser algo ruim, mas nunca imaginou aquilo, uma menina de catorze anos sendo obrigada a ser submissa de um cara louco e

sem juízo.

Estava saindo do escritório quando ouviu barulho no elevador. Andou um pouco mais rápido e parou ao ver que Amélia segurava sua mochila e apertava o botão repetidas vezes.

— Aonde vai? — perguntou se aproximando.

— Eu... — Ela se virou e o olhou assustada. — Eu...

— Eu errei! Por favor me perdoa — Ele tocou em seu rosto e ela se afastou. — Eu traí sua confiança quando deixei Melina se aproximar e me mostrar aquele vídeo! Eu errei ao não escutar meu coração dizendo que tudo era um grande engano, errei em te acusar e não deixar se explicar. Errei em não acreditar o quanto seu amor por mim é puro e não sujo como o meu.

“Só, por favor, não faça o que te pedi, não saia da minha vida! Eu não consigo mais viver sem você ao meu lado! — Os olhos de ambos se encheram de lágrimas. — Eu te amo, não me deixa! Prometo melhorar em tudo. Por favor, não me deixe! — Ela piscou algumas vezes e as lágrimas desceram. — Eu te procurei por tantos anos e não posso simplesmente deixá-la sair assim! Não sabe o quanto estou ansioso por sábado. Eu já a vejo como minha esposa. Mas a hora assinar aqueles papéis, será um dos momentos mais felizes de minha vida!”

— Você ainda quer? — soluçou.

Ele tirou a mochila de seu ombro e pegou em sua mão, puxando-a de volta para o quarto. Magnus sorriu e olhou para os balões que enfeitavam o quarto. Deixou-a sentada na cama, colocou a mochila no chão e andou em direção ao closet. Abriu o cofre, pegou a caixa de madeira e voltou para o quarto.

— Sabe — disse baixinho ao se sentar ao lado dela —, eu tenho que te devolver algo que está comigo há um tempo.

Ela o olhou sem entender ao receber a caixa de madeira. Amélia a abriu

e ficou olhando para dentro dela.

— Eu tinha uma bolsa assim quando nova...

— Na verdade... — Ele a olhou e sorriu. — Essa é a sua bolsa.

— *Goza, puta!*

— *Porra, Magnus...*

Ele segurava a cintura da loira e estocava com força.

— *Vira! Quero gozar em seu rosto.*

Ela o olhou e sorriu. Não demorou muito para que ele enchesse a cara da mulher com a sua porra. Ela se levantou sorrindo e se aproximou para beijá-lo.

— *O que está fazendo?! — Ele a segurou pelos ombros.*

— *Eu pensei que...*

— *Foi só sexo. — Ele se levantou.*

— *Você é um escroto, Magnus.*

Ele ficou vendo a loira se levantar, vestir suas roupas e sair andando pela floresta.

— *Cuidado com o lobo mau!*

— *Vai se foder!*

Ele riu alto e balançou a cabeça. Virou o rosto e olhou para a cachoeira à sua frente, andou em direção a ela e entrou. Ficou boiando e olhando para o céu estrelado, estava aproveitando suas últimas noites de liberdade. Por conta das brincadeiras que andava fazendo na escola e as notas ruins, seu avô tinha conversado com um antigo amigo e conseguira uma vaga em uma escola militar.

Magnus saiu da água, vestiu a calça jeans e colocou uma camisa branca. Pegou a garrafa de uísque que havia roubado de seu avô, andou um pouco mais e começou a subir a escada lateral que havia na cachoeira.

Atravessou o rio, sentou-se no chão e se escorou em uma árvore.

— Você está vivo?

Magnus sentiu algo o cutucando. Abriu os olhos e gemeu quando a claridade o atingiu. Lembrou-se da garrafa de uísque que tinha bebido sozinho. Quando conseguiu focar sua vista, assustou-se com dois olhos verde-piscina que o encaravam. Ele pensou estar sonhando. Fechou os olhos e os abriu novamente, mas os olhos ainda permaneciam fitando-o com curiosidade.

Ele se sentou e analisou a dona dos olhos, não deveria ter mais de dez anos, usava uma calça jeans e um tênis branco com cadarço rosa. Achou interessante a camiseta, era da banda KISS. Ela sorriu, e ele viu que o sorriso dela transparecia nos olhos. Percebeu que ela segurava um pequeno graveto e descobriu o que o cutucava.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou com a voz rouca, e sentiu o amargo em sua boca. — Droga, que sede — ele murmurou.

— Toma! — disse abrindo uma bolsinha de coração e tirou uma garrafa de água e lhe entregou. — Pode ficar, eu tenho outra. O biso sempre me fala para andar com comida a mais, pois nunca sei quando vou precisar dividir.

— Ele é um homem sábio — comentou tomando um gole de água. — Afinal, como subiu aqui?

— Ah, eu estava atrás de um cachorrinho, e então ele começou a subir uma escada e vim atrás dele e então eu vi você deitado, pensei que estava morto, estava escorrendo baba da sua boca — ela disse séria. — E como vi o cachorro da Lislá morto, e ele estava com a língua para fora e então pensei que você estivesse morto, porque estava que nem ele, e também, na verdade, eu estou com a minha escola e meio que me perdi por conta do

cachorrinho...

— Tá legal, eu entendi — Ele gemeu. — Você fala demais.

— Não sou eu que tem baba na cara! — Ela cruzou os braços.

Ele limpou o canto da boca com as costas da mão e a olhou por um momento.

— Onde estão seus pais? — Ele tentou se levantar e sentiu um pouco de tontura. — Merda.

— Meninos — ela resmungou e se aproximou. — Vem, eu te ajudo, meus primos às vezes ficam assim e me pedem segredo e então eu sempre ajudo eles — explicou ela. — Mas vou querer algo em troca.

— Por que não me lembro disso? — Ela o olhou.

— Nem sempre lembramos de tudo! — Ele se levantou e foi em direção à porta. Olhou para trás e viu que Amélia ainda olhava para a bolsa. — Vou comer um pedaço do bolo, me acompanha?

Ela apenas acenou com a cabeça e o seguiu segurando a bolsa. Ele andou até a geladeira e pegou o bolo, colocando-o sobre a bancada. Pegou dois garfos e entregou um para ela.

— Aconteceu algo mais? — Ela o olhou curiosa.

Pegou em suas mãos, e ao se levantar sentiu uma forte tontura. Soltou as pequenas mãos, respirou fundo e ficou um momento de olhos fechados. Ao abrir os olhos, olhou confuso para menina à sua frente, que o olhava seriamente. Pegou novamente em suas mãos e se levantou.

— Você é bem baixinha, né? — zombou ao ver o tamanho dela.

— Eu te ajudo e você me chama de baixinha? — Ela parou e o olhou.

— Só falei uma verdade.

— Idiota — ela murmurou.

Começaram a andar e se aproximaram da trilha de pedras que havia

sobre o rio, ela atravessou sorrindo a pequena trilha, parecia uma pequena bailarina enquanto pulava de pedra em pedra. Magnus ficou um pouco atrás para caso ela escorregasse.

— Qual seu nome? — perguntou baixo e parou um pouco devido a tontura que sentiu.

— Amélia. — Ela o olhou e o ajudou a se aproximar da árvore. — Não sabe que quando bebe tem que comer algo?

— E o que sabe sobre beber, garota?

— Bom... — Ela o olhou e empinou o nariz. — Meu biso sempre fala para meus primos que se não forem burros... — Ela sorriu. — Sempre comeriam algo para o álcool não subir muito rápido.

— Me chamou de burro?

— Não sou eu quem está quase caindo e tendo que ficar encostado na árvore que nem velho — retrucou.

Ele a olhou furioso, afastou-se da árvore e foi em direção à escadaria.

— Você tem certeza que o cachorro subiu essas escadas? — perguntou desconfiado. Ali era íngreme demais.

— Sim, ele veio pela escada — disse quase se desequilibrando, ele a amparou.

— Tem certeza que se perdeu do grupo da sua escola? — Ele cruzou os braços.

— Talvez... eu tenha sido desafiada a subir — disse um pouco envergonhada. Abriu a bolsa e pegou uma pedra. — Vou mostrar para meus primos que não tenho medo de nada!

— Corajosa, mas burra!

— Eu não sou burra! — Ela o olhou com a cara fechada.

— É, sim. Se colocou em perigo, se afastou de um adulto responsável... e se você se machucasse, como iria fazer?

— Mas eu estou com você! — Ela deu de ombros.

— Mas há pouco me chamou de burro! — Ele segurou uma risada.

— Foi só um detalhe! — Ela fez sinal com a mão e o olhou. — Me ajuda a descer?

— Não deveria. — Ele a olhou e sorriu ao ver a carinha que ela fazia.

— Vem, eu te pego! — Ele se abaixou um pouco e ela montou em suas costas. — Seus pais nunca falaram que não se pode falar com estranhos? — perguntou sério, virou o rosto para a olhar e sentiu que a sensação estranha no estômago voltara. Merda de uísque.

— Sim. Mas se eu não tivesse aceitado o desafio dos meus primos, eu não teria te visto e não teria ajudado com a água — argumentou séria. Abraçou-o um pouco mais forte e ficou com a cabeça em seu ombro.

Quando chegaram lá embaixo, ele a colocou no chão, segurou em sua mão e foram andando pelo caminho de volta para a sede da reserva. A barriga dele roncou, ela riu alto e ele a olhou feio, mas foi impossível não rir do riso dela. Ela parou, abriu sua mochilinha, tirou um pacote de bolacha e entregou duas bolachas para ele.

— Toma!

— Obrigado, mas acho que só essas duas não vão ser o suficiente. — Ele riu.

— Folgado que nem meus primos — resmungou baixinho e pegou mais três bolachas. — Toma.

Ela guardava o pacote de bolacha quando começou a chover. Amélia gritou. Ele apenas riu e balançou a cabeça. Magnus fez com ela subisse novamente em suas costas, correu um pouco e parou.

— O que foi!? — perguntou ao descer das costas dele.

— Eu estou passando mal. — Ele se aproximou de uma árvore e começou a vomitar.

— *Agora você morre?*

— *Cala a boca! — resmungou e fechou os olhos.*

Ele respirou fundo e se levantou. Ao abrir os olhos, viu que ela estava encolhida e se abraçava devido à chuva forte que caía. Viu os lábios dela tremendo. Aproximou-se e a fez subir novamente em suas costas. Lembrou-se da cabana de seu avô e foi em direção a ela. Subiu os degraus da varanda e a colocou no chão, chegou perto do batente e ficou na ponta dos pés, passou a mão e achou a chave.

— *Nós dois encontramos a cabana juntos? — perguntou boquiaberta.*

— *Não! — Ele deu uma garfada no bolo. — Eu já sabia da existência dela, afinal, meu avô me contava sobre a história do primeiro Magnus que tinha sequestrado a esposa e se encontrava com ela ali.*

— *Hum. — Ela deu uma garfada pequena no bolo. — E o que mais?*

— *Ali naquela porta tem um banheiro. Toma um banho, que vou procurar ajuda. — Ela acenou com a cabeça, andou em direção à porta e entrou. Ele suspirou, foi até o rádio comunicador e pegou o microfone. — Alguém na escuta? — disse e ficou esperando, ajustou na melhor frequência e tentou novamente. — Alguém na escuta?*

— *Ei, cara. — Ouviu a voz do irmão. — O vovô quer te esfolar vivo!*

— *Imagino — disse rindo. — Seguinte...*

— *É o Magnus? — Ouviu a voz do avô e se preparou para a bronca. — Olha, seu moleque irresponsável, quando nos encontrarmos, eu juro que vou te dar a surra que merece, me ouviu bem, Magnus José?*

— *Sim, senhor. — Ele parou e ouviu barulho no banheiro. — Vô, tem uma menina aqui comigo...*

— *É sério, Magnus? Eu quero lá saber das suas trepadas, moleque!*

— *Não, vô. Tem uma menina, a escola dela está em excursão e...*

— Graças a Deus! — Ouviu seu avô murmurar e falar algo. — Eu já entro em contato.

Balançou a cabeça rindo. Andou em direção à porta do banheiro e bateu.

— Está tudo bem?

— Eu não tenho roupa. — Ouviu-a dizer.

— Espera aí! — Subiu correndo e pegou as roupas de Lili que tinha ali na cabana. Seu avô sempre os levava ali. Desceu e bateu na porta. — Vou deixar uma muda de roupa no chão! — Virou-se de costas e andou em direção ao rádio.

— Magnus, na escuta?

— Oi, vô.

— Tem alguém querendo falar com a menina.

— Só, minuto. — Ouviu a porta do banheiro se abrir e a olhou. Amélia usava um vestido de Lili. Tinha ficado um pouco grande nela, mas ainda assim deixou a cor de sua pele realçada. — Tem alguém querendo falar com você. — Ele fez um sinal e mostrou o rádio. — É só apertar aqui e falar.

— Oi.

— AMÉLIA LOURES! — Ela se encolheu. — Eu juro que quando a encontrar...

— Biso, eu tô bem!

— Não vem com voz mansa para cima de mim, não. — Ela olhou para Magnus um pouco envergonhada e ele mordeu a bochecha para não rir. — Puta que pariu, se sua mãe descobrir essa merda, ela me capa! — Magnus fechou os olhos e riu baixo. — Minha menina, por que caralhos se afastou de mim, posso saber?

— Bom...

— Amélia, não minta!

— OK — ela suspirou. — O André, JN, Bicio e Júlio me desafiaram a subir na parte de cima da cachoeira e eu peguei a pedra de prova!

— Puta que pariu! Quase me mata do coração por causa de uma pedra?! — Amélia se encolheu. — Eu criei um bando de retardados... quando chegar em casa, aqueles moleques filhos da puta vão se ver comigo...

— Biso — ela disse baixo.

— O que foi?

— O senhor falou palavrão! — Segurou uma risada e olhou para Magnus, que balançava a cabeça.

— Depois eu ponho duas notas de cinquenta no seu cofre, Amélia! — Ela sorriu. — Agora fica aí com Magnus e espere a chuva passar.

— Tudo bem.

Ela riu, balançou a cabeça e foi até a geladeira, pegou um pouco de água e o olhou.

— Mas não entendo, por que minha bolsa ficou com você?

— Bom...

Magnus tinha feito um pouco de chocolate quente e deu para Amélia. Sentou-se na cadeira que havia na mesa do rádio e ficou olhando para a menina. Ela balançava os pés e assoprava a caneca, ela virou um pouco o rosto e o olhou.

— Por que dormiu na floresta? — perguntou.

Ele e bebeu um pouco do chocolate de quente.

— Eu vou ter que mudar de escola e lá é um internato militar.

— O que você fez?

— Por que acha que fiz algo? — perguntou indignado.

— Meu biso sempre põe medo nos meus primos dizendo que vai

colocar eles em um internato militar, mas só fala quando eles fazem algo muito ruim. O que foi que você fez? — ela insistiu.

Ele revirou os olhos.

— Bom, não levei muito a sério meus estudos. — Ele a olhou e coçou a cabeça. — Fiquei de brincadeiras no colégio. — Estava envergonhado em dizer para a menina que tinha sido um total irresponsável. — Tomei algumas advertências, faltei algumas aulas...

Ela arregalou os olhos.

— Você é um marginal? — Ela correu para a porta.

— Não sou marginal! Apenas me descuidei dos estudos! — defendeu-se.

— Mas... — Ela ficou um pouco confusa. — Minha mãe sempre diz que pessoas que não querem nada com nada e vão para escola para atrapalhar, sempre se tornam marginais!

Ele pensou em responder e parou, de um certo modo era aquilo que ele tinha feito quase o ano inteiro, atrapalhava as aulas, ficava de gracinhas, sem contar o grupo que andava saindo. Até mesmo seus melhores amigos haviam se afastado dele. Magnus abaixou a cabeça e ficou olhando para o copo em sua mão.

— Olha — ela disse baixo e ele ergueu os olhos —, meu biso sempre fala que nunca é tarde para recomeçar. — Sentou-se perto dele. — Por que não vai pra essa nova escola e tenta aprender dessa vez?

Ele sorriu e balançou a cabeça. Realmente havia chegado no fundo do poço, afinal, uma menina estava dando lição de moral nele. Bebeu um pouco do chocolate quente e a olhou.

— Vou seguir seu conselho!

— Depois disso, você ficou com sono e se deitou no sofá, e acabou

dormindo. Quando finalmente puderam nos buscar, Américo a pegou e logo saiu com você. — Olhou para a bolsinha rosa. — Foi aí que achei sua bolsa e guardei ela comigo. — Aproximou-se e encostou sua testa na dela. — E desde esse dia que sonho com você!

— Como assim? — perguntou baixinho.

— Quando fui para a escola, logo no primeiro dia, fiz o que você havia me falado. — Ele sorriu e fez um carinho em seu rosto. — Me dediquei aos estudos e acabei me acostumando com o ritmo. Podemos dizer que segui a carreira militar devido ao fato de ter gostado do que vivenciei no colégio. — Ela engoliu em seco e o olhou. — Eu sempre sonhava com seus olhos.

“E eu sempre procurava sair com mulheres que tinham olhos verdes, mas nenhuma nunca chegou perto dos seus. Depois teve a vez que nos beijamos, eu sabia que era você. Sabia que era a menina que tinha me salvado na floresta. Sabe quantas vezes acordei frustrado, pois sabia como eram os seus olhos, mas não me lembrava direito dos seus traços? Você foi motivo de muitas insônias minhas e um dos principais motivos para me manter vivo no inferno que passei no tempo que era militar.

“O mais engraçado é que quando voltei, tentei te procurar, mas não lembrava de quem era filha, nem mesmo seu nome eu lembrava...Tentei apagar as lembranças de seus olhos e me envolvi com a Mirella. Ela é neta de uma amiga da minha avó. Nós nos tornamos grande amigos, e contei essa história para ela. O engraçado foi que ela até tentou me ajudar a te procurar. Mas então uma noite... ela me pegou com a Melina e paramos de nos falar. Eu estava bem, até que uma menina tímida esbarrou em mim na sala do reitor da universidade e vi novamente aqueles olhos que me atormentavam desde a minha adolescência. E você estava do jeito que jamais imaginei.”



Capítulo 23

Ela o olhou, tocou em seu rosto e fechou os olhos.

— Como disse — sussurrou —, não precisamos mais falar sobre esse assunto, apenas quando você quiser, tudo bem?

— Eu fiquei com medo... Pensei que fosse te perder — confessou.

— Jamais. — Ele sorriu. — Me fala como posso abrir mão da única garota que amei?

— Mas você me mandou embora...

— Sim, mandei. Mas por dentro algo gritava que não era verdade. Meu coração sabia que você jamais faria algo assim!

— Me perdoa? — pediu baixinho.

— Pelo que, Monsheey? — Ele a olhou sem entender.

— Por muitas vezes atrapalhar nosso sexo, devido a esse medo... — Ele colocou o dedo sobre a boca dela, calando-a.

— Primeiro, nunca peça desculpa, Amélia! Você foi uma vítima! E segundo, eu desconfiei que algo pudesse ter acontecido, mas queria que você

me contasse.

Ela o abraçou fortemente. Ele a pegou no colo, subiu para o quarto e a colocou deitada na cama, subiu sobre ela e tocou em seu rosto.

— E pelo que me consta, temos que comemorar nosso aniversário de meses... — Ela sorriu. — Mas antes, quero que entenda uma coisa, eu sou seu, entendeu? Apenas seu!

— Eu tinha um presente para você... — ela disse baixo.

— Então vai lá pegar.

Ele se sentou na cama e ficou esperando. Ela se levantou e foi em direção ao closet. Magnus aproveitou para deixar a luz do quarto mais agradável e confortável. Amélia voltou segurando uma pequena caixa e ficou de frente para ele.

— Bom, já que você escolheu meu anel de noivado, eu escolhi sua aliança —disse timidamente. Ele a olhou um pouco desconfiado e pegou a pequena caixa, desembulhou-a com cuidado e sorriu ao ver uma pequena Enterprise. — Ela abre. — Subiu na cama e se sentou sobre os joelhos. Ele a abriu, olhou para o anel e depois para Amélia.— Você não gostou? — perguntou séria.

— Eu não sei o que falar... — Ele olhou novamente para o anel preto de titânio. Era detalhado com uma pequena Enterprise e um logo da Frota Estelar em ouro. — Sabe quantas vezes zoaram a mim e os rapazes, e agora você faz isso...

— Prince, eu sei o quanto isso é importante para você, achei que você fosse gostar...

Ela deu gritinho de surpresa quando ele a pegou pela cintura e a colocou deitada na cama.

— Nunca achei que a espera fosse valer tanta a pena assim. Você é perfeita, Monsheey.

O restante da semana foi corrido, por mais que faltassem duas semanas para a festa da fundação, Susan pedira a dispensa dela para José Carlos, alegando que ela deveria participar de todo o processo de criação do evento. Aline, a responsável por toda a decoração, estava tão empolgada quanto ela. E quando pôde finalmente conhecer o salão, Amélia apenas sorriu.

— Meu Deus, é incrível esse espaço — ela disse sorrindo.

— Eu falei, então como faremos?

As duas se sentaram em uma mesa próxima e Aline mostrou todo o projeto: onde ficaria a banda, o espaço para fotos etc. A cada detalhe mostrado, Amélia se apaixonava ainda mais.

— Já escolheu sua roupa? — Aline perguntou sorrindo.

— Na verdade, vou usar um vestido que era da minha bisa — respondeu sorrindo.

— Amélia, querida, viemos ajudar. — Dona Lara se aproximou e olhou o projeto. — Minha querida, isso aqui foi lançado em 65 e não em 50. — A senhora sorriu para Aline, que a olhava um pouco envergonhada.

— Para de ser chata, Lara — Dona Juju disse rindo e olhou para o projeto. — Ah, meu Deus, que coisa mais linda!

— Realmente. — Antônio apareceu e se juntou a elas. — Nem sabemos como iremos lhe retribuir, Amélia. — Ele pegou em sua mão e deu um beijo. — Obrigado por ter se lembrando de nós e ter conseguido.

— Bom, há um jeito, sim. — Ela sorriu e olhou para os senhores que ali estavam e que muitas vezes haviam dado conselhos um tanto quanto duvidosos, mas ainda assim a ajudavam quando precisava. — Quero que todos vão ao meu casamento amanhã.

Tirou os convites que tinha feito especialmente para eles e os entregou um a um.

— Eu falei para vocês que dois os trepavam — Dona Catarina disse séria. — Mas fico feliz que tenham resolvido dar um passo importante em sua vida. — Ela sorriu e tocou em seu rosto com carinho. — Mas agora vamos focar na preparação da festa.

— Então, precisaremos de toda ajuda possível — Amélia disse sorrindo.

Os senhores foram dando dicas, como cada garçom deveria se comportar, ela estava toda concentrada na preparação que só parou quando ouviu seu celular tocar. Era uma mensagem de Magnus.

“Estou te esperando aqui fora.

Prince.”

Como já tinham escolhido tudo, Amélia se levantou e se despediu de cada um. Saiu pelo portão principal, olhou em volta e não achou o Giulia. Achou estranho, e mandou uma mensagem para ele.

“Estou na frente do asilo, onde você está?

Ninfa.”

“Levanta a cabeça.

Prince.”

Levantou o olhar e o viu descer da Mercedes e se encostar no carro. Ele usava uma calça jeans escura, óculos escuros, e sorriu ao vê-lo usando a camiseta do Star Trek que tinha dado de presente. Andou em direção à faixa de pedestre e esperou o sinal fechar, sentiu alguém tocar em seu ombro.

— Oi, Pimentinha! — a pessoa sussurrou em seu ouvido.

Ela sorriu e beijou o rosto de Carlos. Ele usava uma regata preta que realçava seus músculos e deixava à mostra seus braços tatuados, calça jeans e boné. Devia ser complicado viver a vida dupla que ele Bicio inventaram. Ele pelo menos era mais sincero e dizia ser solteiro, agora o primo havia inventado uma namorada. Carlos segurou em seu braço e atravessaram a rua

conversando até chegar ao carro, olhou na direção de Magnus, que os olhava de forma séria.

— Estou feliz por você, ansiosa para amanhã?

— Bastante, sinto uma família inteira de borboletas no meu estômago — ela disse rindo.

— Desconfiei mesmo. Até amanhã, Amélia. — Ele deu um beijo em seu rosto e saiu.

Magnus continuou de braços cruzados.

— Oi. — Ela sorriu. Ele apenas a olhou e abriu a porta do carro para que ela entrasse. — Bonita camiseta — comentou assim que ele entrou no lado do motorista. Ele a olhou por um momento e semicerrou os olhos. — O que foi?

— Quem era aquele cara?

— Carlos? Ele é o melhor amigo do Fabrício, por quê?

— Nada.

— Magnus, eu conheço ele desde os meus sete anos. Ele é da família praticamente. — Ele acenou com a cabeça e a beijou com carinho. — O que aconteceu com o Giulia? — perguntou enquanto colocava o cinto.

— Revisão. E faz tempo que não uso esse — explicou colocando o cinto, mas antes de ligar o carro, ele a analisou por um tempo.

— O que foi?

— Às vezes me impressiono com a sua ingenuidade.

— Por que diz isso? — perguntou.

— Realmente não percebeu? — Ela balançou a cabeça em negativo. — Esse é o problema, é por você não perceber que o encanto fica mais forte. Entenda, eu falo isso para sua própria segurança, o que a seu ver pode ser um homem simpático, ao ver dele, você pode estar dando mole.

— Foi isso que fiz com você? — provocou.

— Pelo que me lembro, você quase me jogou para fora do meu próprio carro e poderia ter pedido para o Tom ter dado a ré, só por garantia. — Ele riu e a beijou. — Nervosa para amanhã?

— Muito.

Ele deu a partida no carro e foram direto para a casa de Susan. Magnus queria passar a noite ali, pois tinha um desejo antigo. E sempre gostou de ficar na casa da avó.

— Quem você convidou?

— Só os rapazes e alguns outros amigos. E você?

— A Lislá, os senhores dos asilos, pois eles insistem em dizer que foram os responsáveis pela nossa união definitiva. — Ele riu alto e segurou em sua mão. — E minha família já vai encher a casa mesmo. Já escolheu a roupa para a festa?

— Sim, vou usar uma roupa do meu avô. — Deu um sorriso de lado.

— Hummm, tento imaginar se o estilo dele era parecido com James Dean ou Marlon Brando.

— Uau, você realmente caiu de cabeça nas pesquisas — comentou, rindo.

— Também, mas tive ajuda dos vovôs do asilo, eles foram a minha principal fonte.

Chegaram à casa de Susan e viram um caminhão e alguns rapazes descarregando várias rosas.

— Finalmente vocês chegaram — Susan disse sorrindo e se aproximando. Amélia a abraçou com carinho. — Eu sei que deve estar ansiosa para amanhã, mas será uma surpresa e por isso não poderá ver.

— Tudo bem! — concordou com um beicinho.

Amélia sorriu ao entrar na casa e ouvir algumas vozes. Foram em direção à sala. Julian e Lili pareciam brigar por algo; Raul e Lucinda olhavam

para os filhos e riam. Ela virou o rosto e parou ao ver Lucius e Minerva.

— Puta que pariu! — Ela olhou para a prima. — A família sabe?...

— Somos apenas amigos! — Minerva disse olhando para as próprias unhas.

Amélia segurou uma risada, aproximou-se e beijou Lucius no rosto.

— Uhum, sei. — Amélia se afastou rindo — Amigos!

— Garota, fica na sua! — resmungou Minerva.

Amélia cumprimentou os sogros, beijou o rosto de Julian e foi abraçada por Lili.

— Sabe... — Liliana a puxou para o sofá. — Devíamos sair e fazer uma despedida de solteira!

— Concordo — apoiou Minerva.

— Liliana! — Magnus repreendeu a irmã. — Sossega o facho!

— Não sei o porquê você está assim. — Minerva olhou para Magnus e sorriu. — O máximo que minha prima irá fazer é ficar bêbada! Ela não teria coragem de fazer nada que você faria.

— Opa — Julian se animou —, hora de revelar os podres!

— Mãe, controla seus filhos! — Magnus disse se sentando ao lado de Amélia e a afastando da irmã.

— Quem sou eu... — Lucinda olhou para o filho. — Para ir contra a revelação dos podres!

— É sério?! — Magnus revirou os olhos.

— Cunhadinha — Julian começou —, sabia que esse belo homem ao seu lado tem um medo...

— Puta merda! — Lili se engasgou e começou a rir. — Até hoje eu lembro disso!

— E quem não lembra? — Lucius olhou para o irmão e riu alto. — O grito foi o melhor!

— Eu não entendo por que ele as matou. — Lili olhou para o irmão e balançou a cabeça. — Elas não fizeram nada para ele!

— Do que eles estão falando? — Amélia o olhou.

— Cara! — Julian o olhou e gargalhou. — Ela só queria te dar uma beijoca!

— Espera... — Amélia se virou para o noivo. — Você tem medo de minhoca?

— Nojo, não medo! — ele se defendeu.

Amélia o olhou por um momento, balançou a cabeça, encostou-se nele e começou a rir.

— Desculpa, Prince... — Ela tentou parar. — Quem sou eu para rir do medo alheio!

Magnus riu e ficou abraçado a ela. Olharam para Lucius, que olhava para Minerva, que dizia algo.

— Lucius — Magnus o chamou e fez um sinal de sujeira no canto de sua boca. — Pronto, a baba foi limpa!

— Aviso que não tenho mais tamanho para aquelas roupas infernais! — Amélia olhou para prima e sorriu.

— Amélia, cala a boca! — Minerva a olhou séria. — Só estou aqui porque preciso pegar...

— No pau dele? — completou Julian e riu alto quando a viu vermelha de vergonha.

— Meu Deus! — Lili começou a rir descontroladamente. — Vocês são muitos imaturos!

— Sei! — Julian se encostou na poltrona e olhou para a irmã. — E como vai seu casinho com o se...

— Cala a boca, Julian! — Liliana jogou uma almofada no irmão, que ria.

— Amélia, desculpa por tudo isso — Susan disse sorrindo. — Afirmo que os criamos para serem pessoas de bem!

— Não esquentar. — Ela sorriu. — É que você não viu quando junta todos os meus primos, ali sim vira um território perigoso!

— Nem me fale — Minerva concordou sorrindo. — E o André?

— Nada. — Ela deu de ombros. — Mas a Lislá está chegando nos limites dela!

Depois do jantar, Amélia e Magnus avisaram que iam subir para o quarto.

— É hoje que o quarto treme! — Julian gritou quando estavam no meio da escada.

Amélia balançou a cabeça rindo. Magnus abriu a porta e entraram. Ela olhou com carinho para o quarto.

— Pode tomar banho primeiro — avisou ele. — Vou deixar algo sobre a cama e quero que use.

Quando saiu do banho, estava enrolada na toalha e viu a camiseta em cima da cama. Magnus se levantou, deu um beijo na noiva e foi para o banho. Amélia vestiu somente a camiseta. Aproveitou que ele estava no banho e se aproximou da estante, sorriu ao ver algumas fotos. Logo Magnus saiu do banheiro apenas de cueca e secando os cabelos com uma toalha.

Amélia se sentou na cama e ele se encostou na estante.

— Como você ficou quando começamos a nos relacionar?

— Estava no céu, não acreditava que isso estava acontecendo — ela disse sorrindo e cruzou as pernas. Magnus gemeu baixo ao ver que ela não usava calcinha — Mas por que pergunta?

— Sabe quantas vezes sonhei em ver você sentada aí nessa cama e usando essa camiseta? — Ele se desencostou da estante e andou em sua

direção, deitou-se por cima dela, ergueu seus braços e segurou suas mãos com a dele. Magnus mordeu levemente seu queixo e logo foi para seu pescoço. — Quantas vezes sonhei com isso, deveria dar a desforra pelas vezes que acordei de pau duro por causa de seus olhos. — Mordeu seu seio por cima da camiseta. — Estou me segurando aqui, Ninfa, está passando tantas coisas em minha mente.

— Então faça e me ensine — murmurou olhando-o nos olhos.

— Vamos com calma, temos uma vida inteira. — Ele a beijou. Amélia gemeu quando ele segurou em seus cabelos e intensificou o beijo, explorando sua boca com a língua. Ela arranhou levemente suas costelas e ele gemeu. — Porra, está parecendo minha vez!

— Tecnicamente, nessa cama é a nossa primeira vez.

— Você entendeu, Ninfa — disse sorrindo. — Puta que pariu, não vou conseguir. — Fechou os olhos, frustrado.

Ele ficou deitado de barriga para cima, de olhos fechados e ela o olhava e sorria.

— Prince, isso é normal, até você pode bro...

— Não ouse terminar a porra dessa frase, Amélia. — Sentou-se e a olhou com cara fechada.

— Disse que é normal, pois você está muito ansioso por estar realizando um sonho, por isso não...

— Fica quietinha, vai. — Abraçou-a com força e ficaram deitados de conchinha.

— Eu não entendi uma coisa, você disse que sempre sonhou em me ver usando essa camiseta, o que tem ela?

— Foi essa a camiseta que usei no dia que nos beijamos — confessou.

Ela sorriu e mordeu o lábio inferior. Virou-se e o olhou. Amélia o montou e passou a ponta dos dedos levemente por seu peito, ele se mexeu um

pouco sem desviar os olhos dela.

— Você está sensível — ela disse baixinho.

— E você vai tirar proveito — disse sério. — Me mostra o que aprendeu — pediu.

Ela se inclinou um pouco, colocou uma mão de cada lado da cabeça dele. Ele segurou em sua cintura e a apertou levemente. Amélia se abaixou um pouco e mordeu seu queixo, rebolou devagar e o olhou, sorriu ao vê-lo de olhos fechados. Chupou seu pescoço e o mordeu de leve, ele se mexeu um pouco.

— Porra, Ninfa — murmurou.

Ela foi descendo, deixando uma trilha de beijos e mordidas por seu peito e barriga, lambeu o lábio ao ver o quão duro ele estava. Mordeu-o por cima da cueca e viu uma pequena mancha na cueca devido a excitação dele. Tirou a peça, e se colocou no meio de suas pernas, levantou os olhos e ele a olhava. Passou a ponta do dedo levemente sobre o líquido na cabeça de seu pau e chupou o dedo.

— Ninfa, não me tortura desse jeito...

— Desforra — sussurrou olhando-o nos olhos.

— Puta que pariu. — Ele jogou a cabeça para trás e puxou um travesseiro para seu rosto.

Abaixou o rosto perto do pau dele, fechou os olhos, sentindo o cheiro.

— É um cheiro interessante.

Colocou a ponta da língua na base do pau dele e subiu lentamente, abocanhando-o e o sugando vagarosamente.

— Ai, caralho! Eu criei um monstro — ele gemeu baixo.

Amélia o engoliu por inteiro e logo se afastou, fez novamente o mesmo movimento. Segurou a base do pau dele e começou a massageá-lo enquanto o chupava. Sentiu o corpo de Magnus tensionar e então ela parou.

— Você não fez isso. — Ele a olhou sem acreditar. — Isso é errado.

— Você vive fazendo isso comigo, como disse, hoje você terá minha desforra.

— Caso você queira ainda se casar comigo amanhã, não faça mais isso ou eu não vou aguentar.

Ela se levantou e tirou a camiseta. Montou-o de novo, pegou seu pau e o colocou no meio de seus seios e começou a se movimentar. Ele respirou fundo e ficou olhando-a subir e descer enquanto o chupava. Ela subiu beijando o corpo dele, sentou-se em cima do pau e começou a se esfregar nele.

— Pensei que você, o grande Magnus Lacarez, o todo controlado, que não se afeta com tanta facilidade...

— Puta que pariu! — gemeu quando ela se esfregou um pouco mais forte.

— Pensei que você fosse o todo fodão em relação às mulheres com quem dormiu. — Ela parou quando o sentiu novamente ficar tenso.

— Caralho, Amélia! Para com essa merda — resmungou um pouco bravo.

— Para de ser afobado — advertiu e deu um tapa em seu rosto.

— Não se atreva a fazer isso de novo — ele a olhou sério.

Ela apenas sorriu, mordeu o lábio e esfregou seus seios no peitoral dele, empurrou um pouco o corpo para baixo e sentiu a cabeça do pau dele na entrada de sua boceta. Ele segurou sua cintura e abaixou seu corpo com força, ela gemeu e deu outro tapa em seu rosto.

— Eu mandei você fazer isso? — ela perguntou se sentando sobre ele.

— Eu avisei sobre o tapa — ele disse tentando se levantar.

— Cala a boca, Magnus! — Ela o empurrou com força e sorriu.

Amélia começou a cavalgá-lo com força. Ele se sentou, segurou em

seus seios com força e os chupou um de cada vez. Abraçou-o e o beijou com força, gemeu ao sentir o tapa em sua bunda. Magnus a puxou pelo cabelo com um pouco de força e chupou seu pescoço.



Capítulo 24

Amélia sorriu quando olhou para a cama, balançou a cabeça ao se lembrar da noite que tivera. Olhou para o relógio que havia sobre o criado-mudo, faltavam alguns minutos. Foi em direção ao espelho e se olhou. Apaixonou-se assim que tinha visto o vestido vintage. O corpete marfim tomara que caia era de uma renda delicada, floral. Tule saía da parte de cima do corpete, formando as alças que cobriam seus ombros e desciam por suas costas, terminando sobre a fita de cetim entrelaçada que ia até o meio da saia. A saia de tule rodada, na cor champanhe, ia até um pouco acima dos joelhos. Na cintura, cinco flores de cetim com uma pequena pérola no meio faziam a ligação da renda ao tule da saia. Algumas poucas flores estavam espalhadas pela saia também.

Ela estava orgulhosa por conseguir se olhar no espelho e se sentir maravilhosa. Algo chamou sua atenção, atrás de si estava uma menina de catorze anos, que a olhava e deu leve sorriso.

— Meu Deus, você está linda!

Virou-se e sorriu para o pai, que a olhava com carinho e ternura.

— Eu te amo, pai! — murmurou baixinho, abraçando-o com força.

— Eu também te amo, filha! — Ele se afastou e tocou em seu rosto. — Só quero que seja feliz.

— Obrigada, pai! — Ela sorriu. — Vou dar uma chance para Suzy — disse baixinho. — Mas se ela o fizer um mal que for, eu bato nela.

Ele a olhou por um momento e sorriu. Laura bateu na porta, anunciando que tinha chegado a hora. Saíram do quarto, desceram as escadas e foram em direção ao jardim. Sorriu ao ver os pequenos lampiões iluminando o caminho, o tapete vermelho. Laura apareceu e lhe entregou um pequeno buquê de rosas brancas com pérolas. Amélia respirou fundo quando seu pai lhe estendeu o braço. Ouviu a música tocar e seguiram pelo tapete vermelho. Sorriu com os lábios tremendo ao ver os primos e tios chorando, o biso a olhava com carinho.

— Linda! — dona Juju disse segurando em sua mão ao passar por ela.

Seu sorriso se iluminou ao ver Magnus. Ele estava perfeito, como sempre. Usava um terno preto de riscas que estava aberto e mostrava o colete. A camisa cinza tinha os dois primeiros botões abertos. Ele estava emocionado. Atrás do juiz de paz, havia uma decoração delicada, pequenas rosas brancas se intercalavam com pequenas velas. Ao se aproximarem, seu pai parou e deu um beijo em seu rosto.

— Seja feliz, minha filha — disse baixinho.

Ralf se virou e apertou a mão de Magnus. Ele se aproximou da noiva e beijou sua testa, e então ficaram de frente para o juiz.

— Boa noite a todos. — Ele sorriu e olhou apenas para os dois. — Nem muitas águas conseguem apagar o amor; os rios não conseguem levá-lo na correnteza. Se alguém oferecesse todas as riquezas de sua casa para adquirir, seria totalmente desprezado¹. Acima de tudo, porém, revistam-se do amor,

que é o elo perfeito² — concluiu e segurou as mãos de ambos entre as dele.

“É com orgulho que realizo o casamento deste belo casal — disse sorrindo e olhou para Magnus. — Sei o quanto seu avô estaria feliz em ver esse momento, meu rapaz, ainda mais se casando com uma jovem exemplar. — Ele se virou para Amélia. — Só eu sei o quanto foi difícil para você crescer na família do Américo...”

— Milton, só casa minha bisneta e fica quieto — Américo disse sério e todos riram.

— Como disse, eu sei o que você passou, menina — o juiz cochichou sorridente. — Então o Senhor Deus declarou: Não é bom que o homem esteja só; farei para ele alguém que o auxilie e lhe corresponda³. Com as costelas que havia tirado do homem, o Senhor Deus fez uma mulher e a levou até ele. Disse então o homem: Esta, sim, é osso dos meus ossos e carne da minha carne! Ela será chamada mulher, porque do homem foi tirada. Por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e eles se tornarão uma só carne⁴.

“Bom, sem muitas delongas, vamos ao principal. Por favor, fiquem de frente um para o outro. — Lislá pegou o buquê da amiga. O casal se olhou e sorriu. Magnus deu um leve aperto nas mãos da futura esposa. — Magnus José... — Amélia segurou o riso e ele a olhou feio por um breve momento. — É de livre e espontânea vontade que você aceita Amélia Rose como sua legítima esposa?

— Sim — afirmou com um sorriso aberto.

— Amélia Rose, é de livre e espontânea vontade que você aceita Magnus José como seu legítimo esposo?

— Sim.

A música começou a tocar e eles sorriram ao ver Susan e Américo entrando com as alianças. Magnus queria que Amélia escolhesse outro anel,

mas ela insistiu em ficar com o de noivado. O juiz de paz pegou as alianças e as ergueu.

— Que essas alianças sejam o símbolo de um novo começo, que todas as vezes que a olharem, se lembrem o porquê de um ter escolhido o outro. E que o respeito e o carinho sejam a base desse casamento.

— Amélia, receba esse anel em sinal do meu amor por você — Magnus disse colocando o anel em seu dedo e deu um beijo.

— Magnus, receba esse anel em sinal do meu amor por você. — Colocou o anel em seu dedo e beijou sua mão.

— Com carinho, respeito, amor e compreensão entre o casal, eu vos declaro marido e mulher. Pode beijar a noiva.

Ele tocou em seu rosto e a beijou com carinho. Quando se afastaram, sorriam um para o outro. Assinaram os papéis e ao se virarem, riram quando todos estavam a postos e seguravam algo nas mãos. O casal passou pelo corredor formado e então receberam uma chuva de arroz e pétalas de rosas sobre eles.

— Aonde vamos, Zezinho? — ela perguntou sorrindo quando ele a puxou pela mão. Estavam saindo da festa e ela o olhava curiosa. Ele abriu a porta da Mercedes para ela, que o olhou sem entender e entrou no carro.

— Primeiro, que Zezinho é o caralho — disse sério e logo sorriu. — Respondendo sua pergunta, minha querida esposa, estamos indo para a nossa lua de mel.

Ela riu e ia perguntar para onde estavam indo, mas decidiu se deixar ser surpreendida pelo marido. Era estranho falar aquilo, *marido, seu marido, seu Magnus*, sorriu com a palavras. Pararam em um sinal e ela falou:

— Por que José?

— Coisa da minha mãe.

— Magnus José, nunca imaginei isso. — Ela riu alto ao ouvir o gemido sofrido que ele deu.

Sorriu ao passarem em frente à sorveteria do seu Cadu.

— A marina? — questionou assim que o carro estacionou.

— Sim, ficaremos em alto-mar até sábado. E temos que tomar um cuidado extremo, vai que damos de cara com um iceberg. — Riu alto.

— Puta merda, você não fez isso — ela disse fechando os olhos e gemendo. — Mas eu tenho que ajud...

Ele puxou seu rosto e a beijou lentamente, explorou sua língua sem pressa alguma, chupo-a e deu uma leve mordida em seus lábios. Ao se afastar, olhou para a esposa, que ainda permanecia de olhos fechados. Amélia abriu os olhos e o viu a encarando, encolheu-se um pouco. Tudo bem, ela trepava que nem louca com ele, chupava-o como uma puta, mas ainda assim, havia momentos em que ele a olhava e ela se sentia pequena.

Assim que saíram do carro, ele pegou em sua mão e andaram em direção a uma lancha. Ele entrou primeiro e a ajudou a entrar. Ela se agarrou a ele e olhou para o mar um pouco assustada.

Estavam no meio do caminho quando avistou um pouco ao longe um iate todo negro e ficou impressionada com o tamanho. Achou estranho quando viu uma porta se elevar, a lancha diminuiu a velocidade e entrou. Amélia olhou em volta e ficou deslumbrada ao ver uma sala, havia ao menos umas dez pessoas ali paradas, todos usavam roupas iguais. Um homem se aproximou da lancha e a ajudou, Magnus encostou a mão em suas costas.

— Boa noite, Magnus — cumprimentou um homem todo de negro, sorrindo e apertando a mão dele. — Essa será a tripulação que irá nos acompanhar, já trabalhei com todos, e garanto que todos são excelentes profissionais.

— Boa noite, Ricardo. Bom mesmo, não quero saber de dor de cabeça durante a viagem. Essa é minha esposa, Amélia — apresentou-a orgulhoso.

— Boa noite, senhora. — O homem apertou sua mão. — Parabéns pelo casamento.

— Obrigada — agradeceu sorrindo.

— Pode seguir o curso combinado — avisou Magnus.

Ele pegou em sua mão, subiram um lance de escada e passaram por uma sala elegante. Ela nunca tinha entrado em um barco, muito menos em um iate, mas aquilo parecia um hotel de luxo. Subiram um outro lance de escada e andaram por um corredor, até que ele parou em frente a uma porta.

— Feche os olhos — ele pediu sorrindo.

Ela o olhou por um momento e sorriu, e fez o que ele tinha pedido. Ouviu o barulho da porta e sentiu Magnus a conduzindo, até que ele parou. Ouviu o clique da porta e sentiu o braço dele em sua cintura. Gemeu ao sentir um beijo em seu pescoço.

— Pode abrir, Monsheey.

Ela abriu os olhos lentamente e se viu no meio de um quarto até que grande. À sua frente havia uma cama com lençóis negros e estava forrada de pétalas vermelhas. A luz estava baixa, deixando o quarto na penumbra. Amélia olhou ao redor. O quarto era todo decorado em mogno, o que dava a impressão de um quarto totalmente masculino. Na parede oposta à cama, havia uma estante com uma televisão; ao lado esquerdo, um sofá de dois lugares e uma janela, que no momento estava fechada. Viu a entrada do closet do lado direito da cama. E viu uma pequena sacada fechada.

Olhou para Magnus boquiaberta. Aquilo era tudo muito luxuoso. Ele andou em direção à mesa posta em frente ao sofá e abriu o champanhe que estava em um balde de gelo. Encheu duas taças e a entregou uma. Ela bebeu um pouco e o olhou.

— É seu? — perguntou apontando para o teto.

— Não! — respondeu olhando-a nos olhos. — É nosso. — Ela quase se engasgou. — Não se esqueça que tudo o que é meu é seu de agora em diante. Quero que esqueça a palavra seu e use apenas nosso. — Ele a puxou pela cintura, lambeu seu lábio inferior e a beijou sensualmente. Amélia segurou no terno dele e se entregou ao beijo do marido. Ele se afastou um pouco e colocou as taças sobre a mesa. — Precisa de ajuda com o vestido? — perguntou com um sorriso de lado.

— Não — respondeu e o viu sentar-se no sofá.

Amélia se curvou e tirou os sapatos e as meias. Magnus colocou o cotovelo sobre o braço do sofá e apoiou o queixo em sua mão. Ela semicerrou os olhos ao ver o que ele queria. Abaixou o zíper lentamente do vestido e o deixou cair. Segurou um riso quando o viu erguer uma sobancelha ao vê-la usando uma liga de perna e um conjunto branco de renda.

— Você sabe que isso é tentação, certo? — indagou apontando para a liga.

— Não sabia — disse fingindo inocência —, achei que era apenas um detalhe bonitinho. — Ele pegou a garrafa e bebeu um longo gole. Amélia se virou, andou até a cama e se sentou cruzando as pernas. — Sua vez. — Apontou para ele.

Magnus semicerrou os olhos em sua direção e se levantou. Tirou o paletó e o jogou sobre o sofá; abriu lentamente os botões do colete, que teve o mesmo destino que a outra peça.

— Não vai me ajudar?

— Não, dessa vez quero aproveitar o show.

Mordeu o lábio ao vê-lo abrindo a camisa lentamente e revelando o peitoral. O movimento de jogá-la sobre o sofá fez Amélia gemer baixinho. Magnus andou em direção à mesa, tomou outro gole do champanhe. Tirou o

cinto, abriu o zíper da calça olhando para ela e deixou a calça cair, revelando a boxer preta. Sorriu ao vê-la passando a língua pelos lábios.

— Abra as pernas.

Ele se colocou no meio delas, bebeu mais um pouco e colocou o dedão na boca dela. Ela o chupou lentamente. Magnus se abaixou e a beijou, fazendo-a beber o líquido que estava em sua boca. Amélia se assustou, um pouco escapou de sua boca e escorreu por seu queixo. Ela o olhava quando tocou em seu pau por cima da boxer, cheirou-o e o mordeu levemente. Tirou-o de dentro da cueca, expondo a ereção. O marido a olhava cheio de desejo. Enquanto o masturbava, chupava suas bolas.

Magnus fechou os olhos e gemeu baixo quando o sentiu dentro da boca da esposa. Ela passava a língua pela cabeça lentamente, sugou o líquido que escorria e o engoliu sem pressa alguma, aguentou por alguns segundos e se afastou, fez novamente e aos poucos foi aumentando o ritmo. Ele segurou o cabelo dela em suas mãos e a empurrou novamente.

— Deita — ordenou ele, pois não queria gozar ainda.

Ela tirou os sapatos e se deitou. Ele a puxou pelas pernas e ouviu o gritinho assustado, deixou sua bunda na beirada da cama e se abaixou. Bebeu mais um pouco do champanhe e beijou seu sexo por cima da calcinha já molhada. Amélia apertou as pernas na cabeça de Magnus e ele mordeu a parte interna de sua coxa. Ele esticou o elástico da cinta liga que ela usava e o soltou, escutando o estalo. Amélia gemeu.

Magnus terminou de tirar as poucas peças que ainda estavam no corpo da esposa e aproximou o rosto do sexo rosado dela. Cheirou-o e tocou seu clitóris com sua língua.

— Sabe que tenho que dar a desforra — avisou com voz rouca e baixa.

— Prince...

— E você não pode nem pensar em reclamar.

Ele se levantou, foi até o closet e voltou segurando um saquinho de veludo nas mãos. Viu Magnus tirar um vibrador⁵ rosa e estranho. Em uma ponta, tinha uma parte mais encorpada e alongada; na outra ponta, era menor, mais delicado.

— Vamos ver do que esse vibrador é capaz. — Ele se ajoelhou entre as pernas dela. — E hoje você não tem o direito de me dizer não, depois do que fez ontem à noite.

— Prince, por favor. — Ela o olhou um pouco assustada.

— Não vou fazer nada que vai te machucar, amor, mas não pode me negar.

Passou um gel no vibrador, abaixou o rosto e voltou a chupá-la. Amélia fechou os olhos ao sentir o marido introduzindo o vibrador em sua bunda lentamente, enquanto a chupava e colocava um dedo dentro de sua boceta.

— Sabe o que é mais legal? — Ela o olhou ofegante. — Eu o controlo por aqui! — Mostrou o celular

— Puta que pariu! — gemeu quando ele ligou o vibrador.

— Esse vai ser o castigo pelo tapa. — Ergueu uma mão e apertou o seio dela.

— Prince, por favor... eu não...

— Sim, você aguenta. Quero saber qual é o seu limite. Você já ouviu sobre ejaculação feminina? — Sorriu sacana.

— O quê?! — gemeu alto quando ele aumentou um pouco mais a vibração.

— Não são todas que conseguem, claro. — Ele começou a mexer o dedo dentro de sua boceta e aumentou o ritmo que esfregava seu clitóris.

— AH... — ofegou ao sentir o orgasmo. Pensou em se levantar e se assustou quando Magnus subiu por cima dela e prendeu suas mãos com uma algema. — Onde caralhos estava isso? — perguntou confusa.

— Por quê? Está com medo?

Ele se virou e pegou uma pequena caixa preta, e ela ficou sem fala ao ver novamente a corrente com grampos.

— Não usei apetrecho algum ontem à noite... — argumentou ela.

— Não usou porque não quis — rebateu ele, sério.

Ele apertou com um pouco mais de força seu seio direito e colocou o grampo. Ela gemeu e ficou olhando-o colocar os grampos restantes. Mexeu um pouco o corpo e se lembrou do vibrador.

— Quer que eu tire? — perguntou ele.

— Por favor. — Ele colocou a cabeça de lado, sorriu e aumentou a velocidade. — Filho da puta — gemeu. — Droga, Magnus, eu não...

— Para de falar isso se você não sabe qual o seu limite — disse sério, e voltou a se ajoelhar no meio das pernas dela. — Mas hoje iremos descobrir qual o seu limite, querida esposa.

— Espera, isso é... — Ela não acreditava no que via. Ele segurava um separador de pernas todo preto. — Não devia ter mostrado cinquenta tons para você... — resmungou enquanto ele terminava de instalar a barra. — Ai! — assustou-se quando ele a puxou pelos cabelos com um pouco mais de força.

— Entenda uma coisa, antes de lançar esse casalzinho, eu já fazia isso, Ninfa — sussurrou em seu ouvido e mordeu o lóbulo de sua orelha. — E aquilo nem se compara ao que já cheguei a fazer.

— Então me mostra o que você sabe, ó senhor dominador — desafiou.

Ele arqueou uma sobrancelha e segurou o pescoço da esposa com apenas uma mão. Ela se assustou e segurou em seu braço.

— Calma, não irei realmente enforcá-la, Ninfa.

Beijou-a com carinho, desceu a mão livre por seu corpo e puxou a corrente. Amélia gemeu quando sentiu o bico de seus seios serem puxados

com força. Ele ficou novamente no meio de suas pernas, aumentou a velocidade do vibrador, e colocou dois dedos dentro dela. Mexeu-os, e ela se debateu. Sabia que tinha atingido o seu ponto. Magnus puxou a corrente de seu clitóris e o chupou com força.

E tudo aquilo era informação demais para o corpo de Amélia. Sentiu-o ficar um pouco pesado, seu sexo se contrair com mais força, gritou ao gozar e sentiu algo sair de si. Olhou para Magnus, que sorria abertamente, e viu o peito dele molhado. Gemeu baixo quando ele tirou o vibrador. Tirou a barra e logo foi a vez dos grampos. Ela respirava com dificuldade. Magnus se colocou sobre ela. Amélia abriu os olhos e o beijou.

— AH!! — Agarrou-se a ele quando a penetrou de uma vez.

— Viu... como... você... aguenta. — As palavras foram ditas a cada estocada que ele dava em sua boceta.

Ele ergueu as duas pernas da esposa e as colocou sobre seus ombros, penetrando-a ainda mais fundo. Ela arranhou com força as costas do marido. Magnus massageou o clitóris. Amélia foi atingida novamente por um forte orgasmo e gritou com o pouco de força que restava. Ficou agarrada a ele, que estocou mais duas vezes e logo tremeu.

Ela não tinha forças para mais nada, seu corpo todo estava dormente. Ele a segurou pela cintura e saiu da cama em direção ao banheiro. Estava tão mole que não conseguia ficar em pé. Ele a deixou sentada em um balcão branco e baixo. Amélia gemeu quando o sentiu sair de dentro dela.

— Olha, Monsheey. — Ele apontou para baixo e ela engoliu ao ver o líquido branco escorrendo de dentro dela. — Sabe o que isso significa? — Olhou-a profundamente e ela balançou a cabeça em negativa. — Significa que você é minha a partir de agora, nada e nem ninguém vai tirar você de mim.

— Prince... — sussurrou.

Ele a beijou carinhosamente e se afastou. Amélia admirou o banheiro. Havia uma banheira oval negra, imponente. E em cada lado ficava uma pia. Do lado esquerdo, ao fundo, viu o box. Magnus abriu a torneira que havia sobre a banheira e jogou alguns saís de banho. Ela nunca cansaria de vê-lo nu, os ombros largos faziam um conjunto perfeito com o quadril estreito, mas ficava louca com a bunda dele. Ele molhou a toalha de rosto na banheira e se aproximou dela. Afastou suas pernas e a limpou com cuidado.

— Eu te amo! — disse tocando no rosto do marido.

— Eu te amo, Ninfa. — Ele a pegou no colo e a colocou na banheira.

Magnus abriu os olhos, ainda era madrugada, olhou para o lado e sorriu. Amélia estava deitada de bruços. Observou o modo como os seios estavam pressionados contra o travesseiro, os cabelos soltos e um tanto bagunçados. Ela dormia agarrada ao travesseiro. Fez um leve carinho em seu rosto, penteou com os dedos seus cabelos, aproximou-se com cuidado e deu um beijo em seu ombro. Amélia gemeu baixinho e se mexeu.

— Está com fome? — perguntou baixo.

— Um pouco — respondeu com voz sonolenta. — Na verdade, não consegui comer direito na festa.

Magnus desceu os olhos por seu corpo e admirou o contraste da pele branca dela com os lençóis negros.

— Lembra quando conversamos por cima sobre O Clube? — disse tocando em suas costas.

— Sim. — Ela o olhou.

— Por que sente medo de lá?

Ela se ajeitou melhor na cama.

— Bom, acho que por causa do que passei, não sei bem... — Deu de ombros. — Não tenho nada contra quem vive esse estilo de vida, mas não me

vejo fazendo isso.

— E se um dia te convidasse para ir na parte “secreta”. — Fez sinal de aspas. — Você iria?

Ela pensou por um momento e mordeu o lábio inferior.

— Acho que talvez sim. Você sabe qual seria meu limite. — Ele acenou com a cabeça. — Você é um sócio? — perguntou com curiosidade

— Não. — Ele jogou o lençol sobre a cama, levantou-se, vestiu a cueca, andou em direção a porta e a abriu. — Somos os donos. Vou comer algo, quer vir?

Ela se sentou de repente, confusa.

— Magnus, espera... — Levantou-se correndo da cama, colocou a calcinha com pressa e quase caiu no chão, e pegou a camisa social dele. — Como assim, você é o don... quer dizer, nós somos os donos?

Ele andava à sua frente. Ela apertou o passo para alcançá-lo. Desceram as escadas e entraram na cozinha, onde havia algumas pessoas trabalhando.

— Senhor Magnus, deseja algo? — uma moça morena perguntou.

— Sim. Quero que troquem os lençóis da cama e depois podem ir descansar — disse passando pela mulher, que abaixou os olhos e analisou a bunda dele.

Poderia achar ruim? Sim, poderia. Mas, porra!, aquela bunda era admirável. Então a entendia perfeitamente. A moça se virou e ficou envergonhada ao ver que fora pega no flagra.

— Com licença. — Ela saiu e as outras moças a seguiram.

Amélia riu baixo e olhou impressionada para a cozinha completa que tinha ali. Magnus abriu a geladeira e pegou algumas coisas para fazer alguns sanduíches, ela se sentou em um balcão e ficou observando-o.

— Por que criou O Clube?

— Na verdade, ele nasceu por causa das festas. — Começou a cortar o

pão italiano. — Sempre que queria me divertir, as boates fechavam em tal horário, os puteiros tinham a questão do rodízio, sem contar que se quisesse algo, teria que pagar a mais ou às vezes nem podia realizar o desejo que sentia na hora. — Passou mostarda no pão e a olhou. — Fiquei cansado apenas dessas opções.

“Queria um lugar que pudesse fazer o que realmente queria e sem hora para ir embora, sem precisar ter que pagar a mais pois havia pessoas querendo o mesmo que eu — explicou enquanto montava outro lanche. Ela acenou com a cabeça. — Um lugar onde ninguém é julgado pelo desejo que sente. — Ele a olhou nos olhos. — Pense em um desejo que tenha, mas sente vergonha de falar sobre ele publicamente.”

— Certo — disse baixo.

— Agora pense em como ficaria se pudesse realizar sem ser julgado ou condenado por isso. — Ela balançou a cabeça em afirmativo. — É disso que se trata a parte proibida, não que seja proibida, os sócios podem ir lá livremente, mas se a pessoas tiver uma boa quantia, ela poderá ter acesso a essa área.

— Espera, as pessoas realizam os desejos ocultos na frente dos outros? Então é um clube sobre BDSM?

— Não, vai além disso. — Ele terminou o sanduíche e lhe entregou. — BDSM entra na categoria de desejo ou fantasia, há uma área específica para essa prática. O que proponho é que a pessoa possa realizar qualquer desejo, não apenas sexual... é o desejo mais sombrio que existe no íntimo dela.

Ela abaixou os olhos para o prato que estava no meio de suas pernas.

— Não há limites? — perguntou baixinho

— Tudo é aceito. — Deu uma mordida generosa em seu sanduíche. — Desde que ambas as partes concordem.

— E se uma das partes não quiser?

— Eu apenas disponho o local. Claro que existe um contrato que ambas as partes assinam, mas o que acontece dentro dos quartos eu não me envolvo.

— Isso é errado. — Ela colocou o prato de lado e desceu do balcão.

— É errado a pessoa querer satisfazer os próprios desejos? Ela tem que ser julgada por isso? Então seus desejos por livros e por chocolates são errados.

— São coisas diferentes...

— Não, não são. Todos são desejos, mas o seu é aceitável. A sociedade impôs que é aceitável por não ferir a índole moral, e por ser algo que não chega a constranger publicamente. Você não será condenada por esse desejo. Por isso fiz O Clube, para que as pessoas possam fazer o que mais desejam e não sejam julgadas por isso.

— E se o desejo envolver uma menina inocente? — Ela o olhou e viu que ele entendeu a pergunta.

— Então entram as garotas da Vênus — disse se virando e pegando uma cerveja. — Afinal, há muitas mulheres com trinta anos que dependendo do modo como se vestem e a maquiagem que usam, podem se passar por meninas. — Ela fez a menção de retrucar. — Nem vem, o pornô mais assistido é desse tipo e há muitos homens mais velhos que usam bastante essa opção que é oferecida.

— Espera, a Vênus não é a dona da boate de strip? — Olhou-o sem entender.

— Sim, fiz um acordo com ela e agora ela trabalha para mim. Disponibilizei uma área para ainda funcionar normalmente a Vênus. Em troca, as garotas dela fazem alguns serviços e ganham por isso — explicou. — Amélia, entenda, sempre achei ridículo quando dizem que dinheiro não compra felicidade. Quem disse essa asneira certamente não soube procurar. Sim, o dinheiro compra o que desejamos e nós dois vivemos nesse mundo,

onde podemos comprar o que quisermos.

— Não, você vive.

— Não se esqueça que é minha esposa agora. Então, sim, agora você vive nesse mundo. Tudo para você parece um absurdo nesse momento, pois ainda não fez proveito desse poder que agora tem em mãos. Se quiser pedir para alguém dar um susto em Gustavo, agora você consegue e quando me refiro a susto, falo em questão de morte.

— Co-como você consegue falar isso com tanta naturalidade? — Ela arregalou os olhos, e acabou perdendo a fome.

— Não se esqueça que já estive no inferno, por isso falo com naturalidade. A morte é algo normal para mim. Para falar a verdade, até um tempo atrás a achava mais bela que a própria vida. — Ele deu a volta pela ilha que os separava e tocou em seu rosto. — Ei, olha para mim, eu sei que tudo isso é novo para você, mas quero você entenda, ninguém mais pode te calar, nem mesmo eu que sou seu marido, e nem quero te calar. Só quero que saiba do poder que tem em mãos agora.

Ela se encolheu. Ele a abraçou e ficou fazendo um carinho suave em seus cabelos.

— É difícil... — ela sussurrou.

— Eu sei. — Ele se afastou e a olhou. — Tive minha cota de traumas, e sei o quanto é difícil nos livrarmos deles. — Deu um beijo em sua testa. — Mas consegui aos poucos e eu estou aqui! Eu vou te ajudar em todas as etapas. — Ela acenou com cabeça. — Só não quero que sinta mais medo! Ninguém mais pode te tocar, nem mesmo eu que sou seu marido posso! Você é dona de si! Quero que se lembre sempre disso! Se agarra em mim — pediu ele.

Ela fez o que ele pediu, e sorriu quando o viu sair da cozinha e andar em direção ao sofá que havia do lado de fora. Ele se sentou e a colocou no

meio de suas pernas. Amélia olhou para a Lua no céu e se encostou no peito do marido.

— Vem cá! — Ele a puxou para mais perto e mordeu seu ombro. — Eu te aqueço. — Ela ficou contemplando a negritude do mar à sua frente, fechou os olhos e sentiu a brisa em seu rosto, sentiu a mão dele em sua coxa, fazendo um leve carinho. — Primeira vez que realmente uso esse iate — sussurrou. Ela se virou e o olhou. — Sempre gostei de vir e ficar aqui sozinho, mas vejo que agora é bem melhor. — Sorriu.

— Por que nunca se relacionou? — questionou com curiosidade.

Ele franziu as sobrancelhas. Amélia montou em seu colo, tocou em seu rosto e fez um leve carinho em sua bochecha.

— Sempre gostei de ficar sozinho — explicou e apertou a bunda da esposa. — E você?

— Por sua culpa. — Ela sorriu. — Eu assumo, eu não me imaginava com outros homens.

— E o Fernando? — Ergueu uma sobrancelha.

— Bom, eu tentei. — Pensou por um instante. — Mas era um pouco complicado, sabe, por mais gentil que ele fosse...

— O que chegaram a fazer?

Ela o olhou seriamente e sorriu, aproximou-se e mordeu seu queixo.

— Nada de mais, apenas alguns amassos mais quentes — disse olhando-o nos olhos. Viu-o engolir em seco, ele apertou com força sua bunda e a levantou. Amélia enroscou as pernas em sua cintura.

— Vamos para a cama... — Apertou a bunda da esposa. — Tenho mais algumas desforras.

— Mais?! — assustou-se.

Ao acordar, viu-se sozinha na cama. Balançou a cabeça rindo,

levantou-se e foi ao banheiro. Quando saiu, deu de cara com uma moça um pouco mais alta que ela.

— Ah, me desculpa, senhora Amélia — disse envergonhada.

— Apenas Amélia, por favor. — Sorriu para a moça.

— Me desculpe, pensei que já tivesse levantado e iria arrumar o quarto.

— Tudo bem, pode continuar. — Ela foi em direção à nécessaire e pegou um protetor solar, óculos escuros e um chapéu que ganhara de Susan.

— Onde está o meu marido?

— No escritório — respondeu simpática.

— E onde fica?

— É a última porta no primeiro andar.

— Ok, obrigada.

Saiu pelo iate e resolveu ficar sentada em um dos sofás que havia mais abaixo, no deck. Acomodou-se e observou a vista que tinha. Ficou admirada ao ver o Cristo Redentor bem ao fundo. Se caso eles saíssem, queria conhecer a Quinta da Boa Vista, o Teatro Municipal, não perderia a oportunidade de conhecer esses pontos turísticos.

— Bom dia, senhora! Gostaria de tomar seu café aqui ou na sala de jantar? — uma senhora baixinha perguntou simpaticamente.

— Bom dia! Por favor, apenas Amélia, me sinto mal com a senhora me chamando assim — disse dando um sorriso.

— Claro, querida. — A senhora sorriu.

— Pode servir aqui, por favor.

A senhora se retirou e Amélia elevou os olhos. Magnus a olhava seriamente. Ele se aproximou e se sentou no sofá ao lado sem dizer uma palavra. A senhora voltou com o carrinho e começou a servir o café da manhã. Ela o olhou pelo canto dos olhos e segurou uma risada ao vê-lo tentando falar algo.

— Fica quieta, vai — ele murmurou e logo sorriu.

— Mas eu não disse nada.

— Mas está segurando para não rir do meu ciúme. — Ela riu, sentou-se no colo do marido e o beijou. — Me desculpa, mas é complicado... Fiquei tão mal-acostumado em ser o único em sua vida, que quando me lembro disso...

— Quem é o meu marido? — perguntou baixinho, encostando a testa na dele. — Prince, isso já foi, foram apenas alguns amassos e nada mais. — Olhou para aqueles olhos que a acalmavam de certa forma e respirou fundo. — Depois do café, se você não estiver muito ocupado, podemos sair?

— Jamais estarei ocupado para você, Ninfa — afirmou dando uma mordida em seu pescoço.

Ela ia sair de seu colo, mas ele não deixou e tomaram o café assim. Quando terminaram, ela saiu do colo do marido e gritou quando ele a pegou e se jogou no mar com ela.

— Meu Deus, eu podia ter me afogado! — exclamou tossindo e bateu em seu braço.

— Se quiser, posso pedir boinhas para colocar no seu braço — zombou e ela jogou água nele, que ria ainda mais. — Uma pergunta, existe ninfa de água doce ou salgada?

— Do mar, são conhecidas como Nereidas. Na verdade, são várias as classificações de ninfas.

— Hum, e nenhuma tem asa? — perguntou tocando no rosto da amada.

— Não, nem mesmo Dione, a deusa das ninfas, tem.

— E o que realmente significa ninfa? — Ele a ajudou a subir no iate e entregou uma toalha para ela.

— Há vários significados, mas as mais aceitas são botão de rosa e noiva — explicou enquanto secava o cabelo. — O que você está fazendo? —

perguntou quando ele a pegou no colo.

— Estou levando meu pequeno botão de rosa para o quarto e depois irei foder muito a minha noiva. — Riu alto.

Estava deitada na cama quando sentiu os lábios dele em suas costas, gemeu ao senti-lo tocando em seu sexo.

— Prince, não... você sabe como estou.

Tinham tido um dia regado a sexo de todos os tipos e em vários lugares, no banheiro, na sala de cinema, na piscina, no mar. E o resultado? Estava dolorida. Magnus sorriu e se deitou de frente para ela.

— Tadinha! Esfolei minha esposa, marido ruim que sou.

— Idiota! — Ela riu e deu um tapinha no ombro dele.

Amélia gemeu um pouco ao se mexer e viu o olhar de preocupação no rosto do marido.

— Está doendo muito?

— Para falar a verdade, não. Tomei um analgésico, e já está passando. — Ele acenou com a cabeça e ela resolveu matar sua curiosidade. — Como eram suas festas?

— Tinham de tudo um pouco, mas posso dizer que eram um verdadeiro bacanal. Pessoas fazendo sexo em qualquer lugar, enchendo a cara de bebida, usando drogas.

— Hum... faz sentido.

— O que foi? — perguntou curioso.

— Você sabe de onde vem a palavra bacanal, certo?

— Não. — Ele sorriu e tracejou com os dedos o pescoço dela. — Vamos lá, momento história com Amélia Lacarez. — Ela abriu um sorriso enorme ao ouvir o sobrenome. — Acho fofo quando me explica certas coisas que realmente não sei. — Ele a puxou um pouco mais para cima. — Ok,

vamos, professora, me explique.

— Bacanal nada mais era que um rito religioso para homenagear Baco, o deus do vinho. No começo, apenas mulheres podiam participar, mas depois, quando os homens puderam participar, ficou ainda mais vulgar e tomou uma proporção tão grande quando chegou às ruas de Roma. O rito chegou a ser proibido e tinha punições para quem o fizesse.

— Interessante, mas por que apenas as mulheres podiam participar?

— As bacantes eram as sacerdotisas de Baco, eram como ninfas. — Viu o marido segurar uma risada. — Durante o culto, dançavam de forma livre e muito lasciva. Tudo era tão intenso, que muitas ficavam em êxtase absoluto, entregando-se à desmedida violência, derramamento de sangue, sexo, embriaguez e autoflagelação. — Ela parou por um momento e ficou pensativa.

“Tem um poema de Nono de Panópolis que fala sobre a vida de Dionísio, e nesse poema são citadas 18 Ménades, uma outra forma de se referir às bacantes. Até teve um autor de Roma que relata a rápida propagação do culto que iam desde as mais grotescas vulgaridades até conspirações política. — Ele coçou o queixo e pareceu se lembrar de algo e logo voltou a prestar atenção na esposa. — Houve um decreto do Senado proibindo o bacanal em toda a Itália...

— Então quer dizer que esse bacanais... — Tocou na cintura dela. — Eram conduzidos por ninfas? — Apertou forte.

— Sim, de certa forma sim. — Franziu a testa sem entender.

— Hum... — Beijou seu ombro. — Interessante... — Mordeu-o gentilmente. — Eu fiz vários bacanais... — Subiu seus lábios pelo pescoço da esposa. — E agora tenho uma ninfa! — Segurou uma risada ao ver a esposa se afastar um pouco dele e semicerrar os olhos.

— Você não é nenhum deus, Magnus! — advertiu.

— Pode ser... — Aproximou-se da boca da esposa. — Mas tenho minha própria ninfa! — Beijou-a. — Você fica linda explicando esses assuntos.

— Sabe, às vezes me pergunto... — Ele a virou e ficou por cima dela.

— O que, Monsheey? — perguntou dando um beijo em seu seio esquerdo e o chupou com força.

— Se você faria alguma festa assim para eu poder participar.

Ele arregalou os olhos.



Capítulo 25

— Nem fodendo, Amélia — disse extremamente sério.

— Bom, seria isso que as pessoas estariam fazendo — zombou.

— Pode esquecer essa merda, Amélia.

Ele ia se levantar da cama, mas ela segurou o braço dele e seu sorriso morreu ao ver a expressão em seu rosto.

— Magnus, eu estou brincando — disse um pouco tímida ao ver o quão puto ele estava.

— Nunca me importei que me vissem e até mesmo fazia isso para expor as mulheres com quem dormia. — Ele se levantou e vestiu a cueca. — Mas nunca mais diga uma asneira como essa. Nunca que iria te expor daquele jeito e jamais deixaria outro homem chegar perto de você ou até mesmo te tocar enquanto estivesse te fodendo.

Ele abriu a porta, saiu e a fechou com força. Ela se levantou e gemeu um pouco. Colocou uma camisola e foi atrás do marido, andava um pouco devagar devido a dor no corpo. Desceu as escadas e o viu de pé olhando para

o mar.

— Prince...

— O que pensa que está fazendo? — perguntou vindo em sua direção e a pegou no colo.

— Me desculpa, não queria te deixar bravo — falou se encolhendo nos braços dele. — Foi só uma brincadeira. — Chegaram ao quarto e ele a colocou sobre a cama.

— De muito mau gosto — disse sério. — Você já viu algum vídeo sobre isso?

— Não — sussurrou.

Ele saiu do quarto e logo voltou segurando o notebook nas mãos. Colocou-o sobre a cama e apertou o play do vídeo. Uma gravação caseira começou a rodar. Havia cinco homens ao redor de uma mulher, ela chupava um enquanto masturbava outro. De repente, ela começou a gritar. Quem filmava se aproximou mais. Ela estava sobre dois homens que a fodiam com pressa. E do nada apareceu uma mulher e começou a beijá-la na boca. Amélia se assustou e fechou o notebook com força.

— Já entendi, me desculpa.

— Espero que não repita uma merda dessa de novo.

— Se você participou, por que eu não posso? — Arrependeu-se quando o viu tencionar as costas. Magnus abriu um sorriso que deu um medo muito grande nela.

— Ok, fazemos assim, quando voltarmos, marco uma festa exclusiva para nós dois no O Clube. E quando as mulheres vierem para transar comigo, você não vai poder ter crise alguma de ciúmes, se bem que você vai estar um pouco ocupada. — Ele pegou o celular que estava sobre a mesa e a olhou. — Posso fazer agora a ligação se quiser... Conheço algumas mulheres que topariam.

Ela o olhava sem acreditar. Engoliu em seco e uma memória veio à sua mente, fechou os olhos com força e segurou o choro.

— Eu já entendi. — Deitou-se de costas para ele, tremeu ao ouvir a porta se fechar.

Estava novamente na sala das rosas, olhou em volta, mas dessa vez o sonho era diferente, todos da família estavam ao seu redor. Tentou falar ao ver seus pais, mas sua voz não saía, sentiu seus pés presos. Seu medo foi pior ao ver Magnus em sua frente. Sentiu uma mão em seu pescoço, o cheiro enjoativo... Seu corpo tremia, lágrimas já escorriam por seu rosto e sentiu a dor alucinante. Tentou se debater, mas não conseguia.

— NÃO! — gritou e caiu da cama.

— Amélia, o que foi? — Magnus perguntou se levantando da cama e indo em sua direção.

Ela foi mais rápida. Correu para banheiro e se trancou. Foi em direção ao vaso e soltou tudo. Sentou-se no chão e deixou as lágrimas caírem, encolheu-se ainda mais ao se lembrar de tudo.

— Amélia, abre a porta. — Ouviu a voz baixa do marido.

— Me deixa sozinha, por favor.

Tentava controlar o choro, mas era mais forte que ela, era como se vivesse tudo novamente, sentiu o tremor forte do corpo e ficou ali, encolhida, com medo de aquilo pudesse novamente acontecer. Quando conseguiu se levantar, não sabia que horas eram, apenas viu o dia amanhecer dentro do banheiro, sentiu o corpo dolorido. Toda vez que uma crise daquela acontecia e ela se olhava no espelho, era como se fosse novamente apenas uma menina de catorze anos submetida a Gustavo.

Amélia se olhou no espelho, mas dessa vez foi diferente, a menina não estava lá. Tomou um banho demorado, parecia que tinha levado uma surra,

nem mesmo quando aprendeu a se defender com seus primos tinha sentido seu corpo daquele jeito. Secou-se pensando em como iria encarar Magnus. Respirou fundo várias vezes, controlando o choro e quando se sentiu mais calma, saiu do banheiro e viu que estava sozinha no quarto. Foi em direção ao closet procurar uma roupa para se vestir. Ouviu barulho na porta e respirou com dificuldade.

— Podemos conversar?

— Eu estou bem — disse baixinho.

Encolheu-se quando ele tocou em seu ombro e fechou os olhos com força. Ele se aproximou cautelosamente e encostou o corpo ao dela, esperando que ela reagisse. Amélia se virou e encostou o rosto em seu peito. Ele a abraçou com carinho e sentiu o corpo dela tremendo pelo choro. O coração de Magnus se apertava a cada soluço da esposa.

— Por isso quando estávamos no autódromo eu fiquei estranha. — Ela se afastou um pouco e fungou. — Ele havia me ligado. No dia do ensaio, realmente tinha chorado, ele havia mandando um envelope com as todas fotos para meus pais...

— Ele nunca mais irá se aproximar de você. — Ergueu o rosto dela, e viu o medo em seus olhos. — Sou apenas seu marido e jamais irei ser seu dono, quero apenas que confie em mim para te ajudar, confortar. Quero ser o seu melhor amigo, alguém em quem possa confiar sem ter medo algum de julgamento, lembra quando disse que você era minha? — Ela confirmou com a cabeça. — Você será minha enquanto me permitir cuidar e proteger você. — Ela o abraçou com força.

“Vou pegar um pouco de água para você. — Ele foi até o frigobar e pegou uma garrafa de água. — Beba! — Amélia bebeu aos poucos, envergonhada. — Não precisa me olhar assim, Monsheey. — Sentou-se ao lado dela. — Você foi forçada a fazer tudo aquilo e era apenas uma menina.”

Ela deixou a garrafa sobre o criado-mudo e o olhou sorrindo.

— Eu ainda tenho a rosa e o bilhete, eu os deixava guardado em um lugar secreto para ninguém mexer. — Ela se deitou.

Ele sorriu, deitou-se e a puxou para seus braços.

— E onde está agora? — perguntou dando um beijo em seus cabelos.

— No cofre, do meu lado no closet.

Ele ficou fazendo um cafuné em seus cabelos até que ela pegasse no sono. Magnus saiu do quarto com cuidado e encontrou Marisa no corredor.

— Minha esposa está dormindo, ela não passou bem a noite. Por favor, não quero que ninguém a acorde.

— Sim, senhor.

Estava no escritório trabalhando. Digitou a senha, clicou na pasta e olhou com cuidado as fotos. O modo como ele a fotografara, quem visse, pensaria que ela estava gostando. Mas ele conseguia ver o medo em seus olhos, aprendera a decifrar as nuances deles.

— Ainda está no Rio? — perguntou olhando a cidade pela janela do escritório. — Preciso de um favor e preciso de total discrição.

Abriu os olhos lentamente e se sentou na cama, estava um pouco lerda. Olhou para a janela e viu que já havia amanhecido. Levantou-se devagar e foi direto para o banheiro, entrou no box e deixou que os jatos de água acalmassem seu corpo. Colocou um vestido folgado e saiu do quarto.

— Bom dia, Amélia! O café será servido na área externa — avisou Marisa, sorrindo.

— Bom dia, Marisa! Obrigada.

Estava terminando o café quando Ricardo apareceu.

— Magnus precisou desembarcar, houve um problema na empresa, mas deixou um carro à sua disposição — informou ele.

— Obrigada. — Olhou para a vista da cidade. — Irei sair, Ricardo, você conhece bem o Rio?

— Sou nascido e criado aqui. Quinta da Boa Vista? — perguntou sorrindo.

Ela apenas assentiu e saiu com o homem. A lancha ganhou velocidade e tinha de admitir, a cidade era linda, o clima era diferente. Na verdade, era ela que se sentia diferente. Finalmente podia ser ela mesma sem precisar esconder. Claro que ainda faltava conversar com seus pais, mas iria a seu tempo.

Ricardo atracou a lancha e a ajudou a descer, guiando-a até o carro. Queria Magnus ali com ela, mas entendia que ele tinha de cuidar dos negócios. Queria poder ter acordado com ele ali ao seu lado, por mais que tivesse contado tudo, não sabia realmente o que ele estava pensando ou como agiria. Deixou aqueles pensamentos de lado e aproveitou o passeio. Sorria com algumas informações que Ricardo dava que ela desconhecia. Ao descerem do carro, uma mulher os esperava.

— Amélia Lacarez? — A moça se aproximou.

— Sim.

— Prazer. Camila Sampaio. Serei sua guia hoje!

Amélia sorriu e foi prestando atenção a tudo o que a moça falava. Depois de conhecer o Morro da Urca, sorriu quando se aproximaram dos bondinhos, achou estranho quando cortaram fila e a olhou um pouco receosa.

— Não estou cortando fila?

— Bom, você pagou por esse passeio! — a moça disse sorrindo.

Ficou encantada ao ver o Cristo. Subiu a escadaria e contemplou a cidade à sua frente. Admirou o céu um pouco alaranjado. Fechou os olhos e aproveitou o vento. Arrepiou-se quando sentiu seus cabelos serem erguidos e colocados de lado, a barba por fazer arranhando seu pescoço.

— Desculpa por ter ficado todo esse tempo longe — ele sussurrou em seu ouvido e deixou um beijo ali.

Amélia tocou no braço do marido que rodeava sua cintura, virou-se e o encarou.

— Pensei que não fosse voltar mais — brincou.

— Eu sempre irei voltar para você, Monsheey. — Ele se afastou um pouco e tocou em seu rosto. — Meu maior medo é que meu passado afaste você de mim.

— Não vai. — Ela apoiou a mão no peito de Magnus. — Eu prometo que sempre que alguém fizer algo, eu irei te avisar. Eu não quero perder você, Prince.

— E nem vai... — Segurou o rosto da esposa com ambas as mãos. — Eu sou seu e de mais ninguém. — Parou por um momento. — Eu poderia ter evitado tudo aquilo se tivesse ido à sua festa...

— Magnus, não! Mesmo que estivesse lá, mesmo que você tivesse me apresentado, ele ainda iria fazer aquilo. Ele fez aquilo mesmo com a minha família alguns metros de nós. Por favor, não faz isso, Magnus... Eu sou culpada por não ter sido forte para pedir ajudar à minha família. Então, por favor, não faz isso — pediu com lágrimas nos olhos.

Não poderia dizer a ele que por um tempo ela o tinha culpado por aquilo, por não ter ido, por não a ter protegido.

— Eu sou egoísta, Amélia... Sabe, eu posso aceitar suas decisões mesmo não concordando com elas, mesmo sabendo que está errada, mas sei que precisa aprender com seus erros. Posso conviver com sua teimosia em não aceitar meu dinheiro e ter que ficar fazendo contas de cabeça mesmo sendo horrível em matemática porque quer guardar dinheiro para viagem. Mas ainda assim, eu sou egoísta demais... — Ele secou as lágrimas dela. — Você é minha! — Encostou sua testa na dela. — É minha desde o dia que me

encontrou na floresta, que confiou a mim o seu primeiro beijo...

Estava deitada de olhos fechados, fazia um leve carinho com as pontas dos dedos no peito do marido, ele apertou sua coxa, beijou seus cabelos.

— Amo seu cheiro — ele sussurrou e se virou e ficou por cima dela que sorria e tocava em seu rosto. — Seu gosto... — Passou a língua pelo bico de seu seio e o chupou lentamente. — E apenas um toque seu desperta meu corpo de um jeito que não sei explicar, nem mesmo quando estava em uma de minhas festas ficava tão excitado como fico quando você me toca.

Ele subiu um pouco mais, passou a ponta dos dedos por seu rosto e a beijou com carinho. Ela segurou com força os cabelos do marido quando o sentiu todo dentro dela. Desceu ambas as mãos arranhando as costas dele e cravou as unhas quando ele estocou com mais força. Amélia ergueu as pernas e as enroscou em sua cintura, beijando-o com desejo. Ele agarrou sua cintura e se virou com ela.

— Amo quando cavalga — afirmou apertando os seios de Amélia.

— Ah, é? — Ela se levantou um pouco e o sentiu sair de dentro de dela. Subiu em cima do pau dele e começou a se esfregar nele. — E posso saber o porquê gosta de me ver cavalgando?

— Caralho, Ninfa, isso é tortura — gemeu baixo.

— Não é. A meu ver, estou apenas te excitando. — Ela parou e o encaixou na entrada de seu sexo. Desceu lentamente e logo subiu. — Isso é tortura.

Ela sorriu e se inclinou um pouco, gemeu quando sentiu o puxão no bico de seu seio e rebolou lentamente. Magnus a segurou pela cintura e estocou com força. Ela o parou abruptamente.

— Eu quero.

— O que você quer, Ninfa? — perguntou um pouco confuso. Amélia

abriu um sorriso travesso e conduziu a mão do marido até sua bunda. — Você tem certeza?

— Sim, das outras vezes você apenas instigou e eu aceitei, mas agora eu quero — garantiu olhando em seus olhos.

Ele a colocou sobre a cama e foi em direção ao closet. Voltou segurando um tubo de lubrificante, mas não entendia o outro apetrecho.

— O que é isso? — perguntou apontando para uma argola de aço que ele segurava.

— Não quero gozar tão rápido, por mais controlado que eu seja... — Ele se abaixou e a beijou. — Você me descontrola.

Ela mordeu o lábio inferior, ajoelhou-se na cama e o beijou. Enroscou uma das mãos no cabelo do marido, enquanto o masturbava com a outra. Ele deu um rosnado baixo, tirou a mão dela de seu pau e colocou argola de aço. O anel peniano segurava tanto suas bolas quanto a base de seu pau.

Magnus a empurrou com delicadeza e ela caiu deitada sobre a cama. Amélia abriu as pernas para o marido, que a olhava com luxúria. Ele segurou seus tornozelos e a virou. Ela riu baixinho e empinou a bunda para ele, gemeu ao sentir o tapa e tinha aprendido a gostar daquilo.

— Já que disse o quão doce você chega a ser? — perguntou ao se posicionar atrás dela, o rosto na altura da boceta dela. Sorriu quando ela gemeu baixo assim que passou a língua desde o seu clitóris até o seu ânus. Pegou o lubrificante e brincou ao passá-lo lentamente onde iria penetrá-la.

Ela não se sentia mais a menina de antes, depois de tudo o que tinha vivido ao lado de Magnus, seria muito hipocrisia se chamar de menina. Não seria mais aquela que seria intimidada com facilidade. Ele a havia escolhido, então ninguém iria mais abalar sua confiança trazendo algo do passado dele. Muito menos iria se intimidar com as investidas que sabia que Gustavo iria

fazer. Estaria pronta para enfrentar todos que a aterrorizaram e a sacanearam de alguma forma. Não buscava vingança, mas também não abaixaria mais a cabeça.

Sorriu quando sentiu um braço forte contornar sua cintura puxando-a contra um peito firme e forte. Encostou a cabeça nele e ficou ainda olhando para a cidade que se aproximava.

— Feliz?

— Muito. — Ela o olhou e sorriu.

Ao se prepararem para desembarcar na marina, viram o carro estacionado e André e Tom os aguardavam. Em volta, tinha alguns curiosos, a maioria fotógrafos. Ele apertou um pouco mais a cintura da esposa e sussurrou:

— Pronta, senhora Lacarez?

Agradecimentos

Primeiramente a Deus.

E a seis pessoas muito importantes:

Meu pai, que por mais que não esteja mais aqui comigo, sei o quanto ele iria amar todo esse acontecimento em minha vida. E, sim, pai, ainda me lembro e foco apenas no que me disse: “Sua história é diferente da deles!”.

À minha mãe, por ter me mostrado o mundo dos livros, principalmente os romances de banca. E sei que a senhora irá amar esse romance.

Ao meu marido, pela ajuda incomparável, desde algumas ideias até mesmo cuidando de nosso filho. Nunca terei palavras suficientes para agradecer. Te amo.

Ao meu filho, que mesmo na barriga sempre dava seus leves chutes quando perguntavam o que ele achava da ideia.

E à Vitoria Villas Boas, sem você, sem seu incentivo, suas ideias, sua ajuda nada disso teria acontecido, obrigada!

E às gafanhotinhas, que sempre me perguntavam como andava o processo da história, pois queriam saber o que acontecia com eles. Sem o incentivo dos comentários e perguntas, talvez tivesse desistido na primeira semana que poste o livro.

Com carinho,

Jennifer Rossatto

Sobre a autora

Jennifer Rossatto nasceu e foi criada em Aparecida. É casada e mãe de um menino. Formou-se apenas no ensino médio e logo em seguida se mudou para São Paulo.

Seu maior passatempo é a leitura, sendo o romance o seu gênero preferido, desde o contemporâneo ao de época. A escrita surgiu em uma forma para ajudá-la a vencer o medo de realmente se expor ao mundo. Viciada em chocolate (de todos os tipos), séries e videogame.

Editora Angel

www.editoraangel.com.br

REDES SOCIAIS

instagram.com/editoraangel

facebook.com/editoraangel

twitter.com/editoraangel



Notas

[←1]

Cânticos 8:7

[←2]

Colossenses 3:14

[←3]

Gênesis 1:18

[←4]

Gênesis 2:22-24

[←5]

Bullet